

FLORIANO MARTINS

viagens do surrealismo

A CRIAÇÃO | ANTOLOGIA POÉTICA



Viagens do Surrealismo – A criação: antologia poética © 2024
ARC Edições

Capa & projeto gráfico © Floriano Martins

Tradução © Allan Vidigal, Betty Vidigal, Claudio Willer,
Contador Borges, Eclair Antonio Almeida Filho, Floriano
Martins, Graco Braz Peixoto, Leila Ferraz, Márcio Simões,
Mário Cesariny de Vasconcelos, Viviane de Santana Paulo
& Zuca Sardan

Imensos agradecimentos a Agathi Dimitrouka, Alfonso Peña,
Amirah Gazel, Carlos Alberty, Enrique de Santiago, Manuel
Ovalles, Mário Peregrinni e Vanessa Droz. Muitos dos poetas
vivos aqui presentes deram prova de alta generosidade não
apenas mencionando eventuais ausências de minha lista inicial
como também buscando autores e herdeiros.



ARC Edições | *Agulha Revista de Cultura*

Fortaleza | 2024

*Este é o fato amargo: toda tradução tem um tempo de vida
restrito. Não há imortalidade para traduções.*

CurtMeyer-Clason

A VIDA IMAGINÁRIA DO SURREALISMO

1. | Transcrevo palavras de Isidore Ducasse (habilmente plagiadas de Pascal): “Não estamos contentes com a vida que temos. Queremos viver no pensamento dos demais uma vida imaginária. Esforçamo-nos por parecer tal como somos.” Há um estado de inquietude permanente, de revolta sagrada que perfaz a alma do criador, sem a qual não se pode falar em poesia. Confirma o que antes mesmo da redação do primeiro manifesto do Surrealismo, escreveram André Breton e Philippe Soupault: “O imenso sorriso da terra não nos é suficiente; necessitamos os maiores desertos, as cidades sem arrabalde e os mares mortos”. A paisagem era múltipla e a voracidade por devorá-la iria definir a extensão mágica que este movimento ocuparia entre nós. Toda viagem é marcada, em essência, pelo apetite. A viagem como uma degustação do desconhecido. O que faz com que seu território nem sempre seja visível. A rigor, a grande viagem é um salto no inexistente.

O Surrealismo mergulhou no interior da imagem para desvendar seus mistérios, o espetáculo de sua beleza ou o revolucionário de suas previsões, ou seja, para atender ao chamado de suas conexões inúmeras entre si e a relação amorosa com os demais polos da existência humana a serem visitados. Os mundos subterrâneos são uma fonte inesgotável de portais dispostos à iluminação. Os anos 1920 são magnéticos. Ao reunir em um grande salão o caráter sugestivo de combate e subversão, deram visão ampla ao comportamento do homem em respeito a tudo o que lhe inquieta: a maquiagem política, os dirigismos estéticos, a caçada religiosa, demais agonias de um século que definhava de não compreender a que veio. Todos os vícios estavam por um fio. O Surrealismo surge como a única intervenção cirúrgica possível. Neste sentido, Artaud acerta no alvo: “O que é do domínio da imagem a razão não pode reduzir e deve permanecer na imagem, salvo que se arrisque sua desapareição”. Porém a imagem surrealista era de uma ousadia

até então impensável. Sua ideia de domínio envolvia também os territórios da razão. Era urgente livrar-se de suas deformidades, assim de tal modo que as viagens assumem a perspectiva de visões formuladas por um sentido muito singular de desordem. Viajar para fora do mundo e para dentro do homem.

O Surrealismo se torna assim um movimento conquistador das distâncias insondáveis, não apenas daquelas imersas na alma humana, mas também a geografia tangível: era urgente sair das galerias e dos cafés parisienses; cruzar os véus que davam acesso a outras salas. Certamente adviria uma paixão queimante entre inquietude e desconhecimento. O primeiro passaporte foi expedido na forma de revistas. Paris era então um grande ímã, o que fez com que sua primeira viagem tenha sido para dentro de si mesma. E quando ali se encontra, de imediato surgem chispas de uma inquietude que René Char tão bem sintetiza em uma de suas máximas: “Farás da alma que não existe um homem melhor do que ela”. Isto o Surrealismo jamais deixou de fazer. Não se trata de redecorar o abismo ou harmonizar um acúmulo de dúvidas. Não se trata de reinventar, mas antes de rebentar. O Surrealismo é um truque de liberdade contrário à dinâmica usual da libertação limitada a um plano sociológico. O Surrealismo é uma luxúria proveitosa.

A fatalidade da viagem é que ela não se esgota em suas vertentes, não se limita a seus mapas impressos, nem mesmo nega os limites rascunhados alheios a toda confirmação. As viagens do Surrealismo são antes de tudo a confirmação de uma inquietude. Pensemos no Japão, no Brasil ou no Haiti, lugares quando menos curiosos onde o Surrealismo se expressa através de vísceras bem singulares. Excetuando os seguidores ortodoxos do movimento, o que encontramos nestes países é de uma riqueza de imagem e visão de um espírito compreendido para estar ali, naquela vertente de exploração de si mesmo. Outra opção valiosa diz respeito à Austrália, Portugal e Canadá, onde a força psíquica evocada pelo Surrealismo tece um labirinto que não requer senão a entrega, alheio a qualquer influência específica.

Breton nos anos 1950 observou que a influência do Surrealismo produzia obras tanto surrealistas em sua essência como também aquelas marcadas por seu espírito. Artaud foi um viajante audacioso, ao defender que queria levar seu espírito sempre a outro lugar. Dizia buscar “a multiplicação, a fineza, o olho intelectual no delírio, não a arriscada profecia”. O *outro lugar* sempre foi uma meta do Surrealismo, ponto incomum onde as estranhezas se identificam; terra em que assimilamos as dissonâncias como parte de nossa vida. Não foi apenas a limitação de um cenário pautado pelos distúrbios que nos levaram à segunda guerra mundial. Mesmo que Paul Éluard tenha observado que, na guerra, os mortos são conduzidos a uma sagração, ou seja, que de algum modo se tornam Deus. A guerra não é a exaustão de Deus, mas antes a exaustão da poesia. Não importa onde Deus quer atuar depois da guerra. As religiões se acostumaram a atuar em um território convenientemente desmatado, vendo ali a oportunidade de seus dízimos e refrões. Quando René Crevel diz crer em um deus dos encontros, evidente que sua ideia se distingue daquela crítica seca que fazia Luis Buñuel ao dizer que “o Deus criado pelo homem é um espírito do mal”. O que torna ambas as observações um ponto interessante de discussão não cobra contradição no que diz respeito à adesão ao movimento.

O Surrealismo se identifica com a condição de absorção da poesia com respeito ao mundo à sua volta. Não à toa é proposto por poetas. Agora nos aproximamos de 2024 e esta data tem menos a ver com o centenário de publicação do *Primeiro Manifesto do Surrealismo* do que propriamente com uma referência de sua atuação em distintos países e de distintas configurações. A revolução de ordem moral (Salvador Dalí), a nova espécie de magia (Antonin Artaud), a perspectiva de uma explosão que refaça o mundo (César Moro) — essa tríade, se agindo sozinha, já nos levaria a outro jogo, menos intelectual e essencialmente dotado de percepção. O Surrealismo é esse *outro jogo*, não mais regido por uma disputa de fôlego.

Os surrealistas nos propuseram uma mesa inesgotável de reflexões, os temas proliferam como em raros momentos. René Crevel sugeriu que o estilo era uma “arte de arranjar os restos”; Man Ray dizia que a estética deforma a beleza; já em 1960, Joyce Mansour chamava a atenção para a limitação moral do escândalo, que todas as formas de violência acabariam causando impacto algum diante da perene rejeição aos motivos sexuais — os argumentos da censura e a regulamentação do pornográfico são moedas falidas diante da hipocrisia referente ao tema; André Masson posicionava seu cheque-mate: “É preciso ter uma ideia física da revolução”. Esse caudal de considerações possuía como denominador comum um princípio de desmoralização, mesmo ciente do risco de converter-se em uma nova moral. Inevitavelmente alguns surrealistas se tornaram (ou se descobriram) moralizantes. A moral não se desconhece, ela é parte inseparável do homem. Porém sua recusa é a melhor saúde de uma pureza que insiste em burlar o destino, uma espécie de beijo em boca de múltiplos lábios, ou a vertente lúdica, a felicidade de uma descoberta de outro mundo em cada mundo que tocamos. Breton fecha este parágrafo com uma máxima fascinante: “A moral é a grande conciliadora”.

2. | Sob todos os aspectos este é um livro de viagens. Ao percorrer 38 países em volta do mundo descobrimos uma conciliação de vertigens, a amplitude visionária da arte em um dado momento que está além da medida cronológica de uma convenção linear histórica. As próprias revelações diante do desconhecido e do misterioso se mostram singulares, ainda que apontem para uma mesma direção. René Magritte definiu como ninguém essa direção, chamando-a de *semelhança*. Todo artista busca criar a imagem da semelhança. Isto é o que o aproxima do mundo e não o que o afasta. Esta é a grande ousadia da arte. As viagens estimadas o são mais neste sentido de uma aventura do espírito do que propriamente em sua cartografia. Sua decorrência impressiona pelo caráter abrangente, roteiro de aproximações insólitas também no que

diz respeito à singularidade com que se afirmam as vozes surrealistas em vários pontos da esfera-mundo.

Estavam certos os surrealistas que redigiram e assinaram uma declaração coletiva em 1931 que começava afirmando a necessidade de “destruir a religião por todos os meios”. Mas que religião eles pretendiam então destruir? Claramente apontavam na direção de Roma, porém o Surrealismo adentrou outras esferas religiosas, explorou as atuações do religioso em distintas tradições, foi surpreendido em especial pela fagulha anímica do Caribe... E o crédito maior sempre esteve na inesgotável evocação de associações de toda ordem, a imaginação fantasiosa, a capacidade de converter o mundo recebido pelos sentidos em uma vertente visionária que alimenta a própria razão de ser. Toda viagem é extensão desse sentimento: mar interior mundo afora. Em nosso caso, com passagem aberta para o mundo possível de seus leitores. Há pouco tempo, em uma homenagem com que foi agraciado Ludwig Zeller em seu país de origem, Chile, mais do que defender uma necessidade transcendente do Surrealismo lhe aferiu a necessidade vital em nosso tempo. Se nos anos 1920 as deformidades do mundo se encontravam regidas por um contexto industrial ainda não de todo assimilado, agora nos vemos diante de um fascínio indiscriminado pelos truques da tecnologia. Um bom momento para recordar algumas lições do passado. Um bom momento para redefinir os planos de viagem.

3. | Em uma entrevista a Daniel Oster (*Le Quotidien de Paris*, 1975), comentou Roland Barthes que "o grupo surrealista foi, ele próprio, um espaço textual", não sem antes destacar o que considerava ("talvez") que havia de melhor nos surrealistas: "conceber que a escrita não parava no escrito, mas podia transmigrar para condutas, atos, práticas, resumindo, para o privado, para o cotidiano, para o *agido*". Transformar a própria vida em uma forma de escrita, dura disciplina. Desnos e Artaud, Joyce Mansour e Gherasim Luca, quatro poetas que confirmam essa transmigração referida por Barthes. Igualmente o grego Elytes e o holandês Lucebert. A viagem

dessa textura existencial foi decisiva à construção de uma linguagem surrealista, embora tenha havido maior destaque — favorável ou não — apontado na direção do onirismo ou, principalmente, da escrita automática.

É verdade que a extensão dos efeitos do automatismo fervilhou intensa paixão, e em não menor grau uma equivalente discórdia. A discussão sobre ser ou não ser possível, de fato, uma escrita automática, esteve sempre maculada por um temor: o da perda de controle sobre a criação. O próprio Barthes, na mesma entrevista, afirmava que "não se pode escrever sem imaginário", o que lhe justifica a descrença nas possibilidades do automatismo. Este mecanismo de criação, no entanto, não descarta o imaginário, mas sim o enriquece com um jorro involuntário, com profusão esplêndida de signos potencializados no íntimo do poeta.

O outro aspecto — a viagem do onirismo — tem por cenário um mundo ilógico, repleto de incoerências, segundo o plano racional da vigília. O sonho não pode dar acesso a corpo algum: esta é a sua inquieta impossibilidade. Firma-se em um angustiante paradoxo. Sua realidade, embora intangível, não deixa de ser influente na outra margem. O excesso proposto por Rimbaud pode ter sido retórico — e em tal arapuca muitos surrealistas, 'por descuido', foram pegos —, porém Artaud se encontra na outra ponta dessa sutil equação, na mesma proporção em que sua obsessão não radicava em aspectos isolados, como o sonho ou o automatismo. Como o código eficaz de um argumento não radica em sua quantidade de acesso, elimina-se, portanto, as suspeitas renitentes de que o Surrealismo tenha, como afirma Barthes, "*falhado* o corpo". Inclusive estranho que tenha dito que dos surrealistas "sobra demasiada literatura". Entendo, sim, que sua ótica reporte apenas à formação grupal originária do Surrealismo. Porém dificilmente a argumentação de Barthes se manteria diante da obra de surrealistas como Aimé Césaire, César Moro, Cruzeiro Seixas, Ludwig Zeller, Enrique Molina, Radovan Ivsic.

Tais nomes acaso compõem uma segunda linhagem surrealista? O que importa? Havia algum plano secreto de manter o Surrealismo acorrentado a um momento da história?

As transmigrações propostas pelo Surrealismo são irrestritas, viajam por terras (assim assimiladas) antípodas como o sonho e a vigília, o público e o privado, o simbólico e o imaginário. Mais do que a fixação de uma ideia normativa, o que buscou o Surrealismo foi a *falha*, aquele ponto nevrálgico em que o mundo (de alguém) pode ser refeito pela compreensão de um vício (um vício de linguagem, que seja). Mesmo que concluamos que o Surrealismo tenha proposto uma impossibilidade, seu efeito é hoje largamente perceptível, aí incluindo os desgastes e reticências que, sim, normatizam a sociedade de consumo em que nos convertemos.

As viagens do Surrealismo evocadas têm por base duas águas: a profunda extensão de nossa ignorância e o superficial conceito da criação como um atributo da moda. Reuni 161 poetas de 38 países como uma cartografia que homenageia a singularidade com que o Surrealismo penetrou no tecido cultural de regiões as mais distantes no mundo. Tomando por referência o ano de nascimento, desde os anos 1880 até 1980, todas as décadas, sem exceção, encontram-se representadas. Mais do que situar a influência do Surrealismo em boa parte dos poetas presentes, seria pertinente buscar os efeitos dessa influência nas gerações posteriores. De que forma o surrealismo de Andreas Embirikos, Kitasono Katue ou Max Harris alterou o entendimento da poesia em países como Grécia, Japão e Austrália. Sendo este livro publicado no Brasil, como nos entendemos a partir de suas páginas com a presença ali de surrealistas em zonas tão devidamente íntimas nossas, como a da vizinhança geográfica (Argentina, Peru) ou a similitude linguística (Portugal). Porém imaginemos este livro como uma nova cartografia espiritual, onde deve firmar espaço pleno de convivência o instinto e não o intelecto.

Há dois ambientes em que se consolidam as viagens. Espaço e tempo. A mala plena de vertigens que configura qualquer aventura humana. Nada tão restritivo quanto a ideia de origem e destino. A viagem amplia a leitura dessa orientação da história, e descortina o paiol das perspectivas, cravando em seu interior janelas que avivam, quando menos, os conceitos de fundo e forma, as leis da matéria, os rascunhos

da ansiedade. O construtor de barcos se aventura sozinho na vastidão do oceano que desconhece, munido de seus conhecimentos de orientação e resistência humana em alto mar. A ponto de ser devorado por uma imprevista tempestade o que lhe mantém vivo é a agilidade com que refaz sua noção de sobrevivência. O curso rotineiro de deslocamentos mantido pela fixação de ponteiros e mapas não define uma viagem. É quando muito um passeio, uma linha do turismo e seus previsíveis acidentes. As viagens, por princípio, se determinam a não chegar a parte alguma do que lhe sopraram nos sentidos os vícios de sonho e vigília.

A herança mais cobiçada do Surrealismo radica na voltagem com que configurou o conceito de liberdade, observada tanto na vida quanto na obra de cada criador. Como em toda teoria esta igualmente se viu cercada de excessos e desvios, de rejeições e más interpretações. Naqueles casos – infelizmente inúmeros – em que o sonho negligenciou a vigília ou nos casos em que o mundo desejado não superou a impossibilidade de perpetuar-se ante o mundo real. Nenhum símbolo sobrevive confinado em uma torre nostálgica. Razão e loucura nos ameaçam com igual intensidade, pois é outra a esfera habitada pelos discos mais essenciais à evolução da espécie humana. Os sistemas políticos e religiosos já não deram suficiente prova de sua violência e decorrente fracasso? Há arquivos de sobra que garantem a promiscuidade do homem em relação a si mesmo, sob o diapasão da conveniência. Parafraseando Giovanni Papini, não importando quem ele próprio estivesse parafraseando então, posto que o satírico italiano não manifestava apreço pelo autoria incontestável de qualquer reflexão: *A promiscuidade é o melhor adubo oferecido pela natureza humana.*

Um século se passou e confesso minha preocupação se o diagnóstico de sua atuação foi compreendido menos pelo homem comum do que pelos próprios surrealistas. E naturalmente entre eles me incluo, o que me levou à preparação de um segundo volume destinado não à recolha de votos de simpatias ou repúdios, mas antes a versar – jamais tergiversar – sobre o caso amoroso entre uma máquina de

costura e um guarda-chuvas em uma mesa de dissecação. Em que se distingue das demais a metáfora do Surrealismo? Até onde ela nos trouxe? Um segundo volume como forma de passo seguinte à viagem deste que se ocupa com a essência da obra poética, volume que reunirá um amplo estudo crítico, uma enquete e um raro baú de documentos que de algum modo se guardavam para este momento.

Diante disto, proponho um risco, de minha parte, o de por nas mãos dos leitores um livro sem maiores informações acerca de seu conteúdo. Evidente que um risco menor, considerando que a consulta dos 161 poetas inseridos pode ser facilmente encontrada nos mecanismos de busca virtual, além do que serão devidamente comentados no segundo volume. Peço aos leitores que resistam a essa curiosidade, em um primeiro momento, que desfrutem a leitura dessa teia mágica de sentidos. Que empreendam uma verdadeira viagem pelas entranhas do Surrealismo. Esqueçam o manual. Sem *Kamasutra* ou diário de bordo. Sem colete de salva-vidas. Pura e simples viagem. Boa fortuna.

Abraxas

*1846-1870 | Uruguai | CONDE DE
LAUTRÉAMONT*



Poemas traduzidos por Claudio Willer. Obra consultada: *Les chants de Maldoror* (Bruxelas: Lacroix & Verboekehoven, 1869).

OS CANTOS DE MALDOROR

CANTO PRIMEIRO

Darei por assentado, em poucas linhas, que Maldoror foi bom durante seus primeiros anos de vida, em que viveu feliz; pronto. Logo reparou que havia nascido mau: fatalidade extraordinária! Escondeu seu caráter o quanto pôde, por um grande número de anos; mas, finalmente, por causa dessa concentração que não lhe era natural, todo dia o sangue lhe subia à cabeça; até que, não podendo mais suportar uma vida dessas, lançou-se resolutamente na carreira do mal... atmosfera doce! Quem diria! Ao abraçar uma criança pequena, de rosto rosado, teria desejado arrancar-lhe as bochechas com uma navalha, e o teria feito com frequência, se a Justiça, com seu longo cortejo de castigos, não o houvesse impedido a cada vez. Não era mentiroso, confessava a verdade e dizia que era cruel. Humanos, ouvistes? Ousa repeti-lo com esta pluma que treme! Assim, pois, há um poder mais forte que a vontade... Maldição! A pedra queria subtrair-se às leis da gravidade? Impossível. Impossível, se o mal quisesse aliar-se ao bem. É o que eu dizia acima.

Eu fiz um pacto com a prostituição, a fim de semear a desordem entre as famílias. Recordo-me da noite que precedeu essa perigosa ligação. Vi à minha frente um túmulo. Escutei um vaga-lume, do tamanho de uma casa, dizer-me: "Vou te iluminar. Lê a inscrição. Não é de mim que vem essa ordem suprema." Uma vasta luz cor de sangue, ante cujo aspecto meus maxilares bateram e meus braços tombaram inertes, derramou-se pelos ares até o horizonte. Apoiei-me a um muro em ruínas, pois ia cair, e li: "Aqui jaz um adolescente que morreu tuberculoso: sabeis por quê. Não orai por ele." Muitos homens talvez não tivessem tanta coragem quanto eu. Enquanto isso, uma bela mulher nua veio deitar-se a meus pés.

Eu para ela, com uma expressão triste: “Podes te erguer”. Estendi-lhe a mão com a qual o fraticida degola sua irmã. O vaga-lume, para mim: “Tu, pega uma pedra e mata-a. – Por quê? disse-lhe eu.” Ele, para mim: “Toma cuidado, tu, o mais fraco, pois sou o mais forte. Essa aí se chama a Prostituição.” As lágrimas nos olhos, a raiva no coração, senti nascer em mim uma força desconhecida. Peguei uma grande pedra; depois de muitos esforços, levantei-a com dificuldade até a altura do meu peito; coloquei-a sobre o ombro com o braço, escalei uma elevada montanha até o topo; dali, esmaguei o vaga-lume. Sua cabeça se enterrou no chão até uma profundidade igual à altura de um homem; a pedra ricocheteou até a altura de seis igrejas. Foi despencar em um lago, cujas águas baixaram por um instante, revoltas, cavando um imenso cone invertido. A calma voltou à superfície; a luz de sangue não brilhou mais. “Ai de mim! Ai de mim! Exclamou a bela mulher nua; que fizeste?” Eu, para ela: “Prefiro-te a ele; pois tenho piedade dos infelizes. Não é tua culpa se a justiça eterna te criou.” Ela, para mim: “Um dia, os homens me farão justiça; não te digo mais nada. Deixa-me partir, para esconder no fundo do mar minha tristeza infinita. Ninguém, a não ser tu e os monstros horrendos que fervilham nesses negros abismos, não me despreza. És bom. Adeus, ó tu que me amaste!” Eu, para ela: “Adeus! Mais uma vez: adeus! Eu te amarei para sempre!... A partir de hoje, abandono a virtude.” É por isso, ó povos, ao ouvirdes o vento do inverno gemer sobre o mar e junto a suas margens, ou por sobre as grandes cidades, que, há muito, se cobriram de luto por mim, ou através das frias regiões polares, dizeis: “Não é o espírito de Deus que passa: é apenas o suspiro agudo da prostituição, unido aos gemidos graves do montevidiano.” Crianças, sou eu quem o diz. Então, ajoelhai-vos, cheios de misericórdia; e que os homens, mais numerosos que os piolhos, façam longas orações.

CANTO QUARTO

É um homem ou uma pedra ou uma árvore quem vai começar o quarto canto. Quando o pé escorrega sobre uma rã, sente-se

uma sensação de nojo; mas, quando apenas se roça o corpo humano com a mão, a pele dos dedos se fende como as escamas de um bloco de mica quebrado a marteladas; e, assim como o coração do tubarão, morto há uma hora, ainda palpita sobre a coberta do barco, com uma vitalidade tenaz, assim nossas entranhas se revolvem de ponta a ponta, por muito tempo após o contato. Tamanho horror inspira o homem a seu próprio semelhante! Talvez, ao afirmar isso, eu me engane; mas talvez, também, eu diga a verdade. Conheço, concebo uma doença mais terrível que os olhos inchados pelas longas meditações sobre o caráter estranho do homem; mas ainda a procuro... e não consegui encontrá-la! Não me creio menos inteligente que algum outro, e, no entanto, quem ousaria afirmar que tive êxito em minhas investigações? Que mentira sairia de sua boca! O antigo templo de Denderá está situado a uma hora e meia da margem esquerda do Nilo. Hoje, falanges inumeráveis de vespas se apossaram de seus entalhes e cornijas. Revolteiam ao redor das colunas, como as ondas espessas de uma cabeleira negra. Únicos habitantes do frio pórtico, guardam a entrada dos vestibulos, como um direito hereditário. Comparo o zumbido das suas asas metálicas ao choque incessante das geleiras, que se precipitam umas contra as outras durante o degelo dos mares polares. Mas, se eu considerar a conduta daquele a quem a Providência deu o trono sobre esta terra, as três asas da minha dor produzirão um murmúrio ainda maior! Quando um cometa, durante a noite, aparece repentinamente em uma região do céu, após oitenta anos de ausência, mostra aos habitantes terrestres e aos grilos sua cauda brilhante e vaporosa. Sem dúvida, não tem consciência dessa longa viagem; comigo é diferente: apoiado nos cotovelos, à cabeceira do meu leito, enquanto os recortes de um horizonte árido e sombrio se erguem vigorosamente contra o fundo da minha alma, eu me absorvo em sonhos de compaixão, e enrubesço pelo homem! Cortado em dois pelo vento norte, o marinheiro, depois de ter feito seu plantão noturno, se apressa em voltar a seu beliche: por que tal consolação não me é oferecida? A ideia de ter caído, voluntariamente, tão baixo quanto meus semelhantes, e de ter,

menos que qualquer outro, o direito de pronunciar lamentações sobre nosso destino, que continua encadeado à crosta endurecida de um planeta, e sobre a essência da nossa alma perversa, penetra-me como um cravo de ferro. Já se viu explosões do gás das minas aniquilarem famílias inteiras; mas essas conheceram a agonia por pouco tempo, pois a morte é quase imediata, em meio aos escombros e gases deletérios; quanto a mim... continuo a existir como o basalto! No meio, como no começo da vida, os anjos se parecem a si mesmos: e já faz muito tempo que não me pareço mais comigo! O homem e eu, emparedados nos limites da nossa inteligência, assim como um lago em um cinturão de ilhas de coral, em lugar de unir nossas forças respectivas para nos defender do azar e do infortúnio, nos afastamos, com o tremor do ódio, tomando dois caminhos opostos, como se nós nos houvéssemos ferido reciprocamente com a ponta de uma adaga! Dir-se-ia que um compreende o desprezo que inspira ao outro: impulsionados pelo móvel de uma dignidade relativa, apressuramo-nos a não induzir ao erro nosso adversário; cada qual permanece do seu lado, e não ignora que a paz proclamada seria impossível de ser conservada. Pois bem, que seja! que minha guerra contra o homem se eternize, já que cada um reconhece no outro sua própria degradação... já que somos ambos inimigos mortais. Quer deva eu conseguir uma vitória desastrosa, ou sucumbir, o combate será belo; eu, só, contra a humanidade. Não me servirei de armas construídas em madeira ou ferro; afastarei com o pé as camadas de minerais extraídos da terra; a sonoridade poderosa e seráfica da harpa se tornará, em meus dedos, um talismã temível. Em mais de uma emboscada, o homem, esse macaco sublime, já atravessou meu peito com sua lança de pórfiro; um soldado não mostra suas feridas, por mais gloriosas que sejam. Esta guerra terrível espalhará a dor de ambos os lados; dois amigos que buscam obstinadamente destruir-se, que drama!

CANTO SEXTO

Vós, cuja calma invejável não pode fazer mais que embelezar a fisionomia, não acreditai que ainda se trate de soltar, em estrofes de catorze ou quinze linhas, como um aluno de quarta série, exclamações que passarão por inoportunas, e cacarejos sonoros de galinha cochinchinesa, tão grotescos quanto se poderia imaginar, por pouco que nos déssemos a esse trabalho; mas é preferível demonstrar pelos fatos as proposições que adianto. Pretendeis, então, que por ter insultado, como por brincadeira, ao homem, ao Criador, e a mim mesmo, nas minhas explicáveis hipérboles, que minha missão estivesse completa? Não: a parte mais importante do meu trabalho nem por isso deixa de subsistir, como tarefa a ser feita. Daqui em diante, os cordéis do romance moverão os três personagens nomeados acima; desse modo, lhes será transmitida uma força menos abstrata. A vitalidade se expandirá magnificamente pela torrente do seu aparelho circulatório, e vereis como vos assombrará encontrar, lá onde inicialmente pensastes enxergar vagas entidades pertencentes ao domínio da especulação pura, de um lado, o organismo corpóreo com suas ramificações de nervos e suas membranas mucosas, de outro, o princípio espiritual que preside às funções fisiológicas da carne. São seres dotados de uma enérgica vida que, de braços cruzados e com a respiração contida, posarão prosaicamente (mas tenho certeza de que o resultado será muito poético) diante de vosso rosto, parados apenas a uns poucos passos de distância, de tal modo que os raios solares, caindo primeiro nas telhas dos telhados e na tampa das chaminés, venham em seguida refletir-se visivelmente em seus cabelos terrestres e materiais. Contudo, não haverá mais anátemas, possuidores da especialidade de provocar o riso; personalidades fictícias que teriam feito melhor se houvessem permanecido nos miolos do autor; ou pesadelos situados muito acima da existência ordinária. Reparai que, nem por isso, minha poesia será menos bela. Tocareis com as mãos os ramos ascendentes da aorta e as cápsulas suprarrenais; e, além disso, os sentimentos! Os cinco primeiros relatos não foram inúteis; eram o frontispício da minha obra, o alicerce da construção, a explicação prévia da

minha poética futura; e eu devia a mim mesmo, antes de fazer as malas e seguir em viagem pelos países da imaginação, o aviso aos sinceros apreciadores da literatura, pelo esboço rápido de uma generalização clara e precisa, do objetivo que havia decidido alcançar. Por conseguinte, minha opinião é que, agora, a parte sintética da minha obra está completa e suficientemente parafraseada. Pois foi através dela que soubestes que eu me havia proposto a atacar o homem e Aquele que o criou. Por enquanto, e depois, não precisais saber mais nada! Novas considerações me parecem supérfluas, pois se limitariam a repetir, sob outra forma, mais ampla, é verdade, porém idêntica, o enunciado da tese cujo desenvolvimento será visto ao findar deste dia. Resulta, das observações precedentes, que minha intenção é desenvolver, de agora em diante, a parte analítica; isso é tão verdadeiro que, há alguns minutos apenas, eu expressava o desejo ardente de que fosseis aprisionados nas glândulas sudoríparas da minha pele, para verificar a lealdade do que afirmo, com conhecimento de causa. É preciso, bem o sei, sustentar com um grande número de provas a argumentação contida em meu teorema; pois bem, essas provas existem, e sabeis que não ataco a ninguém, sem motivos sérios! Rio às gargalhadas, ao imaginar que me recriminais por disseminar amargas acusações contra a humanidade, da qual sou um dos membros (só essa observação já me daria razão!), e contra a Providência; não me retratarei das minhas palavras; mas, narrando o que tiver visto, não me será difícil, sem outra ambição, a não ser a verdade, justificá-las. Hoje, vou fabricar um pequeno romance de trinta páginas; essa medida permanecerá em seguida quase estacionária. Esperando ver prontamente, um dia desses, a consagração das minhas teorias, aceitas por essa ou aquela forma literária, creio ter, finalmente, encontrado, após algumas tentativas, minha fórmula definitiva. É a melhor: pois é o romance! Este prefácio híbrido foi exposto de um modo que talvez não pareça suficientemente natural, no sentido de surpreender, por assim dizer, o leitor que não percebe muito bem aonde se quer levá-lo; porém esse sentimento de notável estupefação, ao qual

geralmente se deve tratar de subtrair aqueles que passam seu tempo a ler livros ou brochuras, eu fiz todo o esforço para provocá-lo. Com efeito, era-me impossível deixar por menos, apesar da minha boa vontade; somente mais tarde, quando certos romances tiverem saído, compreendereis melhor o prefácio do renegado, de rosto fuliginoso.

*1873-1907 | França | ALFRED
JARRY*



Poemas traduzidos por Zuca Sardan. Obra consultada: *Œuvres complètes* (Pléiade, Gallimard, 1988).

O INFERNO

Os diabos estavam lá. Plutão num grande trono,
À mão o cetro posto, soturno, uma rubra coroa
De sangue a cingir-lhe a fronte, aguardava os penados,
E quando estes apareciam, por um diabo levados,
Ele os empurrava com o pé, e de face altaneira,
Os precipitava para dentro da caldeira,
Modestos criminosos, obscuramente malditos,
Padecido haviam no braseiro por seus delitos,
Quando o sino bateu. Alguns mestres d'estudos
Imploravam os demônios. Com um gesto rude
O demônio Asmodeu havia dois agarrado
E os martirizava, e, dum braço celerado,
De seu tridente, ele lardeava, lardeava sem parar.
Um dos dois, entretanto, e era o mais covarde,
Em lágrimas dizia: "Tereis tudo o que tenho
E o que não tenho..." Asmodeu enraivecido
Lardeava, lardeava sempre. Enfim, com cólera
Ele lançou o mestre no imenso caldeirão.
Uma segunda vez ouviu-se o sino,
E viu-se adiantar-se soltando suspiros e ais!
Um aluno tremente que mal se sustém, titubeia,
E a quem um demônio batia com uma lâmina de baleia.
Ele gritava implorando perdão! Neste atroz momento
Seu carrasco o lançou no abismo fumegante.
O aluno e o mentor queimaram juntos.
Plutão sorriu e disse: "E então!, Minos, que te parece?"

A CANÇÃO DA DESMIOLAGEM

Eu fui muito tempo trabalhador ebenista
Na rua do Campo de Março, da paróquia de Tod'os Santos;
Minha esposa exercia a profissão de modista

E nós jamais tivemos falta de nada.
Quando o domingo se anunciava sem nuvem,
Nós exibíamos nossas belas fatiotas
E íamos ver o desmiolamento
Rua da Escalda, passar uns bons momentos.

Vejam, vejam a máquina rodar,
Vejam, vejam os miolos saltar,
Vejam, vejam os Burgueses tremer;
(Coro): Hurra, cornos-no-cu, viva o Pai Ubu!

Nossos dois miúdos queridos, enlambuzados de guloseimas,
Alegres brandindo bonecos de papel
Conosco se instalavam no alto da viatura

E partíamos alegremente para a Escalda
Todos se precipitam em bando pra entrada,
Lascam-se sopapos pra ganhar a primeira fila;
Mas eu me colocava sempre sobre um amontoado de pedras
Para não sujar minhas botinas no sangue.

Vejam, vejam a máquina rodar,
Vejam, vejam os miolos saltar,
Vejam, vejam os Burgueses tremer;
(Coro): Hurra, cornos-no-cu, viva o Pai Ubu!

Minha mulher e eu logo estamos todos brancos de miolo
Os pirralhos se lambem e nós pateamos
Vendo o Palotim que brande seu lume,

E os ferimentos e os números de chumbo.
Súbito eu percebo no canto, perto da máquina,
A cara dum fulano que me retorna meio difusa
Meu velho, que digo, eu reconheço tua fuça
me roubaste, não sou eu que por ti vou chorar

Vejam, vejam a máquina rodar,
Vejam, vejam os miolos saltar,

Vejam, vejam os Burgueses tremer;
(Coro): Hurra, cornos-no-cu, viva o Pai Ubu!

Súbito, sinto-me puxar pela manga por minha esposa;
Espécie de parvo, ela me diz, eis o momento de te mostrar:
Tasca em sua cara um bom pacotão de bosta.

Eis o Palotim que acabou de se virar de costas,
ouvindo essa ponderação superba,
Junto no instante toda a minha coragem
e lasco no Rendeiro uma gigantesca merda
Que se achata no nariz do Palotim.

Vejam, vejam a máquina rodar,
Vejam, vejam os miolos saltar,
Vejam, vejam os Burgueses tremer;
(Coro): Hurra, cornos-no-cu, viva o Pai Ubu!

De repente eu sou lançado por cima da barreira,
Pela multidão enfurecida eu me vejo sacudido
E sou precipitado de ponta cabeça

No grande buraco preto donde não se volta nunca mais.
Eis no que dá de ir passear aos domingos
Rua da Escalda para ver desmiolar,
Andar no Pinça-Porco ou bem no Desmancha-Comanche:
A gente vai vivente volta morrido!

Vejam, vejam a máquina rodar,
Vejam, vejam os miolos saltar,
Vejam, vejam os Burgueses tremer;
(Coro): Hurra, cornos-no-cu, viva o Pai Ubu!

O MEDO

Rosas de fogo, brancas de pavor,
As três

Jovens contra o muro frio,
Olham luzir alfarrábios;
E os espectros de suas memórias
São evocados sobre o soalho,
Com a sombra de dedos marcados
nos muros de suas camisas brancas
E de garras em forma de ramos.

O fogão negro freme e morde
Com dentes de sua caveira
O silêncio que se aproxima.
O fogão negro, como uma torre,
Prestando socorro a três guerreiras,
Abre seus olhos de seteiras!

Rosas de fogo, brancas de pavor,
em longas camisas de cisnes
As três
Jovens, contra o muro frio,
Olhando os esgares dos signos,
Abrem, os braços de pavor ligados,
Seus olhos, que são como escudos.

MADRIGAL

Minha garota – mas, você é de todos,
Nenhum deles então foi dono verdadeiro,
Durma enfim, e cerremos a janela:
A vida está fechada, e estamos em casa.
É um pouco alto, o mundo aqui termina
E o absoluto não pode mais se negar;
É de grandeza ser o último a chegar
Pois que este dia cansou
Messalina.

Eis você só, de olhos e ouvido,
Tombar desaprende a descer.

O barulho terrestre está longe, como a cinza
Jaz desconhecida do incenso azul dos deuses.
Tal o marulhar das carpas alimentadas
Em
Fontainebleau
Tem vozes magoadas
De beijos na água.

Como se une o duplo destino?
Tanto quanto não tomei sua rua,
Você era virgem a você não tinha nascido,
Como um passado se afunda num espelho.

A lama apenas beijou o calçado
De seu pé infinitesimal
E é por ter mordido em todo o mal
Que você tem uma boca tão pura.

O BANHO DO REI

Rampante de prata sobre campo esverdeado, dragão
Fluido, ao sol a Vístula se empola.
Ora o rei de Polônia, antigo rei de Aragão,
Se apressa pra seu banho, bem nu, possante vigarista.

Os pares eram uma dúzia: ele é sem parâmetro.
Sua banha treme a seus passos e a terra a seu bafo;
Pra cada um de seus passos seu artelho patagão
lhe talha no vazio da areia uma nova chinela.

E coberto por seu ventre qual de um escudo
Ele vai. A redundância ilustre de seu rabo
Afirma insuficiente o calção vulgar.

Onde estão retratados em ouro, ao natural,
Por trás, um Pele-vermelha no campo de guerra
Sobre um cavalo, e por diante a torre Eiffel.

1886-1966 | Alemanha | HANS ARP



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *On my way* (Nova York: Wittnborn, 1948).

AS PEDRAS DOMÉSTICAS

as pedras são entranhas
bravo bravo
as pedras são troncos de ar
as pedras são ramos de água
sobre a pedra que ocupa o lugar da boca
brota uma espinha
bravo
uma voz de pedra
está frente a frente
e cotovelo a cotovelo
com um olhar de pedra
as pedras sofrem os tormentos da carne
as pedras são nuvens
pois sua segunda natureza
dança sobre seu terceiro nariz
bravo bravo
quando as pedras se rasgam
as unhas brotam nas raízes
as pedras têm orelhas
para comer a hora exata.

COLMEIA DE SONHOS

as flores se vestem com relâmpagos
na plumagem da estrela dorme o sonho de carne guarnecido
de seios
o sonho tem na boca uma estrela como o gato tem na boca um
rato
as flores de carne têm língua de sonho
estrela de névoa
a estrela de carne sob a abóbada do tempo
o tempo ronrona como um sonho
ao redor dos seios ao redor das colmeias de sonhos dormem
as estrelas

névoa de flor
plumagem de estrela
as flores ronronam

as estrelas ronronam diante da colmeia dos relâmpagos
rato de névoa
rato de estrela
rato de flor
o sonho é um gato sua língua é uma flor

a carne ronrona na plumagem do tempo
os ratos e os gatos dormem sobre a língua do tempo
o relâmpago dorme sob a abóbada de névoa
as estrelas se vestem com seios
a língua de névoa na boca de flor
a boca de névoa sob a abóbada de carne

*SOPHIE SONHAVA SOPHIE PINTAVA SOPHIE
DANÇA*

Sonhavas com estrelas aladas,
com flores que mimam as flores
nos lábios do infinito,
com fontes de luz que se abrem,
com eclosões simétricas,
com sedas que respiram,
com ciências serenas,
longe das casas dos mil dardos
das prosternações de desertos ingênuos,
entre mil milagres desordenados.
Sonhavas com o que repousa na imutável morada
da claridade.
Pintavas uma rosa desvelada,
um ramo de ondas,
um cristal vivo.
Pintavas as conchas
que recolhias na margem do mar

e que colocavas na mesa de desenho
em torno a uma concha grande
como um rebanho em torno a seu pastor.
Pintavas uma lágrima entre o orvalho,
uma lágrima entre pérolas.
Pintavas a claridade que faz pulsar o coração,
a doçura que faz mover os lábios.
Pintavas a noite que estende as estrelas,
o sonho claro,
o bom prazer das flores.

Danças a aurora que transborda a terra.
Danças o jardim estremecido ao amanhecer.

Danças na paisagem enluvada da lua
com os gnomos travessos da sombra.
Danças o nu que perde seu brinquedo de ar,
o prazer que soluça despossuído.
Danças as seis poltronas avermelhadas
mais perspicazes do que seis cérebros de filósofos,
enquanto o patíbulo de marfim sombreava na lava
da escuridão,
no riso do pó,
na noite do meio-dia e suas canções de grilos.
Danças o adeus.

E GOLPEIA E GOLPEIA E GOLPEIA

e segue golpeando e outra vez
e assim continua
e uma vez duas vezes três vezes até mil
e torna a começar com mais força
e golpeia a grande tábua de multiplicar e a pequena tábua
de multiplicar
e golpeia e golpeia e golpeia
página 222 página 223 página 224 e assim continua até a
página 299

passa a página 300 e continua pela página 301 até a página
400
e golpeia esta uma vez para frente duas vezes para trás três
vezes para cima e quatro vezes para baixo
e golpeia os doze meses
e as quatro estações
e os sete dias da semana
e os sete tons da escala
e os seis pés dos jambos
e os números pares das casas
e golpeia
e golpeia tudo junto
e a conta está feita
e dá um.

*1890-1960 / França / MAURICE
BLANCHARD*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Œuvres complètes (Paris: Plasma, 1977-1982).

A ENORME BELEZA QUE VIRÁ

Os grandes órgãos da destruição, as tempestades e as ondas do mar eternamente jovem, esta é a entrada triunfal da justiça rompendo em seus castelos na Espanha, construída sobre o vento, sobre a carne e o sangue de criaturas criadas e não criadas.

O verme está no topo da torre, as relíquias de som e luz foram jogadas nas profundezas do abismo; eles estão na lama do pântano entre os sapos mutilados. Essas coisas sujas justificam nossa presença. Eles lutaram, lutaram horrivelmente, cada um em sua soledade negra, intemporal e úmida e aqui estamos diante do nosso trabalho, diante de nós mesmos e não no sétimo dia, mas o único, o imutável, o primeiro dia eterno.

RASGÃO

Após cada colheita, ele queimou as colheitas. Então ele escalou a torrente desolada, a única estrada neste país, o túmulo da paciência. É a vida com os olhos mortos que bate à porta.

O recitador abriu os braços. Um silêncio de neve se instalou nos ombros do passado, esqueleto de cachorro. Na pele da aldeia colapsada estavam as quatro paredes do ódio.

Os assassinos dormiam na praia à espera de novas falências. Insensível às mordidas da Morte, um novo verão estava ardendo na montanha.

NÚPCIAS

Havia uma promessa de casamento entre o vento e a neve. A neve e o vento trocavam seus anéis e o navio, com luvas de geada, entrou lentamente na cerimônia de amor. Ele lentamente entrou na estação de ternura.

A felicidade está imóvel no creme de uma nuvem, é uma luz que congela e quebra. É um arbusto de lírios com cobras roxas

escorregando entre o crepúsculo e o mar, deslizando na grama sangrenta do crepúsculo.

O chicote bate e lava a neve do primeiro amor. A refeição da besta termina no sangue das orquídeas.

A SITUAÇÃO-LIMITE

É uma fruta que amadurece devagar, muito devagar.

Tão devagar que a árvore morre antes de seu amadurecimento, mesmo antes de acalmar a sede do viajante exausto. Está longe disso: um raio de sol na água trêmula do arrependimento.

O arquiteto mede a porta, as janelas, a altura das paredes e a inclinação do telhado. Nós honramos o arquiteto, o cumprimentamos quando ele caminha na rua, mede na mão e volta no fundo de suas costas, como todos os outros. Toda noite, um sono bem medido o remove.

Estou assistindo. Meu trabalho precisa do infinito. Sim! Devo, a cada momento, passar pelo infinito para alcançar pequenas coisas incertas e transitórias. É meu trabalho. Boa noite!

LIBERDADE OU MORTE

Como sair de nossas adegas? Rangendo os dentes mimados da sopa que come nossas mãos e nossos rostos! Que a terra da Europa seja cortada como uma barriga de Judas! Aqui nos tornamos as entranhas da sombra.

Ha! Ha! Ha! Que risada nós agitamos quando não temos nada a perder.

DOU UM GOLPE DE ARCO

A memória nasceu de uma paulada. O templo foi profanado pelos que trabalhavam com as mãos, pelos que trabalhavam com os pés. E se fez a manhã, e se fez a noite para os que têm fome, para os que sonham e para os que têm razões do coração.

Eu me ponho a salvo. Tomem como queiram: o milagre está ali, detrás da porta. Depois da guerra veio a guerra e hoje segue a guerra, que é a luta sem quartel dos crocodilos sob a abóbada craniana. Por todas as partes destroçam as imagens de seda e ouro, têm sonhos de bondade, marcham sobre os pássaros. E que silêncio!

OS MÚSICOS DO ESPAÇO

A Lucien Coutaud

Cotovias estridentes se chocam contra um espelho e desde então são frutos que cantam a Aleluia. Suas gargantas transparentes se tornaram pontos negros perdidos no marfim das vértebras. Um grito do vidraceiro as devolveu a sua plumagem de cristal.

Após a última colheita, o homem e a mulher já não se conhecerão. Porém estará de pé. As ferramentas serão finalmente ferramentas; depois dormirão sobre um colchão de palha. A chuva será uma harpa em que nossas mãos desconhecidas beberão.

Um céu em crescimento um dia perdeu sua armadura. Perdeu seu sol. Apenas uma ondulação do inverno fixou seu delírio. Um castelo lançou suas âncoras de pedra para afirmá-lo. Um guerreiro vestido de negro faz soar o corno enquanto contempla a terra.

1891-1950 / França / YVAN GOLL



Poemas traduzidos por Viviane de Santana Paulo. Obra consultada: *Traumkraut. Gedichte aus dem Nachlass* (Wiesbaden: Limes Verlag, 1951).

NOS CAMPOS DO LUTADOR

Nos campos do lutador tu estás em casa
No pântano do iodo finalmente te sacias de juventude
O líquido ocre etílico da raiz
Te alimenta melhor do que o cântaro de sol

Uma tocha arde e vacila no óleo dos teus olhos
Uma chama compõe música com a flauta e o gongo
A ossada do antepassado dança na festa da putrefação

A nobre flor amarela
Que floresce a cada mil anos
Se esquiva lentamente do teu peito

HORAS

Carregadoras de água
Filhas erguidas
Descem as escabrosas estradas dos mortos

Pesando na cabeça
Um cântaro cheio de tempo
Uma colheita de gotas não recolhidas
Que já amadurecem ao longo do caminho
Quedas d'água rios lágrimas névoa fumaça
Sempre as gotas cada vez mais secretas
sempre o tempo cada vez mais parco

Carregadoras de sombras
Já passada já obscurecida
Eternidade

ASCENSÃO

Como as cotovias eu me lancei de cabeça erguida
Ao côncavo de teus olhos

Para no ciano encontrar a minha origem

Cantei para te resgatar
Do meio sono dos antepassados e mortos

Imortal vagueaste
Ao longo das ruínas do castelo da lua
E a minha escura harpa não te alcançou

Imperceptível a sua cabeça se virou para o leste

Nunca encontrei o caminho de volta aos jardins dos lares

SAL E FÓSFORO

Somente o sal se tranquiliza
Nos meus olhos
Quem vai resgatar o ferro
Na mina do meu coração?

Todo o meu metal
Decompõe-se na minha memória
O puro fósforo desprende-se
No meu ser

Da trepidante ágata nos meus dedos
Espero a ajuda dos astros

OS ALTOS FORNOS DAS DORES

Nos altos fornos das dores
Qual minério é derretido
Os servos do pus
As irmãs da febre
Não sabem
Espessura diurna

Espessura noturna de toda carne
Floresce a ferida e o fogo
Selvagens nos jardins de salitre
E nos canteiros das rosas ígneas

Asfódelos do meu medo
Na dependência da noite

Ah, o que fermenta o senhor do minério
No coração? O brado
Do grito humano emitido
das entranhas obscuras
Que como um punhal sagrado
Fende nosso sol dos mortos

*1894-1964 | Brasil | ANÍBAL
MACHADO*



Obra consultada: *Cadernos de João* (Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2004).

O SILÊNCIO POR DENTRO

Recolher as palavras
Apagar os sinais
Destruir a cidade
Despovoar o silêncio

Sorrir debaixo das águas
Esperar dentro da pedra.

OS PERSONAGENS

Sempre assim: chega quando é menos esperado, quando o supõem desaparecido ou morto.

Entra, deslizante e vago – meio corrente de ar, meio fantasma. A roupa neutra, o olhar alucinado, a idade indecisa. Mal acaba de chegar, verifica que “não é aquilo” e pede o chapéu. Rápida é a sombra que marca em seu rosto a passagem do entusiasmo à decepção.

Retira-se então, as narinas palpitando ao fato de alguma coisa que ainda não apareceu e está quase... Quase a surpresa... quase o encontro maravilhoso...

Nunca se lembra do que lhe sucedeu na véspera e nem faz planos para o amanhã. Mas não quer perder um minuto sequer das horas que escoam, e nenhuma das possibilidades deste mundo lhe é indiferente. Sofre ao pensar nas coisas que possam estar acontecendo, longe, à sua revelia.

Na verdade, é um tipo que nunca se senta, nem chega a chegar completamente. Está sempre saindo. E saindo sempre com o ar de quem vai atirar-se pela janela...

O TERCEIRO

Meu duplo é insuportável. Em sempre brigar comigo. Quando não é para brigar, é para zombar.

Se boto asas, ele acrescenta um rabo. No momento em que pretendo ensaiar o voo, ele me obriga a rastejar.

Mãe, não posso ser o anjo que você pediu. Os caminhos da inocência dão para a estrada do mal.

Minhas purezas acabam em porcaria.

É ele, mãe, é ele que me atrapalha!

Se descubro um irmão, ele me envenena: "Cuidado, pode ser um inimigo". Se me entusiasma um gênio, ele interrompe: "É possível, mas tem algo de imbecil".

Se tomo qualquer iniciativa, ele me pergunta: "Para quê?" Se não faço nada, ele finge espanto: "Ué! Morreu?"

Sempre assim, travando minhas pernas quando me manda caminhar, instilando-me a dúvida quando me convida a crer. Até ao meu sono ele desce e interfere nos sonhos.

Quando meu duplo mais entretido se mostra comigo, então e aproveito e fujo... Abandono os dois e formo o terceiro.

O terceiro é a delícia da libertação, longe da vítima e de seu sadista.

Como terceiro, assisto à briga dos dois. É um espetáculo. Aprendo os golpes. E me exercito para combater com vantagem os inimigos que ficaram de vir.

Eles parecem que são muitos. E já estão descendo do futuro...

ÚLTIMA CARTA DE PERO VAZ

Digo a Vosmecê que no fim da planície há um gigante fumegando

Uma viúva sem consolo e um pássaro conversível

Debaixo das árvores

Os suicidas vomitam o retrato da amada

Os bichos roem o código das águas

No caminho do mar as pedras não respondem

Vive-se a combinar a linguagem dos homens

Com os traços imerecidos

Da sombra deles na poeira

Nas grandes linhas adutoras

Passam fora do horário
Invisíveis cavalos
Não é segredo
Que por elas fugiram os principais culpados
Daquele crime ao crepúsculo
De que hei falado a Vosmecê.
Dentre mais coisas que vi
Há que notar
Nos solstício de verão
Prateleiras de luz derramando no céu
E na posta-restante
Um ventre de mulher
Com o sobrescrito apagado
São tão compridas as distâncias
Que os cavalos se fundem no horizonte
O horizonte ao jóquei
E o jóquei ao vento
Há um violão escondido na garoa
E uma moça fugindo dentro do violão
Seus brincos são dois ninhos de passarinho
Há um foco de generais
Ao pé de uma bananeira
Uma rainha se banhando na cascata
Cifras de um cálculo abandonado
Transformadas em colônia de formigas
Debaixo das areias
Há um cassino-iceberg
Que desce devagar
Para os mares do sul
Há uma nuvem metida em aparelho de gesso
Diversas virgens coloridas gemendo
Sob o cascalho de aluvião
Há um som corrosivo de sino
Atacando os profetas de pedra
Uma planície em disparada
Com os bois fora do prumo
Um sol de metamorfoses
Um rio morrendo de cansaço

E navios de sombra
A navegarem pela floresta
Procurando-se bem
Nota-se ainda
Uma coluna de vapor e pasmo
Que vem subindo há milênios
E há a vida em geral
Que é servida e ninguém quer...

*[UMA BARRAGEM QUE SE ROMPE É UM
DESRECALQUE VIOLENTO]*

Uma barragem que se rompe é um desrecalque violento: o rio que realiza o velho desejo de voltar ao primitivo leito. O mais concentrado de todos os silêncios, o que reúne as forças de cosmos e resume numa tensão extralúcida as experiências do temo, o silêncio dos silêncios – é aquele, de poucos instantes, anterior à catástrofe que sabemos irremediável e próxima. A explosão vai dar-se ou o afundamento: os minutos têm o peso da eternidade, escurece sem que a luz caia, a morte já procedeu à nossa chamada. Nesse momento, a única saída é virarmo-nos para o outro lado da vida e nos vermos passeando no jardim do bairro, parados nalgum terraço ou sentados numa espreguiçadeira, a apreciar o próprio desastre que nos vai vitimar. Se ocorrer alguma frase de ternura familiar, por exemplo: “Vamos dormir, meu bem?” – manifestação alucinatória de um desejo de volta à segurança em circunstância impossível – o trágico poderá ser evitado.

Esse tipo de sublimação, efeito involuntário do próximo medo, poderá a futura vítima desenvolvê-lo em exercícios preliminares, situando-se mentalmente num desastre imaginário... e fechando os olhos.

A MOENDA

O que deixou de ser
e flutua sem rumo
folhas insetos
bolhas
ecos
rumores de passos
rolar de carruagens

O que vive imperceptível
e se expande sem nome
apelos perdidos
gemidos de sombra
sonhos cancelados
tudo sobe
à roda do pensamento

Clamores da noite
escória dos dias
cincas de amor
tudo o que se vê
passando longe
pelos filtros do vento

Entre os dentes da moenda
se reduz a fantasmas
do tempo
e ossos do espaço
detritos
do mundo.

INICIATIVAS

Faça o que lhe digo. Solte primeiro uma borboleta.
Se não amanhecer depressa, solte outras de cores
diferentes.

De vez em quando, faça partir um barco. Veja aonde vai. Se for difícil, suprima o mar e lance uma planície.

Mande um esboço de rochedo, o resto de uma floresta.

Jogue as iniciais do lenço. Faça descer algumas ilhas.

Mande a fotografia do lugar, com as curvas capitais e a cópia dos seios.

Atire um planisfério. Um zodíaco. Uma fachada de igreja. E os livros fundamentais.

Sirva-se do vento, se achar difícil.

Eles estão perdidos. Mas nem tudo o que fizeram está perdido.

Separe o que possa ser aproveitado e mande. Sobretudo, as formas em que o sonho de alguns se cristalizou.

Remeta a relação dos encontros, se possível. E o horário dos ventos.

Mande uma manhã de sol, na íntegra.

Faça subir a caixa de música com o barulho dos canaviais e o apito da locomotiva.

Veja se consegue o mapa dos caminhos.

Mande o resumo dos melhores momentos.

As amostras de outra raça.

Com urgência, o projeto de uma nova cidade!

*1894-1982 | Japão | NISHIWAKI
JUNZABURO*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *The moderna fable* (Los Angeles: Green Integer, 2007).

PRIMITIVISMO DO COPO

Ao longo da margem do rio, onde Daphnes floresce
e brilha,
passando por um anjo que tem uma maçã e um sabre,
um garoto loiro corre,
segurando firmemente entre os dedos
um peixe chamado vermelho-barriga
acima dos olhos leitosos.
O sonho de ouro se distingue.

UM HOMEM QUE LÊ HOMERO

O amanhecer e o crepúsculo, em silêncio,
como os dois lados de uma moeda de ouro,
passou por um tamarindo,
e vem todos os dias até sua garganta.
Naqueles dias ele abordou um tintureiro
no segundo andar, que lia Homero.
Naquela época, ele tinha um cachimbo de coral
com uma imagem de amores-perfeitos.
Todos os galileus se riram (seu cachimbo
parece uma carta de garota ou
um romance bizantino – Eia).
Mas seus círculos de fumaça fosforescente
florescem cristas de galo,
e o nariz e os quadris da deusa.

DIA DO INVERNO

Na estação desolada
eu percorria
o horizonte da mente sem fim
e desviou-se para uma aldeia
um porco-espinho a seu redor.
Um vagabundo cozinha carne de cachorro no fogo

do qual uma nuvem roxa flui para bem longe.
O homem que cantou no final do verão a canção das rosas
sofre com a ruína deste coração.
O coletor de sementes, o rouxinol, não fala.
Estudarei nesta aldeia, com uma lâmpada em
"Estude como Milton",
sussurra um anjo como um diretor de universidade.
E ainda acabei jogando xadrez com um caçador e um pescador
até o mato dar flores de pera.
Agora que perdi tudo
gostaria de consagrar esta noite
à pessoa que circunda a cobertura
brincando com borboletas
ao martin-pescador e o homem que se afasta
à mulher eterna
a este dia de inverno
colocando em um copo com uma alça longa como uma torre
elevada
os espinhos e as lágrimas.

DESCASCANDO IFIGÊNIA

1

veio:
cor de espinheiro,
lilás de lilás,
cabelos loiros
a mulher masculina

cristal de gasolina
Metamorfoses
de Picasso, essa linha
tênue joia
rorna-se uma rosa

2

cabeças e braços
perdem
a massa de pedra, o dente
em sua bunda, sua história
o tufo fofo de cabelo loiro
acaba na metade
fica na parte de trás e permanece
a luxúria cortada da deusa babilônica
emoção do pensamento
vem do nada
vem um verão lamentável
como uma abelha vem para as flores de uva

3

espinheiro
raspando a janela
o copo de bolota e os espinhos
“eu nunca estive apaixonada
mas a voz e a forma de um homem
me assombram nos últimos dois dias”
a tia que me escreveu isso
está preocupada

*1894-1987 | Espanha | JOSEP
VICENÇ FOIX*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Bien lo sabeis, y es profecía / Ho sap tothom, i és profecía
(Barcelona: Ediciones del Mall, 1986).

[DIZEM QUE ANDAS ENCIUMADA]

Dizem que andas enciumada da garupa da moça da leiteria. Mas eu estava em sua casa e vi o console com o espelho diante do qual ela penteia seus cabelos. No fundo do espelho, duas grandes cortinas avermelhadas endossavam a entrada de um corredor em que havia uma pintura na parte de trás. Uma antiga litografia que apresenta as torturas a que o diabo submete as garotas que, de volta da dança, à meia-noite, se olhavam no espelho. Isso nos incomodou tanto que me levou um tempo perceber que a moldura do espelho e a entrada para o corredor não eram senão o cerco da entrada do estábulo em que reina a garupa de meu cavalo.

NOTAS SOBRE O MAR

Bem atado meu nariz de papelão, grotesco, eu passeava pelo cais com um imponente dicionário de sinônimos sob o braço. O barqueiro, queiras ou não, me fez navegar mar adentro. Ele era um pastor anglicano, e queria demonstrar que os mais belos milagres aconteceram no mar. Mas ao perceber meu nariz arbitrário logo tratou de calar-se. A partir de então, enfaticamente, disse que nada além da vaidade dos homens permite que, na vida humana, nosso planeta seja chamado de Terra, mas que Deus e os santos o nomeiam, em seu idioma eterno, Mar; que a terra é apenas um acidente no nosso planeta, um fenômeno transitório. "Homens, ele me disse, são a pena de pombo do mar". O grande enigma dos homens era, para o meu barqueiro, uma peixeira esférica que caía pelos espaços celestiais para o consolo dos anjos.

De chapéu e casaco negro, também com luvas negras, os três cavalheiros gesticulavam comicamente frente ao mar laranja. Quando eles me viram, retrocederam admirados. Surpreendido, indaguei com uma emoção precipitada: - Vocês também por aqui? E nos rimos loucamente. Então eu corri para vestir o terno preto, o chapéu, as luvas e desenhar com

carvão três grandes rugas em minha testa. Na margem do rio, nos lembramos, com gestos teatrais e simétricos, o outro mar de cor laranja em que, um dia imprecisamente, também nos encontramos os quatro, vestidos de forma idêntica, e quando ao longo da margem do rio, também com grande risada, tentamos lembrar em que século, antes do país do mar laranja, certa ocasião discutimos os quatro qual planeta pertencia ao mar onde uma vez eles três e eu, todos em preto e rindo, tentamos lembrar...

NOTAS SOBRE O PORTO DA SELVA

Estendido na praia sem fim, eu vi como as ondas furiosas lançavam um tronco como o meu, porém em estado fóssil. Tentei, em vão, me incorporar; pseudo-morfeizado, meu corpo era um tecido espesso de caracóis pedregosos, de conchas antediluvianas, de deliciosas miniaturas bastante oxidadas de animais desaparecidos. No fundo de interstícios raros, uma membrana transparente descobria paisagens subaquáticas maravilhosas, onde os sinais do zodíaco flutuavam luminosos. Através da passagem escura que atravessa a rocha de Teiera, que encerra, virado para oeste, o horizonte, uma procissão incomum de monstros avançou; polvos com pernas de camelo, gigantes com cabeça de cavalo, mãos hercúleas suportadas por graciosas cordas de avestruz, olhos de córnea fosforescente entre enormes cílios de escama. Ah se o mar, transformado em uma única onda negra, cobrisse toda a Terra! Mas o mar, em sua transição noturna, é uma vasta laje de ônix, em que os cometas refletem suas artérias vermelhas e brilhantes, desenhando misteriosos deltas inabordáveis.

Sobre a testa cornuda dos cavalos que fazem barulho, incontáveis, pela praia, os cometas, em noite fechada, enroscam suas fibras incandescentes. Uma corrente tropical empurra o louco fazendeiro para mergulhar no mar. O mar é, nesta hora, um deserto móvel de areia negra de embarque impossível, em que os cavalos, com um fortíssimo relincho,

deixam cair os olhos. A escuridão submerge a terra e conseguimos o choque ruidoso de milhares de corpos cristalinos.

PRÁTICAS

Um sofá na margem do rio é uma maravilha. Um homem, curvado sob o peso de um enorme R, avança lentamente, deixa a inicial no sofá, que hesita e dá no rio, mas o rio é de vidro e se quebrou com uma fenda irregular que vai de costa a costa. Se eu me abaixasse para sentir sua espessura, isso feriria a minha mão. Uma voz faz tropeçar o fundo dos álamos como se fosse uma decoração teatral, e claramente diz MARTA! Simultaneamente, repito o nome: (não serei o único que a chamou?). Esse R deve ser um M, é um M; não: é um R. Ah se o homem que a trouxe voltasse! Mas ele não se atreve a sair porque está em mangas da camisa e a cortina já está no alto.

1895-1952 | França | PAUL
ÉLUARD



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Ralentir travaux (Paris: Editions Surréalistes, 1930) e *Oeuvres
complètes 1913-1945*, vol. I (Paris: Gallimard, 1968).

[JAMAIS SONHEI COM NOITE TÃO BELA]

Jamais sonhei com noite tão bela
As mulheres do jardim tratam de beijar-me
Sutiãs do céu, as árvores imóveis
Abraçam fortemente a sombra que as sustenta.

Uma mulher de coração pálido
Guarda a noite em seus vestidos
O amor descobriu a noite
Sobre seus seios impalpáveis.

Como poder gozar de tudo?
Melhor apagar tudo.
O homem da mobilidade total
Do sacrifício total, da conquista total
Dorme. Dorme, dorme, dorme.
Apaga com seus suspiros a noite minúscula, invisível.

Não sofre nem frio ou calor.
Seu prisioneiro se evadiu para dormir
Não está morto, dorme.

Enquanto dormia
Tudo se assombrava,
Jogava ardentemente,
Olhava,
Ouvia.
Sua última palavra:
“Se voltasse a começar, te encontraria sem buscar”.

Ele dorme, dorme, dorme.
Em vão a aurora ergue a cabeça,
Ele dorme.

O ESPELHO DE UM MOMENTO

Dissipa o dia,
Mostra aos homens as imagens desligadas da aparência,
Retira dos homens a possibilidade de que se distraiam,
É duro como a pedra,
A pedra informe,
A pedra do movimento e da vista,
E tem tal resplendor que todas as armaduras e todas as
máscaras são falseadas.
O que a mão tomou nem ao menos se digna a tomar forma da
mão,
O que foi compreendido já não existe,
O pássaro se confundiu com o vento,
O céu com sua verdade,
O homem com sua realidade.

SOB PALAVRAS

Há chamas
Mais vistosas do que as mãos que fazem girar os pesadelos
Sobre a memória

Ao sol chegamos por encantamento
O amor tem um acentuado sabor de vidro
É o coral que surge do mar
É o perfume desaparecido que retorna ao bosque
É a transparência que paga sua dívida
É sempre essa cabeça
De lábios deliciosamente entreabertos
Deste lado do muro
E do outro lado talvez na ponta de uma

A NECESSIDADE

Sem grandes cerimônias em terra
Junto àqueles que conservam o equilíbrio
Nessa desventura do repouso total
Muito próxima do bom caminho
No pó da seriedade
Estabeleço conexões entre o homem e a mulher
Entre as pistoleiras do sol e o surrão do vagabundo
Entre as grutas encantadas e o alaúde
Entre as olheiras e o riso acossado
Entre a avezinha heráldica e a estrela do alho
Entre a sonda e o rumor do vento
Entre a fonte das formigas e o cultivo das framboesas
Entre a ferradura e a ponta dos dedos
Entre a calcedônia e o inverno pungente
Entre as pupilas do arbusto e o mimetismo comprovado
Entre a carótida e o espectro do sal
Entre a araucária e uma cabeça de anão
Entre os trilhos nos cruzamentos e a pomba avermelhada
Entre o homem e a mulher
Entre minha solidão e tu

SER

Com a frente como uma bandeira perdida
Eu te arrasto quando estou só
Por ruas geladas
Por quartos negros
Proclamando infortúnios

Não quero abandonar
Tuas mãos claras e complicadas
Nascidas no encerrado espelho das minhas

Todo o mais é perfeito
Tudo o mais é ainda mais inútil

Do que a vida

Escava a terra sob tua sombra

Um tanque junto aos seios

Onde afundar

Como uma pedra

A ÚLTIMA CARTA

A Roland Penrose

I

A suavidade do clima marinho

Do ruivo cabelo em um bote

E o fundo que se ergue

Que se estremece na beira da água

Mostrando-me uma mulher

De mares longínquos

Finalmente inútil

E a escondo bem longe

E estou de pé para enfrentar o frio

II

Na noite é possível

Abater meus sonhos

Capital

Meu minuto capital

Superei as cores da falsidade

Meu feminino capital

Nas fronteiras do corpo humano

Aceito o perigo de estar apaixonado

E vivo

III

Estou encalhado, estou mudo
Estou como peixe na água
Tenho como triunfo o ás de beijos
No jogo dos ladrões
Tenho na mão a nudez das ondas
Dentro e fora de meu bote
Para operar a dupla união
Do mundo íntimo com o mundo público
Nas redes da aventura
Da vida desordenada
Sou muito amável
E o bem obstinado guardião do fogo leve
O reflexo de um corpo nu e próximo acalma a maré
A ruiva estação é favorável à minha despreocupação
Teu ruivo cabelo me abre a nave de teu corpo

1895-1967 | Bélgica | PAUL NOUGÉ



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
L'Expérience continue (Les Lèvres nues, Bruxelles, 1966), *L'Âge
d'homme* (Lausanne, 1981) e *Quelques lettres* (Didier Devillez
éditeur, Bruxelles, 1995).

[O JARDIM APOIA NA JANELA]

O jardim apoia na janela sua espessura perfumada.

A noite vem docemente descansar no jardim.

Marie (ela está sentada na janela) entreabre um pouco seu
vestido,

seus ombros são descobertos.

Ela espera no coração da noite.

Ela espera.

Passa um dedo lentamente em seus lábios.

Seu dedo

nos lábios fez o sinal do silêncio.

Ela espera.

Passa os dedos em seus cabelos, em seu

braço nu.

Mantém os olhos abertos no coração da noite.

E o jardim mal retorna, fecha a janela, como a noite

ternamente se separa do jardim.

Então um pouco da aurora avermelha o muro, a janela, a
mulher

inteira apoiada na manhã.

O PAPAGAIO DA MINHA VIZINHA

O papagaio da minha vizinha

comeu um raminho de salsa

e o fone de meu vizinho

por pouco esmagou o rabo do cão;

a aflição choveu sobre nossa cidade.

*ALGUNS ESCRITOS E DESENHOS DE CLARICE
JURANVILLE
(fragmentos)*

Sou eu que te vê
Porém és tu que me vês
Esta noite teu irmão falará contigo
Responderás com tua obra
E nada mais

*

Mantenho minhas promessas
Aposto por prazer
Balbucio insultos
Pinto belas pinturas sem estar em êxtase
Desvio a direção dos caminhos
Livrai vossas mãos de ataduras

*

Elas se parecem com todo o mundo
Forçaram a fechadura
Substituíram o objeto perdido
Carregaram as pistolas
Misturaram os licores
Semearam perguntas de mãos cheias
Modestamente se retiraram
Apagando suas assinaturas

*

Agora
Sou eu quem fará companhia aos homens e mulheres de má
vontade
Farei de mim um prisioneiro deles

Instalado em suas mentiras em suas lembranças nos quartos
variáveis de suas vidas
Penetrarei furtivamente em suas desgraças
Porei em ordem seus ressentimentos
Soprarei sobre suas cóleras
Empurrando-os até a praça
Cuidar é de suas costas
Não reconhecerão nem seus gestos nem seus gritos
Com toda fidelidade trairão sua palavra

*1895-1980 | Espanha | JUAN
LARREA*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Oscuro dominio (México, 1934) e *Versión celeste* (1970).

O UMBRAL DAS CALÚNIAS

O fornecedor de alma onde tua esperança se abate é apenas
uma falta hipótese ainda que bonita

Todos os jardins começam por te curar
Te moves

e a luz se enturva
crês que evitas os espinheiros e então é quando teus cabelos
se tornam transparentes

compreendido pela distância irmão de teu irmão terra de tua
terra
o jardim volta a te lambar por conta do jardim de teus poros

tua testa esmigalha as tardes desde a cúspide de teus louvores
em tua saliva já existem alguns barquinhos

INTERIOR

Teus cabelos estão fora de ti mesma sofrendo porém
perdoando
graças ao lago que se desfaz em círculos
ao redor dos afogados cuja goteira de passos mortos
afunda em teu coração o vazio que nada virá a encher
mesmo se sentes a necessidade de cerzir

mesmo se a tua nuca se dobra aos menores caprichos do vento
que exploras tua atitude e afugenta a janela ali adormecida
e abre as tuas pálpebras e teus braços e leva
se tens necessidade de cerzir
toda a tua folhagem até as tuas extremidades

NATUREZA MORTA

O preço de teu silêncio

e a auréola das lousas
o dia reduzido à tua mão
a mão reduzida a seu inverno urgente

a saída deixa que morram seus melros
soltando uma carne azulada
como os olhos que seguem lentamente
fora do domínio do ouro tuas pernas irradiantes

todo o imprevisto no relâmpago de uma faca
todo o horizonte na espera de um sobressalto
todos os segredos todos os pesares em uma estrela

NEM TUDO ESTAVA DITO

Entre tu e eu o céu afogava sua presa
entre a ordem e tu a fuga encamava seus degraus
entre a asa e eu a aurora amava seu sangue frio

Entre tu e eu os verdores inatos soltaram
o peito de vidro e de estrondo
arrastando trilhos de espuma graça inútil
nas paragens dolorosas para uma só pessoa

Escombros de planície por todas as partes onde a boca
serpenteia
quando meu cadáver ainda está em sua casa

PRIMAVERA PROVISIONAL

Deixa fluir meus ossos entre as folhas
Entre as folhas nascidas de te haver conhecido
num dia de chuva
quando os barquinhos de tuas orelhas
cortavam as flores ocultas sob os nomes de minhas ruas

VERDADE CAPITAL

Como asa uma concessão à sombra
um gosto definido pelos perigos ao sol
uma vida curta
uma reserva prudente

Na escola dos vencidos a fuligem protege suas janelas
o roseiral que te ignora ocupa aqui pouco lugar
as contingências batem na porta como mendigos
o erro se guia por seu volume

A tormenta fraqueja na espera
A minha

VERDORES INATOS

Amiga mina és terna até o delírio
aqui está a relva que sobe por tuas pernas
como chama ligeira
posto que em cada orelha uma anêmona
a terra jamais escuta as palavras que alguém quisera
façamos nascer borboletas suscitando inquietudes
suscitando calêndulas para fugir para não importa onde
não demasiado porém no entanto
não é assim?

*1896-1948 / França / ANTONIN
ARTAUD*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Oeuvres complètes (Paris: Gallimard, 1956-1974).

POETA NEGRO

Poeta negro, um seio de mulher
te obceca
poeta amargo, a vida bole,
e a cidade arde,
e o céu se resolve em chuva,
e tua pena arranha o coração da vida.

Selva, selva, formigam olhos
nos pináculos multiplicados;
cabeleira de tormenta, os poetas
montam sobre cavalos, cães.

Os olhos se enfurecem, as línguas giram
o céu aflui às narinas
como leite azul nutriz;
estou pendente de suas bocas
mulheres, duros corações de vinagre.

TEXTO SURREALISTA

O mundo físico ainda está ali. É o parapeito do eu o que olha e sobre o qual restou um peixe de cor ocre avermelhado, um peixe feito de ar seco, de uma coagulação de água que refluí.

Porém algo se passou, de um golpe.

Nasceu uma arborescência quebradiça, com reflexos de fronteiras, gastos, e algo como um umbigo perfeito, porém vago e que tinha a cor de sangue aguado e por diante era uma romã que também derramava sangue mesclado com água, que derramava sangue cujas linhas pendiam; e nessas linhas, círculos de seios traçados no sangue do cérebro.

Porém o ar era como um vazio aspirante no qual esse busto de mulher vinha no tremor geral, nas sacudidas desse mundo vítreo, que girava em cacos de testas, e sacudia sua vegetação de colunas, suas ninhadas de ovos, seus nós em espiras, suas montanhas mentais, seus paredões estupefatos. E, nos

paredões das colunas, haviam sóis queimados aprisionados ao acaso, sóis sustentados por jorros de ar como se fossem ovos, e minha frente separava essas colunas, e o ar em flocos e os espelhos de sóis e as espiras nascentes, até a linha preciosa dos seios, e o oco do umbigo, e o ventre que faltava.

Porém todas as colunas perdem seus ovos, e na ruptura da linha das colunas nascem ovos em ovários, ovos em sexos invertidos.

A montanha está morta, o ar está eternamente morto. Nesta ruptura decisiva de um mundo, todos os ruídos estão aprisionados no gelo, o movimento está aprisionado no gelo; e o esforço de minha frente se congelou.

Porém sob o gelo um ruído espantoso atravessado por prepúcios de fogo rodeia o silêncio do ventre desnudo e privado de gelo, e ascendem sóis dando voltas e que se entreolham, luas negras, fogos terrestres, trombas de leite.

A fria agitação das colunas divide em dois meu espírito, e eu toco meu sexo, o sexo do baixo de minha alma, que surge como um triângulo em chamas.

INSULTO AO INCONDICIONADO

É pela bazófia
a suja bazófia
que se expressa

ele,

que não sabe
senão
colocar-se fora
para ser sem,
com, —
a bazófia
bem estrumada e espelhada
no cu de uma puta
morta e desejada.

Desejada, digo,
porém sem soltar o suco
das esquírolas
brancas, lambidas

(montes de muco,
a saliva)

a saliva
de sua dentadura postiça.

Com a bazófia
é possível livrar-se
dos *ratos do incondicionado*.

Que não sentiram jamais
que

a não forma,

o fora de lugar
da raiva sem condição,
chamada *o sem-condição*,
a interferência da ação,

a transferência pro deportação;

o restabelecimento fora do corte,

o corte dos tamponamentos;

finalmente o cimento
no não-fora,
a imposição do afora que dorme,
como um adentro, estourado das latrinas
do canal de onde cagamos a morte,

não equivalem às descamações
da concha de uma jovem morta

quando a jovem que a usa
mija de modo abortivo
sua urina

para atravessar
a sífilis.

*1896-1963 / Romênia / TRISTAN
TZARA*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Oeuvres complètes, I e II (Paris, Flammarion, 1975 e 1978).

ÁGUA SELVAGEM

os dentes famintos do olho
cobertos de fuligem de seda
abertos à chuva
o ano todo
a água nua
escurece o suor da fronte da noite
o olho está encerrado em um triângulo

o triângulo sustenta outro triângulo
o olho em velocidade reduzida
mastiga fragmentos de sonho
mastiga dentes de sol dentes carregados de sonho

o barulho ordenado na periferia do resplendor
é um anjo
que serve de fechadura à segurança da canção
um cachimbo que se fuma no compartimento de fumadores
em sua carne os gritos são filtrados pelos nervos
que conduzem a chuva e seus desenhos
as mulheres o usam como um colar
e desperta a alegria dos astrônomos

todos os tomam por um jogo de dobras marinhas
aveludado pelo calor e a insônia que o colore

seu olho se abre apenas para o meu
não há ninguém a não ser eu que tenha medo quando o vê
e me deixa em estado de respeitoso sofrimento

ali onde os músculos de seu ventre e de suas pernas inflexíveis
se encontram em um sopro animal de hálito salino
afasto com pudor as formações nubladas e sua meta

carne inexplorada que brunem e suavizam as águas mais sutis

[O ESQUECIMENTO ENTERRADO]

o esquecimento enterrado na inencontrável crença
enterrada nas marulhadas nos descampados nos frutos
leito abundante de herméticas interrogações
onde engorda taciturno o gomo do raio
o trêmulo estandarte
quando o olho já não sabe socorrer
o pássaro morre diante do trajeto sem guia
surgido das torrentes de demônios
quando a solidão saturada de olhos secretos
se enche de orgulho na vegetação
as portas batentes de tua juventude se abrem
e o amor traquina através do espesso atraso
em vão as alabardas encheram de pasmo o tropel das brumas
que a majestosa força apontava — assobia assobia serpente —
as chegadas massivas te flechavam com suas mensagens de sol
onde tanto padecimento se mesclava que a luz
parecia coroar a incestuosa recordação

[A CABEÇA SOBE RODEADA]

a cabeça sobe rodeada de ecos sobre o rasto dos bramidos
fumegantes
que os vulcões sulcaram ao longo das migrações de prospectores
ali em cima onde tudo não é mais do que pedra
e frágil gorjeio de sóis inconsolados seguido
o anêmico viaduto desemboca no funil de cal do vale
engravatado de pórticos
e a fauna metálica formiga amargamente no mar de mofo e de
peles

[O TEMPO DEIXA CAIR]

o tempo deixa cair pequenas polegadas atrás de si
sega as finas moléculas nas pradarias de água

domina as bolsas de ar atravessa sua selva
corta o verme da onda e de cada metade nasce repleta de luz a
borboleta
no vulcão se enlaça ao longo de uma nota de violino
cacheia o corte errante do vidro nas finas horas de
transparência
ali onde nossos sonhos revolvem o cantarolante manjar de luz

*MENTIRA DE UMA NOITE BELA COMO UMA
MULHER*

mentira de uma noite bela como uma mulher
todos envelhecemos junto a seu leito de sangue
bela e ainda mais bela ao mesmo tempo da chama
não saberia engalanar noitadas mais rústicas

no fruto que amadurece te encerrei inteira
é minha vida com as bestas vorazes do riso
e a morta se fez voz no eco do espelho
onde se grava o alfabeto de vossos olhos oh desconhecidas

nova e ainda mais bela a relva doce do sorriso
na elevada fonte de braços estendidos para teu zênite
não foi mais do que um grito limite de ar
e a onda desfeita em alegria

quanto demora um tempo carregado de perdões
afundado no porto que já não abordaremos

o sol me esqueceu afora
de vinho claro

*1896-1966 / França / ANDRÉ
BRETON*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Poèmes (Paris: NRF, 1948) e *Poemas* (Montevideo: Ediciones
Trilce, 1992 — tradução de Armando Rojas).

*LUA DE MEL*¹

Aonde conduzem as inclinações recíprocas? Existem uns ciúmes mais emocionantes que outros. A rivalidade de uma mulher com um livro, com prazer passeio nessa escuridão. O dedo contra a fronte não é o cano de um revólver. Creio que nos escutávamos pensar, porém o maquinal “Nada”, que é o mais altivo de nossa recusa, não será pronunciado ao longo da viagem de núpcias. Sob a altura dos astros não há nada para mirar fixamente. Qualquer que seja o trem é perigoso mostrar-se pela portinhola. As estações estavam claramente repartidas em um golfo. O mar, que para o olho humano não é tão belo como o céu, não nos abandonava. Ao fundo de nossos olhos se perdiam belos cálculos orientados ao porvir como os das muralhas das prisões.

UMA E MIL VEZES

A Francis Picabia

Ao amparo das pisadas que na tarde alcançam uma torre
frequentada por signos misteriosos em número de onze
A neve que tomo em minha mão e que se dissolve
Esta neve que adoro sonha e sou um desses sonhos
Eu que só concebo o dia e a noite a estrita juventude necessária
São dois jardins nos quais passeiam minhas mãos que nada
têm que fazer
E enquanto os onze signos descansam
Tomo parte no amor que é um mecanismo de cobre e de prata
nos caniços
Sou uma das mais delicadas engrenagens do amor terrestre
E o amor terrestre oculta os outros amores
À maneira dos signos que ocultam meu espírito
Uma facada perdida assobia no ouvido do pedestre

¹ Em colaboração com Philippe Soupault. Obra consultada: *Les champs magnétiques* (Paris: Au Sans Pareil, 1920).

Desfaço o céu como um leito maravilhoso
Meu braço pende do céu com um rosário de estrelas
Que desce dia após dia
E cuja primeira conta vai desaparecer no mar
No lugar de minhas cores viventes
Logo não haverá mais do que a neve sobre o mar
Os signos aparecem na porta
São de onze cores diferentes e suas dimensões respectivas os
fariam morrer de piedade
Um deles tem por obrigação baixar-se e cruzar os braços para
entrar na torre
Ouço o outro arder em uma região florescente
E aquele cavalo na indústria na escassa indústria montanhosa
Parecida com o jumento que se alimenta de trutas
Os cabelos os longos cabelos manchados
Definem o signo que porta o escudo duas vezes ogival
Desconfiem da ideia que fazem girar as enxurradas
Minha construção minha bela construção página a página
Casa feita necessariamente de vidros a céu aberto a chão
totalmente aberto
É uma falha na rocha suspensa por uns anéis na vareta do
mundo
É uma cortina metálica que se atira sobre inscrições divinas
Que vocês não sabem decifrar
Os signos não tocaram ninguém além de mim
Irrompo na desordem infinita das súplicas
Vivo morro de um extremo a outro desta linha
Linha estranhamente medida que une meu coração ao
parapeito de sua janela
Através dela me comunico com todos os prisioneiros do
mundo

NÃO HÁ LUGAR

Arte dos dias arte das noites
A balança para feridas que se chama Perdão
Balança vermelha e sensível ao peso de um voo de pássaro

Quando as amazonas de pescoço de neve com as mãos vazias
Empurram seus carros de vapor sobre os prados
Vejo essa balança perpetuamente enlouquecida
Vejo a íbis cortês
Que regressa do tanque atada ao meu coração
As rodas do sonho enfeitiçam as marcas esplêndidas
Que se erguem muito alto sobre os caramujos de suas vestes
Enquanto o assombro brinca de cá pra lá sobre o mar
Sal meu querido amanhecer não esqueças nada de minha vida
Toma essas rosas que brotam dos poços dos espelhos
Toma o palpitar de todos os cílios
Toma até os fios que sustentam os passos
Dos acrobatas e das gotas de água
Arte dos dias arte das noites
Eu estou na janela muito distante de uma cidade cheia de
 espanto
Lá fora homens com cartola passam em intervalos regulares
Parecidos com as chuvas que eu amava
Quando fazia bom tempo
“À ira de Deus” é o nome de um cabaré
Em que entrei ontem
Está escrito sobre a frente branca com letras mais pálidas
Porém as mulheres-marinhas que deslizam por trás dos cristais
São demasiado felizes para ter medo
Aqui nada de corpos do delito sempre o assassinato sem
 provas
Nada de céu sempre o silêncio
Nada de liberdade mas sim para a liberdade.

[O marquês de Sade...]

O Marquês de Sade retornou ao interior do vulcão em erupção
De onde havia saído
Com suas belas mãos ainda franjadas
Seus olhos de moça
E essa razão à flor de salve-se-quem-puder que não foi
Senão sua

Mas do salão fosforescente com lâmpadas de vísceras
Não parou de lançar ordens misteriosas
Que abrem uma brecha na noite moral
Por esta brecha vejo
As imensas sombras rangentes a velha casca minada
Dissolver-se
Para me deixar te amar
Como o primeiro homem amou a primeira mulher
Em plena liberdade
Esta liberdade
Pela qual o próprio fogo se fez homem
Pela qual o Marquês de Sade desafiou os séculos com suas
grandes árvores abstratas
De trágicos acrobatas
Aferrados ao fio da Virgem do desejo

1897-1917 | França | GUILLAUME
APOLLINAIRE



Poemas traduzidos por Éclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Le bestiaire ou Cortège d'Orphée* (1911), *Alcools* (1913) e *Calligrammes* (1918).

A TARTARUGA

Da Trácia mágica, ó delírio!
Meus dedos seguros soam a lira.
Os animais passam aos sons
De minha tartaruga, de minhas canções.

A CABRA DO TIBETE

Os pelos dessa cabra e mesmo
Aqueles de ouro pelos quais teve tanto labor
Jasão, não valem nada ao preço
Dos cabelos por que tenho tanto apreço.

A SERPENTE

Tu te obstinas pela beleza.
E que mulheres foram
Vítimas de tua crueldade!
Eva, Eurídice, Cleópatra;
Conheço delas mais um trio ou uma quadra.

ORFEU

Olhem esse tropel infecto
De mil patas, de cem olhos:
Rotíferos, ácaros, insetos
E micróbios mais maravilhosos
Que as sete maravilhas do mundo
E o palácio de Rosamunda!

O POLVO

Lançando sua tinta aos céus,

Sugando o sangue do que o afeiçoa
E achando-o delicioso,
Esse monstro inumano, sou eu em pessoa.

A CARPA

Em vossos viveiros, em vossos lagos,
Carpas, que vós vivais tempos largos!
Será que a morte vos esquece um dia,
Peixes da melancolia.

ORFEU

A fêmea do alcião,
O Amor, as volantes Sereias,
Sabem rumas de mortal canção
Perigosas e inumanas.
Não ouçam essas aves malditas,
Mas os Anjos do paraíso.

AS SEREIAS

Sei eu donde provém, Sereias, vosso tédio
Quando vós vos lamentais, no largo, noite dentro?
Mar, sou como tu, repleto de vozes maquinadas
E meus bateis cantantes se chamam os anos.

AS MULHERES

Na casa do vinhateiro as mulheres cerzem
Lenchen enche o fogão e põe a água do café
Em cima — O gato se estira após ter-se aquecido
— Gertrude e seu vizinho Martin enfim se casam

O rouxinol cego tentou cantar
Mas a revoada ululante ele tremeu em sua gaiola
Aquele cipreste ao longe parece um papa em viagem
Sob a neve — O carteiro acaba de parar

Para conversar com o novo professor da escola
— Este inverno está muito frio o vinho será muito bom
— O sacristão surdo e manco está moribundo
— A filha do velho burgomestre borda uma estola

Para a festa do pároco A floresta
Graças ao vento cantava em voz grave de grande órgão
O sonho Herr Traum veio com sua irmã Frau Sorge
Kæthi tu não acomodaste bem essas meias

— Traga o café a manteiga e o pão em fatias
A geleia o unto um pote de leite
— Mais um pouco de café Lenchen por favor
— Até parece que o vento diz frases em latim

— Mais um pouco de café Lenchen por favor
— Lotte estás triste Ó coraçãozinho — Acho que ela está
amando
— Deus guarde — De minha parte só amo a mim mesmo
— Psss Agora vovó vai desfiar seu rosário

— Quero açúcar refinado Leni estou tossindo
— Pierre leva seu furão para caçar coelhos
O vento fazia dançar em roda todos os pinheiros
Lotte o amor deixa triste — Ilse a vida é doce

Caía a noite Os vinhedos de cepos torcidos
Tornavam-se na escuridão ossários
Em neve e redobrados jaziam lá sudários
E cães latiam para os passantes aborrecidos

Ele morreu escutem O sino da igreja

Soava tão suavemente a morte do sacristão
Lise é preciso atizar o forno que se apaga
As mulheres se apontavam na noite indecisa

CARTA-OCEANO

Atravesso a cidade nariz para a frente e a corto em 2
Eu estava à beira do Reno que partiste para o México
Tua voz me alcança apesar da enorme distância
Gentes de cara feia sobre o cais em Vera Cruz

Juan Aldama – Correos – Mexico – 4 centavos – U.S. Postage 2
cents 2

REPUBLICA MEXICANA TARJETA POSTAL

11 45 29-5 14 Rue des Batignolles

Os viajantes da Espanha tendo que fazer a viagem de

Coatzacoalcos para

embarcar eu te envio essa carta hoje em vez de aproveitar o
correio

de Vera Cruz que não é seguro. Tudo está calmo aqui e
estamos à

espera dos acontecimentos.

T S F

Na margem esquerda diante da ponte de Iena

Pare cocheiro

Viva el Rey

Evviva il Papa

caramba meu velho pad

não se você tem um bigode

A Tunísia tu fundas um jornal

Jacques era delicioso

Abaixo a calota

Vi milhares e milhares de chaves

Hou o crocante

Viva a República

Zás para o Sr. Zun

BOM-DIA A NOMO A NORA

TU NÃO CONHECERÁS JAMAIS BEM OS
MAYAS

Tu te lembras do terremoto entre 1885 e 1890
as pessoas deitaram mais de um mês debaixo da tenda
BOM-DIA MEU IRMÃO ALBERTO NO MÉXICO
Moças de Chapultepec
Altitude de 300 metros
Sereias ou ou ou ou ou Hou Hou Hou
Ônibus ro ro ro ro ting ting ro o mudança de seção ting ting
Gramofones z z z z ou ou ou o o o o o o
o o o o de vossos jardins floridos fechai as portas
Os sapatos novos do poeta
cré cré cré cré cré cré cré
rua St-Isidoro em Habana isso não existe +
Chirimoya
Ao creme ao
Pendeco é + que um imbecil
ele chamava o índio Hijo de la Cingada
prietário de 5 ou 6
levantei-me às 2 h. da manhã e já bebi um mouton
O cabograma comportava 2 palavras EM SEGURANÇA
Vamos circulem Meus
tura os viajantes para lula
Todos são Luca está agora em Poitiers
e como eu gastei o couro dos vagões

O PORVIR

Vamos erguer a palha
Olhar a neve
Escrever cartas
Esperar ordens

Vamos fumar o cachimbo
Sonhando com o amor
Os gabiões estão aqui

Vamos olhar a rosa

A fonte não secou
Nem o ouro da palha se ofuscou
Vamos olhar a abelha
E nem sonhemos com o porvir

Vamos olhar nossas mãos
Que são a neve
A rosa e a abelha
Bem como o porvir

NOITE RENANA

Minha taça está cheia de um vinho trêmulo como chama
Escutem a canção suave de um barqueiro
Que conta haver visto sob o luar sete damas
Torcer seus cabelos verdes e longos até os pés

De pé cantem mais alto dançando uma roda
Até que eu não ouça mais o canto do barqueiro
E ponha junto a mim todas as moças loiras
De olhar imóvel de tranças redobradas

O Reno o Reno é ébrio onde as vinhas se miram
Todo o ouro das noites cai tremendo para nele se refletir
A voz canta sempre em estertor de morte
Essas fadas de cabelos verdes que o encantam o estio
Minha taça se partiu como uma explosão de riso

*1897-1939 | Espanha | AGUSTÍN
ESPINOZA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Lancelot 28º. 7º (1928) e *Crimen y otros textos*, edición de
Manuel Almeida (Canarias: Biblioteca Básica Canaria, 1990).

ELOGIO DA PALMEIRA COM VENTO

Bem – palmeira com vento de Lanzarote –; bem.
Tinhas inveja dos moinhos e dos girassóis. Roletas e carrosséis. Dos astros com sistemas e das viagens de circunvolução. Das hélices. Dos discos de gramofone. Das rodas azuis das fábricas. De tudo que gira, de tudo que volteia incansável, tinhas inveja.

Bem – palmeira com vento de Lanzarote –; bem.
E por isto chegaste a Lanzarote, ilha de vento perene: ilha de alíseos. Nela plantaste tua barraca. E agora superaste todas as antigas invejas: dos moinhos de vento e dos girassóis; das roletas e dos carrosséis: dos astros com sistema; das viagens de circunvolução; das hélices, dos discos de gramofone; das rodas azuis das fábricas. És a primeira entre todas as coisas que aprenderam a arte da cambalhota ao redor de um ponto absoluto.

Agora és tu – palmeira com vento de Lanzarote – a invejada. Por tua cor alegre. Por tua honestidade. Por seu amadorístico significado.

Deixas que teus braços verdes girem sob o vento. Exerces uma esportividade pura. És – hoje – a única hélice, o único carrossel e a única roleta que gira apenas por girar.

Bem – palmeira com vento de Lanzarote –; bem.

ODE A MARIA ANA, PRIMEIRO PRÊMIO DE AXILAS POR DEPILAR DE 1930

[fragmento]

Falemos de Maria Ana e suas axilas por depilar.
Falemos também do Destino.
Agustín Espinosa, construtor de esgotos de sonhos adversos.
Agustín Espinosa, colecionador de lírios inumeráveis.
Enamorados de Maria Ana.
Jinetes de seu sexo único.
Maria Ana, vacilante entre os dois Agustins.

Teria de acabar a empresa rompendo amizades, como nas canções antigas: EIS AQUI QUE É TUA A ROSA, VENCEDOR? Porém deixar 3.114 pelos mal-acostumados, para inventar 489 + 489 pelos esquecidos – para descobri-los – era já coisa de aventuras de agora.

Maria Ana não havia comprado nunca lâminas Gillette.

Maria Ana tinha 489 pelos na concha de cada uma de suas axilas.

E foi o que viram colecionador e construtor de esgotos.

Unicamente por seus próprios ventos eram então um e outro governados.

FAÇANHA DE UM CHAPÉU

Um chapéu era o protagonista deste divino sonho divino inenarrável.

Do andar demasiado alto de uma casa em obras eu o vi caído no meio da rua, esperando firmemente a hora próxima de um encontro exato. Ele estava prestes a perecer várias vezes sob inúmeras rodas de carro. A brisa da noite o libertou de uma ponta de cigarro que havia concluído a perfuração da asa. Uma saliva caiu tão próxima dele, que o salpicou, embora de modo bastante leve. O fino sapato de camurça de uma jovem loira lhe roçou bem levemente, e eu vi o chapéu estremecido até o copo dolorido de um sexo formado como que por associação de úlceras recentes.

Anoitecia, quando surgiu em uma esquina um homem com a cabeça descoberta. Apressado atravessou a rua, e ao passar pelo chapéu se agachou dissimuladamente, o recolheu do chão e o pôs lateralmente em sua orelha esquerda. E logo se perdeu mais abaixo, em meio à multidão constituída àquela hora exclusivamente por funcionários e operários recém-saídos do trabalho.

Saltei até a varanda, a tomei pelo braço, e saímos juntos, sem que uma só palavra se metesse entre nós.

Ele a levava pela mão como se fosse uma menina de seis anos, quando tinha mais de quarenta. Ele a erguia nos bondes sem

maior esforço; e a arrastava, mais do que a acompanhava; porque apesar de sua indiscreta obesidade, era tão baixa, que não pesava – ou ao menos isto me parecia – quase nada.

Assim caminhamos por várias horas através da cidade.

Ao final de uma rua, pequena, porém bem larga, que, sobretudo àquela hora, tomava ares provincianos de praça, estava a chapelaria que procurava.

Eu o reconheci rapidamente, por sua cara de suicida e por uma imperceptível queimadura de cigarro junto ao laço. Ela se opunha a usar aquele chapéu de homem, alegando que era um chapéu de homem. Eu tratei inutilmente de convencê-la do arbitrário de uma teoria que queria diferenciar sexos já bem diferenciados. Abusando unicamente de minhas forças, consegui lhe por o chapéu, que, como lhe estava um pouco estreito, congestionava cruelmente o rosto e lhe destacava ainda mais as rugas da frente.

Eu devo ter lhe causado muito dano, porque ao sairmos da chapelaria ela chorava.

Ao amanhecer do dia seguinte foi encontrado em uma alameda na periferia o cadáver de uma menina de seis anos. Usava um chapéu de homem, preso por um grosso alfinete, que, perfurando seus dois parietais, lhe atravessava a massa encefálica.

*1897-1962 | França | GEORGES
BATAILLE*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
L'archagélisque et autres poèmes (Paris: Gallimard, 2008).

O VAZIO

Chamas nos rodearam
sob nossos passos se abriu o abismo
um silêncio de leite de gelo de ossos
nos envolvia como um halo

és a transfigurada
meu destino te rompeu os dentes
teu coração é um soluço
tuas unhas encontraram o vazio

falas como o riso
os ventos alisam teu cabelo
a angústia que o coração oprime
precipita tua zombaria

tuas mãos detrás de minha cabeça
não agarram senão a morte
teus beijos rentes não se abrem
senão à minha pobreza de inferno

sob o sórdido baldaquim
de onde pendem os morcegos
tua maravilhosa nudez
não é mais do que uma mentira sem lágrimas

meu grito te chama no deserto
para onde não queres vir
meu grito te chama no deserto
onde se cumprirão teus sonhos

tua boca selada à minha boca
e tua língua em meus dentes
a imensa morte te acolherá
cairá a imensa noite
então terei feito o vazio
em tua cabeça abandonada

tua ausência estará nua
como uma perna sem meias

esperando o desastre
em que se extinguirá a luz
eu serei suave em teu coração
como o frio da morte.

[ATÉ AS BOTAS NOS OLHOS]

Até as botas nos olhos
até as lágrimas do barro
até as mãos inflamadas de pus
conduz o caminho do desafio

dos longos estertores da tumba
onde assobiou uma morte sem ar
e da ausência de esperança
nasce a estrela da nuvem

[SONHAVA ALCANÇAR A TRISTEZA DO MUNDO]

Sonhava alcançar a tristeza do mundo
na beira sem esperança de um estranho pântano
sonhava com espessas águas onde recobriria
os caminhos perdidos de teu beijo profundo

senti entre minhas mãos um animal imundo
que escapara da noite de uma selva de espanto
e soube que era o mal de que tu morrias
o que entre risos chamo a tristeza do mundo
uma luz louca um fulgor de estrondo
um riso libertando tua extensa nudez
um imenso esplendor ao final me iluminaram
e vi a tua dor como uma caridade
irradiando na noite a extensa forma clara

e o grito de tumba de tua infinidade.

ORESTIA

Orestia
orvalho celeste
cornamusa da vida

noites de aranhas
de inumeráveis obsessões
inexorável jogo de lágrimas
oh sol em meu peito lenta espada da morte

descansa sobre meus ossos
descansa o relâmpago és
descansa víbora
descansa coração meu

os rios do amor se tingem em sangue
os ventos despentearam meu pelo de assassino

Fortuna oh pálida divindade
riso do relâmpago
sol invisível
retumbando no coração
fortuna desnuda

fortuna de cumpridas meias brancas
fortuna de anágua de encaixes

POEMA

Minha língua inchada como um pau
Em tua garganta rósea de amor.
Minha vulva é minha carnificina
O sangue vermelho banhado de esperma

O esperma nada no sangue.
Em minhas meias de cor malva um perfume de maçã
O panteão do pau majestoso
A bunda de cadela aberta
À santidade da rua.
O amor peludo de minha perna um panteão de esperma
Durmo a boca aberta à espera
De um pau que me afogue
De uma esporrada enjoativa de esporrada pegajosa.
O êxtase que me enraba é o mármore
Do cacete manchado de sangue.
Para me entregar às pombas
Pus
Meu vestido que parte a alma.

1897-1982 | França | LOUIS
ARAGON



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Poésies (Paris: Le Club du Meilleur Livre, 1960) e *Habitaciones*
- *Poema del tiempo que no pasa* (Madrid: Ediciones Hiperión,
1982 — edição bilíngue, tradução de Gabriel Albiac).

PESSOA PÁLIDA

Mais mísero do que as pedras
Triste a mais não poder
o homem esquálido
o atril teria querido aniquilar-se
Que frio O vento me penetre no lugar
das folhas
das orelhas mortas
Apenas como espernear para afugentar o frio
com que pé iniciar a semana
Um silêncio que nunca acaba
Nem uma palavra terna para enganar o inverno
A sombra da alma do amigo A escritura
Tão somente as senhas
Meu sangue daria uma única volta
Os sons se perdem no espaço,
como dedos congelados.
Nada mais
que um patim abandonado no gelo
O fulano
Através dele se vê o dia

CARLITOS MÍSTICO

O elevador descia sempre até perder o fôlego
e a escada subia sempre
Esta dama não entende o que se fala
é postiça
Eu que já sonhava com lhe falar de amor
Oh o dependente
tão cômico com seu bigode e suas sobrancelhas artificiais
deu um grito quando eu os puxei
Que raro
O que vejo Essa nobre estrangeira
Senhor eu não sou uma mulher leviana
Ui a feia

Por sorte nós
temos valises de pele de porco
a toda prova
Esta
Vinte dólares
E contém mil
Sempre o mesmo sistema
Nem medida
nem lógica
mal tema

[EU RETORNO AO QUARTO]

Eu retorno ao quarto Um quarto Não importa qual Não
Não importa qual a não ser
Este não sei onde ou não sei quando a não
Ser este em um sombrio hospital no campo onde as árvores
Cegam a janela verdes e negras um
Quarto em que tudo é pó passado noite nada
Se põe em pé nem as cadeiras nem
O criado-mudo um castiçal o tapete inclinado
E a alta cama de edredons desgastados com a colcha branca
Sua franja de pompons arrancados

Como nós tivemos pelo menos eu este quarto
Amei

Quando então em que século em que ano
Tudo como um relógio imóvel do qual é possível dizer a hora e
o minuto porém
Qual século qual estação
Nós sabemos bem

Teus sapatos juntos a uma poltrona inquietos
A roupa caída pelo chão
Tudo não é mais do que um murmúrio enorme no limite do ser
Um louco e doce cansaço na beira do sonho

Alguém fala lá fora e isto é o silêncio

Talvez alguma vez eu pensei talvez
Voltaremos a recordar este quarto em outro lugar
Não importa onde amor meu fora do mundo
Pensei voltaremos a recordar Em uma cidade de clamores À
 beira de uma praia em que o mar lentamente morre
Em um país de sol violento em vidros vermelhos
Em algum lugar da Alemanha ou nesse país de estátuas
No limite dos bosques Eu pensei
E aqui hoje estou novamente sentindo a queda
Na profundidade do leito antigo de uma pedra e muito longe

[TODOS OS QUARTOS]

Todos os quartos de minha vida
Terão me estrangulado entre seus muros
Aqui os murmúrios se afogam
Os gritos se rompem

Aqueles em que vivi sozinho
Com grandes corredores vazios
Aqueles
Que guardavam seus espectros vazios
Os quartos da indiferença

Os quartos da febre e aquele que
Eu havia instalado com a finalidade de ali morrer friamente
O prazer alugado As noites estrangeiras

Há quartos belos como feridas
Há quartos que pareceriam triviais
Há quartos de súplicas
Quartos de luz baixa
Quartos dispostos a tudo exceto à felicidade
Há quartos que para mim estarão sempre de meu sangue
Salpicados

Em todos os quartos chega um dia em que o homem neles se
Esfola vivo
Em que cai de joelhos pede piedade
Balbucia e se emborca como um vaso
E sofre o espantoso suplício do tempo
Derviche lento é o tempo redondo que gira sobre si mesmo
Que observa com olho circular
O esartejamento de seu destino
E o ruído mínimo de angústia que precede as
Horas as meias
Jamais sei se o que vai anunciar é a minha morte
Todos os quartos são salas de justiça
Aqui conheço minha medida e o espelho
Não me perdoa

Todos os quartos quando finalmente adormeço
Lançaram sobre mim o castigo dos sonhos

Pois não sei o que é pior se sonhar ou viver

*1897-1990 | França | PHILIPPE
SOUPAULT*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poèmes et poésies 1917-1973 (Paris: Grasset, 1973).

*AS FÁBRICAS*²

Os animais estrangeiros e os industriais generosos pertencem
ao mesmo círculo
A avenida dos beijos
Doença dos jovens
Os papéis da parede dos tetos das jaulas e dos circos
Oficinas das salvações
Uma dança rápido uma dança
A química delicada
Joguem os dados
Um homem ao mar
Um homem passa quero vê-lo
Corre azul mais azul que meus dedos gelados mancha dos
trilhos
As ferrovias as usinas
O ferro arde
A madeira
O tabaco das prisões mãe dos sonhos
Um bar pracinha galhardia doentia
Quinta-feira quinta-feira
Dêem as mãos a cabeça das árvores
Calma dos sóis
Corpos compostos sais
Caminhões tragam os resultados
As sombras nossas amigas
Um general manda sobre algumas mãos
Os belos relógios

CREPÚSCULO

Um elefante em sua banheira
e três crianças que dormem
singular singular história
história de sol poente

² Em colaboração com André Breton, *Les champs Magnétiques*, 1920.

DOMINGO

O avião tece os fios telegráficos
e a fonte canta a mesma canção
No encontro dos cocheiros o aperitivo é alaranjado
porém os maquinistas das locomotivas tem os olhos brancos
a senhora perdeu seu sorriso nos bosques

EM DIREÇÃO À NOITE

É tarde
na sombra e no vento
um grito sobe com a noite
Não espero ninguém
ninguém
sequer uma lembrança
Há tempo que a hora já passou
porém esse grito que leva o vento
e empurra para adiante
vem de um lugar que está muito além
por cima do sonho
Não espero ninguém
porém aqui está a noite
coroadada pelo fogo
dos olhos de todos os mortos
silenciosos
E tudo o que devia desaparecer
todo o perdido
há que voltar a encontrá-lo
por cima do sonho
em direção à noite

ÚLTIMOS CARTUCHOS

A noite tem olhos sem pupilas
e mãos cumpridas
Que bom tempo faz
Há uma estrela vermelha
e longas serpentes noturnas
Faz bom tempo
É necessário gritar para não estar triste
as horas dançam
É necessário rugir para não matar
para não morrer cantando
para não avermelhar de vergonha
e de raiva
Nada melhor do que ir embora
pegar a bengala
e caminhar
Quando alguém esgota os nervos
e se enfurece
Que bom tempo faz
os sinos repicam para os defuntos
e pela glória das armas
tudo tem que voltar a começar
Apesar da escuridão vejo
como caem cabeças no cesto
sob o golpe da guilhotina
diviso afogados que flutuam
e enforcados que se balançam
Ouvimos gritos nos hospitais
Que bom tempo faz
Alguém se olha no espelho
por prazer
e se acha realmente feio
porém pensa em outra coisa
para não desesperar
O que se vê
realmente
o que se vê

O cemitério é encantador
há flores coroas
cruzes e inscrições
Que bom tempo faz
O que se ouve
o sol toca o clarim
nas portas dos cafés
é a batalha definitiva
a cidade morre ao som das rãs
e as flores caem
severamente
como árvores desenraizadas
Aqui estão os homens
estão tão pálidos como os vivos
usam gravatas vermelhas
bengalas com ponteiros de chumbo
e jornais de todas as cores
Eles param
e jogam
cara ou coroa
Cada vez faz melhor tempo
Bandeiras e música adiante
inclinamos a cabeça
porque cada vez estamos mais
sós
pálidos
feios
Temos que reiniciar a marcha
com cara ou coroa com riso de vinho e licores
Os cafés estão pavesados
como os sorrisos das cortesãs
avancemos sempre
logo saberemos o que há pela frente
Realmente faz muito bom tempo

*1898-1957 | Bélgica | PAUL
COLINET*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Le Histoires de la Lamp* (1942), *La Manivelle du Chateau* (1954).

VERÃO

Uma vez esgotado com a poeira branca nas estradas
e mirtilos na madeira, o grande verão, desorganizado
e fraco, é puxado através do telhado, através de
seu salão de vime em forma de um aro líquido. Agora, é
negligenciado: ovos de formiga entopem o nariz
e uma barba dolorida os empurra até os entalhes de seus
olhos,
uma barba de ramos apodrecidos que se chama outono.

MERISSETTE

Qual era a questão? Uma respiração de cabelo, em tudo.

Uma árvore pegando fogo, uma lagoa de mau humor,
um orvalho polvilhado como uma governanta embalado para
dormir por arbustos de groselha.

Qual era mesmo a questão? Uma linha minúscula. Pequena
figura
compacta, Merisette nua.

NUVENS

Quando o coração do amanhecer começa a bater, as altas
e pequenas nuvens descem para o desjejum nas árvores.

*

Atrás das nuvens mascaradas que tocam o grande tambor,
nuvens
reais, travadas e ainda em sonhos, são logo silenciadas.
Elas são a memória do céu.

*

Cansada de vagar sozinho no céu sem estrada, uma nuvem escura foi morrer na floresta.

ANOITECER

A mãe do vendedor de jornais chora um pouco, sem acender a luz. E ele, no sótão, derrama querosene em alguns papéis. Ele é um livre-pensador.

Sua irmã é piedosa. Ela perdeu os cabelos no ano da febre tifoide. Ela é governanta do asilo Jolimont.

CASOS SEMELHANTES

Um deles seria cansado, o outro também, mas corporalmente.

O homem cansado não fazia absolutamente nada. Já o outro parecia agir da mesma forma, embora envolvido em várias tarefas. O homem que não fez nada era casado. O outro também, com a pequena diferença, entretanto, de haver permanecido estritamente celibatário. Como marido ele vivia sozinho, em companhia apropriada. O outro também viveu só, mas em uma promiscuidade com cerca de três mil pessoas. Ambos pertenciam à sociedade secreta de casos semelhantes.

PARÁBOLA

A casa branca é toda preta. A casa preta é toda branca. Elas habitam a mesma fábula. Elas naturalmente se parecem.

O nome delas é paciência. Elas contemplam sua

paisagem. Elas se abrem para fechar.

Elas são vestidas separadamente. Elas vivem uma na outra.
Elas mantêm distância de grandes estrelas. E nunca trocam
de lugar.

*1898-1978 / FRANÇA / VALENTINE
PENROSE*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra contutada:
Œuvres completes (Éd. Joëlle Losfeld, Paris, 2000).

[ONDE ESTÁS QUE RECOMEÇAS]

Onde estás que recomeças
teus cabelos como um ramo
sustentando os globos e as copas?

A flor de sol murcha
eu te ofereci as rendas verdes
e saltaste até o único coração necessário
sem girar ou vacilar
sem erro
quieta

em meio ao sangue da luz.

A FRANCESCA

Mãos doces não-me-esqueças no gatilho dos fuzis
luto e me prosterno
diante dos mortos em teus cabelos como foices
tu, cantora dos ossos profundos de marinheiros dos soldados

*[CUIDADO COM AS MULHERES CUJAS IRMÃS SÃO
BELAS]*

Cuidado com as mulheres cujas irmãs são belas
Cuidado com as putas cujas amantes são belas
no gentio onde nossos olhos
trocam seus olhares
estéreis

[VAMOS AOS CONFINS ONDE O SOL É FRIO]

Vamos aos confins onde o sol é frio

Onde seja impossível ingressar na paisagem
Das coisas que virão desconcertadas umas firmes outras
Eles falam conjeturam
Nunca houve nada tão enfeitado. Adeus minha bem amada
Tua mulher de clamores está na paisagem
Adeus, Ruiva.

*

vem dormir comigo no leito desses ancestrais
Onde foram forjados os brios de tua beleza viva.
Regressa, oh absorvente. Ante os véus de tuas ancas
Onde me ajoelho
Como ninguém antes rogou
Eu rogo a ti que me deixes dormir e misturar-me com os
tempos.

*

Oh Ruiva! Isto que saboreamos da feliz forma vivente
Esta morte abundante esta noite conjurada
Demasiado estendida hoje para minha solidão.

NOITE

Retornará a noite de inverno
Para estender-me a teu lado.
As fachadas beberão austeras
O clarão de lua e sua luz
Será expulsa de nossos beijos e braços.

O quarto jaz solitário com as cortinas baixas
Jazes tu sozinha com os olhos baixos
O clarão de lua é o clarão de teus braços
A noite traz sua nave imperturbada.

*1898-1980 | França | LISE
DEHARME*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Cahier de curieuse personne (Éditions des Cahiers Libres,
1933).

A CAIXA VAZIA

Perdi
o livro de mina vida
numa noite
em que esqueceram
de deixar um lápis apontado
ao lado de minha cama

[HOJE PELA MANHÃ]

Hoje pela manhã
eu comi:
uma borracha
um sextante de grãos de beleza (de luares)
algumas sementes saudáveis
purê
língua de gato
dois relógios banhados de chocolate
o rabo de um rato
salgado com o sal de uma clepsidra (salteada)
alguns pelos de anjo
e uma laranja

NINHO DE AMOR

Uma casa pequena
do tamanho de um lenço
aonde irei para de dar boas noites
meu amor
e bons dias
todos os dias.

Seremos felizes
como aqueles
que saem da prisão.

[A PEQUENA GAROTA DA FLORESTA]

Certa vez uma pequena garota
vestida com farrapos,
ela tinha apenas uma ideia
na profundidade do desespero,
uma ideia de morrer
na Floresta Negra.

Isto é tudo por esta noite.

CURIOSO

Teus cabelos são aranhas pretas e arranhadas
tua testa um deserto de areia loira
teu nariz uma onda de som
teus dentes estão com fome
tua boca está bem
teu queixo
uma colina afiada
mas teus olhos são duas crateras
de lava e abismos abertos
povilhadas com faíscas e fogo
Teus olhos são dois mundos perdidos

1898-1984 | Brasil | RAUL BOPP



Obra consultada: *Poesia completa de Raúl Bopp* (São Paulo: Edusp, 1998 — organização de Augusto Massi).

MÃE-FEBRE

Mãe-febre bebeu os meus olhos selvagens.
E ante este charco e esta selva de sobranceiras espessas que
me espiam,
Grita de novo no meu sangue uma nostalgia de bárbaro.

De um lado, um resto de terra, esmagada e negra
E um longínquo rumor de igarapés afogados.
De repente, no fundo da floresta, um baque:
É um pedaço de árvore que se suicida.

Agarro-me aos altos galhos magros,
Com horror deste pântano, elástico e podre.
Lá adiante, o mangue, de raízes iradas, mordendo a lama,
Dá-me a impressão de uma floresta de esqueletos.

Atrás das velhas árvores desconfiadas,
Andam salteadores cochichando, com intenções de crime.

Adoecem os horizontes...

Crescem, dentro da tarde, sombras longas
Como uma ameaça.

No hálito morno do charco,
Anda a Mãe-febre, semeando essências para delírios lúgubres.

Sinto, em silêncio, a pulsação da terra.

Dançam na minha sede, longos círculos elásticos,
Como se houvesse um grande incêndio no meu sangue.

PÂNTANO

Este pântano é uma fístula da terra.
Viscoso e fundo, escancarado num sorriso,

Dorme com um pedaço de sol no deslumbramento da lama.

Fogem-lhe as margens,
Embeçadas na gengiva enrugada e suja dos barrancos.
E além, pela extensão do alagadiço,
A água sofre uma tristeza infinita de ser pântano.

Derramam-se os céus nos horizontes esmagados.
Lá ao longe, a selva se encurva sobre a cintura da lagoa.

Entram pelos meus olhos, numa violência luminosa,
Pedacos aflitos de paisagem.

(Que mal me faz o sol
queimando ao longe a névoa onde erram visões do El-Dorado!)

Sobre as lombadas de areia, os bandos de íbis-rubra
Sangram como equimoses na epiderme da terra.
E os grandes sáurios, com um fastio de luz, sonolentos, no lodo,
Guardam a água encantada do charco.

Melhor é que a tarde role, encaroçada em nuvens de ouro,
Depois a noite se desmanche, lânguida e bárbara, como uma
noiva do pântano,
Enchendo de estrelas o palácio onde as mães-d'água dormem.

COBRA NORATO [XIII]

Solzinho infantil
cresceu engordurado e alegre

Arvorezinhas impacientes
mamam luz escorrendo das folhas

— Tire a mão daí. Não me empurre!
Ventres de floresta gritam:

— Enche-me!

Rios escondidos sem filiação certa
vão de muda nadando nadando
Entram resmungando mato adentro

Nacos de terra caída
vão fixar residência mais adiante
numa geografia em construção

Mamoranas da beira do rio sonham viagens
Derretem-se na correnteza
cidades elásticas em trânsito

O sol tinge a paisagem
Lá adiante
nadam árvores de beijos caídos
movendo os longos galhos contrariados

TAPUIA

As florestas ergueram braços peludos para esconder-te
com ciúmes do sol.

A tua carne triste se desabotoa nos seios
recém-chegados do fundo das selvas.

Pararam no teu olhar as noites do Amazonas
mornas e imensas.
E no teu corpo longo
ficou dormindo a sombra das cinco estrelas do Cruzeiro.

O mato acorda no teu sangue
sonhos de tribos desaparecidas
— filha de raças anônimas
que se misturam em grandes adultérios!

E erras sem rumo assim pelas beiras do rio
que os teus antepassados te deixaram de herança.
O vento desarruma os teus cabelos soltos
e modela o vestido na intimidade do teu corpo exato.

À noite o rio te chama.

Chamam-te vozes do fundo do mato.

Então te entregas à água
demoradamente
como uma flor selvagem
ante a curiosidade das estrelas.

FLORESTA

A floresta vem andando
como uma massa pesada e primária.

O rio atrasado ocupa as margens.
Arrebenta os barrancos. Desnivele e corrige.
Arrasta a vegetação aluvionária.

Águas assustadas se abraçam com as árvores.

Nas marés de pacoema
formam-se ilhazinhas em modelação lenta.

Quando a noite ocupa o espaço
o mato se enche de alaridos.

Chegam vozes sem nexos, gritos de “ai me acuda”.

Discutem os sapos:
— Rasto onde está o teu pai?
A floresta não gosta de ser interrogada.

O rio continua apressado, retardado,
carregando os detritos de terra caída
na sua tarefa geológica.

1899-1959 / França / BENJAMIN
PÉRET



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Feu Central (Paris: Editions K, 1947) e *El gran juego* (Madri:
Visor, 1980 — tradução de Manuel Álvarez Ortega).

PÉS E PUNHOS ATADOS

Quando o cavalo for de pedra
de pé ante a eternidade
pedirei às divindades das plantas
a capa de chuva indispensável aos viajantes eternos
Hoje me encontro no poço gelado
onde as virgens choram afogadas por suas lágrimas e a chuva
eterna
que recobre os pensamentos dos homens
suas lembranças e ambições já manchadas
por uma mão inexperiente
e incolor como a água de uma garrafa
onde no entanto vive o olho de minha amante
de cor limão e de implacável tormenta

PROVA FORMAL

Sabes morrer sem a permissão do nadador
se respondes sim
és um homem anunciado pela lei
o homem audaz de lábios de elefante
o mentiroso posto à prova a ferro e fogo
o sábio demoníaco que converterá o mundo em fios de sangue
o inferno de peixe onde cairão os seres milagrosos
que encontras a cada tarde ao sair do teatro
minas de sal
avenida decorada com flores silvestres
tormenta sexual
para dissuadir os conquistados da Grande Roda

PASSARELA DO COMANDANTE

Há que ser casto para ser bom
Há que ser velho para saber fazer
Há que ser rico para todos os tempos

Há que ser alto para olhar
Há que ser justo para situar
Há que ser bom para suportar
Há que ser redondo para medir
Há que ser terno para competir
Há que ser solitário para atuar
Há que ser dois para ser três

FALA-ME

O negro de fumaça o negro animal o negro negro
se encontraram entre dois monumentos aos mortos
que poderiam ser tomados por minhas orelhas
onde o eco de tua voz de fantasma de mica marinha
repete indefinidamente teu nome
que tanto se assemelha ao contrário de um eclipse do sol
que quando me olhas eu creio em mim
como uma planta de espora de cavaleiro em uma geladeira
cuja porta abrisses
com a esperança de ver escapar uma andorinha de petróleo
inflamado
porém dessa planta brotará uma fonte de petróleo flamejante
se assim queres
como uma andorinha
quer a hora de verão para tocar a música das tempestades
e a produz igual a uma mosca
que sonha com uma teia de aranha de açúcar
em um copo de olho
às vezes azul como uma estrela fugaz refletida por um ovo
às vezes verde como um manancial que brota de um relógio

IMPERATIVO

Temer o suor das moscas extraviadas nos bairros em
construção

Envilecer os jarros de estanho até que sejam estilhaçados
pelos cães
Retorcer os antigos armários para extrair um pouco de pó de
rubi com que colorir os lagos
Assobiar repetidamente e longamente para que acudam os
ossos bem embranquecidos que não querem entender razões
Lavar a tinta com vinho tinto para distrair as crianças que
brigam no pátio
Cortar a luz em quatro e jogá-la às feras
Extrair da areia todos os dentes que contenha para erguer
muros
Transformar as armaduras em incubadoras para obter
pintinhos de bico longo
Amassar as tartarugas até convertê-las em mantas
Regar todos os dias as bandeiras com óleo de máquinas
Queimar os camembert passados até que salte a fênix
Acariciar as lentilhas uma por uma antes de semeá-las
Sacudir os tapetes com uma navalha para fabricar gaiolas de
canários
Esgotar as reservas de ouro para comprar grampos de cabelo
Assustar as lagostas que tentam penetrar uma tabaqueira
Cozinhar os violinos em molho branco
Dourar as escadas para evitar varrê-las
Caracolar nas igrejas na hora da missa solene
Porém jamais insultar o carteiro para expulsar os ratos da
pena
Que atacariam os bronzes artísticos a bicadas.

*1899-1984 | BÉLGICA | HENRI
MICHAUX*



Poemas traduzidos por Zuca Sardan. Obra consultada: *À Distance – Poèmes* (França: Gallimard, 2014).

NO PAÍS DA MAGIA

Eu vi a água que sabe se conter para não entornar.
Se a água é treinada, se é tua água, ela não entorna, mesmo que
a garrafa se quebre em quatro.
Simplesmente a água espera que lhe tragam outra garrafa.
Ela não tenta se derramar.
Será um jeito do
Mago que se manifesta?
Sim e não, aparentemente não, o
Mago podendo não estar a par da ruptura da garrafa e do
esforço da água para se manter em pé.
Mas ele não deve deixar a água esperando por muito tempo,
pois a posição é desconfortável e penosa pra se manter em
pé;
e sem exatamente se perder ela poderia
escorrer bastante.
Naturalmente, é preciso que seja tua água, e não uma água de
cinco minutos atrás que simplesmente acaba de se renovar.
Esta água entornaria imediatamente.
O que a poderia reter?
A criança, filha do chefe, a criança do lavrador, a criança do
tolo, a criança do Mago, a criança nasce com vinte e duas
dobras.
A questão é desdobrá-las.
A vida do homem estará então completa.
Nesta forma ele morre.
Raramente morre um homem sem faltarem algumas dobras
por desfazer.
Mas isso já ocorreu.
Paralelamente a esta operação o homem forma um carço.
As raças inferiores, como a raça branca, veem mais o carço
que o desdobrado.
O
Mago vê antes o desdobrado.
Só o desdobrado é importante.
O resto é apenas epifenômeno.

ANO MALDITO

Ano
ano maldito
ano calado
ano-náusea
ano que são quatro
ano que são cinco
ano que cedo será toda nossa vida
bêbado
torniquete
ornado de parvos
Ano, a narina ao vento
mas nada chega
Sofrimento
na tua casca vazia!
Ansiedade
na tua casca vazia!
Fome
na tua casca vazia!
Ano, ano, ano que nós balbuciamos sem fim a companheiros da
 cinza dos escombros calcinados perseguidos por dobras
 perseguidos por chagas
Pra quando teu vinho?
Macaqueador de talhe
mal balanceado
balanceado de cá de lá
de cá pra lá
E jamais escapará de ti?

O CAVALO SOBRECARRREGADO

Aparece-me frequentemente, quando estou sozinho, por uma
 hora ou duas, um cavalo, ao longe, e que se afasta ainda
 mais.

A estrada está deserta e ele deveria ter passado por onde
estou, já a algum tempo, mas não importa o que eu faça,
tão vivamente que tente, o prevendo lá, me afundar
nas trevas, eu não consigo fazer a tempo, antes que ele não
tenha já tomado alguns oitocentos metros
de avanço, não, de distanciamento, massa no
momento reduzida, e que não avança senão para se reduzir
ainda e quase desaparecer.

Grande, muito grande, com formas possantes que conviriam
mais ao labor do que a uma viagem por etapas,
alto e carregado como um dromedário, ele se afasta, único
monumento de vida
no deserto que o circunda, mas esse documento dá confiança.
Ele possui confiança.

Extremamente alto sobre as patas, não se vê mesmo bem
senão estas e num amontoado de coisas indistintas
uma espécie de albarda e uma cabeça bem pequenina que
parece redondinha e
muito móvel, a menos que não seja uma panela, ou mesmo um
capacete, pois a cabeça que o guia pode
não ser visível a essa distância no amontoado de bagagens que
o sobrecarregam, ao que
vejo, exageradamente.

Este cavalo, bem percebo, jamais se virou para mim, nem para
o que lá fosse (não haverá então
mutuca que o pique?), nem para barulho atrás de si.
Parece que não há nem barulho nem vida.
Ele avança acompanhado somente de suas tralhas.
Outrora, não era o tipo de cavalo que me aparecia, seria
preciso dizê-lo?

O MONSTRO NA ESCADA

Encontrei um monstro na escada.
O esforço para subir provocava-lhe, visivelmente, uma dor
atroz.

Todavia, suas coxas eram extraordinárias.
Ele todo era, mesmo, por assim dizer, só coxas.
Duas coxas pesadas sobre patas de plantígrado.
Sua parte superior não me aparecia nítida.
Pequenas bocas de sombra, de sombra ou de...?
Não tinha mesmo este ser um verdadeiro corpo, se tão só o
 preciso de zonas moles e de confusa
umidade para tentar alguma fantasia sexual de homem
 desocupado.
Mas talvez não fosse nada disso, e este monstro grandão,
 provavelmente hermafrodita, subia
infeliz. esmagado e bestial, uma escada que o conduziria sem
dúvida a parte alguma. (Ainda que eu tivesse impressão que
 ele só houvesse saído para algumas voltinhas.)
Que ele era imundo, logo se percebia.
Em que?
Não se saberia dizer.
Ele parecia levar, sobre sua massa indefinida, uns lagos bem
 pequeninos, ou seriam pálpebras,
imensas pálpebras?

UM HOMEM PERDIDO

Ao sair, me perdi.
Logo foi tarde demais para recuar.
Eu me encontrava no meio duma planície.
E por toda a parte circulavam grandes rodas.
Sua altura era cem vezes a minha.
E outras eram ainda maiores.
Para mim, sem quase as olhar, eu sussurrava a seu avanço,
 docemente, como a mim mesmo.
“Roda, não me esmagues...
Roda, eu te suplico, não me esmagues.
Roda, por piedade, não me esmagues.”
Elas chegavam, arrostando um vento possante, e repartiam.
Eu titubeava.

Já há meses assim:
"Roda, não me esmagues...
Roda, uma vez mais, não me esmagues."
E ninguém intervém!
E nada pode parar isto!
E lá ficarei até minha morte.

*1900-1945 | França | ROBERT
DESNOS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Domaine public (Paris: Gallimard, 1953).

OS GRANDES DIAS DO POETA

Os discípulos da luz inventaram somente trevas levemente opacas.
O rio arrasta um diminuto corpo de mulher o que é indício de um final próximo.
A viúva vestida com roupas nupciais se equivoca de séquito.
Todos chegaremos com atraso a nossos túmulos.
Um navio de carne encalha em uma pequena praia. O timoneiro convida os passageiros a se calarem.
As ondas esperam impacientes. Mais próximo de Ti, oh Deus meu!
O timoneiro convida a ondas a falar. Elas falam.
A noite veda seus frascos com estrelas e faz fortuna com a exportação.
São construídos grandes tabuleiros para vender rouxinóis.
Porém não conseguem satisfazer os desejos da Rainha da Sibéria que quer um rouxinol branco.
Um comodoro inglês jura que não o surpreenderão mais recolhendo sálvia de noites por entre os pés das estátuas de sal.
A propósito disto um pequeno saleiro com Cérebros se endereça com dificuldade sobre suas pernas finas.
E derrama em meu prato tudo o que me resta por viver.
O bastante para salgar o oceano Pacífico.
Ponham em meu túmulo um salvavidas.
Porque ninguém nunca sabe.

DESTINO ARBITRÁRIO

A Georges Malkine

Agora chega o tempo das cruzadas.
Pelas janelas fechadas os pássaros se obstinam em falar como peixes de aquário.
Junto à vitrina de uma loja
uma bonita mulher sorri.

Felicidade não é senão lacre
e eu passo como um fogo fátuo.
Uma multidão de guardiães persegue
uma borboleta inofensiva fugida do asilo.
Em minhas mãos se torna calcinha de renda
e tua carne se torna de água
oh sonho meu quando te acaricio!
Amanhã haverá enterros gratuitos
já não se resfriarão
falarão a linguagem das flores
serão iluminados por luzes até agora desconhecidas.
Porém hoje é hoje.
Sinto que meu começo está próximo
semelhante ao trigo de junho.
Policiais ponham minhas algemas.
As estátuas viram as costas sem obedecer.
Em seu pedestal inscreveria injúrias e o nome de meu pior
inimigo.
Lá longe no oceano entre duas águas
um belo corpo de mulher faz com que retorcedam os tubarões.
Sobem à superfície para contemplar-se no ar
e não se atravem a morder esses seios
esses seios deliciosos.

IDENTIDADE DAS IMAGENS

Luto furiosamente contra animais e garrafas
Não faz muito tempo talvez dez horas uma após outra
A bela nadadora que tinha medo do coral esta manhã despertou
O coral coroadado de azevinho bate à sua porta
Ah outra vez o carvão sempre o carvão!
Gênio tutelar do sonho e de minha solidão eu te conjuro carvão
deixa-me deixa-me seguir falando da bela nadadora que
tinha medo do coral
Não opines mais sobre este tema sedutor de meus sonhos
A bela nadadora descansava em um leito de encaixes e de
pássaros

Os vestidos sobre uma cadeira ao pé do leito iluminados pelos
fulgores os últimos fulgores do carvão
Este havendo chegado das profundidades do céu da terra e do
mar estava orgulhoso de seu bico de coral e de suas
grandes asas de crepe
Durante toda a noite ele havia seguido divergentes enterros
até cemitérios suburbanos
Havia assistido a festas nas embaixadas e deixado seu rastro
em uma folha de samambaia dos vestidos de raso branco
E também se havia erguido terrível na proa dos navios e os
navios não haviam retornado
E agora agachado na chaminé aceitava o despertar da espuma
e o canto das marmitas
Seu passo ressoante havia turvado o silêncio das noites nas
ruas de paralelepípedos sonoros
Carvão sonoro carvão amo do sonho carvão
Me diz onde está a bela nadadora que tinha medo do coral?
Porém precisamente a nadadora voltou a dormir
E me ponho frente a frente com o fogo e ficarei a noite inteira
para interrogar o carvão com asas de trevas que insiste em
projetar sobre meu caminho monótono a sombra de sua
fumaceira e o terrível reflexo de suas brasas
Carvão sonoro carvão impiedoso carvão.

[COMO UMA MÃO]

Como uma mão que no instante da morte e do naufrágio se
levanta à maneira dos raios do crepúsculo, assim que
surgem por todas as partes teus olhares.
Talvez já não haja tempo, já não haja tempo para me ver,
Porém a folha que cai e a roda que gira te dirão que nada na
terra perdura,
Exceto o amor,
E disto quero me convencer.
Botes de salvamento de cores avermelhadas,
Tempestades em fuga,

Uma valsa antiquada que dançam o tempo e o vento pelos
longos caminhos do céu.
Paisagens.
Não quero mais abraços do que aquele a que aspiro,
E morra o canto do galo.
Como uma mão que no instante da morte se encrespa, assim
meu coração se oprime.
Desde que te conheci jamais chorei.
Quero demasiado o meu amor para chorar.
Tu chorarás sobre meu túmulo,
e eu sobre o teu.
Não será demasiado tarde.
Até mentirei. Direi que foste minha amante,
E ao final tudo é tão absolutamente inútil,
A ti e a mim a morte nos espera sempre muito perto.

ÚLTIMO POEMA

Tanto sonhei contigo,
Caminhei tanto, falei tanto,
Tanto amei tua sombra,
Que já nada me resta de ti.
Apenas me resta ser a sombra entre as sombras
ser cem vezes mais sombra do que a sombra
ser a sombra que retornará e retornará sempre
em tua vida cheia de sol.

*1900-1966 / Bélgica / MARCEL
LECOMTE*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poésies complètes, Paris, La Différence, 2009.

A ESTÁTUA ADORMECIDA

Dos fios invisíveis tecem um drama
silencioso entre três personagens
imóveis, com sombras iluminadas
no fundo de uma rua – câmara aberta –
onde brilha a luz da aurora,
e ali, no cruzamento, a estátua sonha
com um grito, rompendo a atmosfera
que bruscamente a desperta.

A NOTÍCIA INÚTIL

Dentro da noite complexa, a paisagem desta área da estação,
em si mesma constitui um enigma.
E o homem com o cigarro esperando na calçada
e o policial disfarçado, que se esconde por trás da vitrine do
pequeno café,
pensando no caminho seguro, são quase inúteis.
O enigma que possui esta área da estação parece ser suficiente
sozinho.

O ESPECTADOR EXCLUÍDO

Ele espera por ações e palavras. Este não é um homem sem
memória. Ele observa as coincidências nas ruas, no meio da
multidão de um café. E que elas sejam comoventes ou
desconcertantes, pouco importa, porque ele copia seu sotaque,
seus gestos bruscos, seu desenho duro e limpo.
Destina-se a sua presença. Ele também olha esses homens que
se reencontram várias vezes no mesmo dia, mas sem se
conhecerem.

A LEITURA DISTINTA

Todas as tardes ali pelas cinco, esses dois jovens com passo de mandarim penetram na penumbra do café, e parece que justo naquele momento a penumbra se torna mais densa.

Desde um princípio, a serenidade de seus gestos não se associa à de nenhum passeante aprazível: está forjada pela experiência e nos faz pensar em certos acrobatas muito elásticos cujos rostos levam marcados os sinais de uma estranha fadiga.

(Tranquilo, tranquilo, calado, flexões do corpo que lembram figuras estranhas às atitudes da vida e que podem ser encontradas, sem trégua, com a velocidade do relâmpago, diante da beleza do problema a ser resolvido.)

Criam ao seu redor um espaço, de cujo centro partem, extremamente mesurados, seus gestos, em que se conforma seu lento diálogo. Agora, aí estão seus olhares sonhando sobre algum texto publicitário. Um deles, recostado sobre a banqueta, inclina suavemente a cabeça um pouco por cima do ombro de seu companheiro.

Despertam a atenção ao vê-los a ponto de ler o texto mais trivial do mundo, como se de imediato devessem perceber as palavras mais úteis, de modo estranho, desviadas de seu objetivo, complicadas em uma auréola de tormenta imóvel.

(Certas palavras, pronunciadas ou lidas com uma espécie de surpreendente lentidão, e repentinamente isoladas em meio a um negro silêncio atravessado por reflexos avermelhados de espelhos, tornam a carregar-se de um sentido que repercute interminavelmente na profundidade das consciências atentas.)

A AMOROSA

Raimone fica nua em um quarto no andar de cima que é quase nu.

Ela está deitada em um sofá vermelho em uma pose de modelo em meio a almofadas.

Ao lado da cama há uma pequena mesa
atrás de uma tela.
Ela aguarda o retorno de Hubert
que vem todos os dias da cidade
e olha pela janela
onde um grande arco-íris no céu se desenha.
Um balão sobe suavemente decorado com algumas pequenas
bandeiras.
Raimone às vezes suspira. Já não cai a chuva.
Alguma fazenda bem longe está queimando
silenciosamente.
Vemos muito bem as chamas
e essa fumaça subindo bem lenta, que fica mais pesada.
Pelo caminho alguém avança
e diante da casa
duas árvores permanecem imóveis.
É primavera, verão,
mas é o dia que vai acabar
e o céu fica então esverdeado,
o sol agora é uma grande bola vermelha
que desce gradualmente um pequeno ruído de cobre
entre duas ou três árvores no horizonte.
Em alguns lugares, a névoa paira sobre as
campanhas, aqui a noite está por vir.
Raimone espera Hubert, mas ela está dormindo.
O anoitecer se torna noite.
A lua é como o sol
como ela foi o sol da feminilidade
em um tempo distante do mundo.

*1900-1977 | França | JACQUES
PRÉVERT*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Paroles (Paris: Le Calligraphe, 1945), *Histoires* (Paris: Editions
do Pré aux Clercs, 1946).

O ESTUDANTE PREGUIÇOSO

Diz não com a cabeça
porém diz sim com o coração
diz sim ao que quer
diz não ao professor
está de pé
é interrogado
todos os problemas lhe são propostos
de súbito rebenta em gargalhadas
e apaga tudo
os números e as palavras
os dados e os nomes
as frases e os ardis
e sem cuidar da fúria do mestre
ou dos gritos dos garotos prodígios
com giz de todas as cores
sobre a lousa do infortúnio
desenha o rosto da felicidade.

O FUSILADO

As flores os jardins as fontes os sorrisos
E a alegria de viver
Um homem está caído e banhado em seu sangue
As lembranças as flores as fontes os jardins
Os sonhos infantis
Um homem está caído como um vulto sangrento
As flores as fontes os jardins as lembranças
E a alegria de viver
Um homem está caído como uma criança dormindo

O ARROIO

Muita água passou por debaixo da ponte
e enormes quantidades de sangue

Porém aos pés do amor
corre um grande arroio branco
E nos jardins da lua
em que a cada dia se celebra tua festa
esse arroio canta enquanto dorme
E essa lua é a minha cabeça
onde gira um enorme sol azul
E esse sol são teus olhos

PARA RIR EM SOCIEDADE

O domador pôs sua cabeça
na boca do leão
eu
eu pus somente os dedos
na garganta do Belo Mundo
Não teve tempo
de me morder

Com toda simplicidade
vomitou rugindo
um pouco dessa bÍlis de ouro
à qual é tão afeito
Para que essa trapalhada resulte
útil e divertida
lavar os dedos
cuidadosamente
em um pingo de bom sangue

Cada um com seu circo

NUVENS

Eu fui buscar meu tricô de lã e o cabrito me seguiu
o cinzento
não desconfia como o grande

é ainda demasiado pequeno

Também ela era demasiado pequena
porém algo já ali se manifestava tão velho como o mundo

Já

conhecia coisas atrozes

por exemplo

que há que desconfiar

E ela olhava o cabrito e o cabrito a olhava

e então lhe vinha uma vontade de chorar

É como eu

dizia

um pouco triste e um pouco alegre

E depois a iluminou um grande sorriso

e a chuva começou a cair

*1900-1983 | Espanha | LUIS
BUÑUEL*



“Teorema” data de 1925 e foi publicado em *Obra literária* (1982), volume organizado por Agustín Sánchez Vidal. Demais poemas foram entregues, pelo próprio poeta, ao seu biógrafo, José Francisco Aranda, com a incumbência de publicá-los não na Espanha, mas sim em Portugal, o que foi feito em 1974, contando com a tradução de Mário Cesariny. Em “A mim fazia-me jeito” e “Pássaro de angústia”, reproduzo a tradução referida, com algumas pequenas adaptações ao português brasileiro. “Polisoir milagroso” e “Bacanal” foram traduzidos diretamente do original.

TEOREMA

Se por um ponto fora de uma reta traçamos uma paralela a ela
obteremos uma ensolarada tarde de outono.

Com efeito:

O céu todo olhos azuis reflete o sonho sem peixes dos tanques
e estes por sua vez banham tibiamente a preguiça da tarde.

As árvores cegas passam em lenta procissão e em seus galhos
mais altos pia ouro alguma folha atrasada.

As ruas em massa querem sair a passear no campo, porém tão
lentamente que de imediato os viajantes as deixam para
trás todas estremeçadas ao sol.

Campos amarelecidos sobem por colinas e outeiros e ali se
estendem, com as pernas abertas, à espera da noite.

Apenas uns choupos sempre inquietos telegrafam um
“morse” de folhas.

Compassado respirar da tarde e todas as coisas batendo a seu
ritmo. Eu trago na palma da mão minha bengala sem folhas.

Um seio dorme ronronando ao sol.

Todas as janelas têm cílios como mulheres.

A torre da igreja, como um dedo indicador, aponta a última
nuvenzinha branca.

Após uma bordoadada um silêncio e em seguida passa Cristo
vendendo vozes.

As andorinhas beijam o bico das sete.

Uma descarga fechada de cata-ventos pelo ar.

As orelhas daquela mula — ela não percebe — reabsorvem a
tarde. Extingue-se a luz em minha lapela.

É a hora em que tem início o solitário parto dos candeeiros.

Alguém dá meia volta no interruptor das estrelas.

Que é o que não nos havíamos proposto demonstrar.

A MIM FAZIA-ME JEITO

Lágrimas ou salgueiro sobre a margem
de dentes de ouro
de diamantes de pólen

como a boca de uma jovem
de cujos cabelos brotava o rio
em cada gota um peixe
em cada peixe um dente de ouro
em cada dente de ouro um sorriso de quinze anos
para que se reproduzam as libélulas

Quando o vento lhe destapa as coxas
é inocente uma donzela?

POLISOIR MILAGROSO

No inverno os gritos dos semáforos caem ao mar
crivados de vento e de crucificação
Um barco pode naufragar em uma gota do meu sangue
do meu sangue quando cai sobre o peito
de uma marquesa Luís XV de espuma

Esta paisagem gela menos ao espelho
do que sobre as unhas dos mortos
que não de ressuscitar
com os dedos convertidos em flores
em flores de agonia e salvação

Dividida como um vale de Josafat
espera-a a risca de minha cabeça
enquanto Cristo condena
a virgem Maria com um penteador branco
dará um pedaço de pão aos condenados
e porá um pássaro de carícias
na frente dos que se salvarem.

BACANAL

Carneiro de 125 pesetas
Enrolado abundante manual como o ventre
da mulher de 150 pesetas
os pães que o pobre come
podem ser amassados desse ventre
e cozidos com fogo de polegares

Quando cruzamos os polegares para formar uma aspa
renova-se o martírio de São Bartolomeu
que como depois viemos a saber era um fauno
ou um membro
que se encrespava diante da cruz.

São Bartolomeu e o fauno dançavam quando
as pedras saíam disparadas da terra
como beijos atirados com a ponta dos dedos.
Ao morrer comeram-no umas formigas alegres
que tampouco eram formigas
eram umas dançarinas silenciosas.

Do túmulo de São Bartolomeu
sai uma espiga de carne ardendo
por cada beijo que pôde e não quis roubar.

PÁSSARO DE ANGÚSTIA

Um plessiossauro adormecido entre os meus olhos
enquanto a música ardia em um candeeiro
e a paisagem tomava uma paixão Tristão e Isolda

o teu corpo ajustava-se ao meu
como a mão se ajusta ao que quer esconder.
Escorchada
mostravas-me os teus tendões de madeira
e os pequenos ramos de luxúria

que podiam tecer-se com as tuas veias

nos nossos peitos trêmulos como folhas de jardim
ouvia-se um galope de bisontes no cio

todas as falas de amor se assemelham
todas têm acordes delirantes
e o peito esmagado
por músicas de séculos de memórias.
Vêm depois a oração e o vento
o vento enovelador de sons em pontas
doces como sangue
de uivos feitos carne
que ímpetos que esperas de mares rasgados
convertidos em níquel
ou em canto ecumênico daquilo que podia ter sido tragédia
nascerão juntos os pássaros das nossas bocas
enquanto a morte nos penetra pelos pés?
Tensa como uma ponte de beijos de pedra soou a uma
às duas voaram de mãos cruzadas
às três ouviam-se mais distantes que a morte
às quatro já tremiam de auroras
às cinco desenhavam a compasso o grande círculo transmissor
do dia

às seis ouviram-se as cabrinhas dos Alpes
levadas por monges ao altar

NÃO ME PARECE BEM, NÃO ME PARECE MAL

Eu creio que por vezes nos contemplam
à nossa frente atrás de nós ao nosso lado
uns olhos rancorosos de galinha
mais temíveis do que a água podre das grutas
incestuosos como os olhos da mãe
que morreu no patíbulo
pegajosos como um coito

como a gelatina que os abutres engolem

Creio que hei de morrer
de mãos espetadas na lama dos caminhos.

Creio que se me nascesse um filho
ele ficaria eternamente a olhar
as bestas que copulam ao entardecer

*1901-1965 / Chile / ROSAMEL DEL
VALLE*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Obra completa (dos volúmenes. Compilación, prólogo,
bibliografía y notas de Leonardo Sanhueza. Collages de Ludwig
Zeller. Santiago de Chile: J.C. Sáez Editor/Ediciones Dolmen,
2000).

NASCIMENTO

Abre, abre, abre. Venho da hora menos desesperada. Há um resplendor que deve aparecer justamente quando o ruído em que me debato se parta em dois como sucede às ondas gêmeas quando abandonam o mar. Eu o ouço vir, descer, cair, enquanto afasto com cuidado toda espécie de respiração terrestre. Porque ouvi a mensagem e ele me disse que nada será possível se alguém deixa cair uma palavra sobre meu ouvido ou se um animal surge de imediato na noite com uma tocha entre os cornos ou se um pássaro voa através de meu peito com um anel em cada asa. Assim, à espera, o mundo deve ser a estátua da melancolia. A estátua solitária na praia de um mar sem espumas. A estátua visitada de tempo em tempo por um raio invisível, pai da tempestade enredada nos bosques de um país sem nome. E como regozijar o olhar nesta antecipação cuja linguagem é semelhante à sombra portadora do banquete para o moribundo? Já está dito, é impossível. O resplendor vem. A vida vem. A chave que caminha sozinha até a porta não diz outra coisa senão que vem. O homem que me espreita desde seu sonho distinto do meu e sem compreender não sabe senão que espero o que vem. A voz reunida da terra se desprende da roupa surrada para tornar-se a ideia de que afinal o sol vem. O mar ameaçante é agora o dragão ameaçado pelo barco caçador de ondas que anunciou vir com os mastros em chamas e vem. Apenas eu sou o que não vai nem vem. Abre, abre, abre. Um minuto a mais e não poderei dizer se o resplendor veio ou não. Se a luz tem as mãos geladas ou não. Se o dia que ainda não conheci é ou não semelhante ao sonho com que o circudei para livrá-lo da tempestade. Da tempestade que por não se parecer com a morte não se parece com coisa alguma. Sequer com o olho que em vão procura através de mim uma saída.

DIVINDADE PÚBLICA

O tempo o urso dança pelas praças
Celebrado por paixões e lembranças de crimes
Não deixes de livrar-se dos cabelos para entrar no sonho
Nesse rito verás o deus que enreda teu destino
Porque os frutos adormecidos cairão da árvore
Antes que sejas levado de mãos dadas pelos defuntos
Entenderás então o que dizem as tábuas
Escritas para ser lidas pelos velhos?
O cão do outono vem seguido pela ovelha do outono
E não passarás a não ser seguido por ti mesmo como o raio de
sol
Passa seguido pelos dentes da noite
Recorda tuas férias no Paraíso
Os vulcões passeavam por um jardim e
Ninguém fazia fogo junto ao deus desesperado
Não o despertes agora com teus dentes ressecados
Por um fio estendido irás até o fim e
Ninguém sabe como começam a mover-se as auroras
Presume-se que resvalam por suas próprias facas
Antiga é a comunicação dos deuses pelo fogo
Porém a noite diz mais sem que ninguém a escute
Assim podes fazer para ti hoje e amanhã um colar
Para o sonho que venha parecido com uma mulher ou um
cometa

TU, MORTA AO SOL

Chave de um país esquecido,
Abre-me o segredo de nomes e pessoas.
Os encontrarás escritos nas árvores em tuas mãos.
Cicatrizes enigmáticas, úmidas pelos olhares.
Oh e que não se resseque minha origem
Enquanto reine a chuva entre frios alfinetes.
Uma oferenda difícil para o coração
Entre os enigmas da noite.

Países ou visões? Não recordo outra viagem
Senão a que certa vez fiz por tua fronte
Tratando de entender o mar tranquilo,
Enjaulado por desobediência.
Tu, morta ao sol,
Eu, tatuado com signos de fogo
E irreconhecíveis aromas na pele.
Inteiramente na música de teu sonho,
Forma do ritual para que despertes.
Compara as manchas de meu coração e de minhas palavras
Com nuvens metade abismo e metade neve
Que não esfriam a terra enquanto viajam.
Agora me afasto de luzes para seguir-te
Pelo escuro sol que te acompanha.

CÂNTICOS

*O pássaro
que se afogou em tuas lágrimas
ainda canta.*

Vicente Huidobro

Distante, aberta aos ruídos que lhe servem de raízes. A noite do fundo do mar passeia por sua cabeleira e o resplendor que a acompanha não pode ser senão o olho de meu coração sobressaltado. Eu devia estar ali totalmente, junto dela. Porém obstáculos, ímãs em liberdade e encaminhamentos de outra ordem me retêm entre catástrofes. Há a obediência, a convivência, a expiação. Há o torvelinho de figuras humanas com afãs submetidos a tormentos sem nome. Em uma palavra, o exercício da vida. O terrível. Assim, colado a músicas que sequer me pertencem, mas que me acorrentam, não posso senão debruçar-me no vão ardente por onde sai sua respiração para que meus olhos possam vê-la passar semelhante a uma flor através das coisas, um meteoro pelo jardim, uma onda em viagem pelo mar que nos espera. Ardente, ardente.

Firmamento sujeito por um fio ao sonho metamorfoseado de seus olhos.

IV.

Todos os signos dizem que cheguei à última margem
Todas as nuvens regressam e querem que eu as siga
Oh e tanto fazer arder o destino e o destino
É este ir e vir e sem ir retornar
Como o mar retorna ao mar sem sair
Como o sol vai à sua noite e o que afinal permanece?
É a hora é a hora e trombetas anunciam
O retorno da árvore à folha – da colmeia à abelha
Do mel à flor e esse pó
Azul que é o corpo segue crescendo e se desfazendo
Como o raio que ia comigo e que agora
Quer cortar as próprias pálpebras e dormir

VIII.

Forma transtornada ou forma nem de vida ou de morte
Forma de contornos constelados ou de bruma terrestre
Ideia de um esquecimento soberano entre frios súditos
Com cornos e clarins partidos ao pé das muralhas
Oh corpo meu perfurado por trevas marinhas
Por adeuses mais solitários e úmidos que uma lágrima
Por feitiços de obscuras ciências e
Secreta sedução de errantes talismãs
Já se abriu o buraco iluminado pelos olhos?
Já se esvaziou o tempo em tuas veias de vidro?
Uma forma sem forma – o animal e o silêncio
No último diálogo com a luz e com a pedra

X.

És ainda a lâmpada do gozo transmissível?
A última vibração de minha viagem pela terra?
Meu céu está oco e pascem ressequidas minhas palavras

No combate em que não quero perder parte de minha sombra
Porque devo dormir sem me dividir embora dilúvios
Tenham carcomido a madeira do corpo fiel à ordem
De flutuar sobre vidas e mortes repetidas
Sem temor dos atos incendiados nem das horas
Atadas às colunas de esquecimentos e lembranças nem aos
gritos
De minha dupla imagem devorada oh bandos e puro chicote
Para esta carne para este espírito para este sonho
Pendido sobre o mar como uma estrela

XI.

Amor e esmigalhada eternidade de amor a amor
Tu com a tua coroa por distantes universos
Eu com o ímã constelado pelos hinos do gozo
Através das portas abertas pela mão do anjo
Até ocultos exércitos de formigas e lagostas
Em expiação da luz roubada na queda
E Eva tu mesma – embora às vezes Eurídice –
Com o colar de fogo para meu pescoço frio
Com arrulho de melro ferido na viagem pela nuvem
Com a transparência das bodas mais solitárias do mundo
Para que siga passando o tremor de corpo em corpo
Através dos eclipses de tua boca em minha boca

XX.

Amor morte em cascata solitária
Eco final da sombra unificada e eco
De meu ser substituído e profundo testemunho
Diante das fogueiras do tempo
Resta algo mais do que sou na nova sombra?
Um fulgor vacilante? Uma estrela cravada na pele?
Oh copa enchida oh vazio trêmulo
O duplo símbolo ardente no jarro antigo
Caçadores da noite em um tapete
A imagem em esplendor entre pedra e pó

O deus com duas cabeças recebendo a oferenda
Um olhar solitário que perdeu a origem

Dentro de mim e fora de mim, a gota de chuva apanhada pelo oco da pedra, a vibração do ruído dos insetos nos ouvidos das folhas. Oh e tu, parecida com todas as coisas. Dormes e já que te desfazes ardendo na graça do mundo deixa-me erguer os sinais em código que não verão ou entenderão senão as naves solitárias a esta hora em viagem pelo oceano menos parecido com o oceano, sob o céu menos identificável, entre a tempestade menos semelhante à sinfonia dos elementos que pudesse guardar alguma relação com a rebelião dos anjos. Dormes e a luz não sabe o que fazer com teu sonho. Apenas eu, o filho das nostalgias solares, junto um a um os fios que te saem dos olhos, as palavras que se desprendem de tua boca, as gotas de chuva que petrificam tua cabeleira não de todo diferente de uma chama. Apenas eu recolho teu som. Apenas eu vigio a rede que te envolve no leito. Apenas eu recolho as migalhas do pão do sonho que parece comer, o único alimento para teu corpo, a única luz que parece seguir na viagem sem se dar conta. Porém como habituar-me a esta solidão com tantos olhos? Como sustentar-me a mim mesmo enquanto te sustento e te espio? Como tornar-me algo semelhante à tua desapiedada tranquilidade? Como entrar eu também no belo transe e te seguir na fuga sem fim? Como acreditar-me vivo em tua morte? As nuvens passam, os pássaros passam, as horas passam. Mas a única coisa que não se move no mundo nem em mim é a ideia de que o fluxo das ondas de meus pensamentos possa tocar em ti e que despertes de imediato e me sorrias sem nada que me fale de tua ausência tão temporal como repentina. Como és, amor, dentro e fora de todas as coisas.

*1901-1975 | Brasil | MURILO
MENDES*



Obra consultada: *Poesia completa e prosa* (Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2003, 4 volumes — organização de Luciana Stegagno Picchio).

CORTE TRANSVERSAL DO POEMA

A música do espaço pára, a noite se divide em dois pedaços.
Uma menina grande, morena, que andava na minha cabeça,
fica com um braço de fora.
Alguém anda a construir uma escada pros meus sonhos.
Um anjo cinzento bate as asas
em torno da lâmpada.
Meu pensamento desloca uma perna,
o ouvido esquerdo do céu não ouve a queixa dos namorados.
Eu sou o olho dum marinheiro morto na Índia,
um olho andando, com duas pernas.
O sexo da vizinha espera a noite se dilatar, a força do homem.
A outra metade da noite foge do mundo, empinando os seios.
Só tenho o outro lado da energia,
me dissolvem no tempo que virá, não me lembro mais quem
sou.

O AMANTE INVISÍVEL

Quero suprimir o tempo e o espaço
A fim de me encontrar sem limites unido ao teu ser,
Quero que Deus aniquile minha forma atual e me faça voltar a
ti,
Quero circular no teu corpo com a velocidade da hóstia,
Quero penetrar nas tuas entranhas
A fim de ter um conhecimento de ti que nem tu mesma
possuis,
Quero navegar nas tuas artérias e confabular com teu sangue,
Quero levantar tua pálpebra e espiar tua pupila quando
acordares,
Quero baixar a nuvem para que teu sono seja calmo,
Quero ser expelido pela tua saliva,
Quero me estorcer nos teus braços
Quando os fundamentos da terra se abalarem nos teus
pesadelos,
Quero escrever a biografia de todos os átomos do teu corpo,

Quero combinar os sons
Para que a música da maior ternura embale teus ouvidos,
Quero mandar teu nome nas flechas do vento
Para que outros povos te conheçam do outro lado do mar,
Quero forçar teu pensamento a pensar em mim,
Quero desenhar diante de teus olhos
O Alfa e o Ômega nos teus instantes de dúvida,
Quero subir em ramagem pelas tuas pernas,
Quero me enrolar em serpente no teu pescoço,
Quero ser acariciado em pedra pelas tuas mãos,
Quero me dissolver em perfume nas tuas narinas,
Quero me transformar em ti.

PRÉ-HISTÓRIA

Mamãe vestida de rendas
Tocava piano no caos.
Uma noite abriu as asas
Cansada de tanto som,
Equilibrou-se no azul,
De tonta não mais olhou
Para mim, para ninguém :
Cai no álbum de retratos.

ARCIMBOLDO E A ETERNIDADE DO EFÊMERO

Esgotando o estoque das surpresas em Milão e em Viena,
transfere-se com o seu assistente-demônio para Praga, cidade
dos príncipes maníacos, circundados de pintores, escultores,
alquimistas, quiromantes, necromantes, autômatos.

Sob o céu ambíguo pinta figuras humanas, alusivamente sinais
eruditos, cúmplices o vegetal, o mineral, o animal. Inaugura
colagens com cicatrizes de matérias antípodas. Exato : para
que conheçamos a flor, a pedra, o cão melhor que nós mesmos.

Irônico-alegórico, realista, maneirista, pré-surrealista, Arcimboldo símbolo torna-se a eminência parda do imprevisto. Com sementes de relógios e estrelas de laranjas construiria o cenotáfio assimétrico de Tycho Brahe. Contesta a aparência do mundo. O seu autorretrato vegetal-mineral se define imperador dos opostos. Surpreende a eternidade do efêmero. Destrói o homem feito à imagem e semelhança de Deus: da base originária, porém, de lama.

JOAN MIRÓ

Miró declara que não pode separar a poesia da pintura. Rompe a linha convencional do discurso realista, criando a sigla, o número plástico, a alusão.

Exorciza o lado mecânico do nosso tempo. Organizando a infância futura, consegue, em todos os casos, conciliar sonho e disciplina racional.

Sacrifica a quantidade da informação à qualidade lírica, a espessura à sutileza.

Nem surrealista nem abstrato ortodoxo, escapa às etiquetas.

Sabe que o mundo através de seus sistemas gastos impede por exemplo o pássaro de telegrafar à pedra ; impede as estrelas de jogarem aos dados ; a formiga de pedir a palavra ; um cachorro de puxar aquela moça por um cordel.

Encontrei Miró em Paris, Barcelona, Palma de Maiorca, Roma. Vi-o, artesão refinado, atento à transposição da forma, ao limite do objeto. Traduz a cenografia do mar, decifra o enigma da bola, do peixe, do triângulo. Põe o cosmo no bolso. Calígrafo, criador de signos, invencível inventor.

Miró extrai o maravilhoso da coisa imediata, visível ; transforma em realidade a faixa onírica.

*1901-1975 | Grécia | ANDREAS
EMBIRIKOS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Haut forneau (Paris: Actes Sud, 1992 — tradução de Jacques
Bouchaid).

O BUÇO DA PROSPERIDADE

Aquela pequena cidade no meio da planície romena está destinada a florescer. Dentro de seus palácios um dia brotarão grandes plátanos que em suas mãos brandirão espadas ou lanças incandescentes. O adoentado carneiro que atualmente reside na catedral certamente dará lugar a uma copuladora insaciável e presos políticos encenarão nas imediações da rua principal o sagrado mistério da ressurreição de uma cabeça degolada sobre um fundo musical de carrilhão.

UVAS INVERNAIS

Roubaram seus jogos e sua amante. Baixou então a cabeça como se fosse morrer. Porém seus treze destinos e seus catorze anos frustraram o desastre fugaz. Ninguém disse nada. Ninguém tratou de defendê-la dos tubarões transoceânicos que lhe haviam amaldiçoado como o faz a mosca com um diamante ou um país encantado. E assim esta história foi cruelmente esquecida como ocorre sempre que o guarda-florestal esquece seu raio no bosque.

AS FLECHAS

Uma jovem em um jardim
Em um floreiro duas mulheres
Três meninas em meu coração
Sem limites sem condições
A palma de uma mão em um cristal
A palma posta sobre um seio
Um botão desabotoado
E um peito revelado
Enquanto o Sagitário com suas flechas
Brilha na altura dos céus
Sem limites sem condições

ISCA

Quando as ondas golpeiam os olhos de boi
Do barco que viaja rumo às Índias
Uma jovem permanece junto à borda
Silenciosamente olhando as ondas
Enquanto seu namorado lhe acaricia os seios
Futuro intérprete do idioma dos nenúfares
Nos misteriosos corredores de Singapura
Junto às debulhadoras dos nativos e as lendas
Dos pássaros noturnos e os jornais da manhã.

O TENTÁCULO DE ALTAMIRA

[fragmento 4]

Instante suspenso como moeda que brilha um segundo antes de cair. O gracioso é que desaparece de imediato à queda. Restam, contudo, os pássaros, resta sua voz, e onde se sentem, em galhos nus ou em vasos repletos de margaridas, brota uma plumagem ou uma pluma de ponta rosácea, igual a uma libação ao vento.

*1901-1992 | Guatemala | LUIS
CARDOZA Y ARAGÓN*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poesía (México: Letras de México, 1948).

CENTAVOS DE BIOGRAFIA

A León Pacheco

1.

Abriu minhas veias o alfanje de prata de um cometa
e sobre o mundo, pouco a pouco, languidesço,
poeta pagão,
águas de amadas músicas,
chuvas de pétalas de rosas,
e rompendo champanhe na cabeça da vida,
de pontas de pé, a noite se aproximará para beijar-me.

2.

Meu coração se afoga
em um amor vago e infinito,
poemas em irresoluta nebulosa.

O SONÂMBULO (fragmentos)

A Xavier Villaurrutia

2.

Porque no céu um lírio é ainda arma proibida
apertam suas pinças os escorpiões
e a cinza se esquece por completo do fogo.
E entre a morte e o sonho vai sem vida,
muito além da estrela fugaz e da bala perdida,
na hora do amor das ilhas e do embrião, o astro e os punhais,
a rosa sem espinho da morte.
Não é senão a hera que inventa uma torre.
O peixe incandescente que lança seu perpétuo assalto contra a
fachada.
A mão que ergue a venda dos olhos e confunde epitáfios.

Alaúde de céu que perdoa a grosseria telúrica do nardo
emudecido detrás de sua brancura, como chuva na água.
Já irrompe como um desfile de colunas altas sem memória de
tetos leves de assombro.
Como uma imensa gama muda de chorar e a derradeira
borbulha do afogado.
Como uma súbita vergonha da morte
contemplando-se a si mesma com rubor de vinho
e lividez de chumbo.
E já não se sabe se acaso antes de ser na sombra desse menino
e na doçura inevitável dessa menina por nascer,
foi um conflito de pássaros, de trevos em flor ou um grão de
trigo;
sem lufadas de cotovias e de esquecimento
seus ossos aproximam até a aurora oculta no pavor de
despertar bem longe,
bem longe de seu sonho e de seu umbigo.

7.

Auroras se oferecem tácitas nos muros que não existem das
noites herméticas
e nas âncoras e no cais abandonado.
No peito duro blindado do inverno
e no terno peito do amante esquecido.
Como chama sem pele, como sombra sem corpo,
em evidência de beijo, como em luz de um luzeiro.
Jazia mais morto do que Lázaro escutando
o girar dos heliotrópios, o patinar dos astros.
Essa rubrica fulminante na cega piçarra desolada que o morto
sustentava
com suas mãos famintas, arrecifes sem história.
Tu, morto, sustentavas essa piçarra sem estrela.
E até a voz doía.
Essa voz que vem de um ponto além de Lázaro e da noite da
maravilha.
Essa que Lázaro mordeu com sua memória, esquivo à morte e
vivo nela,

quando sonhou que estava vivo, oh morte de rádio!
Essa voz que lhe queimou as névoas frias e exaltadas
sobre a surda piçarra despejada por todo giz branco.
Era de diademas e arcos!
Enlouqueceram os telescópios e os astrolábios.

8.

Fervor de estrelas, negação de rosas.
Tristeza do primeiro morto, do primeiro ventre emprenhado!
Água régia, prova final para o axioma
da verdadeira verdade inesgotável com que a morte coroa a si
mesma.
Nos deltas de fogo desbocados em teus cabelos,
fazem céus os barcos naufragados.
E que terrestres nostalgias rasgam os afogados vendo flutuar
os litorais.
Esses lábios raivosos com farrapos de nebulosas e pedaços do
arco.
Essa frente, esses ouvidos com o eco de sua voz adormecida.
Caramujo de eternidade com seu despenhadeiro da primeira
palavra.
Essa ideia fina e teimosa que o litoral persegue com obstinada
insistência.
Essa forma que o rio pensa e desenha e corrige desdobrando-
se sobre si mesmo.
Essa forma que a água toda não alcança nem na lágrima, nem
na quietude do lago sem pálpebras ou o dia que a desnuda
em sua cor de insônia, de asas em vigília, em um clima de
mártir, cascata de luz jovem na sombra, a uma temperatura
de cariátide ou de balido de estrela esfolada, de morte de
criança ou olhar enamorado.

DESENHOS DE CEGO

XXVII.

Tudo está noite e fênix esquecida do fogo. Porém em seu vértice arde o espinheiro que não se consome. Tudo está fechado e há que romper os limites do mundo sem portas. Como uma horda mineral vitoriosa, te projetas em seu sorriso que anseia segurar a insônia do céu. És o afogado recordando litorais que jamais viste. Coloca-o contra o ouvido, e o mar sem margens queria assomar por seus olhos mesmo sem lágrimas. Abandona-te à rígida vontade desse mar que te embala, mar prisioneiro em seu corpo saído de teu dorso como uma punhalada. És tu mesmo, o náufrago e o mar e seu corpo. O espinheiro que não se consome. Ele é certeza neste mundo que não necessita da esperança. Se tudo é plenitude, para que a esperança? Toda tua carne é falo. Submerges e te destroças em aléluias até a ferida devoradora de teu dorso; penetras por ela e te viras ao contrário; ela nasce de ti e tu nascas dela, e caem a pique os dois juntos, um os dois, ardendo na mesma chama que não se consome, fazendo cócegas com sílabas de sombra os pés do Infinito pendido da Árvore.

XXIX.

Fazendo a autópsia do mar estendeste a mulher sobre o infinito da página em branco. Seu nascimento perpétuo dava realidade à realidade. No pórtico da espuma, as palavras detiveram-se acesas. Uma onda de ritos a erguia sobre o deserto de cinzas das mitologias, ao mesmo tempo em que destroçava sua alma contra o muro que protege o pólen da morte, com o qual o pensamento é mais pensamento, ao supurar contra si silogismos de pássaros. E, por fim, a voz que a nomeia sem saber seu nome a deixa estendida recordando sem memória, erguendo-lhe pirâmides de afincos que são pedras que são nuvens, enquanto as palavras, as cordas dos enforcados, os relógios e os violinos, querem dizer, cheios de

pavor e infinito, o último golpe de mar sobre a folha em branco
que afunda no vértice do umbigo.

*1902-1970 | Brasil | AUGUSTO
MEYER*



Obra consultada: *Poesias 1922-1955* (Rio de Janeiro: Livraria São José. 1957).

A CIDADE SUBMERSA

Garoa.

A cidade na bruma parecia mergulhada num aquário, cidade atlântica, perdida, maravilhosa.

O oceano guarda a sua presa.

Jóias de lampiões na boca oceânica.

Parece que a fumaça é feita de água escura.

Casas submarinas, ruas flutuantes...

Faróis de automóveis listrando longamente a névoa, riscando a névoa em fios finíssimos de chuva.

Vejo a visão de um escafandro...

(Era uma vez – há quanto tempo, há quanto – uma cidade, uma cidade maravilhosa que naufragou no oceano...)

O OUTRO

O homem opaco está caminhando na sombra. A rua úmida reflete o sono dos lampiões, e a cada passo um reflexo foge no calçamento molhado e volta um novo reflexo, monotonamente. Como os amores que morrem e se repetem, como as ideias, como tudo. Casas trancadas de arrabalde são as testemunhas mudas do minuto, gatos flexíveis na escuridão, com patas de veludo, a aberta fresca de um jardim saturado de chuva primaveril abre o regaço caricioso, hálito da seiva na noite. O homem passa.

Ao pé dos focos de iluminação, a sombra do homem espicha-se, comprida, interminável, com pernas fantásticas de pau, até tocar no outro lado da calçada e trepar na parede. Mas

não vê o delírio da própria sombra, vê só as outras sombras que moram na memória...

Mil e um vultos do passado chegam na ponta dos pés e se debruçam com a malícia do mistério sobre o seu ombro. Vem deles um aviso de morte, um olá indecifrável. E pesam tanto que, para aliviar a carga, o homem suspira, como um doente muda de posição na cama, removendo o peso da febre.

Nuvens de breu pesavam, tão baixas, que o vulto ficou mais corcunda. Os passos acordavam passos na calçada. A chuva engrossou, desabafo largo, refrigerante. Ploc-plac e o roçar do impermeável. Depois, a chave na porta, a subida na escada escura, como um ladrão prudente.

O indicador no botão da luz premiu a claridade. Tirando o paletó, destramando o nó da gravata, foi até o espelho.

Do outro lado, no lago emoldurado, o mesmo Outro, que era e não era ele mesmo...

O IRREVELADO

Um último impulso e me sumo na região intemporal. Passam na disparada rápida fetos de planetas gorados, astros de cabeleira fosfórea, nebulosas, chuvas de estrelas distraindo o espaço enfatiado, meteoros riscam o negrume do caos...

Fui fuí fuíí rrae rrrarrac – é a Onda, grita uma voz.

Agora vem a região do eterno silêncio. Psiu... Naaaaada. Mas o nada é apenas a negação necessária, o outro lado do Todo. Não aceito sem mais nem menos estas grandes abstrações, quero ver que é que há. Grito: olá, Nada! E o eco responde: nada é peixe!

Uma gargalhada cósmica ribomba como um trovão, astros escabelados despencam lá embaixo e esfarinham-se em torrões de asteriscos.

De súbito, harmonia, puríssima harmonia. Música sem nome, aqui se conciliam todas as antinomias, mano. O absoluto entra pelos ouvidos e canta o seu acorde maior. É só deixar-se estar na garupa da inconsciência. Vamos chegando. É só no mais este balouço das sonolências imemoriais. Vou vou vou

vou. Eu não sabia que era assim. Vou vou vou na asa da suave benevolência.

Mas um vento solene agita os meus cabelos. O horror da revelação me estrangula. Vamos chegando. Tenho medo. Quero voltar. Aqui já não tem sentido voltar, ou ficar, ou chegar, ou andar. É agora, está na hooooora! O alto-falante bem falante vai falar...

O megafone.

Eu sou quem sou!

Eu

E... depois?

O megafone

pois...

NÃO FAÇA ISSO

Era talvez o peso daquelas nuvens baixas, que esmagavam o ar morno. Ou o peso da vida? Sentia na testa suada um punho de chumbo. Caminhava nem sabia como.

As ruas noturnas cambaleavam a cada passo. Torpor. Janelas curiosas, espiando o rapaz dentro da noite, deviam ter qualquer coisa de pupila irônica e atenta. Arremedavam-lhe o jeito ridículo. Uma impressão dolorosa de abandono: ele era, naquele momento, o único homem que não... Besteira! Tudo continuava como sempre. Voltaria pra casa, e depois de uma vigília inquieta, o mergulho no sono, simplesmente. Ah é verdade, não se esquecesse de tomar um comprimido...

Que era aqui? A porta de casa. Chave. Duas voltas. Entrar. Subiu no escuro, apalpando a parede. Devia estar úmida a parede. Um volume veludoso, roçando nas pernas: o gato da pensão.

Entrou no quarto e acendeu a luz. O espelho ficava bem em frente da porta, e ao acender a luz, a imagem dele, na claridade brusca, parecia mais real do que o seu próprio corpo.

Chegou perto, olhou. O outro olhava, pálido, pálido, olhava no infinito das pupilas refletidas. Era ele mesmo? Pensando bem, que coisa estranha esse desdobramento sem fim, o

diálogo do homem com a sua sombra. Na superfície lisa, a imagem vivia: olhos grandes, parados, a testa pesando sobre o rosto fino.

Lentamente, a expressão alterou-se. Um frêmito irônico percorreu o lábio, passou no olhar um vazio de loucura, na mão crispada brilhou qualquer coisa...

O tiro partiu da imagem no espelho. A sombra matou o homem.

MOMENTO CREPUSCULAR

Que esfuminho sujou o céu nojento? Usinas, caixões fuliginosos com remendos na vidraça. A sombra se agacha sobre a velhota imunda que anda catando cavacos no quintal da fábrica. Mais um dia se foi.

Velha cozinha, as panelas são comadres de barriga lustrosa, e dona Marmita gorduchona digere a saudade do cheiro da sopa. A escumadeira me espia pelos furinhos maliciosos. Colher de pau, você é a cria da pá veterana, que mexe mexe, remexe marmelada.

A esta hora, recomeçam a fumegar as casas. A velhota se agacha como a fumaça varrida pelo vento, ela tem gestos aduncos de bruxa. O avental ajunta a provisão de lenha, enquanto a mão livre campeia e de vez em quando mergulha no chão.

Lufadas de vento assaltam a janela, colam as bocas na frincha, pra dizer um segredo muito triste, que as vagas contaram às dunas da praia. Depois, encostam a cada no óculo das mãos e as mãos na vidraça, e espiam para dentro: crepúsculo, um vulto magro parado, só o olho aceso do cigarro furando o vazio.

Deslocam-se penumbras na parede, mansamente, um camundongo arrisca a pontinha da orelha fora da toca, e recomeça a roer o oco do silêncio.

Range a portinhola do fogão. Os tocos de cambuim cheiram a mata, a fogueira abafada de lenha verde, a pinhão da Serra. A

primeira lingueta lambe as fibras do lenho, estala, chia, pula, azul-amarela.

Numa vida anterior, tu já viveste a mesma coisa, este mesmo momento, a mesma fábula banal e maravilhosa do crepúsculo...

*1902-1978 | Japão | KITASONO
KATUE*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Oceans beyond monotonous space (Milwaukee: Morgan Press,
1995 — tradução de John Solt).

SUR UN PAROISSIEN

enlouquecido no século de rosas cinzentas oco, gato
paranóico
dinastia sonho
jardim cristal, uma princesa deslumbrante desperta, suspensa
como uma cotovia
meu universo é lua, espelho e nuvens
sereia oca turbulenta no céu
na árvore solitária, solitária oração
tremor de nuvens
esta tempestade que se contorce no topo da montanha
esmaga escravos deprimidos desperta dança imensa de
lagos

FANTASMA DE ÓCULOS

segurando um frágil cachimbo de cerâmica, cravei meus olhos
em um observatório
uma concha se contorcendo em seu auge
conchas também estavam no topo das torres elétricas
fechando uma janela cônica, vi uma figura comprida e estreita
em um livro verde
uma concha cinza também estava na testa daquele músico
Estou triste

THÉÂTRE DE SALOMÉ

Salomé digere filme como uma libélula Salomé é uma
adorável filha
uma filha da Babilônia
Salomé, fique girando no topo de uma torre de hotel aquele
faiscante cabelo cabelo azul aquela luz cônica
circulando
embaixo a verde lua da Babilônia um pássaro sem olhos
que é um

pássaro sem olhos
onde está Yokanan?
ele está cortando o cabelo originalmente era um profeta,
mas agora usa um
chapéu-coco trabalhando em um banco

O VIOLINO DILUÍDO

antes
ali
como no cilindro
do vento
rasgado
não era
antes
ali
semelhante à voz
com a forma
de um caracol descoberto
não era
rosado
e heliotrópio e
fragrância
de sândalo
desvanecendo-se
na brumosa distância
também
pirâmide de
solidão
prisma de olhos de leitos de cristal de oceanos de sombra
de árvores
de sedas
de limões
cansaço
de púrpura
e então
uma vez mais

cidade de areia
desaparecida

CHUVA NEGRA

outdoor gritando
na
chuva
inverno
molhado pela esperança
percorre a cidade enlameada
num
desbotado
sobretudo
aquecido pela solidão
deus com listras
e Sartre etc.
o vento
está vazio
rasgando hoje
na chuva negra do inverno
a metrópole solitária
ao crepúsculo

*1902-1981 | Ilhas Maurício |
MALCOLM DE CHAZAL*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poèmes (Paris: J. J. Pauvert, 1968).

[O OLHO HUMANO]

O olho humano vê *cheio* e a boca vê *vazio*. Na mulher a boca vê *cheio* e o olho vê *vazio*. “Possuímos” a mulher com o olhar, a mulher nos possui com a boca, tomada de posse dos rostos, comparáveis ao acoplamento bífido dos caracóis.

[SEMPRE SE LEVA]

Sempre se leva algo da própria mentalidade a tudo o que se sente. Sempre pomos algo do cheiro de nossa alma no que nos rodeia. Recriamos os perfumes. O olfato é a melhor fábrica de cheiros e um perfumista de primeira ordem.

[COMO DUAS RETINAS]

Como duas retinas que se viram entre si tão próximas e iludiram uma à outra, na voluptuosidade logo se chega a um estado em que já não sabemos se somos nós ou o corpo do outro que penetramos, como os nervos cruzados perdem o rastro de sua origem. Na ascensão da voluptuosidade morremos progressivamente em nós para ressuscitar em outra. E na descida dos altos cumes do prazer morremos em outra parte para ressuscitar em nós. A voluptuosidade é um ciclo de transposição de vida.

[COMO O FOGO]

Como o fogo, a luz também tem sua “fumaça”, que só desprende a água e o cristal incolor nos quais ela se difunde. A aranha de cristal, a catarata em que arde a luz, desprendem uma luminosidade gasosa, espécie de névoa de claridade com cintilações translúcidas, o que por momentos dá a impressão de um forno de luz que arde no seio da água e do cristal

criando efeitos de crescente de luz na massa de vidro que se expande e na massa de água que cai.

No jorro de água que brota, a luz precede o fio de água. Lance uma esfera de zinco com suficiente velocidade ao espaço e ela se dividirá em uma bolinha de luz com uma bolota de zinco a reboque. O brilho se coloca sempre à cabeça do auto-bólido. A estrela fugaz talvez não seja mais do que o brilho de um corpo celeste que vai muito atrás a reboque.

[CORTA A ÁGUA]

Corta a água
Tudo o que queiras
Não encontrarás
Jamais
O esqueleto
O esqueleto do vento
É a vida toda.

1903-1956 | Peru | CÉSAR MORO



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La tortuga ecuestre y otros textos* (Caracas: Monte Ávila Editores, 1976).

NO CORAÇÃO DA REALIDADE

Vela do sonho sobre a ribanceira
Azeite das pálpebras funcionando no vazio
A astúcia a embriaguês o pretexto
Mortalha das pedras e dos pães dormidos
Caem em mim para que as lágrimas
Com suas facas vacilantes
Assaltem o último esconderijo
Das asas ornadas de grãos
De promessas de palavras avultadas

ACERTO DE CONTAS

Devemos a íris do olho o orvalho a embriaguês
Uma noite em que me querias derrubar eu levava uma negra
bandeira
A noite em que todas as chamas falavam com a boca fechada
Olhos desviados e retornados à baía

A noite em que tudo falava de um encantador desejo de morte
Em que as lágrimas uma vez que disseram tudo queriam me
levar para outro lugar
Para um soberbo túmulo de pó de mármore
Um tumulto de hipnose progressiva
A violência prometida o atrativo irregular
Sempre o fogo do pensamento a ideia fixa
Se eu quisesse viver não seria nesta ilha

O CHEIRO E O OLHAR

O cheiro fino solitário de tuas axilas
Um amontoamento de coroas de palha e feno fresco cortado
com dedos e asfódelos e pele fresca e galopes distantes
como pérolas

Teu cheiro de cabeleira sob a água azul com peixes negros e
estrelas do mar e estrelas do céu sob a neve incalculável de
teu olhar
Teu olhar de holotúria de baleia de pedernal de chuva de
jornais de suicidas úmidos os olhos de teu olhar de pé de
madrepérola
Esponja diurna na medida em que o mar cospe baleias
enfermas e cada escada rejeita seu transeunte como a besta
empestada que povoa os sonhos do viajante
E golpes cintilantes sobre as têmeoras e a onda que apaga as
centelhas para deixar sobre o tapete a eterna questão de
teu olhar de objeto morto teu olhar apodrecido de flor

O MUNDO ILUSTRADO

Assim como a tua janela que não existe
Como uma sombra de mão em um instrumento fantasma
Assim como as veias e o percurso intenso de teu sangue
Com a mesma igualdade com a continuidade preciosa que me
assegura idealmente a tua existência
A uma distância
À distância
Apesar da distância
Com tua frente e teu rosto
E toda a tua presença sem fechar os olhos
E a paisagem que brota de tua presença quando a cidade não
era não podia ser senão o reflexo inútil de tua presença de
hecatombe
Para melhor molhar as plumas das aves
Cai esta chuva de muito alto
E me encerra dentro de ti a mim sozinho
Dentro e longe de ti
Como um caminho que se perde em outro continente

*OH FUROR A AURORA SE DESPRENDE DE TEUS
LÁBIOS*

Regressas na nuvem e no hálito
Sobre a cidade adormecida
Golpeias minha janela sobre o mar
Minha janela sobre o sol e a chuva
Minha janela de nuvens
Minha janela de seios sobre frutos ácidos
Janela de espuma e sombra
Janela de marulho
Sobre altas marés regressam os penhascos em delírio e a
alucinação precisa de tua frente
Sobre altas marés tua frente e mais longe tua frente e a lua é
tua frente e um barco sobre o mar e as adoráveis tartarugas
como sóis povoando o mar e as algas nômades e as que
fixas suportam o marulho e o galope de nuvens
persecutórias o ruído das conchas as lágrimas eternas dos
cocroditos a passagem das baleias a crescente do Nilo o pó
faraônico a acumulação de dados para calcular a velocidade
do crescimento das unhas nos tigres jovens a prenhez da
fêmea do tigre o salto matinal dos caimões o veneno em
taça de prata as primeiras marcas humanas sobre o mundo
teu rosto teu rosto teu rosto
Regressam como a carapaça divina da tartaruga defunta
envolta em luz de neve
A fumaça regressa e se acumula para criar representações
tangíveis de tua presença sem retorno
O pelo açoita o pelo regressa não se move o pelo golpeia sobre
um tambor finíssimo de algas sobre um tambor de rajadas
de vento
Sob o céu inerme vencendo sua distância golpeias sem som
A fatalidade cresce e cospe fogo e lava e sombra e fumaça de
panóplias e espadas para impedir teu passo
Fecho os olhos e tua imagem e semelhança são o mundo
A noite se deita ao meu lado e começa o diálogo ao qual
assistes como uma lâmpada votiva sem um murmúrio

pestanejando e queimando-me com uma luz tristíssima de
esquecimento e de casa vazia sob a tempestade noturna
O dia se ergue em vão
Eu pertença à sombra e envolto em sombra jazo sobre um
leito de lume

*1903-1973 | Argentina | ALDO
PELLEGRINI*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La valija de fuego | Poesía completa* (Editorial Argonauta. Buenos Aires, 2001).

NADA

Deslumbrado pelos ventres luminosos, vestido de negro, eternamente apoiado contra o muro das aproximações, esse monstro quase perfeito se fazia chamar homem. Por que persistir? Uma porta se abre e aparece uma blasfêmia flutuante, vagando pálida sem objetivo. Gangrena das esperanças. Sua mão se cansava de esmagar os piolhos de três cores. Os demais se entretinham fazendo comparações entre os termos injuriosos, porém o furacão insuportável a tudo arrastava. Frio selvagem. Eu não compreendo e compreendo. Quem diz isto vira a cara para não ver passar as pálpebras rígidas sob as neves intermináveis. A respiração dos supostos suicidas cai como uma chuva fina sobre os dentes postiços. As saudações sem fio unem as mãos sempre vazias. Mordam as portas até destroçar a falsa compreensão, enquanto isto sua mulher os esquecerá porque seus amantes se multiplicam, em seguida se carbonizam e finalmente ela lhes extrai a raiz cúbica. Apertando os punhos até que se degolem todos se precipitam para as portas onde o insuportável mendigo queima audazmente seus sorrisos. Um grito imediatamente destrói os mistérios de papel. A pedra se agiganta até que seja o mundo a girar desesperadamente na profundidade das pupilas do paranoide. Sobre o rosto crispado passam o sol, a noite, o grito repugnante das virgens, a morte cavalgando as axilas suadas, um adolescente que urina agarrado a uma árvore. Por trás dos molares na boca babenta, os muros gigantescos são derrubados frente ao olhar fixo da porca grávida.

De pé no umbral espera eternamente. Socorram-na. Estendam o arame sobre as falanges descarnadas para que passe o trem com estranha lentidão. Logo receberão a decepção das catástrofes sem mortos e os sobreviventes mencionarão com tristeza o infortúnio de terem sido salvos.

Porém ela, no alto da escada, me mostra seu rosto sem relevo, seu hálito sólido. No vértice da torre é um ponto negro que se lança ao vazio, mistura-se com os pássaros, com os excrementos do ar, dissolve-se na atmosfera, precipita-se

sobre a língua ofegante dos cães maiúsculos, afasta-se triste com os braços caídos, pisoteando seu próprio corpo e seu próprio sangue.

A MULHER TRANSPARENTE

Tua voz era uma bebida que eu tomava silencioso
diante de olhares assombrados
um pássaro de luz
saiu de teu corpo transparente
pássaro de luz
instante que volteia
em uma vertiginosa velocidade
atravessando ruas e ruas
perseguem teu corpo que foge
quando poderás afastar a turba enlouquecida?
Desamparada
ao cair te destroçaste toda
os restos de teu corpo se arrastam por todos os sítios do
mundo
ah um dia renascerás tu
a transparente
única, inconfundível
levemente inclinada, jamais caída
rodeada de impenetrável silêncio
avançando teu frágil pé entre a vacilante monotonia
ah um dia renascerá teu riso
teu riso de pássaro transparente
teu riso ferido.

ESTANDARTE DE TORMENTAS

A Enrique Molina

Quem despertou teus monstros e teus selvagens cavalos na
chuva?

o céu está repleto de olhos perdidos
a água da vida goteja das torneiras
pássaros de quietude bicam a tarde
nessa calma onde vão teus monstros?
eu os vi caminhar sobre os ventres desnudos com saltos de
plumas
saltos suaves e aéreos de mercúrios incandescentes
eu os vi caminhar com saltos de aço sobre as palavras mortas
e logo se perderam na névoa das horas.

Por que amo tua voz fruto de tumultos, embriaguez de
cozinhas e templos,
de coxas habitadas por tartarugas,
de garrafas suspensas nas naves das bocas?
descobriste a lente das metamorfoses
que dá furor de neve às mãos caídas
e virtude de cântaro à carne aletargada
descobriste a árvore que faz nascer os seios
as noites que cavalgam
descobriste que a solidão é um canto.

Um dia nos encontramos nesses abismos de ar irrespirável
onde ambos inventamos a ressurreição da linguagem
tu fazias surgir vampiros das pedras da voz
eu buscava cristais vivos no coração dos significados
como se entendem os homens com cadáveres de palavras?
hoje a poesia é um imenso cemitério
tu e eu quisemos que as palavras transportem vida
a vida maravilhosa que nos inunda
por isto açoitaste a linguagem para depois enchê-la de vinho
do vinho deslumbrante que embriaga os que escutam
eu ocultei nas entranhas do verbo um diamante que corta as
almas.

Palavra e vida, incêndio e sonho se mesclam
recolhamos a colheita de lábios
abandonemos o dente esquecido na mordida do amor
para buscar a calma que predica a desordem.

Marchemos até esse mundo de loucura lúcida
sedento de nosso veneno deslumbrante
vinho da linguagem que embriaga os que escutam
vinho das fogueiras
para acender a luz das tormentas.

TROFÉUS

Cada olhar é uma árvore que navega em um rio
uma árvore que cresce em palavras líquidas até que
transborde o céu adormecido
palavras nascidas do assombro com mão de desejo que abre a
porta que conduz à privação do canto
em um espaço infatigável
semeado de pedras mas que possui uma particular espécie de
divindade
ante a qual os adoradores resplandecentes de orgulho ofertam
a maligna substância de seus sentidos esgotados
em um espaço infatigável
com a hostilidade do órgão da surpresa e a submissa devoção
do cansaço

Tão enorme é a distância que nos separa
tão imensa a irritação que os homens cedem seu sonho
fortalecendo a covardia com as necessidades elementares
da vida
atentos à sua salvação enquanto caminham penosamente
através da distância que nos separa
e reúnem inumeráveis troféus obtidos nas campanhas
empreendidas para encurralar a inocência
e impudicamente deslocam o mar e a terra em uma façanha
discretamente vergonhosa
sem intenção de separar o bem do mal mas sim com o objetivo
de criar largos álveos de sofrimento
com essa sabedoria desdenhosa percorrida por trens que
partiram da hora do gênesis

e repetidamente detêm-se na desordem sem que tudo ao longo dos séculos possa alcançar essa estação de chegada onde aguardam esplêndidas senhoras enluvadas que tentam conter mediante indescritíveis esforços de pudor uma fome sexual que as devora interiormente mas que exteriormente lhes dá uma serena elegância de serpentes afetadas pelo calor.

RECONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM

Desde um banquinho de sonho, desde uma vitrina, em outro tempo buscava. O que buscava? O que se chama de outro tempo? Há dias em que é impossível encontrar o presente. Então buscava em outro tempo. O que buscava? Algo assim como um objeto. Buscava algo que fosse objeto. E por isso tasteava no vazio. Foi assim que tropecei com a imagem.

A imagem não é um objeto. É talvez uma forma que vê.

A chuva é uma forma. A chuva. Uma forma que arrasa a tristeza. Estava a chuva. Algo que transcorria sem consequência. Não, não; houve consequência. Estendi a mão e recebeste a chuva.

E inesperadamente
estavas comigo.

Então a angústia subiu com a lentidão de um oceano. Tu estavas longe de mim. Eu estava longe de ti. Porém tua mão encrespou-se na minha. Ausência do tempo. Nada começava nem seguia. O silêncio assobiava.

Estavas nua em meio ao silêncio. Nua de toda relação. Não estavas nem perto nem longe. Simplesmente estavas nua.

Nada perguntavas, porém olhavas de uma maneira estranha. Um vento breve agitou teus cabelos. Eu não podia me aproximar. Tu não podias te aproximar.

Um dia te abandonaste ao teu próprio aniquilamento. Tomaste a chave e abriste a porta desse incomparável prazer de deter-se. Frente a tudo o que foge, ficas. Tudo foge e ficas nessa coisa nova que é a morte. Nela de repente ficas e ninguém pode te socorrer. Ficas fora do tempo e todos se afastam. Estás sozinha, com absolutamente nada. Não como a altiva solidão dos que vivem. Absolutamente só porque até o orgulho te abandonou. Tuas mãos estão, porém não tens a companhia de tuas mãos, nem de teus pés. Teu sorriso também te abandonou. Já não estás perto ou distante. Simplesmente não estás.

Nesse momento em que te vi absolutamente sozinha eu também te abandonei. Senti crescer meu egoísmo como um sol acariciante. A esplêndida beleza do egoísmo. Abandonei-te e me senti só. Porém conservava minha vida. Conservava meu orgulho. E meu egoísmo. Conservava meu sorriso e minhas mãos. Conservava minhas mãos ávidas que buscavam na luz outra imagem. E acima de tudo conservava meu orgulho.

Ficaste ali e ainda não sei quem eras nem como eras.

E não me importa.

*1903-1979 | Japão | SHUZO
TAKIGUCHI*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *The Poetic Experiments of Shuzo Takiguchi 1927-1937, 1967.*

JUAN MIRÓ

A língua do vento.
O céu de cobalto sempre claro
pouco em
sua pintura.
Em um cartaz pré-histórico
as palavras dormem como seixos.

Um galope de penas
sequestra
a conversa entre cordas grosseiras e animais selvagens.
Você pinta dentro de uma marca de nascença piscando
o casamento do céu e do inferno
mais rápido
do que se amarrasse uma fita em um espelho.

Parque infantil.
De algum fliperama
uma bola transparente voa.
Eu chamo Miró.

RENÉ MAGRITTE

Silhuetas lançadas
fluem incessantemente como água,
fluem entre montanhas
rapidamente como um caleidoscópio.
A solidão do Pólo Norte
agita-se com silhuetas humanas.
Transmissão sem fim do ABC.

Na costa triturada
um chapéu de seda queima
como um truque de espelho,
como um eco humano
queima um chapéu de seda sem parar.

Então as chamas
foram recebidas como o ABC.

Na noite de um belo eclipse lunar
as silhuetas sorriram.

YVES TANGUY

É uma pistola sem peso –
sua mão.

A cauda de fumaça
como uma conversa ilimitada
risca floração e morte.
A cabeça de um deserto.
Um rasto branco paralelo às linhas do cabelo penteado.
Um barómetro seguiu seu sonho
sem piscar.
Um leitão libertado
espetado acima de suas orelhas de pétalas rosas
e desapareceu como uma estrela.

Todos
esperam por todos
em um desconhecido
porém familiar
tabuleiro de xadrez infinito.

SALVADOR DALÍ

O grito de longas listras
desperta os seixos suaves.
Um vazio estraçalhado
é a face da lua de uma mulher
como uma borboleta em uniforme
tristeza empoleirando-se esta noite

em uma face sem cabeça.
Relógios
em um banco insone
eram anfíbios fora da água do lago.
Agora o mundo
sofre de nostalgia severa,
e o espaço, cheio de desejo terrível,
estremece como um triângulo.
No fulgor histórico de um crepúsculo
os seres humanos se abraçam.
Um bando de pardais famintos e tímidos
voa para baixo
no grande espetáculo de aterradores objetos do século XX.
Eis o recipiente e o conteúdo do universo.
O fascinante complexo
de bebês puros.
Um enorme piano de cauda de porta-fecho
é uma máscara com uma boca aberta.
Ao longo da palavra Dalí
encontra-se uma costa misteriosa arruinada.
Dalí – o som gelado das ondas.

MAX ERNST

Um viajante noturno
devora
algemas críticas da noite
como um pedaço de carne.

À meia-noite sem voz
uma carta de mímica chega
aos cuidados do deserto de Gobi.

Uma lata de palavras
é confundida com um pedaço de carne
por famintos, eternos pássaros.

Uma noite
um presente humano
queimava como uma flor.

PABLO PICASSO

Os olhos tristes
das aves voadoras
são martelados em nosso sangue
como canções.
Alunos e lábios na água falam
para as orelhas e uma testa no chão.
O amor no vento
ergue uma voz suave
e abre as pétalas das janelas.
Uma cadeira branca dobra sua perna negra
e esfaqueia um peito
como uma espada.

Ao nascer da lua
uma mulher baixa os olhos para sua pele nua.
Um mapa manchado de sangue
espalha seu azul.
As asas das aves aquáticas
escondem o oceano.
A cor do leite ligeiramente
esconde a cor do sangue.

NOTURNO

De um copo onde vivem pássaros
uma prisioneira tira as luvas.
Um banho de luar lhe dá o equilíbrio de alguém de luto.
A noite ilumina claramente tudo dentro da noite.
Uma fonte continuamente costurava as rugas de uma cama
vazia.

Ela é tão fina quanto um buraco de fechadura.
Logo, dentro da pélvis, sentiu-se livre.

Entre hoje e amanhã, um lenço branco.

Umás férias sem fim de lábios vermelhos.
O sol é sedimento na parte inferior do vidro,
juntamente com os pássaros insones.

*1904-1936 / Espanha / JOSÉ MARÍA
HINOJOSA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Obra completa 1923-1931 (Fundación Genesian, 2004).

CAMPO – SECA

A Luis Buñuel

As árvores negras,
cruzam
seus ramos,
pedindo
um pouco d'água.
As árvores negras,
cravam
seu olhar,
no céu.
Nas árvores negras,
não lhes cai água,
e quase secas,
fixam seus olhos
na terra sem suco
e sem alento.

CAMPO – TORRENTE

A Federico G. Lorca

Ladeira
coberta de erva.
Córrego
sem fundo.
Uma aroeira
estende seus ramos
em círculo.
O melro
se deixa cair
com um voo rítmico
e crava sua flecha negra
no plano
verde, liso.

Vassouras
de filamentos cinzas
erguidos.
Pedras
com mofo amarelo.
Uma cabra
e seus dois cabritinhos
transpõem o visto.
o silêncio gira
buscando seu ruído.

NOSSO AMOR NO ARCO-ÍRIS

Nossos cabelos flutuam na curva do ar
e na curva da água flutua um barco pirata
que leva em sua cobertura, entre copas de breu,
teus olhares de âmbar e o âmbar de tuas mãos.
Nossos cabelos flutuam no ar avermelhado
enquanto seu corpo pende feito cor sua carne
das sete cores estendidas em um arco
sobre o céu de plástico ferido por seus olhos.
Por que sempre evitas encerrar tua carne
em minha carne coalhada de flores e feridas
abertas com punhais em brancas madrugadas
chegadas do deserto entre nuvens de pó?
Nossos cabelos flutuam na curva do ar
envoltos entre lufadas de crimes violentos
e mãos inocentes querem lavar o sangue
derramado na terra pelo primeiro amor.

JÁ NÃO ME BEIJAS

Um vento inesperado fez vibrar as portas
e nossos lábios eram de cristal na noite
empapados em sangue deixado pelos beijos
das bocas perdidas no centro dos bosques.

O fogo calcinava nossos lábios de pedra
e sua cinza vermelha cegava nossos olhos
cheios de indiferença entre quatro muralhas
amassadas com crâneos e areia dos trópicos.
Aquela foi a primeira vez em que nos encontramos,
levavas a cabeça de pássaros florida
e de flores de amendoeira as têmporas recobertas
entre línguas de fogo e vozes doloridas.
O rumo dos barcos era desconhecido
e o das caravanas que vão pelo deserto
deixando apenas um rastro sobre a água e a areia
de mastros feridos e de ossos sangrentos.
Aquela foi a última noite em que nossos lábios
de cristal e sangue uniram nosso fôlego,
enquanto a liberdade abria suas asas
de nossa boca ferida pelo último beijo.

MEU CORAÇÃO PERDIDO

Em seu corpo de espuma nasciam as espigas
que em rajadas de vento enchem com seus rumores
meu coração perdido no mar de sua língua
meu coração encontrado no centro do deserto
por cadeias de vozes em oásis de sangue.
Meu coração perdido busca entre seus encaixes
a chama que devore as ânsias de sua sombra
e as neves que desçam das altas montanhas.

*1904-1987 / França / ALICE
RAHON*



Os poemas “As amazonas do mar”, “O desespero” e “O país de Paalen” foram traduzidos por Leila Ferraz. Demais poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Noir animal* (Éditions Dolores, 1941), *Poèmes inédits (Pleine Marge # 4, décembre 1986)* e *Salamandra - Salamandre* (espagnol et français, Mexico: éditions El Tucan de Virginia, 1996).

AS AMAZONAS DO MAR

As amazonas do mar
Em seus vestidos negros dançam
Como aranhas em suas teias
E gritam e brincam com a boca fechada
Sobre a areia destes pedregulhos
Cada fio branco assentado sobre o negro
Um grão de areia na mão
E os calcanhares desgastados
O focinho de madeira esculpido no rosto arqueado
pela loucura no fogo noturno
Você respira as palavras envenenadas
Este fio trançado
Esta baba brilhante
Estes gemidos da grama sob os pés
Estas telas pesadas de tinta
Esta espiral vibrante d'água
Este focinho
Esta ponta
Amarrada no medo da gargalhada

O DESESPERO

A Pablo Picasso

Os fogos de artifício foram disparados.
O cinza é a cor absoluta do presente.
Eu vi que as andorinhas imitam as folhas mortas antes do
outono.
O desespero é uma escola de surdos-mudos passeando aos
domingos.
Seria melhor.
Não sei o que seria melhor.
O fio se rompe a todo instante, talvez seja o mesmo trabalho
decepcionante quando um cego tenta encontrar a memória
das cores em sua janela branca.

As belas mulheres trajadas de prata sempre voam sobre a cidade – Paciência – as placas das estradas onde cada erro é um fim irreparável, termina numa clava em formato de cabeça de cavalo.

É preciso gritar todos os seus segredos antes que seja tarde demais. Ele chega tarde demais se esquecermos de deixar a cadeira para que o desespero nela sente e faça parte da conversa.

Mesmo que alguém queime os braços, o desespero jamais se reduzirá à necessidade de implorar.

Então afetaré o perfil de uma papoula num céu tempestuoso. Sua risada só se tornará um insulto.

Recentemente me mudei para um mapa geográfico pregado na parede

E penso estar numa encruzilhada do vento

Eu me distraio com ele. Eu converso com ele.

O buquê de andorinhas levanta seu voo ao cair da tarde

E vai passar a noite nas lagoas.

A boneca pula corda com sua sombra.

Não dominarei nada sobre a sombra que não me seguiu na infância.

Eu creio que os mortos continuam a ouvir por muito tempo dentro de seus túmulos se seus corações voltarem a bater.

Pelo ruído, pela companhia do ruído, saudemos a companhia atada por fitas.

O PAÍS DE PAALLEN

A Wolfgang Paalen

O País de Paalen

O país de águas azuis

Vive sob os bosques

E sob os animais da noite.

O país dos totens

E dos faróis do espírito

O fogo, o amor

O âmbar da eternidade
É tua passagem por aqui
Teu castelo de estrelas.
Wolfgang Paalen, poeta, pintor dos mundos a serem
descobertos
Paalen apenas revelações escritas sobre a areia da aurora.
Aquele que lê a escrita das andorinhas sobre o céu da noite.
Aquele que parece como uma cachoeira ao lado de um
rochedo.
A cascata parada.
Que dorme um sono estrondoso
Vestido de espumas e estrelas prestes a nascer,
Das trevas que explodem ou acordam como uma torrente
Aquele que viaja para longe
As Cosmogonias dos reinos sem volta
Paalen emprestando os caminhos de água e de sonho para as
geometrias encantadas do fundo da terra.
No fundo do ar.
No fundo do azul, no fundo de uma cevada perolada e colheitas
sem fim unidas como um cristal mais duro que um rochedo,
uma lágrima sobre o coração da solidão.

MÉLUSINE

Saúdo a árvore invisível
o arbusto invisível
no meio do jardim à tarde
que o colibri desenha em seu voo
o movimento imobilizado
as manchas de sol no fundo do poço
o poço sem fundo
nas profundezas da escuridão.
No amanhecer, Melusina
pega o sol nas mãos
o amanhecer como a água foge
Mélusine o seu choro
para aquele sol que te aponta!

Você está fugindo do seu choro
e o espelho do amor do amor
dos homens Melusine
chora seu reflexo que não vai voltar.

[NA NOITE DO PRINCÍPIO]

Na noite do principio
a bruma deixou
seu sangue
entre os lábios salgados
bem além dos olhos do sol

O sorriso da morte
recostada no caminho
inesperada como o rosto do passado

Para estes destinos paralelos
não há linha no horizonte
onde reunir-se ou descansar
ou fugir dos peixes cruéis
da angústia e da preocupação

Eles nadam nas margens
dos rios escuros
que separam os amantes

A sombra desce uma escada do sol
até o fundo de meu coração

Penso nos amores castos e pensativos
desses animais que se unem
como se dessem a mão

[ENCONTRO DE RIO]

Encontro de rio
água que vem das nuvens
e dos mananciais
água que me une a teu destino
água livre que nunca retorna
às suas origens
última roupagem para meu medo
atraída por ti com uma argola no nariz
até esta noite
como uma gota de água a noite
chamando até que nos levantemos
ardil do fogo para tudo queimar

MUTTRA

Rolando no chão
buscando o coral para sua lâmpada
Seios entregues voando e cantando
ao contrário da pega que se enche de seu canto
invisível na árvore molhada
Todas as vozes femininas à beira da floresta
sob a pata de palmeira
que semeia uma cevada de nuvens
acima dos terraços de cevada
A floresta magnetizada está à deriva
a floresta de frutos de todos os sexos confunde
o lento amor dos miméticos nas lianas
esta folha está me observa
de suas órbitas vazias
no fundo do jardim voador.

*1904-1989 / Espanha / SALVADOR
DALÍ*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La femme visible*, 1930. *L'amour et la mémoire*, 1931.

O GRANDE MASTURBADOR (fragmento)

A pesar da escuridão reinante
a noite estava apenas começando
nos beirais das grandes escadarias de ágata
onde
fatigado pela luz do dia
que durava desde o nascer do sol
o grande Masturbador
seu nariz imenso apoiado sobre o piso de ônix
suas enormes pálpebras fechadas
a fronte corroída por rugas horríveis
e o pescoço inchado pelo célebre furúnculo que fervilha de
formigas
se imobiliza
estático nesse instante do crepúsculo ainda bem luminoso
enquanto a membrana que recobre inteiramente sua boca
se enrijece ao longo da angústia da enorme lagosta
presa imóvel e apertada contra ela
há quatro dias e cinco noites.

Todo o amor
e toda a embriaguez
do grande Masturbador
residia
nos cruéis ornamentos de ouro falso
que recobrem as frentes delicadas e brandas
e imitam
a forma de uma coroa imperial
cujas finas folhas de acanto bronzeado
se prolongam
até as faces rosadas e imberbes
e continuam suas fibras duras
até fundi-las
no alabastro claro de sua nuca.

O AMOR E A MEMÓRIA (fragmento)

Há coisas imóveis como um pão

Nos lugares amados
porém não amados em excesso
imitados muito rápida e cortesmente
predispostos às influências coloniais
uma viseira oprimida como um empréstimo
estava
quase
mal posta
sem mesclar-se
com
esse lugar colonial
onde
havia
muitas varetas
departamentais
em função
do pão
o pão bem tostado
parecido com o pranto
com o pranto
parecido
com a imagem reproduzida em tricolor
de um ninho
o ninho parecido
com a palavra-emblema
Levarei com raiva
condicionalmente
ou não
as coisas anotadas
colonialmente
englobadas
ou não
muito apreciavelmente
por uma só beirada

ou
por pômulos gerais
ou
por diferentes conjuntos
ou
por uma coisa depositada
ou
por quase-coisas
ou
por coisas dando volta
ou
por um cabo
ou
por cabos
ou
por uma coisa colocada
próxima a uma costura
mamada pelas obras pelos mendigos
ou
pela imagem de minha irmã.

POEMA

A Lydia de Cadaqués

Uma orelha quieta encima uma pequena fumaça direita
indicando chuva de formigas sobre o mar.
Ao lado da rocha fria há um pelo de cílio.
Um pedaço de carne desgarrada apontando o mal tempo.
Há seis peitos extraviados dentro de uma água quadrada.
Um burro apodrecido zumbido de pequenos ponteiros de
minutos representando o princípio da primavera.
Há um umbigo colocado em um lugar com sua pequeníssima
dentadura branca de espinha de peixe.
Um caranguejo seco sobre cortiça indicando o avanço do mar.
Há um nu cor de lua e leva seu nariz.

Uma garrafa de anis do macaco horizontal sobre uma madeira vazia, simulando o sonho.
Há uma sombra de azeitona em uma ruga.

[POR QUE ESPERAR]

Por que esperar que a espuma pouse sobre as rochas lisas
se precisamente as nuvens vivem
dentro as plumas de dentro as rochas lisas
porém as nuvens, a espuma e as rochas lisas
não formam outra coisa que uma antiga e conhecida paisagem
onde vivi minha adolescência
meus lábios, meus olhos perdidos entre os seixos...
meus cabelos imitando os gestos das pedras
e vigiado unicamente
por uma pequena azeitona vigilante
alegre
como um violento pontapé no meio da bunda.

1905-1980 / República Checa /
VLADIMIR HOLAN



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Vladimir Holan (Bassac: Éditions Plein chant, 1990 — tradução
de Patrick Ourednik) e *Mirroring: Selected poems* (Connecticut:
Wesleyan University, 1985 — tradução de G. Hanzlicek e Dana
Hábová).

VIAGEM A ISFAHAN

Esta viagem adiada a Isfahan
uma vez mais cresce em mim com mais força
e insufla em minha boca
a respiração de um roseiral em flor.

Eu me evaporo mais facilmente
quando a árvore mais próxima se põe a sussurrar
e das rochas lunares deste estranho país
faz com que abunde o vinho, o decante

ao coração de cada instante
que corre rindo em cada mundo,
até que pressinto uma grande morte, essa que se inclina sobre
as crianças
com silenciosa admiração,

essa pequena morte, essa morte amável que também
acena aos piratas
e aos pássaros que voam ao redor da casa
onde o prisioneiro não cessa de...

Apenas nossos olhos existem e o céu sobre eles.
Isto sabe o cativo, e vêem o pássaro e o menino.
“E se eu dormisse?” — Há poços e céu, dá-me a mão! —
Eis aqui como a morte nos convida. Eis aqui o que responde
gentilmente.

SOMNIA ET NOCTIUM PHANTASMATA

Esta é a noite em que pela porta secreta do desvelo
entram fenômenos demasiado criados
para que se rendam ao desaparecimento.
Com amargura range o degrau e as roupas,
com apagada concentração esperam cintilar
seguindo o horário da coruja.

Algum traço em vão se cansa
de ser sorriso sem troca de alma,
alguma mão pensa em ecos
a voz penteada por sobre as orelhas do inferno;
soa algum passo apenas vacilante
(já que a necessidade é para o futuro,
embora precisamente ele não a queira)
quando de imediato uma sombra se move persuasiva
e queima a crosta dos estigmas
na pequena chama da eterna Lâmpada,
enquanto é seguida pelos olhos de todos...

Apenas tu continuas dormindo, dormes quase
obstinadamente,
como se graças aos cabelos perdurando no ataúde
quisesses pressentir
o destruído pente do anjo.

[QUANDO CHOVE NO DOMINGO]

Quando Chove no domingo e estás sozinho,
completamente só,
aberto a tudo, porém não chega nem o ladrão
e não bate à porta nem o bêbado nem o inimigo;
quando chove no domingo enquanto estás
abandonado
e não compreendes como viver sem corpo
e como não viver uma vez que tens corpo;
quando chove no domingo e simplesmente não és mais do que
tu,
não esperes sequer falar consigo mesmo!
Então o anjo é o único que sabe
o que há acima dele,
então o diabo é o único que sabe
o que há abaixo dele.

O livro sustentado, o poema ao cair...

ENCONTRO NO ELEVADOR

Entramos na cabine e estávamos ali apenas os dois.
Entreolhávamo-nos sem fazer outra coisa.
Duas vidas, um instante, a plenitude, a felicidade...
No quinto andar ela desceu, e eu, que continuava,
compreendi que nunca mais a veria,
que era um encontro de uma vez para sempre
e que, ainda que a houvesse seguido, o teria feito como um
morto,
e que, se ela tivesse se virado para mim,
somente poderia fazê-lo de outro mundo.

NOITE DE INSÔNIA

Estava só, completamente só,
até mesmo o sonho noturno havia me abandonado...
De imediato me pareceu ouvir não umas palavras, mas sim uns
sons,
uns sons sempre em três suspiros
como vento e farinha...
“O que pode ser isso? Não há tempo a perder!”,
resmunguei e ajeitando o cabelo com um trago de vinho
fiquei de pé e, nu, apalpei a escuridão
e um momento depois a negra febre de minha mão
abria o armário... Em seu interior as traças agitavam as roupas...
Sou mais mortal do que meu corpo...

*1905-1989 | Egito | GEORGES
SCHEHADÉ*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Les poésies (Paris: NRF, 1952) e *Poesías* (Buenos Aires:
Carmina, 1957 — tradução de Madame Maffei).

[ENTÃO CADA VERÃO]

Então cada verão será para mim
Uma nova melancolia
Eu te amo assim como te digo
Por um cavalo branco como o inverno
Os ventos se despojam de orvalho
E morrem os pássaros pelas feridas do mar
Coroai o amor que estica o arco
Uma andorinha cruzou a tarde
Ela está sem cor sem força
Essa estação não passará sem uma nova estrela
Seu azul guarda o calor de todas as noites

[AOS QUE SE VÃO PARA ESQUECER]

Aos que se vão para esquecer sua casa
E o muro familiar em sombras
Eu anuncio a planície e as águas enferrujadas
E a grande Bíblia de pedra

Não conhecerão
— Além do ferro e do jasmim das formas —
A Noite contente de conduzir os mundos
A idade em repouso como uma seiva

Não houve canto para eles
Apenas o queimante orvalho do mar
Apenas a eterna tristeza dos mananciais

[EU TE CHAMO MARIA]

Eu te chamo Maria
Um casto corpo a corpo com tuas asas
És bela como as coisas que tenho visto
De modo que não há ninguém como teu filho na paisagem

Ou ninguém com tua pele prateada em cima das camas
Eu te invejo Maria
O céu te cobre de dor
Os corvos tocaram teus olhos azuis
Criança tu me inquietas tu me inquietas
A folhagem está louca por ti

[ALGUMA VEZ NO SONHO]

Alguma vez no sonho
As sementes despertam das sombras
Surgem crianças com seus mundos
Leves como a ossada das flores
Agora em um país tão longe porém tão próximo pela
melancolia da alma
Por reunir a papoula das pálpebras inocentes
Os corpos da noite retornam ao mar

[CADA JANELA TINHA O CÉU]

Cada janela tinha o céu de uma pradaria
Nessa casa esquecida
Também havia pássaros que traziam as notícias
E em sonhos uma criança relatava sua vida

Amor
Onde estão as noites do inverno
A doce lâmpada dentro de seu vestido de vidro
E o relógio que soa e que chama
Uma criança apenas adormecida

*1906-1999 | Reino Unido | EMMY
BRIDGWATER*



Poemas traduzidos por Allan Vidigal, exceto “Os pássaros”,
traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: poemas
avulsos, em revistas e antologias.

SOBRE O TRAÇO

De volta à Terra
À árvore nascida da baga.
Rubra... Rubra... Rubra como a Terra,
Cresce Capim – Capim verde crescendo
Não haverá espaços outrora estrelas,
E assinaturas nos espaços sobre o traço – assinaturas.
Morte negra e árvores diluídas aos
Brados de “É hora,
Agora é hora,
E logo não haverá mais tempo”.
Sem pincéis, sem cores, sem tintas a correr
Sem dedos e sem dar as mãos
O pincel sem mover-se em linhas
Parado tudo tão parado tão
Olhos que tudo veem. Olhos sempre vendo
Sem corredeira,
Sem cerejeira em flor.

DE VOLTA AO COMEÇO DA PARTITURA

Depois de dez mil anos, repetirei meu pedido.
Repetirei no jardim acinzentado da manhã quando as nuvens
balançam e as gotas de chuva cantam e o solo está úmido e
as minhocas revolvem, revolvem, a terra que sou.
Passarinho marrom, escutarás.
Sem dar atenção à insistência dos sussurros, irá novamente
voltar a atenção a bicar seu inseto de corpo listrado de
preto e os olhos azuis de uma Mona Lisa.
Estende-se a grama penetrante pelo solo não-virgem, marrom
como sangue derramado e seco.
E mais uma vez, depois do inseto,
Irás
Irás cantar.

NÃO

A Jornada

Dois surrados na Luz Vermelha de bar em bar.
A ficha caiu escuridão os fez subir
Ali ficaram sugando a videira entalhada no teto.
Os cantos da sala giravam e dançavam
E os troncos das árvores gemiam.
Períodos completos cortado em fatias
Enquanto fibras de serpentes mordicavam pitéus
E peixes cinzentos nadavam em serragem, de olhos vidrados,
esculpindo padrões adesivos, intrincados como o pecado.
E lentamente – como a estrela do mar rastejando de encontro
à onda –
E lentamente, mas sem se mover como a areia na areia
movediça,
Chegou a Carruagem...
mas eles se foram.

OS PÁSSAROS

Um

Ele puxou o cobertor e ela desenhou o cego. Os ratos amarelos se precipitaram nos cantos. As aranhas correram atrás das fotos. A palestra começou sobre Cristo, o Precursor. Apenas os ratos muito jovens ficaram sentados para ouvir. Os melros voando perto da janela passaram a palavra um para o outro. “Vamos! Aqui podemos encontrar algo! Alguma coisa para colocar os nossos bicos!” Snap foi o fio da janela: o cego foi para baixo. Os pássaros, desapontados, fizeram o melhor que puderam. Eles voaram mais perto e mais perto do painel da janela. Era perigoso. Não valia a pena. Mas eles queriam receber a notícia – para ser o primeiro a saber – para transmitir as novidades. O que aconteceu com a palestra sobre Cristo? Ainda se encontravam debaixo dos cobertores? As

aranhas riram em suas mãos para pensar nos pássaros fora de todos os gostos e excessos.

Dois

Quando ela entrou no jardim, os pássaros voaram até os seus lábios. “Não faça isso”, ela chorou. “É meu. Estou vivo, você sabe.” “Bem, por que você não usa cores?” Ela os ouviu falar. “As pessoas mortas caminham, mas não usam cores. Eles gritam e eles falam também.” O pássaro continuou tagarelado sobre pessoas mortas. Todos se encontraram no mato do azevinho, mas eles não picaram as bagas macias. Eles apenas olharam para ela. Todos olharam com seus pequenos olhos pretos. Eles ficaram olhando seus lábios vermelhos.

Três

“Cante uma música para o Rei. Vamos, cante agora!” A criança era tímida para começar, mas sua mãe atrás dela, lhe deu um pequeno impulso que a assustou para abrir a boca e ela começou, “Não era um prato sujo para colocar diante do rei.” “Ok, mãe”, e ela cantou, “quatro e vinte Preto... Ohhhh” para um pavão que tinha caminhado na frente dela e espalhado a cauda e gritou “Frico. Frico.” A menina ficou muito branca. “Frico. Frico.” – ela disse. Os pássaros, que estavam sentados na cornija como parte da decoração, voaram para o tribunal e rodearam as cabeças do rei e dos cortesãos, agitando o máximo possível. Todas as pessoas agitaram as mãos impotentes. De repente, a menina apontou para o Rei. “Você deve sair daqui”, ela disse com uma voz adulta. “Este é o seu Palácio.”

*1907-1968 | Suécia | GUNNAR
EKELÖF*



Poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obra consultada: *Selected Poems* (Harmondsworth: Penguin, 1971 — tradução de W. H. Auden e Leif Sjöberg).

[AS FLORES DORMEM NA JANELA]

As flores dormem na janela e a lamparina espreita luz
a janela espreita de olhos vazios fixos no escuro
pinturas exibem sem alma o pensamento a elas confiado
e as moscas pousam nas paredes para pensar

as flores inclinam-se para a noite e a lamparina tece luz
o gato no canto tece fios de lã em que dormir
no fogão o bule de café ronca às vezes de prazer
as crianças brincam quietas no chão com palavras

a mesa posta com uma toalha branca aguarda alguém
cujos pés jamais subirão as escadas

um apito de trem pelo túnel do silêncio soa distante
não descobre o segredo das coisas
e o destino conta as badaladas do pêndulo em decimais

APOTHESIS

dá-me veneno mortal ou sonhos para viver
o ascetismo logo irá terminar nos / portais da lua que o sol
abençoou / e embora descasados da realidade os sonhos
do morto cessarão de prantear seu destino

pai lego ao teu paraíso meu olho como / uma gota azul no
oceano
o mundo negro não mais se curva por esmolas / e salmos
mas ventos milenares ponteiam o cabelo / solto das árvores
poços saciam a sede do viajante invisível
quatro direções postam-se vazias em torno do esquife
e a musselina dos anjos se converte
por uma varinha mágica
em nada

EUFORIA

Te sentas sozinho no jardim com teu caderno, um sanduíche,
garrafa e cachimbo.

É noite, mas tão calma que a vela queima sem tremular,
espalha seu brilho pela mesa de tábuas grosseiras
e brilha na garrafa e no copo.

Um gole, uma mordida, e acendes o cachimbo.
Escreves uma ou duas linhas e para e pensa
a faixa fina do vermelho da noite passando lentamente ao
vermelho da manhã,
o mar de cerefólio, espumando verde-branco no escuro da
noite de verão,
nem uma mariposa sequer em torno da vela, mas corais de
mosquitos no carvalho,
folhas estáticas contra o céu... E o choupo farfalha em meio à
calma:
Toda a natureza forte de amor e morte ao teu redor.

Como se fosse a última noite antes de uma longa jornada:
A passagem já está no teu bolso e todas as malas finalmente
feitas.
E te sentas e pressentes a proximidade da terra distante,
sentes como tudo está em tudo, tanto o fim quanto o começo,
sentes que aqui e agora é tanto partida quanto regresso
sentes como morte e vida são tão fortes quanto o vinho dentro
de ti!

Sim, unir-me à noite, unir-me a mim, à chama da vela
que me encara estática, insondável e estática,
unir-me ao choupo que treme e sussurra,
à multidão de flores que se esgueira do escuro para escutar
algo que estava na ponta da língua mas nunca foi dito,
algo que eu não queria revelar mesmo que pudesse.
E que em mim murmura de pura felicidade!
E a chama de eleva... como se as flores se aproximassem cada
vez mais

e mais da luz em um arco-íris de pontos brilhantes.
O choupo treme e brinca, a noite vermelha termina
e tudo inexprimível e distante é inexprimível e próximo.

Canto a única coisa que concilia,
canto apenas o que é igualmente prático para todos.

TODO O MUNDO É UM MUNDO

Todo o mundo é um mundo, habitado
por seres cegos em comoção escura
contra o *self* o rei que os governa.
Em cada alma milhares de almas aprisionadas,
em cada mundo milhares de mundos escondidos
e esses cegos, esses submundos
são reais e vivos, embora incompletos,
tão verdadeiros quanto eu. E nós reis
e príncipes das milhares de possibilidades em nós
somos também servos, aprisionados
em uma criatura maior cujos *self* e ser
entendemos tão mal quanto nosso superior
entende o seu. Nossos sentimentos assumiram
a cor de seu amor e sua morte.

Como quando passa um grande navio
distante, além do horizonte, deitado
sobre o brilho da noite — e não sabemos dele
até que as marolas nos alcancem na costa,
primeiro uma, depois outra, depois muitas
batendo e ressoando até que tudo volte
a ser como antes. — Mas tudo mudou.

E assim nós as sombras nos perturbamos com um estranho
incômodo
quando algo nos diz que outros foram em frente,
que algumas das possibilidades foram liberadas.

[DÁ-ME VENENO MORTAL]

"Dá-me veneno mortal ou sonhos para viver" — Mas agora
mais do que sonhos para viver quero veneno mortal
Capitão sem tripulação, pois todos
Comeram do lótus, tornaram-se porcos que recuso-me a
comandar —

Timoneiro só, exausto — também eu dei à terra
Numa praia que me era estranha, com estes corpos por carga
Dá-me água! Só o que tenho é salmoura
Dá-me a água mágica que lavará o sangue
Dá-me de volta a ilha onde afundei em sonhos
Ali caminhei sob a canga da liberdade, com rédeas de ouro
Quem uma vez se viu náufrago preso no abismo que suga
não luta contra o leme, não tem mãos para navegar
O que tem a fazer é ensiná-las a acariciar —
Como o príncipe que certa vez mergulhou a cabeça numa fonte
por um momento sentiu a nascente vertiginosa do tempo
retrocedendo no Tempo, 1001 anos atrás, lhe vejo refletir
a si mesmo no olhar que é meu. E assim naufraguei
com a Ninfa que dá veneno mortal ou sonhos para viver
Sem mapa, sem estrelas, com e contra as correntes
Uma vez naufraguei na ilha da ninfa ruiva alourada.

1907-1988 | França | RENE CHAR



“Os sóis canoros” e “A luxúria” traduzidos por Floriano Martins; demais poemas traduzidos por Contador Borges. Obras consultadas: *L'action de la justice est éteinte* (Paris: Editions Surréalistes, 1931), *Le marteau sans maître* (Paris: Editions Surréalistes, 1934) e *Le nu perdu 1964-1975* (Paris: Gallimard, 1978).

OS SÓIS CANOROS

As desapareições inexplicáveis
Os acidentes imprevisíveis
Os infortúnios talvez excessivos
As catástrofes de toda ordem
Os cataclismos que afogam e carbonizam
O suicídio considerado crime
Os degenerados intratáveis
Os que enrolam na cabeça um avental de ferreiro
Os ingênuos de primeira magnitude
Os que colocam o féretro de sua mãe no fundo de um poço
Os cérebros incultos
Os miolos de couro
Os que invernam no hospital e conservam a embriaguez das
roupas dilaceradas
A malva das prisões
A urtiga das prisões
A parietária das prisões
A figueira nutriz de ruínas
Os silenciosos incuráveis
Os que canalizam a espuma do mundo subterrâneo
Os enamorados em êxtase
Os poetas escavadores
Os que assassinam os órfãos tocando clarim
Os mágicos da espiga
Imperam temperatura benigna ao redor dos suarentos
embalsamadores do trabalho.

A LUXÚRIA

A água vê como se apagam gradualmente os traços da
memória gelada
A extensão da solidão é o que torna visível a presa que foge
Através de cada uma das regiões
Onde se mata onde se é morto livremente
Presa insensível

Indistintamente projetada
Mais aquém do desejo e mais além da morte

O sonhador embalsamado em sua camisa de força
Rodeado de utensílios efêmeros
Figuras que se desvanecem assim que formadas
Sua revolução celebra a apoteose da vida que declina
O desaparecimento progressivo das partes lambidas
A queda das torrentes na opacidade das tumbas
Os suores e mal-estares que anunciam o fogo central
E finalmente o universo com todo seu peito atlético
Necrópole fluvial
Após o dilúvio dos radiantes

Esse fanático das nuvens
Tem o poder sobrenatural
De deslocar para consideráveis distâncias
As paisagens habituais
De romper a harmonia acumulada
De tornar irreconhecíveis os lugares fúnebres
No dia seguinte dos proveitosos homicídios
Sem que a consciência originária
Se cubra com o deslizamento purificador do chão.

PARA QUE NADA LHE SEJA MUDADO

1

Devotada, toma minhas mãos intendentas, sobe a escada
negra; fumaça na volúpia dos grãos, as cidades são ferro e
conversa distante.

2

Nosso desejo tirava a roupa quente das águas antes de nadar
em seu coração.

3

Torneios de pássaros afastam na luzerna de tua voz desvelos de
secura.

4

Quando as areias lanhadas pelas lentas cargas da terra se
tornarem guias, a calma chegará em nosso círculo.

5

O colosso de fragmentos me lacera. Em pé se atura a tortura.

6

O céu não é mais tão amarelo, nem o sol tão azul. A estrela
furtiva da chuva se anuncia. Irmão, sílex fiel, teu jugo rompeu-
se. A paz jorrou de teus ombros.

7

Beleza, caminho ao teu encontro na solidão do frio. Teu rosa
pisca, o vento brilha. A boca da tarde se encova.

8

Cativo, desposei a lentidão da hera no assalto à pedra da
eternidade.

9

“Amo você”, repete o vento a tudo o que ele torna vivo. Amo
você e você vive em mim.

A SAÍDA

Tudo se apagou:
O dia, a luz interior.
Massa dolorida.
Não achava meu tempo verdadeiro,
Minha casa.

O trote dos mortos mal mortos
Ressoando pelos ocos;
Eu ficava restrito
A um céu nebuloso.
Nutrido por quem não é do meio,
Passo a passo, quase refeito.

A vinha será plena
Onde o sol a salvo
Combate teus ombros.

PARA REATAR

Ficamos súbito demasiado próximos de alguma coisa que nos mantém a uma distância misteriosamente favorável e mesurada. Desde então é a tortura. A cabeça perde seu apoio.

É insuportável sentir-se parte solidária e impotente de uma beleza agonizante por causa de outro. Solidária no peito e impotente no movimento de seu espírito.

Se o que te mostro e o que te dou, te parece menor do que aquilo que te escondo, minha balança é pobre, meus grãos sem virtude.

És sacrário de obscuridade em minha face escancarada, poema. Meu esplendor e minha dor se insinuaram entre os dois.

Derrubar a existência, feiamente acumulada, e reaver o olhar que no começo a amou bastante, para expor seu fundamento. O que me resta a viver, está neste assalto, neste arrepio.

*1907-1988 | Grécia | NIKOLAS
KALAS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Οδός Νικήτα Ράντου (Ατenas: Ed. Ίκαρος, 1977).

REVOLUÇÃO

Toda a terra do olho, toda a terra – cruzes
e a terra de outros olhos também cruzes
de dentro da terra os mortos e quentes corpos de soldados.
Da terra brotam robustas as cruzes
cruzes em tumbas em bodas e antes e depois cruzes.
E nas duas coroas flores de limão imperecíveis flores agora
para as noivas com véu das cruzes.
Apertados, apertados, seus véus branquíssimos tingidos de
negro
– sobre os próprios corpos, o insaciável corpo da noiva
jogado ao chão, o convite ao amor dos soluços deles
e em outros leitos, outras bodas.
Os beijos da irmã no irmão e da filha na cruz paterna
a boda trágica, os beijos da mãe no filho
as outras bodas, irmão com irmão
os uivos dos véus, o convite da noite
os negros lençóis de uma noite de orgias, os beijos secretos de
amor
o beijo no morto e nas cruzes, toda a terra do olho cruzes
a terra o céu e por ali anjos adornados com luas
meias luas e anjos e cantos
assim no céu como na terra, e descem as estrelas
e ritmicamente se movem as meias luas
cada uma sobre sua própria cruz
e corta a cruz como se fosse espiga, oh que fosse espiga
e os negros e secos paus carregados de canas
e os olhos das mulheres canto de pássaros
e suas orações que fossem beijos
e os beijos prévios de crianças, oh alegria
pulsa meu coração, golpeia como um martelo.

Eu quisera fazer um céu
ter agora que anoiteceu um firmamento para olhar
o tornaria grande, pleno de estrelas de formas estranhas
nele poria ao invés de uma duas luas desiguais

uma pequena como uma criança, outra grande como uma
queixa.

As duas não andariam juntas sempre
a primeira se deitara próxima do norte
e a grande viria em cima de meu relógio para tanger a meia-
noite.

Durante o tempo em que andaram juntas
como dois olhos azuis – da cegueira os olhos
veriam tudo o que fez o medo
veriam lançadas a meu lado
palavras – do dia as palavras
e me perseguiriam as luas
e seu brilho me cravaria
e uma em silêncio falaria um idioma de arrependimento
e a outra com paixão correria pelo firmamento
sobre novas trajetórias
de modo que do céu de duas luas
a nova ordem pareça loucura
e incensados pela harmonia delas subiriam e baixariam
minhas pálpebras.

Duplo jogo de círculos agora cobre o céu
melodias aparelhadas jamais ouvidas por mim
geram as cordas invisíveis das luas
motivos eternos para mandolinas e serenatas
e enquanto crescem os números das luas –
coroa inteira de brancas bolas o céu
correm e elevam rodas luminosas
e fazem subir ao céu.

Antes do amanhecer beijos são ouvidos
são as luas que caem e se machucam.

Quando me desperto o faço por cansaço meu corpo parece
haver sofrido.

E o verde caía no azul
e se convertia naquele olho cinza
um cinza ligeiro
simples sombra sobre a expressão

rolava o olho por todas as partes – direita e esquerda, acima e
abaixo
agora que se livrou de seu corpo insuportável
planeta grande e luminoso
astro para passos de mágico
– porém os mágicos morreram –
e arrastro ao pés por sua rota sem sentido
pela cidade as montanhas da costa
até a minha inóspita minha desnuda cama
e o olho vaga como bala no caos
como sol brilhante – que a doce luz, a luz indolor da lua –
como sol que queima, que olhas, que não vês
como sol igual a olho divino
o olho do amor
presenteia ao sonho vigília
e à minha ilusão pesadelo
antes de apaga-lo a aurora transmuta sua cor
como nos raios uma bela opala a acaricia
e se converte em azul
com uma linhas em cor de rosa que recordem coral
em seguida predomina aquele verde esmeralda
que passeia pelas relvas tomadas de orvalho
ao verde o sucedem as insuportáveis mostras amarelas de vida
aborrecida.

Ao despertar – desperto por cansaço
bem aberto o olho ainda está me olhando
brincando com as cores em que foram tecidos tantos amores
seus
brincando com as cores que desdobram as pregas de outros
olhos
os olhos queridos de corpos alheios
olhos que esperavam
e se fecharam para que nada vissem porém acabaram vendo
olhos que amavam
e agora não sabem o que é preferível
permanecer abertos ou fechados.

HIPÁTIA 1933

Nas águas do Nilo, de rios que passam por grandes cidades
contemporâneas, ela se banha.
Sobretudo, no entanto, com esse líquido, rega adoráveis lábios.
Tornou-se sábia. Mostra o valor de palavras que não se
convertem em cinza
nem se registram.
A ela lhe basta repeti-las por toda a noite
sem que nem por um momento se atenua a atenção do outro.

NARCISO 1934

Agora que a esperança se volta para o passado
que a hora das decisões já não retorna
as rotas marítimas os pavimentos de madeira se põem em
outros horizontes
é que em seu próprio se regressa
espreita na extensão de águas estancadas
a imagem de um enrugado murcho e abominável narciso
a imagem que Narciso não quis lhe presentear.

CASTOR E PÓLUX

A visibilidade da norte materna estava dominando
conhecimentos e jogos não a ocultavam
homens se tornaram adultos; a consciência foi substituída
cor e semblante juntam os lábios dos gêmeos
a luz desse amor veemente cega também os demais
suas eternamente mortais superstições
o túmulo foi coberto com inscrições de amores
já se foram as orações e as preces para a mãe
seu afeto novamente incubado, inteiro, vive outra vez em seus
beijos.

*ONDE APARECE A RELAÇÃO ÍNTIMA ENTRE
COISAS COM LUZ IMPRÓPRIA E HETEROGÊNEAS*

Um nome passa sobre meus lábios prazer para os olhos
 banhado em luz
novamente lembrado
lua muito além do céu e da humildade o demasiado egoísmo
 meu
não é virtude o aroma das flores,
a prados a pradarias absolvição de pecados
aos pés de Adônis e da Sempre Virgem a lira toca orações
superior a prece ou fragrância, a meio tempo, a quinta matinal.

*1908-1944 | França | RENE
DAUMAL*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poésie noire, poésie blanche (Paris: NRF, 1954).

A DESILUSÃO

Branco e negro e branco e negro
atenção, quero lhes ensinar a morrer,
fechem os olhos, apertem os dentes,
clac!, vejam só, não é nada difícil,
não há nisto nada assombroso.

Falo com vocês sem paixão,
negro e branco e negro e branco,
clac!, vejam que logo se aprende,
falo sem amor,
e no entanto vocês bem sabem...
— há que levar a evidência até o absurdo —

Branco e negro e branco e negro e negro e branco,
se nossas almas mudassem seus corpos,
nada mudaria,
portanto não me falem mais de corpos e almas.

Branco, negro, clac!, é a única coisa
que podemos conceber unido
(não é certo que não há nisto nada trágico?)

Falo com vocês sem paixão
branco, negro, branco, negro, clac!,
é meu eterno grito de moribundo,
esse grito branco, esse oco negro...
Oh vocês não entendem nada,
sequer existem,
eu me encontro só para morrer.

ENTRADA DAS LARVAS

O pertigueiro da igreja levava a pascir suas cabras pela vazia avenida.
Algumas crianças morriam ou se secavam nas janelas — era primavera e as mãos dos homens se estendiam ao sol, oferecendo a todos esse pão de suas palmas que as crianças ainda não haviam mordido.
Sobre os terraços alguém se encontrava entre a terra e o céu. Nesse dia houve muitos crâneos rotos de jovens que queriam voar por sobre os jardins.
As gaivotas e os lenços golpeavam o ar e rompiam azul nos cristais, e uns barcos de cristal fugiam para muito além das nuvens.
Quando veio a noite, coube o turno aos anciãos: invadiram as ruas, sentados sobre seus tamburetes de tosca madeira, encantavam os pombos e bebiam leite quente.
O céu estava apenas um pouco mais escuro e mais alto. As árvores se estiram no parte e estendem armadilhas para as borboletas noturnas; o pertigueiro entrou na igreja e as cabras dormem na cripta.
As mulheres uivam todas de imediato com gargantas de lobas porque pelos subúrbios desliza um homem nu e branco que vem do campo.

A CONSOLADORA

O silêncio agravava a perda de um amigo,
As chamas das velas coagulavam em flores brancas,
Então apontei para mim mesmo com o dedo nos espelhos.

Uns caixões se abriram sozinhos com a brisa da manhã,
Um sol fazia cálculos estúpidos babando.

Uma mulher com olhos de branco marfim entrou
E me estendeu os braços sorrindo; possuía
Em vez de dentes pedaços de carne vermelha.

A REVOLUÇÃO NO VERÃO

A luz é excessiva. Os homens correm a comprar mantões, e isso não serve para chamar a atenção.

Ultimo recurso: o eclipse, acrobacia celeste.

No carnaval cósmico, esse homem que leva a sério seu papel de planeta. Queima o sol em effígie, ironia da sorte, piada de escravos.

Que ninguém se ria demasiado. Os escravos circundam a pedra que mói o vazio. Seu suor embriaga os astros, o sol pançudo se arrasta pela poeira dos caminhos, um olho arrebitado se abre no céu e os escravos de costas reluzentes se põem a rir.

O ABANDONO

O sol branco enganava os adeuses
os barcos partiam como moscas,
os pássaros se enrugavam como bocas
e caíam tesos-mortos dos céus.

Quando fiquei sozinho sob o céu amarelo
que meus olhos secos descascavam,
sondei minhas algibeiras
com a esperança de encontrar um companheiro de exílio.

Não havia nada,
tão somente a poeira dos caminhos,
tão somente as rotas de miséria,
tão somente rainhas mortas cravadas em madeiros.

Oscilavam desertos sob meus passos
oh deus meu, me arrebataste a vertical,
e meus braços giram loucos
nos círculos brancos de teu olho.
Estava louco, estava louco, asseguro,

lençóis brancos investem contra mim,
amarga espuma em meus lábios;
tratarei de me curar até a brancura, até a estupidez;
porém os barcos perderam suas cores
que já não voltarão;
esmiúço meus dedos sobre a relva murcha,
para atrair os pássaros mortos.

1909-1945 | França | PIERRE UNIK



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Chant d'exil (Les Éditeurs français réunis, 1972) e *Pierre Unik*
(Librairie Emmanuel Hutin, 2009).

O CASTELO DE NAIPES

É mais belo que a cor dessa luva esquecida no mar
e nos sulcos desertos não encontro mais nada
porém lá bem longe os instrumentos de música se reúnem
em uma alcova
em um carro quadrado
e é o amor que começa
com festanças nos quatro ângulos
e batalhas que nunca terminam
adeus maravilha adeus não tens coração
mas sim um álamo manso na lapela da jaqueta
e não é sem dar o alarme que minha voz chega em tua cidade
o barco no qual se suicidam os fantasmas depois de uma
prolongada imersão no cádmio das consagrações
o barco vazio se apresenta em minha porta
e chama com todo seu negro céu
“pálida, diz ele, pálida mais pálida que tua esposa”
e esses dentes no som do olhar me trituram
esses dentes de corrente e de incêndio
incêndio em que as mulheres formam a corrente
para impedir que nasça o nove de espadas
o pajem diabólico que tem ascensão de florestas
esse pajem eu o conheço é o nove de espadas
e as mulheres na cidade são mais pobres do que eu esperava
mais pobres que minha vingança
e minha fúria
mais pobres que um carteiro que possui apenas o abandono
sobre uma casa de oito pisos
de um bilhete de ida e volta para a forca
É na encruzilhada do caminho e da morte
onde se ergue o poste indicador das enamoradas
para ali vão todos os meses a recolher os rumores
ali se encontram porém jamais se veem
O espantalho do castelo de naipes
o manequim de silêncio
com armadura de bétulas
com sua chama e suas correias

o espantinho dos séculos
na saída do subterrâneo
não há labirinto que importe
todas as asas e todas as chaves abrem os poros do castelo de
naipes

O ESQUECIMENTO

Na hora em que os paralelepípedos se transformam em vidros
escuros
pisados pelo passo leitoso das libélulas com corpos de lobas
em que as grandes avenidas de plátanos da inanição que brota
do vazio
guiam as pulsações do coração até as perspectivas de
mármore das praças angustiadas
o homem se vira para as portas dos comércios diurnos
e lança um olhar enlouquecido
em que a tristeza desenha uma costela avermelhada
até as vestimentas antiquadas da vida
Como um riso
as portas de grades se fecham sobre a água material
os rastros cálidos dos vapores familiares se descolorem
se acaso o homem sente saudade das medusas do dia
se acaso está por diluir-se na rouca agitação das lavas glaciais
o dia oscilante não é mais do que um sino de pólen
a desmoronar-se diante do sopro da mulher
que derruba a si mesma sob o peso de sua cabeça selvagem
quando passam carregados de ruínas os trens do que foi
Nas grades homem
acaso
sentes saudade das medusas
arranca as portas
retorce os vidros
tua saudade é apenas um foto fátuo de sino
e a boca da mulher a tritura em um grito
olha
os cravos ardem como cordéis secos

desgarra perfura arranca
os despojos com cores de água viva
em seu leito bordado com sangue
pisoteia
as adoráveis convulsões das manhãs que terminam
toma os pedaços de grade incandescente
como uma maça de carvalho
para pulverizar os aveludados restos de naufrágios
arranca a vida com o que ainda resta nela aderido
as perspectivas de mármore se afirmam
Lá bem longe
sobre ti
sobre as pálpebras da mulher
sobre o espaço de sonho entre a orelha e a asa do nariz
a noite se ergue como uma criança
que quer ver despontar o dia
O homem voltará o rosto
para observar as vitrines saqueadas
e como a noite muito pura se avermelha pelo sangue
derramado com proveito

[O AMOR OCULTO PELOS REDEMOINHOS]

O amor oculto pelos redemoinhos de fluxo e refluxo
a cabeça abandonada nas pedras do caminho
que conduz ao abismo legítimo
as pedras que rompem os resplendores dos dentes
o choque dos dentes para o empedrado do caminho
O amor oculto pelos ralos do eterno retorno
a voz que os beijos esvaziam
a boca cozida pelas lágrimas
os viadutos por sobre o abismo
caçoam do fluxo e refluxo
os desafios com língua e mulher das marés sonoras

PERDIDO NA TERRA

Homens entre a noite, homens no fundo do tempo,
Homens cujo passado como primavera se estende
Sobre si mesma e esmaga, ah homens de meu tempo
Que sonham com uma lâmpada à noite tão ternamente
Iluminando o rosto e as mãos da mulher
E os olhos das crianças e tudo o que morre de fome
Seu coração, ao vento, a vida plena de riscos
Avança. Austera e fria imagem, de repente,
Ela entra no céu sangrento das estrelas vermelhas
Na terra estrangeira, e em corpos móveis
Ela persiste em sua jornada e queres ver
Seus traços. Porém sua figura é espaço negro,
Os pés andam silenciosamente, a sombra atolada
Na lama. E o amanhecer que sobe o deixa
Completamente no escuro antes que o segredo
Seja rasgado. Em vão a música ali bem próxima
Joga um canto de esperança revivendo seu sonho.
A luz glacial que duramente se eleva
Fatia por dentro sua carne, faca cintilante.
A memória é um sangue codificado instantaneamente.
A noite rebenta, o sonho se ergue. insensível
O mundo dorme, ele nunca se cansa de ser alvo.
...Fora da noite, quebrando a estação ruim;
Homens, o lindo sol humano da razão.

*1909-1982 | Argentina | JUAN JOSÉ
CESELLI*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La sirena violada*. (Buenos Aires: Américalee, 1957), *Violín María*. (Buenos Aires: La Reja, 1961), e *El paraíso desenterrado*. (Buenos Aires, 1966).

REFAZER A DEMÊNCIA

Como saber o que sei?

Instintivamente

De alguma parte retém o esplendor da carne que o aprisiona
No entanto ninguém pode transpor seu umbral
Violar sua loja seus selos ou apoderar-se de si mesmo
Vai para dentro da saída mas é inútil

Há que refazer a demência

Há que destroçar os armazéns ferventes dos diamantes tíbios
e indolentes

Pôr abaixo a porta dos céus

As frescas esteiras dos ossos

As frescas esteiras das sestras

Esteiras de ventres com franjas açucaradas

Como armadilhas que amadurecem e se esquartejam debaixo
da pele

Armadilhas que ele mira e nas quais tenta as núpcias mágicas

Os festejos selvagens da vidência:

Esses sutis tambores ocultos entre as linhas das mãos

Porém seu jogo insistente lhe escamoteia o movimento-chave
de seus movimentos

A derrubada de sua derrubada

Por que então não há de saber o que cheira?

Por que o grande ubre do inferno o transtorna com os
segredos do paraíso?

Em sua cabeça lhe atropelam os desejos esquartejados

As manchas de sonolência que vão perfurando as paredes

Dobrando-as

Aproximando-as

Até tornar cada vez menor a cavidade de seu crânio

Há uma saudação grave

E não sabe por que saúda nem por que é grave

Não sabe que não está e que ri às suas costas

E quer habitar sua boca

Destapar os vasos de vidro onde se conservam as relações
familiares
Abrir uma escrivadinha sobre as asas de suas próprias
borboletas
Derrubar as bibliotecas detrás das quais escondemos os gestos
espontâneos

A PORTA PELUDA

Raio silvestre
Procuro meu imperador secreto
Essa turva crisálida que sonha com as formas invisíveis do
universo
Com seus meteoros musicais
E esses presságios desesperados que relampagueiam entre
teus cabelos quando os penteias ao sol

As paredes de meu quarto se contraem quando me acaricias e
uma mulher de âmbar
Com as mãos pálidas sobre sua desnuda candura
Tem teus olhos como quando te vi pela primeira vez
Compreendo que por esse caminho
As órbitas ardentes da vida me enviam sua mensagem
Com paciência armo uma armadilha entre meus gestos
As estrelas escondem seus horóscopos e procuro essas
masmorras onde vemos os corpos levitados pelo piscar dos
diamantes do desejo

Recordo quando sentada entre duas cadeiras me mostraste
uma longa sombra
Havia chamas e pequenas flores celestes
Guardavam um segredo entre o tam-tam frenético:
Os instintos fugindo entre as pradarias

Mais tarde eu recordava minha vida
Que é uma história feita para esconder minha verdade

A PELE ERIÇADA DOS DESEJOS

Esta manhã lhe nasceu uma longa cicatriz de barro
Era como o desejo que as mulheres levam maduro entre os
lábios
Quando constroem essas pequenas panelas de fogo
transparente
Dentro das quais é possível ver como sofrem e queimam as
carícias de seus amantes

Reduzo então ao máximo suas ânsias
Ao longo de seus sentidos se distribuía uma longa espera
Acompanhando a manhã que surgia com sua coroa de
espelhos
E os rios nascendo entre as mãos dos eleitos

Nas paredes começaram a crescer as profecias cujos passos
deixavam a descoberto um caminho de relâmpagos
E o quarto acabou amordaçado
Enquanto os lençóis cresciam e cresciam sem cessar.

VIOLINO MARIA

De noite
enquanto as aves constroem dentro de suas chinelas os ninhos
da intimidade
direi a meu escravo que relate minhas façanhas
E quando pelos cantos se amontoem as breves alegrias dos
arrebatamentos
e caia sobre nós o incessante moinho da borrasca
sobre meu ombro reclinar-se-á com o cálido peso de suas asas
em chamas
as curvas de seus tornozelos revelarão a nova geometria da
beleza
E cravando em minhas carnes um a um os sombrios mistérios
da cabala

acariciando meus gemidos com o fio ondulado da
voluptuosidade
fará com que eu me sinta tão pequeno
que só poderei amá-la aos pedacinhos

A ARANHA DESNUDA

Das sete teorias sobre o perfeito
a primeira é a mais difícil de sobrelevar:
apertar as mãos entre desconhecidos
Sentir sem fadiga o itinerário de um boneco que
reparte profecias
O vaivém das balanças que são usadas para
prometer e não cumprir

Sempre haverá uma tolerância especial para estes
seres ternamente pecadores
Pela forma elegante de jogar sua última estrela
de escamotear os cinzeiros
ou fazer correr o sangue enquanto bebem
gentilmente uma xícara de chá

Condenados por seus equivocados vaticínios
são os que devem esperar os dias amáveis de festa
para arrancar os próprios dedos

DÉCIMA PRIMEIRA REVELAÇÃO DA 29ª CERIMÔNIA

Eu sempre recordarei tuas pernas
ainda mais longas que meus desejos
a fascinação de tuas olheiras depravadas
a voluptuosidade de apoiar minha navalha
sobre teus seios

livres do tempo
donos da liberdade suprema
teus cabelos invadiam os muros
músicas distantes deitavam raízes entre nós
a humanidade toda se emocionava

teu rosto expressava uma mortal lascívia
de tua boca gotejavam desertos ferventes
e as moscas devoravam teus olhos vítreos
e as minhas ao te acariciar
sangravam

eu sempre recordarei a fogueira de tuas pernas
e a imensa planície de teu ventre
aberto vorazmente
até o horizonte

*1910-1985 / Grécia / NIKOS
ENGONOPOULOS*



Poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obra consultada: *Selected poems* (Estados Unidos: Harvard University Press, 2013 — David Connolly).

ELEONORA

*for hands she hath non, nor eyes, nor
feet, nor golden Treasure of hair*

(vista anterior)
seu cabelo é como papel-cartão
e como um peixe
seus dois olhos são
como uma pomba
sua boca
é como a guerra civil
(na Espanha)
seu pescoço é um cavalo
vermelho
suas mãos
são
como a voz
da floresta
espessa
seus dois seios são
como minha pintura
sua barriga é
a história
de Belthandros e Chrysantza
a história
de Tobias
a história
do
asno
do lobo e da raposa
seu sexo
é um
silvo estridente
na calma
do meio-dia
suas coxas são
as centelhas

derradeiras
do humilde prazer
dos rolos compressores
seus dois joelhos
Agamenon
seus dois pezinhos
ado-
ráveis
são o tele-
fone
verde de olhos
vermelhos

(vista posterior)
seu cabelo
é
uma lamparina a óleo
queimando
pela manhã
seus ombros
são
o martelo
dos
meus desejos
suas costas
são os
óculos
do mar
o arado
de ideogramas
enganosos
gira
triste
na sua cintura
seus glúteos
são
cola de peixe
suas coxas

são
como
uma trovoada
seus calcanhares pequeninos
iluminam
os
pesadelos
da
manhã
No fim das contas
ela é
uma mulher
metade
hipocampo
e metade
colar
talvez
seja até mesmo
parte pinheiro
e parte
elevador

MARIA NOTURNA

No primeiríssimo dia depois de minha morte, ou melhor, depois que eu fui morto, peguei para ler todos os jornais, para assim, saber de todos os detalhes possíveis quanto à minha execução. Quer parecer que fui levado ao cadafalso sob forte vigilância. Eu vestia, diz aqui, um casaco de cor amarela, uma gravata de renda e um antigo capacete. Meu cabelo era como uma escova, talvez de decorador, talvez de um fazedor de arapucas. Depois, despejaram meu corpo bem longe, num charco que fora frequentado pelo francês Descartes e onde, por muitos anos, jazera, alimento para os abutres e uma prostituta chamada Euterpe, o cadáver ilustre do inesquecível Karamanlakis. E embora muito se tivesse dito à boca pequena que eu estaria à época em Maracaibo, na América do Sul,

segundo outros em Passalimani, em Piraeus, eu estava simplesmente em Elbassan (na Albânia). E uma coisa de nota que por acaso li naqueles dias foi uma longuíssima carta do italiano Guillaume Tsztes, meu único amigo íntimo, com quem nunca me encontrara e de cuja existência chegava a duvidar. Em suma, o teor da carta era o seguinte: “Você,” disse, referindo-se, claro, a Polixênia, “é um velho gramofone de corneta de bronze embaixo de um pano preto.”

HIDRA

ele foi denunciado
como sendo extremamente perigoso
para a segurança
pública
— para a paz
dos cidadãos de bem —
justamente quando
sacerdotes
sérios — ou aparentemente sérios —
e bem velhos
e muito dignos ou indignos de respeito
invocavam
a memória
de grandes comandantes navais
de Salamis
juntamente
com a memória de
Miaoulis, Kanaris, Tombazis, Lazaros Koundouriotis
e Isidore Ducasse
agarraram-no
ao alvorecer
amarraram suas mãos atrás das costas
e o fizeram marchar
como uma relíquia
como uma virgem esguia
e branca

chamada Maria
que tecia rendas
de rara beleza
— renda como a minha pintura —
na penumbra
da floresta
da montanha
e do jardim
verdejante
lançaram-no
— disseram-me as mulheres —
num conservatório
com flores vermelhas
com cortinas de veludo
vermelho
à janela
latarians
e móveis velhos
embora limpos
com a lamparina
o vidro da lamparina
como era
— novamente segundo as mulheres —
noite de sábado
antes do amanhecer
de domingo
noite de sábado
manhã de domingo
pela porta
surgiu o mar
a — uma amplidão de mar
azul —
os degraus elevaram-se
e tristemente batizei
meu coração
a intervalos regulares — ou melhor irregulares —
de Heitor
Heitor dos cavalos

Enquanto Hécuba
— naquele caso —
era a grande
a terrível sombra
do
meu cérebro

OS TORMENTOS DO AMOR

*Du musst das Leben nicht verstehen,
dann wird es werden wie ein Fest.³*

R. M. Rilke

enquanto seu cabelo
esvoaçava
diante dos meus
olhos
como se eu subitamente acordasse
pela primeira vez
vi — e observei —
aquela bela
jovem
moça
fui tomado
pela harmonia
dos seus movimento
a flexibilidade
dos seus membros
o fascínio
do seu olhar
a suave elevação
dos seus seios
e mais por todo o charme
que vertida

³ Não é preciso entender a vida, / e ela será então como uma festa.

aquela
elegante
criatura
primaveril
e refleti imediatamente
— e “filosofei” —
minha mente transformou-se
no inocente
que pode por vezes
— tenho certeza —
Sofrer
Atormentado
conhecer a infelicidade
ao imaginar que
a gentil
a etérea
criaturinha
tenha mente
e alma
e seu coração possa sangrar
desesperar-se
ao atribuir
até mesmo
um grão de inteligência
àquela
cabecinha
completamente
vazia

ORFEU

les nuages, les merveilleux nuages...

Charles Baudelaire

Orfeu nunca — nunca mesmo — encontrou consolo
para a dupla perda

de Eurídice:
às vezes — por um momento — ele cantava uma canção
lânguida
outras — novamente por um momento —
as cores
o fascinavam
com sua variedade infinita
e suas combinações
acidentais de todos os tipos
Certa vez — ao por
do sol —
notou no azul do céu
arranjos fascinantes de
nuvens
— respeito das quais uma vez em Kavourium um gendarme⁴
como que arrependido gritara:
“Vejam as nuvens de Engonopoulos!” —
mas aquelas — na verdade —
não eram as nuvens de Engonopoulos
eram facas
lâminas
adagas e sabres aguçados
que sobre suas túnicas azuis
portavam
as mais cruéis virgens da Trácia
e brandindo-as
nas mãos impiedosas as virgens cruéis
caíram sobre ele — repito — com elas
esquartejando
cortando
Orfeu.

⁴ *Imagino se conheceu seu colega — de hierarquia inferior — ao servir em Tincebray (Orne).*

*1910-1997 | Argentina | ENRIQUE
MOLINA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Obras completas, I e II (Buenos Aires: Ediciones Corregidor,
2008).

OS HOTÉIS SECRETOS

O brilho nômade do mundo
Como uma brasa na alma uma joia do tempo
Se abre somente com a passagem de certos leitos tormentosos
Arrastados pela corrente
Até as escadas cortadas pelo mar
Em certos antros de luxúria de margens sombrias
Povoados por estátuas de reis
Quase irreconhecíveis entre a reverberação das tochas cuja luz
 é a hera que cobre os muros
Oh coração orgulhoso!
Entrega-te ao fantasma parado à porta

Agora que tão bem te conheço
Sem outra sede além de tua memória
Criatura melancólica que tocas a minha alma de tão longe
Invoca nas alcovas o êxtase e o terror
O lento idioma indomável da paixão pelo inferno
E o veneno da aventura com seus crimes
Oh invoca uma vez mais o grande sopro de antigamente
Nestas câmaras de pedra enlaçada ao teu amante
E ambos envoltos na lona dos dias perdidos como o morto no
 mar
E prontos a se desfazerem nas fogueiras instantâneas
Sobre leitos de um metal misterioso que brilha nas trevas sob
 a base dos candelabros
E o coro de pássaros lascivos girando com fúria nos quartos
 lacrados pelo ferro de outras noites
Pois tais antros solenes cobertos de flores carnívoras
Com mármore que apodrecem à sombra de cabeleiras
 opulentas
Pomposamente lavrados se balançam desde o portal até a
 cúpula
Como a nave ancorada sobre o abismo
Agitando com lentidão seus espelhos para fazer dormir a
 mulher nua entre os verdugos que incineram o coração da
 noite

E o saguão onde se cruzam a chuva e a frustração
Os camareiros com o rosto apodrecido pelo tufo das flores
 acumuladas nos corredores infinitos
O rumor dos suspiros sufocados
Os beijos entretecidos em tristíssimo nácar
A relva sem nome em que se afundam seus hóspedes
Repetem uma vez mais entre a sombra
A lenda do amor que nunca morre

MANEIRAS DE SER

...E o que dizer de tais revelações e metamorfoses em animais
 flores atos e posturas estranhas nos curtumes de espumas
 ao largo de bocas que se cruzam aos gritos reclamando uma
 brasa do oceano e uma carícia nos lábios...?
o louco uivo desses lençóis onde ferve o amor agora e não
 depois nem em vitrines com obscenas roupas de mulher
 nem sob as pedras partidas pelo raio
nem em relíquias nem orações ou sequer em pirâmides
 sinistras conservando séculos de beijos e as emanções do
 ouro e das joias
agora porque a região do desejo se transforma continuamente
 em corpos que despertam no fundo de suas veias e lançam
 cintilações através de implacáveis vestidos
oh! aqui e não contra os fios secos de minha carne e somente
 onde estendo minhas coxas junto às tuas onde se ajoelha o
 verão dos adeuses e a lua esfrega seu óleo de tumbas na
 superfície de gentes que rememoram elogios e sexos

E não há saída para mim!
Não há saída para mim entre os muros alados da terra!

RODA ARDENTE

Não chegaremos nunca a nada
O fogo extinto não se extingue

O amor gira em sua cinza:
Nenhum beijo se desvanece

Corpos queridos à distância
E corpos próximos sem pontes
A gaivota dos adeuses
Está imóvel na corrente

Rostos que passam, porém retornam
— O belo girassol humano... —
Essa luz que parece noite
Essa noite repleta de faróis

Porque uma vez será outra vez
E o universo está em meu sangue
Corações excitados
Oh serpentes do sol

Insaciáveis!

LINGUAGEM NATURAL

É previsível que digas: *O Rio dos Perfumes*
abriu suas asas um curtume de carniças
porém essas águas testemunhais erigiram um palácio
de fumaças e ossos que se empinam
na grande fritura onde com tanta lentidão no ácido ar
o cadáver se ergue e lança seu estridente grito de galo
decapitado
sem uma só vacilação
vira as costas e se perde nas ruínas
a imóvel mulher do fim do mundo que deposita sobre a mesa
o fumegante pastel de trapos sangrentos
com a tiara e as perucas viscosas do túmulo em plena cozinha
até o fundo
dessa adorável carne vulnerável onde alguém se instala
de imediato sob uma pedra tatuada

e o “sacerdote das religiões”
ergue um rato inchado sobre o altar e comunga
com seus fiéis entre os relâmpagos
hinos e bons sentimentos
tanto se ama viver tanto se ama viver
mesmo que estas águas sussurrem uma glória frenética
um morto descomunal sobre a muralha

FINAL DE ESTAÇÃO

A pálida morte do verão se consome no ar, errantes folhas,
a calçada afundou e ninguém retorna a essas pedras
que já não se compreende, sem viajantes, sem vento, enquanto
alguém espera
que algo responda à ansiedade de estar vivo.

Uma visão:
homens semi-desnudos vão com a grande rede estendida
a caminho da costa, a caminho da gritaria
de suas mulheres. Elas esperam seu tesouro:
escamas brilhantes, rabadas, dons
oceânicos, bocas desesperadas da profundidade
que mordem ar, adeuses. Porém é tão bela
a água dourada sobre o coração!
Todas as nuvens dispostas para a travessia
Nos ritos do sol, muito além das lágrimas.
E o que esperas recolher de cada escama,
de cada brisa dessas bocas mórbidas onde se cumprem
os dons terríveis da terra?
Algo responde sempre à asa que interroga,
a quem se inclina diante do grasnido
de um ataúde. Todas as coisas se entreabrem
um instante, te destroçam com dentes amados,
em um continente de amnésia, de promessas
nos paraísos da catástrofe.

*1911-1992 | Grécia | NIKOS
GATSOS*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
*Amargós (Antología de la Poesía Griega – Desde el siglo XI hasta
nuestros días*, José Antonio Moreno Jurado. Madrid: Ediciones
Clásicas, 1997).

AMORGÓS, II

Dizem que as montanhas tremem e que se irritam os abetos
Quando a noite rói os alfinetes das telhas para que entre o
homem do saco
Quando o inferno absorve a fadiga espumosa das torrentes
Ou quando o risco da pimenteira se torna brinquedo de
Bóreas.

Apenas os bois dos Aqueus nos imensos prados de Tesalia
Pastam vigorosa e fortemente com o eterno sol que os observa
Comem relva verde folhas de aipos bebem água pura entre os
sulcos
Cheiram a suor da terra e depois se deixam cair pesadamente
para dormir à sombra do salgueiro.

Joguem fora os mortos disse Heráclito e viu o céu empalidecer
E viu quando se beijaram no barro dois cíclames
E também ele se pôs a beijar seu corpo morto na terra
hospitaleira
Como o lobo desce dos montes para ver o cão morto e chorar
O que me importa a gota que brilha em tua testa?
Sei que o raio escreveu seu nome em teus lábios
Sei que a águia fez seu ninho em teus olhos
Porém aqui na úmida ribeira só existe um caminho
Apenas um enganoso caminho pelo qual deves passar
Deves te banhar em sangue antes que te alcance o tempo
E cruzar a margem oposta para voltar a encontrar-se com teus
companheiros
Flores aves cervos
Para encontrar outro mar outra delicadeza
Para agarrar pelas crinas os cavalos de Aquiles
Ao invés de sentar muda a repreender o rio
A apedrejar o rio como a mãe de Kitsos
Porque também tu te perderás e se desluzirá tua beleza.
Vejo secar tua camisa infantil entre ramos de vimes
Toma-a como bandeira de vida para amortilhar a morte
E que não se dobre teu coração

E que não se derramem tuas lágrimas sobre esta inexorável
terra
Como certa vez se derramou na solidão gelada a lágrima do
pinguim
Não adiante levantar-se em todos os lugares
A vida será igual que o pífano das serpentes na terra dos
fantasmas
Com a canção dos bandoleiros no bosque dos aromas
Com a faca de uma pena nas bochechas da esperança
Com a languidez de uma primavera nas entranhas do mocho
Basta encontrar um arado e uma foice afiada em uma mão
festiva
Basta que apenas floresça
Um pouco de trigo para as festas um pouco de vinho para a
lembrança um pouco de água para o pó...

AMORGÓS, III

No pátio do atormentado não brilha o sol
Dali saem apenas vermos que se riem das estrelas
Crescem apenas cavalos nos formigueiros
E os morcegos comem aves e urinam esperma.

No pátio do atormentado não reina a noite
A folhagem vomita apenas um rio de lágrimas
Quando o diabo passa para montar os cães
E os corvos mergulham em um poço de sangue.

No pátio do atormentado os olhos secaram
O cérebro gelou e o coração petrificou
Pendem carnes de rãs nos dentes da aranha
Grilos em jejum se lamentam aos pés dos espectros.

No pátio do atormentado cresce a relva negra
A brisa passou unicamente em uma tarde de Maio
Com um andar ligeiro como tremor do campo
Um beijo de mar adornado de espumas.

E se tens sede de água espremeremos uma nuvem
E se tens fome de pão degolaremos um rouxinol
Falta apenas um instante para que se abra a rudeza silvestre
Para que brilhe o negro céu para que floresça o verbasco.

Porém foi uma brisa e se desvaneceu um sabiá e se perdeu
Foi o rosto de Maio a brancura da lua
Com um andar ligeiro como tremor do campo
Um beijo de mar adornado de espumas.

AMORGÓS, VI

Somente eu sei o quanto te amei
Eu que às vezes te toquei com os olhos da Plêiade
E te abracei com a cabeleira da lua e dançamos nos campos do
estio
Sobre talhos ceifados e juntos comemos o trevo cortado
Grande mar negro com tantos seixos ao redor do pescoço
tantas pedras preciosas em teus cabelos.

Um barco entra na praia uma roda enferrujada se queixa
Um punhado de fumaça azulada na rosa do horizonte
Como a asa do grou que esperneia
Exércitos de andorinhas esperam para dar as boas vindas aos
valentes
Braços nus se erguem com âncoras gravadas na axila
Gritos de crianças se enredam com o gorjeio do poente
Abelhas entram e saem pelas fossas nasais das vacas
Lenços de Kalamata ondeiam
E um badalo distante tinge o céu de anil
Como a voz de algum semantron que viaja pelas estrelas
Fugitivo durante tantos anos

Da alma dos Godos das cúpulas de Baltimore e da perdida
Santa Sofia, o grande monastério.

Porém lá em cima nas altas montanhas quem são os que
contemplam com o olhar tranquilo e a fronte serena?
O eco de qual labareda é esta poeira no ar?
Acaso combate Kalyvas ou Leventoyannis?
Acaso começaram a combater os alemães com os homens de
Mani?
Não combate Kalyvas nem Leventoyannis
Nem começaram a combater os alemães com os homens de
Mani.
Silenciosas torres guardam uma princesa atormentada
Cumes de ciprestes acompanham uma anêmona morta
Pastores imperturbáveis com um caule de tília cantam suas
auroras
Um caçador estúpido dispara contra as pombas
E um velho moinho de vento esquecido por todos
Repara somente ele suas pás apodrecidas com uma agulha de
delfim
E desce das ladeiras com o vento de povo avivado
Como descia Adonis pelas trilhas do monte Chelmos para dar
as boas tardes a Golfos.

Durante anos e anos combati com a tinta e o martelo meu
coração atormentado
Com o ouro e a chama para te fazer um bordado
Da laranjeira um jacinto
Um marmeleiro florido para te consolar
Eu que te toquei um dia com os olhos da Plêiade
E te abracei com a cabeleira da lua e dançamos nos campos do
estio
Sobre talhos ceifados e juntos comemos o trevo cortado
Grande solidão negra com tantos seixos ao redor do pescoço
tantas pedras preciosas em teus cabelos.

*1911-1996 / Grécia / ODYSSEAS
ELYTIS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins: Obra consultada:
Eros, Eros, Eros: Selected and Last Poems (Copper Canyon
Press, 1998).

ADORMECIDA

No trêmulo vento a voz se corta e em suas árvores ocultas tu
respiras
É ruiva cada página de teu sonho e sempre que moves os teus
dedos um incêndio de espalha
Dentro de mim com vestígios tomados do sol! E de modo
propício sopra o mundo das imagens
E o amanhã exhibe totalmente nu seu peito marcado pela
imutável estrela
Que anoitece o olhar como quando está por esgotar-se um
firmamento
Oh não floresças mais nas pálpebras
Oh não removas mais nas matas do sonho
Sabes qual súplica dos dedos acende o azeite que guardas os
portais da aurora
Qual fresca revelação sussurra na espera a lembrança
convertida em relva
Ali onde tem esperança o mundo. Ali onde homem não quer
senão ser homem
Em solidão e sem nenhum Destino!

EVA

Ondulante te abandonas no silêncio
Que assola minha habitada esperança

Uma tocha ao lado da fogueira
Aposta dos ventos noturnos
Uma marcha de sombra na margem da Quimera
Uma causa
Casa de homens simples
Um mistério
Lavado e estendido no olhar que deleita

Em teu olhar ou na altura de seu sol
Toda a minha vida se torna uma palavra

Todo o mundo terra e água
E todas as chamas de meus dedos
Violam os lábios do dia
Cortam, nos lábios do dia,
A tua cabeça

Enfrentada na solidão do sonho.

SINUOSIDADE

Nas franjas roxas da dor
Nas estátuas da agonia
Nos úmidos silêncios
Há um rosto
Tão a fundo extraído das lágrimas
Tão incompreensível
Tão quente na mão que lhe faz sinais
Outro rosto
Uma visão com tochas que rasga a desolação
Cavalgando a noite em suas cordilheiras
Com estrelas como sinais lançados com funda
Bem antigamente desde a idade sua infância
E dão a boa viagem da vida
Sobre as encostas da compaixão.

Há
Uma eterna curva que a dor endivida
A aventura de sua torrente de luz
Uma lupa que une os erros
Como estranhas tolices jogadas pela sorte
Ali
Um bom – pela sombra que o enfeitiça – muro
Forma um ângulo antes do pranto
Depois chegam os talhos do desastre
Árvores com os únicos móveis de seus dedos
Com a única fé de sua fala desenraizada
É bom que não falem aqueles que viveram

Os demais sustentam lamentos nas mãos
Correndo para longe como asas pagãs
Viveram
Um poço abre medos após cada uma de suas esperanças
Por que treme este arame?
Este pássaro, qual olhar o alimentará?
O que queremos?
Há
Um rosto apagado em cada telão de esquecimento.

HELENA

Com a primeira gota da chuva morreu o verão
Encharcaram-se as palavras que haviam engendrado a
claridade noturna
Todas as palavras que estavam destinadas somente a Ti!
Até onde estendêssemos nossas mãos agora que o tempo já
não nos leva em conta
Até onde abandonássemos nosso olhar agora que as linhas
distantes naufragaram nas nuvens
Agora que tuas pálpebras se fecharam sobre nossas paisagens
E estamos – como se a névoa houvesse nos penetrado –
solitários totalmente solitários rodeados de tuas mortas
imagens.

Com a frente na janela velamos a nova dor
Não será a morte a nos derrubar uma vez que Tu existes
Uma vez que em outra parte existe um vento para viver-te
plenamente
Para te vestir de proximidade como veste de lonjura nossa
esperança
Uma vez que existe em outra parte
Uma verde planície muito além de teu sorriso até o sol
Confidencialmente lhe dizendo que nos encontraremos outra
vez
Não não será a morte que enfrentaremos
Mas sim esta gota de chuva outonal

Um confuso sentimento
A fragrância da terra úmida em nossas almas que se afastam
de tudo

E se a tua mão não estiver em nossa mão
E se o teu sangue não estiver nas veias de teus sonhos
A luz no imaculado céu
E a música invisível dentro de nós oh melancólica
Passageira de tudo quanto ainda nos retém no mundo
É o vento viçoso a hora do outono a separação
O amargo instante de apoiar o cotovelo na lembrança
Que surge quando a noite vem para nos separar da luz
Por trás da janela retangular que olha para a tristeza
Que nada vê
Porque já se fez música invisível chama na chaminé tangido do
grande relógio de parede
Porque já se fez
Poema verso após verso som paralelo à chuva lágrimas e
palavras
Palavras não como as outras porém também elas destinadas
apenas a Ti.

[A BELA DAS BELAS NO JARDIM]

A bela das belas no jardim
Despertaste a gota do dia
Sobre o começo do canto das árvores
Oh que bela que estás
Com seus alegres cabelos esvoaçantes
E a fonte de onde vieste aberta
Para ouvir que vives e avanças!

Oh que bela que estás
Correndo com a penugem da cotovia
Em torno das fragrâncias que te sopram
Como sopra o suspiro a pluma
Com um grande sol nos cabelos

E como uma abelha no resplendor de tua dança!

Oh que bela que estás
Com a nova terra que sofres
Desde a raiz até o cume das sombras
Por entre as redes dos eucaliptos
Com a metade do céu em teus olhos
E a outra nos olhos de quem amas!

Oh que bela que és
Assim como despertas o moinho dos ventos
E inclinas à esquerda o teu ninho
Para que não se perca tanto amor
Para que não se lamente sombra alguma
Na borboleta grega que acendeste!

Para o alto com teu matinal deleite
Amontoada da relva do amanhecer
Amontoada dos pássaros ouvidos pela primeira vez!
Oh que bela que estás
Arremessando a gota do dia
Sobre o começo do canto das árvores!

*1911-2001 | Peru | EMILIO
ADOLFO WESTPHALEN*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Bajo zarpas de la quimera. Poemas 1930-1988 (Madrid: Alianza
Editorial, 1991).

UMA ÁRVORE SE ERGUE ATÉ ...

Uma árvore se ergue até o extremo dos céus que a cobiçam
Golpeia com dispersa voz
A árvore com o céu contra a árvore
É a chuva encerrada em tão pouco de espaço
Golpeia com a alma
Golpeia com os ramos a voz a dor
Não faças tal força para que te escutem
Eu te cedo meus dedos meus ramos
Assim poderás raspar arranhar gritar e não apenas chorar
Golpear com a voz
Porém tal leveza me fere
Me desola
Não te acreditava com tal ânimo
E que não cabes no espaço
Como golpeia a árvore a árvore a árvore
Água
E navegam os galeões vermelhos pela gota d'água
Na gota d'água soçobram
Acaso golpeia o tempo
Outra gota
Água
A garganta de fogo água água
Morta pelo fogo
A gigantesca labareda
Final maravilhoso
Morto sem água no fogo
A mão arranhava o fogo
A mão
E nada mais que sangue água
Não sangue fogo último fogo
Definitivo fogo
As gotas contam outra coisa
Ninguém conta as gotas
As lágrimas são de mais perfeita forma
Sua música mais suave apagada

O rosto de uma menina ilumina uma lágrima com sua luz
suave apagada
A chuva chora em todo o espaço
Inunda a alma sua música
Golpeia outra alma suas folhas
As gotas
Os ramos
Chora a água
O tempo se conta com as gotas o tempo
A música desenha o céu
Caminha sobre a água a música
Golpeia
A água
Já não tenho alma já não tenho ramos já não tenho água
Outra gota
Sim
Embora me afogue
Já não tenho alma
Na gota se afogaram os valentes cavaleiros
As belas damas
Os céus valentes
As belas almas
Já não tenho alma
A música tropeça
Nada salva o céu ou a alma
Nada salva a música a chuva
Já sabia que além do céu da música da chuva
Já
Crescem os ramos
Além
Cresce as damas
As gotas já sabem caminhar
Golpeiam
Já sabem falar
As gotas
A alma água falar água caminhar gotas damas ramos água
Outra música aurora de água canta música água de aurora
Outra gota outra folha

Cresce a árvore
Outra folha
Já não cabe a alma na árvore na água
Já não cabe a água na alma no céu no canto na água
Outra alma
E nada de alma
Folhas gotas ramos almas
Água água água água
Morta pela água

CHOVE POR TANTO...

Chove por tanto que cai de amor
Chove lacrimjada graça
Entre golpe do que não chuva mas sim sol
Não há que tremer que chove de sol
É o que te corresponde
Eu estava por dizer que aqui estavas
Nascias com um sorriso
Depois o dono e senhor dos olhos
Sempre costumar acontecer
Depois de não haver e havido
Vários sóis soam nos braços
E mais claro nas mãos
Prova a ver-te e não cegar
Apenas eu fui capaz
Uns olhos de ferro e forjados os meus
Forjados para tanto amor e não cegar
Ceder
Como é possível menina e sol
Quem saberá descrever a órbita
Descendo por umas linhas e subindo por outras
Oh que ascensão as orelhas
Quando duas folhas entrejuraram eterno amor
Reputaram que assim deveriam ser
Transparentes e como se escutassem o calado
De um amor de folhas perecíveis

Tratemos de nos benzer e falemos de um simulacro
De algo que é o que chamado a ser deveria
Um nariz até ser nariz
Quanto júbilo senhora do vento
Esquecida e sempre presente
Pela noite há que dizer ninguém sabe
Como se inventa a pele ou se não é
Ou é a pele para sua pele
As flores determinaram mais conveniência alvoroçar os ares
Com clamor e saudação
Sua vinda pode ser um presságio das mais arrebatadas brisas
As luas até saber falar com voz de lua
As folhas em abrir-se do que sabe
Agora
Sim agora
Embonecadas as cidades com todas as suas janelas e gravatas
de laço
Adornados os campos com vários fraques a mais
Silenciados os bosques com vários silêncios a mais
Mais aberto o céu e lenta a tartaruga
Não me deixes ainda recobrar a fortuna
Que esperando cresce
Recolheremos uma múltipla escolta
E uma solidão que seja recôndita e de dois
As flores que se escondem nos sótãos
Por temor de mostrar tanta beleza
As aves que não cruzam o meridiano senão uma única vez
Para estar mais seguras de voltar a cruzá-lo
Não me dirás estou mais velho porque és mais jovem
Eu contarei um e dois e alguns e vários
Irei dizendo esta paisagem para quando durmas
E venham as bestas te saudar
Este lago para embeber a esperança
E mares de uma cor e mares de outra cor
Com velas ou sem praias e aventurar-se e soçobrar
Conforme seja que ergas a mão ou avances o pé
Para a voz terá que contratar o eco que responda
Como responde meu amor

Não há que estar indecisos e o céu preciso
Amanhecerá sobre teus olhos
Seguiremos por uma vereda a caminho da gazela e por outra
ao peixe espada
Nosso amigo o leão nosso comensal
E não esqueçamos as árvores que crescem em um dia
Para te dar sombra se assim te compraz
A querência que a outro segue e imita
Como a serpente ao rio
Já não diremos
E amanhã
Porque é agora
Um sorriso para dizê-lo outra vez
Agora trazido pelas nuvens
Agora trazido pelos gorjeios
Agora em lombo da aragem
Agora cabriolando na poeirada
Agora com cheiro de deserto
Agora com latejo de floresta
Agora em tique-taques de relógios que não dizem senão
Agora
Na doçura da jovem e suas panturrilhas
Em seu dizer não com o bico
E rindo-se com a sombra

AMARRADO À SUA SOMBRA...

Amarrado à sua sombra o bosque
Abria caminho às pisadas ardentes
Vários faunos acarretavam os arroios
Nos cornos da luz uma flauta tocava
A ninfa na ladeira descansava o braço
Estios de graças florais
Teciam e desteciam as brisas
Nas têmporas da bela adormecida
Como se dois meninos jogassem com ele
Tantas voltas dava o mundo

De umas mãos a outras era visto frequentado
De vermes com chapéus de aba e dignidade
Os rios não se atreviam
A tocar a borda das cidades
Eram cantadas de longe e em voz baixa
Para não quebrar a calma das muralhas
Ou turvar no recinto
A mais clara voz dos trovadores
Ali aparecia a bela adormecida coberta de sóis
Suas pisadas ardentes tanto mediam o chão como o céu
Uma sombra de oliveiras sob os olhos
Murmúrios de água para as mãos
Nos mares sempre flutuavam os olhos
E este ramo de louro de horizonte a horizonte
Pegado dos sonhos erguido do céu
Não viste um sorriso fiar uma paisagem
A jovem se rir com o céu jorrando de suas mãos
Seus cílios me davam mais sombra
Que um arvoredado sobre o triplo peso
De folhas ventos e céus
Não viste se abrir uma madrugada
Sobre neves como uma frente
Iluminando o sol e as estrelas
Uma mão mais clara que a água e com seu rumor
Assim me atravessaram de manhã à noite
As músicas geladas os dedos de aço
Com novas bordas seu rosto não descansava
Seja sobre a dália ou o monte de neve
Seja na brisa ou no próprio coração do inverno
E na outra mão o cetro do estio
E no outro pé o sol do outono
Os olhares carregados de esplendores de oceanos ensolarados
Cruzando o Mediterrâneo os golfinhos se empinavam
As tartarugas incrustadas nos ares
A jovem ainda não despertava
A flor enchia os espaços

EU TE SEGUI...

Eu te segui como nos perseguem os dias
Com a segurança de ir os deixando no caminho
De algum dia repartir seus ramos
Por uma manhã ensolarada de poros abertos
Balançando-se de corpo a corpo
Eu te segui como às vezes perdemos os pés
Para que uma nova aurora acenda nossos lábios
E então nada possa ser negado
E então tudo seja um mundo pequeno rolando as escadarias
E então tudo seja uma flor dobrando-se sobre o sangue
E os remos afundando mais na aragem
Para deter o dia e não deixar passar
Eu te segui como se esquecem os anos
Quando a margem muda de aspecto a cada golpe de vento
E o mar sobe mais alto que o horizonte
Para não me deixar passar
Eu te segui me escondendo atrás dos bosques e das cidades
Levando o coração secreto e o talismã seguro
Caminhando sobre cada noite com renascidos ramos
Oferecendo-me a cada rajada como a flor se estende na onda
Ou as cabeleiras abrandam suas marés
Meus braços já fecharam as muralhas
E os ramos inclinados para te impedir a passagem
Corça frágil teme a terra
Teme o ruído de teus passos sobre meu peito
Os cercos já estão enlaçados
Tua frente há de cair sob o peso de minha ânsia
Teus olhos se fecharão sobre os meus
E tua doçura brotará como cornos novos
E tua bondade se estenderá como a sombra que me rodeia
Deixei rodar minha cabeça
Deixei cair meu coração
Já nada me resta para estar mais seguro de te alcançar
Porque te apressas e tremes como a noite
A outra margem acaso não alcançarei
Já não tenho mãos que se peguem

Do que está acordado para perecer
Nem pés que pesem sobre tanto esquecimento
De ossos mortos e flores mortas
A outra margem acaso não alcançarei
Se já lemos a última folha
E a música começou a trançar a luz em que hás de cair
E os rios te fecham o caminho
E as flores te chamam com a minha voz
Rosa grande já é hora de te deter
O estio soa como um degelo nos corações
E as alvoradas tremem como as árvores ao despertar
As saídas estão guardadas
Rosa grande, não hás de cair?

*CÉSAR MORO*⁵

Por um campo de migalha de pão se alonga
descomedidamente um ponteiro de relógio
Alternadamente nele se iluminam ou se apagam uns olhos de
caranguejo ou serpente
Contra a luz emerge uma fumaceira de cílios calados
E dispostos como uma torre que simulasse uma mulher ao
despir-se
Outros animais mais familiares como o hipopótamo ou o
elefante
Encontram seu caminho entre o osso e a carne
Uma rede de olhos de medusa impede o trânsito
Pelo areal que se estende como uma mão abandonada
A cada passo uma bola de marfim diz se o ar é verde ou negro
Se os olhos pesam iguais em uma balança cruzada de cabelos
E encerrada em um aquário instalado no alto de uma
montanha
Por vezes estagnando e por outras arremessando como uma
catapulta

⁵ Poema originalmente incluído no catálogo de uma exposição de César Moro e outros artistas em Lima, 1935.

Cadáveres rosados ou negros ou verdes de crianças aos oito
extremos
Cadáveres pintados como se fossem zebras ou leopardos
E que ao cair se abrem tão belamente como uma lixeira
Estendida no meio de um pátio de mármore rosado
Atrai os escorpiões e as serpentes de ar
Que zumbem como um moinho dedicado ao amor
À parte um homem de metal chora virado para uma parede
Unicamente visível ao explodir cada lágrima

*1912-1971 | Haiti | MAGLOIRE
SAINT-AUDE*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Dialogue de mes lampes et autres textes. Oeuvres complètes* (Paris: Jean-Michel Place éditeur, 1998).

SANTUÁRIOS

Estrangeiro, quero ser teu guia,
fora de teus negadores,
e à margem das apostasias.

Ó homem cansado da areia dos caminhos,
das sestras e das conversas,
eis que tu rejeitas teu socorro,
paródia sem majestade,
tristeza dos tempos loquazes.

Indolência dos braços e do chamado,
Não sou o intérprete dos séculos.

Auréola dos adornos completos,
e bem perto de um sorriso retrospectivo,
a valsa eterna embalava os braços ébrios.

DIÁLOGO DE MINHAS LÂMPADAS

I

... Num coro impossível e na monotonia sem saída de dias.

II

Certas coisas são de uma simplicidade nua (Um copo d'água
pura para um homem com quarenta graus de febre)

III

Os contrastes lhe davam o sentimento da liberdade. (Ninguém
se apressa a viver).

IV

Punhado de mão de um homem que não seria um homem de negócios, mas um noctâmbulo pálido, de olhos calmos. ("Parece que às almas bem nascidas as festas, os espetáculos, as sinfonias aproximam e fazem melhor sentir o infortúnio de nossos próximos e de nossos amigos." La Bruyère)

V

Calma. Ó canto do perigo!

VI

Fraterno e vazio nesse desastre de minhas lâmpadas!

DOMINGO

No horizonte das febres
Para a voz no baile do poeta.

O poeta, gato lúgubre, de riso de gato.

O coração, lambido, fendido pelas vigílias.

Dizei nas litâneas desatadas Edith
O lugar o busto ao sabor de meu reflexo.

Pregado, incompleto nos leques
Em minha doçura moura.

Torpor em meu sangue expropriado sem amor.

À tarde despidos rapidamente.
Desço, indeciso, sem indícios,
Enfeltrado, acolchoado, louvado, ao nível dos polos,

SOB A LANTERNA

A vida recomeça, com o cansaço dos palavrórios, as lamentações, a falta de dinheiro, a vaidade, e a jactância de minha bela jovem indolente.

Corações taciturnos na aurora amada, arrepios multiplicados nas lãs das altivas *novias*, a paz desce ao coração das madonas desencantadas.

O que escrevemos para Lady Gay é estranho como a lenda tabu.

O oásis das acolhidas e dos pensamentos suaves; um clarão na orla de um *huapango*, não as persuasões ilusórias.

Horas oprimidas das monotonias desmanteladas, fora de um desígnio fastidioso, minha homenagem não é serenata em falbalás.

Sonhos da *siesta*, músicas desconexas para Marianao, e as heresias da ameixa perdida: para onde vai o canto das saudosas ilusões?

PALAVRAS

de minha luz e de minha emoção
amassado na estrada
e de minha verdade
em face das areias
e pesados colares dignos
do cavaleiro na dobra das portas
retorce o pastel
em minha parede de sol e fuligem

apaziguado
sem esperança,
solto,
triste,
sem dormir,
imagem do meu sonho
tabu.

debruçado, lento,
meu cão na estrada
cego e sem destino
o súcubo de dentes congelados.

1912-1978 | Guiana Francesa |
LEÓN-GONTRAN DAMAS



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Pigments* (Paris: Guy Lévis Mano Éditeurs, 1937) e *Nèvralgies* (Paris: Présence Africaine, 1966).

HÁ NOITES

Há noites sem nome
Há noites sem lua
em que até a asfixia
úmida
me toma
o acre odor do sangue
a jorrar
de todo trompete embocado
Noites sem nome
noites sem lua
a pena que me habita
me oprime
a pena que me habita
me sufoca
Noites sem nome
noites sem lua
em que eu teria desejado
poder não mais duvidar
tanto me obceca de repulsa
uma necessidade de evasão
Sem nome
sem lua
sem lua
sem nome
noites sem lua
sem nome sem nome
em que o desgosto se ancora em mim
tão profundamente quanto um belo punhal malaio

SHINE

Para Louis Armstrong

Com outros
uns arredores

com outros
alguns raros
No telhado do meu barraco
até aqui mantive
a ancestral fé cônica
E arrogância automática
das máscaras
das máscaras de cal viva
jamais consegui a tirar nada jamais
de um passado mais assombroso
de pé
nos quatro ângulos da minha vida
E meu rosto brilha aos horrores do passado
e meu riso assustador é feito para repelir o espectro dos
galgos acuando a marronnage
e minha voz que para eles canta
é doce a encantar
a alma triste de sua por-
no-
gra-
fia
E vela meu coração
e meu sonho que se nutre do rumor de sua
de-
ge-
ne-
rescência
é mais forte que suas clavas de imundícies brandidas

LIMBADO

Para Robert Romain

Devolvam-me minhas bonecas negras
Para que elas dissipem
a imagem do puteiros pálidos
vendedores de amor que se vão vêm

pela alameda do meu tédio
Devolvam-me minhas bonecas negras
Para que elas dissipem
a imagem sempiterna
a imagem alucinante
dos fantoches empilhados bundudos
dos quais o vento leva no nariz
a miséria misericórdia
Deem-me a ilusão de que não terei mais que contentar
a necessidade estanque
de misericórdias roncando
sob o inconsciente desdém do mundo
Devolvam-me minhas bonecas negras
Para que brinque com elas
Os jogos ingênuos do meu instinto
permanecendo à sombra de suas leis
recobradas minha coragem
minha audácia
voltando a ser eu mesmo
novo eu mesmo
desse que Ontem eu era
ontem
sem complexidade
ontem
quando chegou a hora do desenraizamento
Eles alguma vez saberão esse rancor do meu coração
No olho de minha desconfiança aberto tarde demais
eles assaltaram o espaço que era meu
o costume
os dias
a vida
a canção
o ritmo
o esforço
o caminho
a água
o barraco
a terra esfumaçada cinza

a sabedoria
as palavras
as conversas
os velhos
a cadência
as mãos
a medida
as mãos
o pisoteamento
o solo
Devolvam-me minhas bonecas negras
minhas bonecas negras
bonecas negras
negras
negras

SOLDO

Para Aimé Césaire

Tenho a impressão de ser ridículo
em seus sapatos
em seu smoking
em seu plastrão
em sua gola-falsa
em seu monóculo
em seu chapéu melão.

Tenho a impressão de ser ridículo
com meus dedos do pé que não são feitos
para transpirar da manhã até a noite que despe
com o enfaixe que me enfraquece os membros
e tira de meu corpo sua beleza de tampa-sexo

Tenho a impressão de ser ridículo
com meu pescoço em chaminé de fábrica

com suas dores de cabeça que cessam
cada vez que saúdo alguém

Tenho a impressão de ser ridículo
em seus salões
em suas maneiras
em suas curvetas
em suas múltiplas vontades de macaquices

Tenho a impressão de ser ridículo
com tudo o que eles contam
até que eles vos sirvam à tarde
um pouco de água quente
e doces constipados
Tenho a impressão de ser ridículo
com as teorias que eles adubam
ao gostos de suas necessidades
de suas paixões
de seus instintos abertos à noite
em forma de capacho

Tenho a impressão de ser ridículo
entre eles cúmplice
entre eles defensor
entre eles degolador
as mãos terrivelmente vermelhas
do sangue de sua ci-vi-li-za-ção

DESEJO DE CRIANÇA DOENTE

Por ter sido tão cedo privado do leite puro
da única verdadeira ternura
eu teria dado
uma plena vida de homem
para te sentir
te sentir perto
perto de mim

de mim só
só
sempre perto
de mim só
sempre bela
como tu sabes
tu sabes tão bem
sempre ser
após ter chorado

[MAS ASSIM MESMO]

Mas assim mesmo
Eu te amaria mal
É isto certo
ao ponto de ficar mal
por certo
tu sabes bem que te amo
é certo
ao ponto de ficar mal
por certo
de te amar mal
é isto certo
tu que me amas
tu que me amas mal
é certo

*1913-1988 / Chile / BRAULIO
ARENAS*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *El
agc de la Mandrágora* (Santiago: Ediciones Mandrágora, 1957)
e *Realidad desalojada (Antología)* (Santiago: Universidad del
Desarrollo, 2009).

UM DIA PELA NUVEM

Um dia pela nuvem e outro pelo espelho
A noite lançava suas novas promoções de jovens mulheres ao
amor
E o sonho folheava a si mesmo de trás para frente como uma
revista ilustrada
Um marco de gladiolos encerrava a ideia mais juvenil do ninho
O mar passava pela rocha a luz do farol
Os soldados da liberdade iam dizer não aos fantasmas da
escravidão
As estrelas saborosas coalhavam o leite em uma sobremesa
riquíssima
Todo o céu todo o céu era um porta-aviões de pirilampos
Na granja um cavalo cheirava o feno voluptuoso
O polo norte apertava seus dentes com a chegada da bússola
Aquela tarde eu havia beijado a mão de uma dama mais pura
que o tarô
E desse beijo nasceu a ideia de me preocupar algo mais com a
poesia
Ela me falava de sua vida com essa maneira que têm os gatos
para abrir as portas
Os trens eram ainda muito compridos para as crianças
Três jovens dinamarquesas passeavam pelas ruas centrais

Um dia pelo espelho e outro pela nuvem
E um dia também por este dia em que sofri tanto
Dezoito fadas estendiam dezoito rocas para dezoito caminhos
E era um tapete voador o que oferecia em um relâmpago a
imagem solidária da vida
Os relâmpagos se ofereciam sorridentes para um céu
estacionário
Bem passageiro disse a mãe à criança
Chegamos na estação das neves eternas
Na emboscada da febre
A cega juventude abria suas pálpebras
Enquanto o pássaro olha para trás todas as suas asas voam
para frente

Leia-me esta carta eu sou uma pobre cega e a juventude se ria
que lhe acreditassem cega
O mar alegre já não recordava nada de seus anos de fome
E por mais que o óleo derramasse nele sua calma fictícia
Sorria seguro de seu poder
E a juventude não é mais cega que estes olhos claros de
mulher nua

O FAMOSO LABIRINTO

E por fim finalmente após tantas páginas em branco apareces
tu minha bela jardineira
Bela como uma rosa que resolve de uma vez por todas todo o
labirinto
O labirinto desce por uma escada de caracol ao encontro das
banhistas
E elas retornam à praia com o ar de quem veio de outro
mundo
O qual lhes ensinou todos os segredos deste

Um céu que Miró deixa intactas suas cores para a próxima
noite
Após haver preparado a carruagem as flores retornam à boca
do lobo
Por causa da ambiguidade do jarro
Por causa do dragão elas retornam à neve que cobre a avenida
Agrupando-se em ramos que jovens limpadores de chaminés
oferecem aos escassos transeuntes
Flores da piedade a noite se prepara para gritar com o enxofre

Quando a tempestade se inspira no espelho
Tece com esse espelho uma roupa de sereia
Todas as sereias a mercê desse espelho retornam ao ponto
seus olhares
Sobre essa cadeia de rochedos onde expira a tarde
Elas se deixam balançar com a ciência abrupta dos trapaceiros
na mesa de bilhar

Sem entender uma palavra da vida
Vem a fileira de árvores pintadas até a metade com pintura
branca para que não subam as formigas
De um dique a outro
E os vestidos dessas jovens se filtram no amor
E quando quisemos compartilhar nossas lembranças
Desgraçadamente já era demasiado tarde

Para desfrutar os últimos fogos da costa
Nós nos empenhamos em acreditar em um sol absurdo
As andorinhas mais leves que sua sombra
Se empenharam em requerer do ouro um céu para sempre

Com uma urgência de vento lançando-se sobre o chapéu mais
indefeso que um pardal
E deixando apenas três ou quatro enigmas à disposição do dia
Triturando uma ponta do lápis com os dentes
Para aquilatar o valor das respostas
Enquanto contemplamos aquelas nuvens de madeira
Que de longe nos pareciam bosques de neblina
A porta envidraçada havia se partido com estrépito
Mulheres extasiadas olhando um insetuário
Oh tu a que tiveste razão
Volta a subir por este abrupto caminho
Que conduz à casa chamada melancolia por Charles d'Orleans
Volta tua cabeça pela última vez para guardar para sempre a
recordação desse rio
Que não tornarás a ver nunca mais

Por um instante vimos a bela jardineira dizendo amor no mais
puro sentido da noite
As futuras entrevistas se verificariam somente a cada vez que
ela abrisse a janela
E lançasse ao tanque um ramo de cravos
Inútil acrescentar que esse tanque estava totalmente
cristalizado
Deixando apenas uma ranhura

Justamente no lugar onde se pode supor que naturalmente
estava o coração

Com suas algibeiras cheias de ouro
A árvore se balança voluptuosamente
Sem que a colina tenha deixado de ter razão
Evaporando seus pássaros que não deram conta de nada
E procedem como em todos os dias
Amando despertando sonhando e comendo

Nós nos demos razão com duas palavras
O amor meu foi durante um tempo o que mais sabíamos dizer
Tombados de costa
Os sonhos se nutriam de candura de neve do inferno
Estas nuvens de madeira ardem seguindo a ordem da chuva
Elas aguardaram a aurora por causa da geada sobre a ponte
Com grande estupor dos carpinteiros que regressavam do
trabalho

Elas espiam a passagem dos beduínos
E leem Charles d'Orleans e Marie de France
Enquanto esperam que os carpinteiros terminem a levantada
das forcas

Em outras noites a noite mostrava seus pensamentos nus
E o horizonte apressadamente fechava sua carta cujas palavras
eram mais leves que a tinta
Apertando os dentes
Afundando feliz nesse banho fervente
Soltando suas amarras
Acumulando as lembranças
Exatamente como se procede antes de amar

As ondas espiam as aves de números dourados
E a escada que encostamos no muro havia se convertido em
nossa própria memória
Para que consigamos sobreviver nada melhor que esta estrela
ou que esta outra

Nada melhor que este mar ou que este labirinto
Nada melhor que este céu negro ou que este céu azul
Nada melhor que esta mulher eterna ou que esta noite breve
Upa! Acendam todas as lâmpadas! Tal como eu exclamava em
1934

Sem suspender por um instante a narração do relâmpago
Com esse gesto clássico do peregrino que se despede de sua
família
Agrupada no umbral da casa
E pondo no ombro sua mochila e olhando para trás com os
olhos cheios de lágrimas
Tal como nessas gravuras peremptórias que nos ofuscaram na
infância
Até que chegou esse relâmpago para complicar tudo

Com a ajuda de certas gaivotas e sob o controle de certas
nuvens
Certos fogos buscam certas formas
Para adentrar o coração de certas jovens
Fazendo faíscas
Todo o sol não era para nossos lábios mais do que uma cereja
Portanto os bosques espadachins haviam sepultado as
gadanhas
Em honra da filha de Saint-Pol-Roux cujo nome é Divina
E mesmo que isto não tenha durado muito tempo uma lenda
feroz enriqueceu o mar
Um mar de cal e canto
Sem nenhuma saída

SUÍTE

Vento a toda pressa
Bate o recorde dos moinhos
Vento dá o azul ao azul
O céu mogno ao mogno da mesa
Porta que de um lado és espelho do outro realidade

E que mostras um rosto de piedade como um botão que se
aferra por seus últimos fios ao paletó
Quando o caçador helvécio acaba de entregar ao governo suas
últimas propriedades
Não muitas para levantar o orçamento
Apenas uns quinze hectares e uma casa na qual habita um
casal de veementes holandeses
Ele um talhador de diamantes que enlouqueceu
E a holandesa uma jovem belíssima segundo disseram os
poucos afortunados que a viram
Pelo interstício da porta
Porta que de um lado és espelho do outro realidade
Do lado de dentro és todo amor para o jovem delirante que
rasga o paletó e arranca os botões
E o botão a ponto de cair faz uma careta divertida
Vento vem e passa teu azul pelo rosto dessa sereia e a banha
de piedade
Banha de piedade

DETALHES

Para André Breton

Eles se convidavam para rir,
para falar do passado,
para conhecer a vida em todos os seus detalhes,
e muitas vezes resultava que conseguiam sorrir,
consequiam arrancar algumas palavras de seus lábios,
ressecados pela terra, rachados pelo sol,
e até era possível que sentissem piedade deles mesmos,
tudo isto de um modo suave,
com passeios lentos em volta de uma praça,
com trocas de opinião, raiva, tabaco,
com uma mania de se tratarem por você,
quando não para deter-se no bar da esquina,
esse que foi demolido no ano de 37,
apenas um par de cervejas,

enquanto uma jovem se obstinava em ler,
algumas poucas linhas nas linhas de suas mãos,
todos reconcentrados em sua ideia,
com um perdão vou tomar a juventude
como quem toma o último bonde da noite,
para que, senhor?,
para conhecer a morte em todos os seus detalhes.

O SILÊNCIO, O SERROTE

O silêncio, o serrote, a mulher
retrocedia com uma lâmpada na mão,
o silêncio, o serrote já enferrujado,
a lâmpada se dissolvia em seu corpo,
como um pequeno cão de cores
nos hábitos de seu dono.

Desde a mulher, desde a astronomia, desde
o serrote e talvez desde o silêncio,
desde o amor com nome e sobrenome
até a lua herbívora percorrendo a selva,
ela buscou seu acordo com um dia de verão,
com a noite de inverno,
porque sua existência depende do eco da lâmpada
que é o único que nos resta do eco do amor.

*1913-1994 | Romênia | GHÉRASIM
LUCA*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Héros-limite (Paris: Le Soleil Noir, 1953) e *La Fin du monde*
(Paris: Éditions Petitthory, 1969).

QUARTO DE HORA DA CULTURA METAFÍSICA

Tombada no vazio
bem estendida sobre a morte
ideias tensas
a morte estendida por cima da cabeça
a vida entre as mãos
elevar juntas as ideias
sem alcançar a vertical
e ao mesmo tempo trazer a vida
diante do vazio bem tenso
Marcar um tempo de pausa
e trazer ideias e morte à sua posição inicial
Não desgrudar o vazio do chão
Seguir tornando tensas ideias e morte
Angústias separadas
a vida por cima da cabeça
Dobrar o vazio para frente
realizando uma torsão à esquerda
Para trazer os tremores para a morte
Retornar à posição de início
Manter a angústia tensa
e aproximar o mais possível
a vida da morte
Ideias separadas
tremores ligeiramente fora
a vida detrás das ideias
Elevar as angústias estiradas
sobre a cabeça
Marcar um breve tempo de pausa
e trazer a vida ao ponto de partida
Não baixar os tremores
e manter o vazio muito atrás
Morte separada
vazio por dentro
vida detrás das angústias
Dobrar a morte até a esquerda
endireitá-la

e sem parar dobrá-la para a direita
Evitar girar os tremores
manter as ideias tensas
e a morte fora

Tombada bem estendida sobre a morte
a vida entre as ideias
Desgrudar a angústia do chão baixando a morte
pondo as ideias para trás
para levantar os tremores
Marcar uma pequena pausa
e retomar a postura inicial
Não separar a vida da angústia
Manter o vazio tenso
De pé
as angústias juntas
deixando cair suavemente o vazio
para cada lado da morte
Saltar ligeiramente sobre os tremores
como uma bola quicando
Deixar as angústias relaxadas
Não endurecer
todas as ideias distendidas
Vazio e morte inclinados para frente
levando as angústias ligeiramente dobradas
à frente das ideias
Respirar profundamente no vazio
deixando vazio e morte para trás
Ao mesmo tempo
abrir a morte a cada lado das ideias
vida e angústias para frente
Marcar um momento de pausa
aspirar através do vazio
Expirar inspirando
inspirar expirando

[UMA DOENÇA NERVOSA NUNCA INCURÁVEL]

Uma doença nervosa nunca incurável
nunca que nunca me tortura
já há vários anos nunca
me obriga nunca a por fim aos meus dias
Nunca pago com minha vida os erros
de meus pais nunca minha herança
nunca carregada
Se eu nunca causei mal a alguém
rogo que nunca me perdoe

[SE É VERDADE, COMO SE PRETENDE]

Se é verdade, como se pretende
que após a morte o homem persegue
uma existência fantasmagórica
eu farei com que saibas

Se eu não der sinais de *vida*
durante um mês
que saibas que se morre como apodrece
uma cebola, uma cadeira, um chapéu

Eu me suicido por asco

TOMAR CORPO

Eu te nariz eu te cabeleira
eu te quadril
tu me assedias
eu te torso
eu peito tu torso depois te rosto
eu te corpete
tu me cheiro tu me vertigem

tu deslizar
eu te coxa eu te carícia
eu te estremeço
tu me passas por cima
tu me insuportável
eu te amazona
eu te garganta o ventre
eu te saia
eu te liga eu te baixo eu te Bach
sim eu te Bacho para helicóptero seios e flauta

eu te trêmula
tu me seduzes tu me absorves
eu te luto
eu te arrisco eu te trepo
tu me roças
eu te nado
por tu me atorvelinhas
tu me tocas tu me cercas
tu me carne coro pele e mordida
tu me calcinhas negras
tu me sapatilhas vermelhas
e quando tu me salto alto meus sentidos
tu os crocodilos
tu as focas tu os fascinas
tu me cobres
eu te descobres eu te invento
às vezes tu te livros

tu me lábios úmidos
eu te liberto e eu te delírio
tu me deliras e apaixonas
eu te ombro eu te vértebra eu te artelho
eu te cílios e pupilas
e se eu não me omoplato diante de meus pulmões
inclusive à distância tu me axilas
eu te respiro
dia e noite eu te respiro

eu te boca
eu te paladar eu te dentes eu te unha
eu te vulva eu te pálpebras
eu te fôlego
eu te virilha
eu te sangue eu te pescoço
eu te panturrilhas eu te certeza
eu te bochechas e te veias

eu te mãos
eu te suor
eu te língua
eu te nuca
eu te navego
eu te sombra eu te corpo e eu te fantasma
eu te retina em meu respirar
eu te íris

eu te escrevo
tu me pensas

SUSPIRO-ARDIL

a mão invisível repousa sobre um leão invisível
o leão flutua em um aposento invisível
perfeitamente subitamente invisível
o ar desse aposento é uma faca invisível
que o leão essencialmente invisível respira sem advertir
a faca invisível
a mão é apenas um anteolho de mão escassamente visível
porém é a faca o ingenuamente
suavemente claramente invisível
pois o anteolho de mão é apenas a superfície da mão
a superfície espelhante e sensível
da água de um lago
do que está mais à frente de meu lago sonolento
e ausente e fácil e passivamente invisível

passivamente invisível a mão invisível
toma uma faca passivamente material
e a enfia a enfia a enfia
profundamente
na água loucamente invisível
especialmente invisível silenciosamente invisível
de tua pele simultaneamente nuvem
nuvem areia
visível irreconhecível indivisível
invisível areia nuvem areia areia irreconhecível

*1913-2008 / Martinica / AIMÉ
CÉSAIRE*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La poésie* (Paris. Soleil, 1994).

[CANTAMOS ÀS FLORES VENENOSAS]

Cantamos às flores venenosas resplandecendo nas pradarias furibundas; os céus de amor bloqueados de embolia; as manhãs epiléticas; o branco abraço das areias abissais, o alaúde de escombros nas noites fulminadas de cheiros selvagens.

O que posso fazer?

É hora de começar!

Começar o que?

A única coisa no mundo que vale a pena começar:
o fim do mundo, demônios!

Em vão amadureçam na tepidez de sua garganta, vinte vezes o mesmo pobre consolo: que somos simples resmungadores de palavras.

Palavras?, quando manipulamos pedaços de mundo, quando nos acoplamos em continentes em delírio, quando forçamos portas fumegantes, palavras, ah sim, palavras!, porém palavras de sangue fresco, palavras que são marulhos e erisipelas e paludismos e lavas e fogos de selvas, e labaredas de carnes, e labaredas de cidades...

Saibam muito bem:

Eu não aposto jamais se não for no milênio

Eu não aposto jamais se não for no Grande Pânico.

Acostumem-se comigo. Eu não me acostumo com vocês.

SOL SERPENTE

Sol serpente olho fascinante olho meu

e o mar piolhento de ilhas faiscando nos dedos das rosas
lança-chamas e meu corpo intacto de fulminado
a água exalta as carcassas de luz perdidas no corredor sem
pompa
torvelinhos de gelo aureolam o coração fumegante dos corvos
nossos corações
é a voz dos raios domesticados que giram sobre seus gonzos
de lagartixa
traslado de anólis à paisagem de vidros partidos
são as flores vampiros que sobem a revelar as orquídeas
elixir do fogo central
fogo justo fogo mangueira noturna coberta de abelhas
meu desejo um acaso de tigres surpreendidos nos enxofres
porém o despertar estanhado se doura com os jazigos infantis
e meu corpo de calhau que come peixe que come
pombos e sonhos
o açúcar da palavra Brasil no fundo do lamaçal

ENTRE OUTRAS MATANÇAS

Com todas suas forças se entrechocam o sol e a lua
os esplendores caem como testemunhas demasiado maduras
e como uma ninhada de ratos cinzas

não temas nada prevê tuas crescidas águas
que embora levem a ribeira dos espelhos

salpicaram lodo em meus olhos
e vejo vejo terrivelmente eu vejo
que de todas as montanhas de todas as ilhas
restam apenas os poucos dentes cariados
da impenitente saliva do mar

CADÁVER DE UM FRENESI

a lembrança de um caminho
que sobe muito à sombra dos bambus
a garapa que volta sempre a inventar-se
e o cheiro das ameixeiras da Espanha
deixaram esquecidas
as anáguas do mar
os tempos de infância
o guarda-sol dos coccolobes

ao chegar à curva viro-me e olho por cima do ombro
de meu passado repleto do ruído mágico no momento preciso
sempre incompreensível e angustioso da fruto da árvore do
pão
que cai rolando até o barranco onde ninguém a encontra
a catástrofe tornou-se um trono instalando-o demasiado alto
do delírio da cidade destruída é minha vida incendiada

Dor tu perderás
o hábito que se grita:
que eu sonhei com o rosto torcido
boca amarga eu sonhei com todos os vícios de meu sangue
e os fantasmas rondaram cada um de meus gestos
no decote da sorte

não importa é debilidade

vela coração meu
único prisioneiro que inexplicavelmente sobrevive em sua cela
à evidência do destino
feroz taciturno
bem ao fundo lâmpada acesa por sua terrível ferida

MILIBARES DA TORMENTA

Não apaziguemos o dia e saiamos com o rosto descoberto
rosto para os países desconhecidos que interrompem o canto
dos pássaros
a trapaça se instala ao longo de um ruído de confins de
planetas
não prestes atenção às lagartas que tecem
uma carne sutil com ombros e seios possíveis
mas sim apenas aos milibares que se plantam no olho de uma
tormenta
para libertar o espaço onde se erguem o coração das coisas e a
chegada do homem
Sonho não apaziguemos
entre os cravos enlouquecidos
um rumor de lágrimas que se dirige às tontas até a asa imensa
das pálpebras

1914-1964 | Chile | TEÓFILO CID



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Teófilo Cid, soy leyenda. Obras completas vol. I (Chile: Consejo
Nacional del Libro y la Lectura, 2003).

MADRUGADORAS

Submersa no tempo
Em imagens
Em distintas direções
Em focos de alto mar
Em ódio ao domínio vespéral
Em ti mesma
Eu vivo através de tua candura
Como um sangue na veia
Um farol de equinócio
Ao final do sítio plano
Do hangar mais alto
Nestas cordilheiras
Onde a voz escuta sua própria sombra
O milano atrai seus filhotes
Neste adeus de ti
De ti a madrugada
Perdida em um hemisfério de cristal
Em uma curva sem desenhos
À intempérie
Como uma cadela famosa
Lambida pelo éter.

A CONSCIÊNCIA RIGOROSA

Sofria nesta estrela
O coração lhe sobra para naufragar
Resta apenas seu punhal entre as folhas
Um punhal que cai em gotas
Com ritmos de girassol
As lâmpadas anunciam a inocência
O ódio ao achado
Nada mais que obscuridade para encontrar seu êxito
Suas mãos que trabalham com a chuva
Seu céu cúmplice do crime
Noiva que foi perdida ao agarrá-lo

Nada mais que uma palavra
Pôde salvar o monstro de nascer sorriso
Há somente uma crueldade
Queimar encantos fugir do beijo
As chamas então poderiam converter-se em beijo
Em anáguas abordáveis
Em cegonhas
Neste molde
Nascem as crianças para dar espanto
A mulher longe da aurora
A destingir os dentes
Seu chão que move o mar
Entre as mãos há sempre acaso
Um motivo para matar as donzelas
Uma crueldade que nasce para um alto mar
Um gozo que chega dos ossos
E nos torna impenetráveis
Isto
E mais tu que vives deserdando flores
Ganhando para si a vida em vez de dá-la
De fazer com que cresçam asas em lugar de cabelos
Um polo até os jogos
Até o prazer magnético inviolável

AS VISÕES DOS OLHOS

Suas artérias de móvel girassol
Pulsam um pedaço de sombra
Coxas como chagas de saúde
Seios abertos
Pálidas goteiras

Quando ela passa as fronteiras avançam
Contraem as omoplatas
Seus velozes paladares sentem
O vencimento

A molécula de carícia que nada no prazer
As frases os ecos perdidos

Ela custa um vencimento
Põe em toda sede uma cauda de deserto
Um despertar sombrio para o mensageiro da onda
Um sexo de ave interna para as fogueiras
Uma fruta de ameaça

As aves guardam ouro como ela
Passam com as asas carregadas
Entram e saem pelo mesmo pensamento
O mundo acaricia a si mesmo
Quando passa em cada sombra.

MANSÕES NOSTÁLGICAS

Protegida por uma velha guarda
de vermelhas linhas de pesca, verdes algas e besouros
que brilham sob o duro sol de inverno,
a pirâmide do lar.

Após o vapor que cresce desde o rio
e que treme nos pinheirais cinzentos
as janelas fazem significativos acenos com o olhar
como se a casa fosse ela um velho titubeante
sob o frio.

Eu a recordo como foi
nos dias iludidos,
quando uma fragrância de flores e sons
lhe concedia graciosa robustez
de herói maldito.

Quisera recordar seus nítidos perfis
o ancião, a cor de suas muralhas
e o zarcão do teto,

porém a visão se esfuma
em um esplendoroso zigue-zague.

Pudera estar ali, golpeando suas persianas,
alegre de encontrar viçosos sofrimentos
respirando o perfume das velhas alcovas
onde brotaram lágrimas, ai, que se perderam.

Pudera estar ali, desterrado do mundo
do amor e do júbilo, desterrado da ordem.
Poderia novamente golpear a antiga porta,
pois sei que ainda existe a casa da lembrança
como o rumor do mar nos velhos caracóis.

COLLAGE

Os pássaros margeiam o ocaso
com sua sombra abrigam a paisagem.
Pássaros de leite,
pássaros de rentes dentadas
que saem da aurora como beijos esmagados pela noite.

Eles sabem que a sombra
os protege, os defende, os encerra
em um ovo de esmeralda.
Incansáveis esvoaçam
sobre a relva de virtude dos sorrisos
como júbilos filiais do tédio.

Pássaros de enigmas na pele
pássaros de lábios como olhos
que desnudam a sombra de seu tédio.

Os seres são mais lentos que o cabelo
se divertem se isolam em suas rochas
e há dedos que o amor ainda não teceu,
corpos que se agravam ao amar sua liberdade.

Mundo natal mundo de onde vêm
recantos infinitos a formar seu horizonte,
vestidos como naipes em um sonho
de amor e liberdade.

Todos os pássaros são sombras que voam
batimentos de um mesmo pulso
rugas de uma mesma ondulação.
Todos os pássaros são sempre as doze.

Suas asas espelhos destilam
e onde há uma imagem os corpos já não dormem
os pássaros-espelhos sorvem a sede dos corpos
a sede que é um céu avisado ao deserto.

Porém os homens
têm sede de pensar nas sombras
que voam.

*1914-1973 | Egito | GEORGES
HENEIN*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
L'incompatible (Cairo: La Part du Sable, 1949) e *Antología de la
poesía surrealista* (Org. Aldo Pellegrini. Buenos Aires: Editorial
Argonauta, 2006).

O GRANDE CISMA

Cuidado com os tesouros que ninguém reclama
para o estudante paciente e taciturno
esquecido para sempre em um canto escuro
para o estudante que corre sonhos
que suaviza a vida
que forja uma mulher como uma vela de um navio
que vê além da parede da cerca
além das montanhas
além dos mares
quem já estaria no fim do mundo
se não estivéssemos lá para falar com ele sobre refluxo
Cuidado com essa franja de pura loucura
na frente de um castelo
e colunas frias nas margens de seus templos
e com seu choro onde a noite deposita
a fadiga do pássaro
Cuidado com essa vegetação sem vergonha que se interpõe
entre as pessoas e finalmente dá-lhes o direito de dizer que
estão separadas.

A TRAPA

o feitiço é uma pantera quente e o momento em que um é
carregado – na grande zombaria noturna um sabor de orgia
sarracena
então a luz surge
e percebemos que o essencial
é preservar bem
os objetos que não se deseja mais.

O SOBRESSALTO

Deve e ter
não lê mais

no cristal louco dos templos
Por um momento, além do congelamento de anos inúteis, uma
nova força é içada aos olhos dos oficiantes
alarme instantâneo e garra
graça reestruturada
ao lado da grande floresta
onde o preço de cada gesto está perdido
O horror do amanhã é suficiente para sustentar o sonho.

SONIA ARAQUISTAIN

Cavem
e encontrarão um sorriso
um sorriso funerário
para os que tomam a vida ao pé da letra
cavem
e o pó chegará ao coração
e vocês estarão com o coração no pó
e o amor indolente
imóvel na encruzilhada da rejeição.

Cavem
e encontrará o céu
talvez cheguem a encontrar o céu
talvez a dispersão das espécies
ou o sabor transtornado da chuva
cavem
para que esta mulher desdobre o abano de sua queda
para que esbofeteie de uma vez por toda a indiferença do
espaço
para que com seu belo rosto de cristal despedaçado
despose a terra firme.

Cavem
e encontrarão os olhos mais solitários do mundo
e no chão gelado da Avenida
uma estrangeira repentina como uma janela

cavem nesses olhos um impossível olhar
cavem o nome de vocês em nossa noite
cavem para nós.

LUCRÉCIA

beleza sem rodeios
beleza que não pode ser transmitida ou invocada
os dedos se tornam bordado para aspirar sua medida

página que ficou aberta
dedo que ficou pousado sobre a morte acidental dos amantes
no momento mesmo em que tudo concorria
para o triunfo de seus vícios secretos

a partida se encontra entre a ágata e o quadril de rosa
entre a fronda e a auriflama
entre a alcova e o guarda-rios-comum
entre a surdez dos que sabem e a algazarra dos que vem

não se trata senão de julgar essa mulher
de dividir suas negativas
de lhe impedir expandir-se além do recinto vagabundo de seu
sexo
não se trata senão de reconduzir seu olhar
paletúvio voraz da visão
até o imóvel vestuário cortesão
até o espasmo final da imagem no limite do olho

a lâmpada acinzentada se detém e gira gravemente sobre si
mesma
quando adentra o aposento um visitante despreocupado
cuja morte por estrangulamento foi repetidamente anunciada
e ao aproximar-se o encontro é interrompido

porém em todas as mesas restam signos envenenados
lenços voláteis levam as iniciais de todos em letras de duelo

os pássaros são viscosos

então Lucrecia se ergue como uma espiga
e o aposento cresce a voo de absinto
uma pedra se desprende com grito noturno
de uma fachada bestial
e temos a sensação de que o visitante forasteiro está por
dispor de tudo
e um a um se preparam para o cerimonial

dois seios ilustres pousam sobre um leito escurecido
trata-se apenas de estar presente no momento de seus últimos
estertores

O INCOMPATÍVEL

Uma mulher está em sua plenitude na hora em que,
semelhante à hera que serpenteia uma casa trepadeira, destrói
com um gesto circular e harmonioso o único ser que lhe
corresponde.

Então é o momento em que está permitido e é possível
seguir-la na medida em que todo séquito foi excluído.

Excluído como a viuvez dos naufrágios, como o olhar
solitário em seu corredor terminal, sem frente a frente, sem
uma imagem que possa ser tomada, sem um grito, as mãos
soltas.

Espiral expirante em sua saia rendada de palavrinhas
vigiadas – ao menos seria medida, ao menos se nomearia essa
mulher por seu nome tranquilo, pela ilhota negra de sua
rejeição, se nomearia por sua medida de rio franqueado de um
salto, por seu desejo de já não ser.

Recobrem essa janela, recobrem essa palidez que se vê
desde muito longe – rota apunhalada entre duas cidades
nefastas –, recobrem a espantosa economia dos rostos e que o
equinócio dite a última decisão.

Aqui reside o incompatível;

Aqui prontamente alguém cansa de morrer.

*1914-1987 | Grécia | MATSI
CHATZILAZAROU*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Ποήματα 1944-1985 (Ατenas: Ed. Ίκαρος, 1989).

*[PENSO EM UMA VIDA QUE SERIA PESADA COMO
A DE HOJE]*

Penso em uma vida que seria pesada como a de hoje,
se acaso faltasses em viagem. Pela manhã imagino
robustos os teus membros – ali de um modo localizo
teus braços. Ao anoitecer vejo teus lábios como
a fruta mordida.

Vem, o dia é tão belo – os poemas que
amo quero vivê-los contigo. Eu podia tantas coisas
converter em alegria e te dar todas elas.
Cada momento eu podia torná-lo música
primitiva, pele suave, quente, eletrizada, que
submerge nesta. Uma dança perfeitamente livre, ao invés
de membros ter asas, e uma vez mais asas de sonho. Ou
cheiros
– acaso queres cheiros? Então serão cheiros frescos,
como pequenas cataratas repletas de pequenos coentros – ou
como litoral
pela manhã, de onde saem e tomam sol, a alga, o peixe,
o ouriço do mar – e a onda sobre a areia não é séria,
porém joga. Longe, certamente, o mar tem um suave matiz
trágico.

*[CONTEMPLA O JOVEM ATRÁS DA CORTINA DA
SACADA]*

Contempla o jovem atrás da cortina da sacada.
Esperavam as rajadas de vento de agosto por entre as velas
triangulares.
Uma madressilva subia com suspiros e fragrâncias – até que se
entrelaçou na nuvem do crepúsculo.
Tantos bosques ardem,
tantos tímpanos de gelo se derretem,
tantas magnólias nos fazem desmaiar,
tantos campos nos atormentam.

Que sejamos sereias, os peitos descobertos ao sol
– a cabeça deitada para trás, os olhos para o mastro.
O mar é deusa de tudo – e limpa cada dor nossa.

[ESTENDO MEUS BRAÇOS E REÚNO]

Estendo meus braços e reúno,
todos os olhos, e a penas, a rochas, as margens do mar,
as águias, a música de todos os ramos, a espuma de todas as
ondas.

Estendo meus braços e reúno,
todos as abróteas que plantei nas rochas, todas
as minhas ânsias, minhas dores – o tsifteteli e o zeimbékiko,
meu lenço cor de carmim e minhas pérolas azuis.

Estendo meus braços e reúno,
todas as minhas natações em Kineta, meu amor com a luz
e os cascalhos, minha respiração quando amo, meu temor
quando me afugentam, minha exaltação quando quero, minha
alegria
quando vivo.

Estendo meus braços e reúno,
todos os dias do ano – são minhas, de aurora
a aurora – me inundam de fragrâncias primaveris,
festaça e fartura do sol.

[A NOITE CAIU NO MAR]

A noite caiu no mar – para mim, onde está o dia?
Onde estão os raios do sol sobre minhas pálpebras,
onde estão as penas de minha carne sobre a areia, onde estão
o sótão, as cigarras e minhas cinco vozes?
Amanhã reunirei as tuas duas coxas, quem sabe nasça uma
pequena
e triste criança, que chamarão Iús, Mañús, ou quem sabe
Aqua Marina.

Tragam para mim, para parir, todos os bebês do mundo, deem-me para que os
leve a perecer todas as mortes.
Umás cordas de música serão suficiente para correr
com pés nus por entre a relva do Norte, para contar
todas as gotas de nosso corpo e para tecer
com apenas uma mão todas as esteiras de nossas fantasias.

*[MEU CORAÇÃO É O MAIS EXTASIADO DOS
OLHOS CASTANHOS]*

Meu coração é o mais extasiado dos olhos castanhos, as
lágrimas
se esgotaram, minhas asas já não me sustentam, em todas as
minhas montanhas já não encontro uma única fonte, nem a
folhagem de uma árvore,
nem mesmo
uma noite eu encontro sobre as minhas montanhas, é sempre
dia.
Nossa poesia nós a fazemos em papel, porque perdemos a vida
no estro de um canto
lírico.
Nossa harmonia exista (quando a encontrarmos) no cálice
de uma insignificante flor selvagem na primavera, em uma
antiga Videira.
Sempre jogarei aquele jogo cujas regras desconheço.
Embarcarei na nave que não requer portos.
Descerei minha âncora no centro do oceano Pacífico.
Cruzarei as cinco pontes, de cada pelo meu nascerá
uma flor testiculácia.
O ar levará meus cheiros e as esconderá
nas sombras que tem os cascalhos.
Moços! Aproximem-se, montem-nos, somos seus cavalos
brancos,
somos suas éguas fumegantes.
Perdemos nossos freios em todas as covas, e nos litorais,
e entre as amarradas algas secas, e pelos floridos

fundos do mar Egeu.
Perdemos nossos freios, porque pedimos nosso canto.
Simplesmente não se chama
nem liberdade,
nem amor,
nem pênis,
nem vegetação, fertilização,
nem forma,
nem paixão,
muito menos dor.

[ESTAS ÂNSIAS DE MAIO]

Para S. Ch.

Essas ânsias de maio, como eu poderei apagá-las?
Esses prantos de um crepúsculo etéreo, como poderão
esgotar-se?
Lamento todas as crinas de jovens que estão estiradas
sobre as almofadas de um amor convencional.
A todas elas darei em meu avental uma rosa branca
e outra vermelha – quem sabe as vejam, quem sabem sintam
seu cheiro.
Eu lhes darei um zangão que encontre o sol novamente
cantando em meus cabelos – quem sabe o vejam, quem sabe o
escutem.
Eu lhes direi: olhem os homens, os valentes, os livres,
o homem leão, o homem árvore de barco, o homem lâmina
e arco e voz de um cume a outro de montanha – então quem
sabe
a eles se entreguem, sim, quem sabe deles se enamorem.
Se eu tivesse a voz que busco, uma cidade inteira não me seria
Suficiente para arrastá-la com meu andar primaveril.
Indago: alguém acaso suportou os crepúsculos que não
morrem,
e as fragrâncias que não se perdem mas antes se convertem
em sombras minhas,

e nossos cinco sentidos quando fazem arquejar e gritar nosso
coração?
Meus membros de seda eu vou estirar sobre uma areia fresca,
meu olhar eu vou perder no azul inesgotável de
meu mar, meus fôlegos e pulsações serão
os fôlegos e pulsações de meu amor difuso.
Amor, carinho, desejo, prazer,
A m o r, A m o r.

[ACASO É ENCANTAMENTO?]

Acaso é encantamento? Sonho? Milagre?
A sedução de meu pensamento, a febre e as saudades,
e o gênio criador o terrível de minha carne.
Eu te dou tudo o que é meu – no sol e na cor
de amor de teus olhos.
Como cai a folha do álamo, a folha que enfeitiça
a luz? É como cairei dentro de teus braços.
Meu corpo nu já está na zona morna.
Será encantamento? Sonho? Milagre?
A palma de minha mão te espera, a palma de minha mão te
busca,
a palma de minha mão treme e esvoaça entre os ramos – ai!
em meu punhado pousou um pássaro, o pássaro é tua ternura.
Qual será o amor que contém o clima desalojado?
Ao meu redor vejo apenas todas as ânsias de uma Sexta-feira
Santa.
Que o meu pranto seja o canto mais manso; minha tristeza,
procissão de maio desde o mar até o campo; minhas ilusões,
dez barcos guarnecidos que navegam para a feira.
Jamais, jamais a minha vida sem encantamento.
E é o encantamento o cheiro do desejo primaveril entre as
macieiras.
E é o encantamento todo o amor de uma rocha seca – com a
luz, com o sol.
E é o encantamento, desde meu berço até o túmulo meus
gemidos os que geram o

milagre.

[UM CANÁRIO ESTÁ METIDO EM MEU CABELO]

Um canário está metido em meu cabelo e as amendoeiras
atomizaram todas as suas flores.
Talvez sejamos mais inocentes que um canário, porém castos
não somos.
E não importa quantos mastros sejam desmontados, quantas
medusas sejam mortas,
meu ser sempre será um exílio
Ah já, já! Venham dizer a canção que não se apaga – o rumor
da clematis quando se deixa
acariciar pelas sombras, a barafunda da baleia quando encalha
e seus pequenos se
salvam,
O hino de nossa vida quando se perde, e encontramos nosso
coração.
O que farei com as dores, os estros, os anseios?
O sol segue apenas uma trajetória.
Um dia abrirei as minhas pálpebras e minhas coxas, para
receber a chuva.
Também abrirei os caminhos que sufocaram minhas
resistências.
Sim. O que a mão não alcança, nosso coração supera.

[ESTA ÚLTIMA GOTA DO VINHO]

Esta última gota do vinho contém o grito de um caracol,
sobre uma onda navega a minha esteira de trigo.
Ah, para! Porque ali à direita no céu vi a nuvem de meu
coração.
O delfim é meu filho, as ânsias são meus olhos, e o mar as
esgotou.
Contei os pequenos recipientes do balcão – desse número sem
valor algum sempre falta

meu ser.

Tenho vivido entre as rochas com tantas grutas marinhas – em
cada

Terno buraco da cova pendo minha bandeira natal.

Jamais olhei detrás de minhas velhas fotos

(ali onde estou tão indefesa) – tem que acaso venha a
descobrir meu drama pessoal.

Assim um dia encontrarei entre meus lençóis uma rosa
vermelha – dentro de sua

intensidade espreitar o peso de sua ternura.

E mesmo que não me convençam as mãos de muitos, e mesmo
os alentos de muitos não

nublem um espelho meu sequer – um dia cala o vento que
desce sozinho da montanha

com um gemido humano.

*1914-1987 | Japão | KANSUKE
YAMAMOTO*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
série de cartões postais, com poemas e desenhos, 1960-1963.

TRANSPORTADOR DO IMPOSSÍVEL

ele viu através do prisma
de seu único olho rachado

e nos levou atrás de um espelho
mesclando sonhos com não sonhos

suas colagens de tons positivos e negativos
vislumbram o mundo dos fantasmas

barcos flutuam ao longo de seios submersos
o olho do sol se põe no horizonte

seu rosto girando com guarda-chuva na mão
em um quarto chovido em calcinhas

dia a dia provocativamente
ele desencadeou ilusões

uma cama paira no céu como uma nuvem
convidando-nos a reverter e despertar

[SEM QUERER]

sem querer
erguendo uma mão
desapareceu
um calendário
começando com Benoís
pronto
uma leve
chuva caindo
uma fita fluida e
uma forma de fita
este estado de ágata
navio de tosquiar

já havia
casualmente
enredado
melancólico
você e
ou você no plural
esta destreza
traição
longe
grosseiro
arranha-céu

[CERTAMENTE]

certamente
ensinará
além do vidro
balançando a cabeça
por exemplo
como uma mentira
um sobretudo está batendo
uma espécie de vento que
pode explodir amanhã
primeiro abra a mala
porque você não quer errar
estas 24 horas
vestindo uma máscara branca
e luvas de borracha
como assistente higienizado
perto de você
parado
essa ordem como um lápis e
pêndulo silencioso
ainda
muito
sem coragem
escorregou

de repente
entre nós
esgotos e porões
e todos os edifícios da cidade

[UM VIDRO]

um vidro
mapa
alguma coisa
coisas facilmente quebráveis
estavam alinhadas
um vazio
como cadeira
coo cidade
linha ionizada simples
com tanta pressa
irremediavelmente
tomando mão do tempo
por acaso calculado
forma é apresentada
como um quarto
voltado para
meu ombro
de repente quebrando e caindo
soa como
parecido com o riso
alguma coisa
frágil

[COM INDIFERENÇA]

com indiferença
soprando uma flauta
extinto
de um fragmento de vento

de onda de vidro
de rugas de onda de raio de vento
secretamente
engolindo lágrimas
cantando Tarutaran
neste dia
a câmara subterrânea
era cor esmeralda
o tempo acima
os crocodilos no relógio
um instante
faz um som de estalido
derramando do telhado
atmosfericamente

*1915-1976 / FRANÇA / JEAN-PAUL
MALRIEU*



Poemas traduzidos por Betty Vidigal. Obra consultada: *Libre
comme une maison en flammes – Œuvres poétiques 1935-1976*
(Le Cherche Midi, 2005).

CARTAS A UM AMIGO

Montauban, 27 de julho de 1951

Meu querido Jean,

todos os anos redescubro minha cidade natal e a acho muito bonita. O verão embeleza tudo o que toca, desde as pequenas ruas "alarmadas de sol" até as copas das castanheiras imóveis que dão uma sombrinha magra e avermelhada sobre imensos vazios onde se dispersam os cães errantes. Aqui respira-se poesia e é por isso que, seguindo o hábito que tenho de te escrever tudo o que me passa pela cabeça e pelo coração, eis-me lançado em descrições sentimentais que você compreende muito bem. Não sei se conheces essas pequenas cidades de província onde todos os gestos são recheados de calor, mas o que se depreende acima de tudo é que o tempo não passa. Tudo está parado, imóvel, como nos sonhos ou nas obras-primas. É perfeito, pleno.

[Trecho de *Cartas para Jean-Noël Agostini*, publicado pela L'Arrière-Pays.]

E agora tenho um compromisso com o alvorecer.
Como não amaríamos encontrá-lo, numa emboscada.
Como faz frio
Num grande coração que adormece.
Vertam a vida.
Dois dedos,
Dois dedos de mulher
Da tisana dos grandes ventos.
Cinco horas, diz o relógio. A espuma do café se junta na borda
da chávena.
Dizem que são beijos perdidos.
A névoa na vidraça
É uma mulher que espia.
Limpem o vidro.
Mais parece um gesto de adeus.
O ar é uma pele solúvel.

No gelo ficou uma espádua do dia.
As unhas das amoreiras estão em seu primeiro quarto.
Eu saúdo, como a samambaia,
punho fechado da floresta.

SE ALGUMA VEZ

Se alguma vez, quando eu estiver morto, ao acender tua
lâmpada tu vires
O mar sentado no quarto,
Se alguma vez, quando o vento soprar pelas ruelas, tu ouvires
meu passo parar diante de tua memória,
Saberás
Quanto te amo neste mundo, desolado
Por ter pedido aos que nós amávamos
Que te falassem de mim.

Depois de muito tempo, também tu estarás morta e já sozinha
num quarto de poeira onde tudo é cinza.
Lá fora eu terei rondado, como faz o amor, abrindo as portas, e
eis-me
Entrando com um bom sol, como ele entra na terra.
Terei quatro ou cinco rostos de ti que sangram,
Rostos de lágrimas,
Rostos de vidro.
Não me olhes enquanto estou vivo.
O nascimento do tempo bate na têmpora.
Não ouvimos passar o vento.
Estamos ali para passar algum tempo.
Amanhã o dia estará bonito até tarde.
Até tarde o céu estará claro.

[ENTÃO VESTIRÁS TEU TRAJE DE FOLHAS DO JARDIM]

Então vestirás teu traje de folhas do jardim.

Não esqueças o alecrim ao pé do muro,
A pedra que joguei na tua janela.
Um punhado de ar se recorda.
Os juncos amassados sempre nos dirão a hora.

Tomarás o fantasma do cão que dorme sob a roseira
E a pequena rã dos muros que canta em três notas.
Ama-me.
Ama-me. Assim digo.
A benção das árvores cai sobre o orvalho.
Os que não dormem preparam novas festas.
Ama-me. Recorda-te.
Não tenho outra prece. Sou frágil.

MINHA MÃE

Como está o tempo?
A janela está coberta de areia.
Ela faz o trabalho de casa, espana móveis que não existem
mais.
A chuva conta histórias em que silvam apitos de locomotiva.
O carteiro não passa na casa dos mortos. Eu, eu sou a
fotografia sobre a cômoda
Onde estão arrumadas minhas gravatas de adolescente.
Escuto seu passo alertar o vazio.
Eu toco.

[AMIGOS, VÓS ABRIREIS MEU ROSTO]

Amigos, vós abrirei meu rosto e entregarei as paisagens do
avesso. Que as formigas do sangue se dispersem, elas que não
conhecem descanso. Que os sóis passados acorram. Eu não
tenho idade. Sou ideia. Quem vinha o rosto da chama. Um céu
minúsculo palpita em minha mão. Os passantes, por meios
naturais, atravessam as muralhas. Estou em adoração diante

de algo insignificante. Se eu pudesse ter os olhos da tempestade.

Estou diante de ti como uma criança, cheio de chuva e devastação, no decurso de um outono de silêncio, como no centro de um lugar assolado pela grama queimada. Escrevo-te para aliviar o tempo. Esta página que rabisco é um espelho. Dela vai surgir um destino inesperado. Porque minha luta contra o tempo é antiga. Eu escrevo sempre a mesma coisa: ela é nova. Que eu leia de cabeça para baixo, no lugar, a ansiedade é iluminada. Aí não posso nada. Os anos passam, revelam-me. Meu rosto se afirma sob a chuva fina dos dias que vêm a nós aos milhares, a passos ágeis. Eu escrevo para estar contigo na palha doce e quente da vida.

[BATEMOS À PORTA]

Batemos,
O vento em pessoa
Vem trazendo o sal.
Encontrareis um bom lugar
Dentro do armário
Entre o sachê de lavanda
E a esperança
Para não gritar.

*1915-1995 / Chile / ENRIQUE
GÓMEZ-CORREA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poesía explosiva 1935-1973 (Santiago: Aire Libre, 1973).

A CERTEZA DO TERROR

Corria a chama ao longo das praias
A seu lado a formiga
O rapaz apurando o passo
Como quem salta do óleo ao espanto

Mais atrás
Mais atrás as coisas os poços o baile de máscaras
A frente e as portas giratórias
E finalmente a profunda luz de seus peitos reluzentes

Então viam uma alga com formas de amante
Com gestos com línguas com as precipitações do terror
Tocavam a morte ao fundo das águas
Mais puras do que nunca no reino das bocas

E bem alimentadas
Em busca desse corno que divide os céus
E também os arquipélagos e as ilhas de sua alma
Melhor para que eu lhe escute

E corte seus dedos e a luz e os olhos
E a queda horrível de lábios e pupilas
Com essa segurança do dormente
Até chegar ao espanto.

ESPECTRO DO AMOR

Os delírios me despertaram os sentidos
E vi uma mulher luxuosamente feia
Que se defendia
Do homem com uma pluma de gavião.

Os escassos muros caíam
Como que arrasados pela luz
E o homem era alto por dentro

Com um crânio desprovido de carne
E seus belos dentes denunciavam a vítima.

Aí se escrevia a mais horrível página do amor
Com a fúria com que as águas se partiam noite após noite
Deixando nuas
Essas cidades pintadas com mel
E destinadas a ser devoradas pelos astros.

A mulher luz ou treva
Era aqui
Vítima da cal que flui do olho
Apesar de que em seu sangue
Corriam vários sexos
Que lhe falavam de um amor impossível
Onde o homem era atormentado
Por um grande bosque.

A temperatura no entanto subia
E ao me expor a seus vapores
Alcançaria como nunca essa zona livre do sentimento
Onde ela é a inesquecível

O HOMEM E SUA MAGIA

Uma nuvem erguida sobre mim
Faz o efeito de uma profecia
Eu falo então na orelha do futuro.

Essas mulheres que em certas noites vistas
Golpeando a janela
São as enviadas da noite

Recebemos pois os fantasmas
De nossos próprios amores.

Quando é a fome e o juramento

Que saem da boca do enforcado
Quando é o nariz
Dividido em dois
Quando é a página
Que lança álcool sobre nossa alma
Quando é o relâmpago
Que seduz aquela que entrou pela primeira vez
No grande vento
Ouve então a voz do coração.

Sou alto como meus sonhos
Reduzo a sombras o pensamento
E como a luz adoro
Atravessar os muros
Os homens beberão destas águas.

O SORRISO

Com o tempo não restará dos gestos senão as estátuas da
lembrança
O homem e a mulher viverão em estado invisível procurando
filhos invisíveis
Será a mais absoluta das alianças
Sem temores sem o peso da alma
Sem a angústia que deprime o rosto.

Na hora branca do meio-dia
Na hora em que o sol aponta sobre a fronte
Os homens começarão a percorrer toda a escala de cores
E em seus corações o arco-íris será apenas um ponto
nostálgico.

Por isso nos arriscamos nos entregamos de cheio ao perigo.
Ao perigo dos astros ao perigo da terra da água do próprio
fogo.

O som se desprega da alma

Leva suas âncoras
E nos abandonamos ao sonho sem saber o motivo.

Onde estaremos então meu amor
Quando hoje tenho já a minha mão invisível
Sobre a tua mão invisível amor invisível?

ENTRE O DIABO E O OCEANO

A cinza é um pouco a alma
Do que ontem mudou de pele
Sua brancura atrai o branco de meu olho
Como o som que enlouquece
E que vem do ovo místico.

Estamos na antesala do vazio
E a cor perdeu sua natural palidez
E que levamos a eternidade no dorso do abismo
Assim como levamos o fogo no anel do diabo.

Tudo nos conduz ao pavor
Às águas que a tudo purificam
Ao pássaro que foge no céu distante de si mesmo.

É para dizer é para gritar no vazio
Como a morte que chega em seu turno
Na cinza do amor
E não é mais do que o olhar
Em pleno coração.

*1915-2001 / Romênia / GELLU
NAUM*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poemas (A Coruña: Edicións Espiral Maior, 2003 – bilíngue,
tradução de Victor Ivanovici).

ANTES E DEPOIS

Uma estranha necessidade de levitar, legado de algum ancestral guerreiro e ave, lhe obrigava, no instante preciso do amor, a jogar pela borda o último resto de memória diurna. Então a sua retina se convertia em hélice, o sangue se abria em asas, seus leves ossos recobravam um após outro suas estruturas e funções iniciais. Em sua boca retumbava o rumor de uma cidade longínqua. Sobre a sua abóbada interior, em algum ponto, girava seu rival brandindo armas generosas. Mas ele se limitava a saudá-lo, distante, e a repetir a marcha desprezando os finais, enquanto que sua amante, jazendo a seu lado, seguia entre as dobras do lençol os ímpetos de seu voo imóvel.

A CROSTA

A cidade tinha uma única casa
a casa tinha um único cômodo
o cômodo tinha uma única parede
a parede tinha um único relógio
o relógio tinha um único ponteiro

entretanto as crianças
cresciam e faziam uma única pergunta
enquanto desconcertados e soberbos os adultos
se encolhiam e diminuían sorridentes

ESPELHO CEGO

O fio de sangue que sai de meu bolso
o fio de lã que sai de meus olhos
o fio de tabaco que sai de meus ouvidos
o fio de chamas que sai de minhas narinas

podes vir a crer que meus ouvidos fumam

porém as pessoas ficaram cravadas no meio da rua
pois esta noite se pintarão de negro todas as estátuas
e será a minha insônia o que tu conhecerás
uma insônia qualquer de giz e argila
uma insônia como estufa e como porta
ou melhor dizendo como o buraco da porta
e detrás desta porta quero que falemos da memória
quero que me cheires como se fosse uma janela
quero que me ouças como se fosse uma árvore
quero que me apalpes como se fosse uma escada
quero que me vejas como se fosse uma torre

FACE E SUPERFÍCIE

A árvore cega guiada pela relva que pasta
ou dormindo à aurora quando se desenham no céu misteriosos
mapas
feitos de raios e raízes (pais de nossos corpos)
pode extraviar-se pela via do trânsito
e o ranger de suas folhas se converte em palavras que às vezes
flutuam sobre águas
onde ressoam as abóbadas com todos os mundos que moram
em seu seio

por outro lado modelada com simplicidade ela pode recobrar
sua força de levitação
e abrindo sua ampla ramagem pode escutar
esse movimento do esquecimento nos sons que aclaram nosso
espírito

O SEMELHANTE

Ao entardecer quando as velhas regiões
começam a se mostrar entres suas névoas
uma doce loucura está flutuando sobre o mundo
o frescor se faz em pedaços O Semelhante

sai a passear de braço dado com uma árvore
dedos da cor de ferrugem tocam suas têmeoras
quanto mais baixo melhor fala estou ouvindo sua voz
e agora ele queria reconstituir
minha memória descontínua
e tu o que fazes por ali
por que sobre nós cai tanto frio

*1916-1973 | Espanha | JUAN
EDUARDO CIRLOT*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Obra poética de Juan Eduardo Cirlot (Espanha: Cátedra, 1981)
e *Bronwyn* (Espanha: Siruela, 2001).

A RENÉ MAGRITTE

As mulheres com seios de papel
alumiam a harmonia dos prados.
Até as janelas chegam os veados
sob um céu de páginas de mel.

Detrás dessa cortina há um pajem
com os olhos azuis e vendados
porém nas brancas vendas pintaram
três olhos negros onde está Lúcifer.

A perna adolescente da bela
abre seus abanos de cristais
enquanto resplandece um aerólito.

A carne é um espelho e uma estrela.
O homem a contempla com punhais
porém a rosa corre enquanto cresce.

JAZZ-LILITH

Com meus olhos escuto, com meus olhos
de menta e de cristal desmesurado.
Com meus olhos de piano no crepúsculo,
com meus olhos de tigre e cerejeira.
Com meus olhos escuto os acordes,
os desgarrados sons da tarde,
os sons do amor e do soluço,
coxas que se aproximam pelo céu.
Com meus olhos escuto tantas selvas,
tantas selvas de fúria e carbúnculos.
Com meus olhos de piano, meus olhos
de fogueira abandonada no deserto.
Os acordes se rompem no canto,
os acordes se quebram nas árvores,
as coxas se aproximam pelo céu,

as coxas de magnólia e cinza.
Com meus olhos escuto ambas,
com meus olhos de menta e assassino,
com meus olhos de músico extraviado.

[IMÓVEL COMO O FERRO DA ROCHA]

Imóvel como o ferro da rocha,
detenho meu pesar no lugar
onde vi o resplendor entre as águas
e as relvas que gritam.

As folhas da rosa se misturam,
o ouro se ergue como uma pálpebra,
as mãos se comovem e as lentas
nuvens.

Bronwyn esteve aqui onde eu estive
a começar
esta inscrição tão triste como o céu.

[BRONWYN ERA O CRISTAL INUMERÁVEL]

Bronwyn era o cristal inumerável
difundido em defuntos esplendores,
com os relevos de minha cruz era
o gesto do espírito.

O bosque circundava sua ternura
e o tempo ao afastá-la de seu espaço
era manchas de como neve sangue.

Tudo tão transições luminosas,
constelações e figuras brancas
do que nunca estive próximo,
ou viveu ao mesmo tempo em um espaço.

Tudo tão destruições silenciosas
quando as mãos fingem se conhecer
e são desertos brancos sem idade.

O TÚMULO DE BRONWYN

Misericórdia morta de seus olhos
sozinha já sem seu nome ainda
sozinha entre as muralhas azuladas
lentamente se esvaindo em seu céu.

Já sem seus corações nos cimos
sobrava entre os restos de sua luz,
e sua defesa inerme consistia
em lembrar tão-somente ruínas.

Desassistida de seus nevados sóis
e de suas suavidades montanhosas
caía em um deserto sem idade
e entidades informes a viviam.

*1916-1980 | Argentina | CARLOS
LATORRE*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Los móviles secretos* (Buenos Aires: Ediciones en Danza, 2001).

RAIO DE AÇÃO

Tudo é belo do princípio ao fim
A meia noite com duas voltas de noite
A realidade por todos os poros e alguns buracos de bala
 lograda mediante a eficácia de certa beleza com o passar
 dos séculos com o passo trocado e alguma ideia fixa
A beleza dos ocasos de vidas perdidas de plenilúnios de
 preamar de meios justificando os fins
E a evidência da realidade de certa realidade de beleza de
 certa beleza e seu antigo cerimonial documentado por toda
 poesia que mete os dedos nos olhos os olhos nos dorsos dos
 barcos para ver passar o tempo durante o fluxo e refluxo
 das mãos sempre vazias as mãos no vazio ou seja onde
 começa o espaço destinado a cada corpo quase tão belo
 como seu vago conceito

A CIRCUNVALAÇÃO DE MIM MESMO

Recordo que não existem sagão ou corredor,
nenhuma dessas longas antesalas da honra
e da família
onde começa a ser sentida a evidência da tristeza
ou seu equivalente em mortalidade.
Era uma casa,
melhor,
uma hélice de barco que empreende viagem desde a habitação
 do nascimento
até esse âmbito onde se supõe seja possível crer e viver sem
 restrições.
Fora,
uma rua arborizada sem essa perfeição que tem a selva
 quando ninguém a habita
ou em seu defeito,
quando arde pela fricção do fôlego sobre o que se torna
 impossível.

A cidade não chegava ali além do espaço onde tudo sucedia,
por então,
com impunidade;
até essa rua da qual procedia todo bem
ardente e secreto como uma corrente de ar quando vai desatar
a tormenta.

Caída já da tarde surgia uma intensa escuridão que preparava
os olhos para o descobrimento,
para o que encandeia,
para o que,
desafortunadamente,
nunca sucede;
algo assim como o desejo para uma amante que perdeu a
partida.

Agora,
o tempo é esse penetrante cheiro a distância
e a infantil carpintaria,
restos de bosque consumido por excessos e entusiasmos.
Voltei a ver as pedras gastas em mais de um lugar.
Os cães urinavam sobre elas para compensar a ausência de
água de céu que não sei bem se vivi
ou se sonhei,
o que vem a ser o mesmo.
Estava também a árvore de que falei,
creio que no começo,
porém não a sombra que projeta a meia noite
mas sim o que de meu próprio corpo ainda é possível nele
reconhecer.

ARTE POÉTICA

A palavra busca céu como pássaro que curza o entardecer sem
deixar canto ou rastro,
frágil andorinha fugaz em busca do eterno verão,

que em ocasiões morre sepultada em neve de inverno de outro hemisférios.

A palavra se projeta como alameda que lança remota flecha de horizonte,

desafortunadamente desmoronada a tiro de pedra.

Em ocasiões cai em sulco de vida fértil,

às vezes faz pé em terra árida

ou esburacado envolto em bandeira de névoa de pântana empestado.

Mas o que apodrece não é sua intenção reveladora

mas sim a sua envoltura de borboleta fatalmente letal por

força de beber venenoso conceito,

explorar hermético labirinto ontológico

ou habitar falso reino ideativo.

A palavra descreve paisagem semântica,

poucas vezes para marítima,

vida viva,

folhagem azul,

fonte de água pura,

nem outra beleza criada em sol de amanhecer,

noite

ou tarde de chuva.

Quando a palavra fala de amor costuma amar seu eco estético,

seu canto de Onã obsessivo

ou ritmo próprio;

mais,

muito mais do que imagem corpórea

ou analogia,

mais do que pele de mulher,

seja adolescente

inocente

ou triste rameira.

No entanto a palavra é Verbo,

ação,

para-vida,

meta-linguagem,

própria meta que algum dia terminará por ser alcançada,

sábua

e desnuda
de toda estúpida convenção
ou servilismo.

OS FOGOS ACESOS

É um ar de canção antiga
este que traz o vento que abandona já as covas onde fora
cobiçado junto com as coterradas formigas do inverno.
Chega a primavera com sua escolta de aroma silvestre e de
cigarras prematuramente alertadas pelo clima.
A pele se despe abrindo a fralda dos sentidos para saborear o
gosto da grama humedecida sobre a qual ainda se desenha
a silhueta dos corpos do amante
e da amada
que fugiram perseguidos pelo frio.
O musgo dos túmulos sacode o negro betume das geadas
entregando-se ao sexo do sol que sempre é dourado por
mandato da fecundação
e o costume sadio de acalantar os ossos do ser vivo entre os
vivos,
do ser morto
por falta de justiça entre os vivos.
E primavera e resulta surpreendente merecê-la.

OS MÓVEIS SECRETOS

Da noite e da tormenta provém a mulher.
Flora tantálica,
fauna impensadamente homicida,
nos rodeia com o poeder dos braços que lhe é próprio
e crispa o encarcerado coração do homem que também é seu
por direito natural.
Alguns se defendem;
ensaiam conjuros como aqueles que negam a magia vermelha
de seu feitiço com uma cor mais negra,

então a noite cúmplice intensifica seu matiz sombrio
e mais e mais radiante
e cativante
contrasta o que suspeitamos seja sua imagem imposta ou
salvadora.

Erro fatal.

Assim contribuímos com o nascimento de hispnótica boa que
nos devorará com gula de criatura predestinada a viver às
expensas de sua atração,
juntamente com seus filhos.

O mandato não lhe é alheio:

a carne cumpre nela seu ofício mais perfeito.

*1916-2001 | Inglaterra | DAVID
GASCOYNE*



Poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obra consultada:
Collected poems (London: Oxford University Press, 1965).

ORFEU NO SUBMUNDO

Cortinas rochosas
E lágrimas de pedra,
Folhas úmidas no abismo do céu:
De um lado a outro o dossel
Aberto por mãos rígidas.

E ele chegou com a lira partida,
Trajando as vestes azuis de um rei,
E via com olhos rasgados na tela;
E mal se escutava o mar distante,
Vez por outra, em rajadas súbitas de vento,
a canção quebrada.

Vindas do sono, vez por outra,
De seus lábios entreabertos,
Palavras atônitas tentavam contar
A história da noite brilhante
Do dia encoberto pelas asas
Os voos do pensamento sob o sol
Acima das ilhas dos mares
E dos desertos, e dos prados, das planícies
De uma terra estranha.

Ele dorme com a lira partida entre as mãos,
E em torno de seu sono abre-se
O dossel rígido, as lágrimas e as folhas úmidas,
Cortinas frias de rocha que ocultam o céu sem fim.

SALVADOR DALI

A encosta do abismo, infestada de amantes;
O sol que os ilumina é um saco de pregos; os rios
Primeiros da primavera escondem-se em seus cabelos.
Golias mergulha a mão no poço envenenado
E baixa a cabeça e sente meus pés a andar por seu cérebro.

As crianças que caçam borboletas se voltam e o veem
Com a mão no poço e meu corpo brotando da cabeça,
E sentem medo. Largam as redes e entram na parede como se
fosse fumaça.

A planície lisa e seus espelhos escutam o rochedo
Qual um basilisco come flores.
E as crianças, perdidas nas sombras das catacumbas,
Clamam aos espelhos por ajuda:
'Arco do sal, espada da memória,
Escrevam no meu mapa o nome de cada rio.'

Um cardume de bandeiras abre caminho pela mata telescópica
E voa como pássaros em direção ao som da carne assada.
Areia cai sobre os rios ferventes pelas bocas dos telescópios
E forma gotas límpidas de ácido com pétalas de chama
rotatória.
Feras heráldicas vagueiam pela asfixia dos planetas,
Borboletas saltam de suas peles e brotam línguas longas como
as das plantas,
As plantas se entretêm com uma armadura de nuvens.

Espelhos escrevem o nome de Golias na minha frente,
Enquanto as crianças são mortas na fumaça das catacumbas
E os amantes flutuam rochedo abaixo como chuva

A GAIOLA

Na noite insone
As florestas pararam de crescer
As conchas escutam
As sombras nos poções acinzentam
Pérolas dissolvem-se na sombra
E eu retorno a ti

Teu rosto está gravado no relógio,
Minhas mãos no teu cabelo

E se a hora que mostras libertar os pássaros
E se eles voarem para a floresta
O momento não mais será nosso

É nossa a gaiola enfeitada
O copo d'água até a boca
O prefácio do livro
E os todos relógios funcionam
Os quartos escuros se movem
Expostos, os nervos do ar.

Depois que se for
O momento emplumado não voltará
E eu terei ido embora.

A PRÓPRIA IMAGEM

Para René Magritte

Uma imagem de minha avó
sua cabeça surgindo invertida sobre uma nuvem
a nuvem trespassada na torre
de uma estação de trem deserta
distante

A imagem de um aqueduto
um corvo morto pendente do primeiro arco
uma cadeira em estilo moderno do segundo
um abeto alojado no terceiro
e neve salpicando a cena toda

A imagem do afinador de pianos
sobre o ombro um farnel de pitus
guarda-fogo embaixo do braço
um bigode de ramos e argila
e as bochechas de vinho

A imagem de um avião
uma hélice feita de bacon
as asas de banha reforçada
a cauda é feita de cliques
o piloto é uma vespa

Uma imagem do pintor
a mão esquerda num balde
e a direita afagando um gato
deitado na cama
seu travesseiro, uma pedra

E essas imagens
e muitas mais
são bonecas de cera
em mini-gaiolas
de seis dedos de altura.

YVES TANGUY

Os mundos se partem na minha cabeça
Tangidos pelo vento acéfalo
Que vem de longe
Inchado de poeira e poente
E da histeria da chuva

Os gritos distantes da luz
Despertam o deserto infinito
Absorto em seu sono tropical
Abduzido pelos oceanos cinzentos e mortos
Abraçado pelos membros da noite

Os mundos se partem na minha cabeça
Seus fragmentos são migalhas de desespero
O alimento dos condenados solitários
Que aguardam o tumulto rude de dias
Turbulentos trazendo mudanças sem fim.

Os mundos se partem na minha cabeça
O futuro fumegante já não dorme
Suas sementes agora germinam
Já crescem e já gritam
Entre as rochas do deserto do amanhã

Semente planetária
Plantada pelo vento grotesco
Cuja cabeça está cheia de rumores
Cujas mãos têm a urgência dos tumores
Cujos pés se afundam na areia.

*1917-1961 | Ucrânia | MAYA
DEREN*



Poemas traduzidos por Márcio Simões. Obra consultada: *From the Notebook of Maya Deren* (1980) e *Essential Deren: Collected Writings on Film* (New York: Ed. Kingstone, 2005).

NUNCA SOZINHO

Nunca sozinho! Nunca sozinho!
Há sempre alguém por perto
Alguém me segue como um vizinho.
Nunca sozinho! Nunca sozinho!

Talvez pense estar sozinho,
Mas há sempre alguém por perto.
Alguém seus segredos sabe,
E tem de sua gaveta a chave.

E agora de quem falo decerto
Exultarás em saber ao certo
Que é Deus, é Deus, Deus Onipotente,
Que se mantém tão perto.

[QUANDO CAI A CHUVA E A CIDADE INUNDA]

Quando cai a chuva e a cidade inunda
E os cidadãos honestos da rua
tentam manter as tábuas
secas...
Eu faço água.

Quando falta água e o gado míngua
e de sede me aflijo
e água pra mim exijo —
Porra!
Eu ainda mijo.

PARA F. M.

Esperei por ti nos campos do entardecer
Olhos fechados, deitei sobre a grama
Ouvindo sons de passos no balançar das árvores;

Esperando que meus lábios sentissem lábios onde a brisa
suave estivera;
O corpo reto para sentir o calor de mãos onde o calor do sol
brilhara.

Não vieste. Voltei para dentro
Reclamando que o sol se punha
E o vento estava muito frio

Que as árvores eram muito barulhentas
E melhor seria dormir dentro de casa.

[DEVE SER FEITO COM ESPELHOS]

Deve ser feito com espelhos
minha cabeça não repousa em nada no meio do ar.

Onde está meu corpo
onde oh onde?

Posso ver as pedras
ocultas nas mãos.

Oh trouxe meu corpo de volta, de volta,
Oh prodígio trouxe-o de volta
Antes que os espelhos se partam.

MEU DIA

A criança idiota de três olhos
que joga sem parar seus jogos sem sentido
no meu quintal
e pára de repente para rir ou chorar
sem nenhum motivo
ficou enfurecida com nada esta manhã
e bebeu toda a sopa do caldeirão.

Seu cachorro de duas patas mijou por todos os meus tapetes.

Quando saí para pendurá-los para secar
percebi que os dois haviam despelado
por todo o gramado. Enquanto cuidava disso
incendiaram a casa, usando-a para cozinhar
os espaguetes que enrolaram ao seu redor.

Quando cheguei na Ásia, ambos estavam contemplando
seus umbigos. Após uma inspeção minuciosa, descobri
que havia aquários de peixe dourado embutidos em suas
barrigas
nos quais tinham enjaulado um casal de pássaros cantadores.
Foi isso que na verdade prendera sua atenção.

Na Índia, enquanto eu nadava, me pegaram em uma linha
e me arrastaram até Paris, onde começaram a pintar
e ficaram famosos. Receberam palitos de dente como
pagamento
e os trocaram por passagens em uma baleia transatlântica.

Após essa árdua jornada ambos dormiram quarenta dias
gritando de pesadelo a cada sete minutos.
Depois saíram para o quintal para jogar.

*1920 | Portugal | ARTUR DO
CRUZEIRO SEIXAS*



Obra consultada: *Obra poética, I e II* (Vila Nova de Famalicão;
Edições Quasi, 2002 e 2003).

[QUANDO O HOMEM ATINGE]

Quando o homem atinge
aproximadamente a sua medida
rebetam as lágrimas nas mais altas serranias
e assim nasce
algures um povo
um espelho de prata
na vastidão de um leito.

Uma espécie de descoberta
inútil
mas que sempre será celebrada
como uma imensa revoada de pombos.

Nada a fazer
o palhaço
está caído entre os seus símbolos
a gritar para além do vidro
à chuva
sobre a evidência da terra empapada.

Um homem
um fruto
ou melhor
um minúsculo som
engaiolado na janela
aberta
na tua carne fremente.

[LOGO QUE TE DEIXO]

Logo que te deixo
há um rio que corre ao teu lado veemente
e da outra margem
os diabos com as suas lanternas
falam da infância submersa

no além.

Daqui até à linha do horizonte
as marés embalam maternalmente os mortos
e o seu canto
arrasta as góticas catedrais até ao mar
onde flutuam e vão
com cornos de ouro
e hélices que espadanam mil diamantes.

Por toda a parte há sonhos
a empurrar outros sonhos
para o abismo.

A magia do espelho quebrado
é uma longuíssima viagem
sem regresso.

[O VENENO EXISTE]

O veneno existe ao meu lado
diz-me que é feliz
e subitamente tira a mascarilha.
Canta na sua voz rouca
o barroco ou a essência de um cometa
de infinitas mutações.

Palavras incandescentes
que deixo à guarda dos teus silêncios
logo ali lançam raízes
e na primavera
florescem em mil bocas sequiosas.
Sete óvulos
passaram por este leito
tinto de sangue
e de vinho.

Mas quando a noite por fim me visita
vem exausta.

Então olho-te como a luz me olha
como uma ininterrupta jogada com o tinteiro seco
como o momento preciso
em que o espelho encontra a árvore,
perdida no labirinto.

[NESTA LÁGRIMA]

Nesta lágrima toda uma família de baleias
ou se preferes a sombra verde de um claustro
com a data do táxi que nos levou à lua.
No caminho beijaste uma estrela
feita de sapatos velhos
para onde este sol de hoje
gemente do esforço arenoso
solene como um sonho para sempre esquecido
longe como a muralha da China
alado como esta cadeira
cego como os precipícios
pesado como uma gota de água
sem fundo
é surpreendido pelo seu próprio mistério

POEMA À JANELA

Tentemos ainda a inocência.

Gritem os de cima
destes raios negros
tensos no espaço
que somos realmente uns ladrões
tão ricos de pobreza
como os pássaros.

Eu digo que roubei o amor
como roubo agora
todas as riquezas dos outros
e também todas as misérias,
agora a minha própria insônia.

Guardo tudo dentro de mim
a sete chaves
e o meu esqueleto
é feito de todos os objetos
roubados.

*1920-1970 | Romênia | PAUL
CELAN*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Nineteen Poems (Manchester: Carcanet Press, 1972 – bilíngue,
tradução de Michael Hamburger).

ELOGIO DA DISTÂNCIA

No manancial de teus olhos
vivem as redes dos pescadores do Mar Extravio.
No manancial de teus olhos
o mar mantém sua promessa.
Aqui arremesso de mim,
coração que morou entre os homens,
os vestidos e o brilho de um juramento:
Mais negro no negro, estou mais nu.
Somente discordante sou fiel.
Eu sou tu quando eu sou eu.
No manancial de teus olhos
singro e sonho pilhagem.
Uma rede pegou uma rede:
nos separamos abraçados.
No manancial de teus olhos
um enforcado estrangula a corda.

OS CÂNTAROS

Nas amplas mesas do tempo
bebem em abundância os cântaros de Deus.
Bebem até esvaziar os olhos dos que vêem e os olhos dos
cegos,
os corações das sombras vigentes,
a bochecha oca do crepúsculo.
São os bebedores mais violentos:
levam à boca tanto o vazio como o cheio
e não transbordam a espuma como eu ou tu.

OUVI DIZER

Ouvi dizer que na água
há uma pedra e um círculo
e sobre a água uma palavra,

que põe o círculo em volta da pedra.
Eu vi meu álamo descer até a água,
vi como seu braço se estirou até a profundidade,
vi suas raízes viradas para o céu implorando pela noite.
Eu não corri atrás delas,
apenas recolhi do chão essa migalha
que tem de teu olho a figura e a nobreza,
tirei de teu pescoço a corrente das sentenças
e com ela orlei a mesa onde jaz a migalha.
E então não mais vi meu álamo.

ARGUMENTO E SILÊNCIO

Para René Char

Posta na corrente
entre ouro e esquecimento:
a noite.
Ambos quiseram pegá-la,
a eles lhes deu licença.
Deposita,
agora deposita também tu o que quer despontar
ao lado dos dias:
a palavra sobrevoada de estrelas,
a orvalhada de mar.
A cada um a palavra,
a cada um a palavra que o cantou,
quando a matilha lhe saltava pelas costas —
a cada um a palavra que o cantou e ficou empedernida.
A ela, à noite,
a sobrevoada de estrelas, a orvalhada de mar,
a ela a silenciada,
da qual não jorrou o sangue, quando o venenoso dente
das sílabas se cravou.
A ela a palavra silenciada.
Contrária às outras que, logo
que rodeadas obscenamente por ouvidos de descaro,

também escalam o tempo e os tempos,
dá testemunho ao final,
ao final, quando apenas repicam as correntes,
dá testemunho dela, que ali jaz
entre ouro e esquecimento,
ambos irmanados desde sempre —
pois onde
clareia, me diz, se não é onde ela,
que na região aluvial de suas lágrimas
mostra aos sóis que descem
uma e outra vez a colheita?

ENTARDECER DAS PALAVRAS

Entardecer das palavras — buscador de mananciais no silêncio!
Um passo e outro passo mais,
um terceiro, cujo rastro
tua sombra não elimina:
a cicatriz do tempo
se dilata
e inunda a terra de sangue — os cães da noite palavreado, os cães
repercutem agora meio a
meio dentro de ti:
festejam a sede mais selvagem, a fome mais selvagem...
Uma lua derradeira te assiste:
lança à matilha
um extenso osso de prata
— nu como o caminho pelo qual vinhas —,
porém isso não te salva:
o raio que suscitaste
se encrespa ainda mais perto,
e em cima dele nada um fruto
que mordeste há anos.

*1920-1994 | República Dominicana
| FREDDY GATÓN ARCE*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Obra poética completa (Santo Domingo : Universidad Central
del Este, 2000).

VLÍA | 7.- NADA EMOCIONADO

Querem saber os demônios o que é cobiçado em mim. Estendem suas asas a cada golpe do coração. As quimeras rotas como cordas de violão sem ebriedade – intermináveis copas de luzeiros – árvores sedentas do vento de infinitos lábios. Já ninguém te recorda na indecisa hora em que te fazes prolongadamente minha. Todos ignoram que os sonhos são relvas florescidas de gelos despertos na encontrada realidade, obscura sombra que se refugia sob o peixe de águas cristalinas. Já nem sequer respiras de tão inconsciente, nem te unes às vigílias de sonhos de dois. Eles escorrem por uma luz retrocedida. Isto não é tudo porque a cada manhã te derramas atrás da montanha. Então eu te contemplo sob ondas que se espatifam no firmamento de águas enlouquecidas pelo vento, rompente que carece de sentido de sede aguçada. As oliveiras nos deixam sem perfume de sacrifícios levados ao mundo como espantalhos porque os amanhãs ainda não conseguiram de mim a perfeição da irrealidade, porque tu não te afogas no pecado de Cristo, e tudo se põe azul como palavras de veneração. Eu te conduzirei a procissões que não te envergonhem nas noites que são como blasfêmias para o transporte da realidade; aos pássaros noturnos como vigília de rouxinóis sob janela de cores. Já não escorres de meus braços invisíveis porque eles chegaram demasiado longe e não me deixas na chatice que sacia. Tua flor não tem essa cor que te faz indefinível sob a árvore de ramos febris, como o mar de corais sangrando sobre a relva, estendida. Iremos nos afastando como palmeiras sob um mesmo sol de Maio deflorado na noite dos coveiros sem vidas por cultivar, porém debes te separar dessa realidade que te faz tão negativa ou do pesadume que me deixa como uma criança sem voz. Afasta-te de todas as coisas que antes faziam de ti desordenada visão de pequenas satisfações humanas, com umas lentes e uma viuvez inventada. Eu te deixarei sem vida em minhas noites que fazem de ti, na verdade, anjo de asas quadradas, a terra está invertida em mim como em um cubo. Ficaremos assim a dois passos da morte natural que os sonhos proporcionam e bem

longe para piscar um olho. O mundo se descontrola para ti, como se não estivesse regenerado pelo batismo como três lírios sob a sombra de coisas irrealizáveis. Sequer suspiras de suficiência descontrolada e és um devir de música sobre os papéis. De tanto respirar sequer te tornas umidade de sonhos que não te transformem em submetida. Eu te verei em todos os corredores que desembocam no vazio, além das coisas que nos aguardam sempre por eternidades adormecidas nos cais sobre a desesperação. Eu te esperarei – nos esperaremos – sob as águas que o demônio não estrangula de tão diurnos e juntos iremos tomando pétalas incompatíveis para nos conhecermos melhor sob lâmpadas que são substituídas em ruas coalhadas de cães. Estarás de acordo comigo que nos odiamos porque somos orgulhosos das bobagens que nos tornam humanos, sendo deuses destronados do céu. Deves compreender que as mortes se sucedem como presságios que não se satisfazem nunca com penas ou lágrimas, nem orvalhos do vento; deves compreender que as palavras se tornaram uma verdade humana difícil de compensar como um beiral de pombos enamorados. Tu nem me olhas com teus olhos de morta que caminha para a glória de minhas vigílias, porque estamos distantes a duas primaveras e muita realidade dorme ainda na manjedoura da Anunciação. Deverias ir daqui de joelhos até meu inferno de vaga-lumes e desposar uma flor qualquer que não tresnoite como as chaves no jardim rodeado de espelhos. Então virias a mim salva de tantos obstáculos que te fazem bela. Deverias deixar de percorrer minhas pupilas de angústia, porque não podemos ir no espaço atrás das badaladas, nem ficarmos no bronze dos fiéis. Temos que procurar para nós um ambiente distinto sob o regozijo de te saber desconhecida e não-chegada. Jamais retornarás diante de meus olhos que se quebram como o vidro na criança emocionada. Deverias voltar a se angustiar como antes sobre o penar das almas felizes, quando um purgatório sem fogos queimava os sorrisos angelicais dos condenados. Se perseveras nos encontraremos à volta disto ou do outro que não mudança. Sinto em mim uma urgência de me parecer a lâmpadas alucinadas que refletem as relvas amarelas sob o estio. Elas vêm para não te querer mais

inatingível na flor celestial em uma tarde florida de cemitérios afundados. Já todos riem dessa frieza que dão os mármore sob as abóbadas, sacrilégios de vermes como homens de mil pés gastos e muitas genuflexões; assim nos veremos no espelho que são as borboletas do sol e não poderemos ir embora como os pássaros. Não podemos mais. A vida pesa demasiado. É uma tristeza dobrada nas cavernas que avançam. A noite não pode ser detida em uma esquina qualquer. Deve ser porque nada nos une, sequer os pensamentos. Eu deveria ir como cão à sombra das casas, fuçando nas lixeiras. É impossível ficar sob o azul e ter a ti presente ou estar triste. Tratarei de te dar outra silhueta para te imaginar melhor. Tudo ficará como árvores ardidadas até as veias frias. Já que estamos no cemitério, confortaria um colóquio com os mortos. Aqui tudo é igual. A tradição fria desconhece o sol das transformações. Se olhas à direita, ninguém ultraja a humanidade do algodão, nem à esquerda um fraque cria ódios. Aqui devemos ter nascido: a música sempre é escutada, uma virada para o Norte ou Sul para agradar com outra melodia, e não fazem falta ouvidos nem mãos para temperar cordas, nem fôlego para sopros estridentes. Tudo é nosso, um ritmo muito teu, muita daquele, muito meu, e tudo descansa em uma serena igualdade. Porém já estamos sob a árvore eleita; nossa primeira incursão aqui termina.

SOMENTE TEU AMOR NA NOITE, I

Quaisquer que sejam
Podem ver o smortos no íris
Quando enterram sepulcros enquanto as chuvas,
Como se fossem lagartos em transe como o ódio.
Ai, os aparecidos se acomodam à boca multicolor
de cântaros a contraluz,
barros infinitos pelos muitos lábios e mãos
que durante séculos e séculos ergueram-nos
à paixão dos sedentos.
Quaisquer que sejam

Também podem varrer os cadáveres nos abissais
E distinguir que as correntes os impulsionam
sobre suas próprias sombras, ao pé de fundos;
O podem ver
Que na superfície dos oceanos
os afogados amiúdam céus,
assim como as cristas das ondas,
assim como o fulgor dos lampos,
como as aventuras dos naufrágios.
Para quaisquer que sejam
Eles são as vítimas dos impérios
e desaparecem no revés da história.

Ah o Poder não é a história
– falo de assassinados,
falo dos famintos e enfermos,
falo das nações submetidas por outras.
E então, Vlía,
quem diga hoje que esses extermínios
não são nem foram,
que eles não originaram lendas?
Oh os humildes alternam honra e paciência,
e tão somente amam.

DE FOGOS

O escriba fala das primícias.
Ela, Vlía, as outras cantam desde o esquecimento.
Projetos. As vozes sobem das cavidades e descem às
planícies desde as ladeiras.
Comovem também entre o escândalo das cidades.
Nenhum outro poder honra senão os frutos quando chegam
para todos ao mesmo tempo.
A justiça assim se cumpre com o corte, que em seu
recôndito papel entrega sua mensagem aos que se regozijam.
Porém os infernos circulam tudo isto com os êxtases.

Oh ninguém afirme que o terror ou o poema é o protagonista da vida.

Apenas Ela eventualmente diria que o déspota jamais humilha quando se malicia desde a relutância e o desdém contra seus excessos.

Contra essas ferugens, esses incensos, esses laços, os fogos, as queimaduras.

Quantos dirão que o verbo e o silêncio não mudam o curso da história.

Quantos falam como não o fizeram antes, e não os reconheço sequer quando calam.

Quantos sejam – deidades.

Ou graça de uma colheita, e este amor do ano. Ah nada tão gelado como o tédio.

E apenas tu continuas embora todos acabem de cantar.

*1920-1999 / Argentina / OLGA
OROZCO*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Los juegos peligrosos y otros poemas* (Caracas: Editorial Ayacucho, 1994).

ATRÁS DO SONHO

A Raquel Lartigue

Talvez sejam os ventos, que silenciosos cruzam os lugares
onde amamos,
que vão recolhendo nossas próprias imagens de antigamente
– tanta sombra que ainda sobrevive a nós! –
para povoar os sonhos.

Incansável paciência é a do vento
chorando inutilmente um esquecimento impossível até a
eternidade.

Tu o haverás surpreendido alguma vez entre as névoas de uma
descorada meia-noite,
e te detiveste junto a teus próprios rostos
como se diante de um espelho que as contínuas chuvas
embaçaram
e desde o qual uma menina velada alegremente saúda sua
juventude sombria e cruel.

Também estaria a escada ruínosa,
vencida, como uma ponte que cruzou a felicidade
e que agora vacila, irremediavelmente, ao eco de uns passos;
e ali, sobre os muros,
o anjo da candura despertaria os antigos retratos,
as janelas abertas para outro reino,
as cores penosas que não foram um instante de luz tranquila
sobre o mundo,
mas sim um longo mistério que sabias
porque também havias sofrido, empalidecendo, o coração
secreto das coisas;
e um cheiro de umidade, a lenda anterior ao tempo conhecido,
aproximaria de ti a sombra de seu musgo como um pausado
amor.

Tudo isto é o que o vento pode guardar de uma estação ferida
até as lágrimas:
dois desaparecidos que ainda repetem, unidos como então,
um mesmo sinal amante da recordação e da distância,
um escuro recinto, um recanto sepultado,
onde a solidão e a treva se perseguem.

Escuta.
Não é o rumor crescente do sangue que sustenta os corpos
desejos após desejos.
É o humilde roçar do pó sobre o pó.
Não penetrar ali.
Será suficiente que ergas os olhos desde o pranto
e essa terna cinza, essa piedade de um tempo passageiro
duramente obtido,
desmoronará como um galho sob o peso de seu último
hóspede.

Sopra dolente o vento ao redor do sonho.
São as mãos da aurora, claras e impiedosas, que o vão
conduzindo até outro céu.
Uma densa maré leve como o ar nos descobre a pele
e um lugar conhecido, indiferente à rêmora nuvem que recém
habitamos,
nos reconquista para um dia entre outros dias,
para um resplendor fugaz sobre a terra.

Enquanto isto tu e eu,
estranha companheira dos mesmos desígnios,
saberemos que uma folha vivida alguma vez desde dentro
e que repousa em paz, longe do furacão e das lutas desnudas
do inverno,
será o único sempre que teremos conhecido,
aqui, onde se acabam os venturosos sonhos.

MALDOROR

*Ai de nós! o que vêm a ser, pois, o bem e o mal! Serão uma
mesma coisa, pela qual testemunhamos com raiva nossa
impotência, e a paixão de alcançar o infinito, mesmo pelos meios
mais insensatos?*

Lautréamont, *Os cantos de Maldoror*

Tu, para quem a sede cabe na tigela exata da mão,
não olhes para cá.
Não te detenhas.
Porque há alguém cujo poder corromperá tua felicidade,
esse pedaço de espelho em que te encerras envolto em um
farrapo deslumbrante do céu.
Ele se chamou Maldoror
e desertou de Deus e dos homens.
Entre todos os homens foi eleito para inferno de Deus
e entre todos os deuses para condenação de cada homem.
Ele esteve mais só do que alguém a quem devolvem da morte
para ser imortal entre os vivos.
O que houve com aquele em cujo coração se enlaçaram as
fúrias com braços de serpente,
com o que saltou os muros para acatar as leis das bestas,
com o que bebeu no sangue um veneno sedento,
o que não dormiu nunca para impedir que um prado celeste
lhe invadisse o olhar maldito,
o que quis aspirar o universo como uma bochechada de cinzas
ardendo?
Não é castigo,
nem é sonho,
nem punhado de pó arrependido.
Do vapor de minha sombra se ergue às vezes a cintilante
máscara de um anjo que em seu cavalo alucinado volta a
disputar um reino.
Ele sacode minha casa,
me destroça a luz como antigamente a pele dos adolescentes,
e rói com sua lepra a teia de meus sonhos.

É Maldoror que passa.
Até o fim dos séculos erguerá seu canto rebelde contra o
mundo.
Sua passagem é uma chaga sobre o rosto do tempo.

REPETIÇÃO DO SONHO

Como uma criatura alucinada
a quem já somente guiasse a incessante rotação da lua por
entre as dunas,
ou como um feixe de borboletas amarelas submersas pelo
farol das tormentas
na vertigem do medo e da escuridão,
ou talvez ainda mais como a afogada que desce até o fundo do
tanque
girando com um lento redemoinho de adeus,
assim vou convocada, sem remédio,
até alcançar minha sombra de estrangeira na névoa,
até cruzar os muros que levam passo a passo à condenação,
até entrar na noite em que o malfeitor assume as aparências
do sonho
para melhor ferir sem nenhum desafio.

Esse é meu além após a única porta que se abre a cada dia para
a mesma jaula
onde o costume grasna sobre seus alimentos de naufrágio.

Ele me espera vestido de veludo negro,
envolto pelo doce agravo da dor que não chega jamais,
e seu rosto vazio, fundindo-se na neve dourada de outro
tempo,
exala uma luz morta,
um fulgor como que de velhas lágrimas guardadas para a
acusação.
Aproximo-me através dessas relampejantes miragens de
ontem que me anunciam uma vez mais meu próprio
sacrifício,

porém devo chegar
igual a uma personagem prometida pelas marés do passado
para um dia qualquer,
à hora azul-pálido das imolações,
até um lugar que agora é o do sonho que se perde comigo e
ninguém sabe.
Porque ele separa agora a envoltura do mundo com este único
golpe de adaga
e abre de par em par os grandes céus das transformações.

Contudo, esta ferida do coração por onde saio,
estes degraus sem fim por onde giro com a velocidade da
distância,
estas águas que giram e de súbito se aquietam para
cristalizarem-se em uma sombra igual a meu destino,
novamente conduzem-me ao cárcere de espelhos que lança
cada noite à noite em que morro.
Mesmo que ao despertar nada me diga que eu seja eu mesma.

ESFINGES COSTUMAM SER

Uma mão, duas mãos. Nada mais.
Ainda me doem as mãos que me faltam,
essas que ficaram aderidas ao barco fantasma que me trouxe
e sacodem a costa com golpes de tambor,
com punhados de areia contra a água de migrações e
nostalgias.
São mãos transparentes que deslizam o mundo debaixo de
meus pés,
que vêm e vão.
Porém estas que prolongam minha espessa anatomia
muito além de qualquer possível fogueira,
um pouco mais aquém de qualquer impossível paraíso,
não são mãos que sirvam para entreabrir as sombras,
para tirar os véus e tornar a fechar.
Eu não entendo estas mãos.
Sim, demasiado próximas,

demasiado distantes,
alheias como meu próprio voo encurralado dentro de outra
pele,
como a insônia de alguém que foge inalcançável por meus
dedos.

Por vezes as encontro quase a ponto de ocultar-me de mim
ou de apostar o resto em favor de outro corpo,
de outra falsa plumagem que conspira com a noite e o sol.
Inquietam-me estas mãos que brincam com o mistério e o
acaso.

Trocam meus alimentos por caminhos de formigas,
buscam um anel no deserto,
transformam a inocência em uma faca,
perseveram absortas como conchas na malícia e no erro.
Quando as vejo abrem e fecham furtivos leques,
uma visão errante que se perde entre plumas, entre asas de
pilhagem,
enquanto elas vêm, se perseguem,
crescem até cobrir a imensidão ou reduzem a pó a tigela de
meus dias.

São como duas esfinges que tecem minha condenação com a
metade do crime,
com a metade da misericórdia.

E essa expressão de peixes apanhados,
de pássaros ansiosos,
de harpias impassíveis com que assistem a seu próprio ritual!
Esta é a cerimônia do contágio e da peste até a idolatria.

Basta uma carícia para multiplicar essas sementes negras que
propagam a lepra,

essas fosforescências que propagam a seda e o ardor,
esses fios errantes que propagam o naufrágio e a sede.

E essa brasa incessante que desliza de uma a outra como um
segredo em carne viva,

como uma chama que queima demasiado!

Indago-me, digo a mim mesma

que ardil estão urdindo desde meu porvir essas duas mãos.

E, no entanto, são as mesmas mãos.

Nada mais que duas mãos extremamente iguais a duas mãos
em seu ofício de mãos,
desde o princípio até o fim.

REFÉNS DE OUTRO MUNDO

*A Vincent Van Gogh,
a Antonio Artaud,
a Jacobo Fijman*

Era um pacto firmado com o sangue de cada pesadelo,
uma simulação de dormentes que roem o perigo em um osso
de insônia.

Proibido ir mais além.

Apenas o santo tinha a senha para o túnel e o voo.

Os demais a mordaca, as vendas e o castigo.

Havia então que acatar os guardiões do fundo do fosso.

Havia que aceitar as plantações que se perdem de vista na
beira dos pés.

Havia que apalpar às cegas as muralhas que separam o
hóspede e o perseguidor.

Era a lei do jogo no salão fechado:

as apostas pela metade até perder a chave

e umas portas que se abrem quando se movem os últimos
dados da morte.

E eles se adiantaram de um salto até o final,
com suas altas coroas.

Queimaram suas cortinas,

arrancaram pelas raízes as árvores do bosque,

romperam até o fundo as membranas para poder passar.

Foi uma faísca sagrada no inferno,

a rajada de um céu sepultado na areia,

a cabeça de um deus que cai aos tombos entre um raio e um
trovão.

E depois não houve mais nada.

Nada mais que as chamas, o pó e o estrondo,

iguais para sempre, cada vez.

Porém essa mesma mão mordida pelo ardil roçou a
eternidade,
essa mesma pupila esmigalhada pela luz foi um fragmento do
sol,
essas sílabas dispersas na boca foram por um instante a
palavra.
Eles eram reféns de outro mundo, como o carro de Elias.
Porém estavam aqui,
caindo,
desprendidos.

*1920-2015 | França | GISÈLE
PRASSINOS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La
Vie la Voix - Poésie* (Flammarion, 1971).

POEMA AMOROSO

Na sombra do tapete brilhante, ah! por que, terno e inspirado, você solucionou as fibras íntimas do meu coração? Você nunca surpreendeu o piscar instintivo e estrangeiro da corporação central da minha alma? Então, você acha que a moralidade fiel é um segredo de que particularmente sofremos?

Será que meus olhares saudáveis nunca mais cairão sob a árida influência de seus olhos sombrios?

Não, não é e nunca será, pois mantenho uma vigilância social sobre a capacidade unânime dos órgãos originais, e sei que, assumindo geralmente a superioridade da organização profética, seu coração nunca se atreverá a reservar o meu.

Então, ao corrigir sobre você reviravoltas e fiações, gemo essas palavras para você, como um engano: "vamos temer os sentidos".

[PARA O DISCURSO DO INÍCIO DA MANHÃ]

para o discurso do início da manhã
e seu sabor muscular do renascimento,
mesmo que a luz do dia chegue deveria bloqueá-lo,
eu abriria as flores do veneno sem ajuda
e deixaria o último dia amanhecer
Eu funciono, fértil
inutilmente repetida
impossível oferecer o esquecimento,
ele foi muito além das lágrimas
onde estão as frases floridas do passado?

PUBLICIDADE

Um senhor que entrou no metrô tinha sob o braço um grande pacote do qual saía um pedaço de tecido verde. Como todos olhavam para ele disse, enquanto afrouxava seu sapato: “Empregai a tinta Watterman”. Depois desceu coxeando os degraus da escada.

Nem bem chegou ali embaixo, sentou-se em um banco com os pés sob as nádegas. E ali começou a abrir seu pacote. Porém não tirou nada dele, sequer um pedaço de tecido verde.

Quando o trem entrou na estação, tratou de correr com seu pacote debaixo do braço. Porém já não havia tecido verde. Dali pendia apenas uma crista de galinha. O trem apitou.

De longe se escutou uma voz untuosa: “É uma marca muito boa”.

Ao meu lado um senhor se tornou verde.

O HOMEM DA TRISTEZA

Qualquer um diria que Pedro come a si mesmo pouco a pouco.

Qualquer um diria que ele se gasta por dentro e que logo se dissolverá bruscamente, em uma última convulsão.

Sua pele parece muito frágil, como se fosse o último acento de sua vida.

Porque em seu interior há apenas noite e aridez.

Seu sangue, seu coração, sua dignidade, estão nessa pele que se esforça por conservar intactos os traços de Pedro.

Pedro existe unicamente em seus traços mais sombrios e esvaziados, com uma nuca saliente que o trai.

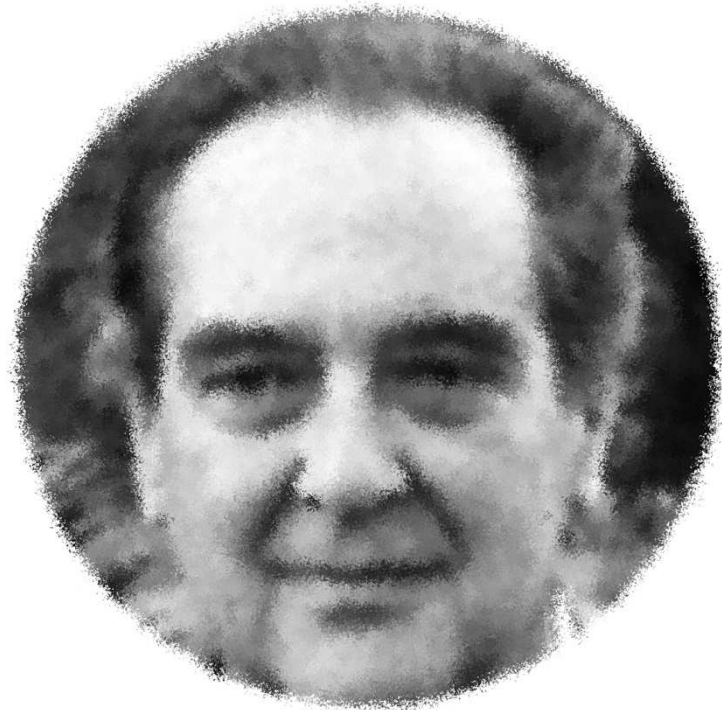
Toda a tristeza de Pedro está inscrita em sua nuca. Uma nuca nascida para a tristeza.

Antes, Pedro tinha pescoço, porém não tinha nuca.

Misturado à multidão, não o vemos; porém ao virar-se sua presença estala. O homem da tristeza chegou. Humilde e cansada, a nuca passeia. Ela, a indecente, revela, explica tudo o que o rosto conseguiu ocultar.

Este é o pobre Pedro.

*1921-1995 / Austrália / MAX
HARRIS*



Poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obra consultada: *The Angry Penguin — Selected poems of Max Harris* (Canberra: National Library of Australia, 1996).

A ROSA PÉLVICA

Para Salvador Dali

*In forma dunque di Candida rosa
mi si mostrava la milizia santa,
che nel suo sangue Criste fece sposa.*

Dante, *Paraíso*

I

revela-se na carne a rosa pélvica
enraizada nos germes da vida,
ser esotérico sobre os folículos das células,
abre bem o ramo fixo, não responde
à voz da pétala e, gozando em silêncio,
alcança os precisos ventos de través
do pensar; borralho de tristeza
a rosa pélvica ao vento é o cisco no olho
que vem da queimada ou do remoinho
que lança o coração e a folha seca.

II

olho na fechadura, lábio no osso,
amada, o que haverá do outro lado do pórtico?
os dedos agarram o relho, o umbigo,
que cordão umbilical aclara com penumbra
nossas vontades, ilumina o secreto mote
escrito na parede pela mão de fogo da morte?
o fio corre até o poste, o cabo de força
até a estação e um só dedo de blecaute
elimina da existência nossos esforços — logo agora?
Nesse horror de telescópio, quais atores, quem culpar?
do brilho do meio dia para a penumbra do claustro
sussurrando entre as heras e os desejos pelos cantos...
Fica sob o arco, observa observa nas obscuras

dobras do quarto emoldurado pela fechadura gótica
o velho, o velho de peito murcho, chorando
lágrimas de feto, dedos encarquilhados deslizando
sobre o talo liso, verde, aninhando a rosa pélvica.
do outro lado do ventre-moldura, binóculo da visão,
tal peça se encena que congela os medos
e parece nunca ter havido o amar.

não saber o que quer dizer o microscópio amuado
é só o que nos interessa, só o que fazemos,
alimentar os cervos, a morte dura sobre a tela inflamada.
mas agora muda a visão e a rosa flana,
pétalas em espiral, vulvas contra a luz
e onde outrora apenas noite e fechadura,
o cordão do ventre estrangula
os seios plenos do prazer com luz e uma chama
anônima declara, feroz, escreve o horror épico,
“ao longo das eras masturba-se o velho”.

III

era isso que eu tinha amado, visto em amor
era este o cordão que meus dedos buscaram, leves
no escuro; ou teria sempre meu coração desejado
unir-se à mão agarrada ao chicote, tonta
de ritmo e clímax? Além do calabouço silente de Fausto
além do âmago, da rosa que germina,
a essência inacabada é o chicote de cada neurônio e pinote
dos membros, de nossos beijos, do amor dos corpos doridos:
espalhemos o amor pela terra como a rosa ao vento
arrojada de sua prisão pélvica e seu assento.

oh veste imaculada da Alegria que tudo cobre,
nascida do suspirar da terra... da flor desintegrada...

e despertando da agonia noturna oculta
mais que nós e o velho e a placenta
como uma névoa de sangue em frente aos olhos vagos.

nascida da fechadura do sonho para a chama da guerra
oh essência panteísta, precisa, adoramos o esperma
derramado; a doce e amada pétala da rosa
se desdobra e existe para sempre além da morte espiralada.
glória ao horror revolucionário do esqueleto exposto.

e se trato o amor como um cão que lambe as feridas de outrem
não se afaste. se com um urro anestésico
paro ao pé da escadaria espiral, visão
epilética da morte no nascedouro do semear, o osso
por demais estreito para dar à luz afastando o sorriso
de reconhecimento dos lábios, afogando o fraco
quente odor da rosa, essência do poder da vida,
não me negue as verdades, nem me deixe
sussurrando nas enfermarias, colhendo flores vespertinas
pé ante pé, com medo do labirinto escurecido.

perante mim, torne-se o mais nu esqueleto
até que a carne evaporada seja a tranca de luz
atômica do cofre, dê sono e o seio sem leite
à morte, e lutarei até que encontre
seu amor, amada, não temerei nada que afronte.
vou tentar. vou tentar. mas é difícil ser esparso,
esperança, desejo, os sentidos primos, em todos os arcos do
tempo.
mas aprendemos que o ato é o despertar do sonho
e com olho e osso nosso amor cresce
e tudo é, as pétalas esparsas da rosa pélvica.

IV

o ar pleno dos carrilhões solenes
dos templos matinais em agonia suprimida —
um rosto mascarado faz troça nas nascentes
do prazer da terra em pranto, o deus janela
aninhado no ventre, umbigo por telefone
donde suas ordens ao ar vivo
repercutem que o ar palpita

estrangulado, o velho afoga
o frescor desajeitado da passada de cada porvir.
destruí as igrejas homicidas e o garrote crucifixo!
que seja uno o amor, disperso sobre a terra, agudo,
morrendo na rosa, e morrendo ao vir ao mundo.

O COORONG

Não havia por que entristecer
ao ver a argila roer a alma,
antiga e arrependida, da terra
selvagem do fume, com seu humor de maré
e cabeças de morte, e a estrias
marrons e raivosas de areia.
Os cavalos selvagens cruzavam o capim
até o limite do veio de argila, a rude mão
salgada sobre o seio do passado;
e ali as redes, adornadas
de colares duros de algas do mar,
estendiam-se sobre o zinco desgastado.
Não tínhamos por que entristecer
em terra estranha às ideias que tínhamos,
mas o tempo nos mostrara
quão perto de casa os peixes são pescados
e secados para uso futuro
para serem comidos pelo mar.
Porque todo o significado é retrospecto
de trauma e surpresa visuais,
teus olhares, súbitos de tristeza,
sós, com toda a tristeza que há nos olhos,
não percebem as gengivas e os sonhos expostos
no ritmo do pulso pessoal,
mas o que pensei que não viste —
o reconhecimento súbito da terra familiar,
e os morros encurvados, antepondo-se ao mar.
Os patos selvagens cobriram o céu férreo
com sua aura de insatisfação, e eu

inclinei-me como o *yackas* com o vento.
Nem a clareza do teu sorriso e a velocidade
dos quilômetros impediram
que a distância e suas ondas de calor
gravassem na mente: o mistério quente
das peles de cobra sobre a cerca
exibia um mundo que amor algum alimentava.
E nosso amor agora é temperado de tristeza,
e a melancolia interna da dureza
da memória. É que a alvorada e o cheiro
agreste do mar apodrecido, a realização
que recua além do istmo de terra divisora,
não podem acatar ordens do olho imediato.

R.S.V.P.

Para Paul Eluard

poderei te conhecer, irmã distante do tempo,
vestida de verde,
olhando o canto esvaziado dos trens
a lançar fúria e lixo contra as luas?
Estive
prendendo entre os dedos a transição
da fumaça, lançando aos teus pés o pedido
de clemência, o desejo cortesão
de servir a tua mesa
e levar teus pratos até os lábios negros de júpiter, grávido
e escaldado de excremento.
Que belos dias, estes, em que o amor lambe as areias da manhã.
ama a garçonete dançarina que fuma e fuma
para que eu esconda a chama do passado
dentro da manga
e pareça um grande mago
arrastando esperanças por aí
numa longa feira de pérolas particulares.

O PÁSSARO

O pássaro empoleirado no ramo do meu olho
é chamado de amigo da árvore
e seus pés delicados dão forças ao tronco

enquanto ele canta, perverso.
O pássaro que cantarola para a seiva
e as grutas de vermes escondidos
é o desejo que faz troça da terra cínica
e dos corações lacrados.

O pássaro empoleirado no ramo do meu olho
bicou o nervo da retina
trouxe o tormento da chuva e o frescor do sangue
ao longo da curva do coração.

NECROMANCIA

Sete são as tentações,
Nove as horas do dia,
Dois a distância entre nós
E uma só a via.

Verde a ideia em que há amor,
Branca a ideia que divide,
Negra a sombra que nos julga
Pela destruição da nossa lide.

Um sinal nos basta para viver,
Uma forma traçada no ar;
Longa a linha de tempo que seguimos.
Levará a algum lugar?

*1921-2009 / Croácia / RADOVAN
IVSIC*



“Narciso” e “Meteoros” traduzidos por Floriano Martins;
demais poemas por Eclair Antonio Almeida Filho. Obras
consultadas: *Mavena* (Paris: Editions surréalistes, 1960) e
Poesia reunida (São Paulo: Editora Lumme, 2013 — tradução
de EAAF).

NARCISO

I

a noite inunda narciso
com tufos de peixes
os ramos dos sonhos nas pálpebras da floresta
do ramo úmido
e vento verde

a noite caminha vestida de dedos sonolentos
calafrios nas folhas
o rápido nascimento das pedras

o uivo noturno com eco de camaleões
onde narciso mergulha muito além dos tufos de peixes

pedra na pedra na noite úmida na pedra
enxame onde a escuridão se separa e se afasta

narciso avança
move a colcha das sombras
escuta o medo dos escolhidos
enterra o vento
e uma árvore adormecida

II

o silêncio se insinua
dentro da língua do tempo
de uma criança de outro tempo
o corte na visita das sombras
rio beira de outro rio
margem de si mesmo
um espelho deságua no mar
embarcado no fogo em forma de segredo
toca os ombros de narciso

um rosário de medos assegura um corpo de vozes antigas
uma serpente cega corre dentro de suas veias
uma estrela se faz pedra

narciso dentro da árvore do esquecimento
seus pés são as raízes da árvore
submersa no sonho de outro

o tempo funeral sem ossos

III

na outra margem
primavera de voz de pedra e asas perdidas
flutua pelo corpo
um sol ferido preso na vidraça
a janela que se despoja
revela o segredo do abismo
da nudez do vento e sua memória líquida
a pele do labirinto no abandono dos sonhos
orvalho ao alcance dos olhos
no reflexo a sombra do último sonho
na linguagem da água
nos ponteiros da carne
no dorso na outra margem anoitece

*METEOROS*⁶

I

Sombria, ela está no vazio. Seu dedo desperta, titubeia, depois se converte em peixe. Todo seu corpo se ilumina. É a névoa, pensa ela.

⁶ Catálogo da Exposição Surrealista 1959/60 [*Boîte Alert*, 1960].

II

Pesada, no redemoinho, ela é apenas uma ferida. Um grito entreabre sua boca, porém os dedos de seus pés são borboletas que levantam voo. É o raio, pensa ela.

III

Vermelha, ela se assombra: já não são escamas as que recobrem seu corpo, mas sim lábios minúsculos, inumeráveis. Então se envolve com um lençol branco. É a neve, pensa ela.

IV

Trêmula, avança até o abismo, embora quisesse afastar-se. Não é um abismo, mas sim um abutre o que se precipita até a ponta desnuda de seu seio. Ela se põe a rir. É a miragem, pensa ela.

V

Cidadã, possui o segredo de abrir as jaulas. Junto com o primeiro tigre, desce as escadas do metrô. Rapidamente se encontram no deserto. As lâmpadas se apagam, porém na escuridão não demora e se acendem os olhos verdes. É o eclipse, pensa ela.

VI

Ofegante, acaba de alcançar o cume do mais alto escarpado. De imediato, por trás de uma rocha, divisa um olho e logo outro: milhares de pupilas ávidas estão fixas nela. Rápido, começa a despir-se. Finalmente nua, avança até a abrupta encosta coberta de relva e desce até a planície saltando sobre as mãos. É o furacão, pensa ela.

VII

Noturna, no musgo descobre as estrelas, os rastros de um cervo e finalmente uma fonte. Um arminho em fuga se oculta em sua axila. É o cometa, pensa ela.

VIII

Ciumenta, vê o dorso de um desconhecido que se contempla no espelho. Ela pega um machado debaixo da almofada e o arremessa na fria superfície para aniquilar sua enganosa profundidade. O desconhecido se volta e a examina para ver talvez sua nova imagem. Não. É o terremoto, pensa ela.

SONHEI

1.

Só, completamente só, caminho sobre uma nuvem. Minhas pernas são acariciadas por uma relva tão transparente que não a vejo. Sou maravilhado pelo silêncio. Tomo um pouco d'água escura e transformo a nuvem numa jovem que amo loucamente até à minha morte, na solidão.

2.

Estamos sentados na beira de um rio, ela e eu. Ela me fala, e o murmúrio de suas palavras torna-se uma nuvem de cerejas que pousa em meus cílios. Respiro calmamente e penetro nas imagens que ela teria desejado esconder de mim. Ela ri, depois pega uma montanha e a pousa em meus lábios, entre nossos beijos.

3.

Viro-me, vejo o mar de uma cor indeterminada e três conchas vermelhas. De um cipreste sai um cervo. De seu olhar

tranquilo brotam avencas numa angra. Ajoelho-me para colher um pouco da relva escondida entre os seixos. Espero o cervo adormecer. Quando o vejo chorar lágrima após lágrima, cravo-lhe a relva entre os galhos. Uma jovem azul sai-lhe da cabeça e por inteiro tremo com os beijos nus que ela deposita sobre minhas pálpebras. Com um supremo esforço, abro os olhos para quebrar o segredo, mas uma lâmina de onda negra o arrebatava e choro toda a noite no vento, frio.

4.

Esta floresta é clara como seda. Um esquilo branco flui caudaloso nas ramagens e me traz a primavera desvairada. Pergunto-me se é preciso esperar até que o amor ecloda o galho morto da esperança ou se não seria preferível partir rumo à praia, entrar furtivamente na água e nadar amplamente até o alto mar, tão novo. Gostaria de andar, mas sinto que não tenho mais pernas. Tornei-me uma árvore e tenho folhas. Estou a ponto de brotar e rio, mas não é mais um riso, é o murmúrio ameaçador da minha nova folhagem. Deveria me preparar para o amor mas torno a me fechar e nado em direção ao sono.

5.

As cores me circulam e me sublevam. O que vejo então não é mais nem uma árvore, nem uma montanha, nem um camaleão, nem um arco-íris, nem o dia. De todos os lados, as flores nascentes me fixam, vêm e desaparecem por trás de minhas pálpebras, por trás de minha obscuridade. Banho-me com as algas nuas, e uma só vaga poderia fazer cintilar o pesado anel da tranquilidade. O silêncio se espalha como uma onda em torno da pedra caída num lago imóvel, largo, onde nem mesmo o eco pode salvar o passado. Em meu olho algo se mexe como o jogo jocoso dos seixos da torrente e depois há a árvore como uma sombra que eu gostaria de visitar mas permaneço petrificado. Parece-me que não posso me mexer senão à maneira do girassol, seguindo o sol.

OS PASSOS DA MORTE

lentamente no vento vagarento
pelas densas florestas
pelas raízes de uma mão imensa
através do coração da relva sombria
até à pedra
acima dos abismos surdos
na noite negra
pelas pradarias das conchas ensurdecedoras
no vento
no vento a ave se desfolhou

BRIONI

Para Annie

Os cervos são borboletas
as borboletas são peixes
os peixes são claridade
a claridade é morte
a morte é laranja
a laranja é vulcão
o vulcão é feno
o feno é elefante
o elefante é afogamento
o afogamento é riso
o riso é montanha
a montanha é anel
o anel é solidão
a solidão é areia
a areia é roda
a roda é terremoto
o terremoto é cílios
os cílios são cascata
a cascata é bigorna

a bigorna é lembranças
as lembranças são vermelho
o vermelho é chicote
o chicote é fim
o fim é mel
o mel é nuvem
a nuvem é o infinito
o infinito é infinito

*1921-2010 | Argentina | MARÍA
MELECK VIVANCO*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Antología poética (Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes,
2009).

ARCOS DO ENTARDECER

A hora está aqui
Cálida e cega Imperturbável e lúcida
Seu ossinho úmido de cão fiel
cabe agora na corola de uma mão
Girassóis ardidos regressam à escória do oceano
Nuvens em cíngulos acompanham sua rubra cabeleira
A hora profética danificou a memória do sonho
Beija mortalmente nossos olhos
Vulnera nossa pele desconhecida
Menina-luz órfã que se deleita com antigas moedas
elevando conjurações em um ar que embriaga
como a respiração dos pinheiros
O amor se ergue no mastro do verão
Sobe e vibra Frutífera e sucumbe
Revela seu furor e se cala
Deixa mortalhas de éter aceso
sob os arcos do entardecer
E a grande Verdade eclode
Engendra nas veias sua prole silenciosa
e então estala em fetos
sacudindo os mananciais da origem

PRIMAZIA DO FAUNO

Peixe e betume para as rodas do carro do Faraó Elas apagarão
os clamores do Egito
Nesse dilema que sobressaltam as fúrias, vale o ajuste perfeito
da antiga doçura
Sinto-me polir como de morte em um metal fundido entre
muitas raízes Ressonância de estrondo possuem as vozes
que me nomeiam E o desconhecido é um embrião mutilado
em um ovo de bruxas
Compassos de entusiasmo bastam para determinar o bulício
do vento Colinas reverentes na brilhante primazia do fauno

A cruz errática As demolições O passageiro da Criação
dirigindo em ziguezague as aves de rapina
O dedo de Satanás resolveu o oráculo Às minhas costas treme
a intensidade de seus nus Beijo a beijo a crueldade
multiplica os incestuosos arcanjos
Para atemorizar o prazer? Para ocultar com lenços enlutados
sua delicada impudícia?

Uivemos como malditos porcos com as patas para cima O
vento sudeste avança Minha língua seduz as escuridões por
entre sóis eróticos

PORTADOR DE MEDOS

Peço ordem à névoa
Não me conformo com meu ânimo Seus lábios desertos
acariciam a colher de café, e não tremem Seu doce lacrimal
desvanece em um rosto distante parecido com um
naufrágio
Já ardem no forno os segredos sensuais do pólen áspero das
prímulas E o rancor envenena a sementeira
À distância, um gesto indecifrável gira milhares de vezes sobre
o eixo do tempo Até gastar sua própria seiva, até polir o
mármore de seus olhos
Uma metade arrasta folhas molhadas com chuvas de saliva que
afogam as namoradas do festim desnudas ao redor de um
arbusto E o mealheiro natal de recordações, com o sol
tresnoitado da morte, é a minha morte presumível
A aridez do deserto que vai se apagar em um sonho apertado,
tem cílios falsos de portador de medos

Diante do mar agitado de uma palavra virgem

MINHA MÃE ME CONTOU...

Minha mãe me contou que as cartas amadas se reduzem a um grito A uma lástima da alma, sob uma crosta de tormentos Que se juntam por sete, os doridos do coração Que quando um pássaro bica o sangue, os dragões azuis mudam de pele Que debaixo do mundo existe uma boneca rota que aos poucos te marca os ossos Que de perfil te apaga o equilíbrio Que te cambaleia sardenta, com frio encantamento E te deixa a boca fugaz, aparecida,

como uma traficante sem ofício

COMEMORAÇÕES

Apago meus rastros, para que a morte caminhe sobre a água
E o que houve com o abandono? Com as inocentes
amendoeiras? Com os pãezinhos, em mesas de ruptura e
celebração?

Há lufadas com astros encontrados e mãos sem memória
Taças de vaticínio, com o chamariz de um rosto Rosto eleito
para iluminar o universo

Tensos violinos galopam a cidade do perdão Respiram musgo
cinza, como uma centelha à deriva Como boca de beijos
desbastados, marcados com o óxido da intempérie ou do
fastio

Porque há sinos fundidos na fumaça - surdos sob as estrelas -
com veias de lacre e invisíveis pulsações

Repicantes ainda, no cálido e voraz cemitério da retama

*1922-2003 | Moçambique | JOSÉ
CRAVEIRINHA*



Obra consultada: *Xigubo* (Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980), *Cela 1* (Maputo, Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1980) e *Maria* (Lisboa, África Literatura Arte e Cultura, 1988).

AFORISMO

Havia uma formiga
compartilhando comigo o isolamento
e comendo juntos.

Estávamos iguais
com duas diferenças:

Não era interrogada
e por descuido podiam pisa-la.

Mas aos dois intencionalmente
podiam por-nos de rastos
mas não podiam
ajoelhar-nos.

OUTRA BELEZA

Uns exibem insólitos perfis
de outra beleza
maquilhada
no mato.

Ou
do viés
ou de frente
perfeitos modelos de caveira
desfilam sem nariz.

QUERO SER TAMBOR

Tambor está velho de gritar
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
corpo e alma só tambor

só tambor gritando na noite quente dos trópicos.

Nem flor nascida no mato do desespero
Nem rio correndo para o mar do desespero
Nem zagaia temperada no lume vivo do desespero
Nem mesmo poesia forjada na dor rubra do desespero.

Nem nada!

Só tambor velho de gritar na lua cheia da minha terra
Só tambor de pele curtida ao sol da minha terra
Só tambor cavado nos troncos duros da minha terra.

Eu
Só tambor rebentando o silêncio amargo da Mafalala
Só tambor velho de sentar no batuque da minha terra
Só tambor perdido na escuridão da noite perdida.

Oh velho Deus dos homens
eu quero ser tambor
e nem rio
e nem flor
e nem zagaia por enquanto
e nem mesmo poesia.
Só tambor ecoando como a canção da força e da vida
Só tambor noite e dia
dia e noite só tambor
até à consumação da grande festa do batuque!
Oh velho Deus dos homens
deixa-me ser tambor
só tambor!

PENA

Zangado
acreditas no insulto
e chamas-me negro.

Mas não me chames negro.
Assim não te odeio.
Porque se me chamas negro
encolho os meus elásticos ombros
e com pena de ti sorrio.

NEM DESCONFIA

Todo o poeta quando preso
é um refugiado livre no universo
de cada coração
na rua.
O chefe da polícia
de defesa da segurança do estado
sabe como se prende um suspeito
mas quanto ao resto
não sabe nada.
E nem desconfia.

GUERRA

Aos que ficam
resta o recurso
de se vestirem de luto

Ah, cidades!
Favos de pedra
macios amortecedores de bombas.

*1922-2003 | Venezuela | JUAN
SÁNCHEZ PELÁEZ*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poesía (Caracas: Monte Avila Editores Latinoamericana, 1993).

ELENA E OS ELEMENTOS

Sozinho no fundo do furor. A Ela, que engana minha carne, que
desperta meu osso, que soluça em minha sombra.

A Ela, minha força e minha forma, diante da paisagem.

Tu que não me conheces, aporta-me o esquecimento.
Tu que resistes,
resplendor de um grito, pernas em êxtase, eu te destruo
sangue amigo, inimigo meu, cruel lascívia.

Nossas vozes de bestas infiéis trepando em um
quarto suntuoso sem portas ou chaves.
Quando me rasga um sopro náutico de abelhas, eu perco
teus óleos, teus ímãs, uma carruagem de esteiras no pomar.

Minha primeira comunhão é a fome, as batalhas.
Gira minha frente em um aro, saltam meus olhos sobre a neve
pacífica?
Florescem sinos melodiosos em um abismo de medo?

Depois, sem desígnio, o orvalho estende pelo mundo sua
grande nostalgia de úmidos falcões.

*

Ao arrancar-me de raiz ao nada
Minha mãe viu, o quê?, não me recordo.
Eu saía do frio, do incomunicável.

Uma manhã descobri meu sexo, minhas costas queimantes,
minhas lufadas de impossível primavera.

À sombra da árvore
de minha grande nostalgia já começariam a devorar-me, já
começariam.

Sabes tu, Ondina ondulante do mar e alga efêmera da terra.
Um homem alto foi ao cemitério
Espantou um cão que latia
Sua camisa de força o estrangulava
Caiu estrangulado.

E eu revelei seu destino a todos os meus amigos
Aos que conheço sem saudar, aos que saúdo sem conhecer.

Eu dei morte ao estrangulado
Apesar dos signos de indelével fadiga.

Eu beirava cinco anos de vida
Uma cigarra me gerou no verão?

Era um dia maldito.
Minha mãe não conseguiu me reconhecer.

*

Mesmo a perfeição, os sinos tosquiados.
Mesmo quem te subjuga, Oh tu, Hóspede turbado, Tua máscara
se rasga, Teu dedo é um rouxinol levíssimo.
Perfura uma chama oculta: Sobressai teu corpo, teu pudor, tua
vigília.
Grandes herméticos antepassados meus erguem meu coração
carnívoro de lagosta.
Sobe-me à claridade. Sou um símio abjeto que necessita
perdão.
Um búfalo que desce no horto leproso sobre o espinhaço aceso
do arco-íris.

Sobe-me à claridade.

A noite é uma ilha perdida na vertiginosa virada de teus
corpetes.

Céu crispado do amanhecer, altos cumes;

Terra minha e orvalho dos papagaios e folhagens fulminantes
dos pombos siderais;
Extensos braços benevolentes;
E tu, rosa aberta para meu desejo.

*

Eu atravessava as negras colinas de um desconhecido país.
Eis aqui o espetáculo:
Eu era lúcido na derrota. Meus antepassados me entregavam
as armas do combate.
Eu evitei o universo por uma grande injustiça.
Tu que me escoltas até uma distante eternidade:
Oh rogo na aurora, cumes de luto, portas que franqueiam
quebra-mares de névoa.
Salva minhas hostes feridas, verifica um ato de graça em meus
declives.
Porém, o que vejo eu, extenso em um mato de tílias imberbes?
Cai uma geleira lânguida no gramado.
O mármore se despede do homem porque este é uma estátua
irreverente.

*

Brandindo um punhal de vidro entre as têmeoras
Passeiam os soldados, os ferreiros, as raças de cor, as
mulheres melancólicas
Pelos pardos canais do arco-íris, encalhados em ribeiras de
bruma
na aventura celeste dos cinematógrafos, no pequeno
monumento das aves estelares.

Um sonho nos torna distintos da realidade
Um morcego desconhecido nos fez visíveis à vida.

E depois, te lembrás?
Eu me lembro
Tua mãe subjugada por teu pai.

E depois, te lembras?
Eu me lembro
Todas as mães do mundo subjugadas por todos os pais do
mundo.
E depois, te lembras?
Eu me lembro
Todas as mães do mundo divorciadas de todos os pais do
mundo.

E no primeiro dia davam palmadinhas em teu ombro
E no segundo dia davam palmadinhas em teu ventre
E no terceiro dia davam palmadinhas em tua fronte
E no quarto dia não tinhas ombro
E no quinto dia não tinhas ventre
E no sexto dia não tinhas fronte
Senão enigmas inválidos, enigmas à flor da pele.

Tu seguias minha rota: O dilúvio de meus beijos à deriva na via
láctea
A asa colérica de meu sangue
Um bando de rubros insetos roedores de treva.

Tu me dizias: “Em cima do céu há uma encruzilhada de
bosques feéricos
Em cima da neve está o cadáver taciturno de minha língua
E a magia do mundo nos braços abertos do amor”.

Botes bélicos de meus pés vegetais
Com um sino submerso estrela do vinho
Nomes estranhos, rios
glaciais, vertentes impalpáveis
cavalos de flanela com dois dedos de fronte
que uma mulher desnude sua alma
seu corpo e sua alma
na beira dos astros pestanejantes

Que construa com golpes martirizantes de esquecimento
um fantástico jardim com bêbadas salamandras.

Nada é teu, nada pode socavar tua sede terrestre
Nada é meu, senão perfuração de morte, senão escombros
 indispensáveis para que negligentes, esquecidas forças
 orgânicas cantem sua iluminada redenção.

Pão de leite da lua, obscuro tremor dos cereais
Precipícios de nuvens que afogaram meu rosto adormecido
 entre as águas
Declara-me vazio em minha trégua, em minha loucura
Declara-me culpado.
O dedo perfumado do ar
Aponta as orelhas dementes do amor.

Tu franzes o cenho, és honorável
tu escutas música nos canhões de pólvora do firmamento.

Quando um navio silencioso corte em duas a paisagem cruel
 de meus lábios
Quando se extingam minhas vísceras encontrarão um grito
 perdido.

As plumas perfumadas de um taciturno gavião.
Um mundo hostil.
Um mundo desaparecido.
Encaixes azuis que flutuaram à mercê do lodo e da chuva
Um inseto na mesa dos burgueses
Animais estúpidos que arrastam túmulos sombrios
Enigmas inválidos
Enigmas à flor da pele
Lembranças de estrelas estéreis
Negros túneis de felicidade distraída
Cães domesticados
Cães de luxo, melancólicos e melífluos
Sobreviventes surdas e defuntas melodias suspirando um ar
 de tibia lavanda
Enquanto minhas têmporas terrestres desconhecem
Teu vestido de nácar

Onde não aparecem as chaves
Do Extermínio.

*

Quantas vezes afogado por teus braceletes mágicos,
As palmeiras sonoras da chuva me desatam?
Estendo-me sobre a fonte cinza de um soluço.
As águas no sonho têm outro âmbito, mais pleno.
Quantas vezes minha fidelidade é prisioneira de teus olhos?
Até onde seu grito de mulher, Oh Noite, para erguer em mim
esta abóbada de sede, meu primitivo desejo?
Se seu corpo é jovem e tranquilo,
Ela se adianta às minhas pálpebras, com o salto de um jaguar.
E golpeia com seu sangue meus braços.
Lançada em meu zênite.

Tu que foges até um dia de sol,
Escuta-me.
Escuta-me.
Esta árvore não é uma árvore.
Este muro não é um muro.

Então deslizei em minha boca as pétalas dúcteis de teus seios.
Isso foi tudo.
Como uma tocha que ardia e ardia.

LENDA

Minhas inimigas prudentes, minhas luvas que decapitam dias
chuvosos, um vale negro para a fuga de minhas têmporas.
À noite multidão de pássaros e bois invadiram estas
ruas submissas. Eu olhava e me dizia: “Sob a tempestade
uma roca fia delgadas crianças, o demônio enlouquece as
águas taciturnas”. À noite eu ainda não havia nascido. Dali
o desfile, as núpcias terrivelmente distantes, o parque de
fulminante orvalho.

Não existimos; no entanto, o mar aplacaria tua graciosa
cabeleira, e os rebocadores içariam tulipas flamejantes
para abreviar em teus lábios desfeitos pelo amor.

BELEZA

Interrompida minha conversa, volto a falar contigo de partida
e regresso. Tudo se deu como um voo de pássaro, beleza: às
vezes mundo compacto, fechado e livre. Ao abrir os olhos na
chama fria, era um pequeno e ufano papagaio: eu te busquei de
verdade, lambia na sombra teus ossos, santa cadela. Embora
me ausentasse de ti, embora me cobrisse o ridículo, embora
estivesses além do resplendor que me envolve; talvez próxima
da baía, em pleno mar de verão, em meio às palmeiras reais.

[CÉSAR MORO, BELO E HUMILHADO]

César Moro, belo e humilhado
tocando uma harpa nos arredores de Lima
me disse: entra em minha casa, poeta
pede sempre ar, céu claro
porque há que morrer algum dia, está entendido
há que nascer, e já estás morto
o chão ficará aqui sempre, amplo e mudo
porém morrer da mesma família é haver nascido.

*1922-2009 / Chile / ENRIQUE
ROSENBLATT*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
acervo inédito do poeta facilitado por Enrique de Santiago.

O SINAL DOS INSTINTOS

A Jorge Cáceres

Ela que é uma muralha caída de ressalto no poço
Imóvel em sua beleza
Perseguida pela própria matilha do crime banha seus gêmeos
com sangue
Na algibeira congelada do armazém marítimo suas marcas lhe
saúdam como uma luva
Uma espada torcida como uma mola que é o sinal de várias
gerações de donzelas
Quando adornam seus desertos com pescoços de cangurus
Aos saltos o assassino se repete em cada balança do crime
Em cada segundo dessas outras existências intactas
Afogada na lâmpada sua respiração que é a asa de um inseto
venenoso
De noites que pendem se suas chamas abraços estendidos em
uma piscina de relógios
Espadas de café-dançante para certos olhares respeitáveis
Que são seus olhos no outro mundo transmissão de cometas
mediante suas pálpebras
Abandonando suas últimas canções de moda ao ia furioso
Sobre as praias há jardins que abrem suas mãos acumuladas
Como o ar remoto daquelas fotografias que se revelam nos
quatro extremos de seu corpo
Dispersão de tecidos no vazio ou nos espaços mecânicos
Debaixo de uma rocha a boca acorrentando-se a uma liberdade
química
Uma estação de espantalhos de gelo que a linha equatorial
divide em bandeiras excrementícias.

CONTINUIDADE DE HORIZONTES

Dias descascados
Preguiçosos e ávidos de infância
Com esta forma sem respiração que é a tua imagem

Elas se rebelam desde o próprio desejo
E devolvem tua presença
E o mar escorre por entre os dedos de minha lembrança
Esta montanha que te beija como uma frase de silêncio
Com uma vertigem de selvas tomadas de cor
Com este coração errante como um bonde imperial
Que é o meu coração ao dissolver-se na margem do desejo

Desejo agora, porém sem imagem
Com carne de paisagem e sangue
Amor errante como a noite encrostada de borboletas
O sol cai sobre suas raízes de antigos mitos
Para criar-te com um novo tempo
Para dar-te o outro sentido do eterno
Ainda mais misterioso
Saber onde existes
Enigma nessas peles feitas de transparência
Pele de minha terra feitas com meus sonhos
Com esse rosto vegetal do ilimitado
Penso então que existi inutilmente
Penso então que te amei
Com sangue de acaso de viagem
De febre interminável
Como a vida

AMANHECER DO ROSTO

A Loreley

Espaço és o eco múltiplo de sua beleza
Sobre este fundo terrestre branco taciturno do desejo
Elas tão belas petrificadas nos falam
Do elástico tecido na transparente argila
Da lembrança e uma vez mais do desejo
Leite da goma abrumada de ruas
Que agora te circundam
E apagas este sorriso de clareira de bosque

Limite ferido pelo pranto e pela magia
Do corpo que se redobra em sua própria imagem
Nesta zona do fogo
Que devora o resumo do capítulo sobre a origem da beleza
Em uma leve inclinação natural de tuas pálpebras
Sonhadas pelos centauros
Na folha luminosa da tarde
Eu disse então tuas pálpebras de fogo transparente
Réplica dessas ondas
Feitas com o pó dos sóis
Muito além deste limite de luz
Luz que nasce de tua presença
Que devora os espelhos da terra
Dos quais tantas vezes temos falado
E as perguntas resvalam no sorriso da luva
Em cada janela se sente o rosto da noite
As janelas movimentam sua cabeleira feita de remos
O rosto é uma argola golpeando o perfume da nostalgia
Meu rosto então te responde
Nesta zona do sexo
Além de teu sorriso
Quando se cobre om o ouro da tarde
Nessas praias flutuantes de tuas mãos
Que por vezes são a origem do oceano
Elas guardam o perfume misterioso
Dessas horas de neve e de sal
Dessas horas imóveis do desejo
Que crescem em nossos corpos como um cometa
Que nadam em teus cabelos ao por do sol
Retornemos à imagem infatigável da palavra
A teu rosto quando se desfazem na nostalgia da noite
Neste leito comestível do relâmpago
Em cujo corpo senti que se transmite
Ou melhor se ramifica o eco antropomórfico da terra
O eco de teus olhos nas raízes cristalinas das cidades
Porém é o poeta quem te fala
Com sua boca cheia de algas
Que te precede em fantasmas e te segue em esfinge

Até o sonho

O CORPO SEM FIM

A Enrique Gómez-Correa

Uma vez na futura relação dos astros que são desejados por
suas partes mais íntimas
Desdobrando o vento arrastado pelos lábios do patíbulo
Alimento sadio e nutritivo de escamas de serpente
Apagar o olho não é o suplício que consumir seu bem estar por
séculos
Quando ele corria na tela como um cavaleiro envenenado
As estações misteriosas que dispõem de seu crescimento nas
bússolas carnívoras

Seios de panteras virgens gastas pelas paixões da infância
Crianças que diminuem de tamanho até parecerem uma pedra
hipnagógica
Que se observa atentamente
O bosque perde o impulso original ao saltar sobre o ano de seu
nascimento

Praias invisíveis invadem todos os recantos de seus pulmões
Lutam sobre os espelhos imantados
Atração das serpentes polares cavalgam espadas de creme
chantilly
Sobre umas asas de muralhas giratórias onde alguns móveis se
dissolvem indefinidamente

Em seus castelos
Como um desenho de areia na algibeira de prata do homem
que misteriosamente foge pelas linhas
Até formar círculos de cores já desaparecidas
A marca dos cadáveres passeia pelo espectro solar
A dama em um pátio cujo vestido

Assimila como um amante propício que se envolve com suas
cinzas domésticas

Tal sistema gota a gota dissolve no vazio seu olhar de poltrona
presidencial

Desde um mundo conhecido como o ponto de partida mais
próximo

Aquelas luvas espectros cansados de esperar sobre almofadas
As bocas nesse mesmo esqueleto são o alvo de suas próprias
zombarias

Jogar seus espantalhos os pianos quem mudam para o pórtico
das nuvens

As tardes sem os corpos que o transcurso das horas consumia
em seu reflexo

Um guarda-chuva de cabeleiras antropófagas

Uma folhagem de peixes sobre o arqueólogo para sempre
perdido

O pedestal que surge em cada mão que se quebra pelo golpe
do deserto

O dente memorável que é uma bodega de bebidas afrodisíacas

As viagens furtivamente desenham suas etiquetas de lobo

Crescendo sob um antigo nascimento de planetas

Dobrados como um chapéu aberto na janela

Quando a cidade misteriosa que segue seus passos

A vacilação do suicídio que ainda não atirou suas moedas à
terra

Crê no equilíbrio de sua respiração

As fontes subterrâneas destroem os objetos do amor

No voo recíproco de seus sonhos.

CÂMARA ESCURA

Como uma estrela que surge na maré até beijar teu rosto

Assim as finas estalactites dissolvem este rosto no sonho

De onde cresce seu mais belo sorriso na noite de gestos

inesquecíveis

Como o moribundo eco de um planeta
Sobre a neve voluptuosa dos barcos na queda das estações
Ela é o limite mais difuso do objeto
Na queda vertiginosa de cristais fugitivos limados pelo sangue
Oh corações solitários vejam os gigantes se despedaçando nas
mãos dos bosques

Sóis que vão sendo abandonados pelo desejo
Eu acredito em seu gesto que tornava transparente os trinados
Ela renovava no oceano a continuidade reversível do amor
O vício taciturno das ruas
Por ela as horas passam sem se conhecer
Porque se ama a tempestade como um olho que é ao mesmo
tempo um fantasma
Um olho que cresce com a velocidade alucinante da luz
Neste preciso momento
Que é a margem dos cervos

*1923-1949 | Chile | JORGE
CÁCERES*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Caceres, El mediodía eterno y la tira de pruebas | Obra Completa
[organización Luis G. de Mussy] (Chile: Editorial Cuarto
Propio, 2005).

LONGA VIDA

Uma fogueira e o topo na folhagem que se debate
Um guarda-sol de coral que se desprende e queima
E a mendiga que eu maldigo é ela mesma
Apenas mais livre
Próxima de uma cerejeira que se balança na grama
Junto a nós sob a hora deste teto
Uma longa linha negra sobre os lagos de ágata
Atravessa um circuito de cristal
Como uma nadadora
No recinto que deixa em paz agora mesmo
E afinal é só rir de um acaso sem pé nem cabeça
De uma cariátide com cabeça de cão
Sob o mesmo teto onde o piso é um arado.

Quando eu beijarei teus lábios de carvão
Para isso sopras a água desta copa
Uma gota em tempestade
Que soa como uma arma na hora que passa
Como uma mancha de inveja no marco do teto
Um desconhecido que joga com palavras
No mesmo ponto branco que eu vi girar
Entre dois charcos de abano
Sobre uma pista negra.

O mistério da costa agora se dilui para nós
Eu me maravilho com este muro de granito sobre o farol
E uma ponte de jardins aninha a nova rua que ri
Para quem o amor é mais absurdo que nunca
Para mim se eu sonho sobre um ímã desconhecido
Sobre tua cabeça que joga com as rochas marinhas
Entre a névoa de agosto
Eu a aprisiono eu a amo em um tempo entredito
Para que não seja a única
Que represa a hora inútil.

PALAVRAS PARA RADAR

A Enrique Gómez-Correa

Esta manhã as luzes que sobem dos arrebóis mais negros
Como um olhar cambaleante do cervo no incêndio de
 gardênias e o sopro de ar puro nas costas nuas é mais
 propício
A escada secreta é de opala de quimeras
Porém da direita surgem a gota de veneno e o laço imantado
 que são a abolição do amor e a noite escapa porque leva um
 fardo de plumas de ave do paraíso
E há uma mão sem luva sobre cada porta hermética a luva cai
E do leito dos amantes surgem esses sinais de molinete
Ida e volta e passa o assobio do trem
Porém no fundo das campânulas colocadas sobre as cômodas
 começam a aparecer o cometa vai cruzar o deserto do
 México pelo espaço de um minuto
O amor fantasma a passarela imantada
E o castor invernal na garganta de um animal superior
E a múmia de perfumes de palmeira de arminho
De princesa totêmica
Ou o balcão que se abre de improviso no Baile de Imprensa e
 através do qual penetra um delegado desses homens-
 leopardos que se deixam ver de vez em quando nas selvas
 do Congo Belga
A pele às costas e a garra em atitude de ataque
E sobre a fronte o sinal da seita
Porém nos espelhos começam a aparecer manchas negras
E nos frascos dos licores alinhados segundo a dissolução do
 bismuto começa a tarefa do alambique
Na metade do Salão os perfumes tomam corpo de mulher
 ruiva
Ida e volta e agora o branco do olho é violeta
Como o leão heráldico na superfície da turquesa polida em
 pleno Brasil
Brasil aqui em letras douradas

Na borda das cataratas há um broche de cílios torcidos quatro
vezes por estar quatro vezes virado para a saída da lua
E na noite estão as quatro janelas acesas de uma casa em pleno
bosque
O Baile à memória do Marquês de Sade.

UM GUARDA-SOL

A André Breton

Em um fundo de diamante um guarda-sol é um fogo a mais
sobre as costas
Eu o havia visto virar quando escrevia "Recitação" em 1937
E não sabia que o eixo da janela
O sol joga com o murmúrio do sangue
Então eu começava a ler *L'Amour Fou*
Porém antes eu já podia caminhar descalço
Sobre uma tela vermelha pelo bosque que arde
Sem amá-la ainda eu debilitada meu amor nesse tapete
E contra meu rosto soprava o estranho bater
Quando caminhava na ponta de meus pés
Pelas margens de um anel de palha tecida
Um anel de palha tecida
Então começava a viagem de cada estação porém amanhecia
prisioneiro de um desejo
Desconhecia a mim mesmo sem negá-lo no centro do bosque
Na câmara sombria no gume de uma rocha
E os calhaus que adornam os muros
Pendem de um centro móvel que oscilava
Pelo encanto do eco sem saída
Que gira.

CADEIRA ELÉTRICA

A Enrique Rosenblatt

Com efeito o mobiliado não é mais que uma gota de lacre de
uma meia de mulher
Uma rua cujo nome não é mais conhecido que um quadro cuja
moldura tem a forma de um cinzeiro
Batendo sob algumas alusões que prosperam
Em um campo de guardanapos bem dobrados em seus anéis
de salsa
Formando assim a resposta a um enigma qualquer
Na varanda de uma escada de flanela
Cujo perfume perdura na copa dos castanheiros de sangue
infantil
Pelo espaço de um dia eles batem a primeira comunhão
Folhas sem nome sobre a grama que morre de frio
Esta tarde à beira das estufas o presente indicativo sangrou
Batido em duelo ele viu em pleno século XX uma mulher com
espáduas de castor
Com ombros de hoje jazz
Sob a névoa os lobos estão muito bem
As copas se dissolveram no champanhe dominical
Quando a misteriosa se deteve um instante sob a Via Láctea
Ela constrói os grandes dias.

DOUANIER ROUSSEAU

A Aimé Césaire

Sol explosivo do meio-dia sobre os rebanhos de lança-chamas
acende as gargantas sem defesa
Os olhos de sol sem defesa de relâmpagos sob as armadilhas
de esquilos
Sob as chuvas consecutivas de cipós nas eclusas palpitantes na
defesa das tatuagens
Dos cabelos de bumerangue das mãos dos mosquitos

Uma brisa emboscada arrasta plumas de corvo
Na entrada do leão um rugido de tapeçaria
E a noite será mais curta ao redor do fogo.
Tribo sem nome.

Nos grandes poços de pólen de bambu de pelúcia
Nos tesouros carcomidos de papoulas vorazes
Nos reflexos bamboleantes de figueiras
Na garganta do camaleão
E a espádua dos dilúvios de eucaliptos três vezes calcinados.

Tribo sem nome
Sobre os passos do javali
A surpresa das chinchilas nas lufadas de centelhas
Das crateras de podridões que o vento desdobra em voo de
papagaio
Na noite das selvas que cheiram bem
O raio se precipita no copo branco com retoques vermelhos
onde o búfalo bebe
No sonho dos jacarés de um só golpe.

Tribo sem nome
De olhares de cometas no fundo do deserto
Respirando afanada em seu amor próprio
Para cada seio que se excita há uma flecha envenenada
E uma cabeça adornada com argolas de píton
E pérolas totêmicas
Até a última dimensão do olhar de pantera
Sem justiça
Desdobrando leques negros de pérolas vagas na praia que se
evapora tribo sem nome Sem justiça
Para morte.

*1923-1980 | Portugal | MÁRIO
HENRIQUE LEIRIA*



Obra consultada: *Casos de Direito Galático e Outros textos Esquecidos* (Lisboa: E-Primatur, 2016) e *Obras Completas vol. 1* (Lisboa: E-Primatur, 2017)

LISBOA AINDA REVISITADA EM 70!

Um pouco de sopa
uma posta de garoupa.
Mais uma vez
os alegres cadáveres do costume
e outra vez...
olha o Simões... olha o Armindo
é lindo... é lindo
(por favor
dá-me aí o RATOFINDO)
sô barbeiro
olhe que esqueceu a «pedra nua»

A ponte sobre o Tejo
(viva mais uma ode genial)
Que tal? Que tal?
Quando a vir pela primeira vez
vou com certeza ter saudade
do tempo em que acreditava
que nunca teria que rever
um trambolho
com molho
português,
o molho ribeirinho habitual.

Olha, o melhor parece ser
um pouco mais de sopa
e — porque não? — outra posta de garoupa.

ORIGEM DOS SONHOS ESQUECIDOS

Entre a bicicleta e a laranja
vai a distância de uma camisa branca

Entre o pássaro e a bandeira
vai a distância dum relógio solar

Entre a janela e o canto do lobo
vai a distância dum lago desesperado

Entre mim e a bola de bilhar
vai a distância dum sexo fulgurante

Qualquer pedaço de floresta ou tempestade
pode ser a distância
entre os teus braços fechados em si mesmos
e a noite encontrada para além do grito das panteras

qualquer grito de pantera
pode ser a distância
entre os teus passos
e o caminho em que eles se desfazem lentamente

Qualquer caminho
pode ser a distância
entre tu e eu

Qualquer distância
entre tu e eu
é a única e magnífica existência
do nosso amor que se devora sorrindo

TRIÂNGULO CABALÍSTICO

Eu sei que as tulipas
são os olhos de todos os aviões perdidos

Eu sei que as cidades
são os esqueletos das aves de rapina

Eu sei que os candeeiros ardendo de noite
são os pulmões dos peixes-voadores

Eu sei que o mistério
é uma dentadura abandonada

Eu sei que a loucura
é um braço solitário sorrindo eternamente

Eu sei que os meus olhos
são as tuas pernas frementes

Eu sei que os teus cabelos
são o meu acendedor de pirilampos

Eu sei que a tua boca
é o meu uivo solar

Eu sei que o teu peito e o teu sexo
são a minha água profundamente azul
onde se encontram todos os fantasmas
já perdidos há séculos.

RIFÃO QUOTIDIANO

Uma nêspira
estava na cama
deitada
muito calada
a ver
o que acontecia

chegou a Velha
e disse
olha uma nêspira
e zás comeu-a

é o que acontece
às nêspiras

que ficam deitadas
caladas
a esperar
o que acontece

RETORNO À MEMÓRIA

estar sempre com frio
como o caminhar à noite só sem luz
como a árvore que olha com raiva a tempestade
talvez mesmo como a cama
que conserva apenas as formas já desfeitas
dos corpos que nelas se deitaram

depois com o vento
é a saudade das madrugadas doutros tempos
quando o simples descer uma escada
era a mais extraordinário das aventuras
quando a certeza de encontrar uns braços abertos
estava evidente no fundo da escuridão

então tudo era simples muito belo
qualquer palavra tua
era a mais maravilhosa das afirmações
qualquer gesto que fizesses
era o mais belo movimento de amor
caminhar ao acaso
era a grande viagem sempre renovada todos os dias
e à noite
não havia frio como agora
mesmo que o mar nos cobrisse de algas
mesmo que a areia
trouxesse consigo o gelo das mais remotas estrelas

agora amor escuto o teu olhar
através da distância cada vez maior e mais alucinante

que nos espera
escuto-o através da ponte
que formaram os caminhos por nós percorridos um dia
vejo-te como partiste
muito pura flores na testa mãos abertas
igual às madrugadas doutros tempos
igual à grande aventura
de caminhar ao acaso

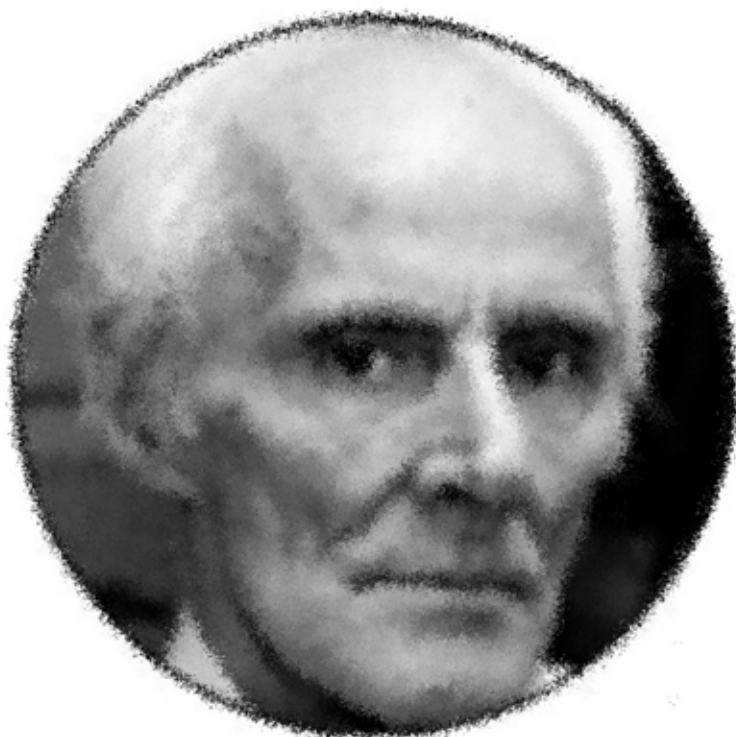
CANÇÃO DA MANHÃ

como os estranhos pássaros nascidos em tua boca
como os rios que te correm entre os olhos
como as esmeraldas que formam as asas dos teus ombros
como os longos ramos da árvore do sono do teu braço
como o grande espaço em que o teu corpo repousa
deitado na tua própria mão
como a tua sombra idêntica à nuvem
que se encontra com o mar

assim é a presença que de ti tenho
nas noites em que o fogo se acende
nas montanhas longínquas e fulgurantes
quando os meus passos me projetam
para os mais elevados cumes solitários
quando o sangue canta
através de aço vibrante do meu corpo
levando-me ao longo do caminho de flores rubras
que tu plantaste

assim é o desejo de te encontrar
nascida nas minhas mãos
erguida como torre duma catedral perdida
envolta na minha boca
caminhando comigo
pela estrada que nossos pés abrirão triunfantes

*1923-2006 | Portugal | MÁRIO
CESARINY DE VASCONCELOS*



Obras consultadas: *Burlescas, teóricas e sentimentais* (Lisboa: Editorial Presença, 1972) e *Primavera autónoma das estradas* (Lisboa: Assírio e Alvim, 1980).

[PARA OS LÁBIOS QUE O HOMEM FAZ]

Para os lábios
que o homem faz
que atraem beijos
ao redor do mundo
ficou na nossa memória
em qualquer parte a qualquer hora
um pedaço
de pão

Promessa
que se cumpre
que alimenta
o mundo

Olhos
a exigir
uma floresta

[EM TODAS AS RUAS TE ENCONTRO]

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco
conheço tão bem o teu corpo
sonhei tanto a tua figura
que é de olhos fechados que eu ando
a limitar a tua altura
e bebo a água e sorvo o ar
que te atravessou a cintura
tanto tão perto tão real
que o meu corpo se transfigura
e toca o seu próprio elemento
num corpo que já não é seu
num rio que desapareceu
onde um braço teu me procura

Em todas as ruas te encontro
em todas as ruas te perco

PASSAGEM DO CRUZEIRO SEIXAS EM ÁFRICA

Este é o segredo
para todos os usos

Rapto desobediência exaltação e morte

EM FORMA DE POEMA

Dou os meus prantos às procelas
Para que cessem e me deixem
Dou os meus sonhos às estrelas
Para que os meus sonhos não se queixem.

Fico só — como o lobisomem
Na estrada sem forma e sem fundo.
Meus sonhos, no ar, dormem, dormem
À espera da manhã do mundo.

Vê tu se nesta alegoria
Descobres porque estou inteiro
E nunca terei agonia
Sem fartar meus sonhos primeiro.

SÁBADO MEIA-LUA

O vento varre o tédio através das árvores do ódio, deixa para trás todos os pássaros. O hálito morno dos lobos lambe a entrada do barco do sol e além disso que posso transportar na serrilha dourada duma esponja, buraco espremido de crostas de luz roubada a espelhos possessos de luz ardente? O rumor da lua, ouvem-no os cavalos-marinhos que serão lançados em

tendas polares à luz de rubis de ovas de peixe fundidas uma a uma enquanto o turbilhão da mala-posta passa como fósforo aceso ante os olhos de um cego, como onda que se abre para libertar a libélula tirânica crepitante no vácuo causado pela rapidez de uma seta lançada através de uma selva de ideias eventualmente surpreendendo o olhar da justiça.

1924 | Itália | ARTURO SCHWARZ



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *A spasso con Spinoza, Breton y Trotsky - Poesie 2007-2010* (Milão: Moretti & Vitali, 2011). O poema "Linda" me foi enviado pelo autor.

SETE VERSOS EM LUGAR DE PREFÁCIO

nem deus nem mestre
há setenta anos atrás eu li estas quatro palavras definitivas
e estava cheio de orgulho pela minha condição humana

ontem ou hoje sempre me comove
ver ao vento a bandeira negra da anarquia
assim como ainda tremo ao pensar em seu amor
e ao descobrir a invenção da liberdade em seus olhos

O FIM DE UM AMOR...

o fim de um amor
é um pássaro preto
que se alimenta de sol
para livrar-se de todas
as certezas diurnas

um amor acabado
é o eclipse solar
imutável como
a escuridão de um luto

um amor acabado
é o pôr-do-sol eterno
lua que sopra sangue
no mar da amargura

um amor acabado
é a aurora que desaparece
restando os pesadelos
de um sono atormentado

o fim de um amor
é um tigresa ferida
que rasga o sol

[TÃO BRANDA A JOVEM LUNA...]

tão branda a jovem lua
que cresce quando lhe sorrio

nela eu procuro a primavera
que habita seu olhar

uma nova galáxia nasce
em seus olhos quando me veem

as folhas do mar na praia
o som de uma canção de amor

duradoura como a minha

UM GRANDE AMOR...

um grande amor nunca morre
mas não existe felicidade
se sou um carvalho queimado
do fulgor da paixão

mesmo os pássaros que passam
não param para descansar
em meus ramos nus e queimados
que não podem oferecer asilo

carrego em mim um urso ferido
com igual coração partido
eu esqueci os dias felizes
nesta escura noite eterna

A DIVINDADE

a divindade revela-se para mim
na liberdade do cabelo
no céu de seu olhar claro
no espelho de seus lábios
no voo lento de seu peito
em seu sexo de lua escura
no sol de seu corpo nu
em sua luz permanente
que dá origem a sonhos loucos
em uma noite que não tem fim

A SOLIDÃO

a solidão é
a memória queimante
de um beijo rejeitado

a solidão
é a contradição comprovada
de acreditar-se amado

a solidão
tem a voz de seu amado
que me falou de amor
sem que o tenha conhecido

a solidão
é o fim da miragem
é o oásis de uma paixão
desaparecida no deserto
invisível da utopia

a solidão
ele é um cão raivoso
que se alimenta de ilusões

até deixá-las vazias
como o paraíso

LINDA

os olhos prometem felicidade
a boca anuncia a hora da alegria
os seios são a colina do canto
o sexo o alfabeto da paixão

és o único motivo de minha vida
feliz por estar ali por tua graça
por teu sorriso que abre o amanhecer
por teu corpo de pura música

por tua alma que me ilumina

*1924-1962 | Colômbia | JORGE
GAITÁN DURÁN*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Amantes (Bogotá: Ediciones Mito, 1959) e *Si mañana despierto*
(Bogotá: Ediciones Mito, 1961).

O INFERNO

Os homens já não vivem: como serpentes enterradas
No outono, como luas vagarosas no inverno,
No verão são águias ou tigres, sóis sanguinários
Que ardem no opaco mundo das coisas,
Guerreiros em vigília como os astros
Para que em imortais os converta o céu enganoso.
Nobres ou perversos, mas efêmeros, porque é sua obra
Única por um instante arrancar do inferno
A mesma carne que aos deuses os delata,
Os amantes estão solitários na terra.
Ferozes, porque o que sempre dá recebe injustiça,
Querem ser como unhas ou dentes no outro,
Como a selva após a tormenta do verão, querem
Que ninguém veja sua debilidade, mas que se sofra violência.
Reunidos como belas bestas ou em fuga como criminosos
A luz os cega: o homem não tem tempo para reconhecer-se.
Abraçam-se em sua miséria até encontrar um corpo
Impenetrável onde só a morte toca fundo:
Suas bocas estão juntas, mas separadas seguem as almas.

JUNTAM-SE DESNUDOS

Dois corpos que se juntam desnudos
Sozinhos na cidade onde habitam os astros
Inventam sem repouso o desejo.
Quando se amam não são vistos, belos
Ou atrozes ardem como dois mundos
Que uma vez a cada mil anos se cruzam no céu.
Somente na palavra, lua inútil, vemos
Como nossos corpos são quando se abraçam,
Se penetram, cospem, sangram, rochas que se destroçam,
Estrelas inimigas, impérios que se enfrentam.
Efêmeros se acariciam entre mil sóis
Que se despedaçam, beijam-se até o fundo,
Saltam como dois delfins brancos no dia,

Passam pela noite como um único incêndio.

AMANTES

Despidos afrontamos o corpo
Como dois anjos equivocados,
Como dois sóis vermelhos em um bosque escuro,
Como dois vampiros quando surge o dia,
Lábios que buscam a joia do instante entre duas coxas,
Boca que busca a boca, estátuas erguidas
Que na pedra inventam o beijo
Somente para que um relâmpago de sangues reunidos
Cruze a invencível morte que nos chama.
De pé como preguiçosas árvores no estio,
Sentados como deuses ébrios
Para que me abrasem no pó de teus dois astros,
Estendidos como guerreiros de duas pátrias que a aurora
separa,
Em teu corpo sou o incêndio do ser.

SE AMANHÃ DESPERTO

Subitamente alguém respira melhor e o ar da primavera
Chega ao fundo. Mas foi somente um prazo
Que o sofrimento concede para que digamos a palavra.
Ganhei um dia; tive o tempo
Em minha boca como um vinho.
Costumo me buscar
Na cidade que passa como um barco de loucos pela noite.
Apenas encontro um rosto: homem velho e sem dentes
A quem a dinastia, o poder, a riqueza, o gênio,
Tudo lhe deram cabo, salvo a morte.
É um inimigo mais temível que Deus,
O sonho que eu posso ser se amanhã desperto
E sei que vivo.

Porém subitamente a aurora
Cai entre minhas mãos como uma laranja vermelha.

SESTA

Sigo por teu corpo como pelo mundo.

Octavio Paz

Na sesta feliz entre as árvores,
O sol atravessa as folhas, tudo arde,
O tempo corre entre a luz e o céu
Como um furtivo deus deixa as coisas.
O meio-dia flui em tua nudez
Como o sopro do estio pelo ar.
Em teus seios trepidam os verões.
Sentes passar a terra por teu corpo
Como uma estrela cruza o firmamento.
À distância voa o mar como um pássaro.
Sobre o invencível pó em que dormiste
Esta sombra leve marca o peso
De um abraço solar contra o destino.
Somos dois na altura de uma vida.
Somos um na altura do instante.
Teu corpo é uma lua impenetrável
Que o esplendor destrói nesta hora.
Quando abro tua carne firo o tempo,
Cubro com minha aflição a dinastia,
Basta minha voz para apagar os deuses,
Afundo-me em ti para enfrentar a morte.
O meio-dia é vasto como o mundo.
Canta o corpo na luz, a terra canta,
Dança no sol de todas as cores,
Cada sabor é único em minha língua.
Sou um súbito amor por cada coisa.
Olho, apalpo sem fim, cada sentido
É um espelho breve na delícia.

Eu te vejo envolta em um suor espesso.
Bebemos vinho tinto. As laranjas
Deixam seu agudo cheiro entre teus lábios.
São os grandes calores do verão.
O fugitivo sol busca tuas plantas,
O mundo foge pelo firmamento,
Enchemos este nada com as nuvens,
Furtamos ao ser cada momento,
Eu te despi enquanto duelávamos.
Sei que vou morrer. Termina o dia.

*1924-1984 | Argentina | JUAN
ANTONIO VASCO*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Cambio de horario (Buenos Aires: Letra y Línea, 1954), *Destino
común* (Buenos Aires: A Partir de Cero, 1959) e *Pasen a ver*
(Mérida: Universidad de Los Andes, 1982).

A RECONSTRUÇÃO DO FATO

Um juiz de instrução pôs as meias de lã
o cachecol de lã
meteu sua gravata de lã no café com leite está obcecado
É seu primeiro assassino e o bilhete do subterrâneo muda de
bolso como uma lesma
deixando uma marca de jurisprudência sobre sua jaqueta de lã
O guarda do subterrâneo empunha suas tesouras e recorta a
peruca do juiz de instrução fazendo uma assombrosa trova
de tesouradas
Porém é seu primeiro assassino
Muda de assento saúda com reverência as mulheres que
viajam com a sombrinha aberta
A umidade é espantosa chove dentro do metrô
O assassino sorri com essa inconfundível cortesia das pessoas
bem-nascidas que se perderam na vida pelas más
companhias
empresta seu lenço ao juiz de instrução recita o primeiro
capítulo de D. Quixote conforme estabelece o código de
procedimentos
É um assassino de cabelos grisalhos suas mãos têm a
suavidade da lã de Angorá
fez migalhas com o clandestino brincando de descobrir em que
mão está
ganha o assassino sempre ganha o assassino
distribui charutos e sorri ao público
O juiz de instrução limpa seus óculos sem cessar muda de
posição no assento o subterrâneo se detém na janelinha do
hipódromo
em um velório
em uma festa de primeira comunhão onde a menina comunga
com rodela de queijo
e a mãe passa rodando a torta com um gancho de arame
É seu primeiro assassino
Falta apenas uma estação a terminal sob o grande lago gelado
as escadas em caracol talhadas no gelo mostram ao redor
do mais perfeito aquário

Porém é seu primeiro assassino corre até a cabine do condutor
tenta persuadi-lo de que é preciso retornar porque o lago
se derreteu e avançam a caminho de uma morte segura
Eu tenho minha planilha diz o condutor enquanto eu tiver
minha planilha o resto não é assunto meu
Porém é meu primeiro assassino
A mim o que me importa é a minha milésima planilha
O juiz de instrução tenta estrangular o condutor
quer dar marcha a ré porém o mecanismo lança ar por todas
as comportas e os homens saem das escotilhas com o rosto
coberto de musgo
e o subterrâneo segue em frente porque o condutor tem sua
planilha e põe o juiz de instrução em seu lugar
O assassino sorri uma vez mais adivinhou onde o clandestino
oculta a pedrinha
Na folha de serviços diz e ganha outra vez
Chegaram é preciso começar a reconstrução do fato
O juiz treme como os recitantes quando abrem os braços e
tiram seus relógios de bolso para levar o ritmo dos
anapestos e da peste
O assassino lhe diz já passará eu também estava nervoso em
meu primeiro caso
tudo é uma questão de começar e se você deseja eu posso
mostrar como se faz
Você é muito amável porém eu não estou nervoso
começemos de uma vez mostre-nos como assassinou a jovem
como deteve seu leito de rodas quando saía da estação de
ônibus absolutamente sozinha adormecida e nua
Eu diz o assassino sempre procedo de uma maneira científica
é muito fácil assassinar as jovens e não é preciso possuir uma
grande imaginação é suficiente ter bom dente
Cortei sua cabeça com esta faca
assim
O juiz de instrução está muito impressionado
sua cabeça ficou separada do tronco
O assassino e o clandestino brincam com os despojos para ver
em que mão está

A TUMBA DOS AMANTES

A melodia de um fagote que retorna carregado de lauréis
o ar apenas túbio que exala a tumbas dos amantes
tudo está em seu ponto
A auréola de óleo que marca o lugar onde estavam seus seios
essa cera de insônia que manipulavam as mãos de amante
mercador de espécies virgens novamente virgens
A calma cai desdobrando sua serpente de caramelo sobre o
rosto do anoitecer
Juntos outra vez lambidos pelo ferro da barca que desaparece
no esquecimento das palavras do desejo
oram pondo as quatro mãos no vão deixado pela morte ao
erguer o voo sobre os tetos de piçarra
Já sabem tudo o que há por saber quando Deus desce de sua
cadeira com o grande apito de osso
porque a retreta é celebrada no quarto onde ardiam lançados
na pira do pudor
Não obstante cada primavera que retorna carregada de
correntes
cava ali no lugar onde tinham o amor
e torna a despertá-los
com a garganta cheia de remorsos

O NAUFRÁGIO OU O RISCO DE VIVER

Esta noite tem uma perna de marfim que ressoa pelas escadas
indo e vindo entre teu coração e a página de um livro onde
está a mesma história de sempre
Porém quando os ponteiros do sonho se juntam em teu rosto
desolado pelo amor
e começam a fincar suas agulhas na carne como o navio que
um tufão arremessa sobre a ilha e deixa escapar pelos olhos
de boi os segredos da viagem
compreendo que tuas entranhas foram feitas com as
amêndoas do desvelo

essa construção de fósforos eternos e mentiras entrelaçadas
que envelhecem na antessala dos instintos
cujas esquinas ostentam fontes de ferro lajeado com um
mecanismo que muda de cor a cada hora
ou quando o matrimônio costura uma extensa fila de botões na
jaqueta do amor

esta noite suaviza as cicatrizes do hábito que doem quando a
chuva acomoda suas caixas de cigarros nos aparadores da
nostalgia
e se estende para iluminar os recantos do conhecimento
pondo ao alcance do desejo os espelhos molhados em lágrimas
por onde é visto o rosto em chamas da poesia
uma blasfêmia arrastada pelo vento
o rosto caído no mundo que somente a má-fé pode confundir
com a beleza da água pura
a investigação do amor a cisterna onde flutuam os rostos da
aventura inquietada por silenciosos terrores
o suor que o verão põe à frente dos eleitos sem lhes dar o
consolo da irresponsabilidade
A carne apodrecida do compromisso com sua lanterna de
mineiro à frente
lança entretanto suas bolas de marfim que rolam entre as
pernas dos fugitivos
porém tu existes de todos os modos protegida por teu antigo
artesanato de construtora de espelhos
existes para que o viajante possa narrar junto à estufa os
costumes de seu país
entre bocado e bocado de um estranho pão cujas propriedades
permanecem ocultas
na mesa em que os camaradas da morte dão corda nos relógios
e desconcertam todo entendimento prévio lançando ao mar
o triste aparelho da consolação
É então quando a cabeça cheia de vapor apodrece
insensivelmente sobre o timão
E o navio vacila sem acabar de escorar porém
irremediavelmente ferido
desnudo e pronto para a decomposição

É então quando tudo surge de imediato na borra do vinho essa
concentração de desejos irrealizáveis
ao lado de qualquer mulher cujo riso rasga os vestidos do
verão
na noite dos achados
enquanto os verdadeiros amantes conversam em suas cabanas
protegidos do tédio por uma parede construída metade de
despojos de navios metade de sentimentos piedosos
também conhecidos pelo frequentador das tabernas ocultas
onde o perigo deixa cair seu vidro moído na copa de todos
os que aceitam o risco de viver

A HARPA DE MADEIRA

I.

Um país de esplendorosa pele de garrafa
passa desnudo como uma mulher
junto aos edifícios do mar
Seus alegres peitos de areia conservam inextinguível a marca
de uns dentes
os dentes com adorno de ébano
os dentes de sorrir ao sol
Belo país de pele inchada pela velocidade de seus filhos
camisa de cobra que agita a umidade
tambor precipitado da colina ao mar com seu seixo dentro
a pedra da boa sorte e a música de pele

II.

Sabem eles que esmagaram o relógio de pulso com uma
montanha?
Apontam o norte com nuvens
fogo
seca fumaça de conversação
e deixam passar o estrangeiro

até as colinas contornadas pelo sol de seus pés de aplainada
luz até o cume
Ali verás
subindo de janela em janela
bochechas ou ventres frenéticos de calor
São os morros de coro por cujos olhos de boi surgem crianças
amarelas de inocência
com a cachola raspada pelos duros bastões de mandioca
Ali verás os santos de pele de palma da mão pendidos nos
corredores
incensados como fumaça de rum
Cabeças reduzidas pelo patriotismo que bebem xarope de
vaga-lume
bons amigos de um anoitecer
bons cidadãos de seu alto forno de palha perfurado pelo
bastão do feiticeiro

III.

Há também grandes formigueiros onde as mulheres são
escondidas
É possível escutar a harpa de madeira que retumba sobre as
árvores como a chuva nos aviões
Ali se sua entre as canelas
E aprende-se a não esperar senão a magra cota do calor do ano
Despojos
bacias redondas de gozar efêmeras
instrumentos de serenata
e uma pinta de água para a honra
Oh mensageiro acostumado à espessura da memória
não se semeia na pele
E no entanto às vezes o frondoso pelo dessas múmias recorda
os compassos da Valsa sobre as Ondas
ou o bambu de água de coco que se acumula entre dois peitos
de mulher apertados pelo desejo
jorrando amor sobre o que se vê
o único que existe
Aqui o que se vê

o único que existe

O RESCALDO DO CÉU

Vinde a mim fêmeas do calor

Aqui onde os trópicos deixam entrever sua fotografia de
resplendor velada na lembrança
desembarcou a casta foca do verão
ai a curta navalha do verão
sem ancoradouros como a mão do solo que abre lentamente
seu talho de prazer

fecho os olhos diante deste outro sol
fecho a navalha de golpe como a válvula de sorver alimentos
nas praias radiantes
para que me incumba o sol de Cumaná
ali onde a adolescente nua em seus farrapos descabeça na
praia os peixes da família para escaldar
o cheiro de sua puberdade a redondez de suas pequenas tetas
Ai camarins do trópico ostras de sexo bem-aventurado
Abre-me as ostras e o jorro de limão nos olhos para nascer no
peito para viver na boca para murmurar sob o sol

Esqueço a erva pacificadora a sensatez dos pinheirais
esqueço para ver
as altas copas de cristal talhadas na rocha pela molície
a palmeira inoxidável sob o sol
o cormorão do mar
o sol cheio de escamas e de ilhas com suas pupilas de concha
de tartaruga incandescente abandonadas pela ressaca entre
teu corpo que afunda na praia devorado pelo rumor dos
coqueiros e teu pelo que se derrete com tua carne sob a
abocanhada do sol

sob a máquina branca do sol

1924-1994 | Holanda | LUCEBERT



“Escola da poesia”, traduzido por Graco Braz Peixoto. Demais poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obras consultadas: *The tired lovers they are machines* (London: Transgravity Press, 1974 — tradução de Peter Nijmeijer), *Antología* (Barcelona: Plaza & Janés, 1978 — tradução de Francisco Carrasquer), e *La tiranía de la libertad: dibujos, poemas, pinturas* (Valencia: Institut Valencià d'Art Moderne, 2000 — tradução de Jorge Heredia e Heleen Sittig).

ESCOLA DA POESIA

Não sou nenhum rimador açucarado
Sou um trapaceiro ligeiro
do amor — o ódio por baixo do carinho
e por cima, a arte do tagarela.

A poética é a mãe do político,
não sou ninguém mais que o mensageiro
do tumulto, e o meu misticismo é a razão apodrecida
do artifício usado pela virtude para tudo purificar.

Eu proclamo que os poetas aveludados
estão morrendo tímida e humanisticamente.
De agora em diante a garganta de ferro em brasa
dos capangas comovidos se abrirá musicalmente.

Contudo eu, que me suporto nesta trama
como um rato numa ratoeira, anseio pelo esgoto
da revolução e choro: rima-ratos, escarneço
escarneço, imóvel, tão longe de uma escola poética tão pura.

LUTO POETICAMENTE

quero dizer
águas simples iluminadas
que expressam
a extensão da vida toda

não fosse eu alguém
igual a tantos outros
mas fosse eu quem fui
o anjo de pedra ou líquido
o nascimento e a decomposição não me teriam tocado
a estrada do abandono à comunhão
a estrada pedras pedras bichos bichos aves aves
não estaria seria tão suja

quanto hoje se vê nos meus poemas
que são visões aleatórias daquela estrada

nesta era aquilo que sempre se chamou de
beleza o rosto da beleza se queimou
ela não mais consola os homens
consola as larvas os répteis os ratos
mas assusta a humanidade
e a move com o senso
de ser uma migalha de pão sobre as saias do universo

não mais apenas mau
o golpe fatal nos faz rebeldes ou humildes
mas também bom
o abraço nos deixa tateando desesperados
no espaço

e assim voltei-me para a língua
e toda a sua beleza
lá ouvi que ela nada tinha de mais humano
que os defeitos de fala da sombra
que aqueles do sol ensurdecedor

MOORE

é a terra que boia e rola pelo povo
é o ar que suspira e sobra pelo povo
o povo descansa lânguido como a terra
o povo ergue-se tão alto quanto o ar
do seio da mãe brota o filho
da testa do pai nasce a filha
como rios e margens úmidos e secos é sua pele
como ruas e canais encaram o espaço
sua casa é seu hálito
seus gestos são jardins
escondem-se
e são livres

é a terra que boia e rola
é o ar que suspira e sopra
pelo povo

PROCLAMO UMA REVOLUÇÃOZINHA

proclamo uma bela revoluçãozinha
não pertenco mais à terra
sou água novamente
trago a espuma das cristas sobre a cabeça
trago sombras fugidias na cabeça
no meu dorso dorme uma sereia
no meu dorso dorme o vento
o vento e a sereia cantam
a espuma das cristas murmura
caem as sombras fugidias

proclamo uma bela revoluçãozinha crepitante
e caio e murmuro e canto

TRANSMIGRAÇÃO DA ALMA

encarquilhado tropeça de conjuntura em conjuntura
o bode expiatório outrora encantador
pode troçar dele se quiser
ele sorri mas não se afeta
não queimado mas feito em cinzas um desmaio
passageiro irá se erguer novamente
e tolo ajeitar as calças e a casaca

logo estará alto e forte entre os pilares
o mármore do seu queixo fustigado pelas sombras
o relho brincando com a bota
o olhar que tudo penetra fixo na lua ameaçadora

lentamente ele desaba e o povo aplaude
despropositadamente agigantado ele desaba
e se põe ao lado do covarde do ponto de descarga
não inabalado de liberdade como um pano de chão

*1925-1971 / Canadá / CLAUDE
GAUVREAU*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Oeuvres créatrices complètes*. Parti pris. Montreal. 1977. *Étal mixte et autres poèmes 1948-1970*. l'Hexagone. Montreal. 1993.

SENTINELA-ONDA

Therobongi fulipajor paflucan sinsolli burri de macqno
Um ébrio destino acknologueou o presbitório onde friam o
aroma e o castor daquele que viveu num polichinelo de
cartão
Olhos híbridos tinham cadeados onde pendia meu coração
solicitado por dois esmaltes
E nessa primeira arrumação onde oscila a folha-de-flandres
armadurada de crina
as auroras se alojam aqui
É o arco sanguíneo do estrupede epilatório que arreganha e
freme em sua hélice de *foie gras*
Obilato Bobnaprugado Sincoluglado sansitilão pabbruca de
finlão-não
Um discurso desolado mergulha no nicho líqüido de seu
breviário de imbecil
As armas saltam pelas portas
Os üdelotes têm barbas clichedérias que ramonam o sulco
sinuoso de uma mais bela dabra
Ok-navilo pimproddo bolso-lapreclec
Salduro e seis bandeiras sassfuli bandado brorrachado
Um dorso de ângulo tem ossos de lado e um nariz para os seus
velhos dias
É a parada pícara
o nome flivuvliano
É o trincoso plepnipoceres que auréola com sua ágape o louco
furor do dixano aleatório
No brémate as leis saltelares fizeram hop e blidlakuthc
É a noite
e é a ardósia onde os pipis de boa vontade crosseteiam os
pimentões derrisórios do cientista
Eggro coco bebê
Fiflondon bufunfaupillo duss-duli dregadel kin-kou
Um olho sobre o vilandre
um oc sobre o pleblério
Os igdoursos têm malefícios de pimenta que pervertem o vão
das onjas corcundas

Uma sacada filufléria que atende as ramonas assídua a garupa
em ferradura
É o binoconlompinaquinho
O debloje arfudrido osso de clã clalba de barbirour Paul de
saux zic glau bindino
Uma pinácula vinda do pai louquinho tem juvobras que
clançam o pene do zeufazer cortenogueira com seus andes
Cheguem pelos paludes
Dêem à luz pelos travesseiros
Invectivem pelas fissuras
O dorso dócil tem pesadelos de gaivota e de gládio
Em sua hiper bauléa um necton franca o posto oubigulado
E lá corre
E lá draufa
um cimento prefector que tem olhos de princesa Que tem
moldes de corvo Que tem suzas de
bracchitta
É a savana
É a bureza
É a folia alemã Que tem núpcias para se distrair
e um punhal para dizer a missa
O aroma infla no crepúsculo ispanar que corrói o azul geado
Cinderela boreal
Fumaça
ovo
nó
Ouvau-aglinde Solo pêfeado
Filha roçonda huc

PERSPECTIVA EMBAÇADA

A cucúrbita tem mármore de emplastro.
No jardim neoclássico, altoventos cinzas fazem amor com a
natureza morta de Chardin.
Sentado sobre a Sicília, jacto carregando em minhas asas o
calmo dourado operado pelos druidas.
Riem do vapor os pula-carneirinhos.

Recheadas e franzinas as gances do trompetista têm apricós
que saúdam o Rei Negro.
É a fornicção dos sentidos acidulados pelo cabresto de ouro
que impôs Segismundo.
Dinamitemos com o cisne o silêncio de lençóis malva que sobe
na duna estanque como uma coluna de mármore morto.
Lençol vivo; silêncio enlouquecido onde a pouca refrega se
refugia.
Colunas aos montes, drilfalcato arbitrário, nó n'água,
usurpação sobre o pano da toaleta, o nascimento das
caraíbas é occidido sobre Zenon.
Mangas amplas do padre, o crepúsculo de brancas tem almas
de desertos sobre as carcaças de zéfiros.
Higiene aplicada, osso promovido sobre o cavalete acariátrio
do elfo embarreado.
Nó salgado, naussúria dos bravos pelicanos; sobre o dorso da
Fé os caímãs enegrecidos observaram o
jugulúrio.
Serras miúdas das guirlandas, o assentado profeta do dilúvio
assiriano transpira em suas costas de um
címalo de Salonice.
E o fogo precursor de Chamonix faz vil nome da tempera-
broca do minueto dos escorpênios.
Doge desaloja, império flibusteiro onde orna seu umbigo o
pensamento dos ícones. Fissura pensada repassada numa
dobra de Samos.
Ribeira esverdeada de conchas de sulfúreo, ribeira imantada
onde o mendigo-préhistória rasteja sobre seus cotos de
silfo.
O nó tem memórias que não têm de maneira alguma os
hermetas.
Sollissura brandura ededesconderey.
O Leipzig tem domos de córneos que purecem sobre as docas.
O amor está lá - cadáver com olhos de corça. O amor está lá -
milico com coração de frime. Sobre a estátua de topázio o
cinza-verde das úrsulas de nicho canta um conto sobre o
destino dos deuses.
O abrigo de carne tropica sobre o meridiano.

O cadáver de purina fabrica sua osmose sobre as cucúrbitas de vidro.
Verdadeira geada onde o destino dos Celtas acopla sobre a sua cimitarra as Calendas espantadas da Noruega.
Silêncio. Urna perfeita. Urna lassa onde o pescoço do cinzel tem ares de orador.
Urna cabrita - pensamento sol das espumas da querência que se lança sobre a corcova dos sufis.....
Távola Xerxes e Cyrus estômago tinham dedos de defuntos.

AS PLUMAGENS AGUDAS DE AÇO

Um cegante linguado
tem toda sorte de barbicolos
na barba
Em suas avenidas cristalinas
os Borgia
de axilas em tranças
corracumusturam os planos de seus pratos
Sobre a zona
zunata o azoto zeguro
tem despompas
de parpitas dallivales hugc
As aves
rastejam sobre as porcelanas
A vida é um jogo
que tem porres
encoscorados
Os bois
bebem
no uct
acut crut clut zlut
Sobre a relva
e sobre a onda do deserto
as paprikas celestes
humam
a divertida mistura

Os anjos têm acentos
que pendem sobre os berloques
E os diavros arranham
a pele do dente-de-leão
O ébrio Noé
engravata
sobre o dum
na água do domo pecado
A diva deongleza
dubruça sobre o lado
do uso menstruanal
Hogg Kardogg
O fogo
branco
upupa
o pouco de pizalôna
E a carapuça
grisalha
desliza
sobre o cadáver da estrela vermelha
Os rins do caimã
têm dentes feiticeiros
que rastejam na forquilha
do dois
A sombra
O ano
O norte
Um cachorro ri
Sobre nós
A metralhadora
vende o caro copázio de mendigos
a pistons proletários
A planura
rasteja
E nós nossos znões
têm solistênios de cantilenas aflitas
Euhg
Alho

Eûrrrr
O bode
berra
Cadaste
Galcheado
O sopapo das ondas
cospe
sobre o cometa

AS SERPENTES DA NEVE

Amarrotados pelo prato
Circulados pela lentilha
Eles e ele comem no turchão da malásia histórica
À albarda os histriões ou que seu mijo bóie sobre nossos
rostos azuis
O licor da coragem escorre sobre as jalousias de verdes d'água
rebordos
A pinaiesca levantou a gola e sua clava quer sumo para os
urdididos da sonda
Ah aaaaaaa Agarrem a irisação
O cegamento vem para os extasiados dos belos rums
processionantes
Ah a estação estival é para mim
Serei um deus do meu verão
Lasssch !!!!!

OS MICROS DO MOSTRUÁRIO

Surda como um pote de grés
a mão carmim oscila entre o deboche e a alegria
Sobre um pote muito aperfeiçoado
se sustém
a grandeza de trinta garças
que têm plumas no cu que lhes pendem sobre polainas agudas
São os seus acentos na fanfarra circunflexa

Vazia no oficléon
Os passeios se alongam
O mostruário tem ratos de porcelana que servem de
espantalhos aos olhos

*1925-1988 / Bélgica / MARIANNE
VAN HIRTUM*



Poemas traduzidos por Leila Ferraz, exceto o último, traduzido por Floriano Martins. Obra consultada: *Poèmes pour les petits pauvres* (Seghers, 1953) e *La Nuit mathématique* (Rougerie, 1978).

[É TÃO TARDE]

É tão tarde
Que em nossa negra Catedral
Uma pobre voz solitária
Se põe a gritar um lamento.
É tão tarde
Que as pedras dos caminhos se assustam,
E eu também me assusto e tremo.
Como aquela que ali se ajoelha
Nas aleias da Igreja
Qual uma pobre ovelha
Olhando para os poços de sua alma.
Mas é a Ti, Senhor,
Que ela enxerga.

POEMA CLANDESTINO

Quando soarem todas as badaladas
Da meia noite, não do sino,
Mas do coração,
Eu fugirei para procurar
Uma nova língua,
E para quebrar
Uma outra vez
As portas que não escondem mais nada.
Nas chuvas que não têm gotas,
Lágrimas ou água,
E não caem do céu ou da terra
Ou mesmo da memória.
Verdes juncos escorridos
Em meu bolso escondidos.
E as quatro lágrimas descosturadas
- que ainda me restam -
Dou-as de jantar aos meus pássaros.

ARLEQUINS

Eu estava prestes a zarpar
Para o país que dizem
Pelos anjos criado.
Mas não é por uma estrela
Que se abandona o lar.
E nem por um batalhão de sonhos.
Ancorei meu barco à beira do rio,
Nele me lançando em brancos lençóis.
E olho para estrelas
Que passam
uma a uma
sorrindo em suas roupagens de
Arlequins.

[JAMAIS SEREI BEM COMPORTADA]

Jamais serei bem comportada
Eu corro sobre as flores
Ando descalça sobre ela,
Pouco me importando se os seus espinhos
Perfuram minhas faces,
Eu quero reencontrar poesia,
Poesia, meu amor.
Eu traço cruzeiros no céu,
Para não me perder no caminho
Onde estás, poesia, minha criança, minha amiga.
Eu estendo sobre a terra um véu de neve,

Um véu de flores e um manto branco:
Para o seu leito, minha criança.
E velo por meu filho que partirá para a guerra,
A poesia é o meu filho que retorna do front
Junto com seu velho cavalo está no bolso traseiro
E sobre seu coração, meu nome.
Na crista do vento, dancei e

Encontrei-me sentada na folha do passado.
Eu tenho por amigos os pobres e os simples
Encontrados na floresta e no prado.
Poesia, meu cavalo velho venha até mim,
Aproxime-se que eu solto minha cabeça ao vento
Que eu solto a tua crina
Que eu sinto a tua espinha.
Dê-me teu feixe de espinhos,
Um belo pássaro, que eu o planto,
E esse será meu bosque de rosas selvagens.
Poesia, minha vida, meu destino,
Minha boa rainha, meu doce amigo.
Estrela, esta noite tu dormirás comigo.

[EU PROCURO MINHA CASA]

Eu procuro minha casa
Onde está a minha casa?
Ela não está na planície
Que cavalga o vento.
- Também não está no vento.
Ela não é o céu.
- Ela não é uma nuvem.
Então, onde está a minha casa?
Ela não é o meio dia
E também não é a Lua
Portanto... onde fica a minha casa?
Ela não é o fogo
Ela não é um sino
Ela não é um grito
E não é um pássaro
Então, onde está a minha casa?
Ela não tem dois olhos
Ela não tem duas mãos
Onde fica a minha casa?
Onde fica a minha casa?
Onde está a minha casa?

- Eu não tenho casa na terra.

POEMA

Você tem penas na sua cabeça.
Um ar de suprema arrogância,
acorde com este sinal de seu olho
que projeta o perfil aquilino do nariz.

Não é possível que eu me aproxime muito de você,
em virtude de um segredo mais interior jamais formulado.

E você tem dentes perfeitos!

Você se opõe ao que não pode vê-lo,
uma parede cega, fortificada à sua frente.

Eu lhe dei o mais ínfimo beijo
em resposta à sua mordida na extremidade da língua.

Há quanto tempo você me ama?
Em todos esses dias choveu tantos pensamentos sublimes
na campanha soberana.

1926 / França / GUY CABANEL



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Au féminin* (Ed. Sónambula, Montréal, 2016 - Ilustrada por Susana Wald).

[O SOAR DO GONGO DO NASCIMENTO]

O soar do gongo do nascimento
sobre o cascalho do desconhecido,
o que é esta árvore caída?

Reluz teu amor pelas praias
no íntimo da água dos ciprestes.

Pescoço esculpido ao riso da espada!
Seus olhos, ilhas de água, não seu porta-voz,
uma noite de ângulos luminosos.

[OLHARES FAMINTOS NO ESPELHO]

Olhares famintos no espelho
observam o nascimento da aurora,
oh! suas bocas bem preguiçosas
não parecem beber o sol!
Uma asa de pássaro morto
apaga um grito,
uma faixa vermelha na inundação
começa a cochilar
e o vento transporta
quatro olhares no espelho.

[CORO NO CALOR]

Coro no calor
dessas promessas vermelhas, traço
de um olhar leitoso
os impulsos surdos que fazem
tremor um recorte, um cílio
ou a sombra de uma pele,
sonho de plantas viscosas, de vestido
rasgado

e névoas carnudas que se movem
entre as mãos, entre os dentes.

[CONVITE URGENTE]

Convite urgente, porém o amanhã
está ainda muito longe,
também outras ideias irão passar
e serão esquecidas rapidamente
brincando com
os tubarões transparentes
que fazem fronteira com o navio
ou então você terá que se decidir
por uma noite de verão
onde deixar ir seus pensamentos.

[UM RUIDO NAS ESCADAS]

Um ruído nas escadas,
os insectos do verão,
passos na sala de estar,
pele rapidamente no ombro,
por trás da cortina,
fantasmas impacientes
que seus gestos subjuguem
e algumas formigas
de algum calor nascidas
nervosas em suas saias.

[AVENTURADA SOB OS SALGUEIROS]

Aventurada sob os salgueiros
em tènue vestido
provocando nas folhas
calafrios, geadas,

seus gritos,
você procura uma flor
que lave suas lágrimas
porém ninguém
pode aqui
expandir seus arrependimentos.

[VOCE PARECIA VIR DE LUGAR NENHUM]

Você parecia vir de lugar nenhum,
você tinha no olhar um claro de lua,
no pescoço uma pálida esmeralda,
você veio com a espuma do mar,
você viveu quatro vidas,
você permaneceu tudo o que é,
você passou como um estilingue,
toda noite você vai nadar na escuridão,
talvez cansado deste mundo
você acabou fugindo para o braço da noite.

1926-1966 / Estados Unidos /
FRANK O'HARA



Poemas traducidos por Allan Vidigal. Obra seleccionada:
Meditations in an Emergency (Grove/Atlantic, Inc., 1957),
Lunch Poems (City Lights Books, 1964), *The Collected Poems of*
Frank O'Hara (Alfred A. Knopf, Inc., 1971) e *Poems Retrieved*
(Grey Fox Press, 1977).

ANIMAIS

Esqueceste-te de como éramos, então,
quando éramos ainda de primeira
e o dia vinha gordo com uma maçã na boca

não adianta se preocupar com o Tempo
mas tínhamos alguns truques na manga
e fizemos várias curvas fechadas

o pasto inteiro nos parecia um banquete
não precisávamos de velocímetro
e fazíamos coquetéis só com gelo e água

eu não desejava ser mais rápido
ou mais jovem do que hoje se estivesses comigo, Tu
que foste o melhor dos meus dias

DORMINDO EM VOO

Talvez para evitar alguma grande tristeza,
como numa tragédia da Restauração, grita o protagonista "Ó,
sono!

É por um sono longo e pesado e pelo esquecimento!"
que se voa, alçado acima da cidade sem mar,
decolando a partir da calçada como uma pomba
quando um carro buzina ou bate uma porta, a porta
dos sonhos, a vida perpetuada em amores furta-cor
e belas mentiras, cada uma em uma língua.

Também o medo distancia, como a calçada, e te vês
sobre o Atlântico. Onde a Espanha? Onde
quem? A Guerra Civil foi travada para libertar os escravos,
não foi? Uma súbita corrente descendente te faz lembrar da
gravidade

e de sua posição em relação ao amor humano. Mas
é aqui que vivem os deuses, especulando, entretidos.
Uma vez indefeso, estás livre, crês?

Nunca despertar e ver a triste luta de alguém?
viajar sempre sobre uma vastidão impessoal
estar do lado de fora, sempre, nem dentro de e nem por algo!
Os olhos rolam e dormem como se tocados pelo vento
e as pálpebras tremem entreabertas como asas.
O mundo é um iceberg, tanto dele não se vê!
e foi e é, e ainda assim a forma, também ela talvez
durma. As feições gravadas no gelo de alguém amado
que morreu, és escultor e sonhas com espaços
e velocidade, apenas de mão poderia vir tal obra.
Curiosidade, a mão apaixonada do desejo. Morto,
ou dorme? És veloz o bastante? E, em mergulho,
abres mão de tudo que fizeste teu,
o reino de si navega, tens que despertar
e dar teu sopro quente sobre a imagem amada
esteja morta ou apenas evanescente,
como evanesce o espaço e tua singularidade.

CANÇÃO

Vou para Nova York!
(que farra! que canção!)
onde as telhas de Rocky
beijam o mar. Onde a Acró-
pole funciona, os trens
correm e berram! Os livros
que têm calças e mangas!
Vou para Nova York!
(quel voyage! jamais plus!)
distante de Ypsilanti e Flint!
onde Goodman rege o Império
e a escatologia do Sol
sobre as pontes feiticeiras
e galerias de gravuras!
Vou para Nova York!
(aos amigos! mes semblables!)
Acho que caminho de volta para o Oeste.

Mas por agora fui para sempre!
a cidade enfeitada de holofotes!
a Balsa desabotoa seu colete!

MÚSICA

Se repousar por um instante junto ao The Equestrian,
pausa para um sanduíche de linguiça de fígado na Mayflower
Shoppe,
aquele anho que parece conduzir o cavalo ao Bergdorf's
e estou nu como uma toalha de mesa, meus nervos zumbem.
Perto do medo da guerra e das estrelas que sumiram.
Só tenho nas mãos 35¢, comer não faz sentido!
e borrifos de água sobre as tigelas de folhas
como os martelos de uma pianola vidro. Se lhe pareço
ter lábios lilases sob a folhagem do mundo,
preciso apertar o cinto.
Como uma locomotiva em marcha, a estação
de desconforto e clareza
minha porta está aberta para as noitinhas de neve
de meados do inverno caindo leve sobre os jornais.
Agarre-me em teu lenço como uma lágrima, trompete
do começo da tarde! no outono enevoadado.
Enquanto montam árvores de Natal na Park Avenue
verei meus devaneios passar por mim com cães agasalhados,
dar-lhes utilidade antes que as luzes coloridas acendam!
Nada mais de fontes, nada mais de chuva,
e as lojas ficam abertas até tarde demais.

UM PASSO ATRÁS

Quando a música está distante
a pálpebra raras vezes se move

e os objetos são estáticos como a alfazema
sem respiração ou réplica remota.

A nuvem, então, é tão sutilmente levada
embora pela máquina prateada de voar

que o mero eco dessa ideia soa
inacreditável; o ruído do motor cai

como uma moeda no leito do mar
e o olho não se altera

como quando no sol agudo uma moeda
se ergue e arranha o ar que a cerca. Agora,

lentamente, o coração respira música
e as moedas jazem sobre a areia amarela.

*1926-1974 | Portugal | PEDRO
OOM*



Obra consultada: *Actuação escrita* (Lisboa: & etc, 1980).

HISTÓRIA DO MEU BONECO

Cresceu comigo
neste espaço que se diz português
e neste tempo (histórico)

Maricas (era de esperar)
mas rebelde como um felino
ninguém se lhe pôs inteiro
ficou sempre um bocadinho
porque rangia a dentadura.

Depois de 45
afundou-se na continuidade
farfalhou o bigode, à guarda nacional antigo
e esperto como um corisco
instalou-se então, decidido

à mesa do orçamento.

AS VIRTUDES DIALOGAIS

Dentro
de mim
há uma planta
que cresce
alegremente
que diz
bom dia
quando nos amamos
ao entardecer
e boa noite
quando florimos
à alvorada
uma árvore
que não está com o tempo
este tempo

a que chamamos
nosso.

IDADE SEM RAZÃO

Os animais
cuja vivência
são as visitas
que todos temos feito
às girafas
ou o crocodilo
bastam para romper
a fascinação
idade
cartesiana
tanto
do direito
como do avesso

PODE-SE ESCREVER

Pode-se escrever sem ortografia
Pode-se escrever sem sintaxe
Pode-se escrever sem português
Pode-se escrever numa língua sem saber essa língua
Pode-se escrever sem saber escrever
Pode-se pegar na caneta sem haver escrita
Pode-se pegar na escrita sem haver caneta
Pode-se pegar na caneta sem haver caneta
Pode-se escrever sem caneta
Pode-se sem caneta escrever caneta
Pode-se sem escrever escrever plume
Pode-se escrever sem escrever
Pode-se escrever sem sabermos nada
Pode-se escrever nada sem sabermos
Pode-se escrever sabermos sem nada

Pode-se escrever nada
Pode-se escrever com nada
Pode-se escrever sem nada
Pode-se não escrever

POEMA

Há um ar de espanto
no teu rosto em silêncio pequenas pausas
entre nós e as palavras
que desfiamos
Quando o silêncio (pausa mais longa
que nos contrai o peito)
cai bruscamente
duas mãos agitam-se meigamente as nossas
e os mendigos, todos os mendigos
espreitam ao postigo do teu pequeno apartamento
coroados de rosas e crisântemos

É o momento
em que afirmamos a realidade das coisas
não a que vemos na rua
e que sabemos fictícia

mas a outra

aurora cintilante
que põe estrelas no teu sorriso
quando acordas de manhã
com um sol de angústia na garganta

acredita
nada nos distingue
entre a multidão anónima a que pertencemos
embora
o fotógrafo teime sempre
em nos oferecer uma esperança

– fluido imaterial que nem mil anos
poderão condensar –

O nosso rasto
mal se apercebe na areia
condenados ao fracasso
pequena glória dos pequenos heróis deste tempo
ainda aspiramos
no entanto
a ser o índice deste século
único sinal humano, florescente e salubre
de contrário
seremos apenas
um halo de vento
arco-íris de luto
ou estrada para sedentários
É ocioso
preparar a objectiva
que nos vai condenar a um número
nesta cidade onde cada homem
é escravo de uma arma
Ocioso
avivar as flores do cenário
encher de luar o jardim do nosso afecto
Só um acaso
nos poderá revelar
por isso
fechemos o rosto
meu amor

POEMA

Tua boca
é um dia estreito
cheio de moscas
De noite
tem a cor azul-verde

dum veneno
como o mar.

O HOMEM BISADO

Alegra-me ser todas as coisas e as sombras que elas projectam
ser a sombra dos teus seios e da tua boca
o criado de smoking branco que te agita os cabelos
para um cocktail estimulante e fresco
a mesa onde passo a ferro o teu corpo
as espáduas as coxas a curva macia dos joelhos
alegra-me ser o contorno da tua nuca e o binário motor dos
teus braços
embora mais pequeno do que um corpúsculo celeste
sou os milhões de astros microrganismos estrelas
a rota de todos os navios perdidos
a angústia síntese de todos os suicidas
a forma de todos os animais conhecidos
o desenho rigoroso de toda a flora existente

Ontem em Paris hoje em Lisboa amanhã em Júpiter
caminho para a resolução de todos os problemas
sem a certeza de resolver qualquer deles
como se fosse uma máquina de somar parcelas
quatro vezes quatro oito vezes dez oitenta
sabe-me a vida ao que É
esta progressão assustadora de crocodilos bebendo limonada
Ontem fui a prostituta a quem paguei a noite
hoje serei talvez o inocente violentador frustrado
Sutmil é a cidade par aonde me evado todas as noites à
aventura
e “os anéis de Saturno são a força centrífuga-centrípeta que me
agita os braços no espasmo amoroso”
a cabeça em Marte os pés na Terra
vindo “lá do fundo do horizonte lívido”

O comboio está na gare o comboio vai partir

apressemos o passo o momento é solene
somos o automóvel que sobe a avenida
a pulsação acelerada dos maquinismos
taxímetro de uma cidade de província
satélites de um satélite lunar
Tu és o aeroporto eu o avião que parte
e muito mais calmos entre éter e fogo
percorremos os sonhos de planeta em planeta desfolhando o
futuro a flor sempre rara
e marcamos nos astros o nosso roteiro DEZ QUILÓMETROS

amanhã tirarei o curso de sonhador especializado

*1926-2009 / Peru / BLANCA
VARELA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poesía reunida 1949-2000 (Lima: Casa de Cuervos y Librería
Trilce, 2016).

NO ESPELHO

Exploro a chama e não a extingo porque amo seu calor
doloroso,
suas angustiadas línguas sem som,
sua pele redonda que atravesso com meus dedos
para chegar à água solitária de tão leves pálpebras.

E sinto a asa nos espelhos que me devolvem sempre,
como se colhesse as violentas cinzas que jogaram aos peixes,
como se uma ave morta pesasse entre meu sangue
e a estancasse ali,
próxima ao fogo vivo dos próprios insetos,
a seus pequenos corpos,
belos sob escuros e apodrecidos licores,
íntimos e nervosos nos gozos profundos.

Raízes de pesadas colunas de sonho entre a fronte,
gotas áridas nos frutos caídos
que transbordam azeites agudos, insondáveis.

MÁSCARA DE ALGUM DEUS

Diante de mim este rosto lunar.
Nariz de prata, pássaros na fronte.

Pássaros na fronte?

E logo há vermelho
e tudo o que a terra esquece.
Umidade com poderes de fogo
florescendo após os negros cílios.
Um rosto na parede.
Detrás do muro, além de toda vontade,
mais longe ainda que olhar e calar:
o que?

Sempre algo que romper, abolir ou temer?
E pelo outro lado? Ao revés?

Voa a mão, nasce a linha,
vibrante destino, negro destino.
Por um instante a melodia é clara,
a tarde parece eterna,
puríssima a sombra do céu.

Volto outra vez. Pergunto.
Talvez diga algo este silêncio,
é uma imensa letra que nos nomeia e contém
em seu ar profundo.
Talvez a morte detrás deste sorriso
seja amor, um gigantesco amor
em cujo centro ardemos.

Talvez o outro lado exista
e seja também o olhar
e tudo isto é o outro
e aquele este
e sejamos uma forma que muda com a luz
até ser apenas luz, apenas sombra.

SEGREDO DE FAMÍLIA

sonhei com um cão
com um cão esfolado
cantava seu corpo seu corpo vermelho assobiava
indaguei ao outro
ao que apaga a luz ao carnicheiro
o que houve
por que estamos no escuro

é um sonho estás sozinha

não há outro
a luz não existe
tu és o cão tu és a flor que ladra
afia docemente tua língua
tua doce negra língua de quatro patas

a pele do homem se queima com o sonho
arde desaparece a pele humana
apenas a polpa vermelha do cão é limpa
a verdadeira luz habita sua remela
tu és o cão
tu és o esfolado cão de cada noite
sonha contigo mesma e basta

É MAIS VELOZ O TEMPO

estar em algo
alguma vez ou sempre
pedra animal homem
história de uma cor
sombra veloz em meu peito
o tempo
o tempo me persegue e me desdiz
pergunto
escrevo no ar
com a minha língua escrevo
com minhas mãos e pés escrevo
com meus olhos

o amor
uma onda inimiga me derruba
junto palavras contra palavras
não creio em nada desta história
e no entanto a cada manhã
invento o absurdo fulgor que me desperta
o limite de sombra

a consciência
o ardil original
o sol acima
a terra abaixo
ao centro o velho gesto
de uma árvore que me agride
com a inocência das árvores
a canção
que atravessa a nuvem
as coisas
caminham lindamente até a morte
a hora se desfaz sozinha
longe de tudo
fulgor e destruição
ar na greta
ou greta no ar
nem pedra nem animal nem homem

a flor aponta o crime
com silencioso rubor

ninguém no próprio tempo
se atreve a interromper o tempo

LUZ CORRENTE

a manhã é distinta
a cada manhã
às vezes são pássaros
demasiado barulhentos
apressados

outras vezes é água
fina ou grossa
ilegível

outras
como pisadas
demasiado leves
egoístas

1927 | Chile | LUDWIG ZELLER



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obras consultadas:
Los engranajes del encantamiento (México: Editorial Aldus,
1996) e *Piel de los delirios* (Tabasco: Gatsby, 2008).

A ABANDONADA AOS ESPELHOS

Por vinte anos busquei os polidos
cristais, os puros que vibraram
ao rumor das asas que o silêncio acaricia,
os lábios que se entreabriram à linguagem impossível
da Divina Imagem.

E ela se dobra murcha, pobre fibra de poeira
que cai sem piedade em adormecidos estames.
Pássaro-ontem, cobiçada serpente, abram,
cortem os fios que atravesso tremendo,
pupilas que florescem para impenetráveis signos.

Que máscara devo usar? Que fios sulcam a têmpera
do adormecido que grita? Corvo que se desprende até o abismo,
grasnido que ilumina as janelas do cárcere de sombras,
oh destroçada pele, o Labirinto! — Ali, tremendo, sozinha,
jaz a abandonada aos espelhos.

Decifrarei tua sede? O sonho será ouvido?
Não movam mais os fios com que se choca na sombra,
Procurem, uma vez mais procurem na estância sedenta.

PAISAGEM PARA CEGOS

Já não me lembro quando me afastei dessas chagas.
Vou gritando às escuras, com a cabeça escavo
No muro os anos multiplicam seu enxame,
Não sei se estou desperto se me dão leite ou vinagre.

Abro em unhas minhas gemas, porém elas se prolongam
Bem além onde latejam suas vozes crepitando,
Regressará com as chuvas comi a própria língua
Os globos dando volta ajustavam as contas.

Onde estamos às tontas buscamos um caminho

Sob o sol os tocos inscrições com ira,
De gelos acesos nos levamos nos metemos carvões
Nos olhos — docemente se lambem os olhares.

O que vê tu? Eu te vejo bocejar como peixe em outro ar.
O que vê tu? Apenas um ermo de espelhos e a faca.
O que vê tu? Minha raiz arrancada das plumas tuas entranhas.
O que vê tu? Eu não vejo. Eu apenas te pressinto.

FIGURAS CHAMANDO EM UMA PORTA INCENDIADA

Os relâmpagos cruzam uma grande pedra negra
Que de tanto rodar ficou na carne viva, sumiu
Em um buraco e tem dobradiças, tem estuques com sangue
E detrás dela o fogo, as línguas que devoram sua armação
Ressonante de lascas, de brasas sulcando o duro
Madeirame, suas tranças de cinza que se enrugam.

E ali estamos os três, qualquer um de nós
Chamando em grandes vozes no poço queimante
Da visão. A mais bela, a doce, com a viola de amor
Às costas; e o que tudo sabe e no entanto teme
Que os tições lambam seu estrolábio de vidros coloridos.
Ou a criança que percorre as escadas dessa casa incendiada
Que no meio da noite se desdobra como uma flor
De pranto... Onde estamos? Quem chama lá fora,
Por piedade, quem chama?

Desperto, escuto um rio de cinza imóvel.
Quantos dias perdidos, quanto pranto!
Suas bocas crepitando aqui em minha almofada.

PEDRA DE ANIVERSÁRIO

A René Magritte

Debruçada nos vidros a pedra azul do olho
A pedra que ama o Mar dos Sargaços,
Apertada na mão como um líquen
Ou como um caracol que se dissolve em sua própria maré.

A pedra no salão onde ninguém mais vem
Quieta na almofada como o que fala sozinho,
Machado que é somente uma pálpebra ou um lábio sobre a
cicatriz
De cada dia onde o mar abre suas dobradiças.

A pedra palpitante, tibia como a pele atroz do nó
Que chama em grandes vozes desde o bosque.
A pedra que caiu do buraco negro
Que há mais além do sol, a que vem
Rodando feito carvões há um bilhão de anos.

A pedra branda, bichada do pesadelo
De ver com um olho só o ranger da lua,
E esperar que alguém venha, um senhor com chapéu,
Um seio encadernado, um sexo ardendo,
Para romper a maçaneta com os dentes e queimar o silêncio.

DELÍRIO AUTOMÁTICO

Um desejo se acende e mil bocas se entreabrem
Em palavras, florescem as imagens essa locomotiva da noite
Que avança soa a vertigem se apertas o travesseiro
Recorda de tirar os óculos porque há um nó cego
Onde ferve o sangue percebes que os limites não existem.

As lembranças são guardadas em caixinhas, afastas os ossos
Enroscando os gritos que sobem pelas costas aos borbotões

Essa raiz vulcânica que devora os homens
Por trás de teu coração o relâmpago abre um ramo de veias.
Sobre a geografia dos corpos pestaneja aquele olho
Vão as aves que portam a semente infinita, rompe em ti
Abre-te em dois em quatro cobre-nos a maré
Como a esses endemoninhados no baile buscando a meada.

Tudo em sentido inverso aquele ventre de lontra
Vibra ao pranto em enxames multiplica a torrente
As pedras do prazer vibram ao tique-taque da chuva
As víboras despertam no relógio. Por que te dói o pranto?

Esse violão fervente que delira é teu corpo
Febre de framboesa é a delícia de voltar a sonhar contigo
Estende nas areias aquelas coxas brancas do almíscar
O desejo te encurrala, quando gritas goteja o mel de teus
mamilos.

1927-2001 | Argentina |
FRANCISCO MADARIAGA



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *El tren casi fluvial* – Obra reunida (Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1988) e *Criollo del universo* (Buenos Aires: Ediciones Argonauta, 1998).

AS JAULAS DO SOL

1.

Oh criança da sesta, sentada até no ar de teu ódio!

Luxuoso e verdadeiro rei da fome que incendeia, que destapa,
que acomete até no véu natal o arco-íris de calor sua grande
serpente, sua grande corrente, sua profissão de ser
ajoelhado que se lança porque assim o quer a água, as
comarcas subidas às folhas, todo o recolhido pelas palmas,
por seu grande alimento, sua corrente de deus, sua
arrancada do seio das joias-mulheres.

Oh meu, pedaço de quadrado do mundo, antigamente recebido
pelas feras: em nós se ergue e caminha, porém o fogo o
acossa – elimina sua velocidade! – até onde assopramos
nossas galas de enredos de todas as cores, os calores, os
olores e os grandes cílios destruídos de meu tigre no
coração de uma província.

2.

Venham ali à casa do diamante aquecido pela água, ao horto
onde o homem se recolhe para não cair do globo.

Um dia, um passo, um dia mil passos, um sonho rude, porém
com todos os amores permitidos por seu amor.

Nem uma perda.

Não, não, tribo minha de minha raça. Raça de ganho e de luxo,
entalhadora, niveladora para o fogo, tambor para os ventos
dementes que sabem adorar.

Tinha um caminho de patos e de rezas. Ao fundo, a água; em
seguida, os olhos dos homens com suas teias flutuando

sobre o sol e aqui a mesma marca de globo entre as pernas
e um ódio pelo estéril!

Oh mão de todos os amores, vem a mim, adora-me com tuas
filhas. Terníssima do bosque, vem a mim, eu tenho uma
bolsa de fogo prendido pelos gatos monteses pegada sobre
o lábio,
rebenta-me em teu cheiro!

Cortina de coro e cheiro de olhos de inferno me matando no
bosque.

Os amores não têm porta para fugir.

Círculo do sol repleto de pássaros; tranquilidade de Maria, a
cadeira de balanço da tarde.

SOCIEDADE AO NATURAL

1.

Nesta tarde em que chove sobre o charco, emerge um espelho
úmido e escarlate-dourado diante de minha memória.

É o espelho de olhar dos homens que, absorvido pelas
paisagens ainda tropicais, devolve à alma a delicadeza de
uma orfandade enfrentada com a honra destes homens e
com o ingrato valor de seus olhares.

2.

Na natureza mais insociável e escondida por vezes se refletem,
como em um úmido cemitério de semblantes, todos os
movimentos das cidades supercivilizadas.

Um cheiro de misérias de Fraudes inferiores apodrece no
resplendor do entardecer aquático, bordador de serpentes.

Nas aranhas dos juncos cresce e chora um indigente coração
de amor, e um ardor de mulheres estropiadas por uma
febre escura submerge no cristal apodrecido do espinhal.
Acima, canta o trovão, embora já derrotado pelo deplorável
amor destes homens.

3.

A morte havia largado todo seu sangue no charco.
De imediato senti terror diante do corredor de onde sonhavam
os homens bebidos com um álcool amargo e incolor.
E os outros? Os do sol, os cidadãos do movimento e da ordem,
o que sabem do sol! Somente seu dia impuro e grosseiro,
suas irradiações para mercadores, seus brilhantes
exteriores estragados pelo espaço.

4.

As Fraudes vomitavam na morte do dia, e somente as
amparavam os pântanos mais negados para o sol.
O trovão havia caído, apodrecendo no único recanto maldito
do charco.
Apenas no teto de alguma palmeira a urina espessa de um
tigre era recolhida, acendendo uma grande lâmpada que
ajudava a maravilhar-se na pradaria.

A CABANA JUNTO AO MAR

A María Irene

Uma jovem que conheci junto ao mar: parecia uma indiana,
parecia uma índia descoberta por seus próprios cabelos de
olhares.

Parecia a imagem de minha própria camisa selvagem,
a camisa de bondade e de orgulho que se media com o mar.
A jovem que voava com a raça da sombra de minha querida
tempestade nos olhos,

a jovem que voou com minha areia até Paris:
onde a envolverá toda sua sombra?

UMA REZA

Reza pela reza das aparições breme pelo bramido dos enterros e volta os olhos para a paisagem metida dentro da carne e do fogo do movimento humano mais real o de passinhos de homens no espaço humilhado por suas elegantes desnutrições, oh país límpido, trocado com gagos e estripados e tosquiados pela planície e assassinos engendrados nas negras copulações entre ramos e entre santos de olheiras quase naturais, exclamo que durmo sobre a areia caída na desvantagem de meus amadurecimentos que soluçam todo o poder do fogo. Eu, que tenho o alimento mais moderno, estou rastreando o inverno e as podridões destas planícies.

POEIRADA DE JOIAS

A Hugo Gola

Eu disse à Aparição que a poesia podia ser uma canalha,
e ela me respondeu:
– Sou alazã como uma vespa de mar, de monte, ou de teus
rodeios crioulos.
Sou teu cavalo.
O poeta é o balseiro que às vezes cruza os homens
da ribeira da morte até a ribeira da vida.
O amor e a morte têm a bravura natal da poesia,
e te esperam em um áspero e delicado capinzal salgado do
espaço de areia e água do Campo Real,
onde se penteiam as donzelas da canção solar.

Minha orfandade transparente dança no fogo natal do infinito.
Desapareço com um chapéu de espuma sangrenta, chamado
pelas fadas marinhas,

porém retorno navegando em transportes de corais.

Sou uma mulher com cheiro de poeirada de joias das fadas
ardentes e concretas da vida e da morte.

Olho para ti, e com os olhos rasgados de topázio eu tratarei de
aclarar que sou a poesia:
uma Festa,
e apesar de todos os extirpadores sou a tradição de todas as
cores.

*1927-2005 | Canadá | THÉRÈSE
RENAUD*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Les Sables du rêve* (Montréal: Les Herbes rouges, 1975).

[ESCUTEM MINHA CANÇÃO]

A Fernand Leduc

Escutem minha canção de criança piche:
Eu sou pequeno polegar
e tenho os dedos limpos
Eu sou grande velocidade
e sem ter nádegas
me sento
sobre os pés
Conheço os espaços
e me afundo nas chávenas

Quando bocejo chorando
vou-me embora beijando
as ervas dos chicotes-prazeres
e quando pareço rir
é porque caminho sobre o asfalto-desejo

Jamais sonhei
sem me ouvir chamar
e só tenho amor
pelos gatos e pelos ursos

Achei uma noite de claras estrelas, três pedras que pus no
bolso hoje as retirei depois de tê-las esquecido por três dias

[NUMA CONCHA DE OSTRAS]

Numa concha de ostra pousei minha cabeça. As ervas
curvaram a cavilha e eu fui ao encontro de três viajantes.

Um deles tinha luva nas mãos. Essa luva representava os
lamentos do vento. Eles me disseram: "Venha conosco. O
caminho é longo e penoso, mas ao final há uma clareira com
flores sorridentes no sol e um riacho brilhante na noite."

Ao longo do caminho quebrei o polegar, mas um urso veio lambê-lo então peguei pedras e as lancei por trás de mim.

Na segunda noite rocei-me nos fogos que as estrelas deixam em seu percurso apressado e senti as carícias ardentes da lua.

Ao chegar à clareira peguei meus pés doentes e os lancei no riacho.

Desci meu corpo inteiro nos fossos e fechei a concha de ostra...

[AS DUAS MÃOS NA NUCA]

A Lucile Hénault

As duas mãos na nuca
Eu sou uma árvore com grandes braços

Minhas folhas de rosas congeladas estilhaçam em soluços
a cada vez que o vento as roça com estas palavras:
“A porta está entreaberta”
e riem quando a chuva lhes faz cócegas na ponta
dos pés cantando:
“Eu sou o carretel que crescerá dez vezes”

[NUMA MONTANHA DE ROCHEDOS]

Numa montanha de rochedos cavernosos há uma velhinha
com seu velho cão.

Uma noite. Estou cansado. Tomo o caminho que há pouco
depositei no meu bolso. Eu o desdobro e vou perseguindo com
meus saltos precipitados os olhos da imensa noite.

Um olho no fundo me confunde com seu convidativo sorriso.

A velhinha é alegre boa e acolhedora conversamos sobre as misérias do homem.

Mas o que há nessa casa feita para a tranquilidade? Eu me entedio sou forçada a abandonar a velhinha. O que me espera na noite?

A velhinha é doce e compreensiva ela se despede de mim com beijo na orelha.

Estou ainda a desdobrar o caminho. Continuar sem jamais empalidecer de vergonha.

[ELE ENTROU NO PÁTIO]

Ele entrou no pátio e caiu fulminado por um olhar de recife.

A vizinha saiu em velocidade e tocando seus dois polegares cuspiu na terra em sinal de redenção.

Vi todas essas cenas por uma fenda no muro e me exclamando bem alto: “que é triste ver caírem as folhas no outono.” Fui até o pátio recolher flores e minha mãe me disse me enviando beijos com a mão: “volte minha filha sua gaveta da escrivaninha permanece aberta e isso quer dizer que esta noite você sairá nua e entrará mofada.”

Alcei os ombros. Aproximei-me do fulminado e coloquei dois beijos em seus olhos então ele me disse: “Os lilases são maldosos e você re florirá amarela na primavera.”

Modestamente entrei na casa furando-me as bochechas.

[ABRO UM ARMÁRIO]

Abro um armário e dele sai uma mulher nua toda coberta de espinheiros.

- Minha senhora, por favor, eu lhe suplico essas mãos que não ousam acariciá-la.
- Para você fritarei todas as cascas dos corações.
- Então você tem realmente vinte anos sobre a nuvem de sua beleza?
- Sou muito feliz (ela boceja e se estende, mas eu diante desse espetáculo de fazer furar os olhos me viro e fecho o armário e em um murmúrio:)
- Às vezes há alegrias doces e cruéis.

Ah! Enclausure-me por ter roubado esse segredo e tido a infelicidade de ver o amor sem cair aos seus joelhos...

1927-2005 | Estados Unidos |
PHILIP LAMANTIA



Poemas traduzidos por Márcio Simões. Obra consultada: *Bed of Sphinxes: New and Selected Poems 1943-1993* (San Francisco: City Lights Books, 1997).

A CORUJA

Eu o escuto, eu o vejo — interpenetrar
as sombras curvando as trilhas do jardim,
conforme os passos escuros que subo são iluminados
por seu Olho magnético virado pra lua,
seu Olho magnético virado pra lua.

Eu não o avistei quando as janelas estavam mudas
para sussurrar o seu nome; neste momento
morcegos errantes deslizam no céu.
Sua toca concebe meu coração,
todos os corações traçam o triângulo que ele usa de nariz,
farejando rastros de sangue até meu cérebro:
os rastros de sangue iluminados pelo seu Olho.

Aparecendo de repente ele tortura folhas,
descasca galhos e divide segmentos
que o sol desenhara. Não titubeio
— na escuridão ele se fortifica.
Sua cor é *verde* e verde,
para distendê-lo sobre a terra.
Ele não voa.
Você o encontra enquanto caminha.

Não é fácil fazê-lo manifestar-se,
mas um silêncio rochoso, momentos petrificados
— uma transfiguração — o farão surgir,
focado na tela onde estão todos os corpos transfigurados.
É preciso ser humilde com suas presas
que escavam a bola lunar dissolvendo-se no espaço
no canto do seu olho:
ele vai tirar você de tempo de outro modo
— à luz do dia, onde você encontra seu duplo enquanto corre.
À noite, os deltas do planeta despejados pela lua
estão bêbados sob a sua luz retorcida.

De dia, ele colapsa o sol.

FUMAÇA MORTA

Milhas ambivalentes, feitiços lançados, bebemos no lago do
ódio
Jades gigantes carregavam encantamentos, eu brincava com as
janelas do Inferno
Pássaros perfumados de salas emblemáticas
partiam o fogo em dois — cavernas bocejavam muros, gritos,
tigres
uma milha sob Saturno
presença da danação
Sombras no prado iluminavam as vacas
que faziam a caminhada dos mares girar
e lendas, talos de ferro na floresta, entalhadas geometrias de
Azoth

Os ventos não voavam mais longe do que quando paramos
onde a vela atingia os quartos onde você olhava os vazios
— uma besta numa estrela, Jaiba na lua, o dente cravado —
Talos de loucura triplicavam o fogo
e enviavam jardins sob o mar
montanhas caíam cachorros uivavam
Você — Ó lado negro da lua —
luz entrelaçada — sombras corriam na água —
hieróglifos indecifráveis, pedras dos imortais, — troféus
sangrados em ouro!

A CONDIÇÃO DIABÓLICA

Conforme as mulheres que moram umas dentro das outras
descendem de suas regiões polares
até o círculo de demônios
me sinto pronto para oferecer-me às lustrosas cobras
vermelhas
entrelaçadas nas cabeças dos feiticeiros

Entre os braços escuros desabando sobre o pântano
correndo para me abraçar
e o sol distante em que habitam os homens que detêm
de punhos cerrados os Olhos do Mal
entre as tumbas e camas de mágicos desossados
que trabalharam no segredo das torres abandonadas
apesar do meu corpo se evaporando
apesar dos lagartos que rastejam nos altares onde
as cruzes estão sendo preparadas
apesar da intrusão das empregadas do doutor
e dos egiptólogos
apesar do antigo templo dórico trancafiado pelos amantes da
arte
apesar do ninho de mendigos loucos
o canto é ouvido
e as palavras do canto estão escritas em jardins oceânicos

As paredes planas estão cantando adeus
tínhamos entrado na cidade onde os mestres mortos nos falam
das catacumbas e das feiticeiras com chifres da África
O encantamento está nos seguindo pelas ruas
e pelo céu
Estamos ascendendo ao cosmos ilimitado da arquitetura
estamos engatinhando de volta a corações enormes
que saltam sobre a neve para subir em nossos corpos
Vem minha cera ritual e círculos
minha rosa vertendo sangue
Quando o dia é iluminado por nossas velas mágicas
e as horas gritam suas canções sádicas e sugam com força
à noite quando os gatos invadem nossos crânios
então saberemos que aqueles que destroem se foram
pelo mundo para assistir ao início do cataclismo
conforme a onda final de fogo derrama dos seus corações

EU ESTOU INDO

Eu a estou seguindo para a lua oscilante
para uma ponte sobre a ampla orla
para vales de belos incêndios
para flores mortas num espelho de amor
para homens comendo minutos selvagens num relógio
para mãos movendo-se em bolsos celestiais
e para aquele quarto escuro ao lado de um castelo
onde vozes joviais cantam para a lua.

Quando o sol surgir ela viverá num céu
coberta de sangue de pardais
e envolta em túnicas de decadência perdida.

Mas estou indo à lua,
e ela estará lá numa noite musical,
numa noite de sorriso ardente
ardendo como uma rodovia do meu cérebro
esparramando seu braço sobre o lago lunar.

O HOMEM ESTÁ SOFRENDO

O homem está sofrendo
dez bolas brilhantes batem no ar
despencando pela janela
na qual seu duplo estende a rede que o ar fez
para apanhar as dez bolas brilhantes

O homem é um quarto
onde a mão maléfica gira uma maçaneta
na dupla porta desconhecida invisível

O homem está sofrendo
com o anzol do umbigo preso numa pedreira
onde dez bolas brilhantes decidiram pousar
E onde a mão maléfica delinea

no ar gelatinoso A JANELA
para bater com força na cauda de sua sombra
Dez bolas brilhantes balançam na desconhecida
e invisível rede dupla
O homem é uma janela falsa
pela qual seu duplo caminha para a verdade
que despenca como dez bolas brilhantes
com a mão maléfica lançada ao ar

O homem está sofrendo
dez pontos brilhantes pregados à porta!

*1928 / Argentina / CARMEN
BRUNA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La luna negra de Lilith* (Libros del Empedrado. Buenos Aires. 1991) e *Melusina o la búsqueda del amor extraviado* (Libros del Empedrado. Buenos Aires. 1993).

O PARTIDO DOS DEMÔNIOS

*Conduz teu carro e teu arado
sobre os ossos dos mortos.*

Provérbios do Inferno, de William Blake.

Meus desejos não querem ser negados
meus velhos prazeres soluçam com o arcanjo primitivo.
Te maldisse, feroz aparecida de pupilas de ônix
e colhi por isto uma exuberante coroa de lírios vermelhos,
apontarei para teu coração de fêmea com minhas flechas de
obsidiana,
destroçarei tuas redomas de mirra e incenso
para que tua carne não possa consolar-se nunca mais com a
espuma.
Como o vapor do mar ascendem os globos de fogo,
como o orgulho dos videntes com os sentidos famintos,
multiplicam-se as orações do tato nas plumas cálidas das aves,
como a madalena conhecerei as doçuras da pele do anjo da
babilônia,
a persistente loucura que se desprende dos ossos
esbranquiçados pelo sol
e as delícias do mel nos lábios do oceano.
Aos despeitados todo o amor
aos abandonados toda a vergonha
aos heréticos toda a glória
Sobre a colina tremem as fogueiras
e se ergue o patíbulo onde o rebelde negro de Surinam
pende como um tigre escuro,
seus enormes olhos nictalópicos contemplam enfebrecidos o
rosto vazio das caveiras.
Não há vinhas para os filtros da ressurreição,
não há deslumbramento capaz de incendiar o vale da morte:
cai o sangue dos sóis fugazes da meia-noite
nutrindo a raiz da mandrágora com seu licor viscoso,
Simão o mago interpreta meus sonhos herméticos

com os signos do jaguar e da cabala,
recolhe meus pesadelos como atos de amor
aceita minhas preces irritadas,
com mudas reprovações, com infinitos sofrimentos,
com descargas elétricas que são como enxames de pássaros
sedentos;
a madona dos destinos, a mulher dos alquimistas
percorrerá a cidade em um corcel de risos noturnos
e de libélulas transparentes como as pétalas do íris.
Eu amarei tua jovem jaula de cabelos de asas de colibri,
teus estremecimentos de chuva nas janelas dos antigos
conventos;
amarei o canto das auroras boreais,
o tremor de tua mão com agulhões
e beberei as flores carnívoras das nepentes no oco das rochas,
percorrerei o submundo de Fonthill, morderei a lua de seus
ídolos;
minha língua de cortesã conhecerá o leite dos jasmíns no
trono.

TORRE INFINITA

Choro porque subi a uma torre da qual não posso descer
choro por todas as coisas perdidas que não recuperarei
choro porque cresci e não posso suportá-lo
porque perdi o centro de gravidade do amor
porque me extraviei em uma selva onde todos os que estão
comigo
são fantasmas translúcidos
e como nas novelas policiais procuram minha loucura e minha
extinção,
porque tenho medo da morte e no entanto a persigo com
passos cautelosos
para que me veja e acabe comigo no acaso do ponto e banca,
porque repudiaram e atiraram à luz todos os meus defeitos,
porque sei que dei tudo o que possuía
e agora que estou desnuda largaram meu coração

na água barrosa do pântano,
porque já não há canções para mim,
porque também fui enganada
e expulsa do édem sem contemplações.
Coração de cristal vais estalar de desespero
no lamaçal musgoso
toda a magia do mundo não será suficiente
para preservar o ritmo de teus latejos solitários
nem o feitiço sexual que me acompanhou por longo tempo
nos desertos da lua vermelha.

Deixaste-me em um bosque vazio, rindo e mentindo para mim
acabaram-se as viagens em vagões de segunda classe
com crianças pequenas nas fraldas.

Ah esse vento de esmeraldas pulverizadas que conduz ao
cemitério.

Sozinha como a menina que fui perambulo pelos limbos
e meus gritos não têm resposta
somente o uivo dos cães selvagens
na noite sem cruz do sul ou via láctea

e o abandono que desintegra a alma lentamente
que a vai apodrecendo lentamente
a alma em pena que dói em todo o corpo,
que já não acariciam ao passar as nuvens de veludo ou a lua de
ouro.

VINGANÇA DE ISOLDA, A DAS MÃOS BRANCAS

Posso acaso conjurar os deuses para que te crucifiquem?
Posso acaso apelar ao raio para que te converta em cinzas?
Posso arrancar a maçã envenenada
desta árvore invertida cujas raízes se afundam no céu
que é meu universo
e oferecê-la a ti para que morras?

Sou eu a víbora Nidhögge que tenta derrubar tua árvore
cós mica,
tua Iggdrasil,
para erguer em seu lugar outra Iggdrasil de nove luas
com seu jaguar em liberdade,
uma árvore celestial onde girem e cantem minhas esferas.
Tem tanto poder o ódio das mulheres que amaram muito?
Pode o ódio dessas mulheres ser o sol do devir?
Pode a morte sacrificial converter as trevas, as orgias e o caos
em uma nova vida resplandescente?
Se renasce depois seguindo a dança das loucas azuis?
Chove e germinam as laranjas andróginas e suas flores?
Há que abolir o tempo, irmã inimiga,
e ali onde eu enterre teu cadáver
na encruzilhada desses caminhos infaustos
todos os peregrinos jogarão uma pedra
porque saberão que te assassinei
e converti esse lugar em sagrado com meu crime.
Ali estará a casa do deus,
o centro do mundo,
o assobio de Delfos
seus oráculos dementes e narcóticos como a própria vida.
Ali estará o abrigo do mundo
porém já não respirarás
e depois da colheita das amapolas
tampouco eu respirarei.
A marmitta das feiticeiras não poderá revelar jamais
porque nem para que existimos eu, tu e ele.
Ninguém poderá revelá-lo.
O mundo é certamente absurdo
e quando aqueles que nos amavam nos abandonam
a dor que nos causam não tem cura.
A dor nos conduz à terra dos que perderam seu sangue
no naufrágio espectral dos desertos
e ali onde na encruzilhada te assassinei.
Na encruzilhada eu a assassinei.
Porque com seu sangue minha dor será lavada,

porque com seu sangue serão lavas as chagas permanentes de
minha alma,
porque com seu sangue perderei minhas memória.
Desdobrarei a vela negra para que ela nos sirva de mortalha.

LOVE FOR SALE

Lanzarote do lago
é essa angústia insensata de teu amor cortês
o que me enlouquece e subleva de teus sonhos maravilhosos.

Olheiras verde mar, sombra nebulosa e violeta da espionagem
velada.

Porque resgataste a rainha Genebra do Outro Mundo
e ela deveria ter-se aberto diante de ti, ansiosa e terrível
como as gatas em zelo
deveria haver guiado tua mão
entre o emaranhado venusiano de suas úmidas relvas
de suas leitosas coroas de noivas de pálpebras brancas e
lascivas
como a espuma das açucenas salgadas que rompem na praia.
Era a flor vermelha de sua vagina de rosa navegada por
ramalhadas celestes.
Era a flor de ouro
da mulher primigênia
era teu pássaro de plumas de diamante que queria aninhar-se
em seu leite,
e no lago dos cisnes que agonizam intoxicados
de perda paixão.
E há pela noite
um perambular de olhos vampirescos,
há plumas de pavão real com luzes de neon
e vagas mulheres de longos cabelos
que entoam fragmentos de Madame Butterfly.
Há gente que canta a epopéia de Severino Di Giovanni,
há mulheres que rezam nuas nas basílicas subaquáticas,

pares que se acasalam como peixes aéreos
inundados de luz e maré preamar estranha de rouxinóis
alcoolizados,
bebendo a saliva dos dragões
que encharcam de violetas e de chamus
a seiva de suas gargantas
rindo-se às gargalhadas do Papa Wojtyła
e dos mulsumanos fundamentalistas.
O inferno bíblico é o melhor lugar para passar as férias
com “gente como essa”.

E, sicários que cheirais a sepultura,
se nos apanhais sem documentos,
se nos apanhais na catatumba molhada pelas lágrimas
onde nos refugiamos de todo o terror do caos,
deixai nossas pupilas drogadas,
deixai-nos os olhos
deixai-nos os sonhos que refletem todo o horror
da lâmpada de marijuana onde se suicidam
as borboletas turquesas.
Deixai-nos o elevador onde se saboreia a genebra
deixai-nos as olheiras pavorosas da ebriedade
dos castelos ruinosos onde a madressilva copula com os
zorrinhos.
Deixai-nos a morte lenta da morfina e da heroína:
nós a ganhamos
jogando um jogo limpo
de criaturas contra mísseis.

Deixai-nos eleger a vida.
Deixai-nos eleger a morte.

Na distância, à meia-noite, quando as bruxas cavalgam,
soam o bandoneón e o sax de Piazzolla e Gerry Mulligan.
Depois, muito longe, Ravi Shankar.
Erotismo sem hemorragia dos Vedas
como o empedrado poeirento das vacas sagradas da Índia.
Ah tão simbólicas as pobres com seus ubres de líquenes roxos,

já tão famintas como seus próprios donos!
Perfume de bosta, de curry nas cozinhas,
de hóstias mastigadas como pão de centeio,
nos perdidos monastérios católicos,
dessa horrenda Calcutá da Madre Teresa,
cheiro de urinas, de sêmem e de sangues menstruais,
junto às vias férreas paralíticas.

Desejo uma violenta inundação de frescas hemácias,
de assassinatos ao estilo ocidental,
as gargantas talhadas de orelha a orelha
como nas novelas de Dashiell Hammett.
Desejo toda a tristeza de Keith Jarrett
em Margot
e de Chick Corea em "This is new".
Desejo, sem nenhum deus onipotente,
esta nostalgia insensata
que enche meus olhos de umidade.
Meus olhos de pestanas surpreendidas
pelo pranto feroz de todos os meus cruéis pesadelos.

O PROCESSO E A CONDENAÇÃO

As flores de teus olhos
se abrirão alucinadas em meus seios para sempre perdidos.
As montanhas nevadas serão a inabarcável altura
que só alcançarás para beijar na boca
a febre de teus sonhos

alarido na pedra

Eu te causava repulsão
meu mundo enfermo tornara-se insuportável para ti
e assim me condenaste ao pavor permanente
conheço como ninguém as ensolaradas cabanas
onde se derramará o fogo de tuas quimeras
conheço tua feroz certidão de nascimento,

a da mulher sem cabeça
e posso imaginar-me o dourado templo outonal de teu epitáfio.
Meu coração transborda de amor por ti e de maldade,
não temas. Ninguém te molestará em teu refúgio.
Aquela que hoje diz que te quer não subirá contigo às alturas.
Estarás só.
Só.
Como eu.

*1928-1953 | Portugal | ANTÓNIO
MARIA LISBOA*



Obra consultada: *Poesia de António Maria Lisboa* (Lisboa:
Assírio & Alvim, 1962).

DECLARA-SE PARA QUE SE SAIBA:

1.º que não apoiamos qualquer partido, grupo, directriz política ou ideologia e que na sua frente apenas nos resta tomar conhecimento: algumas veze *achar bom* outras *achar mau*. Quanto à nossa própria doutrina, os outros hão-de falar.

2.º que não simpatizando com qualquer organização policial ou militar achamo-las, no entanto, fruto e elemento exacto e necessário da sociedade — com quem não simpatizamos igualmente.

3.º que sendo nós indivíduos livres de compromissos políticos permaneceremos em qualquer local com o mesmo à-vontade. Seremos nós os melhores cofres-fortes dos segredos do Estado: ignoramos-los.

4.º que sendo individualidades e portanto *abjeccionalmente* desligados das normas convencionais, temos o máximo regosijo em ver essas mesmas normas nos componentes da sociedade. Assim delas daremos por vezes testemunho e mesmo ensino.

5.º que não somos assim contra a ordem, o trabalho, o progresso, a família, a pátria, o conhecimento estabelecido (religioso, filosófico, científico) mas que na e pela Liberdade, Amor e Conhecimento que lhes preside preferimos estes.

6.º que a crítica é a forma da nossa permanência.

Acreditamos que nestes seis pontos fundamentais vão os elementos necessários para que o Estado, os Governos, a Polícia e a Sociedade nos respeitem; nós há muito que nos limitamos neles e neles temos conhecido a maior liberdade. Não se tem do mesmo modo limitado o Estado, a Polícia e a Sociedade e muito menos o seu último reduto: a família. A eles permaneceremos fiéis, pois todo o nosso próprio destino e não só parte dele a estes seis pontos andam ligados como homens,

como artistas, como poetas e por paradoxo como membros desta sociedade.

VÍRGULA

Eu menino às onze horas e trinta minutos
a procurar o dia em que não te fale
feito de resistências e ameaças — Este mundo
compreende tanto no meio em que vive
tanto no que devemos pensar.

A experiência o contrário da raiz originária aliás
demasiado formal para que se possa acreditar
no mais rigoroso sentido da palavra.

Tanta metafísica eu e tu
que já não acreditamos como antes
diferentes daquilo que entendem os filósofos
— constitui uma realidade
que não consegue dominar (nem ele próprio)
as forças primitivas
quando já se tem pretendido ordens à vida humana
em conflito com outras surge agora
a necessidade dos Oásis Perdidos.

E vistas assim as coisas fragmentariamente é certo
e a custo na imensidão da desordem
a que terão de ser constantemente arrancadas
— são da máxima importância as Velhas Concepções pois
a cada momento corremos grandes riscos
desconcertantes e de sinistra estranheza.

Resulta isto dum olhar rápido sobre a cidade desconhecida.
E abstraindo dos versos que neste poema se referem ao
mundo humano
vemos que ninguém até hoje se apossou do homem
como o frágil véu que nos separa vedados e proibidos.

CONJUGAÇÃO

Para o A. Cruzeiro Seixas

A construção dos poemas é uma vela aberta ao meio
e coberta de bolor
é a suspensão momentânea dum arrepio num dente
fino
Como Uma Agulha

A construção dos poemas
A CONS
TRU
ÇÃO DOS
POEMAS

é como matar muitas pulgas com unhas de oiro azul
é como amar formigas brancas obsessivamente junto
ao peito
olhar uma paisagem em frente e ver um abismo
ver o abismo e sentir uma pedrada nas costas
sentir a pedrada e imaginar-se sem pensar de repente

NUM TÚMULO EXAUSTIVO.

UMA VIDA ESQUECIDA

Para o Fernando Alves dos Santos

Eu conheço o vidro franja por franja
meticulosamente
à porta parado um homem oco
franja por franja no espaço
meticulosamente oco uma porta parada.

Um relógio dá dez badaladas ininterruptamente

dez badaladas por brincadeira dança
um homem com pernas de mulher
e um olhar devasso no Marte
passo por passo uma criança chora
uma águia e um vampiro recuados no tempo.

RECUSA

I

É muito possível durante os primeiros meses
uma importante viagem à Ásia - essa
é uma das consequências
secretas
em que não se tomaram quaisquer resoluções finais
e ambas chegaram igualmente.

II

ainda um cu marinho de agonia onde eu
sou um copo de aguardente francesa e tu
uma gaivota que passa rente ao barco que me leva

III

- Eu sou uma coisa qualquer
Eu sou uma qualquer coisa
sou uma qualquer coisa eu
uma qualquer coisa eu sou
qualquer coisa eu sou uma
coisa eu sou uma qualquer
EU NÃO SOU UMA COISA QUALQUER
- eu sou uma cidade
- eu sou ZANONI de Bulwer Lyton
- eu sou uma errata
- onde está a minha vida deve-se a ver a nossa vida
- onde está Deus deve-se ver o Diabo

- onde está o Amor deve estar o Grande Amor Mágico Amor
Meu
- onde estou Eu deves estar Tu
- onde estão os lábios da nossa vida HÁ uma porta secreta
minúscula

O-AMOR
MEU AMOR

*1928-1983 | Peru | MANUEL
SCORZA*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Obra poética (Lima: Peisa, 1990).

VALSA VERDE

A Rodolfo Gómez Silva

Não viajaremos a estranhas ilhas,
a países de cabeleira incandescente.
Não partiremos,
não sairemos da cidade ululante.
Sob as árvores vertiginosas do crepúsculo
vestidos de viúvos, nos veremos.
Nas estepes dos gentios
tu me verás, eu te verei, nós nos veremos.
E me dirás: “faz frio” no inverno,
e te direi: “faz calor” – no verão.
E ao redor de nós
as lembranças de bico ensanguentado.
As hélices amarelas do outono
degolando pássaros inocentes.
Certa tarde – qualquer tarde –
em uma esquina nos desconhecemos.
E pelas ruas diferentes
à velhice iremos.

VALSA CINZA

As torres mais valentes
agacham a cabeça
quando chega o outono
com a plumagem CRIVADA.
No outono as árvores
acendem seus olhos mais tristes.
Outono, no entanto, era
quando vi em teus olhos
comarcas onde ardia outro sol.
Agosto, o coxo malvado,
cuspia as janelas;
a névoa grasnava nos telhados.

Porém nós caminhávamos
– oh pradarias, oh pontes –
por países de diamante.
Teus vinte anos saltavam como peixes
e o coração MERLIN se me saltava.
No palácio dos vaga-lumes
bailamos danças lancinantes.
Hoje o outono chega em ti
e sem ti os crepúsculos desalentados
mal sabem por seus velhos trajes.
Os pássaros idiotas
repetem esverdeados
as canções de ontem.
Lentas cruzam o céu
as tardes desastrosas.
Pobre é o mundo:
apenas tu autorizaste o maravilhoso.
Viver é longo.
Ave carniceira é a Melancolia.

DESENGANOS DO MAGO

I.

Antigamente eu vivia em uma torre que custodiavam tardes de
sussurrantes colares.
Eu espreitava as caravanas que, ao cair dos crepúsculos,
entravam nos pátios empoeirados de azul.
Eu jamais dormia.
Porém talvez tenha dormido, talvez tenha sonhado que um
rouxinol sedento secava os mares.
Porque tartarugas suspeitas começaram a me seguir.
Eu tinha dez anos e nas tardes olhava flutuar nos tanques
cidades de olhos magnéticos.
Cada noite a maré depositava nas árvores ilhas adormecidas.
Em bosques de mel aguardava Lucy, a diminuta menina de
cornos reluzentes.

Lucy soluçava pelos elefantes enredados em minha barba.
Lucy era uma gaivota.
Eu era um caranguejo, um lírio, uma árvore relampejante.

II.

Débora: se alguma vez desceres dos telhados, se alguma vez
emergires dos cemitérios onde vives, e cruzares (ave ou
demônio) a Praça do Urso, poderás me ver sob a chuva te
esperando. Porque amei tua caveira de coelho, amei até
enlouquecer teu rosto daninho.

Débora e eu cavalgamos um escaravelho de olhos penetrantes
e nos dias de tristeza percorremos espelhos, uniformizados
de azul.

Débora matava as pulgas que havia nela enquanto eu recitava
meus Grandes Cantos.

Apenas uma vez me permitiu beijá-la. Foi nos jardins: a
primavera assobiava sua tonadilha enquanto ela movia a
cauda, assustada.

Porém tão logo a beijei, sacudiu o pólen de sua saia, uivou à lua
e fugiu pelos desfiladeiros.

Eu felizmente era uma toupeira, eu afortunadamente cavei um
túnel.

Eu estava apenas amancebado com a lua.
Bem sabes, Débora, minha incomparável aranha.
Oh minha calandra!
Oh minha cítara enlutada!

III.

Antigamente fui um Mago Melancólico e invulneráveis
panteras me seguiam agasalhadas em suas sedas.
Graças a um conjuro meu brotaram mananciais de rubi.
Povoei os céus de monstros bondosos.
Eu tinha vinte anos: o ano começava.
Não tremi quando a abominável tripulação pôs a prosa no
paraíso.
Proa no paraíso, charcos de azul!

("Jamais te trairei!, não me renderei enquanto chapinhem as
sereias!" – Menti à musa.)
Eu era imortal, era divino.
Remontei rios de dentes eriçados.
Era o tempo maldito de minha geração.
Ainda escuto gritar os unicórnios pisados pela multidão.
Ainda ouço o povo rugindo para que abdique.
Porém eu não mudo de plumagem: nego-me a iluminar com
meu canto os fétidos estábulos da noite.
Não mais embustes:
Que o Poeta retire a máscara e mostre seu bico afiado.
Porque raivosos exércitos procuram por nós.
Porém eu voo até o futuro, me aninho entre os imortais.
Prometo a todos que uma brisa de calandras refrescará o
inferno.

IV.

Porém chegou o tempo do morcego.
Pelos caminhos enforcaram os elfos.
Pintaram mal as fadas antes de forçá-las.
Minhas magias fracassaram.
Vaguei por planícies de trapo.
Enchi-me de moscas como um gordo verão.
Estive em Samarkanda, a de cabeça submersa.
Apenas insetos povoavam tua urbe, Desesperação!, Oh
Desolado, apenas seu povo cego te viu envelhecer diante
das muralhas!
Atravessei salões enfeitados onde o tigre farejava: tigres
gigantescos entre cujas garras passam rios apavorados.
Até que fugi daquelas tribos.
Assim cheguei a Nínive, a de olhos sangrentos.
A tarde era um peixe de tetas fosfóricas: o rio arrastava
impérios de ouro dançante: eu mesmo era uma serpente
entre tanta beleza.
Tive sorte: fui amamentado por uma fêmea cuja gordura
aniquilava os naturais.

Eu saúdo a que levou visgo e ratazanas frescas à minha toca,
celebro a que lambia meus cabelos dolorosamente.
Oh Nínive vestida com minha alegria.
Nínive de olhos inacessíveis
Nínive de torres sonolentas
Nínive onde ficou meu coração ardendo
Assim começavam os anos de minhas inesquecíveis desgraças,
aquele funesto amor que foi minha ruína, meu tesouro de
cabelos azuis.

V.

Ao sair me derrubaram as rabadas do vento enlouquecido
pelos piolhos.
Para viver compus canções: a turba me jogava ouro por entre
os barrotes.
Já era tarde.
Adoeci.
Agonizei nos bosques. Meu trono era a lua; meu cetro, o uivo
do lobo.
O sol me penteava, adulavam-me seus hipócritas vassalos.
Eu recordava o passado, quando sobre os delfins nas baías da
aurora, fomos horrivelmente felizes.
Reclinei a frente nas catedrais.
Caíam as torres envenenadas.
Sangravam os obeliscos.
Ao amanhecer, me senti melhor: estava morto.
Então o mar ficou grisalho, as ilhas fugiram.

DÉBORA

A Juan Ríos

I.

Bem sei que com teu olho único – com teu olho de monstro
acostumado ao espanto – invisível e alta, lúbrica e negra,
me vês, ferozmente, Débora.
Esta é a hora em que no pavor de teus antros te vestes de
noiva e sobes arfando à tua torre anã, para contemplar-me
amorosa.
Esta é a hora em que, no fundo dos mares, os magos
sonolentos entreabrem suas esverdeadas conchas e a
fatídicas virgens fervem em suas ondas meu passado.
Meu passado!
Em cidades desaparecidas, em templos desfigurados, pulso o
pestilento alaúde cuja música suportam apenas os imortais:
das janelas tenho visto mancar os outonos, tenho visto –
com tristeza – os ventos arrastarem baleias.
Recordo a deslumbrante plumagem dos canalhas, celebro tua
cauda infatigável, choro porque antigamente, a esta hora,
pousavas em meu ombro, papagaio tenebroso.
Eu sei bem – bem sei, amor meu – que agora mesmo te sentas
na profundidade de teu trono e me descobres, sob o furioso
mar, profundamente adormecido.

II.

Quando passo sob tuas sacadas, quando atravesso os pátios,
arquejante sob o peso precioso de minha carcaça, tu
observas a neve de remotos países.
Eu cruzo humildemente o jardim, porém tu não desces para
me ver: estás absorta diante do roseiral de bico curvado.
Talvez seja o crepúsculo: teu rosto arde estranhamente.
Vou então a teu encontro: cruzo empoeirados salões, percorro
palácios submersos, até que vejo piscar teus olhos
pantanosos.

Guinchas então, saltas de galho em galho e foges grasnando
como se tivesses a pata quebrada.

III.

Ainda era noite quando a Melancolia apareceu no alto de sua
torra lívida.

Baixaste os olhos.

Peixes horrendos riscaram o ar, perolados de ira.

Compreendi então que jamais regressariam os dias alegres, as
inesquecíveis tardes idiotas, as felizes noites tediosas.

Enlouquecido, entreabri as luxuosas cortinas do inverno
arruinado.

Sob a lua, arquejantes jacarés de seda nos seguiam.

Envelhecidos tigres de latão se debruçavam nas janelas para te
ver, pela última vez, com olhos furibundos.

Como quem atravessa o passado cruzei a cidade adormecida:
roncavam ainda as torres obesas, empanzinadas de
crepúsculo.

Na aurora, prodigiosamente cansado, me detive entre as
anêmonas: fechei os olhos em tenebrosa paz: desde então
durmo: é raro que cheguem até aqui os peixes, muito raro
que os pacíficos radiolários disputem pelos olhos das
pudicas holotúrias.

IV.

Já não são verdes as plumas dos dinossauros, nem as hienas se
cobrem de frutos quando chega a amável primavera; o
polvo não mais sacode seu bico deslumbrante nos castelos
do estio.

Eu também estou só, rodeado de ilhas melancólicas e, invejoso,
percorro os pátios azuis do mar até que o grande peixe da
angústia quebra com suas rabanadas a cristaleira do arco-
íris.

Não sou belo, nem ágil como o gafanhoto: escondo-me entre as
gramas e devo esperar que guinche o mocho para emergir
por entre as gretas.

Muitas vezes gira a odiosa lua antes que te contemplem meus
olhos úmidos.
Porém esta noite vieste envolta em uma beleza que não é deste
mundo e me olhaste tristemente.
Acariciaste meu lombo tremido e teus olhos se encheram de
águas carnívoras!

V.

Estive submerso por longos invernos, dormi ferozmente sob
os átrios, diante de minha face os mendigos celebraram
suas missas.
O vento derruba invisíveis torreões, o inverno folheia seu
velho livro e eu recordo Débora.
Oh gentis espumas, tímidos mares anões, em vossos sagrados
peitos reclinei minha galhada de ouro quando Débora me
amava!
Era nos desvãos do décimo terceiro mês, era quando meu
coração pastava nas pradarias infantis do mar.
Em sonhos, cristalizado de raiva, vi que o céu adoecia e as
estrelas tossiam e o sol se cobria de moscas vindas do
Oriente.
Oh Débora: quando despertei a corrompida Deusa de Marfim
soluçava; diante dos templos, sob o sol subterrâneo, tua
caveira sorria.

VI.

Se algum dia, em tua barbuda torre, em teu país paralisado,
ouvires arquejar as enferrujadas hélices do ódio,
compreenderás que não menti.
Porque amei teu rosto azul, idolatrei teus olhos viciosos, tua
barriga inchada de fungos mortais.
Não renego que te vi entre os cânticos de seda dos lunáticos,
anunciando os reinos deslumbrantes da peste.
Que amor, que amor pudeste sentir por mim, lívida gralha?

Era verão quando te desprendeste dos campanários – era um escamoso dia de verão – quando emergiste entre as algas gritando: “Vou te perder!”

Eu guinchei de alegria porque havia muitos meses que me negavas teus beijos: embriagado de glória, arrastei pelos cabelos a pobre tarde.

Naquela gruta fomos felizes e os passantes empalideceram quando Débora e eu, docemente abraçados, cruzamos as ilhas, seguidos pelos bandos de aves que levavam às costas nossos mantos.

Débora: tive que partir.

A tempestade tem olhos cintilantes: meu coração padece naquela ilha branca.

Débora: eu sei que me ouves, eu sei que em tua guarida escutas o assobio amarelo de nossa inesquecível cobra e então soluças e depois o esquecimento.

DALMÁCIA

Como Jonas vivi minha juventude no ventre de Dalmácia.

Brisas eram meus cabelos, tufões minhas sobrancelhas.

Em teu ventre mais alto que Órion milhões de estorninhos revoavam.

Eu submergia a buscar peixinhos, percorria córregos, adentrava os iglus para dormir com fêmeas ondulantes.

O vento de março quebra os frascos onde Dalmácia guarda nossos fetos.

Vilões: este é o tempo em que menstruam os anos.

Éramos felizes: por nossos anéis Saturno saltava alegremente.

Jaulas de alísios, auroras palpitantes Dalmácia me trazia.

Porém faltaram as brisas, as pestes despovoaram os mares.

Sob sóis negros, a língua seca, vagamos por oceanos calvos.

Dalmácia agonizante me vomitou sobre as praias,
Eu quis bebê-la
Conduzi-la em meus braços até países verdes.

Eu gritei desde as escarpas:
Dalmácia, é difícil viver!
É difícil levar aos lábios taças
fumegantes de sonhos!

Não me ouvia.
Entre os tímpanos nadava para sempre neblina.

*1928-1986 | Inglaterra | JOYCE
MANSOUR*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Prose et poésie, œuvre complete (Paris: Actes Sud, 1991).

[NÃO HÁ PALAVRAS]

Não há palavras
Somente pelos
No mundo sem verdor
Onde meus seios reinam
Não há gestos
Somente a minha pele
E as formigas que queimam entre minhas pernas untadas
Levam máscaras de silêncio enquanto trabalham
Chegam a noite e teu êxtase
E meu corpo profundo essa polpa sem pensamento
Engole teu sexo agitado
Durante seu nascimento

[EU ROUBEI O PÁSSARO AMARELO]

Eu roubei o pássaro amarelo
Que vivia no sexo do Diabo
Ele vai me ensinar a seduzir
Homens, veados, anjos de asas duplas
Ele vai rasgar minha sede, minhas roupas, minhas ilusões
Ele vai dormir
Mas o meu sono será através dos telhados
Murmurando, gesticulando, violentamente fazendo amor
com gatos

[SOU A NOITE]

Sou a noite
A noite congelada pela fria imbecilidade da lua
Sou a prata
A prata que engendra a prata sem saber o motivo
Sou o homem
O homem que aperta o gatilho e mata a emoção
Para viver melhor

[MEU RISO VOA ALTO]

Meu riso voa alto
Más alto que as togas dos galos-de-campina
Mais alto que a esperança
Meus peitos sorriem quando brilha o sol
Apesar de meus vestidos apesar de meu marido
Sou feliz sendo tão feia
Porque os abutres me amam
E Deus também

[MEU CÉREBRO AFINO]

Meu cérebro afinou
Desde o outono
Por causa da lagosta marinha
Que uiva sob meu leito
Ao despontar cada dia
Meu olho está fechado
Desde o outono
Por causa de meu seio em pau de rosa
Que enrigesce
Meu leito é uma cruz
Desde o outono
Por causa de teu corpo
Que ordena
E ri
Enquando durmo
Quem dera cheguem as primeiras chuvas

[UM RATO]

Um rato
Nada mais que um rato
Menos que um pouco

Apenas um rato
Abria caminho
Até meu sexo
Nada mais que um sexo
Menos que um rato
Apenas o sexo de um meio negro
Menos que um branco
No coração um negro
Menos que um homem
Mais que um rato
Nada mais que um pouco
Tem piedade Deus meu
Do rato

[NUA]

Nua
Flutuo entre despojos com bigodes de aço
Com a ferrugem de sonhos interrompidos
Pelo suave bramido dos mares
Nua

Persigo as ondas de luz
Que correm sobre a areia semeada de crânios brancos
Muda eu planejo sobre o abismo
A densa gelatina do mar
Pesa sobre meu corpo
Monstros legendários com bocas de piano
Se refestelam na sombra dos abismos
Eu durmo nua

[SONHO COM TUAS MÃOS SILENCIOSAS]

Sonho com tuas mãos silenciosas
Que remam sobre as ondas
Rugosas caprichosas

E que reinam sobre meu corpo sem equidade
Eu estremeço e murcho
Pensando nas lagostas
De antenas ambulantes e ávidas
Que raspam o sêmen dos barcos adormecidos
Para logo estendê-lo sobre as cristas do horizonte
As cristas preguiçosas empoeiradas de peixes
Em que me refestelo todas as noites
A boca plena as mãos cobertas
Sonâmbula de mar salgada de lua

*1928-1998 | Portugal | CARLOS
EURICO DA COSTA*



Obra consultada: *Sete Poemas da Solenidade e um Requiem* (Lisboa: Edições Árvore, 1952), *Aventuras da Razão* (Lisboa: Livraria Morais Editora, 1965) e *A Cidade de Palagüin* (Lisboa: & etc, 1979).

PRIMEIRO POEMA DA SOLENIDADE

A labareda ascendente superando as auroras desvendadas: um altar iluminado onde crepitam sons leves, um rio correndo há milhares de anos para nós, alheios da nossa validade, mortificados, lúcidos, exaltados, extáticos, senhores dos melhores ácidos corrosivos, sábios do amanhecer nos arquipélagos, manipuladores das artes ocultas e raras, povoando ora os mais altos cumes ora o leito purificador das enseadas

exuberantes de todo o álcool das palavras, espectadores do próprio olhar nocturno, do ínfimo traço de vida que resta nos museus paleontológicos

Nisto consistirá a nossa tradição e tudo o que de nós for ausente bastará um calmo gesto para o petrificar

E bem dentro de nós um calor cósmico, opaco, tão íntimo que será o perfil arroxeadado, pleno e sombras das montanhas no Outono, as belas montanhas que nos centralizam como se fôssemos navios transparentes sem destino e sem ódios.

E o medo do desfilar de perfis adversos que nos afugentam da nossa verdadeira imagem como entes malditos

e toda esta prova de fogo, imutável, tão necessária a nós, errantes, esta meia-luz que cega mas também ilumina

Hoje, decorrido o tempo sobre a sucessão de múltiplos actos, esquecidos da profética lucidez das visões, soerguemo-nos num último alento como as maiores aves aquáticas que, feridas, vão morrer silenciosamente nas planícies

Mas nunca será tarde para obter a dureza que cria o hábito de elevarmos em grandes gestos as nossas mãos tão pobres, tão despovoadas que nos queimam a carne

Estará bem longe de nós o quarto acto da purificação. Cedo será para distinguirmos as silhuetas das sombras, o ponto médio dos precipícios, a água e a noite

Esperemos conforme os verdadeiros mantendo este mundo interior que nos define até que vejamos outra luz mais quente, até que ante os nossos olhos se descerre todo o conjunto de vendas espessas, todo o duplo movimento inverso da definição

A hora capital surgirá aparatosamente com todas as dependências inerentes à sua qualidade, polarizando e enfrentando toda a substância – o pacto sinistro, misterioso, a fúria que nos qualifica

Os nossos dedos alongados e penetrantes terão o dinamismo da sua potência primária; os nossos actos serão como longos cabos aéreos, elásticos e transportadores; a palavra será leve, insuportável para os mortos, de som agudo, penetrante e insuspeito

O nosso gesto terminará quando se estiolar a última luz e após a queda no mar dum animal ainda não existente, belo e translúcido, para os olhos conseguirem um brilho extraordinário idêntico ao que se avista no centro das mais belas tempestades

Os habitantes das grandes cidades deslocar-se-ão lentamente na direcção assinalada inquirindo temerosamente, uns dos outros, qual o planeta escolhido

NESTE DIA MEU AMOR

Neste dia meu amor
os meus dedos são o candelabro que te ilumina
o único existente.

E o homem
sua esfera perdida em mãos alheias
é o objecto de malabarismo
o insecto
voltejando cega a luz que lhe irradiam
o límpido cristal corrompido
o defunto.

E este patíbulo onde o próprio carrasco se enforcará
eu o digo
será erguido como símbolo de todos os homens.

Aqui a hora vai sendo longínqua meu amor e solene.
O caminho é grande o tempo tão pouco
tenhamos muita esperança e muito ódio
e vítreas flores a ornar o teu cabelo
porque serei o homem para as transportar
e tu a última mulher que as aceitará.

E enquanto assim for
erguer-se-á a nuvem de múltiplas estrelas
a nebulosa
que dizem estar a milhões de anos-luz
mas não acreditemos bem o sabes
porque em verdade a temos em nossas próprias mãos
oculta para a contemplarmos agora.

A CIDADE DE PALAGÜIN

Na cidade de Palagüin
o dinheiro corrente era olhos de crianças.
Em todas as ruas havia um bordel
e uma multidão de prostitutas
frequentava aos grupos casas de chá.
Havia dramas e histórias de era uma vez
havia hospitais repletos:
o pus escorria da porta para as valetas.

Havia janelas nunca abertas
e prisões descomunais sem portas.
Havia gente de bem a vagabundear
com a barba crescida.
Havia cães enormes e famélicos
a devorar mortos insepultos e voantes.
Havia três agências funerárias
em todos os locais de turismo da cidade.
Havia gente a beber sofregamente
a água dos esgotos e das poças.
Havia um corpo de bombeiros
que lançava nas chamas gasolina.

Na cidade de Palagüin
havia crianças sem braços e desnudas
brincando em parques de pântanos e abismos.
Havia ardinhas a anunciar
a falência do jornal que vendiam;
havia cinemas: o preço de entrada
era o sexo dum adolescente
(as mães cortavam o sexo dos filhos
para verem cinema).
Havia um trust bem organizado
para a exploração do homossexualismo.
Havia leiteiros que ao alvorecer
distribuíam sangue quente ao domicílio.
Havia pobres a aceitar como esmola
sacos de ouro de trezentos e dois quilos.
E havia ricos pelos passeios
implorando misericórdia e chicotadas.

Na cidade de Palagüin
havia bêbados emborcando ácidos
retorcendo-se em espasmos na valeta.
Havia gatos sedentos
a sugar leite nos seios das virgens.
Havia uma banda de música
que dava concertos com metralhadoras;

havia velhas suicidas
que se lançavam das paredes para o meio da multidão.
Havia balneários públicos
com duches de vitríolo – quente e frio
– a população banhava-se frequentes vezes.

Na cidade de Palagüin
havia Havia HAVIA...

Três vezes nove um milhão.

OS CARNÍVOROS

Os corpos repousam para amar. Sob a superfície volante das
mesas as sombras transparecem. São asas mergulhadas nas
cavernas. São poços de pequenos astros.

Pensaremos no peixe alado no símbolo erótico na força nas
mais tenebrosas angústias desta existência de carícias de
medo – este porvir anunciador de mais verdadeiras idades.

Paramos nas mergulhadas estradas do limite como se rápidas
viesses ao nosso encontro sobrenaturais chamas.

Paramos olhando perdidos sangrentos carnívoros que temem
o fluir do sangue.

*1928-2003 | Estados Unidos | TED
JOANS*



Poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obra consultada: *Beat Poems* (1959), *The Truth* (1960) e *Teducation: Selected Poems* (Coffee House Press, 1999).

LESTER YOUNG

Às vezes era frio como uma chama
eterna e azul no velho convento
de Kansas City
Às vezes sentia-se feliz até pensar
no lugar onde nasceu e nas colinas
tingidas de sangue e árvores cheias de corvos
Passava a maior parte do tempo soprando
seu sax tenor nos tons mais cool,
gritando às vezes só para nos lembrar
de um certo ponto de suas histórias de banzo
Era nosso presidente, além de ministro
do Jazz que revolve a alma, sabia o que
soprava e sabia o dever do presidente,
pranto, pranto, pranto. Eram muitos
seus seguidores e a maioria deles era
clara – mas nunca falavam com tanta eloquência
em tom tão exorbitante e *funky*.
O presidente morreu, e sabia que ia morrer
mas a morte só o guardou com
Bird, Art Tatum e outros pranteadores do céu.
Anjos do Jazz — não morrem — só vivem
e vivem — em *hipsters* como você e eu

A BATIDA DO SAX

Serpente de metal retorcido / santa trompa de chaves como
canecos de cerveja / cauda fálica, por que a inventaram
antes que nascesse Coleman Hawkins?
Tripa curva de melodias / jaz como se enforcada / Na forma
do inicial de jazz/ muda como palheta quando
Coleman Hawkins a acarinhou /beijou de sons Negros
terão os Belgas vampiros do Congo desaprovado?
O fone tenor/alto/baixo/barítono/soprano/pranto/choro &
grito! sexo-fone / fala-sem-papas-
na-língua-fone ! Como terá tremido Adolphe
Saxe quando Bean sacou sua arma?

Mina de ouro de milhões de sons-maravilhas /notas
negras de mil sombras /cano oco e vazio da
apresentação pobre como o branco /chaves calculadas que
nuca abrem as portas da alma /máquina criada pelo branco
salva
da nulidade por Coleman Hawkins!
Redenção saxofônica /canga moderna no
pescoço dos jazzistas lá posta por Coleman Hawkins
mago de corpo e alma toda cujo espírito vive eternamente
em qualquer saxofone AGORA e em todos os son-o-fones do
porvir

A VERDADE

Se acaso vir
alguém
descendo a rua lotada
falando alto
sozinho
não corra
para o lado oposto
corra para o lado dele
que é POETA!
Ninguém tem NADA a temer
do poeta
só a VERDADE

ANÁTEMA DA EREÇÃO

A lei de Gdansk proíbe
deitar o pênis
sobre o ombro
de homem casado
ou mulher casada
no mês de março
nos vagões lotados

A Saliência Dá Sofrência
e Abala a Paciência da Vítima

Em Adelaide, no transporte público
mas não em táxis ou limusines de aluguel
homens com mais de 18 podem
brincar legalmente com seu pau
SE a mão estiver no bolso
e nele não houver furo MAS
isso não se estende ao bolso
de trás, ali é proibido
A Saliência Dá Sofrência
e Abala a Paciência dos Passantes

Em Indianapolis se mulher ou garota
de 12 anos ou mais for flagrada
desenhando em espaço público
imagem de garoto ou homem de
pênis ereto seja o desenho em qualquer
estilo, seja Egito antigo, Grécia ou Roma
clássicas ou até ao modo moderno
como Mondrian ou Jackson Pollack
poderá ser processada com toda
a severidade do Direito de Indianapolis porque
A Saliência Dá Sofrência
e Abala a Paciência do público

Á região Pública da Masculinidade
Nada tem a ver com a obscenidade
Institucional e ainda assim o anátema
da ereção prevalece mas jamais haverá
o degelo da ereção peniana de tal modo que
permanece muito acima da lei institucional.

1929 | Argentina | JULIO LLINÁS



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *De las aves que vuelan – Antología personal* (Buenos Aires: Editorial Argonauta, 2008).

PALAVRAS CAPITAIS

Certas palavras capitais
foram sendo pronunciadas em meu favor.
Eu combinei sua cal
com minha destreza no sonho
e essa fusão me tem procurado
um instrumento atroz.

E desde então,
quando a noite me expulsa
ou quando tusso,
quando confundo ou esqueço,
quando sangro,
quando segrego ou exprimo,
quando choro,
sei que há um olho que vê
e outro que é visto
e que não basta apenas um deus
para fechá-los.

O SONHO DE ORSON WELLES

Andando pelos portos, sombra!
da ressaca cativa que golpeia contra a murada,
ou então as grandes ondas ferventes
onde vão morrer os camarões
e algumas tardes humanas
com seus bordados de sal,
chega bem pra lá,
na elegância sem piedade,
onde os iates desdobram
seus mosquiteiros luminosos
sob a noite nobre
que a todos acaricia.

Quem és? Diz a cadela babona de colar fajuto,

como te atreves? Este é meu barco.

Sob o mosquiteiro as mulheres bebem suas taças de Seurat,
os cavaleiros deslizam as baquetas pelos canos
de suas pistolas de duelo;
a mais antiga é a mais fina e canta:
eu sou damasquinada e matei Deus
na Normandia.

Andando pelos portos, sombra,
pelas beiradas gordurosas do mar dissidente,
o caminhante viu o mundo em uma esfera de cristal
em cujo centro cai a neve, eternamente.

BIGODES

Stephen Rose amava seus bigodes,
que retorcia deleitado,
e mesmo assim aprovava os meus,
guiados para baixo
e bem civilizados, segundo ele.

Fez uma festa muito bonita
Stephen Rose
em um nightclub de Manhattan,
e contratou um velho crooner
– Mel Tormé –
contemporâneo de Sinatra
e que o superava, segundo ele,
comprometido mais com a paixão
do que com a realidade,
coisa que me parece estar bem,
na minha opinião.

Stephen Rose tinha cinquenta anos
e uma jovem namorada muito bela
que disputava seu amor,

pelos bigodes,
que eram também muito belos.

A namorada
se despia totalmente
quando navegávamos em iate
pela baía.

Gosto de teus bigodões,
me disse uma manhã,
nuazinha sob o sol.
E quanto a mim, gosto de tua boca,
e de teu olhar, eu lhe disse.

Stephen Rose disparou
uma gargalhada
e retorceu seus bigodes
como um soldado húngaro.

CONJETURA

Algo está oculto
nesta casa
e é impossível
encontrar.

Não tem voz
e não se pode saber
se é algo vivo.

Não é o rangido
da madeira nem
o sono azedo
do vinho
nem o vago fedor
dos ratos
sucumbidos

por causa de venenos
de glândulas sexuais.

Algo está oculto
nesta casa
e vaga pelo ar.

Será seu dono
talvez,
serei eu mesmo?

O VOYEUR DE PERNAS

No preguiçoso estendido
sob o teto
sobre a loja de relógios
do velho professor
todos os tempos se misturam;
ah a viela sombria
por onde passam os dias
do voyeur de pernas!

Águas que escapam da mão
enluvada em prata velha
como a seda brilhante
das vadias
que se vestem de vadias.

A prostituta azul
dá o sinal
sentada na vereda
com seu vestido de água verde,
no cerimonioso acento de monsenhor.

Oh graças, graças,
puta amada!
A infância é toda a vida,

sabias?'

no salão do professor
debaixo da casa
soam a um só tempo
todos os relógios.

Já são as doze cumpridas
nas agulhas sem norte
do voyeur de pernas.

*1929 | Portugal | ISABEL
MEYRELLES*



Obra consultada: *Palavras noturnas & outros poemas*
(Organização e prólogo de Floriano Martins. São Paulo:
Escrituras, 2006).

[LIBERTEI OS DEMÓNIOS]

Libertei os demónios,
é inútil que se escondam
atrás da fonte cor-de-rosa
do Jardim das Delícias,
sei que estão lá,
de nada serve atravessar
este mar encristado de cavalos selvagens,
a praia terá dentes
e dedos de enxofre e de sal,
as armadilhas-para-sonhos já levantam
as cabeças de arestas petrificadas
e o tempo, o tempo, esse,
penteia os seus cabelos de areia negra
e alimenta-se do meu desejo de ti.

[GOSTO DE VER AS MINHAS MÃOS]

Gosto de ver as minhas mãos
sonhar contigo,
sonhar os meandros
mais secretos
do teu corpo
floresta e armadilha,
fonte e bramido

Gosto de ver as minhas mãos
sonhar contigo,
entrelaçadas, adormecidas,
recriando o peito,
as espáduas, o ventre,
as coxas, o sexo,
amazônia interior

Gosto de ver as minhas mãos
sonhar contigo,

por vezes um único dedo
desenha no ar
os olhos, a boca, o cabelo,
estrela negra
que só eu conheço
Gosto de ver as minhas mãos
sonhar contigo,
sonhar esta travessia do espelho
de reflexos infindos
que é a minha recordação de ti.
Aliás, que outra coisa
podem elas fazer?

IN MEMORIAM

A Inês Guerreiro

Como é possível descrever com palavras
os mil murmúrios da alma
quando os mortos nos visitam,
a sua essência sutil
constelada de tantas recordações
que o nosso coração se torna
um vasto mar enfeitado?
Hoje foste tu, Inês,
que vieste, com a tua voz
de espuma e de andorinha
falar-me de décors de teatro
impossíveis, de máscaras e de plumas,
como se toda a gente pudesse compreender
a sabedoria do teu universo
de velho carvalho sonhador.
Ah! que saudade, Inês!

PARIS EM 1950

para Robert Desnos

Pequeno pequeno pequeno
ronronava a formiga de dezoito metros
aproximando-se dissimuladamente do Leão de Belfort
mas este fez orelhas moucas,
ele era não apenas de bronze
mas também cartesiano
e dizia para consigo que uma formiga de dezoito metros
não existe
não existe...
No que ele se enganava redondamente
o poeta a criou,
logo ela existe. Q.E.D.
Esteve ultimamente na Praça Denfer-Rochereau?

O COMPLEXO DO ARMÁRIO

Se é infeliz,
insone, angustiado,
cardíaco, dipsomaníaco,
melancólico
ou hipocondríaco,
se anda deprimido
pelo tempo morto dos sonhos
e se acredita
que um na mão
vale mais
que dois a voar,
faça como eu:
arranje um armário.
O meu tem protecção
contra o nevoeiro, as traças,
a amnésia.
possui o tudo-é-d'esgo(s)to,

ar condicional
e muros acolchoados
para cabeças sensíveis.
Previ também
uns ganchos no tecto
para o excedente dos bolsos:
óculos, amores mortos,
sapatos velhos,
casa dos antepassados
e várias outras coisas
de que não direi o nome.
Para as horas de ócio,
escolhi um pedaço de mar,
a biblioteca de Babel,
a praça St. Germain des Prés
às 5 da manhã
e uma floresta do Plistoceno
com inúmeros mamutes
e macairódus,
sem esquecer o fundo sonoro ad hoc,
rugidos, uivos
e barridos extremamente típicos.
Muito repousante.
Experimente
e depois diga se gostou.

*1929-2003 / Canadá / ROLAND
GIGUÈRE*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Les nuits abat-jour* (Montréal: Éditions Erta, 1950), *Les armes blanches* (Montréal: Éditions Erta, 1954), *L'âge de la parole* (Montréal: l'Hexagone, 1965) e *La main au feu* (Montréal: l'Hexagone, 1973).

O GRANDE DIA

Mais tarde o céu rasgado por gritos
mais tarde as crianças nuas
mais tarde os ruídos leves dos belos encontros
mais tarde os punhados cercados pelo amor
mais tarde a piedade dos famintos
mais tarde o livro como um pássaro branco
mais tarde o culto dos inocentes

muito mais tarde
no momento da grande claridade
no momento do grande eclipse
os clarões da lua espalhados sobre o sol
e os traços de pena sobre os muros ofendidos
traços vermelhos rápidos cruéis
e pena de andorinha
imóvel no cume das choupanas
para sustentar o azul das telas
para suportar o teto ausente
longas ausências de antigamente
de hoje e de sempre

muito mais tarde
o céu rasgado por gritos
rasgado como uma asa.

PAISAGEM DESLOCADA

Aos meus amigos pintores.

A tempestade produzia raiva
e a neve nos entrava no peito
pleno peito
coroadas de lancinantes banquisas
coroas de espinhos
enterradas na frente das palavras de amor

ampla tempestade a nossos olhos num mundo desfigurado
cada noite nos arrancava um grito
e nós crescíamos na angústia
lentamente envelhecíamos
e a paisagem envelhecia conosco – contra nós

a paisagem não era mais a mesma
a paisagem estava sombria
a paisagem não nos caía mais como uma luva
não tinha mais as cores da nossa juventude
a paisagem a bela paisagem não era mais bela
não havia mais riachos
nem samambaias nem água
não havia mais nada

a paisagem estava para ser refeita

A ERA DA PALAVRA

Um vento antigo arranca nossos cavaletes
em uma planície diáfana renascem os auroques
a vida sagrada retoma seus ornamentos de ferro
suas armas brancas seus lâminas de ouro
para combates leais

o sílex na rocha espera paciente
e nós não temos mais palavras
para nomear nossos sóis sangrentos

amanhã a cabeça da serpente será comida
a peçonha e o veneno engolidos
qual canto novo virá nos encantar?

PEQUENO DESASTRE FAMILIAR

Acima do espelho, o retrato rasgado do pai, uma mão posta sobre os olhos do seu filho. Na janela, a mãe conta os dias que a separam das folhas mortas. No estábulo, o sangue escorre num grande cesto de vime, uma vez que todos os recipientes de metal foram requisitados para a conservação da água potável pois o poço secou. Todos se perguntam se poderão encontrar pão se isso continuar. O cão assobia. Alguém olha os caminhos que bifurcam sabendo bem a quais covas eles conduzem. Na janela de vidros quadrados, o vidro mais claro acaba de se estilhaçar: o vento se abisma na casa, uma nuvem também entra e vem derramar sua tinta por toda a parte.

Está tudo terminado agora; todos podem chorar tranquilamente.

A SOMBRA DOS JARDINS

A enchente erra no jardim enquanto a jardineira faz seu descanso noturno. Olhe as estações, os caminhos de abandono, as águas felizes, olha o vime da sua vida que trança um cesto de frutas. Olhe e não veja, durma e não ouça.

Louva-a-deuses morrem em volta das lâmpadas.

O que a jardineira não vê, o jardim reflete.

ALTO LUGAR

Após a festa de relâmpagos, o mar cheio de imensas figuras de proa. Na orla, cavalos dando pinotes sacodem seu vestido de cinzas.

Uma nova partida é dada à sombra de uma natureza transfigurada e começa uma corrida sem fim através da

fuligem da noite e o âmbar dos dias para descobrir uma praia cúmplice onde nada, nem um grito, nem um gesto, nem uma palavra, virá quebrar a redondez do repouso sobre uma areia virgem.

No próprio coração do silêncio nasce a chama, o fogo novo.

Sobre o mar, os altos gritos flutuam à deriva, irrecuperáveis destroços.

*1929-2011 / Canadá / PAUL-MARIE
LAPOINTE*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Le vierge incendié* (Québec: Éditions Typo, 1998).

[CÂMARA FECHADA DA ALMA]

Câmara fechada da alma quente sobre o corpo.
Câmara do sonho nas palmas.
Garotinha que penetra no meu sonho na ponta dos pés,
Sem barulho,
Sobra a nuvem de um passo macio,
Cabelos de longo delírio de fontes de corpo de sombra.
Dois braços nos rins.
Adormecer, morrer um pouco.
Boca no meu pescoço.
Mas suspiros de mãos frias,
Mas pálpebras de frentes de pássaros,
Mas mãos cansadas de consolação.
Um sono bem calmo nos cravos da noite.

[SÃO PALAVRAS DE PEITOS AZUIS]

São palavras de peitos azuis
palavras decapitadas
nas antífonas sem voz
os piolhos da família na banheira
são o futuro
das raízes dilaceradas das justiças
fuzilando os corações vazios

São as estrelas do profeta imberbe
aquele que olha para trás
mas que olha para frente para trás
os mesmos olhos na nuca de astro

Tantos muros que ficaram para trás a demolir
a reconstruir amanhã
embocados como uma boca
face aos corais das âncoras na frente
face aos crânios contraditórios das pedras
cada passo mais perto do anterior

até ultrapassar o instante de perceber
raiva elétrica de sua rocha
cada parada a eternidade
mas a corrida do sol das noites
as reflexões amarelas
os poços de cérebros em flor os germes
limões malvas nas têmeoras mortas dos oráculos

[A HORA MAL AFAMADA DAS ABÓBADAS]

a hora mal afamada das abóbadas colcheias e o papel dos
sonhos nos crânios a sedição se explica com a verga dos
curas a revolta acotovelada nos parapeitos das pontes
todos os rios são explodidos coleta de macacos aos defuntos
regados de águas bentas as vidraças são espelhos todos os
santos sujos que apertaram seu nariz nas choças receberam
seu rosto em pleno rosto você não tem mais que se expor nu
diante das donzelas cada carne de vermes brancos senhora
das cidades escombros de suor e prece pão e vinho de
todos os ventres desejados porta-felicidade dos olhos roídos
pelo vício discordante a planta dos pés sobre a cabeça do
escrúpulo eu sou a virgem da serpente

[AS MAIS SELVAGENS DA NEVE]

As mais selvagens da neve
As viúvas rompidas nos espermas
Permissão de alegrias
Sem valor preponderante
Crânio de quilha meus pássaros
Mitrados o cônjuge episcopal

Fantoche dos méis de lua
Errância do fecal as ruas
Desceram em teu ânus
Tua boca de bórax alimentava os colmos

Jamais conheci as buscas
Os troncos penetrados pelas saias
Mas os irmãos têm profissão
De triturar os sexos empoeirados
Sem as munições de fel
Vou beber os retratos de teus seios
As emboscadas de pia batismal
Porta-bandeiras sem armas
Mas a fé mas a surra
Do portfólio sacrossanto
As vergas dos diabos que deificam
O potentado de carmim

[ELES CANTAVAM PORQUE CAMINHAVAM]

Eles cantavam porque caminhavam
Pouquíssimos não sabiam aonde ir
Pois morremos de ir aonde sabemos bem demais
E por saber se afasta o blasfemo
Quando é a injúria que racha o cimento
Quando é a granada que interrompe a sesta
E todos os outros da polícia
Da justiça Da malícia
São as estátuas do templo de dormir
As rubricas de ser beato nas galinhas limpas

Mas o estupor ultrapassado
O sono nauseante que volta para arrotar
No banquete dos ricos
Mas a reprimenda engolida com o punho
E o anel está sempre no anelar.
E todos os outros que o chicoteavam

Embaraçavam-se pouco com a areia movediça
Os poucos perdidos os corvos estão lá
Jamais desde que alguém partiu
Ele retorna ao seu país
Pois ele não existe mais
E a aurora de trombeta e de tijolo
Faz o céu novo como o amor

*1930-1959 | FRANÇA | JEAN-
PIERRE DUPREY*



“Eu dominei toda uma estação de vida” e “Quatro paredes são tão surdas como um critério” foram traduzidos por Floriano Martins. Demais poemas foram traduzidos por Leila Ferraz.

Obra consultada: *Derrière son double. Œuvres complètes*, Poésie/Gallimard, 1999) e *Un bruit de baiser ferme le monde*, poèmes inédits (Le Cherche midi, 2001).

[EU DOMINEI TODA UMA ESTAÇÃO DE VIDA]

Eu dominei toda uma estação de vida
Na minha primeira infância foi dentro de pedra
Minhas primeiras lágrimas saíram com os pardais
Eu vi um deus, eu vi os homens
E meus olhos nem se procuram mais
Ontem eu fui à montanha onde a lua vivia
E voltei com um coração cheio de tristeza
Não me resta mais que um souvenir e uma guitarra quebrada
Um salgueiro chorão despojado e meu vestido de lágrimas
O que é mais triste do que deixar o mundo sem cantar?

*[QUATRO PAREDES SÃO TÃO SURDAS COMO UM
CRITÉRIO]*

Quatro paredes são tão surdas como um critério
E o choro é poder para aqueles que estão escondidos.
Os telhados são como uma seda
Para esconder um rosto e os ossos;
Acima, o céu come seus pássaros
E criptografará até mesmo o zero.

Uma lembrança em uma sepultura,
Uma noite vai encontrar o peso
Necessário para que a ponte tombe
E que a voz baixa regresse
Ao rio atual
Quem bebe as respirações e os mistérios
Sonhou todas as noites com o pescador de penalidades.

GRITO

Um grito interrompido por um relâmpago
Ilumina um apelo estridente como um fio de agulha...

Ao cortar a borda da sombra molhada
Contra a qual se chocou a cabeça úmida
De um pássaro nefasto que cruzou suas asas.
Armado como um golpe seco, um grito
Arranca a sua voz e esmaga a sua boca...
Mudo, banhado em sangue, talhado
Em pingos vivos,
A morte serrou sua voz e em fragmentos
Seu riso
Vitrificado cerra os olhos afogados no azul.
O vidro é rugoso, a correnteza fria.
Na borda sombreada de ferrugem
Contra a qual repousa a negra cabeça molhada
O grito tece uma tesoura de pontas fechadas
E a sombra passageira do pássaro
Abre seu corpo num sopro
Arando as ondas em surdina.
Então
Foi preso, arranhado, forçado
e incrustado sob garras.

[UM DIA DORMIREI O SONO QUE ME APAVORA]

Um dia dormirei o sono que me apavora
Para nunca mais acordar
Descerei até o fim dos tempos esquecidos
Onde choram as sereias.
E as longas viagens que se replicam em minha cabeça
Serão lenços de sonhos
E nosso anjo da guarda que sem nós não voa
Será o arcanjo dessa festa.
Possa durar muito tempo a luz dos faróis
Que nos guiam até a terra.
Esses abrigos construídos pelos marinheiros que flutuam
E que me parecem bem precários.
Aliviados de seus fardos são bolhas de vidro
Carregados pelos anjos

Um sonho que os estrangula como uma laranja
Entre duas braçadas do mar.

NAUFRÁGIO

Sem dúvida, a montanha tem seu próprio silêncio!
As palavras são flores caídas em um banhado de areia –
Escombros sob os pés – o mar,
Seu esporão liberta o navio de sua vela
E de repente a duna é esvaziada de seus raios.
É o som de uma flauta doce que passeia pelo vento.
E lá, enquanto o barco dorme, o mastro se quebra!
A terra ao longe canta apenas
Os refrãos da morte.
A chama do farol
Se apaga.
E as canções das cidades se perdem na memória.
O anjo escuta seu nome pronunciado pela tempestade.
Você se esqueceu da casa secreta de sua vida?
É a bagagem que agarra seus braços!
E as marés que entregam os afogados com as bocas retorcidas.

*1930-1985 / Porto Rico / ROBERTO
ALBERTY TORRES (Boquío)*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Escritos de Boquío 1957-1985 (Puerto Rico: Isla Negra
Editores, 2002).

[ESTIVE MORTO POR UM TEMPO]

Estive morto por um tempo
Entre um milhão de algas
A ver se me contavam
Das genuínas praias
Estive morto por um tempo
Anos em minha garganta
Esperando sem medida
Como um grito de Hosana
Estive morto sim
Morto até as entranhas
Entre novas trevas
Esperando sem ganas
Estive mais do que morto
E nem estive de cama

[DE UM TRAJE QUE PASSOU...]

De um traje que passou e uma encomenda surgiu então o retrato da noite.
Houve dúvida das flores e ante a dúvida um presente foi parido.
Olhos, olhares, ânsias, temor e então distância. Um insulto uma noite em calças cumpridas com fivelas de esperança foi uma lembrança (atrás havia minas); dureza nos corações. Ao capturar uma flor foste logo cultivá-la. Cortou o jardineiro e me abriu uma ferida na fragrância. Um cágado morreu e teu anel se estremeceu. Caminhadas, cios e selva e um regresso te fez amante. Eu seguia transeunte de minha alma e de meu coração descalço saíam chagas.
“Desencontros” três me deste e meu sangue enrubescia. Nasceu uma expressão de tua alma e a minha já te amava, e aprendemos coisas mútuas, transpareci tua carne em luz até que me cegasse e mesmo cego eu te via. Teus olhos! Seguiu crescendo a árvore e se fez foto. Que teto a quatro ventos jogado! Teus olhos derrubavam os ninhos, os ninhos vida

minha: a esperança. Uma ideologia (punhal de lógica) me atravessava e sem que soubesses tua própria mão era o timão que o orientava. Passaram dias longos noites lanças por meu coração e então de vagar por ruas sentadas me encontro como antes na esquina feito parada e meus olhos todo céu apenas esperam a chamada; a chamada; esse clarim de guerra que faz falta para que não exista mais guerra em nossas almas.

MINÚSCULA REFLEXÃO MAIS OUTRA

Entre as ocupações primárias com que se encontra o homem ao fazer terra sobre o planeta conta-se a de fazer Arte: dolência capaz de lhe murmurar sobre seu verbo origem. Por isto que é tão necessário manter livre de adjetivos esta ocupação.

Desde o começo há livrado a arte suas batalhas... algumas supersticiosas, algumas inquisitoriais. Hoje em dia talvez mais do que nunca segue livrando ambas as guerrilhas. (O supersticioso engendra o inquisitorial como por sua vez o inquisitorial engendra o supersticioso e ambos parem confusão)... É um jogo de nunca acabar...

A arte também é um jogo, um jogo tão sério que aquele que se leva a sério não consegue jogá-lo.

Há que deixar as necessidades sérias para aqueles que se ocupam de ser sérios. Sérios são os compromissos, sérias as militâncias, toda alta forma de amar. Porém não confundamos os amores que, sem que o proponham, muito bem poderíamos retornar ao ódio primordial.

BLASFÊMIA

Já não há pranto nem alegria.

Anemia, sim, anemia na paixão.

Os pobres regressaram, somos todos pobres... diabos

As pedras se esconderam.

O sol sai pela maldade, porém não se põe.

A noite é de metal,
A noite amiga, hoje tão irmã da calçada,
da roda, do metal.
O que houve com as árvores?
Os pássaros mofaram?
O ovo dormiu?
A noite tirou suas joias e as jogou ao cego
O rio... não, o réu... o pobre réu.
Subiu o amálgama do tempo,
E a branca lua é branca e a terra já é panteão
As flores se tornaram flechas,
As abelhas? balas, e a paz voou,
E destronou o condor e pôs suas vestes,
E resplandecente retornou como uma lua,
E lançou seu grito de guerra: limpeza total, senhores,
Baixem todas as correntes,
A rota é pela merda.

Já há tempo que não há tempo.
Apenas se vê o reflexo.
A imagem desapareceu.

Que baixem as facas do céu.
Que se revire o estômago da terra.
Que a bola seja parada e o bastão tomado
Pelo arcano atleta, que se repita o guerreiro.
Que o mar se torne mapa e se enrole.
Que se cumpra a vontade do homem:
Que morra o homem.
Que a noite se esconda em seu coração,
Que ali dentro explodam as estrelas,
Que as raízes subam e a selva estire
Os ossos até o vento
Que o sol faça logo sua alquimia
E lhe presenteie uma morte de ouro.

A PALAVRA

A palavra é um trino
que amanhã canta
A ave que se faz crepúsculo
em que a noite dança

A palavra também é
um ímã de negra geada
Um alto abismo de sombras
O pavoroso azul do nada

*1930-1996 / Venezuela / JOSÉ LIRA
SOSA*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Alrededor de la fogata (Caracas: Fundación Editorial el Perro y
la Rana, 2006).

VOZ CORTADA

A Juan Sánchez Peláez

nada brilha, nada reluz neste grito
o despojo amoroso de teu rosto caindo neste peito
adorável besta, tua máscara é uma nova conquista
ágil para a luta tua sombra é um archote
ágil para o amor tua mão é um archote
refreia o navio do novo descobrimento
numa labareda
a frágil casca que apascenta minhas carícias
é uma labareda
apenas uma sob a noite
tua raiz violenta é uma máscara
recorda besta adorável,
tua máscara é uma nova conquista.

agita tuas garras consanguíneas
e que não escutem tua voz cortada
que não escutem teu sotaque desconhecido
nem o brilho reluzente deste grito
este grito
retorna em grandes passos à tua origem.

LAPSOS

Posto que nada será definitivamente lacrado
posto que o ritmo assombroso de tuas nádegas mantem
o feitiço nesta cidade costeira
posto que decidi buscar o tesouro oculto
nas dobras de teu sexo
posto que aprendemos estas fórmulas de memória
e anotamos em livros caixas um espelho despedaçado
uma imagem decomposta
o arco-íris da boneca abandonada na areia
posto que em algum momento começamos

pela cadência do gavião submersa na astronomia
transbordante de trovões e relâmpagos
onde tu és o vestígio da feiticeira
o sistema solar que acariciava o braço e o peito
sua garrafa quase vazia na penumbra
posto que tu eras então a promessa da água
a escuridão que pressagiava minha pele
invadindo a selva de luz negra
aperfeiçoando o jorro de terra e esperma
humilhando, sim, humilhando minha busca da mandrágora
meu regresso à idade média
Posto que no princípio eras favorável à oferenda
enquanto orbitavas até o medo
enquanto giravas até a porta de cristal refratário
retrocedendo ao virar a esquina
e logo aparecias e desaparecias em festa de aniversário
te prolongavas em meu cigarro
para finalmente descer ao centro da insônia
e tu eras a primeira figura do baralho
e eu o rio onde te despias
a ponta da língua
a saliva guardada muito além do branco lençol
Posto que talvez nada seja certo
eu me limito à sombra
a ser a sombra do que buscavas
a ser a sombra
do que buscavas
na loucura.

ESFINGE

Atado a tua órbita secreta
o porvir mitiga plumas irremediáveis
e amedronta
e prostra e ameaça
os jardins cativos
nos oráculos poupados por teu riso

Esfinge desconcertante
malversadora de ritos suspicazes
de palavras referidas aos metais
esquecidas as conjunções obstinadas
te limitas
a estimular pecados taciturnos
reliquias intermediárias da carne
que espreitam coordenadas siderais
O naipe favorável oculta
o arco-íris tributário do poema
e justifica as linhas de tua mão
Esfinge memorável
exalta esses tornozelos revoltosos
de Deusa infiel à balança.

ODE A ANDRÉ BRETON

Havia erguido uma sombra para rachar o meio dia
Havia tomado uma taça para sossegar o mistério
Havia percorrido em grandes bocados o caminho
Havia transitado corrido saltado
Havia dado pequenas voltas ao redor de todos os fogos
Dançado ao redor de todos os ídolos
Para topar contigo na floresta incendiada de tua meia noite
Negra O Encontro nos espreme o canto do pássaro
Não fere a crista a cascavel em suas acometidas mortais
Eu me empinei no cotovelo da Tour Saint Jacques para
Encontrar-te como um astro murcho
Em órbita sonâmbula cacheada de quinina e de curare
Tua presença de esfinge cinzelada de palavras
Flamejantes
De altos relevos balbuciados por Sade
Vociferados pelo adolescente satânico
Palavras gritadas em tua orelha pelo Conde sul-americano
Então Breton marcado na carne viva
Pelo relâmpago gigante brotado de teu dedo indicador
Recebi o golpe

Aprendi a caminhar às tontas no Labirinto.

Grande Bruxo Satã Milenário Ídolo
De língua de fogo Deus Nosso Pai
Fraternal Fala-me
Abandona as comarcas geladas
A tribo de ossos infernais
Abandona o círculo celeste onde emudece
Tua flauta de Pã
E derruba o muro que nos separa
Fala-me Fala
Curta com o facão reluzente de tua antiga
Palavra toda a luz e toda a sombra
Regressa à loucura furtiva
Grande Pai Pagão.

Lobo poético Fera Noturna de caninos
Retóricos sangrando entre tua gente
Eu amarro teu pescoço com uma liana ritual
e exprimo tua Voz Ergo sua espuma tormentosa
E bebo à tua saúde de animal convocado para
A cerimônia.

Escuta meu sotaque mestiço cruzado de rajadas inesperadas
Brotadas dos turbulentos cabelos esbranquiçados de Monagas
Domador de mistérios escualo imediato
Feroz fabricante de imagens venenosas
Lava minha carne Lava minha pelanca.
E ressuscita a cada três dias o chicote de tua língua
Ziguezagueante em uma cova de ossos cinzentos
Escuta André Breton hoje eu te saúdo
Tocando madeira de doces cedros
Traçando quadriláteros efêmeros no ar
Dos tucanos
Eu te saúdo em torrente selvática dos formigueiros
Germinando em teu entusiasmo de chispas fosforescentes
Eu te saúdo Boa Noite Breton
Eu te saúdo com um Eco Selvagem renascendo nesta terra

Eu te saúdo em nome do Pai chamado Lautréamont e do Filho
chamado Rimbaud e do irmão chamado Artaud Eu te
Saúdo sem consultar a Ninguém com todo o desrespeito que
impõe tua órbita terrestre
Com o direito adquirido em tua Vida e tua Morte
(Tua morte morre de nostalgia
Tua morte moribunda de trevas e de sombras)
Conjugadas em um Ponto onde Vigília e Sonho
São também Um
Eu te saúdo velho com um golpe em tuas costas de montanhas
Coroadas pela neve
Um golpe de mãos na dobra inesperada do caminho
Um golpe de dados no tapete de tua fronde
Eu te saúdo.

Não conheço cinzas nem ossos nem vermes funerários
Mais propícios ao rito que os teus
Não conheço uma marca mais funda no lodo asqueroso
Da terra
Uma marca mais precisa no limo e no barro diluviano
Que a tua
Não conheço uma sombra mais bárbara e mais negra no
Castelo
Nem um boné implacável como aquele de múmia prevenida
Que devias luzir no Banquete
Boa Noite Breton
Antes de regressar ao tumulto eu te saúdo.

TALISMÃS INEFICAZES

Nada de presságios
turvados pelos gestos
Nada de profecias andrajosas
recolhidas à beira do caminho
Nada de vozes ao calor
de lenhas sussurrantes
nas salas do sacrifício

nos saguões nostálgicos
no pelo abundante dos lobos
ancestrais.

Os fatos se reduzem
a uma lâmpada seduzida pela penumbra
Uma lâmpada dependurada na beira do precipício
Para purificar a chama lenta
O temor de cair na armadilha
De ser aprisionado pelo abismo.

Os talismãs perdem sua eficácia
desafiados pelo medo
a transformar-se em chaves
em pedras de toque
em portas abertas bosques inimitáveis
Somente o resplendor de teus olhos
o esmalte abatido de tuas coxas
ofertam o equilíbrio
de uma ebriedade perdida no paraíso.

*1930-2003 | Portugal | HENRIQUE
RISQUES PEREIRA*



Obra consultada: *Transparência do Tempo* (Quasi Edições, 2003).

UM GATO PARTIU À AVENTURA

As palavras de vidro que tu depões em teus seios, para me
ofereceres, raspam estridentes na camada inacessível dos
meus olhos;
Caem e eu sonho para espalhar plumas nos espaços;
Trago na mão esquerda, hermética, fechada duramente, as
delicadas linhas epidérmicas,
Leio nesse rendilhado de sensações o roteiro da minha viagem
livre, o meu voo solitário, que eu inicio saltando dos
telhados para as janelas;
É na abstracção hipnótica do rosa íris que eu te vejo
acompanhar a estranha aventura dum albatroz,
E é ao cair da noite que eu aceno longamente os meus braços;
É na harmoniosa vibração azul que eu transmito o Sol
vermelho do poente e da tristeza, e , quando as minhas
mãos se transformam em pérolas puras, os teus olhos
gelam para serem os gigantes da noite;

Livre um gato desliza pela goteira escura da cidade,
livre uma pequena ilha nasce no ponto ignorado do Oceano,
livres as ondas escorregam na superfície marinha,
livres os pássaros e os cavalos na noite da lua encarnada,
livre eu chamo-te dos cumes das serras,
livres as ondas os cavalos e os pássaros;

Abandono a terra da ilha para viver nos abismos, nas cidades
que crescem, nos beijos que enchem o vento,
E oiço a imensa máquina que esmaga o ferro da estrada
construída, a cortina sedosa dos teus cabelos, eu e tu,
e vejo o cego que avança com os braços levantados para o
mundo incompreensível,
e liberta os corpos visíveis: os teus lábios, os teus seios, o teu
sexo; e mãos batem às janelas e imploram: LAMA!,

A um canto morre em agonia o primeiro grito;

O gato parte à aventura pelos telhados, pelos vales e pelos sonhos.

[SINTO OS DESERTOS ONDULADOS]

Sinto os desertos ondulados
e a tua carne,
desejo o céu cristalino
e os teus olhos.
Admiro o crepúsculo acre
e os teus lábios
e vivo em noite na magia
do desespero de quem sabe
que o amor se conta em anos de morte
e sabe que há um sinal
que marca a ruína infalível para a qual escorregamos
a sonhar o enigma das torres que emigram
presas a fios de aço
e que partem com o pensamento
em todas as direcções.
Para sempre e sem memórias.

[O VALE ABRE-SE À SOLIDÃO]

O vale abre-se à solidão e ao silêncio
e os desfiladeiros descem vertiginosamente para o invisível
e do fundo sobe a bruma leve irreal

A luz coloca sombras que se movem suavemente
e o pássaro negro fende o ar cristalino
e a memória das coisas esvaece com a noite

Calma majestosa erguida a toda a altura
a montanha projecta-se na imensidão do horizonte

Para trás o frenesim da vida dos homens

e o ranger de dentes dos esquecidos da sorte
e o caminhar de braços pendentes esgotados

Uma criança algures acaba de nascer
e a mãe protege-a de presságios que lhe gelam a alma

Levanta-se a luz de um novo dia
e nós
esquecidos do que sabemos
sorrisimos para a vida

RECORDAÇÕES

A paz inalterável do amor gratuito que ninguém quer
a saudade sempre penetrante do amigo morto que ninguém
quis
os flagelos para os outros e para sempre com os outros
os nossos irmãos inexplicáveis de perfis irreconhecíveis
a caligrafia escrita no tempo
tudo isto
talvez valha qualquer verdade que te disse
e me esqueci

AO AMIGO DESAPARECIDO

Para António Maria Lisboa

Horas exaltadas
vida extrema
mil sóis e uma única estrela
só te faltou o grão
de poeira
para que o grande arco da tua vida se fechasse.

A tua cama de morte tinha asas
sequiosas de céus infinitos

e não tinhas medo da escuridão dos espaços siderais
já argonauta com um destino de sonho sombrio
onde a morte te tocava sem tu o sentires.

Mago
decifrador do enigma
chave do espaço labiríntico
abismo que se abre em infinito desespero
destino incompatível
dorso de montanha inacessível.

1930-2004 | Brasil | HILDA HILST



Obra consultada: *Da poesia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2017).

[INICIEI MIL VEZES O DIÁLOGO]

Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito.
Tenho me fatigado tanto todos os dias
vestindo, despindo e arrastando amor
infância,
sóis e sombras.

Vou dizer coisas terríveis à gente que passa,
dizer que não é mais possível comunicar-me.
(Em todos os lugares o mundo se comprime.)
Não há mais espaço para sorrir ou bocejar de tédio.
As casas estão cheias. As mulheres parindo sem cessar,
os homens amando sem amar, ah, triste amor desperdiçado
desesperadamente amor... Serei eu só
a revelar o escuro das janelas, eu só
adivinhandando a lágrima em pupilas azuis
morrendo a cada instante, me perdendo?

Iniciei mil vezes o diálogo. Não há jeito.
Preparo-me e aceito-me
carne e pensamento desfeitos. Intentemos,
meu pai, o poema desigual e torturado.
E abracemo-nos depois em silêncio. Em segredo.

[TENHO PEDIDO A TODOS QUE DESCANSEM]

Tenho pedido a todos que descansem
de tudo o que cansa e mortifica:
o amor, a fome, o átomo, o câncer.
Tudo vem a tempo no seu tempo.
Tenho pedido às crianças mais sossego
menos riso e muita compreensão para o brinquedo.
O navio não é trem, o gato não é guizo.

Quero sentar-me e ler neste noite calada.
A primeira vez que li Franz Kafka
eu era uma menina. (A família chorava.)

[NÃO HAVERÁ UM EQUÍVOCO EM TUDO ISTO?]

Não haverá um equívoco em tudo isto?
O que será em verdade transparência
se a matéria que vê, é opacidade?
Nesta manhã sou e não sou minha paisagem.
Terra e claridade se confundem
e o que me vê
não sabe de si mesmo a sua imagem.

E me sabendo quilha castigada de partidas
não quis meu canto em leveza e brando
mas para o vosso ouvido o verso breve
persistirá cantando.
Leve, é o que diz a boca diminuta e douta.

Serão leves as límpidas paredes
onde descansareis vosso caminho?
Terra, tua leveza em minha mão.
Um aroma te suspende e vens a mim
numas manhãs à procura de águas.
E ainda revestida de vaidades, te sei.
Eu mesma, sendo argila escolhida,
revesti de sombra a minha verdade.

[ENQUANTO FAÇO O VERSO]

Enquanto faço o verso, tu decerto vives.
Trabalhas tua riqueza, e eu trabalho o sangue.
Dirás que sangue é o não teres teu ouro
e o poeta te diz: compra o teu tempo.

Contempla o teu viver que corre, escuta
o teu ouro de dentro. É outro o amarelo que te falo.
Enquanto faço o verso, tu que não me lês
sorris, se do meu verso ardente alguém te fala.
O ser poeta te sabe a ornamento, desconversas:

“Meu precioso tempo não pode ser perdido com os poetas”.
Irmão do meu momento: quando eu morrer
uma coisa infinita também morre. É difícil dizê-lo:
MORRE O AMOR DE UM POETA.
E isso é tanto, que o teu ouro não comprar,
é tão raro, que o mínimo pedaço, de tão vasto,

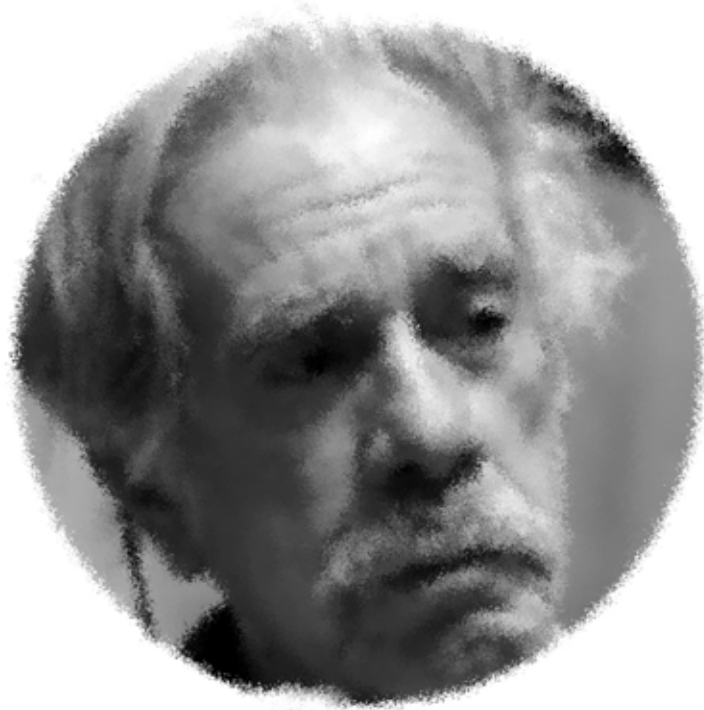
não cabe no meu canto.

[DE TANTO TE PENSAR]

De tanto te pensar, Sem Nome, me veio a ilusão.
A mesma ilusão

da égua que sorve a água pensando sorver a lua.
De te pensar me deito nas aguadas
e acredito luzir e estar atada
ao fulgor do costado de um negro cavalo de cem luas.
De te sonhar, Sem Nome, tenho nada
mas acredito em mim o ouro e o mundo.
De te amar, possuída de ossos e de abismos
acredito ter carne e vadiar
ao redor dos teus cimos. De nunca te tocar
tocando os outros
acredito ter mãos, acredito ter boca
quando só tenho patas e focinho.
Do muito desejar altura e eternidade
me vem a fantasia de que Existo e Sou.
Quando sou nada: égua fantasmagórica
sorvendo a lua n'água.

1931 | Venezuela | JUAN
CALZADILLA



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Dictado por la jauría (Ediciones El Techo de la Ballena.
Caracas. 1962), *Malos modales* (Ediciones El Techo de la
Ballena. Caracas. 1965) e *Antología paralela* (Fundarte.
Caracas. 1988).

GOLPEANDO O ABISMO

Entre meu espírito e eu se interpõem minhas roupas
levantam-se meus atos os muros de espessura de lucíola
que admito desconhecer como ao tecido dos cromossomos
os abismos brandos que se encrosta em meu corpo
feito de uma matéria de lava cosmogônica e nervo
de convulsão doméstica
de tumor amistoso com forma de cratera medicinal
uma substância feita de corpúsculos de existência diária
providos de tempo necessário para cada pulsação
e cada um dos quais é ao mesmo tempo um átomo
um anjo uma obra de arte uma explosão
um deus de espessa crina solar
diariamente adquire consciência desse desequilíbrio
de arco perigosamente estendido
a que me condena um pensamento a ponto de disparar.

CIDADE DESERTA

Ao chegar, o viajante busca alojamento no mais antigo
hotel, sem sequer suspeitar que a cidade foi abandonada
há muito tempo. E é que essa impressão de ruína
e solidão que descobre por todas as partes resulta apenas
comparável com sua tristeza de visitante. Observando as ruas,
qualquer um diria que as casas continuam ocupadas, as lojas
abertas, a vida a ponto de começar depois de uma noite
de tormenta. Mas não. A cidade está deserta há muito
tempo. Um fungo úmido e violáceo brota na madeira das
portas por cujos orifícios as lagartixas se esforçam em
penetrar os salões principais. O mato ocupa o lugar
das camas: linguagem de pólipos ressecada e tibia sob a viga
carcomida de onde os tetos descem traçando círculos
cegos. A certas horas, o mar se introduz nos pátios
das mansões, deposita maciços de coral e conchas de
moluscos ao pé dos frisos e, logo como respeitoso da
linhagem violada, com um suave bamboleio, se retira dos

apostos senhoriais onde tem acumulado os restos de
uma matéria viscosa e branca como petróleo. No limite, além
das últimas casas, desperta o deserto. Sopra um vento
pungente sobre a praça pública em cuja redoma, quase coberta
por um montículo de areia que imita um pedestal, emerge
a cabeça do prócere. É, desde já, uma maneira de morrer
lentamente sob esse golpe de enxada com que a brisa grave
vai descobrindo as tumbas onde, cotovelo a cotovelo,
descansam
os habitantes.

TRÂNSITO

A bolsa ou a vida
Isso é o que não se cansam de nos pedir
como se a alternativa fosse iniludível
e o transe de decidir mais importante que o resultado da ação.
O que não está bem é a forma de propô-lo
e que justamente a solicitação impugne com urgência de
revólver uma ou outra coisa
sabendo que ambas nos foram confiadas em empréstimo
como quem diz por uma temporada
e que igual daria pedir tudo por último.
Que usem navalha, arma de fogo ou que nos passem
simplesmente a conta
não modifica de forma alguma o marco da situação
nem diz nada contra as regras do jogo.
O que nos desgosta é o cortante da fórmula
ou talvez o fato de que para responder
não possamos dispor nem da vida nem da bolsa.

MÁS NOTÍCIAS

De todas as partes as notícias são más
Acontece que chegam aos montes
entre lufadas e penetram com o vento

pelas portas os corpos os rádios as janelas
somando nossas vidas
ao caos de uma grande inundação.
Nunca sabemos onde alojar tantas más notícias.
Jamais dispostos do número exato de galpões.
Certamente, não há maneira de convencê-las
de que fariam melhor papel vivendo em um mundo à parte
no qual sempre se poderá aceitar
que o mal está condenado a ter razão.
Mas é que ao longo se tornaram
tão familiares
que se negam a sair de nossas casas
e desejariam apenas valer-se de nós
como de seus verdadeiros corpos.
O mal é que ocupam demasiado espaço
e ao crescerem como rizomas
ameaçam arrebatá-los o nosso.
Na mente não cabem.
No coração tampouco.

DO ESQUECIMENTO

Assim como há um afã de novidade, há um afã de esquecimento. A isto se deve atribuir que encontremos novidade no que, havendo-o esquecido, achamos como novo de repente pela segunda vez.

Se não houvesse esquecimento, não teríamos que nos dar ao trabalho de inventá-lo: ele mesmo se ocuparia de fazê-lo.

O esquecimento é aquela porção de morte
que proporciona o não saber-se.
Ali está resgatando-se apenas para si mesmo
desde o fundo de nossa própria ruína.
E que fazes tu para contradizê-lo?

O esquecimento vive em nós, nos exprime.

Somos a seiva
pela qual ele nos retribui,
sem pagamento por havê-lo alimentado,
o nada.

SANTIDADE

Há certo misticismo em admitir
que o poeta deve ocupar-se
da realidade.
E mesmo que não o faça
porque falhe aqui seu sentido prático,
já há bastante santidade
no fato de que
nestes tempos obscuros
possa ocupar-se de algo
que, como escrever, a ninguém faça feliz.

CICLO

A humanidade decresce com o indivíduo.
Reduz-se paulatinamente,
Caricatura-se neste.
Porque o indivíduo a representa,
É sua encarnação vivente.
A lenta degradação infantil da mente
Privilegiada do artista é sua metáfora.
O poder do mundo diminui
Com cada homem que envelhece.
Com este envelhece tudo.

*1932 / Espanha / FERNANDO
ARRABAL*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Clítoris (Venezuela: 2008) e *Mis humildes paraísos* (Barcelona:
Ediciones Destino, 1985).

CLÍTORIS
(en toda inocencia)

Janela do mar para a tempestade e suas ondas
Sol da amêndoa para o dardo e suas trombetas
Lua do crepúsculo para o lascivo e seus caprichos
Carne de impudor para o desejo e seus tumultos
Concubina do púbis para o macho e seus males
Pimenteiro da fusão para o quarto e suas tigresas
Harmonia de verticalidade para o carnívoro e seus chupões
Selo postal para o criador e suas alucinações
Joia do orgasmo para flauta e seus dedos
Plena de existência pela intimidade e seus rituais
Oficina de amor ao martírio e suas brasas
Coração de espasmo para ejaculação e lambida
Flor de furor para o sádico e suas mordidas
Moinho de delícias para a arma e seus tiros
Margarita de Eros para o libidinoso e seus fervores
Nicho de enigma para a penetração e seus raios
Vênus de adoração para o caule e seus carnavais
Botão de ligar para o pênis e seus caprichos
Rosa de beijos para o adorador e seus charutos
Calibre de loucura para o bulício e suas dileções
Concha de sedução para o precioso e seus himeneus
Escudo de delírio para o rouxinol e seus caprichos.
Trago de ardor para a fantasia e seus nós
Mandolina de calor para a flecha e suas intrigas
Morango de dilúvio para o delirium e seus tremens
Ninho de culto para o marquês e suas ataduras
Caixa de ereção para o clavicórdio e suas paixões
Mecha de feitiço para a adaga e seus toques.
Tesouro de febre para o falo e suas queimaduras
Cetro da chama para a cerimônia e seus frenesis.

[COM QUE EXUBERÂNCIA JUBILOSA A COR]

Com que exuberância jubilosa a cor,

com ciúmes da forma,
concebeu as nuances
nas asas
da libélula!
Com que fulgores precisos
a harmonia
pôs colofão
no flash iridescente de sua gama!
Com que reverencia justa os afetos
variaram os tons
para uma beleza
mais sentida do que criada!
Com que presente infinito
as cores infinitas
deixam de ser belas
para parecer sublimes!

[À BELEZA PARECEU]

À beleza pareceu
museu estreito a terra;
buscou no ar,
e nos confins do primor e da harmonia
encontrou a borboleta Vanessa
Que mistérios se escondem
atrás de suas paredes de púrpura!
Tanto prodígio com tanta harmonia, tanta variedade com tanta
permanência,
que a sua moderação não explica
decompondo seus elementos.
Pompa da graça inefável,
consequência dos atributos sutis
que nada pode alterar
um átomo de sua beleza.
Suas asas vestidas com cinza
estão cobertas do esplendor
de seu manto puríssimo

tão sem travagem de finura
quanto picado de excelência.
Empenhada na descoberta me faltam palavras
onde me sobra a devoção.

[COM QUE DESENVOLTURA]

Com que desenvoltura
entram cem pés
na existência!
É vagabunda a centopeia
que não conta seu caminho
por passadas,
mas sim por desfiles,
que afã tão disputado!
Não tremem tanto suas patas de torpeza
quanto de recato.
Seu corpo enfaixado de joelhos hospeda a divagação.
Saboreando o vagabundo seu coração não sabe se o instinto
lhe guia ou o hábito o conduz. Contemplando seus pés tão
reduzidos sonha com caminhos infinitos. Pede ao tempo
que lhe permita um tempo o que deseja uma eternidade de
vadiagem.

[SELO ENVERNIZADO]

Selo envernizado
que reduzida a redondeza da laca
reproduz o imenso firmamento.
Com prodígio prodígio, o artista
dá, um a um, meteoritos
pintados para cada borboleta.
Com que gozosa felicidade afundo
na essência da obra,
experimentando o deleite minúsculo
e tirando o conteúdo inesquecível.

Suas asas dobradas no convexo cenário fechado
revelarão a função.
Quando o selo é partido em duas metades
os bordados negros e as asas aparecem, a borboleta se cala.
Com que esforço se lança até o céu!

*1932-1976 | Argentina | MIGUEL
ÁNGEL BUSTOS*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Visión de los hijos del mal - Poesía completa (Buenos Aires:
Editorial Argonauta, 2008).

NÃO CREIO NO MISTÉRIO DA CHUVA

Não creio no mistério da chuva
comedora da noite nas janelas.

Creio nos pássaros que arranham os sóis e as luas.

Não creio na chuva
em sua força que morre no pó.

Creio no mar pai desta chuva.

Não creio na chuva porque penaliza
e nos dá árvores bem negras.

Creio em nós que dormimos abraçados.

RAJADAS

Neste pouco de vinho
descansa uma uva inflamada de sol
quebra a alma uma pedra de fogo.
Tudo foi muito lindo teu corpo de água teus olhos violentos.
Brutal o pássaro enlouquecido de plumas. Brutal nós dois.
Como uma virgem suave
cheirosa
a virgem tinta
enamora entre as pernas
a palavra dor.
Dá-me a mão um pé teu um pelo para levar no coração. Eu te
dou uma gema de meus dedos para que toques o que toco.
Assim te abrirás.
Chove
vinho
nas
entranhas.
Chove fogo.

Eu te contei a história dos fantasmas dos longos subterrâneos
da madrugada. Agora nos toca lavar as caras lavar as ruínas do
coração
Amanhece nas uvas do poema
amanhecemos sorrindo como um leite e um pão
ou um peito.
Ou nada mais que um pássaro visível em suas plumas
de fogo.

JOANA A LOUCA ENTRA EM MEU CORPO

O calor imenso queimou os vidros. O arco da janela explodiu; a
porta já havia caído na fumaça.
Eu, o que fazia passeando?
Ali fora vozes e gemidos, jorros de água saltavam na rua.
Venha, venha!, a voz do bombeiro que perigosamente havia
subido até a minha janela para resgatar-me me fez
aproximar.
Dá-me a mão!
(Porém então eu lhe disse): sou Joana a Louca, diga-me que
sim.
Ele não ouvia, buscava minha mão.
Sabendo o risco que corria soltei o punho do homem e me
perdi na fumaça.
Procurei minha cama. Leves chaminhas seguiam o tecido da
colcha. Eu a pus para um lado, e me deitei. Fechei os olhos.
Porém de longe me gritaram durante muito, muito tempo: és
Joana, Joana nos infernos.
Dá-me teu corpo mortal.

ARQUIPÉLAGO DO TREMOR

Sobe o mar salga as areias incendeia a grama com sóis caídos
em suas águas.

Eu quero habitar a terra que treme como um pulmão de criança. Que lance frutos até os céus cruzados por pássaros de vidro em sangue e plumas.

Quando movo a língua buscando palavras como uvas bebo seu álcool que invade minhas veias como um beijo de lábios vazios. Oh minhas palavras minhas meninas.

Vamos ao Arquipélago Santo do Tremor, a suas pedras seus mármore gelados que riscam rios violetas contra selvas negras como coágulos.

Ouve a lua abrir o céu de mercúrio.

Olha as estrelas *os verbos incendiados* como falam dão à boca a nova língua do milhão de letras de poucas letras. Em suas costas quebram colunas de Galáxias, cristais habitados que esperam uma língua para nascer In Gloriam.

Corta o ar um punhal de verbos minha língua é sua criança. Sob o azeite alucinado do mar minha boca devora peixes espessas catedrais falantes.

Eu sei tua cifra, tua cifra oculta abismo dos céus.

Minha palavra-ventre da profecia, estamos nas Ilhas Verbais. Quando for noite, a noite livre do verbo futuro, detidos no abraço com uma mão apenas em teu corpo suportemos o alarido que fende o Universo. Demos nossas bocas templos azuis atravessados por clarões.

Na cruz o idioma espera a lança que fira seu dorso visionário.

CONDE CASA NEGRA
*CONDE LAUTRÉAMONT*⁷

Sob a lua rosada de Montevideu em chamas
amaste o número e o grito do mar.

Pastor de lobos na tarde
que sonho em música de abismos
atou a tua língua às alturas do céu?
(Joguei com teu crânio

⁷ Poema incluído em catálogo coletivo – “Lautréamont 100 anos” – de exposição realizada na Galeria Gradiva, em Buenos Aires. [N.A.]

esmeralda de prantos
uma e mil vezes cinco
na Buenos Aires do Sítio.
Minha alma com a tua
na praia fantasma do século)
Conde plebeu
tens o rosto de todos os crimes
de toda a inocência
do rosário nas mãos
de uma donzela em luto.

Rogo a ti conosco;
potros escuros
raios com tua ardente sombra;
queiras dar o verbo que tua entranha
deseja para selvas da aurora
em casa noturna do sol silêncio.

*1932-2013 / Cuba / CARLOS M.
LUIS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poemas inéditos encaminhados em vida pelo autor ao tradutor,
2012.

[POR QUE EMPALAR O QUE NÃO ENTENDO...]

Por que empalar o que não entendo como estranho
E dar golpes na parede quando não há parede?
Ressuscito a cada dia como um papel molhado
e digo a mim mesmo: e se este não sou eu?
Dá então ao sal o que não lhe pertence,
o que sem refletir-se nos espelhos
desenha com sua memória o dilúvio dos dias,
sombreado um corpo abandonado,
um corpo com a forma da água que escapa
das mãos que de repente surgem de uns vãos
de uns vãos que no fundo escondem quem sabe
se a última letra de nosso alfabeto,
não aquele que nos ensinaram, mas sim o que aprendemos
quando vivíamos nossa vida anterior.

[A ARANHA ARRANHA O PEDAÇO DE CRISTAL]

A aranha arranha o pedaço de cristal
e ao virar as costas
sua teia se torna transparente.

A aranha então regressou a seu ovo,
tecendo maços de almas
e silhuetas que vai deixando por onde passa.

A aranha que vive em seu recanto,
faz caretas e esconde cores,
sem saber que um olho a espia.

A aranha dorme sua extensa transparência,
sua história que parte dos umbigos
para ser contada por alguém capturado em sua teia.

[AS PAISAGENS SÃO IMORTAIS]

As paisagens são imortais porque permitem tudo:
cicatrices que escapam das nuvens,
planetas que vemos através de uma fechadura,
voos de perfis desenhados nas paredes
e um catre onde jaz tudo o que vivemos.

Os que regam com seu esperma os ossos
de ancestrais aconchegados em suas noites
costumam dormir as formas que pertencem a outro tempo
e serão o que hoje vi: uma figura fugindo de si mesma.

Porém isso ocorreu em outras paisagens ainda não
desenhadas,
nos papéis encarquilhados que deixamos como signos
da realidade que nega mostrar-se nua
abrindo seu grande sexo por onde penetramos como os cegos.

[O COVEIRO APARECE NO UMBRAL]

O coveiro aparece no umbral,
sua sombra como um corvo,
foge atrás da estrumeira.
O coveiro reconhece o cadáver:
cheira como cheiram as axilas
e os restos de um animal caçado.
O coveiro olha de soslaio e maldiz,
chamando com voz de falsete
o outro que aguarda à espreita.
Sou – diz o coveiro – *o fugitivo,*
o que enegrece a água derramada,
e o que corta um dedo de Deus.
Eu sou – responde o outro – *o que*
semeia o horizonte dos corpos.
Ambos – exclamam em uníssono – *viemos*
recolher os restos de Deus,

que quando renascem floresce o nada.

[DE QUE SERVE AO HORIZONTE]

De que serve ao horizonte mudar de lugar
se sabe que seu jogo é seu destino?
Semear as coisas nas areias
para que o mar as leve
para o horizonte que foge
voando como um pássaro de mal agouro.

Somos feitos dessa substância
que nos obriga a escavar em águas putrefatas
o ouro escondido e as chamas acesas
por nosso jogo de seguir vivendo
e seguir a ladeira do horizonte fugidio
danado por nossa busca incessante.

E depois as pontes
uma após outra
chegando em parte alguma
exceto em uma ilha
afundada no horizonte.

[ESPAÇO REPLETO DE CAIXAS]

Espaço repleto de caixas.
Dentro: dedos, olhos, vísceras retorcidas,
e olhares encharcados de fumaça.

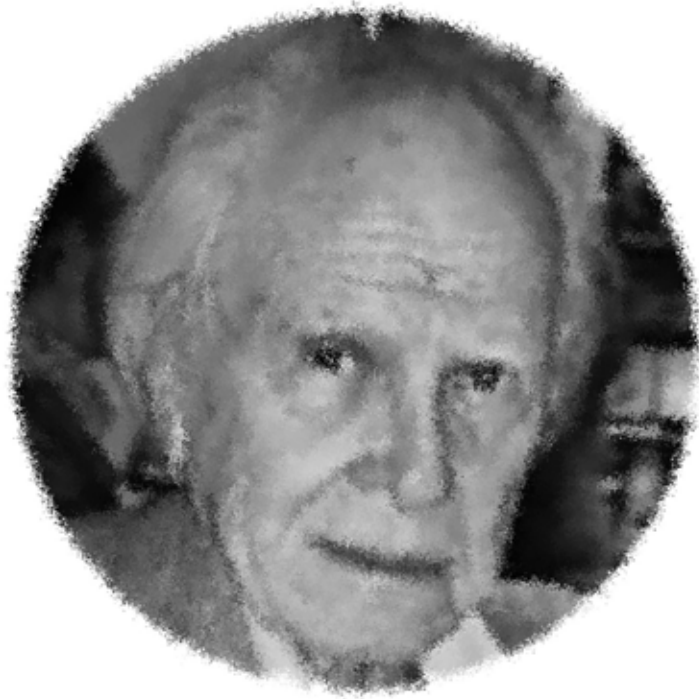
Espaço do eu desconhecido
que perambula entre espinhos
como um ser transparente.

Espaço que apalpamos
sob formas que desaparecem

entre rios de sombras.

Espaço que levamos na memória
enquanto golpeiam os segundos
que vão agasalhar o tempo por viver.

1933 | Brasil | ZUCA SARDAN



Obra consultada: Poemas enviados pelo autor.

OVO PHILOSOPHAL

A Terra não é esférica, mas sim, em forma de Ovo... Que se assenta sobre o seu bundão maior. O Bundão Maior do Ovo é o Meridional, onde se encontram a África e a América do Sul, com a Terra do Fogo das deslumbrantes Gigantas Patagonas... e o Polo Sul, com os Pinguins em traje de gala, esperando o Armagedom. Nosso livro abrange a História desde a explosão do Ovo Cósmico até... o Armagedom. E todo ilustrado, por tratar-se de uma obra neo-rupestre, onde as imagens têm um valor de escrita mental. As leitoras ficarão encantadas com a variedade de ztampas!... quanto aos leitores... que s'enquadrem lá como possam... Guardemos apenas alguns marcos referenciais. A parte escrita serve de rodapé elucidativo de alguma passagem mais escabrosa das ztampas, que apresentamos com uma confianzza de condottere, de Coglione a Cavallo, que impõe respeito aos mais prestigiosos liceus. O livro mantendo o padrão moral da kola criativa, e do pastiche fulminante, é um manifesto totêmico: devemos kolar a granel, em grego, latim, macarronix... Assim, por exemplo, uns nacos de frases sacados de sábios famosos, salpicados com solertes mudanças duma ou outra palavra, no korpo-santo do artigo kurto produz um efeito de lembrança do Paraíso. As ressonâncias dos nacos usurpados, além de trazerem uma nobreza indefinível ao artigo, enlevarão, pelos ecos familiares na mente, os leitores mais eruditos. Sucesso garantido. Os kioskes mais finos serão invadidos pelas musas e corifeus de nossa elite em delírio... que se trocarão sopapos pra conseguirem um exemplar.

AVISO DO EDITOR | A seguir tornaremos públicos, mas com letra invisível os trechos mais escatológicos do Manifesto. (Só poderão ser lidos numa pantalha translúcida, projetados pela luz de uma lanterna ultravioleta lançada sobre as páginas do livro).

Depois das colagens cubistas e daquelas surrealistas de Max Ernst, chegou o tempo de retornar à cola escolar, como foi

proposto por Alfred Jarry que colou de si mesmo e de seus camaradas de colégio o texto do Rei Ubu que virou assim uma obra-prima da literatura mundial. O colador de gênio ultrapassa o cu-de-ferro de quem havia colado a matéria prima em virtude de uma ciência secreta alquímica de transformação de bosta de burro em ouro filosofal. Essa transformação será tanto mais radical quanto menos for mudada a matéria prima, até o ponto em que parecendo _ para a turba singela _ ser totalmente idêntica à original, a matéria filosofal terá sido inflamada pela chama invisível de Prometeu.

Será preciso então superar inteiramente o preconceito moderno contra a cópia para produzir a verdadeira Bosta Filosofal, i.e., transmutada em ouro?

Sim, é bem este o caso... não poderemos nos furtar a essa missão irrealizável, quase suicida, de desafiar o mundo das finanças globalizadas... Contra os originais da atual arte de bosta (e aliás o dinheiro é um avatar da bosta e vice-versa), e logo para transformar essa bosta em ouro, é preciso representar as originais através de FALSAS cópias!...Pois... se as cópias fossem verdadeiras de verdade elas seriam cópias da bosta circundante e logo bostas de cópias... É por isso, então... que é preciso criar as falsas-cópias, que são o Ouro do Ovo Philosophal

Creio que os instalazionistas partiram pros videos etzetz justamente pra destruir o instante eternizado kanteano, mas isso me parece uma fuga pra fora da tela, scaparam por traz da moldura, o psicopatetismo do marcel duchamp pret-a-porter. O dificil justamente eh não fugir da tela, qual Leonidas nas Thermopilas enfrentar a chuva de flechas dos xerxes da posmodernidade *après tout que xerxez vous? eppure si muove!*...

& Para encerrar, um furo de reportagem:

COMO SERIA POSSÍVEL fazer face ao desafio de uma tela que se afirma por sua súbita ausência no Salão de Outono?

A tela em questão, “A Travessia do Mar Vermelho pelo Faraó Engolfado” é somente conhecida pelos relatos de Dona Redinha, chefe do setor de vigilância do Palácio das Artes. Tal paradoxo é a confirmação de uma tradição, devidamente conservada no *Katalog Kolax*, mas desaparecida em torno: a Pintura Mental.

OVOS INDUSTRIAIS (MYSTÉRIO ALCHÍMICO)

A Origem do Cosmos!... O Ovo Primordial levou a terrível porretada... BANNNNNGGGG Explodiu CAPOOONNNGAAAA... Do Ovo destróado os cacos formaram as constelações e planetas... Mas os cientistas espertos tão sabidos em explicar a origem do Cosmos a partir do Ovo... Fingem esquecer de que antes da origem do Cosmos seria preciso explicar a ORIGEM do OVO!!!

Se houve uma Galinha Primordial que tenha posto o Ovo, donde teria ela surgido? Dum Ovo!!! E assim teríamos uma sequência Ovo-Galinha-Ovo-Galinha INFINITA... O Infinito Retrospectivo do Passado Infinito é o Verdadeiro INFINITO do Tempo. Porque enquanto o Presente vai comendo o Futuro... logo a seguir o Passado come o Presente ininterruptamente, a cada dia, a cada segundo...

Então seria preciso saber: se o Passado vai crescendo cada vez mais... Será que o Futuro um dia acaba?... E a Origem das Espécies?... Enfim, a luta de preservação das espécies, umas tendo de se alimentar das outras... é a origem da luta de classes: o operário inventou o Ovo!... Mas o Capitalista... inventou a Galinha.

Tendo assim o Ovo sido inventado pelo Proletário... Se as galinhas fizerem greve... o Capitalista vai querer que o Galo ponha os ovos... ou vai pra panela.

“Mas Seu Capitalista, eu sou galo, não sei botar ovo...”

“Pois bota lá o que possas, em forma arredondada, embrulhamos de celofane, e vendemos pra Páscoa...”

FUNDAMENTOS DA MITOLOGIA BRASILEIRA

1. DESCOBERTA DO BRASIL

Partindo de Lisboa em grandes pompas, sob os impropérios do Velho do Restelo, e os auspícios do Lyceo Pytanga, o almirante Pedro Álvares Cabral, altíssimo, um metro e noventa, com sua poderosa frota de dez caravelas a caminho das Índias, sofre, perto dos Açores, os castigos de tempestade, e colossal Baleia amestrada por Netuno a pedido de Baco, que anda sempre inventando perigos e tribulações pros bons portugueses. Caracolando nas ondas fugindo da Baleia do mar enfurecido, as naves vão bater no Brasil, que o almirante Cabral assim descobre, e batiza de Ilha de Vera Cruz, meio por acaso, no dia 22 (dia do Tigre e do Louco do Tarot) de abril de 1500. O escrivão da esquadra, Vaz de Caminha de pijama, capricha na caligrafia, numa carta ao Rei D.Manuel I, contando maravilhas da nova terra, a exuberância da floresta, a amabilidade dos habitantes, uns selvagens quase nus, e a graça de suas damas usando somente algumas plumas, provocantemente penduradas aqui e acolá com o rabo meio de fora. Os marujos se interessaram pelas morenas, a exemplo do acontecido no Canto IX dos Lusíadas., e especificamente no Canto XI que se perdeu com o infausto afogamento da chinesita Dinnamene, gorduchita, parecia coreana, e que sobraçava colossal rolo da manuscrito, seguindo nas ondas o Camôes, que levava os dez outros rolos, a recitar a morte de Inês de Castro, a meio do trágico naufrágio da nave, no delta do Mekong.

A primeira providências do almirante, ao desembarcar com os marinheiros, escrivão e sacerdotes, é mandar rezar uma missa, a que assistem, não só os portugueses, mas também os aborígenes espalhados à volta, e alguns encarapitados nos galhos das árvores. Entre os assistentes, além de macacos e papagaios, haveria certamente sacis. A segunda providência, não menos importante, é colocar um marco com o escudo de Portugal, tomando posse da terra, conforme as expectativas reguladas pela bula do Papa Alexandre VI, que mandou serrar o globo terrestre de seu gabinete ao meio, com as partes a

serem descobertas, dando um hemisferio pro Rei da Espanha, e outro pro Rei de Portugal, onde foi colado o escudo do clube de regatas e futebol do Vasco da Gama.

As duas primeiras providências do almirante Cabral ao desembarcar no Brasil, são uma manifestação da ideologia portuguesa, cantada pelo vate Camões nos versos iniciais d'Os Lusíadas: dilatar a Fé e o Império, mais do que prometia a força humana, rezando uma missa e plantando uma cruz aqui e um marco com a cruz do Vasco acolá.

2. CATEQUESE DOS SILVÍCOLAS

A catequese dos aborígenes cabe, durante todo o século XVI, aos jesuítas. Destes, os mais notáveis são Nóbrega e, principalmente, Anchieta, que escapou de ser santificado por acaso, face a acusação de que puxara um enforcado pelo pé. Os silvícolas brasileiros se alimentam da caça e pesca, tarefa dos homens, e do cultivo de raízes, sobretudo a mandioca, da coleta de frutas, e culinária, atividades destinadas às mulheres. Em algum local de nosso livro há uma série de saborosas receitas bororós, com requintados pratos de churrascos de tatu, bifés de capivara e sopa de jabuty. Moram as famílias juntas numa enorme habitação em forma de abóboda, a maloca, feita de armação de madeira coberta de folhagem. O cantinho da privada é um buraco no quintal de que o bolão de bosta é utilizado na fertilização do solo das plantações. O chefe da tribo é o cacique, segundo a terminologia cinematográfica do Cine Azteka.

Outro personagem importante, embora incompetente na caça, pesca e guerra, é o pajé. Velho, encarquilhado, desajeitado para os afazeres práticos, não sabe fazer praticamente nada. Mas tem suas manhas... Usando colares, pulseiras e enigmáticas pinturas corporais, ele fuma, canta, conta belos disparates, solta gritos terríveis. Artista mímico e mago, goza do maior admiração na tribo.

O pajé trata os doentes por sopro, sucção, fumegação e com ervas, de que conhece os milenares segredos mágicos e medicinais. Ademais, dirige o ritual de iniciação dos

adolescentes. Faz exorcismos. Toma poções alucinatórias, entra em transe e se comunica com o mundo sobrenatural, donde traz mensagens oraculares. É o intercessor entre os vivos e os espíritos. Destes, o mais importante, é Jurupari. Os jesuítas identificaram rapidamente a verdadeira identidade do Jurupari: é o próprio Satanás. E buscaram, dentre as demais divindades locais alguém que fosse bem inofensivo, discreto, se possível broxa, e alheio às práticas malélicas do pajé. E descobriram Tupan, deus desprovido de qualquer prestígio, que é o deus da eletricidade: troveja e solta raios e relâmpagos, sem qualquer proveito para a tribo. Assim afastado das sacanagens e negociatas das outras divindades familiares do pajé, Tupan foi rapidamente entrando de coadjuvante da catequese.

Nomearam os jesuítas então Tupan como Deus-Pai, de modo a levar os desavisados silvícolas a ingressar, tão distraidamente quanto possível, no cristianismo. E a mitologia aborígine foi sendo assim assimilada pela ideologia cristã. Mas esse processo de assimilação levou também a uma paulatina infiltração da mitologia aborígine no imaginário religioso luso-brasileiro, com a Umbanda e o Caboclo Sete-Flechas. A Umbanda representou uma vertente democrática do Espiritismo, que estava no Brasil reservado às classes abastadas e granfinas que adotavam todas as novidades francesas. No Século XIX, enquanto a cultura íbero-americana, após o Romantismo, adotava o simbolismo, a brasileira adotou o Parnasianismo na poesia, e o Positivismo na Filosofia Política. Com os ideais de Augusto Comte os militares derrubaram a Monarquia, e Dom Pedro II preparou-se pra embarcar rumo ao exílio. A bordo do batel que o transportava pro vapor, alguém lhe mostrou um projeto da bandeira republicana, listrada de verde-e-amarelo com o retângulo azul esptrelado. Dom Pedro afagou as brancas barbas e motejou: "Que coisa mais jeca..."

3. PRESENÇA AFRICANA

Além de protegidos dos padres da Companhia de Jesus, os silvícolas se revelam pouco aptos ao trabalho, e escapam facilmente pra floresta. Os colonizadores portugueses resolvem, pois, comprar escravos africanos oferecidos por exportadores tuaregues. Importados em crescentes quantidades, em levadas sucessivas de centenas e mais centenas de milhares, os negros logo se tornam indispensáveis aos trabalhos agrícolas, e entram, sobretudo as mulheres, na vida doméstica dos senhores brancos, como cozinheiras, amas de leite, muitas das quais acumulavam o serviço de concubinas. Forçados a adotar a religião católica, os africanos seguem, secretamente, adorando seus orixás, sob o disfarce de santos católicos. Assim, a cada santo corresponde um orixá, e vice-versa. Após décadas, séculos, de tais práticas, o disfarce se transforma numa identificação completa e definitiva. Desta identificação resulta uma penetração do catolicismo no candomblé. E também, subliminarmente, uma penetração do candomblé no catolicismo brasileiro, a ponto de se dar um completo sincretismo não só dos cultos, mas, sobretudo, dos próprios santos candomblezados, e dos animais totêmicos do jogo-do-bicho.

Destarte, no exuberante cenário tropical, tendo por matriz a cultura portuguesa, mas recebendo influência muito forte da africana, e mais imponderável da aborígine, formou-se, ao longo de cinco séculos a complexa mitologia e o rico imaginário brasileiro um dos maiores tesouros da Cultura, e poderosa força do Inconsciente Coletivo Brasileiro.

*1934-1971 | Portugal | MANUEL
DE CASTRO*



Obra consultada: *Paralelo W* (Sintra; Ed. do autor, 1958) e
Bonsoir, Madame (Lisboa: Editora Alexandria, 2013).

A ERC JOSAMU JOVE

Nós os intocáveis, os imundos, recusamos
nossa vida à condição comum.
Porque é intemporal a rosa que nos leva
entre o dia e a noite.
Nós os derrotados, impuros, oferecemos
nossa miséria a um significado
oculto e diferente –

asa branca na varanda
nome escrito nos telhados
estrada atravessando a terra de ninguém

Nós os últimos dos últimos coroamos
impérios e jardins

CARTA

esqueço-te com a terna complacência do silêncio
habitual das horas no seu movimento
e no entanto restou um perfume quase imperceptível
do olhar por uma vez aceite
em mim, um olhar que julguei
fosse o meu amor, a ilusão
de um gesto que olhamos como
se nos pertencesse e no entanto
nos é alheio.
Eu havia contribuído integralmente.
A terra foi por um instante pura
através do teu corpo elástico e pausado.

ÚLTIMO POEMA POSSIVELMENTE DE AMOR

recorda
como se os dias não fluíssem em dias

e para ti fosse um nítido jogo de músculos
meu braço no teu corpo anfiteatro
da mais pura derrota rumo às constelações

eis-me descoberta
de tudo que se arrisca sem limites
construído pela coloração de globos de vidro
iluminados e submersos

para o teu nome
um novo mecanismo de linguagem
para o teu corpo
memória ciclo perfeito
dos meus desejos de pedra e de violência

tu
única para quem fui adeus o homem sem comédia

REGRESSO A HELIÓPOLIS

Adeus, com serpentinas no tecto
adeus solidão com música ao longo das paredes
adeus, a minha vida não está ao nível do mar
adeus, como a boca como um poço na noite
e flores que olham e flores que aguardam a morte
adeus, com todas as sombras de lágrimas
humedecendo os farrapos dos meus irmãos,
dos mendigos, dos vagabundos, dos inocentes,
dos miseráveis, dos loucos, dos suicidas,
adeus e três ou mais balas para a ocasião
adeus, desta ilha donde nitidamente vos observo
(enquanto um pião de madeira escarva o solo,
girando como o amor na intempérie, no vento furibundo)
adeus, vou falar-vos duma invenção irónica
(os livros abrem-se e fecham-se no ar e pesam)
duma invenção maliciosa, áspera,
riso na garganta, abafada voz de lama -

as minhas mãos são estas
- não há erro possível.

CASA DE HÓSPEDES

Estás próximo e és uma saudade.
Tudo neste estranho lugar
se desdobra próprio, para quem reflecte
a razão da sua serenidade
em música, quase inexistente, quase familiar.

Em cada parede há uma pausa. Retratos
íntimos. Livros de folhas soltas.
A tua alegria é um gesto calmo, conveniente.
Na suavidade ambiente
chovem pétalas envoltas
de desejos simples.
Mornos nos meus ombros acaricio dois gatos.

Avisei que levassem estas flores.
É perigoso dormir com rosas.
Corram os estores.

*1934-2009 | Porto Rico | JOSÉ
MARÍA LIMA*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La sílaba nm la piel – Obra poética 1952-1982* (Río Piedras: qeAse, 1982).

*[QUANDO AS TARDES MORREM EM UMA SÓ
MANHÃ]*

quando as tardes morrem em uma só manhã. todas as tardes do passado, as tardes do presente e as tardes por vir; quando as tardes, digo, se entretecem e enredadas caem de imediato em uma aurora sem promessa e morrem, há reunião de aves cegas sem itinerário e caravanas de formigas sem destino, até mesmo pode acontecer que a onda destrutora de muros sequer escreva sua espuma final nos escombros ou que ao mirar de frente os olhos do palhaço advirta que não encerram a tristeza adivinhada. e se acaso escutamos longe um último lamento ou se do próprio centro do sangue escapa um alarido ou se com forma com pequenos enojos um soluço não encontrará um final que o detenha. porque não há parede de conclusões que posa deter o pranto provocado por uma morte de tardes ao amanhecer. não há recinto de sílabas que possa acomodar uma multidão de tardes mortes antes de um meio-dia. todos os cansaços juntos, desafortadamente abrindo e rompendo não cavariam nunca a tumba capaz de conter tanto sol terminado. quando todas as tardes morrem em uma só manhã as noites prometidas são pressentidas em dobro, os dias e os rios vindouros já esvaziaram sua carga de morte adiantada. então pouco importa que tenham cadeiras esperando além de hoje ou um sapato que a ninguém pertence ou uma garrafa com mensagem ou vazia. pouco importa que as mãos encontrem ou não a estrela.

[UMA ORELHA DESPRENDIDA CAI]

Uma orelha desprendida cai;
é o peso insuportável do silêncio.
As línguas foram amarradas,
a lira cansou,
subitamente ficou sem som.

Regressa o dia

navegando interminavelmente
sobre um deserto de ondas mal penteadas.

Regressa o meio-dia
com sua presença absoluta de criança precoce e imprudente.
Cai as doze como um brinquedo novo,
a uma é ainda feto no relógio.

Há um coração pesado sobre um céu,
uma armazém de espuma;
uma caricatura de glória
apertada em um avental vazio.
Há um coração pulsando desesperadamente
porém não nesta alcova.

Aqui, tudo está igual,
há apenas um pêndulo.
Lá fora, vozes que amanhã
haverão de cair dolorosas sobre o rosto.

[AGORA RETORNA]

agora retorna
após séculos
escrito com a raiz do fogo,
este fantasma sem som
e apenas luminoso.
um pedaço de tempo
se deteve em seu seio.
talvez nem tudo esteja perdido;
talvez reste uma nota
sustentada apenas
no rosto de cristal do tempo.
pode ser que surja
uma renovação de pombas
na colina nova.
pode ser que um novo agosto

se esconda atrás da nova esquina
que acaba de surgir na distância
pode ser que comecem
a sorrir novamente os relógios
e a atormentar-me
enchendo de sons extensos e simétricos
esta penumbra que começava a ser noite.
podem ser tantas coisas;
pode ser que se afaste esta turva realidade
de horizontes datados,
este destino de freios e fronteiras,
esta ilusão de nomes mal formados.
por sobre o peixe e a rocha
há tantas coisas
que não podem ser ditas.
há tantas penas de pedra em pedra
há tantas esperanças surpreendidas sem roupa nos espelhos.
tantas palavras pegadas à boca
por anos, sem sair.
nos dentes há sonhos
e nos lábios quer nascer um seio.
há consequências truncadas detrás de cada esquina.
a queixa prometida
há um milhão de anos
dorme dentro de um dicionário frio.

[O DIA SE RECOLHEU EM TUA CINTURA]

o dia se recolheu em tua cintura
abraçado às bordas de teu umbigo,
por tuas coxas avançam os ruídos da noite
e teus seios, montanhas à caça de lustres
(apressados lustres teus mamilos)
a fonte desejada dizendo seu rumor
sempre igual e distinto,
duplo calor aprisionado
puta calor de estrela comprimida

estouro dormente protestando seu confinamento
pedindo um universo
para inverter sua fúria de vulcão encerrado
fruto, pássaro, trinado maduram sua canção
em teu ventre.
como a terra magnificas
como o espaço abraças e recolhes
por ti transita o dia
e em ti a noite descarrega seus rumores.

[ESTE BALCÃO QUE JÁ NÃO É]

Este balcão que já não é ainda encerra febres femininas, angústias, começos e fins de torrentes rubras, sacudidas, incêndios repetidos com precisão de relógio. Sobre formigas pelos tornozelos, assim como insultos em noites azedas em que um simulacro de transgressão, um simulacro apenas, provoca dores de outro tipo nesse pesado âmbito que a cerca com todo seu metal torcido. Asfixiante esse muro com cílios que trocou seu ódio por pão azedo e chegou inclusive a imaginar que havia mudado de pele ao encontra-la. Ela pensa agora em outros ossos mais brandos, sabe ou intui outros atalhos, de qualquer forma sempre estamos apressados, e tenho meu direito, diz. Já não é tão rítmico seu coração, é jaula de animais decompostos e fede. Pensa que reuniu mal seus sonhos em uma única cesta e apenas porque outros hoje tão malcheirosos e azedos como ele lhe fizeram acreditar que os havia mal distribuído, que os malgastava ou os tinha regados e não esteve segura. Conseguir atar-se a uma corda que ao final de contas necessitava uma mão que a salvasse, pois de outro modo teria terminado em franjas. Esse balcão odioso, os utensílios bem ou mal postos, porém mal na sobremesa; as pantufas, as calcinhas sujas e nem sequer um fio que possa reunir as sombras e que soem. Tudo ela vê dormindo inteiro sob suas pálpebras, imagina dois metros de terra fresca acima com margaridas e açucenas crescendo depois de cheirar as consabidas noites e quem sabe quatro ou cinco alegrias que

acredita ter visto em dias claros e que lhe pertencem. Nisto soam as sereias ou seu equivalente, os timbres, as vozes indicando a hora exata que seria em outras circunstâncias antessala do desejo. Começa a dilatar-se o tempo precisamente agora já não é o mesmo, tem um sorriso cruel, tão pouco interessante já sua sombra extensa de animal cansado que correu muitas léguas apenas para que tartarugas de mais sorte e menos intolerantes lhe atassem tonto de exatamente duas bolas e uma néscia parede ao redor das circunvoluções, se acaso existem.

Quatro noites despida e sem acento, três noites em penumbrosa expectativa, porém não é certo pensa mais com raiva do que com dor, porque já lençol e pele são quase homônimos e alguém já esqueceu que existem outras anatomias.

*1934-2011 / Cuba / JORGE
CAMACHO*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra
consultada: *L'arbre*. Paris: Éditions Janvier, 1968.

ESCADA DE NUVENS

Meu grito bate asas
A sombra da faca-mentira.

O espelho fecha os olhos
Quando a luz alça voo.

– Se o pássaro arisco
Atear fogo na catedral de vento!

A noite congela a cortina
De Inconveniência.

Meu riso de sangue.

O CUBO MUDO

De tão antigas as folhas do colchão
Modelam o falso colo de meu rosto.

Enganchados ao templo da feira
Meus dedos umedecem a cal viva.

– À estátua de sal
Falta o olhar de antílope!

O meu coração-nevoeiro
Os meus olhos de puma

Tatuados de branco.

IF

A luz explode de riso louco
A janela se abre rumo a floresta de pimenta.

Locomotiva moedora de algodão
A casa roda sobre um lago de goma.

– O para-raios adormecido
sonha com a cabeleira cúprica?

A cidade é o nó transparente
De coração de mosca!

Quando as águas desérticas
Limitam o tremor de espuma.

As escamas dos peixes
Se tornam
Os ossículos dos trilhos.

ANTEGOSTO

*No riacho de fogo
a lâmina se revira.*

P. R.

Abram esferas!
O vento corre como uma lâmina de gelo.

Na soleira de carvão
Minhas unhas que não estão.

– Vale mais tirar o traço de geada
Pois a água está seca!

Para o olho cinzento que cai
Quando a pálpebra se evade:

A arma de gaze.

PEIXE-PRESSÁGIO

Na dobra do sangue
O vertical coração-de-dobreadeira
Exsuda de ouro espumante de plumas de ferragens.

Para a torre espalhada
Exilada a crença líquida
O fio de estrela afogado de ar
Ata o raio que lê na aurora.

– Ao belo cogumelo de vidro!

Quando a ponte foge
Como uma bola preciosa.

A LUZ SILENCIOSA

O mundo como uma gota de osso
soçobra rumo ao azul da Prússia.

No espelho circulado de tua fronte
Habita o pó de cornamusa.

O despertar mira a mão que amarrota
A gravata faca de cristal.

Um coração sem cabo
Fere o inimigo de musgo?

O musaranho é um poleiro

Onde afundo minha memória de chumbo...

Aqui está o trevo encarnado
Da catarata de sal!

Quando fico pasmo com um riso viscoso.

*1934-2016 / Canadá / LEONARD
COHEN*



Poemas traduzidos por Graco Braz Peixoto. Obra consultada:
Let Us Compare Mythologies (1956), *The Spice-Box of Earth*
(1961), *The Energy of Slaves* (1972) e *Death of a Lady's Man*
(1978)

*O GÊNIO (POR VOCÊ EU SEREI UM JUDEU DO
GUETO)*

Por você
Eu serei um judeu do gueto
E dançarei
E calçarei meias brancas
Em meus membros deformados
E envenenarei as nascentes
Pela cidade
Por você
Eu serei um judeu apóstata
E direi ao sacerdote espanhol
Sobre o juramento de sangue
No Talmude
E onde estão escondidos
Os ossos da criança
Por você
Eu serei um judeu banqueiro
E levarei à ruína
Um velho e orgulhoso rei caçador
E darei fim à sua linhagem
Por você
Eu serei um judeu da Broadway
E chorarei pelos teatros
Por minha mãe
E barganharei quinquilharias
Embaixo do balcão
Por você
Eu serei um judeu doutor
E procurarei
Em todo o lixo latas para prepúcios
Para costurá-los de volta
Por você
Eu serei um judeu de Dachau
E deitarei no visgo
Com meus membros desfigurados
E inchados de dor

de modo que nenhuma mente possa entender

[EU OUVI DE UM HOMEM]

Eu ouvi de um homem
Que diz palavras tão lindamente
Que apenas ao pronunciar seus nomes
As mulheres a ele se entregam.
Se sou um idiota ao lado de seu corpo
Enquanto o silêncio floresce como tumor em nossos lábios
É porque ouço um homem subir a escada e suavizar sua
garganta atrás da porta.

[EU IMAGINO QUANTA GENTE NESTA CIDADE]

Eu imagino quanta gente nesta cidade
Vive em quartos mobiliados
De noitinha, quando olho pros edifícios
Eu juro que vejo um rosto em cada janela
Que também me olha
E quando me viro
Penso quantos deles retornam à mesa
E escrevem isto.

O PRÓXIMO

As coisas estão melhores em Milão
As coisas estão bem melhores em Milão
Minha aventura tem se amenizado
Conheci uma garota e um poeta
Um deles estava morto
Outro estava vivo.
O poeta era do Peru
E a garota era médica.

Ela estava tomando antibióticos.
Nunca vou me esquecer dela.
Ela me levou a uma igreja escura
Consagrada a Maria
Cavalos e sandálias têm vida longa.
O poeta trouxe de volta meu espírito,
o qual havia perdido em orações.
Ele foi um grande homem saído da Guerra Civil
Ele disse que sua morte estava em minhas mãos
Porque eu era o próximo
A explicar a fraqueza do amor.
O poeta era Cesar Vallejo
Que descansa no chão de sua testa.
Esteja comigo agora, grande guerreiro
Cuja força depende unicamente
Dos favores de uma mulher.

[EU NOTEI O CONTORNO DE SEUS PEITOS]

Eu notei o contorno de seus peitos
Através de sua fantasia do Dia das Bruxas
Eu sabia que você estava apaixonada por mim
Porque nenhum outro homem poderia notar
O avanço de seu busto em sua imaginação
Foi uma ruptura de sua modéstia incomum
Tão somente para mim
Através da qual você marcou minha fome sem tamanho
O incomparável e último contorno de seus peitos
Como dois fósseis de conchas fundas
Que ficaram por toda noite e provavelmente pra sempre

*1936 / República Checa / ARNOST
BUDIK*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
poemas enviados pelo Autor.

[COMO DUAS GOTAS DE ÁGUA]

Como duas gotas de água
como um sonho sem desejo
estas são as linhas que estão rasgando
com uma sombra de fome
Já não são quimeras
nem dúvidas que dominam a memória
sem regras ou indicações
o pouco que ainda temos de nossa juventude
e que se esconde por trás do dia e da noite
Enquanto isso,
o vento sopra no meio das telas
o desprezo se dissolve em lembranças distantes
a primavera se instala como por hábito
nas pinturas de Artur do Cruzeiro Seixas

[EM ALGUM LUGAR POR TRÁS DO AMANHECER]

Em algum lugar por trás do amanhecer
no meio das estrelas, onde meus braços estão sempre vazios
eu te convidarei para o meu domínio
eu te convidarei para o meu chalé
e colarei em ti meu coração de mármore

[NÓS SOMOS COMO OS AMANTES]

Nós somos como os amantes
na poeira das estrelas, descobrimos hélio
e com meu preenchimento
confiamo-nos ao limiar da nostalgia que afunda conosco cada
vez mais para baixo

EVOCAÇÕES INESPERADAS / Dois fragmentos

I

Montões de folhas mortas rasgadas de árvores quase desfolhadas estavam no meio de um parque e frustraram o vento. Bancos vazios e dois ou três cisnes em um pequeno lago completaram a imagem de uma noite de outono.

Ela estava a poucos passos de distância de mim. A atmosfera triste do lugar deu à luz rugas sóbrias que contrastaram tão estranhamente com a transparente aparência de seus dezoito anos. Sua mão que me tocou era fria e flexível. Seu cabelo longo e flexível tocava a brisa enquanto mergulhava como água no pequeno lago. Eu não sabia o que dizer. Nós nos encaramos e continuamos de boca calada.

Ela ficou congelada diante de mim como antes, quando decidiu sair.

II

No espelho eu vi um rosto que parecia pertencer a outra pessoa. Ao crepúsculo, seus traços se transformaram em uma videira dependurada nas folhas úmidas de uma noite de verão.

Eu toquei os cílios, lábios e têmporas. Eram lisos e suaves, meus dedos escorriam sobre eles como um teclado. Eu gostaria de forjá-los e jamais deixá-los.

Na parte de trás de um quadro barroco sorriram-me com seus botões de rosas, um chapéu de palha, um lenço Dior e uma garrafa de conhaque meio vazia.

Abri os olhos.

O quadro barroco estava vazio. Para dizer a verdade, ele não me pareceu tão convicto, mostrando meu rosto inchado e infeliz, cansado pela idade e as dolorosas experiências da vida.

1936-1972 | PIZARNIK Argentina |
ALEJANDRA



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Las aventuras perdidas* (Buenos Aires: 1958), *Los trabajos y las noches* (Buenos Aires: Sudamericana, 1965), *Extracción de la piedra de locura* (Buenos Aires: Sudamericana, 1968) e *El infierno musical* (Buenos Aires, Siglo XXI Argentina, 1971).

A QUEDA

Música jamais ouvida,
amada em antigas festas.
Nunca mais voltarei a abraçar
o que virá depois do fim?

Porém esta inocente necessidade de viajar
entre preces e uivos.
Eu não sei. Não sei senão do rosto
de cem olhos de pedra
que chora junto ao silêncio
e que me espera.

Jardim percorrido em lágrimas,
habitantes que beije
quando minha morte ainda não havia nascido.
No vento sagrado
teciam meu destino.

ANÉIS DE CINZA

A Cristina Campo

São minhas vozes cantando
para que não cantem eles,
os tristemente amordaçados na aurora,
os vestidos de pássaro desolado na chuva.

Há, na espera,
um rumor de lilás rompendo-se.
E há, quando vem o dia,
uma partição do sol em pequenos sóis negros.
E quando é de noite, sempre,
uma tribo de palavras mutiladas
busca asilo em minha garganta,
para que não cantem eles,

os funestos, os donos do silêncio.

FRAGMENTOS PARA DOMINAR O SILÊNCIO

I.

As forças da linguagem são as damas solitárias, desoladas, que cantam através de minha voz que escuto à distância. E longe, na negra areia, jaz uma criança densa de música ancestral. Onde a verdadeira morte? Quis iluminar-me à luz de minha falta de luz. Os ramos morrem na memória. A jacente aninha em mim com sua máscara de loba. A que não pode mais e implorou chamas e ardemos.

II.

Quando voa o telhado da casa da linguagem e as palavras não a protegem, eu falo.

As damas de vermelho se extraviaram dentro de suas máscaras embora regressem para soluçar entre flores.

Não é muda a morte. Escuto o canto dos enlutados selar as rachaduras do silêncio. Escuto teu dulcíssimo pranto florescer meu silêncio triste.

III.

A morte restituiu ao silêncio seu prestígio enfeitiçante. E eu não direi meu poema e eu hei de dizê-lo. Mesmo que o poema (aqui, agora) não tenha sentido, não tenha destino.

LAMENTOS

I.

A linguagem silenciosa engendra fogo. O silêncio se propaga, o silêncio é fogo.

Era preciso dizer acerca da água o simplesmente apenas nomeá-la, de modo a atrair a palavra água para que apague as chamas de silêncio.

Porque não cantou, sua sombra canta. Onde uma vez seus olhos enfeitiçaram minha infância, o silêncio incandescente gira como um sol.

No coração da palavra o alcançaram; e eu não posso narrar o espaço ausente e azul criado por seus olhos.

II.

Com uma esponja úmida de chuva triste apagaram o ramo de lilás desenhado em seu cérebro.

O signo de seu estar é a enlutada escritura das mensagens que envia a si mesma. Ela se prova em sua nova linguagem e indaga o peso do morto na balança de seu coração.

III.

E o signo de seu estar cria o coração da noite.

Aprisionada: alguma vez esquecerão as culpas, aparentarão os vivos e os mortos.

Aprisionada: não soubeste prever que seu final iria ser a gruta para onde iam os maus nas histórias infantis.

Aprisionada: deixa que se cante como se pode e se quer. Até que na merecida noite seja peneirada a brusca desocultada. Por excesso de sofrimento excesso de noite e de silêncio.

IV.

As metáforas de asfixia se despojam do sudário, o poema. O terror é nomeado com o modelo diante, para que não equivoque.

V.

E eu sozinha com minhas vozes, e tu tanto estás do outro lado que te confundo comigo.

NESTA NOITE, NESTE MUNDO

A Martha Isabel Moia

nesta noite neste mundo
as palavras do sonho da infância da morte
nunca é isso o que alguém quer dizer
a língua natal castra
a língua é um órgão de conhecimento
do fracasso de todo poema
castrado por sua própria língua
que é o órgão da re-criação
do re-conhecimento
porém não o da ressurreição
de algo à maneira de negação
de meu horizonte de maldoror com seu cão
e nada é promessa
entre o dizível
que equivale a mentir
(tudo o que se pode dizer é mentira)
o resto é silêncio
só que o silêncio não existe

não
as palavras
não fazem o amor
fazem a ausência
se digo água, beberei?
se digo pão, comerei?
nesta noite neste mundo
extraordinário silêncio o desta noite
o que se passa com a alma é que não se vê
o que se passa com a mente é que não se vê
o que se passa com o espírito é que não se vê.
de onde vem essa conspiração de invisibilidades?
nenhuma palavra é visível
sombrias
recintos viscosos onde se oculta
a pedra da loucura
corredores negros
eu os percorri todos
oh fica um pouco mais entre nós!

minha pessoa está ferida
minha primeira pessoa do singular

escrevo como alguém com uma faca erguida na escuridão
escrevo como estou dizendo
a sinceridade absoluta continuaria sendo
o impossível
oh fica um pouco mais entre nós!

as deteriorações das palavras
desabitando o espaço da linguagem
o conhecimento entre as pernas
o que fizeste com o dom do sexo?
oh meus mortos
eu os comi me engasguei
não posso mais de não poder mais

palavras embuçadas
tudo desliza
até a negra liquefação
e o cão de maldoror
nesta noite neste mundo
onde tudo é possível
exceto
o poema

falo
sabendo que não se trata disso
sempre não se trata disso
oh ajuda-me a escrever o poema mais prescindível
o que não sirva nem para
ser inservível
ajuda-me a escrever palavras
nesta noite neste mundo

1936-2001 | Venezuela |
CAUPOLICÁN OVALLES



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Sexto sentido u Diario de Praga (Caracas: Rayuela Taller de Ediciones, 2008) e *En (des)uso de razón – Antología poética y otros textos* (Caracas: Rayuela Taller de Ediciones, 2016).

SEM DÚVIDA

Sem dúvida
que ao ver apenas uma mulher
ou duas mulheres
a terceira a ser vista
será igual à primeira
com algo da segunda-feira
ou ao contrário
será a número um
de uma nova seção
de duas mulheres.

Sem dúvida
que cada dia que passa
em maior feitiço
ao perder-me ainda mais
em minhas investigações
do céu.

Sem dúvida
que andar com a boca cheia
de pensamentos
é falar em voz tão baixa
que nem ela que me tira o corpo
de pensamentos
me ouve.

Sem dúvida
que vivo em um estado diferente
no qual acreditava viver
quando sou o presente
não posso evitar
uma fuga de mim mesmo
para poder seguir com

VIDA.

Sem dúvida
que sem uso dos sentidos
mágicos
ninguém tem
a primeira pedra a atirar
em cima
de ninguém que seja
réu de solitário
ou de louco.

PENSO

Penso
que tanto me reparti
 neste mundo
que já não será possível
ao menos
 tentar
me reconstruir no
OUTRO.

Penso
que se por graça divina
 conseguisse reconstruir-me
teria diante de mim o espetáculo
 de uma
BABEL desconhecida
 de modo que seria sempre vão
tentar
 a reconstrução
 de
 um CADÁVER.

Penso
que a cada dia sou mais fiel
ante
meus exagerados compromissos
devido a esta obediência
não sei por onde começar
a operação de me dividir
em belíssimos pedaços de
mim mesmo
para repartir-me
em uma proporção
cavalheiresca.

Penso
em mim mesmo dividido.
O que podemos fazer entre nós?

Penso
que se decido voltar caminhando
sobre minhas palavras
em muitas conversas
passadas
cairei
rapidamente
NO PRECIPÍCIO.

Penso
que devo escrever
assim evitarei que o futuro
me reconheça
na versão feita
sobre mim
entre os amigos do
INFERNNO.

Penso
que tanto fui a parte
de mim mesmo
que o todo acabou
PERDIDO.

Penso (ara mim)
que o sentir-se mal é um
sexto sentido.

SE EM VEZ DE DORMIR

Se em vez de dormir
 dançasse tango
 com seus ministros
e seus chefes de amor
nós poderíamos
ouvir
noite após noite
seu salto firme
de arquiduque
ou duquesa.
Poderíamos rir
assim que o vemos,
ridículo como é,
esperar os aplausos
de toda a guarda real
frenética.
Claro que alguém se cansa
e quer um pouco de diversão
 monstruosa,
como esta
 de ver
com a lira pendida
no pescoço,
como um romano

o dono das vacas mais fracas
e
Presidente da "Sociedade Condal do Sonho".
Teus amigos te chamam
Barbitúrico.

Até quando dormes, senhor Presidente?

Se adoras a vaca,
dorme!

Se ao bezerro adoras,
dorme!
E se o General te dá seu almoço,
dormes demasiado
ou dás a ele uma zanga de sonho.

Cara de Barro,
Olho para ver as serpentes
e chamá-las,
Olho para fazer companhia
e queimar-te
com o humilde Querosene,
Olho para que estejas a meu serviço
como moço barato
de alcova.

Dormes, senhor Presidente?
Pergunto por ser jovem charmoso
e não, como tu, senhor da sesta.

Olho de Barro e Water de Urgência.

UMA NOITE

Uma noite quero possuir uma diarista
Sou demasiado pequeno e ela se ri

Porém parece que queria E então fico
dormindo Sou demasiado pequeno
Uma noite uma diarista É que sou muito pequeno
Seu nome é outro
Sua inteligência é curta Creio que a tratam por bruta
E de vez em quando com meu dedo toco suas nádegas
e saio correndo
Um dia tive amores Tenho cinco anos
Sou demasiado pequeno
Um dia falo – como se fossem namoradas – com galinhas
brancas
coloridas
negras
de um pátio de duzentas
Alguém não se explica e tem medo de indagar
Não importa que lhe digam “fique quieto”
ou “vá dormir” Eu sei

TENHO

Tenho um cão duas galinhas um papagaio saio de noite com
meu pai tomo cerveja meto medo em qualquer um canto
como um desesperado e passo horas sob o sol sou uma
concha estou negríssimo unto-me de pó para aparecer mais
branco quando vem minha namorada me dizem “barata de
padaria” não me unto mais
a um padre lhe digo “sua bênção, padre” e lhe mostro a
língua e depois quando o padre se vira então lhe digo “sua
bênção, meu bom padre”
depois conto a Guati e acabo de roubar de uma taverna por
descuido do dono um ovo dez cigarros e uma torta
burriqueira

Eu sei

*1937 | Uruguai | APARICIO
VIGNOLI*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
originais enviados pelo poeta.

PULMÃO-HUMOR PARA VIVER CONTIGO

Aqui nossa miséria
E as esfinges multiplicadas de rostos
O fêmur colossal da espécie partido
Em sua carcaça escapam de flechas
Cruzam o espaço até os odres do espírito
Corre o vinho novo
Sobre as ondas uma jovem amada caminha depois afunda
Quebrando os tridentes e os acrósticos de Levi
Esse líquido escuro tem os seios claros
Cuidado com os pedaços africanos do homem
Flechas improvisadas por trás dos cometas
Viajantes com rumo alucinado pomas para uma constelação
vegetal
Se entrechocam e ferem corpos caem a meus pés
Abdome das raças e fluidos da carne
Um dia se aproxima
Estranho capaz de nos conter em seus ácidos limites
Tem que ser um dia de esverdeada sonolência
De animais fincados nos joelhos úmidos
...
Aqui nossa grandeza
Nosso escalpe heráldico e os indiferenciados falcões
Possuindo as rochas atmosféricas
O continente dos lábios
Aqui os sonhados de dilúvios
Os que calaram quando o inverno impossível exigia o grito
secular
Os que untaram seus corpos de tristeza e ergueram sua cólera
e sua morte ao trifásico bíceps da ressurreição
Os que amanheceram com um colar de raiva e disseram à
criança tudo passa e fulgura e é cíclico e se esquece
Os demônios aqui os exilados e tendo de mantel em um
bosque infancente
O amor a cúspide a Acasos
E a bendita terra doadora dos golfos redimida
Purificada consagrada ao sangue por completo

Nas terras os temíveis animais despedaçam árvores
Rugindo para as estrelas do domingo
Vida incompleta
Sobre os prados a clorofila da demolição
Sobre a prata precipitada do oceano peixes comunicantes
Sobre as cúpulas asfixia e morte
Oh alfa da torrente coração
Aqui a gutural figura detida e fresca
A variedade sem fim de minha mulher
Abrasada de origens até um mistério certo

[A JOVEM SE INCLINA NUM POÇO PARA BEBER]

a jovem se inclina num poço para beber
a tartaruga do poço sobe por seu nariz
fogos artificiais de musgo
e o mofo desordenado estala
na árvore do pão do anoitecer
a impiedosa noite deposita mais noites
e mais relâmpagos
o raio invade mais paisagens
o trovão fere mais orelhas
retumba no peito dos enamorados

a jovem se inclina num poço para beber e bebe
coágulos
perde seus lábios no lobo noturno
rubros com o filete de sangue
que brota de seu nariz na tartaruga
da tartaruga na noite
da noite nos relâmpagos
da iluminada paisagem
no pavilhão dos amantes

o poço se inclina na jovem para bebê-la
bebem-se um ao outro
gosto dos olhos do poço

o batom da jovem
os seios do poço
a água da jovem
as pernas do poço
as paredes da jovem

inclino-me no poço para beber ambos
porém as ancas do poço
e o fundo da jovem me empurram para o interior
a jovem e o poço se inclinam para me beber
os três refletimos estrelas
com corações de algas
os três dentro de um balde
para quando venham nos beber os demais

A CAUSE DU SOMMEIL ET A CAUSE DES CHATS

O gato amarelo que dorme no jardim espaçoso
O rouxinol-jardineiro que cultivava estátuas estritamente aéreas
A jovem carregada de algas que mais parece uma aurora
carregada de jovens
Conheceram-se quando um raio partiu a árvore do bridge
A música fluía do motor jazz
Um camareiro atemorizado derramou bebidas na garganta das
folhas
Corria quando os bombeiros apagaram o grande cigarro míope
Chegou até ele como o carvão à fumaça
Lapidários cabeça abaixo na prótese daquela noite
Amaram-se na areia
As despontar o dia de sete pontas
Indagou seu nome seus horários seus amantes
Ela não respondeu
Foi até à água carregada de barcos
Ele seguiu seus passos perdendo-se na névoa matinal
Concebeu seu nome
Gritou
Um sorriso disse não

Outro sorriso disse sim
Que as lontras marinhas cobiçavam em suas cavernas
Que os caracóis em suas orelhas
No bar Tolo bebeu quatro copos
Um pelos desaparecimentos
Outro pelo ventre plúmbeo do céu
Outro pelas primeiras gotas
Outro pelas gotas de chumbo dos desaparecimentos caindo
sobre seus joelhos e sobre a surpresa do surpreendente
estio 1984 Orwell
Na alquimia do bar Tolo algo soube dela
Era um segredo
Passaram então os ciclistas de Palma
Os motoristas da cidade
Os sabe-tudo do mar
Por ela enfrentou a todos
Foi ferido
Sangra e sonha
Deixaram as chaves da jovem ao largo dos telhados
E se puder encontrá-las ou não eis aí o argumento dos que se
Adentram na poesia
A sangue e fogo no redil

O COLAR DA COLINA DOURADA

O colar da colina dourada
No depósito dos caminhos
O despontar de um seio flagelado
Um suspiro galvanizador
Com foles galácticos e
Olhos como folhas
Mais delicados delgados e breves que o filamento mnemônico
da jovem ruiva da Cruz

Abrasador o dia das uvas pintadas como armas
Paredes cuja cal percute no vazio
Uma algemada ruiva

Os freios da cintura de uma mulher desabitada
O luto das festas espirituosas e dos chocolates conjugais

Fricções e ficções
Inventários
Para ganhar o pão de hoje usar os fermentos de ontem
Que assustam o deliberado carmesim

O quadro de um quadrado solar
As aranhas que crescem nos velhos casarões
Cortar lenha nos arredores de Binibeca
Girar a mão em sua própria dobradura
A sorte que lasca uma cigana
As tardes que contêm frio e punhais
Um par de contos de J. D. Salinger
Estas e outras imagens menores
Surpreenderam-me em um inverno em Barcelona
No colégio
No dia 27 de janeiro de 1982.

*A MOTOCICLETA DOS ANOS LOUCOS (I)*⁸

O patim louco de meus anos de verbenas circulares
atravessa a simetria pisciana.
Escrevo sobre os hemisférios violados da beleza nórdica
a boêmia camponesa
e entre as úmidas ruas catalãs
imagino minha sepultura esfarinhada.

Amanhecida
A carruagem dos lábios abria o sorriso demente cruzado de
tulipas
A louca do fogo saudava o grande disco

⁸ Escritura automática colaborada e às cegas; as estrofes 1, 3, 5, 7 pertencem ao poeta Edgardo Valerio; as pares, a Pino Vignoli.

E nas vértebras empoeiradas do sonhado caminho voaram
vozes até a retina
Da própria quietude

Jamais o espaço dominou o caminhante
nem a fumaça cobriu os arabescos
somo aos meus conhecimentos uma potência cúbica
enquanto um gladiolo apaga agonias biológicas.

Vejo luzes nas trevas da paisagem que o desenhista calvo
pôs no pescoço de meu quarto para me surpreender para me
encantar
A noite é o filamento oco e adormecido nas veias do
celenterado
Que se agita em teus sonhos
O tempo se desfaz em minha envoltura penso ser o fantasma
que passeia
Pelos fogões de antigamente
Lambi a pirâmide tão intenso o gosto de sacerdote me parecia
estar acompanhado por mortos de província
Saltei o maciço de aguapés e me pus a salvo por entre as
garrafas dos bambus

Agora descubro as maravilhas do templo destruído
e digiro os acontecimentos sanguíneos de meus próximos
anos.
Beberei a semivida dos montes marcados
descobrirei a aurora do ocaso.
Não creio na poesia de qualquer outro lugar mas sim na
oportunidade anterior.
Não é a todo momento que o telefone absoluto comunica
gestões
ou a mulher dá à luz.

São meus escravos
Despregam borboletas
Acabamos com os contos com cabanas no enredo
E o urso voluntário dos dias

Para minha alegria esqueço um punhado de folhas no volante
da sonhadora
Agora tudo se desvanece não reconheço os sinais de fumaça
mas sei que ao final ao me estender na planície encontrarei a
cabeleira flamejante

Penetro em ti
para alojar-me debaixo dos fungos fluorescentes
a esfera azul foi acelerada

*1937-2010 | Brasil | ROBERTO
PIVA*



Obra consultada: *Paranoia* (São Paulo: Massao Ohno Editor, 1963), *Piazzas* (São Paulo: Massao Ohno Editor, 1964) e *Coxas* (São Paulo: Edição Feira de Poesia, 1979).

BOLETIM DO MUNDO MÁGICO

Meus pés sonham suspensos no Abismo
minhas cicatrizes se rasgam na pança cristalina
eu não tenho senão dois olhos vidrados e sou um órfão
havia um fluxo de flores doentes nos subúrbios
eu queria plantar um taco de *snooker* numa estrela fixa
na porta do bar eu estou confuso como sempre mas as galerias
do meu crânio não odeiam mais a batucada dos ossos
colégios e carros fúnebres estão desertos
pelas calçadas crescem longos delírios
punhados de esqueletos são atirados no lixo
eu penso nos escorpiões de ouro e estou contente
os luminosos cantam nos telhados
eu posso abrir os olhos para a lua aproveitar o medo das
nuvens
mas o céu roxo é uma visão suprema
minha face empalidece com o álcool
eu sou uma solidão nua amarrada a um poste
fios telefônicos cruzam-se no meu esôfago
meus olhos cegam minha mente racha-se de encontro a uma
calota minha alma desconjuntada passa rodando

JORGE DE LIMA, PANFLETÁRIO DO CAOS

Foi no dia 31 de dezembro de 1961 que te compreendi Jorge
de Lima
enquanto eu caminhava pelas praças agitadas pela melancolia
presente na minha memória devorada pelo azul
eu soube decifrar os teus jogos noturnos
indisfarçável entre as flores
uníssonos em tua cabeça de prata e plantas ampliadas
como teus olhos crescem na paisagem Jorge de Lima e como
tua boca palpita nos bulevares oxidados pela névoa
uma constelação de cinza esboroa-se na contemplação
inconsútil de tua túnica

e um milhão de vaga-lumes trazendo estranhas tatuagens no
ventre se despedaçam contra os ninhos da Eternidade
é neste momento de fermento e agonia que te invoco grande
alucinado querido e estranho professor do Caos sabendo
que teu nome deve estar como um talismã nos lábios de
todos os meninos

HOMENAGEM AO MARQUÊS DE SADE

O Marquês de Sade vai serpenteando menstruado por
máquinas & outras vísceras
imperador sobre-humano pedalando a Ursa Maior no tórax do
Oceano
onde o crocodilo vira o pescoço & acorda a flor louca cruzando
a mente num suspiro
é aéreo o intestino acústico onde ele deita com o vasto peixe
da tristeza violentando os muros de sacarina
ele se ajoelha na laje cor do Tempo com o grito das Minervas
em seus olhos
o grande cu de fogo de artifício incha este espelho de
adolescentes com uma duna em cada mão
as feridas vegetais libertam os rochedos de carne empilhadas
na Catástrofe
um menino que passava comprimiu o dorso descabelado da
mãe uivando na janela
a fragata engraxada nos caminhos da sobancelha calcina o
chicote de ar do Marquês de Sade no queixo das chaminés
falta ao mundo uma partitura ardente como o hímen dos
pesadelos
os edifícios crescem para que eu possa praticar amor nos
pavimentos
o Marquês de Sade pôs fogo nos ossos dos pianistas que
rachavam como batatas
ele avança com tesouras afiadas tomando as nuvens de assalto
ele sopra um planador na direção de um corvo agonizante
ele me dilacera & me protege contra o surdo século de quedas
abstratas

*MAREMOTO*⁹

os jacarandás de Murilo Mendes varridos pelo ratatatata das
celebrações da iniciação anual
a semente boiando na porta de coral transida como as
bandeirolas na temporada das secas
o gigantesco mameluco uirapuru que dorme sua melancólica
soneca em uma lembrança de mamutes dilacerados
repetem com as ondas do mar sua cantilena de amor & morte
ARS POETICA: o uivo primordial convocando toda gente – os
mamelucos, os irascíveis, os catadores de pederneiras
as procissões rumo à casa do meu amor que dorme na língua
azul da folha
as ilhas que se elevam aos ares sem deixar rastros, traços &
sombras
as hélices dos sorrisos dos adolescentes lúbricos mais
apaixonados que a fêmea do tubarão
as iniciações vorazes & a fogueira dos acampamentos
aqui o mundo derrapa em seu sabor de carambola & as tripas
cor de creme dos felinos enroscam-se nas estrelas
e tudo sobe à cabeça: é a hora do grande bataclã, memória de
colibris trincados
ontem uma revoada de andorinhas d'água
hoje um suicida amanhã o sonho feito carne sacudirá os
andaimas da fera e fará estremecer à distância o Grande
Caraminguá de Deus
Salve, salve
Thalassa, Thalassa ó gregos cujos corpos de seda atravessaram
os portões de mármore do universo
ó colóquios de palmeiras sutis ó apocalipses mais uma vez
flagrados
ó cadência de anêmonas aureolando o crânio dos videntes
com suas músicas de pífaros Serafim Ponte Grande no
tombadilho do transatlântico recheado de abacates

⁹ Inédito, 1977, escrito a quatro mãos com Claudio Willer.

despeja sobre o mundo esta melodia de flauta, violão e
alucinação precoce
Eu Giovanni Miramare miro o mar na miopia erótica dos que
sabem flutuar na maresia & sei da sombra do jequitibá, do
mistério das carreiras de café, do código cifrado do sabiá
garotos antropófagos percorrem a Av. São João cavalgando
antas dopadas com miosótis & suas coxas traçam o
contorno da tarde que desperta
corintianos trêmulos aplicam-se contra as fachadas das
construções lacrimosas
seus sexos esmagados balançam como sinos do perdão das
locomotivas de antigamente
neste balanço final entre arrotos benignos abrindo brechas na
escuridão
peixes cujos nomes se perderam na memória dos abismos
oceânicos descem a ladeira principal desta parte do mundo
& suas carícias fazem a vida responder
SARAVÁ
portador dos bandolins & anunciações

*HOMENAGEM A CLAUDIO WILLER*¹⁰

*you pede direito de asilo
you mergulha direto no front*

Roberto Piva

Claudio Willer estes dez anos de tempestade em São Paulo me
fazem lembrar Georg Trakl que você leu no original & sacou
a performance dionisíaca da cânfora
um dia os anjos trovejaram em nossos lençóis e a humanidade
trepidou, brandindo os orgasmos tricolores do céu aberto
as ruas desfilavam & os feiticeiros choravam os veludos dos
relógios térmicos feitos horizontais no recuo das
sociedades secretas

¹⁰ Inédito, 1978, escrito a quatro mãos com Juan Sánz Hernández

os poetas ouviam e os amantes dilaceravam seus corpos entre
tratores e poemas desnudos
você atravessou o alfa-ômega na têmpera dos dinossauros
elétricos mais fortes que Saturno & suas feras
antes que as plantas entrem em órbita você telefona em código
Morse para Heloisa Buarque de Hollanda Geraldinho
Carneiro Ricardo G. Ramos Adauto Afonso Henriques &
Chacal (que você acha gênio) & avisa da próxima leitura de
poesia debaixo da ponte do Tietê
Os poetas! gritavam os tímpanos do deserto & os poetas
navegavam envoltos em espumas celestes com o sexo
pendurado a serviço da história
a noite ventava & meu corpo se fazia ao mar elétrico da
posteridade, não havia interlúdios nem máquinas celulares
comandando as vísceras de meu amante, eu amava a gritos
abertos e a humanidade torcia o pescoço
ninguém teve a coragem de Claudio Willer fugindo de
perseguidores em Copacabana na av. Ipiranga com sua 7.65
em 1963 suas violetas de precisão seus corações
incompreendidos suas feras mais alucinadas que o nascer
do sol
então os vizinhos do além telefonaram para meus cotovelos
azuis e o além não tinha forma nem espaço Claudio Willer
estrela escondida no âmago de todos nós baforava anises
vermelhos envoltos em melodias mediúnicas a serviço do
verde e do amor
A vida! gritavam centenas de adolescentes esperando a voz do
crepúsculo e o crepúsculo bamboleava & dormia no sono
eterno dos corpos feitos a dois
A madrugada! e a madrugada era noite & dia pendurada em
nossos peitos termais com a esperança de uma eternidade
sem paletós e meios termos feita ao acaso de um
termômetro árabe entre dentes e odisseias sampaulinas
Claudio Willer gritava e seu eco era presença e estado de
sítio numa apoteose carnal comprada nos mercados de
piscinas boreais entre o mar e uma vida de veludo bordada
de astronautas e sinfonias ao acaso de calendários eternos

você acertava o murro no focinho do canalha dedo-duro &
fazia a esperança nascer nos corações solitários antes dos
beatles (isto é, John Lennon) e você sempre deu força para
quem tem força & está sendo esmagado pela sociedade
burguesa
a sociedade da promiscuidade artefato luxo de cães peidos de
maizena cu duro canalhas baianos financiados pela CIA
para destruir amores etc
e caos feito poemas descarnados nos olhos da imaginação
tumefacta

*A VIDA ME CARREGA NO AR COMO UM
GIGANTESCO ABUTRE*

A verdade dos deuses
carnais como nós & lânguidos
não provém do nada
mas do desejo trovejante do coração partido pelo amor
em sua disparada pelo rosto de um adolescente
com sua fúria delicada
cruzo avenidas insones & corroídas de chuva
minha mão alcança minha dor presente
& me preparo para um dia duro amargo & pegajoso
a tarde desaba seu azul sobre os telhados do mundo
você não veio ao nosso encontro & eu morro um pouco & eu
me encontro só numa cidade de muros
você talvez não saiba do ritual do amor como uma fonte a água
que corre não correrá jamais a mesma até o poente
minha dor é um anjo ferido de morte
você é um pequeno deus verde & rigoroso
horários de morte cidades cemitérios a morte é a ordem do dia
a noite vem raptar o que sobra de um soluço

1940 | Brasil | CLAUDIO WILLER



Obra consultada: *Anotações para um apocalipse* (São Paulo: Massao Ohno Editor, 1964), *Dias circulares* (São Paulo: Massao Ohno Editor, 1976), *Jardins da provocação* (São Paulo: Massao Ohno Editor, 1981) e *A verdadeira história do século XX* (Lisboa: Apenas Edições, 2016).

UMA FRONTEIRA PARA O GRITO

Inseguro entre o céu e a estepe, suspenso num fluir de roda gigante, embebido na minha nostalgia de centauros, eu devoro pedaços de musgo e raízes de plátano, estendido em jardins intermináveis onde se modelam arcanjos. Teria sido muito mais fácil escrever cartas de amor, para serem estendidas ao longo das estradas e pelas paredes dos tribunais – são inúteis para a vida, porém, estes poucos instintos que lentamente se devoram uns aos outros – sobra-nos apenas uma memória de fugas de amantes, a grandeza do gesto de um epilético, a solidão profunda dos grandes sedutores. Há sonhos, porém, que nos acometem com uma simetria de gaitas de fole – há também a necessidade de escrever testamentos, sempre obscuros, insultando os jardineiros das praças públicas, e aqueles que comem hóstias com uma regularidade de aranha e armazenam pontas de cigarros em cofres de aço, temerosos da posteridade. É absolutamente necessário, também, conclamarmos à união os famintos de santidade, os guardiões de serpentes e domadores de circo, os exploradores dos subterrâneos das pontes e viadutos, os exilados voluntários, para partirmos juntos em busca da inviolável liberdade dos caminhos seguidos ao acaso, e da verdade contida nas escadarias, pórticos e paredões desabados.

O SERPENTÁRIO E SUAS RAMIFICAÇÕES

A cidade e seu esqueleto múltiplo e inevitável, seus animais incendiados e turbilhões de fomes sem fim. Dentro dela, o grande estômago absorvendo todas as contemplações. Vitrais pulverizados envolvem os grandes prédios, a magia coloca-se ao alcance de todos sob forma de um corrimão que aponta para a morte da Perspectiva. Foram setenta vidas, talvez mais, contidas no espaço de alguns dias, límpidos, convergentes, inevitáveis, sulcados pela proximidade dos ciclones, vivência do grande seio plástico que abriga os desejos da alma, das cordas tensas do violino; setenta vidas e depois disso a

sobrevivência. Todavia o esqueleto mais desidratado do que antes, a cavidade dos olhos, o crânio abandonado na mata sem metamorfoses. É preciso atapetar os corredores com lâminas a cada nova aproximação do ser amado, construir trilhas de sangue definitivo, única homenagem possível, antena, precipitação, anátema, presença, rastro fixo. A cidade, suas várias camadas e esqueletos, sua pulsação assustadora; sobre ela, a chuva de horóscopos que se precipitam a cada novo encontro. Torna-se necessário escolher as palavras encantatórias, abrindo novos espaços de magia (penetração, vértebra, sucção?). Tudo, porém, não passa de mais uma incorporação. Reconstruo-me, prossigo no roteiro dos sabath. Busco as clareiras deixadas pelo cerimonial. Máscaras de alabastro com línguas de gelo precipitam-se ainda no quarto, a partir de determinados pontos, lentas e solenes como se estivessem infladas de hidrogênio.

*AS PALAVRAS DA TRIBO*¹¹

*Então, era isto a vida?
Pois bem: repita-se!*

Nietzsche

a espécie humana entrega-se às mais surpreendentes
rapsódias antevendo o derradeiro samba-canção do nada
a espécie humana fantasia-se de poste de caramujo veste
borzeguins passeia às 4 da tarde em frente à Catedral
mastiga horóscopos inicia o culto do lambe-lambe
a espécie humana tece seu cotovelo submarino enquanto toca
rocks cinzentos as praias sucumbem nos olhos da espécie
humana latindo e fazendo sexo empapelado pelos
subúrbios dos encéfalos celestes mascando chicletes e

¹¹ Poema coletivo, em parceria com Roberto Piva, Juan e Cristina Hernandez.

bundas de espécimes sub-humanos a espécie humana
intoxica a passarela dos meus anos eternos
tudo no olho direito da espécie humana: pijamas pirâmides de
sanhaços luas pregadas na testa do navio-fantasma
a espécie humana delira & troveja ao mesmo tempo: sua ilha
de nenúfares é um brinquedo nuclear que promete
pulverizações
a espécie humana come carambola faz xixi no brejo discute os
filósofos ecléticos da Escola de Praga em 1753 constrói
cofres e saleiros procura salamandras ao entardecer
compõe partituras e mais partituras quer saber do
derradeiro bosque no fundo do olho
a espécie humana planta & colhe mas não sabe comer a
espécie humana mergulha no oceano com lábios
encaracolados e não beija a asa do caracol a espécie
humana voa até o cósmico e só segura as faíscas do rabo de
um meteorito
uma ópera caucasiana dividiu a espécie humana em olhos de
faíscas azuis pendurados entre bonecos de porcelana
angustiados pelo porvir da morte
eu procurava a espécie do meu destino e o humano aumentava
de volume enquanto cisternas de adolescentes enrolavam
seus cabelos entre medusas e cadilaques de chocolate a
sub-raça existia torpedeada nas axilas dos calendários a
espécie era um esparadrapo traficando o humano e suas
religiões de ébano
suas duas dúzias de corações suas ladainhas cheias de silêncio
suas roupas penduradas contra o céu cinza suas arapucas
com rolinhas dentro suas marcas azuladas no pescoço do
dia que se abre suas filas duplas de jockeys suas painéis
gastas suas gargantas mais dramáticas que seus intestinos
suas bocas mais mortas de amor que um punhal cravado
num girassol de escorpiões
a espécie humana se apoia no calcanhar e tenta descrever a
trajetória dos astros
a espécie humana em certos dias cinzentos assemelha-se a um
esôfago retorcido a um baú de lacraias
a espécie humana escreve roteiros de ópera-rock

a espécie humana quer mais planetas muito mais planetas do
que você está pensando para fazer bilboquê e jogo de
amarelinha

a espécie humana tem algo de nenúfar de cão-d'água de
centopeia assustada de bibelô de Cuernavaca de estamperia
neo-incaica de pregação de litígios e manifestos pela
araucária

ah! espécie humana mais divina que todos os céus enlutados
do teu destino não fossem as catedrais dos teus amores
piedosos não fossem tuas culpas acarameladas por
correntes ditadoras tuas enciclopédias beócias e termais
tua sociedade de mordidas e seios rotos teus lábios são santos
teu mundo um caracol de verão tua verdade um destino
feito ao acaso de uma raça andina aveludada entre pedras e
dentes planetários

teu destino é secreto eu te amo e te amaldiçoo e procuro tua
poesia no âmago do meu ser

espécie humana eu te desafio para um duelo de papagaios
para uma rodada de rabo de galo para uma festa em
homenagem a Dionísios para ver as coxas do meu amor de
bermudas lendo David Cooper me esperando (signo do
escorpião me espera para matar com seu veneno de amor)
sempre com seus olhos descolados da nuvem que passa

a espécie humana tem Severo Gomes Átila o Huno Gengis Khan
Massao Ohno Rasputin e a cozinheira cearense do Xainxá a
espécie humana sabe que vai acabar e escreve orações ao
Deus Parafuso ou Deus Pergaminho ao Deus Bonde das
Quatro e Quinze da tarde

a espécie humana sente calafrios diante dos serpentários a
espécie humana ainda tem esperança uma última
esperança de encontrar alguém na esquina da Rua Lisboa e
Praça dos Saltimbancos a espécie humana sopra gaitas de
fole e apoia o cotovelo no balcão do banco

a espécie humana sabe piscar mexer o lóbulo da orelha e o
dedão comer pastaciutta mijar em prato alheio sucumbir e
renascer balançando no meu paladar

a espécie humana agride os verdes campos da memória a
civilização como passaporte para o próximo verão verdades

cuspidas pelas palavras da história a história atapetada de
jasmims e esterco noturnos dentaduras feito bandeiras
atômicas mãos sonâmbulas abismos sedosos feitos à
intempérie daqueles que choram pelos oceanos sem nome
aqueles que dormem e se suicidam sem culpa formada
amaldiçoo tua vez teu orgasmo pequeno e voraz tuas
omoplatas crepusculares chamando cordilheiras e
sendeiros lunares amores e ódios encapuzados num
crucifixo opalino de olhos matizados pela essência do teu
nascimento austral gênio hiperbóreo feito ao acaso de um
fuzil de asfaltos e pederastas carcomidos pelos relógios de
areias nucleares salvo-conduto para uma eternidade
comprada nas quitandas carboníferas de deuses falsos
agora Fernando Pessoa flagra a espécie humana lombo de
onça africana que lambeu a esfera da carne rumo à veia
jugular sapateando no topo do bar Jeca onde eu e meu amor
um dia tomamos uma canja histórica fonte de orgasmos
cabeludos corações da noite constelações de ursas doidas
pondo ovos de celofane
vontade de transformar meu amor em toda espécie humana
para dar o beijo que nos transportará pela fenda da galáxia
caindo no prato de amêndoas do outro lado ou numa mesa
branca de Sto. Agostinho uma numa raça de hipopótamos
longínqua e delicada à espera da maluca união que não
conhece limites nem sul nem norte nem o doce naufrágio
onde viramos do avesso e dizemos Sim

POESIA PICTÓRICA, VISUAL: SIMBOLOGIA DA ÁGUA

Quando a praia onde você está é sentida como real unicamente
por trazer a lembrança viva dos cheiros, claridade e ruídos da
outra praia onde você já esteve, muito tempo atrás
quando nada mais resta, a não ser a impressão de que viver foi
inútil e de que morrer é algo totalmente idiota,
filtrada por uma sensação do sublime, de estar com os pés no
chão

ou então
quando ao retornar já de madrugada, deu-me a impressão de
que se abria um abismo, passagem para outro plano, no
encontro das ruas Pernambuco, Rio de Janeiro, Praça
Villaboim, e isso foi igual a perceber que nada mais fiz até hoje
exceto seguir os rastros da minha própria morte,
quando a vida não passa de um pretexto: então, selecionar
para publicação o que for mais estranho, anguloso, geométrico
mas fora de esquadro, e que possa ser recitado em um tom de
voz bem inocente, de quase surpresa, simulando ser alguém
que mal acredita no que está a dizer

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO SÉCULO XX

*Em certas horas de solidão e frio implacável em que tudo vacila,
e que, parece, poucas épocas conheceram, em meio a uma
lucidez tão gélida, confessaríamos para nós mesmos, de modo
tão natural, que temos menos sede de verdade do que de
revelação.*

Julien Gracq

contemplação: estrela no fundo do mar
você: véu de gaze azulada roçando, suave apelo
furacão: róseo
perfeição: parábola de perfumes
lâmina: a mente alucinada
gruta: você e os arcanos da natureza
matemática do sonho: esta nuvem
gelo: explosão de relâmpagos
essa solidez, essa presença: capim ao vento
rápidos, passando à frente: lavanda
e também sombra de árvore
montanha: inteiramente nossa
intimidade sorridente: no calor da tarde
Íris: o nome da flor, o seio ao sol

- quanta coisa você fez que eu visse

o acaso nos transportava e podíamos ir a qualquer lugar
o mundo tinha janelas abertas
e tudo era primeira vez

gnose do redemoinho, foi o que soubemos

*1940-2006 | PORTUGAL |
ANTÓNIO GANCHO*



Obra consultada: *O ar da manhã* (Lisboa: Assírio & Alvim, 1995).

SOBRE UMA MANHÃ QUALQUER

Manhã de ouro lhe poderíamos chamar se de ouro fora a
primeira manhã
Adão inconfessado, e nada saberemos da primeira manhã
se afinal de ouro se afinal de prata.
Ainda possível ter sido de estanho?
A primeira manhã assim imaginada estanho e a cena
desenrolar-se-á
com maçãs de estanho, aves de estanho, rios de estanho...
Adão não seria de estanho?
Adão inconfessado, e nada se saberá da manhã original.
A primeira manhã, a primeira luz, a primeira vida, a primeira
lua
Tu, querida, o desejarias saber, o sei,
era teu desejo saber de que metal fora a primeira manhã!
Evidentemente que (e aqui sente-se já um cansaço a obcecar a
caneta)
evidentemente que dizia
etc., etc.
e a respeito da primeira manhã afinal
que não interessa sabê-lo.
Olha, morre como o cigano, o pior é ires à escola.
Ah, os poetas são decididamente afectados.
Que raio de ideia esta de saber da primeira manhã?
Londrina a de hoje, e basta para tomar um excelente duche
quente
com a água a pôr fervura na pele
e mais nada.
Da primeira manhã. Adão que se faça poeta e no-lo diga que
metal

[RESIGNO-ME À FUNÇÃO]

Resigno-me à função:
Isto de fazer poesia
não tem não mais que fazê-la.

Põe-se o papel, pega-se no lápis
e à moela da inspiração
façamos assim, digamos assim
não se diz não.
Começa-se não mal
que se comece bem
depois de tal
vem que as imagens
ou as comparações
escrevem e metem-se no meio
do que tu supões.
Depois dentre nós dois
ou o Céu ou o Inferno
ou Deus ou o Diabo
a bela ou o quadritérnio
inspiro-me, inspiras-te,
escrevo, começo e acabo.
Não abro o coração
em dois
que não vem depois
mais sangue fluido
a falar.
Abra-se antes na função
Poética
coisas como o mar
o luar, o acabar das horas
e dos dias, na poesia romântica,
e na quântica outras
coisas, outras noções,
as quantas são que não
na romântica
aqui nesta já as leis
do coração, a função
entre dois corações
mas fisiologicamente
e na romântica
apaixonadamente mais quente.
Resigno-me à função

de fazer poesia.
Esfria-me é
o condão muitas vezes
mas a teses como
esta ou uma tese
qualquer
quero fazer eu
um poema também.
Resigno-me à função.
Submeto-me à função.
Subjugo-me à função.
E não vou mais longe.
Escrevo. Poesia.
O hábito faz o monge
e eu um dia vou longe
se escrever muito em poesia.
Doutra maneira dizia que
vale mais fazer a poesia
que dizê-la
que ela de guia tem
e serve-se de bela.

ABERTURA

Eu abria o rádio
eu abria o aparelho
era uma flor branca que eu abria
de sopro
eu soprava e eu abria a flor
A flor tocava música com as várias mãos
das pétalas
A flor tocava uma simbolização dum tempo
caído podre de espera de cor branca
O tempo espera-se em pintar-se
de branco
para cegar uma cor
mas a minha flor abria-se de

pétalas
e as várias mãos escreviam um
piano por cima de teclas grãos vários
seguidos uns aos outros.
Era assim uma harmonia
entre flor
tempo a querer-se de cor branca em cegar
era assim umas teclas cantarem filhos de grãos
por dentro dos grãos mesmos
unidos que eram em dimensão de lado
era assim um cantar-me o tempo todo
não era assim um cantar-me o tempo todo
era assim um pairar-me
o tempo todo em Nijinsky
o tempo em um fazer-me ballet pelo quarto inteiro
quando eu tinha aberta a cabeça que imagino
da música
Abria a pétala favorita do harém
onde no centro um sultão da flor
no centro que era o amarelo da flor
abria a pétala favorita da flor
e então
e era então que me soava dentro da manhã
do quarto
uma música desfibrada de tempo serôdio
como se tudo me fosse em longe
como se a música levasse longe
o céu.

MÚSICA

A música vinha duma mansidão de consciência
era como que uma cadeira sentada sem
um não falar de coisa alguma com a palavra por baixo
nada fazia prever que o vento fosse de azul para cima
e que a pose uma nostalgia de movimento deambulante
era-se como se tudo por cima duma vontade de fazer uma asa

nós não movimentamos o espaço mas a vida erige a cifra
constrói por dentro um vocábulo sem se saber
como o que será
era um sinal que vinha duma atmosfera simplificante
silêncio como um pássaro caído a falar do comprimento.

PRISÃO

Tu tinhas uma nascença que era uma prisão
uma certeza de estar concreto e unido
com a matéria de pedra
Que era uma tua sedimentação de vida
uma tua construção de movimentos a sair das grades
Era rico em Sol o teu peito de grades
concreto e unido sedimentavas dias de espera
duma letra que te abrisse os instintos para
falares de nada.
Era uma certeza de tu estares unido como uma raiz de mesa
própria
uma certeza de estares virado para um
nascente de inconcretidade material
tinhas uma mão de peça de artilharia
de disparares para fora o conteúdo dos dias com
raiz de mesa própria
Eras um sol a nascer-te no sítio da grade
onde se punham ramos de quinta-feira de campo.
Tinhas uma natureza de estares sentado
Sobre uma cadeira que era a tua
esperança de estares unido com a nascença do movimento.
Tinhas um cantarem-te os cabelos no dia de dentro
um ser-te uma mágica a fusão de
olhar com a dimensão de esperança fora.
Eras-te igual à matéria da tua animação de selva
íntima
igual ao cantar-te seródio o tempo de pendular
na cabeça
Conhecias uma esperança de cortares os cabelos com uma

navalha de vento
mas era tua inspiração de um modo interior de vida.
Criavas um espaço aberto na clareira duma grade
que era um espaço celeste a cobrir de grego o cimento
Tu tinhas uma invenção de disparares saúde de dias
por fora da mão
Tu tinhas uma sensação absoluta de estares aberto com o
espaço
duma grade
tinhas um ser-te grave o olhar para fora do dia
inaugurado de verde
Que se te abrisse a letra
era desejo de teres fonemas no nada de uma mão aberta
sem um rogar de branco.
O sol aberto em sentido de alusão a uma palavra de ti
era nada de o poente estar no sentido inverso.

*1941 | Holanda | LAURENS
VANCREVEL*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Speculatieven (Amsterdam: Marsyas, 1981) e *Vision et
disparition Nocturne* (Landgraaf: Herik, 1998).

ANDANDO PELAS RUAS COM MARIO CESARINY

Seus verdadeiros nomes são canções inescrutáveis
Queimando brilhantes por trás das passagens parafusadas
Além do teatro furioso de algum tribunal interno.

As janelas escondem seus pensamentos brilhantes,
Seus amores secretos, os fósseis da nostalgia –
Sonhos molhados de flores formais nos azulejos.

Ele me conta todos os nomes em que a nova vida
Crescerá: aparentemente não serão melhores
Do que sempre foram – um monte de esperança petrificada.

Agora, navegando em um navio pedregoso no mar aberto,
Cargas com profundas camadas de desejo,
Nós tocamos novos odores de dias violentos.

A sentinela está ereta, ardendo na luz.
Somente os poetas condenados conhecem os verdadeiros
nomes
Dos mistérios nascidos neste mundo de mentiras.

A HORA DA ABELHA

Deslocada fora de tempo e em todas as partes
desamparada nossa inconquistável
perspectiva se enche de resina e
doçura e silêncio, porém ao final
de uma carícia do caminho
que se prolonga planejando com as gaiotas
ressurge a luz trêmula
sobre uma colina deslumbrante,
tola e invisível pelo zumbido,
até que os cheiros em som se rompem
e a atmosfera inteira emudece no sonoro
coração da tarde –

tímidos buscamos um voo
desde esta doze e embriagadora hora.

SAUDADE

Fantasia transparente
reencontrada em frescas bacias,
menina do olho, suave cintilação.

Allento salobre,
desnuda dignidade,
panorama de calor, remota cidade pétrea.

Um diminuto homem-lobo no sol,
folha cheirosa, verdor em mar remoto,
o fogo acariciador, coração de amapola.

Estalo de nostalgia no vento,
todo um cúmulo,
na mão as conchas se espatifam.

Reluzente velocino,
boca coberta de chagas.

DILAÇÃO

Aquele silêncio no mar, tão tarde na luz diurna,
em busca de trilhas te deixou erguer o voo –
as conchas se descoloriam diante de teus pés,
a luz escorria com o vento por tua sombra
e em teu coração o espaço entrou em colapso –
quão desconhecida se fez a fortuna, quão simples
a emoção, quão palpável no abismo do dia –
à distância repousava a vida, uma fixa
cintilação movediça, longe da terra,
longe do presente, e ali, dadivosa, a noite

se encontrava

VISÃO E DESAPARECIMENTO NOTURNO

À memória de Hendrik Cramer

1

Um vazio novamente, sem bangalôs em qualquer parte, e
extensamente
diante dos meus dias no penhasco
perto de Bantry eu o vi descer
pelo caminho sinuoso entre a vassoura
e as palmas, ele da minha idade, mas
muito tempo fora de seu sonho, de pé, absorvido.
Seus passos abrigavam o céu, seu olhar
teria deixado a Terra.

Sozinho e silencioso

No laço da enseada, entre cambalhotas
emergiu, e empurrou a faca
para as algas negras brilhantes. Ele pegou
O molde que o alimenta.

Sob o olhar

Que cobriu o céu, ele contemplou
o maciço inabalável da cimeira.

O olhar ardente mergulhou no mar, uma bola lenta
passou pelas ondas. Ele deixou flutuar
onde deveria ter afundado, o cristal derretido.

2

As falésias apontam a luz
para o fundo. As pedras estavam de pé,
elas vigiaram os espíritos eternos. Aqueles, que estavam
vagando
em círculos, perdidos no nevoeiro,

uma música sem palavras.

Contra a corrente
da noite, ele voltou para a encosta,
seu rosto violento se escondeu
sua aparência, e ele brilhou
como uma lâmpada na névoa.

Eu me aproximei dele
saindo da escuridão, exclamei o sinal enquanto procurava.
Um tremor percorreu as águas,
um batimento cardíaco chicoteou a costa.

Um rio
fluía com limpidez como as lágrimas, a palma
tornou-se um pilar de ouro. Ele transgrediu
pelo seu olhar no mundo, ele escapou
de minha voz.

Ao acordar estava sozinho no local
em um grande vácuo. Nada manteve sua forma
ou permaneceu inabalavelmente
ao lado.

3

O navio de três mastros flutuava calmamente,
ele a aguardou até tarde no porto. Então ele mudou
a rota para bem longe, o vento empurrando
as velas com força.

Ele saltou
correntes giratórias onde que que surgissem,
a noite caiu. Ele encarou as ondas
turbulentas, e bebeu a espuma da tempestade.

Seu curso tornou-se uma praga durante as rajadas, ele se
ergueu
na maré crescente. Suas bordas embotaram-se
em fragmentos. Sua sombra ardente se desviou.

4

Este canto soou perto das ondas abruptas, eu procurei por isso durante a maré descendente. Esta noite seu sinal apareceu, fluindo como um fogo pelo tronco, ele penetrou em todas as águas de um raio de luz da lua. E alimentou como pão o desejo criador.

Ele cobriu o céu,
as nuvens lamberam o sangue da terra.
A tempestade dispersou sua fumaça
no campo. Os cisnes voaram para longe
como almas de neve. Eles dividiram
o céu rugindo.

O rosto brilhante
me recolheu como uma folha, ele esticou minhas mãos
como asas. E gravou sua palavra nas pedras
e cortou o tronco da palmeira.

Um olhar ilimitado
Desceu sobre os juncos – então ele voou
para longe lançando chamas.

5

Não reclame sobre o vidente: ele sonhou
o que havia visto. Aqui encontrou o ouro
do tempo, e abrigou-se em sabedoria
e nudez.

Ele saltou como uma faísca
para as sombras escuras que estavam em silêncio
em suas cinzas glaciais.

Ele limpou seu letreiro
brilhante, então deslizou sem deixar rasto, como um grito,
no centro profundo da terra

do presente incerto
ao nada.

*1942 / Nicaragua / FRANCISCO
VALLE*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Mañana sin paraíso (Managua: Editorial Zorrillo, 1996) e
Laberinto de espadas. Prosemas 1962-1992 (Managua: Editorial
Nueva Nicaragua, 1996).

O CACHIMBO DE NOGUEIRA

Toda a desolação passou por meus lábios.

No cachimbo escuro de nogueira a morte escreveu, com lívida nomenclatura, a sobras das palavras perdidas, e cada cidade solitária foi gravando em seu corpo de anacoreta uma profunda talhadura.

Como um anjo antigo, o cachimbo sonhava em minha boca.

Como um barco silencioso, se perdia entre as torres negras.

À meia-noite, na penumbra, resplandecia sua brasa profunda; ao meio-dia, jazia quieto, imóvel, e seu grosso ventre da cor de raiz fóssil consolava o mundo.

Às vezes, encontrado de repente sobre uma mesa, em uma gaveta, sobre um armário, o cachimbo – na solidão do quarto – tinha um silêncio de outras idades, e sua tristeza era uma elegia de pedra que dormia entre as mãos.

Durante muito tempo caminhou comigo, até que ao final – ancião coxo e arruinado – perdeu totalmente o olhar diante das trevas do mar.

Tive que deixá-lo, e ali ficou sobre a areia, como uma religião abandonada.

Eu me perdi por um caminho onde as tardes caíam sobre a vida como as cinzas dos reis mortos.

O RAMO DE OURO

Brilhante e solitário como navalha de galo, amanhece o dia. Amanhece porém sem ninguém, com os lábios cortados na água já tingida de extensos arrebóis. A luz do sol que se levanta pega no corpo do esteiro, e a corrente por um instante é uma lâmina que ferve na carne viva mesclando reflexos de aço, saltos de tainhas e raios coloridos que enchem de incêndios as mãos e os olhos. Os manguezais, ainda com sombra da noite anterior, aparecem, negros nas raízes de braços múltiplos como chifres de boi enterrados com força no lodo, onde soam as conchas ao se fecharem. Em um extremo do bote jazem os cães estropiados com as entranhas de fora.

No curtido e áspero ventre dos alforjes, anda o bernal com o rango úmido pelo sereno da alvorada. Com o desvelo pintado nas caras, entre bocejos e baforadas, nos espreguiçamos. De vez em quando soa a palmada furiosa de alguém ao matar mosquitos. Já preparados, vamos esteiro adentro, lentos, a golpe de remo que parte a água em duas, afastando-nos das margens douradas. Passa um pescador e nos lança um grito – um alarido alto como um cutelo de luz – e nós respondemos com outro grito que pretende dizer que por aqui andamos. O pescoço do meio-dia resplandece em uma profusa degolação de azul e na metade do caminho vamos todos em silêncio, escutando apenas o som das pequenas ondas ao se desfazerem contra as costelas do bote.

QUARTO ESCURO

No quarto escuro, meus braços golpeiam como martelos de névoa contra o vento morto que vai me fazendo desaparecer, até que meu corpo desemboca na essência dolente de um fio de luz que foge pelo teto e rebenta em um profuso resmungo de astros sobre a cara do céu. Entro, então, em um inelutável quebranto de pássaros que bebem em meu sangue quando as secas ladeiras da alma me encham de frescos e entristecidos lírios e a rochosa morte se arrasta sobre a pele do mundo com a sua angústia de espinhos. Grito no silêncio atroz como desbaratado em migalhas de sombra, entrevendo uma rua que jamais me internará para o mar, e que torce – o pó que a eterniza – para uma fila de brutais espadas que a protegem como árvores hirsutas. Eu me detenho e apalpo o malferido contorno de um anjo que com seus irascíveis olhos de água vermelha se petrifica ao meu lado, para que a garganta não seja partida em dois úmidos pedaços e o coração não me saia por esse buraco como um lenho aflitivo que chora na boca de um túnel. Depois, a caminho do esquecimento me ausento para sepultar minha cara sob as cinzas.

TRÁFICO FECHADO

Aqui no mesmo lugar onde se reuniram as noites para escrever o fracasso, a espessura humana fica abandonada à margem de um grande bosque de pedra. Um erro após outro; um profundo estado de cansaço; o barranco azul onde as perdizes assobiam. Quando transcorre o tempo e o temporal se abate lançando-me longe de mim, longe da sombra das árvores e o lobo é mais do que eu poderia levar, pelo caminho solitário não aparecem jamais os ventos de pele adormecida, e a garoa tranquila – soluçando sobre as memórias sagradas – cai neste lugar que se torna obscuro e molha a terra que chama como habitação de eternidade. Surge minha cabeça como uma papoula a mais entre as aventuras do vento, e no mistério mais distante do braço os entardeceres te oferecem um sudário com orvalho. Outras tormentas, outros destinos. Entre horizontes e distâncias, descansa com o peito aberto sobre o único penhasco das vertentes: o vagabundo sem preconceitos dispõe apenas do regresso nostálgico das aves para alimentar o silêncio de seu rosto.

AS MULAS NO INFERNO

As mulas no inferno vivem de uma beberagem de sombra, recostadas sobre o peito do amor.
Atadas ao fogo silencioso, seus olhos vermelhos se movem de um lado para outro como dobradiças de uma porta negra.
Com o lombo queimado e um cheiro de pelos chamuscados, curvam o pescoço para comer brasas.
Entre suas patas arde uma greta de sol, e com a carne aberta a coroa cai sobre as águas amarelas.
Em seus dentes de pedra brilha um relâmpago, e em sua fronte escura, às vezes, dorme a mão do vento.
Redondas as ancas e o olho devorado pelo inferno, arrastam ataúdes com uma meca amarrada na cintura.
De suas orelhas pende o céu, como uma força triste.

Quando as mulas sorriem na penumbra, eu recordo o
desamparo dos ossos abandonados.

Suas bocas são ferraduras de bronze, e voam baba, gemem
presságios, resfolegam ar suplicante que de tão celeste banha
de fumaça as caras.

As mulas afundam na fadiga profunda que tem o peito de um
homem.

A seus sepulcros vou recomendado.

E em mim o pranto brota em arco de esqueleto.

*1944 | Brasil | AFONSO
HENRIQUES NETO*



Obra consultada: *Restos & estrelas & fraturas* (Rio de Janeiro: Edição independente, 1975), *Ossos do paraíso* (Rio de Janeiro: Edição independente, 1981), *Ser infinitas palavras* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2001) e *Uma cerveja no dilúvio* (Rio de Janeiro: 7Letras, 2011).

QUASE CINZA

eu sei onde ladram ventos por ladrilhos
de mistérios inexistentes.
eu sei de que matéria esta sensação de derrota
é feita, moldada, entre instrumentos de tortura
e pálpebras e espelhos amassados.
eu sei dos que falam no escuro a flauta da voz
das fábulas.
eu sei através do vídeo o vácuo do sangue atrás e além
da imagem, violentos planetas vomitando o drama.
eu sei as tartarugas infinitas.
os bodes expiatórios.
os lavabos cheios de unhas vivas.
a eternidade do gesto humano
morrendo no longo tombadilho.
sei das certezas e incertezas verdes.
sei do resumo de tudo a dançar na chuva mais cotidiana.
só não sei do timbre de tua voz
entre borboletas e musgos fluindo do único verbo.
só não sei do opalescente rastro de teus pés
entre cachoeiras apagadas.
só não sei da galáxia a resumir vazia
o silêncio mortal de tua alma quebrada.
ai de mim
que eras ouro e breve.

ESPERA

Tudo dorme no desconhecido. Espera. As imagens
lentamente
do dia rompem a mordaca
e o grito é bastante para sonhar o infinito.
As mesmas rubras sílabas da cerveja.
Caranguejos bailando nas vitrolas.
O café tomado às pressas entre azuis mulheres
talvez impressionistas.

Consciente beijo do antigo, pássaros nas eternas
janelas, uma praça, o morto, o buquê.
As imagens do ser flutuam em paisagem.
Essências dançam.
Há quem pinte na estação o trem inexistente.
O poema perdeu todo o sentido, um saco de pipocas
vazio na correria do texto sexos acima.
Eu gostaria mesmo é da visão dourada.
As faces de ouro e marfim do desolado inverno.
O contrabando de espelhos.
Os sons a fluírem das nuvens, a procissão das unhas, retorno.
Cheiro dos legumes da manhã.
O dissipado mistério na noite. Todos.
E o gás das fábricas, e os tóxicos automóveis.
Pois tudo desperta em dormir no descabido.
Espera.
A próxima cerveja evaporada.

VENTO NEGRO

A Roberto Piva e Claudio Willer

eles virão dos subúrbios congelados
óleo expelido na música de corpos descascados
mágicas vermelhas vísceras & sementes
enterradas nos despenhadeiros do sangue
rubis de furacões paralisados
nevroses & tempestades de adagas
tesudas coxas esquartejadas
vapores da loucura formigas desmapeando cidades
uma chuva sem termos uma comunhão
de verbos torturados
palavras do sonho nos altares sem memórias
eles virão nas paranoias transcendentais
arderão nos desfiladeiros de ferro & convulsão
as babas das vidrarias os sexos iridescentes
eles virão debochados transfigurados indecentes

e as sinfonias serão arrancadas dos ossos
dos prédios onde hibernam as borboletas da treva
sentidos demolidos nos manequins do absurdo
imagens moídas nos computadores turvos
eles virão transbordados desirmanados
furacões de pesadelos tardos
sol por todos os poros a nos desinventar

AINDA CÃO

palavras arruinadas tombam em carvão
sobre cidades cambaleantes.
do invisível o cão fantasma espreita
com babas e dentes de aurora fraturada.
bicho que se desprende da sombra
e se arrasta por fábulas secas
esquecido dos versos que amanhecessem.
tudo era modo de falar do sonho
do anseio de ganir frescor em meio à febre
rosa de pus, camélia hepática
contradição feroz em dicionários enterrados.
aurorais palavras que se acendessem
nos olhos de improvável divindade
(vinho a fulgir em guelras do dilúvio)
enquanto o cão ainda se arrastasse
na nuvem suja da respiração das coisas.

VAN GOGH

Que importância tinha para Van Gogh a tua admiração? O que ele queria era a tua cumplicidade, que tentasses olhar como ele olhava com os olhos esfolados por um fogo heraclíteo.

Julio Cortázar

1.

textura submersa
em lodo azul e paixão
espelho visionário
contorcido em combustão

rudes retinas retinem
manhãs derretidas em paisagem
rugido de trevas represadas
acre rútila visagem

2.

contaminaram-se os redemoinhos eróticos. um relâmpago de lucidez tempestuosa canta na abóbada de ouro. ventanias a cintilarem nos músculos de rios amarelos invadem o coração das comoções rasgadas nas pedras, oxigênio escarlata do grande envenenador a arrancar a nudez das trevas, vagabundo dos venenos destilados em silêncios sem memória, medusas sanguíneas que digerem folhagens abissais, clamor vulcânico nos úteros da cor, alfabeto de fomes enterradas. flores que se amaldiçoam na incandescência de anjos estuprados vertem sulfurinos clarões, pasta de meteoros mastigados. um verde esquecido de brilhar esgravata com garras sombrias a febre de um florescimento, lá onde qualquer cor se irrevela em asfixias de auroras. há ruínas de sol selvagem sobre pássaros que cagam espinhos de martírios. velhas drogas a carpirem sonhos. grossos dedos, pincel-estilete rutilante, olhar

vertiginoso nas tintas da abóbada madura, sino queimando
colorações. redenção.

3.

junto a um muro azinhavrado
prisioneiros da cor absoluta
junto a um muro azinhavrado
a separar o cemitério de auvers
do campo aberto no inominado
junto a um muro azinhavrado
o túmulo de Vincent o túmulo de Theo
(lápides devidamente alinhadas
a ordem por fim decretada)
junto a um muro azinhavrado
a dialogarem anjos
para sempre rebelados

4.

Artaud vociferava ossos de luz: você, Van Gogh, é daqueles que
destampam a verdadeira face da Natureza, um daqueles
açougueiros do delírio a estripar o ventre convulso de todas as
coisas, mais um daqueles que precisam, com urgência, ser
fuzilado por uma sociedade enferma até o ponto de não poder
ver, não conseguir perceber a flor sendo um jato de assombro
maduro a deslocar céu e terra na voz deste trovão mudo, carne
dramática, tumor maravilhado, fígado do ar azul, chaga das
delirantes delícias que na verdade faz suar escarros de
afogado: toda pureza transborda lascas de abominação.
portanto, precisa ser esquartejada.

5.

quando o limite é rompido
e nada há
que oculte o grito

quando a verdade do homem
não cabe nos manicômios
tintas raivas armas sonhos

quando a pintura se der
na carne da tempestade
(quando nenhuma tela retiver
o arterial poema sem idade)

explodirá de repente
cântaro de luz crânio aceso
vento lustral

6.

não há nada como deslizar, água de sonho, pelo coração da fotografia e nascer para a cinzenta paisagem de vento gelado-pegajoso, junto ao Sena, onde Van Gogh conversa, sentado de costas para a câmara, com Émile Bernard, e de súbito pressentir no vácuo (hoje pôster de escritório ou estampa em camiseta vagabunda) a comoção, a convulsão das casas, igrejas, hospitais, botas, camponeses, pontes chinesas, autorretratos de abismo, mutilações, girassóis constelados, galáxias evisceradas, tintas magnéticas, campos de alucinação no olhar vazado em diamante escaldante, cores esmagadas, fedor amarelo, estrondo pintado, exasperado vórtice a coagular para sempre potestades no papel, você, você. (beleza, fulgor aberto, dolorida pele de colorações viscosas, máscara arrancada com fúria da cara exausta das coisas).

1944 | Brasil | LEILA FERRAZ



Obra consultada: poemas inéditos enviados pela autora.

DIGITO EM TUA LÍNGUA ESTE RECADO

Só faltam cinco.
Vou criá-las em preto e branco para que as cores não me
seduzam.
Elas terão que ter suas próprias seduções.
Nascerão entre brancos, negros e acinzentados.
Uma palheta onírica e louca será usada para cometê-las.
Ultrapassarão todas as demências sem grandes alardes.
Santas madonas proscritas de suas sacrovestimentas.
Difícil será trazer um toque masculino no céu de tantas bocas.
Como será entrelaçar barbas em cabelos?
Procuro a vertigem dentro de vórtices escalando
hermafroditas irracionais em suas diárias prestidigitações.
Inconsciente dedilho cada letra do imponderável sem
caminhos de volta.
Refeita de tanto prazer eu me batizo amante.

POR TRÁS DA PELÍCULA DE UM DOCUMENTÁRIO

Os movimentos de mulheres dançando entrelaçadas por véus
são em si alguns bons poemas. Homens viris demonstrando
força
não chegam a me emudecer. Há idosos em seus andares
hesitantes
e crianças em passos que não são. As danças voadoras das
imagens
além de poéticas evidenciam a beleza feminina
como em tudo nesta cosmologia planetária do corpo humano.
Às vezes me ponho a pensar na beleza de Cesariny
nos falando de sua infância, das brincadeiras na praia.
De sua juventude e amigos, e da alegria libertária
de que foi acometido quando finalmente, desempregado,
se viu poeta de corpo inteiro. Que belo homem!
Tão sensual e sedutor em seus 90 anos! Que belo!
Brincando meio sem jeito, com um sorriso ainda de menino,
ao mexer em seus parcos cabelos e boca ansiosa por tabaco.

Como ele me é conhecido, embora talvez jamais nos tenhamos visto.

FALÉSIAS DO RENASCIMENTO

Querido meu que de tão encantado não me escuta.
Falo de dentro de minha caverna.
Origem e fim de todos os mitos.
Meu teto se multiplica em abóbodas abertas para a luz do dia.
Símbolos corrompidos desceram comigo
até os confins dos infernos à procura do bem e da verdade.
Em busca da luz e dos polos das esferas,
quando apenas uma gota de amor transmigra do real ao
inimaginável.
Estamos hoje em toda parte.
Cada toque meu ressuscita o teu.
Ao cair o dia em seu vaso profundo misturado à minha doçura.
Assisto minha mocidade espalhar-se pelo céu tranquilo.
Onde amante sobre amante se declamam unidos em estrelas
do mar.

ESCADARIAS ENTREABERTAS

Meu querido Floriano, meu entranhável verbo ser.
Pequena mecha de cabelo solto sobre a testa.
Como um cordão de prata, a linha da cabeça atravessa minha
palma
numa existência sequencial de instantes.
Eternas estrelas girando seus olhos em cólera sobre um tapete
negro e sonoro como um tambor de cetim lançam seus
fogos incandescentes entre as sombras de minhas pernas,
estas raízes soltas em noites de desespero entreabertas
através das eras,
estas elipses de degelo glacial e enlouquecidas varando mais
uma vez a curva da floresta e a noite sem teto de
desobrigados limites,

de conhecer o esconderijo das chaves nas fechaduras dos
mistérios desta mulher.
Jamais fomos tão vívidos como neste natimorto instante de
pérolas ao soltarem-se de seu colar.
O robe entreaberto revela todos os nossos esconderijos,
devastando as bocas de vulcões por um instante doido.
Rompo o traçado da linha da vida e me enrolo em serpente ao
redor do teu corpo,
o corpo manto e luvas de amor desmaiadas em ar e água pelas
solas dos teus pés
e na lentidão inofensiva eu arrasto o tempo dos tempos,
como se a realidade já não fosse o que suspeitava ser.
Amor de um abissal desmaio, de um mergulho nas sombras do
interior de uma caverna, das profundezas do ser em ti
apenas uma presa imemorial neste cair de tarde.
Mais uma vez e mais inexorável e eterno sem olhos para o
passado.

*A MOBÍLIA VIOLENTA DO FOGO*¹²

A minha alma avulta seus planos quando nela te vejo refletida,
como um relâmpago ao ser despistado reflete teu beijo ali
foragido.
Esculturas de carnes molhadas refletem suas almas em rendas,
como um lago rasgado pelo relâmpago revela um desejo
sagrado.
A caminho do abismo os reflexos entoam um mantra
esquecido,
como um ofertório entoa uma descarga de sussurros em cada
ninho decifrado.
Um beijo em bocas desmaiadas a galope restaura o ossuário do
espanto,
como se houvéssemos abandonado o tempo a carpir solitário
seu destino.

¹² Poema escrito a quatro mãos, com Floriano Martins.

De um extremo a outro de teu corpo semeiei caravanas de um
mesmo absurdo,
como quem altera a rota do desejo e reescreve os papiros de
uma saga desconhecida.
Pérolas e cerejas cravejadas na areia.
Bocas de ostras aos poucos tragadas.
Tudo é sal cintilante, deixando vestígios e pegadas.
Já não há o que ocultar, as grutas foram defloradas.
Um sabor de matizes misturados a aromas desconhecidos
revela uma cartilha de gozos jamais escrita.
O que era um signo adivinhado agora é um olhar desvairado.
Corpos que não mais se contêm.
Membros convulsionados.
Prazer que ultrapassa os limites dos espaços conformados.
Estamos condenados ao desterro dos desejos.
Submissos aos selvagens instintos dos desterrados.
Não há lugares possíveis para quantos de nós cruzem suas
taras mais devotas.
Condenados a cada nova safra de errâncias.
Alimentados pelo êxodo de tantas quimeras que rastreiam sua
permanência no abismo oceânico,
nos sítios mais imprevisíveis em que comungamos insolentes
desvários.
Suspensa me vejo.
Erguida pelos teus dedos ousados que me penetram e elevam
como se o corpo do amor uma pluma fosse.
E me pintas as auréolas de púrpura e os lábios de vulva
escarlata.
Tens dedos de batom e hálito de almíscar.
Já não sabemos em que plano copulamos e nem qual reino
habitamos.
Somos seres proscritos para sempre banidos.
Somos luzes capinando uma variação de escalas muito além do
tempo.
Somos deuses, larvas, umidades promíscuas, anzóis viciados
de um tear de crimes aquáticos.
Esferas contraídas alimentando os olhos que se multiplicam
em teus penetrantes dedos.

Somos um ninho de espirais ovuladas antes que as trevas
retornem a seu pasto.
Sorvo os últimos orvalhos de lucidez antes de banir meus
tênuos vestígios de razão.
Não há mais caminhos. Nem atalhos. Nem indícios.
Joguei-me cega de entrega em entrega até perder os sentidos.
Já não serei quem fui e aqui não estou.
O espaço ampliou-se imenso e irreversível.
Mergulho no infinito. Perdi-me em seu sem fim.
Eu te recrio em meu ser, abrindo a tua carne para te ler por
dentro.
E o que leio é uma fábula recortada nos grandes lábios do
horizonte.
Um escaravelho vaga pela eternidade perdida, assombrado
ainda com a altura de teus mamilos redecorando as
miragens.
Aceite meu sono e desmaio.
Meus olhos te dizem adeus.
Por hoje adormecem meninos.
Estes olhos de tantos querereres.
A noite suspira recontando seus mistérios.
Meus beijos anotam o que farão contigo.
Dorme, que eu não conto a ninguém onde estamos.

OSSUÁRIO DE FONTES

Esgotei minha última saliva.
Minha umidade esvaiu-se em leite de amêndoas.
Não há lágrimas descendo as escadas.
Estou estranha, tão estranha, e não me basto.
Pouco sei desta mulher que nasce e renasce a cada manhã,
e não se põe jamais, porque a ela pertencem as linhas da vida
que unem as artes e os manifestos.
Esta tresloucada fêmea ensandecida capaz de desnortear o
mais sério dos eruditos.
Que depoimento é este que tanto queres?

Para mim se assemelha a uma equação da própria física que
ainda nem descoberta foi.

Um depoimento afetivo de memórias juradas ao
esquecimento.

Sim, reunirei minhas últimas forças e dormirei com os
protagonistas de minhas lembranças.

Com ou sem as suas próprias naturezas devastadas.

*1944 | Brasil | MARIA LÚCIA DAL
FARRA*



Obra consultada: *Livro de auras* (São Paulo: Iluminuras, 1994)
e *Alumbramentos* (São Paulo: Iluminuras, 2011)

MULHER

Venho da terra, da variação dos nomes
— cores se entrelaçando.
A montanha se ateia móvel. Do lado de lá do século
pairam ternuras.
Um corpo esvoaça no ar: sou eu que me alcanço —
letreiro luminoso de fita antiga,
fervor de procissão na adolescência. Um forde passa
e treme as estrelas. Os postes
tiritam com elas um morse,
as coisas se acalentam morosas e o quitandeiro da esquina
pinga a rudeza da mão sobre a maçã.
Santos se aquecem nas velas. O fogo votivo
palpita a casa e a mesa está posta
para a ceia.
Desço como quem comunga o pão, mas irrequieta
não sento; deixo apenas que entrem todos na minha luz
e me espalho sobre telhados, avenidas, postos de gasolina
— estou entre os tetos e a noite.
A crista do cata-vento corta meu peito esquerdo
e as taças se apinham de vinho para o brinde
em que me reparto.

O CONCÍLIO ECUMÊNICO

A Gabriela Caldas

O Concílio Ecumênico decide
quem tem ou não
sexo.
Já a mulher
(a pombinha do Espírito Santo
— sua luz)
esclarece que sim:

só ela é portadora de

pecado.

Alguns anjos tomam partidos controversos
e o tempo das facções celestes
parece principiar

muito embora
a cruz
esteja por toda a parte

— ela mesma
Estrutura do cavalete deste quadro de
Dalí.

*VELÁSQUEZ PINTANDO A INFANTA MARGARIDA
COM AS LUZES E SOMBRAS DA SUA PRÓPRIA
GLÓRIA*

Ao Guile Wisnik

Tiras de luz e sombra
chocam-se no cenário da História.
Engendram
o painel onde a Infanta reina
(debaixo de muitos saíotes)
pelos séculos dos séculos.
Amém.

Miúdo
(imperceptível)
o pintor deu-lhe tudo
(cores, formas, altivez, perfume)
e se exauriu.

Em troca
mudou-se nela
passou-se para a tela —

não mais localizável naquela calle de Sevilha
ou nalgum
dos endereços que frequentou.

Será a arte canibal?

O DESMAME DA MOBÍLIA-NUTRIÇÃO

Há seios na paisagem:
nuvens e montanha.
Mas é a mulher quem desmama o seu móvel

— tão dolorosa a separação
que só se sustém com escora.

A cômoda se desaleita
da sua garrafa
e do criado-mudo.
Os barcos deixam o mar.
A amplidão abre um istmo na solidão.

É tempo de apartamentos.

De se nutrir sozinho.
De despedir equipamentos.
De aprestar desapegos.

Adeus
caros peitos alheios!

NATUREZA-MORTA VIVENTE

A Floriano Martins

Culpa do delicado voo da andorinha,
o desequilíbrio da mesa

mete tremor nas fruteiras
arremessa maçãs para o Éden
faz cometa das cerejas.

Flutua o brócolis em regime de nave-mãe
enquanto põe embarço
no impecável da toalha de almoço
— já um tanto alvoroçada e picotada
pela iminente imaginação
da faca.

É verdade que nesse terraço
(onde se perscruta o limite entre mortos e vivos)
nada perturba o mar que flui à deriva.
Tudo está plácido à tona d'água
— e o mesmo se diz daquilo que
(como no céu)
não sofre ranhuras —
ainda que abalado pela alada imagem inicial.

Há uma pera no ar.
E duas azeitonas que colho ao léu
mas com as quais mal posso preparar o drinque:

álcool volatizado na direção
do arremesso.

TRÊS MOÇAS SURREALISTAS SEGURANDO EM SEUS BRAÇOS AS PELES DE UMA ORQUESTRA

Às minhas irmãs

A trompa repousa muda
(em primeiro plano, desgarrada)
sobre a areia branca
capaz de sombras.
Tornaram-se estéreis as moças?

Faz a ponte entre este entendimento
(que vem de baixo)
e os dedos de uma das três impassíveis damas
(nuas, de pé, cabeças de arbusto podado) —
um teclado pastoso e desconjuntado
abortado de sons.
Se ela o estive ainda mais
o mole piano vira pano —
vira tripa.

Mas a segunda dá fé e acena e adverte que basta:
que a partida está vencida.
A derradeira delas transporta (então) cautelosa
a delicada pele do violoncelo:
o fraque de matrimônio.

A aridez da tela, entretanto,
não está para isso. Sol a pino.
De medo que a cor prolifere,
o maestro suspende o traço

e ensurdece o quadro.

*1944 / Colômbia / ARMANDO
ROMERO*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *Los móviles del sueño* (Mérida: Gobernación del Estado, 1976), *El poeta de vidrio* (Caracas: Editorial Fundarte, 1979), *Las combinaciones debidas* (Buenos Aires: Editorial Ultimo Reino, 1989) e *A vista del tiempo* (Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2005).

AS PEDRAS

As pedras... seguem falando aos que as escutam.

André Breton

Não era caminho longo ou encruzilhada
marcas de caminhos que se vão com os passos
eram luz desde o canto da terra
pó que se faz mais e detido

O sol lhes vê até o coração escrito
sabe que precisam de sua história a todo momento
e na fileira de água que marca sua saída
elas são a cor e a substância

Suas formas mordem o mundo para semeá-lo
e o alimentam do prazer das imagens
ao ser pássaros no nó da planta
céu e nuvem em amor estacionário

Não deixam ali seu barro mas sim o mistério
de quando chegam as coisas e os murmúrios
e pintam uma flor de auxílios pelo chão
nessa sua pele açoitada de silêncios

A meter-se entre os olhos dizem
e já são cavalo imóvel sobre o deserto
olhar fixo no círculo do vale
reflexo e nudez do indício dos tempos

No mar de sua busca descem
como inúteis a pergunta e a resposta
assim nelas é gravado o signo que estremece
e permite ler todo o princípio

A ÁRVORE DIGITAL

Era um homem a quem lhe haviam enterrado a mão direita
Passava seus dias metido em uma peça vazia
Onde se sentava
Os pés contra o ângulo superior da janela
E sua mão esquerda sustentando um olho de boi
Pelo qual os rinocerontes
Enfiavam seu chifre
E faziam brilhar sua casca metálica

Ele havia decidido ser poeta
E passava o tempo todo falando da guerra
De tal modo
Que havia se descuidado de sua mão direita
Esta cresceu lenta e furiosamente
E sem que ele se desse conta
Atravessou o mundo de lado a lado

Quando as crianças da parte norte de Sumatra
Viram surgir uma árvore sem folhas e sem frutos
Correram espantadas a chamar seus pais
Estes vieram com suas grossas espadas
E cortaram a árvore pela raiz
Um líquido branco leitoso saiu da casca arrebatada

Desde então
O homem como um poeta
Sente uma dor terrível
Aguda
Em um lugar do corpo que não pode determinar

TRANSFORMAÇÕES

Devo minha condição às circunstâncias que agora me permito
narrar. Um dia saiu no jornal da capital que todos em minha
cidade comíamos moscas e outros tipos de insetos do bosque

por causa da fome. Consternados pela brutalidade da notícia nos reunimos na cantina para ver o que podíamos fazer contra isto. Uns propuseram nomear uma comissão que visitasse o presidente e outro o senhor bispo, porém não houve como chegar a um acordo. Ao final, escrevemos uma extensa carta e com boa letra prometendo não voltar a fazê-lo. Porém não houve remédio, as rãs já se haviam apoderado do país, e o tivemos que abandonar.

HISTÓRIA DE UMA BESTA

Trata-se de uma besta. A primeira coisa que vemos nela são duas unhas encarnadas; em seguida, se nos movemos um pouco, observamos uma floresta de capilares no ângulo superior; mais tarde, quando seja possível avançarmos para a esquerda, recolheremos do chão umas lágrimas como diamantes; nesse mesmo dia será possível olhar se tem alma pelas cavidades; enfim, trata-se de uma besta, porque ao passar a seu lado só nos resta a seda de seu corpo como alimento.

OS RINOCERONTES

Os rinocerontes foram deixados para o final da fila. Ninguém sabia onde metê-los. Todos fomos passando, um por um, pela estreita porta, porém eles não puderam entrar. Desceram a porta de suas dobradiças, porém nem mesmo assim. Retiraram o marco, impossível. O que vamos fazer com os rinocerontes?, alguém perguntou. Não houve resposta. Era óbvio que não podíamos seguir em frente se não passavam os rinocerontes. Fazia calor no quarto e alguns começamos a nos sentir molestados. Os rinocerontes, ao sol, estavam quietos e pareciam não dar conta de nada. Eu então sugeri que os metêssemos pelo teto, “afinal de contas uma claraboia a mais não importa”. E assim foi feito. Uma vez ali dentro, os rinocerontes olhavam para nós com rosto agradecido. Então

nos fomos e os deixamos ali. Até aqui não foi inventado um bom método para retirar desse lugar os rinocerontes.

O CÍNICO

Devo pensar em um pássaro que ocupe a metade do céu. Quando lhe ponho as plumas se criam nuvens; ao deixar-lhe o bico raios se inauguram; e quando lhe planto as patas tormentas são semeadas. Um pássaro como este está destinado a alimentar-se de sonhos. Um é o sonho que o sonha para manter seu voo na altura. Outro é o sonho que o inventa para que ele o devore. Se o vês, sai o sol por entre suas pupilas; se passas sem reparar nele, cai neve o dia todo. Inventa então uma jaula tão grande como a outra metade do céu, e espera paciente que ele entre nela. Com a jaula na mão irás ao mercado para apregoar que estás desperto, e a jaula será tua lanterna e o pássaro a luz que te ilumina.

Assim dizem que meditava o velho Diógenes pelos meandros da Alexandria.

1946 | Portugal | NICOLAU SAIÃO



Obra consultada: *Olhares perdidos* (São Paulo: Escrituras, 2006) e inéditos enviados pelo autor.

AS COISAS

As coisas multiplicam-se
muito mais que as pessoas. Só elas
possuem o segredo de tranquilamente fazer
entre as ervas, as águas, as ruínas
ausentes e presentes. A sua pele
é mais fina que a casca dos minutos
e contudo, sob o lume e o vento
sob a terra em que os passos já não soam
ou no deserto violento das palavras
as coisas repousam
ou, subitamente iluminadas
gritam e falam-nos com movimentos graves
adejando como estranhos pássaros nocturnos
ou como trémulos animais interditos.
As coisas
sofrem
elas sofrem como se existissem noutra esfera
próxima de nós
como uma Lua oculta, como um peixe fantasma
como uma flor solitária numa casa abandonada
como um gato que no sono se agita pleno de medo
As coisas
minúsculas, gigantescas, iguaizinhas a nós
ensanguentadas pelo nosso terror e a nossa cólera
sob as nossas mãos
entre os nossos cabelos
repousando junto a nós quando dormimos
calmas como o ruído dum comboio numa cidade matutina
As coisas
respirando devagarinho nas nossas memórias
andando junto às nossas recordações como se fossem
um elefante, um rato, um cão fiel
feitas de barro, as coisas
de madeira ou de cera, de vidro ou de cimento
feitas de cristal e de platina, de celulóide
do fresco celofane, de aço e de papel

pobres coisas num rés-do-chão amontoadas
esquecidas como um trapo manchado
livres e belas
nosso testamento, papiro para milénios a vir
As coisas
sempre atentas, sempre dormindo esperando o despertar
o silencio luminoso
As coisas
nossas irmãs de mundo, nossas filhas, nosso sinal perfeito
neste universo que é o nosso resumido encontro
com a sua
eternidade acontecida.

O PÉ

Em todos os lugares, é
sempre pé: pé de mundo
pé de mando, pé de mar. Sem par
é pé de coxo. Pé
parado. Morto em pé.
Por vezes
os pés desaparecem
durante anos: esconderam-nos
em claustros, chaminés, prisões.
O pé no fundo
é estranho: de noite
parece um ser solar. Um pé
sem perna já foi mais frequente do que pensam.
Um pé de casa é uma vírgula posta
entre o campo e as estrelas. Um pé arabesco
é um pé a cavalo. E um pé que se preza
ama a liberdade. De contrário é pé chato
pé de planeta aziago.
Um pé sem suor é pé desafinado.
Lagosta, pé carregado
O pé costuma ver (o pé tem sorte)
o começo da vida, ou o fim do corpo:

ir de pés para a frente
fazendo finca-pé
à própria morte.
O pé de flor vive em todo o lado.
Planta de pé é um silêncio vegetal.
Pé de cabra é bom na magia oculta.
O pé de cão tem horror aos polícias.
O pé de amor é um bicho esquisito: mede
os outros pelo seu tamanho – pé universal
Pé ou mão? Doce animal
dentro do coração.

GÊNESIS

Pode fazer-se um poema com restos de poemas
e nem sequer só nossos. Basta saber escolher, tal como
uma dona de casa catando coisas frugais
numa perdida loja de subúrbio. (No entanto
o problema é: como conciliar os invisíveis
ou visíveis rastros de luz que as palavras
fazem rodar entre a noite e a manhã
das letras). Ou, melhor ainda
entre mil silhuetas de páginas desconhecidas
de esquecimentos
de risos ou
de decisivos desprezos.
O como, o talvez, os advérbios de lugar
ora dormem ora despertam. Podemos dispô-los
como flores silvestres
como pedras fibrosas ou tijolos
ao longo dum muro de quinta
no interior real dum jardim
ou como pedras tumulares
essenciais e descontínuos. Podemos trocar
a memória dum substantivo, de uma mancha de sangue, de
uma
bastonada na cara ou de um suspiro. Podemos tirar

duma frase engolida o duro perfil
duma alegria, ou mesmo
um verbo definitivo para um contentamento
um tempo a morrer
estático ou já liberto. Ouçam
o canto da noite: nesse silencio, pé ante pé
há ruídos e gestos, uma que outra amargura, a matéria
sensível
que os poemas abandonaram. Ouçam o canto
da noite: cidades ao amanhecer, os sons inúmeros, nítidos, a
substância
de um vulto ao crepúsculo. (A grande chuva, o grande sol
que nada mais são que recordações
trazidas por alguém
numa folha rasgada, num fragmento de minutos). Ouçam
o canto da noite
e saibam depois esquecer.
Todo o livro é um simulacro. Algo que se perdeu. Mas todo o
livro existe
na sua atmosfera de fechada revelação
de velada inexistência
de apenas sopro ou vestígio
de móvel ou imóvel figura destroçada. Sim, pode fazer-se
não um mas muitos poemas sobre o como e o porquê
ou sobre o nada que eles, afinal, revelam
ou sobre o muito que eles, afinal, são
ou sobre o muito e o nada que lhes reside em volta
enquanto os anos perdem a nitidez
e as fronteiras perdem o sul e o norte
a sua altíssima impresença o seu finíssimo vazio
a sua transparência abominável
e sagrada
de desabafo
ou sortilégio. Sim, ouçam o canto da noite
a tal coisa que engrena
e se põe a correr
e se põe a parar
e cria em volta como que o esvoaçar de um planeta
com barulhos, com súbitas cores, com mágoas e magias. Sim,

ouçam o canto
da noite.
Ou até, talvez
o começar do dia
as palavras uma a uma no seu sereno balbuciar
quando as páginas são apenas ardilosas reminiscências
num papel amarfanhado
e a nossa voz é um reflexo num conjuntivo ou numa vírgula.

OS VIAJANTES SEM ROSTO

Viagem só há uma: só há
uma viagem. De vida só
uma – a semente no
coração: de grão, de mulher, de planície e
tempo
transparente viagem entre os rios
minutos
a rude viagem de nós a
mundo
palavra presa que de noite rompe
de noite toma
madrugada e língua
onda e treva, escrevendo
o verbo obscuro
de mão
e vento
– viagem uma só queimando
a morte
axila em que formado se
consume o
furor da fome frente
ao liso gomo de carne sob os dedos
de gente: o Homem.
Viagem uma só: terra
e pranto sobre os cantos
da cama

onde é sagrado o espanto de bichos
verbo então dizendo
o ânimo de dentro
o antigo mar afluyente rompendo
enlouquecido a atenta
cruz de paixão em bosque e luz jacente:
quem se viaja em nós connosco ardendo?
Não mais se deixará por incendiada
a estrela-macho
de adultas águas no universo ausente
velhas vinhas de cachos excessivos
– esse o líquido posto no sinal de crescer
corpo
de guerra e fendido acaso
exposto
florindo em tudo seu pretexto de domínios
excedendo
o excesso.
Por moradas de só
placenta e mito
palavras de morte que vida seja em pouco
espaço inconcebível e distante
barco por olhos e meses de escancarada
manhã de terna e gritada
floresta
onde cai devagar a outra chuva
a sangrada chuva impassível mesa
de pão esquecido no hábito dos gestos
desmedidos
aridez alargada de campo afrontamento
de peito e praia braço
incontável desvão arquitectura
de beijo
e mordido silêncio
tanto tanto
animal luminoso com seus dentes de infância e desejo
ano após ano no interior mais denso
onde a carne insinuada se queda (in)confessa

e rebenta
na espádua
na boca violenta
– o vestígio molhado
onde pasma o solar espasmo correndo.
Viagem de lonjura
conduzida: viagem mais loucura e mais
sentida. Viagem passo a passo
claramente planeta no morrer da
solidão
ilusão de mergulho na cidade acesa
fria e espessa
coração navegado de segredo e
cárcere
uma casa pairando por vingança corredores suspensos
de jardins calados
na curva dolente da
cólera e do
ódio sonoro do ar
apenas muro vestido de secura riscos
de estranhas manchas rugas
dias idos
tudo o que gera a calma conduzindo os defuntos e
os vivos acontecendo
por saudade e desgosto em momentos de
febre
em arrastado amor que fala e perde
– assim dito seria por quem brincou ao sol –
e de fora se impele contra a amargura e a
doença
camisola hostil e assustada
pela mão diferente e deslizante a ânsia
consentida
chama invocada a florando a sombra
do cabelo
em desmaios e queixas e
amor feito
talhado à imagem de

figura de viagem uma
viagem ousada
alquímica alquimia de escolhida memória
inferno inicial de ternura perplexa mulher
mercúrio de criança dentro em
suor e dor
no Verão de não-virtude: de haver e ter
um Agosto infinito borboleta fugindo
ao suspiro de pescoço de nádega de Joelho
espelho de filhos no antes do prazer da
possível indesmentida viagem suprema
funda de gemidos a esperança
duma pele lambida tocada criando
mais pesadas as horas de não despertar
mais contadas as vozes de não existir
Noite que em si de si fugia
noite que em si revelava o dia
noite que junto ao umbigo encontra o peso da areia morta
noite sensual e fresca sabida companheira da eternidade
livre ao pôr-do-sol da multidão
- um olhar rápido ao oceano circundante
quando um olho com outro olho se choca
um lábio ocultando a
unha a polpa da
conversa interminável viva erecção
de ruas enchendo o mundo anca
de agonia e grandeza de expelido amor.
Uma
não mais: que é viagem
o trémulo tapado cantar dos que dormem
uma raiz perpétua vasta como
um corpo dado ao sono outonal
girando sobre tantos havidos corações.
Viagem: uma só e
frágil na apodrecida porta imensa do tempo
perturbada
florescente arbusto de fruto masculino
feminino contorno de desespero

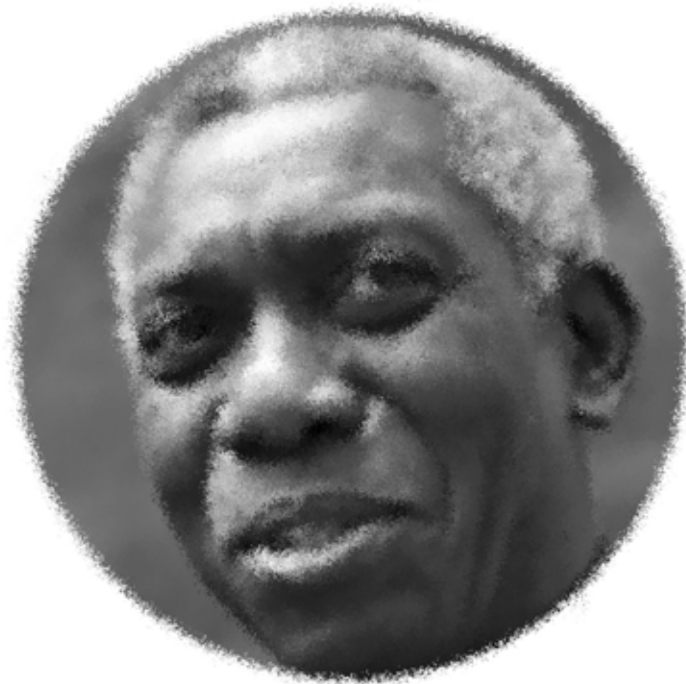
para sempre
destruídos.

ATÉ AO FIM

Quando entrei na sala vi num relance que o meu demónio
estava deitado
A boca entreaberta, um resto de baba no queixo de quem
Dorme justamente como um anjo.
A janela pouco cerrada e o sofá chegado
à plena luz
A manta já antiga azul e amarela roçava o chão como se
Tivesse havido por ali discreta borracheira dominical.
Congeminei
Que ele antes de reentrar vindo do etéreo passara
por uma tasca ou que
aceitara a oferta toma lá dá cá de um qualquer maltrapilho
Cheio àquelas horas entradotas de uma modesta
fraternidade bebedora.
Olhando bem via-se-lhe contudo no rosto
uma vaga felicidade
Dizendo melhor uma centelha de contentamento
ou alegria, ou
assim como que a sensação de quem vira o mundo
no seu lugar real
Vamos a ver, no fundo a lonjura dominava
Como se visse o cavalheiro por uns binóculos ao contrário
Cheirava um pouco a flores e vagamente
a desodorizante
Um livro tombara no chão, ficara à espera
aberto anquilosado
Quando abri a porta da cozinha vi sobre
o fogão um tacho com
Uma iguaria qualquer com que se entretivera
certamente antes de cair no leito vencido
talvez pelas canseiras das últimas horas.
Se minha mãe estivesse viva decerto

lhe teria aplicado um raspanete
Uma expressão em dialecto se calhar
um tabefe levezinho. O meu pai
Poria na cara aquele sorriso suave dos dias sem idade
Lá fora estrepitavam ruídos da cidade barulhenta
Contos do dia e da noite, o irresistível
fascínio do desconhecido.
Sentei-me, a angústia apoderara-se de mim. Uma frase
estranha
Revirava-se-me na cabeça.
Quando olhei pela janela o horizonte
pareceu-me uma linha ténue.
Mais tarde, pensei, falaríamos a preceito. Ou antes
por entre dentes eu diria talvez
coisas sobre a grande aurora ou então sobre a memória
Sibilina dos sobreviventes imutáveis.

*1941 | Estados Unidos | YUSEF
KOMUNYAKAA*



Poemas traduzidos por Alan Vidigal. Obra selecionada: *Neon Vernacular* (Wesleyan University Press, 1993), *Thieves of Paradise* (Wesleyan University Press, 1998), *Talking Dirty to the Gods* (Farrar, Straus and Giroux, 2001) e *Taboo* (Farrar, Straus and Giroux, 2004).

*CÂNTICO BLUES DO RESSURGIMENTO DA
MACUMBA*

minha história
qual a profundidade da alma
para esconder-se e rir
com tuas mãos
sobre tua boca vazia
rosto atrás da máscara
línguas estranhas
algo que arranca
penas de um corvo
que grita
na fornalha
vela negra
numa caveira
doce dor do corpo

derramemos o arco-íris do rio
em nossos jarros de pedra
a má sorte não é flores rubras
esmagadas por coturnos

tua história
um animal aleijado
arrastando uma armadilha
pela areia do deserto
picada de abelha no coração
& sua canção de mel
no meu saco
uma fábrica de gaios-azuis
entre as folhas do espinheiro
páginas molhadas de fumaça
como alguém
que abandona sua sombra
na mata escura
um cão manco que se vai
& frutas podres nas árvores

esta história
é o crânio falante
na prateleira
a envergadura de um gavião
no limite do uivo do coioete
o patuá do sétimo filho
que mantém a vida de pé
com um osso de gato preto
os seis avôs
& a mulher aranha
as asas de pó
da visão da dança fantasma
cervos que não conseguem
parar de cair
wunmonije curandeiro
blues do sertão
macumbeiro
túnica de seda no chão
cuia preta
na mesa de laca vermelha
x-rated
porque verdadeiro

derramemos luz de estrelas
dos nossos jarros de pedra
a má sorte não é só flores rubras
esmagadas por coturnos

minha história
na garrafa de um bebum
o sangue da taça salta
oito notas no compasso
um homem de joelhos
encara o bezerro de ouro
o peixinho-de-prata da velha luxúria
mamãe macumba
cesta quilombola

tecida do teu cabelo
carta de amor do manicômio
espinheiros
batizam o formato
do que está por vir
velhas armas homicidas
cordas de piano

derramemos a noite
em nossos jarros de pedra
esta canção não é flores rubras
espagadas no silêncio

nossa história
coronhada de fuzil
no meio da testa
arpejo de capim torcido
entre árvores de vidro
onde arrombam portas
& damos saltos ornamentais
da ponte do brooklyn
sugestão pós-hipnótica
membrana de mosaico
pele de palavras
espelhos quebrados
nos motéis
na noite de alma raiada
como uma máquina se enterra
cada vez mais em pilhas
de ossos
o modo como nos
amontoamos ao pé
do cadafalso

ILHAS

Para Derek Walcott

Uma ilha é um grande olho
que espreita, um farol acolhedor,
holofote, uma bússola osso-da-sorte,
ou o contrapeso das estrelas.
quando se trata de perspectiva e ponto
de vista, uma silhueta no precipício
olhando para o lado do arquipélago
de vidro do continente, as asas de
uma gaivota tocando o alto de uma grande onda,
lá onde o cérebro talvez tropece.

Mas quando a mente desce
do seu mirante escarpado
vemos o quanto é teimosa
& precisa folhear páginas de poeira
& luz, por meio da pré-memória & do folclore,
recordando que ali rugiam fogueiras
até atravessassem o leito do mar
e cobrissem de cinzas os mortos
retirados de seu sono a mundos dali, & o silêncio
se preenchesse de séculos de espera.

Ouriço do mar, tartaruga, caranguejo
trouxeram o saber telúrico,
& um pássaro pousou com um ramo no bico,
antes que tudo se anuviasse de gritos,
um milênio de mortes, hoje húmus,
& estações de floradas em uma só semente.
A luz se esgueirava nas pedras incrustadas de sal
através de uma catarata de águas azuis
& e os papagaios de marinheiros perdidos falavam de sereias,
das palavras derradeiras dos sepultados no mar.

Se poderia ficar ali
contemplar o futuro, folheando
páginas rasgadas de Santo Agostinho
e as profecias dos pescadores,
traduzindo esporos & tolice em raízes primárias.
O garoto de olhos sonhadores que ainda há no homem,
a garota na mulher, uma previsão de dia ensolarado
por trás do hoje, mas o amanhã além das
palavras. Mirar um corpo d'água
é conhecer o ferro gusa & a mãe saber.

Quem quer que seja a silhueta,
logo irá retomar a dança
por meio do aroma do tronco de uma adaga,
lírio-do-brejo, primavera,
entre cânticos & cordas tangidas
até que as cabaças conclamem o ar limpo,
& até que os pássaros da torre da igreja
levem as doces trevas para casa.
Quem quer que seja esse amigo ou amante,
redentoras, as harmonias que entoa.

Deitar-se e recordar
é saber que cada um de nós
é um filho pródigo que mira além da terra
& do céu, o químico & o metafísico
além das rodas d'água que caem & giram
na mente colossal de deusas condenados,
um Eureka erguido perante o olho ofuscante do sol,
nascido para visar o amago do fogo. Depois de conquistar
fronteiras, a mente retorna e repousa,
lânguida sobre a areia branca.

REFLEXOS

No espelho do dia
vês um negro alto.

Dedos de taboa dourada
tremem, e testemunhas
a corda que pende
de um galho do carvalho.
A que ponto chegamos.
Gritas orientações,
o vento leva
embora tua voz.
Gritas o nome da sua mãe
& ele olha para o céu rubro.
Quase podes tocar
o que ele pensa,
em busca da sua mão
do outro lado do rio.
O laço oscilante
sobre sua cabeça,
podes senti-lo
crescer dentro de ti,
lutando para se erguer,
subindo uma escada
de ar, teus pés
em seus sapatos.

DEMÊNCIA BLUES

No tempo em que um homem
trazia um enxame de palavras
na barriga, aninhadas
contra o baço, cantando

No tempo dos cavaleiros da noite
quando a vida mordiscava uma palha
até que o blues & e o banzo
chamassem do fundo da noite:
Mais um homem que se foi.
Mais um homem que se foi.

No tempo em que era possível se perder
dentro do amor daquele jeito,
& depois gemer no trombone
até que os deuses gritassem no sonho de alguém.

Mas hoje
já vi três homens escuros
tratando do clima com demônios
& anjos, olhando para as nuvens
& franzindo para as grelhas de ferro
nas vias rápidas de encontros luminosos.

Confiro meu reflexo no vidro temperado
& penso, será mais um
Lucky Thompson ou Marion Brown
encurralado pela demência blues,
outro homem escuro
que acordou sonhando certo dia
& depois saiu de si ainda
sonhando? Terá tido coragem
de pisar em uma rachadura da calçada,
virar a esquina da meia-noite & não mais voltar
por inteiro, ou terá tentado encarar um olhar
que lhe enterrou um punhal no coração?

Quero dizer, eu também não sou estranho
a cavaleiros da noite & cordas. É,
garota, não sou estranho a conversas com fantasmas.

INFIDELIDADE

Zeus sempre se apresenta
Como se tivesse que ser
Remendado com beijos.
Como um rock star vestido de couro

& safiras – conflagração
& e um corte de seda em queda
Entre chances perdidas & nunca
Mais. Seus disfarces são quase

Matemáticos: Io & Europa
vão dos próprios sonhos para o dele.
Este senhor das tempestades
É um Deus-Sol que canta desejo

& floreios num jardim de ninfas.
Às vezes ama glaxínias,
& outras, deseja o alho em flor –
Hera, Egina & Calisto na mesma canção.

*1948 / Estados Unidos / WILL
ALEXANDER*



Poemas traducidos por Graco Braz Peixoto. Obra consultada:
Compression and Purity (San Francisco: City Lights Publishers,
2011).

DENTRO DO VULCÃO FANTASMA

Com o corpo de uma boneca pendendo, mórbida
minha aura arde
por turnos
por andanças
por miragens

Pelo sol em seu pântano primordial
intimado por um banquete de gafanhotos espectrais

pela barganha elétrica de um peso morto
vivendo
como se um fantasma tivesse sido transfigurado
pela soma de janelas solares explodidas
em meio a movimentos de uma infâmia viral
de uma súbita descarga de pontões
de um mágico velejar de lince acima de barcos de pura
transparência

subjugado
por vazios cães de jogo minoicos
disputando oxigênio como maneira
disputando ameaças como ideal
enquanto alguém ouve o fogo
numa densa garganta eruptiva
em espelhos de hidrogênio pendurados
de modo que cada imagem é virada
para frente & para trás
em vendavais e o fantasma de vendavais

de modo que
os unicórnios de Çatal Hüyük
cessem de condensar como as formas da terra
e assumam o corpo do enigma como transparência
como abstração de um negro meteoro

o sol não mais contou

por estranhas obsessões de calendário
mas se torna
bailarino singular
que para de brigar
com a magia do fragmento como cisão

como névoa
com um elenco de poder diante do oásis

porque os cachorros do jogo
os espelhos do unicórnio
giraram com uma sede ocular que não acorda
como distância conjurada
evoluiu da força de uma atividade aclarada

como o impacto de águas turvas
numa escala que se avulta como umidade
então os olhos sempre focados
como desculpas para exibições silenciosas

AS VENTANIAS PSICOTRÓPICAS

Para checar por dentro o exame
em erratas de fumegantes campos de cana
como se assombrado com a colite fumacenta de irídio giratório
cessações

como na saliva dos iniciantes
vê-se o furor intestinal dos deltas
de girafas marinhas enegrecidas osmoticamente divididas em
químicas simultâneas
acima do mar julgado brilhando com Richters

como um ovo de nêutron enfraquecido
são miragens de partículas de gasolina como espirais de
gansos de caça erráticos
voando através das chamas de fumaça ulcerada & gigante

silvando o vácuo de um verdor imperial
elevando-se acima dos densos quebra-mares de cobras

o chocante desaparecimento dos mares
a falta de vida de seus ventos
queimada por irradiações de trêmulas incisões de salmoura
os golfos ardentes do sol com o brilho das explosivas utopias
de adeptos do Mandeianismo
se chocam contra os retílineos profetas do Velho Testamento
Jeremias
ou Ezequiel
ou o ossudo dedo congelado agitando cartas alquímicas
atrofiadas
vindas de uma Judeia de lua incendiada
não mais do que uma vala mecanicamente queimada focada
numa fumacenta
disrupção de pregadores
onde o movimento da alma está atrasado
reduzido a um esfumaçado secular agnóstico e achatado
a uma raiva terrana que elimina seus fogos sensuais e
celestiais
suas raivas atordoantes e irreplicáveis
suas súbitas espirais de selênio
seu fogo que cambaleia por pseudofalhas de julgamentos pré-
repetidos
seus flertes com plâncton Draconiano enriquecido

De modo que a alma com seu âmbar de dracmas de micróbios
reluzentes
com suas divisibilidades de turmalinas feridas
flamejando numa luz em clima de tornados manchados
numa chuva de escamas de pescada & melancolia
está sepultado
dentro de um momento psíquico vazio sem sede
caindo de um forno de estrelas
em que ambos flamejam e congelam
que inculca uma botânica microbiana defeituosa
como e emulsões gramaticais hipnóticas

Dentro de uma abertura oca e elíptica onde testemunhamos
velhas
cirurgias egípcias
onde os mortos se levantam magicamente dos labirintos
e olham para uma linguagem de anomalia totêmica e
queimante
gerada numa miniatura herética
seus fantasmas
ecoando de suturas quadrilaterais
de breves
violentas
rajadas renunciadoras

Desarraigado
armado com as armas dos espíritos maléficos
& lagartos de árvores de bétula queimada
temperado pela luz de ângulos psicotrópicos
ardendo no meio de um verde Deus interior venusiano
contando
como se
na fumaceira da angústia
com um sangramento inclemente
com uma coroa conspurcada
pela reviravolta de altímetros instáveis

O INÚTIL ARAR

É cultivar num regime de sol inclemente
como uma besta insignificante
caída em meio a entulhos aleatórios de estrelas

mudanças de frutas
a luz, em seguida, entrava em relvas distorcidas de um mural

o fazendeiro morando com um provedor esclarecido
as formas de sua terra reduzidas

seu trigo encurvado & queimando
suas formas instáveis
esculpindo seu solo com sementes vulcânicas azuis

HIBERNAÇÃO COMPOSTA

Aqueles que me lançam olhares
que deixam de ver por dentro o sol
que deixam de imaginar seu pré-quanta desestabilizado
não pode me conhecer
não pode conhecer meu etos polido
com aparição ou flama mesclada

minha percepção através do sol anterior por mim ingerido
como pré-existência enegrecida
ou falcões por uma tarefa colhidos

o sol
com seus dualismos
com seus fótons pré-bióticos ondulantes

possivelmente
existiram nove sóis antes do sol
antes dos oceanos parecerem formados
havia rascunhos moleculares

precursores de akasha
proto-amônia flutuante

eu penso em carbono
& filetes
& inundações

de abrigo de feroz combate
onde uma geometria vazia cresce
antes da biologia separável haver nascido
antes do lastro contraditório de protozoários inexistentes

sendo flamejante fóton por abstenção
como um símbolo mágico pré-atômico
desestabilizado numa avalanche

uma rotação pré-cognitiva
galvanizações estranhas do cosmos

& por causa dela
um odor de tremor invisível
andando a esmo em grupo amedrontado de hélio

assim
os espelhos em minha pele como salamandras líquidas
assombradas
como células desprovidas de refrigeração em rotações
centígradas

portanto
conheço o abismo como transposição lunar volátil
como louva-deus subliminar ascendente
como estilhaços

assim sendo não sou
um iogue blasfemo ou oleoso
colapsando em erro por raiva súbita ou água

ainda estou composto
lutando com uma arritmia mental dispersiva
com uma afasia psíquica parcial
intenso
ilusório
arredio por uma composição interior

CULTIVANDO PRANA

É assim que eu respire

através de crônicas samambaias aterradoras
através de um escuro indelicado estômago

é esta réplica de urânio
este impacto apontando para trás

& quando testemunhado
causa pânico aos curiosos
para borrar
& esquecer
& sumir

eles não podem ver minha abordagem
minha aparência dorsal rebelde
meus letreiros em chuvisco negro

é minha abordagem
meu alinhavado
meu selo como aterro curvilíneo

portanto
não posso jamais me dar um nome
ou tramar a mim mesmo
de acordo com as faíscas ou os estilhaços da bancada de
trabalho

atordoadado
implacável com a salivação
com meu vagar insular desajeitado
sou como alguns filhotinhos escuros da água rebitados contra
a lua

então por surdez ou trazido à mesa
banqueteando-me com garças
que me retorcem num emaranhado
por uma diminuição circular
procurando sempre ter-me castrado sob minha derma
para falar comigo mesmo

de modo a cancelar meu escrutínio sem estrutura

eles falam de mim como um sem lei
tão desprezível
quando um tufão em mar calmo
quanto a moralidade
quanto a combinação fixa e acelerada
eles me cravam
como destituído
de merecimento
como um fragmento de um compêndio de leões famintos

sou considerado
como pósitron inútil sem imagem
como hieróglifo
como relógio de sol
como mártir

vagando de uma província com bárbaros índices

*1948-1990 | Porto Rico | MANUEL
RAMOS OTERO*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *El libro de la muerte* (Puerto Rico: Editorial Cultural Inc., 1985) e *Invitación al polvo* (Puerto Rico: Editorial Plaza Mayor, 1994).

AQUI SOMOS NEGROS DO OMBRO ATÉ A FOME

É o luto inerente dos homens do medo.
As almas somos templos devastados.
As velas grossas são velas com olhos derretidos,
as últimas mulheres enterraram seus filhos em guitarras
e levaram seus velórios ao mar.
Que não se pense nunca que a guerra acabou!
Tanto remendo no fogo debilita a vida.
O que se quer é sangue que anoiteça a carne,
que as crianças aprendam qual faca esconde
a imagem da criança assassinada.
Antes de que os sonhos reboquem a noite,
penderemos colares de alho nos portões,
começarão as festas patronais do povoado,
a solidão terá seus hospitais
e amolaremos os caninos do Anjo.
Temos todo o tempo das ondas de paz.
Nossos soldados viram seus relógios de areia
nos novos lugares da desolação.
É Quarta-feira cada vez que a invasão aborta seus cadáveres.
Habitualmente somos. Sei que somos.
Arquitetos perfeitos do passado.
O jantar sempre serve os crepúsculos.
Os uniformes sempre engomados.
Inevitavelmente mofam os fuzis.
E sempre haverá café com pão para os heróis.

LORCA

Não é certo, Federico
eu serei justamente meu homem prometido
quando charcos de sangue amanhecido
me integrem ao esquecimento e ao crepúsculo
acaso não terá sido tua ode mais heroica
haver morrido
apodrecido entre as balas eternas do ódio

tua carne foi mais doce pela guerra
teu macho delicado mais ombreado
tua tumba empoeirada mais poesia
do que todas as odes mais divinas.
Agora mesmo estou vestido de noiva
e enfrento as luas do guarda-roupa
minha terna solidão não é tua homenagem
o homem que queima a minha boca
encharca com lodo meus encaixes
e navega comigo nas sarjetas.
Não nos movem o céu nem o inferno
mas antes o cheiro suado deste mundo.
Parimos flores no nada
e em nós a ilusão nasce do veneno.
Agora que a tua vida é um museu
de páginas de pó e medo não cultivado.
Sou uma Bicha do Mundo
e assassino pombas para invadir o vento
que acredita ser muralha por onde eu passo.
Sei que por ser escravo sou senhor
e nós do destino somos nossos.
Que os ventos alísios precipitam
o facão fatal de meu leque.
Que bom que estás morto, Federico!
Que não serás o sinistro convidado
De nossa bacanal guerreiro.
Teu reino da espiga
sucumbe na colheita do bicho e da espada.

RIMBAUD E VERLAINE

Para poder entrar em nossos corpos
o túnel é distinto, a própria ruptura é outra
o meu, uma lagoa de infernos infinitos
o teu é uma armadilha para velhos delírios.

Há vínculos, elos de esperma

há vinho no cu do poeta
e o bicho quando entra é um círio funerário
um ódio mais morno que a mãe quando abraça.

De meu corpo ao teu, de teu corpo ao meu.
Os pássaros do amor seguem sendo os mesmos.
Pela velha estrada de violetas negras
nos veremos na última noite do século.

Que amado me amará ao descobrir
que ninguém pode realizar seu sonho?
Quem se atreve a disparar debaixo dos lençóis sujos?
Tudo indica que o sol fará da lua uma lenda.

LEZAMA LIMA

Os números se embaralham somente
nesta ilha de fumo de palha, cigana vesga
do aborrecimento; os pássaros se odeiam desde o centro
quando o sol queima as feridas; é absoluto
este véu de prepúcios e pétalas e pingos de pele de crocodilo,
estamos os irmãos reunidos e sigo estando ausente
no destino para sempre vestido de viúva de peixes.
Os ossos se organizam debaixo da terra
para empreender o voo dos fogos,
ninguém melhor do que um morto mamará de minha seiva e
minha lenda
para poder retornar à ânfora;
nasci com a luz de minha mãe na cara
para dançar a dança de sua esfera,
minha noite é um sovaco cheiroso
para jamais esquecer a essência de seu espírito.
Molhei meus lábios com o leite do coco macio
e espero derreter sua tela virgem antes que aquele
banquete negro abra as portas do paraíso.
E se ao falar os figos apodrecem em meu pelo,
não é porque a alma foi cruel comigo.

Anjos lilases cruzaram o outeiro
podando velhas nuvens e presenteando rugas.
Os livros mais terríveis se tornaram pó inútil
e resta apenas um número, poeta, um círculos de braços
calorosos
alimenta pisadas em teu túmulo para deixar no caroço tua
fruta
de horizonte e fazer de ti um sacrifício de triângulos.

VIGÍLIA

Eu sou essa mulher que espera solitária
por qualquer convite ao pó que venha
pelo correio. Sou essa musa de turvos cafetões
com mesinhas redondas de tampa de fórmica.
O único jogo que conheço tem a estranha
luz do sêmen de segunda em um motel de espelhos
estragados. Eu me visto de preto para que ninguém
diga que a morte me pegou de surpresa.
E levo no olhar o ritual sem decoro
de toda bolerista caribenha: jamais envergonhada
dos talhos de moeda em cada veia, que umas
luvas de ópera e gaivotas camuflam.
Meu trago é um eterno aqui sempre estarei.
Minha pátria é um ziguezague sobre a névoa.
Devo ser Deus ou parecer ao menos que estou
petrificada neste templo, como uma jukebox
com aldavas, castrada pelos anjos do medo.
Não apenas sou... Eu me atrevo a ser
a doce mensageira de uma praga,
a poeta emplumada pela ira
e a pluma iracunda de outra história.
Eu sou a sem memória
e o destino tampouco me apressa.
Eu sempre estive aqui escondida,
sonhando minhas olheiras na letra.
Quando eu desaparecer lhes restará minha insônia

parodiando vigÍlias que não chegam.

*1949 / Estados Unidos / TOM
WAITS*



Poemas traduzidos por Graco Braz Peixoto. Obra consultada:
Orphans: Brawlers, Bawlers and Bastards (2006).

PRIMEIRO BEIJO

Ela dirigia um grande e velho Lincoln
Com portas suicidas
E uma máquina de costurar na traseira
E uma lâmpada que parecia
Um ovo de jacaré
Estava montada na frente do capô

E ela tinha um gorro da Páscoa que tinha sido assinado
Por Tennessee Ernie Ford
E ela sempre tinha visto poeira em seu cabelo
E ela cortou dois buracos nas costas de seu vestido
E ela tinha essas asas escapulares
Que eram cobertas com penas e fita elétrica
E quando ela ficava legal e bêbada
Ela cantava sobre Elkheart, Indiana
Onde o vento é forte
E o povo fica na sua

E ela tinha pelo menos cem bolas de baseball
Que havia tomado das crianças
E ela colecionava todo tipo de ossos
E morava num trailer embaixo da ponte
E ela fazia seu próprio whiskey e dava cigarros às crianças
E ela tinha sido golpeada por relâmpagos sete ou oito vezes
E odiava ouvir falar de trem

E ela inventou sua própria linguagem
E usava botas de borracha
E ela podia consertar qualquer coisa com cordões
E seus lábios eram como cerejas
E ela era mais forte do que qualquer cara
E cheirava a gasolina e chiado de cerveja caseira
E ela colocou lama numa ferroada de abelha
Que eu levei lá no riacho
E ela me deu
Meu primeiro beijo

E ela me deu
Meu primeiro beijo

Estou falando de minha pequena Kathleen
E ela é apenas uma coisinha nova e preciosa
Algum dia ela vai usar meu anel
Minha pequena Kathleen

EXÉRCITO DE FORMIGAS

Os besouros carrapetas são cautelosos e rápidos
Com um órgão para detectar as ondulações
As traças de aracnídeos colocam seus ovos ali dentro
Outros insetos ao longo das fronteiras ou estradas
Em cachos de casulos brancos
A broca do pinheiro acanelado é um besouro de chifres
compridos
Suas antenas têm a metade do tamanho de seus corpos
E eles se alimentam de pinho vermelho morto
O ladrão voa com suas cabeças imóveis
Injeta um líquido paralisante em sua presa
Que abocanha da vida em pleno ar
O modo de locomoção da pulga da neve
Estranho e esquisito
Com um mecanismo de cauda espinhosa com ganchos
E um tubo alongado desde o abdômen
Para permitir a absorção da umidade

O louva-deus fêmea devora o macho
Enquanto se acasalam
Algumas vezes o macho continua copulando
Mesmo depois que a fêmea tenha mordido sua cabeça
E parte de seu tronco superior
Toda noite vespas mordem dentro do caule da planta
Fecham suas mandíbulas em posição
Esticam no ângulo certo com o caule e
Com as pernas penduradas adormecem

Se alguém colocar um mínimo de licor
Em um escorpião
Ele ficará louco imediatamente e
Se ferroará mortalmente
O besouro bombardeiro
quando perturbado
se defende emitindo uma série de explosões
Às vezes lançando quatro ou cinco sucessivas
os barulhos soam como explosões de miniaturas de pistola
e são acompanhados por uma nuvem de
fluido de cheiro desprezível de cor avermelhada
é comum saber que as formigas mantêm escravos
certas espécies
as chamadas formigas sanguinárias
em particular
atacarão os ninhos de outras tribos
e matarão a rainha e depois sequestrarão muitas operárias
as operárias serão levadas de volta ao ninho do captor
onde serão forçadas a desempenhar tarefas domésticas

como discutimos no último semestre
o exército de formigas não deixará nada além de ossos
talvez você tenha encontrado alguns desses insetos
em suas comunidades
exibindo suas características predatórias e de defesa
enquanto embutidos nas paredes da carne
e passando pelo que é mais comumente reconhecido
como humano

O PONTIAC

Bem, vejamos
Uau! Nós tivemos o Fairlane
daí os eixos cardan sumiram
e os mancais
então sua mãe quis

trocá-lo por um Toronado
então pegamos o Toronado
Deus! Odiei a cor daquele filho da puta
o cachorro detonou o estofamento
no Ford
Cara, aquilo foi muito tempo antes de você nascer
nós o chamávamos de passarinho amarelo
duas portas, bagageiro, bem faceiro
mamãezinha apertada
chutou a biela
vendeu para o Jacobs
por cem dólares

Uau! Agora especial
grade frontal com quarto entradas
você jamais viu um painel
tão alinhado como aquele
câmera no topo
duplo exaustor
sabia que eu tive
deixe-me ver, eu tive
quatro Buicks
adorava todos eles

Agora o seu tio Emmet
bem, ele dirige um Thunderbird
já foi da sua tia Evelyn
mmm, ela acabou com ele
foi para Indiana
sem óleo no motor
aquilo foi o fim
vendeu aquele Cadillac pra sua mãe
sua mãe se amarrava naquele Caddy
suspensão traseira independente
carroceria top
bons pneus
tanque econômico
juro que tinha o poder

de reparar a si mesmo

Eu adorava os Olds
Dan Steele costumava me dar um desconto
modelos do showroom e tudo mais
e aí lá estava o Pontiac e
Deus, eu amava aquele Pontiac
bem, era um tipo vermelho-escuro
mas eu o manejava maravilhosamente
Sim, eu tenho saudades daquele carro
mas isso já foi há muito tempo
muito tempo atrás.

HISTÓRIA DE CRIANÇA

Era uma vez uma criança
sem um pai e sem uma mãe
e tudo estava morto
e não havia mais ninguém no mundo todo
tudo morto

e a criança saiu a procurar noite e dia
e como não havia ninguém na Terra
ela quis subir aos céus
e a Lua olhava pra ela tão amigável
e quando finalmente chegou até ela
a Lua era um pedaço de madeira podre

então ele foi para o Sol
e quando lá chegou
o Sol era um girassol definhado
e quando chegou às estrelas
elas eram pequenas moscas douradas
presas lá feito abotoadura
pregadas no abrunheiro

E quando ele quis voltar à Terra

a Terra era um urinol virado
e ele estava sozinho
ele se sentou e chorou
e ainda hoje está lá
completamente só

ok, aí está a sua história
boa noite

NIRVANA

Sem muita chance, completamente largado sem propósito
Ele era um jovem dirigindo um ônibus pela Carolina do Norte a
caminho de algum lugar
e começou a nevar

e o ônibus parou em um pequeno café nas colinas
e os passageiros entraram
e ele sentou no balcão com os outros
e ele fez seu pedido, a comida chegou
e a refeição foi particularmente boa
e o café

A garçonete era diferente das mulheres que conhecia
ela não era afetada e trazia esse humor bem pessoal
e o cozinheiro disse coisas malucas
e o lavador de louças lá atrás deu uma sonora gargalhada

e o jovem viu a neve através da janela
e ele queria ficar nesse café para sempre
e um sentimento curioso passou por ele, de que tudo ali estava
e sempre ficaria lindo lá

e então o motorista disse aos passageiros que era hora de
embarcar
e o jovem pensou “Eu vou ficar por aqui”
Vou simplesmente ficar

e então ele se levantou e seguiu os outros para dentro do
ônibus
ele chegou ao seu assento e olhou para o café pela janela
e então o ônibus se moveu numa curva para baixo em direção
às colinas

e o jovem olhou para a frente
e ele ouviu os outros passageiros falar de outras coisas
ou estavam lendo ou tentando dormir
e eles não tinham notado a magia
e o jovem virou a cabeça para um lado
fechou os olhos e fingiu dormir

não havia mais nada a fazer
apenas ouvir o som do motor
e o som dos pneus
na neve

1950 | Brasil | NELSON DE PAULA



Obra consultada: poemas encaminhados pelo autor.

O PLASMA

A aranha de prata brincando
sobre os livros empedernidos,
encontra um sinal —
o sinal do escaravelho
e com ele a fome,
a fome contemporânea,
grão vermelho de poeira
acumulado sobre
as falácias das metafísicas.

Sobre as tēmporas
uma sensação latejante.

Narciso inseguro,
agitado,
vive infeliz.

Quando o Ovo rompe
a massa plástica,
revela
total descontinuidade interior.

O Plasma sangüíneo
incorpora-me ao Corpo,
coisa alguma
pode deter o meu movimento
inapelável
em direção
à Fenda do Nada.

CONFIGURAÇÕES DO ZODÍACO

O Zodíaco reconfigurado
revela
um mórbido paradoxo,

já que
a ponta de uma estrela
sequer pode
fazer um risco
no meu mapa
de papel veludo,
sem que de imediato
três
ou quatro
novos traços,
já mudem sua rota.

O céu não reconhece
o meu poder,
mas respeita
minha habilidade
constituente –
deixa restar,
então,
nostálgicas lembranças.

ANTENAS ESPÍRITAS

Proponho ao mundo a instalação
de milhões de antenas
calibradas para só captar os sussurros
vindos de outras dimensões.

Devem espalhar pelas micro-ondas
as mensagens que vão chegando,
formando uma poderosa nuvem
logo acima da consciência,
só abrindo espaço
para a passagem da Luz.

Sem interpretações,
apenas pura presença mediúnica,

com cheiro e gosto de ectoplasma,
reverberadas no éter pelos amplificadores,
e gravadas, assim, na memória coletiva.

Antecipo o prazer de ver os ponteiros mexendo,
a frequência subindo
e os zunidos começarem a formar
a música dos anjos,
feita de entrecortes e de bemóis.

Uma vez no ar,
todos os aparelhos receberão o mesmo sinal,
germinando sentimentos,
que ultrapassam os limites da percepção.

Alguns, por certo, ficarão incomodados.

Outros, apenas colocarão o dedo na tomada,
para melhorar a recepção.

ANARQUIA EXPONENCIAL

Atiro a ideia de pleno encontro
ao velho edifício do Saber.

Atento assim
violentamente
ao pudor literário,
expondo minhas partes íntimas,
eretas
pelo desejo concreto
de mudar tudo.

Faço
do poema
bomba,
capaz de explodir

a pequena caixa craniana,
sem capacidade
volumétrica
sequer
para guardar
a hipérbole anárquica.

Movido
apenas
pela
fé fundamental
aos eleitos
revelada
ao sopé da orelha,
amarro ao peito
versos convexos,
substrato essencial,
porém
mortal
à menor interferência sistêmica,
tal qual
o ponto
e ou
a vírgula.

Subsequente
grito
sustenido,
força
a curvatura
dos olhos
em direção
ao sol,
para viabilizar
as obrigações
um instante antes
de correr
para a parede,

onde,
finalmente,
os hieróglifos
serão miscigenados
às vísceras.

CODIFICADO EM BRAILE

Não custo muito
para perceber
que o teu corpo
está codificado
em braile,
e, assim,
localizo
o clitóris
para
responder
ao apelo
que me trouxe
até estas lonjuras.

MORDIDO PELO ELFO

Quando a pedra explodiu
na minha cabeça,
veio junto
uma câimbra tremenda
no meio dos bagos,
obrigando o corpo a dobrar,
não uma,
mas muitas vezes.

Não era exatamente dor,
mas deu pânico
e, ao tentar me apoiar

na parede branca,
descobri um buraco
Que nunca tinha visto antes.

Pensei –
“é nele que vou me esconder” –
e enfiei a cabeça dentro,
mas para meu azar,
lá tinha um elfo muito mau,
que mordeu com tudo
o meu nariz.

A ÁGUIA POUSOU EM MERCÚRIO E FICOU MÍOPE

Mesmo tendo escolhido
um canto da vida com remanso,
assim que a Águia pousou
sentiu a presença do Acidente
e o espaço fez dela mais um míope,
persuadido pelo tempo jamais,
mas perturbado o suficiente
para dobrar as pernas
e catar pelo chão migalhas dos sonhos .

*1952-2006 / Estados Unidos / KEN
WAINIO*



Poemas traduzidos por Éclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Crossroads of the other* (1970) e *Automatic Antiquity* (2004).

CARTAS DE RIMBAUD

1.

A lanterna com os ganchos negros se agita acima da porta. Conduz a luz por toda a varanda até os passos do tempo. A rua entra na cafeteria. Suas janelas amarelas agarram meus olhos. Carros flutuam em asas ausentes. Faces, incapazes de controlar a expressão, se multiplicam e se dividem. Há uma implosão de cabelo e carne, babando em passantes estrangeiros. A quilômetros de distância eu posso ouvir um novo país onde o céu não plantou meus olhos. Agora pegadas são sementes.

2.

Navios na baía transportam delirantes carregamentos de luz das estrelas mar adentro. Ondas estalam seus dedos e levam teias de nevoeiro ao coração que perdeu seu alvo. A noite descobre quem foi que roubou dardos do céu e os arremessou ao mar com os ossos de estrelas e cérebros de âncoras perdidas. As velas provaram toda a tempestade, para que agora os navios se apossassem das sombras verdes da infância não destilada do mar para a longa viagem de retorno ao lar.

3.

A jaqueta do vento está em chamas. Ela escreve os poemas da lua e envia labaredas pelo correio, usando seus bolsos como envelopes. No píer a noite esgarra marinheiros sobre as ondas que esbofeteiam suas coxas molhadas e riem de nada. O céu ri marotamente e uma enseada pinga lentamente dos lábios da lua. Extingue o fogo que o vento começou sobre as ondas oleosas com a bagana de um capitão bêbado. O píer observa calmamente, feliz o louco reluzente da noite não provocou o gênio destrutivo do sol. Agora a lua pisca na luz diurna e abre a água em seu olho direito.

OSIRIS

Ele se tornou Osiris. Uma célula de uma vez. Uma vez pela eternidade. Ele caminha a passos largos através da escuridão da aurora à mercê de seus dedos originais. Pequenas gangues de névoa fervem entre as lápides tumulares onde o silêncio se tornou o som de seus passos. O Vale da Morte não possui sombras, e embora ele perscrute o conteúdo de cada caixão, não há nada dentro a não ser as oferendas emboloradas dos vários receptáculos. Os vermes liberam uma incandescência de vida multicolorida, mudando de intermináveis lâminas de azul e cinza metálicos para uma luminosidade turquesa, amarela e rosa. No entanto, o mistério deles não lançou nenhum feitiço sobre a visão dele que é incolor, branca na noite escura, um finíssimo ponto de luz reluzindo de seu caixão, flutuando Nilo abaixo.

Osiris move-se para a distância e observa a vida e a morte relampejarem sobre o lago crepuscular de seus sentidos. Ele conta cada par enquanto as asas dos seus sentidos banham a água com esvoaçante luz da lua, e então as compara ao número de estrelas frigindo na obscurante caçarola da noite. Do universo da órbita vazia de seu crânio, um bico se salienta. Ele é constituído de matéria e o espaço é o mestre de suas asas. Osiris o escuta se roçar contra a tampa do seu caixão. A tampa se abre lentamente e é Ísis lhe adorando os restos mortais. Ele descobre que está seguro na súbita euforia de seu útero. Sua dor foi acalmada e seu desespero foi aliviado. Os dois caminham de mãos dadas. Você acredita que ele se tornou Osiris. Agora você pode se ouvir falar.

VACAS DA CHUVA

Então a noite condena o entendimento. Sexo num tambor em movimento Amor num celeiro em festa. A Morte que finca seu dedo nos rodopiantes raios de rodas. Se você quiser adentrar o cruzamento dos mundos, tire o tapa do meu rosto. Ponha-o

em tua bolsa e viaje para longe daqui. Deixe-me ver as tuas mãos. Deixe-me espanar tua sombra. Amo o anônimo lamento de todos os pátios de estradas de ferro.

No cemitério, palavras se rasgam como nylons. Uma vívida carícia segurando livros de madeira de elixir. Os dados imaculados de nossos ouvidos estalam sob pés gigantes. Não me conte de pegadas nos gélidos ermos. Cometas, manchas de graxa no cubo da roda, homens saltam de séculos para eons. Dou-lhes em cada um uma palmada nas suas costas rachadas. Bem-vindo ao lar! O fantasma que você viu lá atrás era apenas a Via Láctea. Se não há vacas visíveis, então esqueça as cercas. Não há nuvens, mas é como se chovesse. . . .

O HABITAT DE RAJADAS

Cada molécula é uma nave espacial
Que você percebe quando está morto
Nenhuma especulação arte poesia
Este motor não tem ignição

Fora do tempo estão reunidos tecidos
Você está magnífica hoje. Amanhã
Cavarei tua sepultura e tua flor de
sete palmos. Pólen flutua através da

água, mãos de porto fumegante pescam
em oblévio. Estrelas açucaradas se abrem. Horríveis
bandeiras são rasgadas para novas roupas. Baleias
brancas dão a senha. Uma secreção

semifluida de velhas aritméticas mostra em sombras
como uma leve criança tocou tua face
sonhadora sem fazer perguntas. Como fugimos
das palavras e vivemos. Preciso de você

mais do que Tarzan de Jane. Ela e seu sorriso tranquilo
dormem num clarão distante sobre uma pilha de

ovos. A visão do homem-macaco foi salva
como um crocodilo da Nova Era

A QUEDA DE ROMA

Me dá um tempo. O que caiu
Onde quando? Talvez ele tivesse uma operação importante
perdeu uns poucos nacos mas os sinais
Vitais estão perdendo a cabeça

Roma caiu em teus sonhos
O item real está lá
Molde tudo sobre ela certamente
Um caldo de carne bacteriana cristã
em vastas produções frouxas

Seguramente câncer de liras. De
Criadores populares de peregrinos
à disposição. Roma é o que aconteceu a
estrelas de rocha de tempo mineral

Procure Jesus na lista telefônica
Veja a Virgem nas páginas amarelas
Apenas disque Papa no culpado.com
Confesse online. Não sei o último nome
De alguém chamado Paulo. Chame Roma

SALÃO DE APARÊNCIAS

Os egípcios tinham terror da chuva
Era uma rara ocorrência
E tinham terror da mudança
Da água erodindo sua bela pintura
Elevando pedra papiros flores fundidos
Tão amavelmente derretendo-se multidimensionalmente

Como eles temiam a mudança. O monumental
exato momento abrindo-se como
a boca de uma dormente múmia criança
Isto é raro isto é demais. Estivemos
aqui antes destas flores
Não estamos sozinhos. As sementes são mortais

*1953 / Estados Unidos / ALLAN
GRAUBARD*



Poemas traduzidos por Eclair Antonio Almeida Filho. Obra consultada: *Glimpses From A Fleeing Window* (New York Editions. New York. 1992) e *Fragments from Nomad Days* (New York Editions. New York. 1999).

[DOCE COLAR DE SÓIS]

Doce colar de sóis
Rio de neve acima

Doce como a porta
Batida e batida pela morte

Sóis insepultos
A máscara a taça
A pinta de lábios em ciprestes

Os bolsões de nuvens
Crepitaram no silêncio jurado
De corações amarrados às tuas pegadas

Os delicados demônios de papel
Tua voz

ALVOS

Quando ela caminha para dentro da sala, seus olhos brilham e seu corpo oscila. Pergunta para si mesma o que outras mulheres anseiam compelir em seus homens: a violência de consentir o que quer que ela deseje e ao qual não deve nada. Ela é uma imagem admirada e uma distância envolve-lhe ao redor os puros silêncios da noite. Se ela sussurra teu nome sob sua respiração, ela evoca teu futuro. E quando ela parte, com cada passo abrindo e fechando uma porta dentro de teu coração. Tão grande é seu poder, em anos vindouros homens cantarão para louvá-la. Quando seu corpo for apenas pó em seu túmulo, os séculos serão sua coroa, civilizações seu jardim. Vivendo em morte, ela morrerá vivendo por meio dos amantes dos interminavelmente ainda a nascer. Rassa é seu nome, e seu primeiro pai Berran de Born.

*

Ela está lá na esquina murmurando com suas mãos emplumadas. Vez por outra lança sua cabeça para trás e expõe seus dentes, golpeando o ar com sua língua. Vez por outra irrompe desde dentro numa única e etérea lágrima. Se ela te vê suspira e seus lábios suam sangue tal como sóis suam chuva.

DIA 3

Não conheço nem conhecerei talvez o que foi que forçou o objeto de meu exílio. Que eu vagueie ainda, após tantos e tantos anos, tendo fixado meu prazeres nos mais transitórios encontros, e onde o amor, uma vez tendo florescido tudo muito rapidamente morre, talvez seja mais do que eu possa considerar além de dizer: “eu também estava lá, naquela cidade, onde eu encontrei, entre outras lições, a silhueta desolada de minha vaidade.” Ou: “Sim, conheço aquele povoado muito bem, pois em seus muros desguarnecidos me deliciaria com os velhos jogos de “ver” de Leonardo.” Ou, melhor ainda: “Lembro-me de minha chegada, de quão exausto estava, e da erma população que achei tão pobre e demente quanto eu. O vinho era magnífico e a carne consistente fibrosa.” Pois além disso há pouco. Vim, parti. Entrementes se passaram dias, semanas talvez. Amizades repentinas, querelas, culpas iriam eventualmente espocar. Uma vez pensei até em me casar, mas ela, conhecendo-me muitíssimo bem, riu na minha cara. Não a reprovoo por sua memória.

Poderia lhes contar de meus pais, também, e de suas expectativas reduzidas a pó por minha inconstante juventude. Poderia lhes contar de todo o tempo que desperdicei enquanto o tempo despia-me por inteiro, e acordei uma manhã e olhei em volta de mim e reconheci nada. Agora, ainda há pouco que eu mudaria, mesmo se pudesse, aceito minha sina, que é algo completamente diferente de fazer as pazes com o mundo! O espírito de minha raiva nunca me permitiria

desmaiar tão radicalmente que eu fosse perpetuamente confundir a vida moderna com o que desejo, fazendo - tudo em tudo - até menos para cumprir.

Nem posso admitir nenhuma grande obsessão como um modo de explicar minha rota errática, salvo que eu a reconheça quando a vir, relembrando cada vez estas proféticas palavras de Baudelaire: “Cada um deles carregou em suas costas uma enorme Quimera, tão pesada quanto um fardo de milho...”

Se não há nada então que me salva do sofrimento ao qual supõem outros que eu resisto, e ao qual tenho resistido pelo menos para magoar a mim mesmo diante deles, é esta estrada, este céu, sobre e sob os quais sou nem mais nem menos que eu: caminhante, nômade, vestindo o violento bric-à-brac de corrompidas estações.

Não há nada agora, poucas estrelas morrendo para o amanhecer, um prenúncio de luz, um pássaro desperto se sacudindo, os últimos morcegos que se fartaram de néctar.

Nesta hora transparente entrego-me para tudo que não sou, nunca tendo conhecido nada melhor.

DIA 7

Pela meia-noite tu és um todo com o céu. Pela aurora, a promessa cumprida, conduzo-te de volta ao teu tempo, tua história, teus sentidos. És apenas uma mulher esfregando suas coxas, sussurrando suavemente. Tu, exilada, condenada à areia, ao poço, ao Wadi. E em teu rosto aquele outro rosto, o rosto da criança que sonhava com a mulher que tu nunca foste.

Assustada, evanescente, opulenta.

tu vieste uma dia, sem avisar, silenciosa sozinha. Tu aceitaste minha ajuda, minha confiança, comendo meu alimento, bebendo minha água. Primeiro apavorada, sem dúvida tu estavas apavorada, disseste pouco. E quando perguntei de tua casa, de tua vila, tu cuspiaste na areia e te sacudiste com ódio.

Uma noite cavaste na areia e vomitaste sangue, sangue grosso coagulado que irrompia por tua garganta com toda a veemência das palavras que recusaste. Então tu te viraste, teus lábios duros em vermelho, e tiraste tua saia e rasgaste tua carne, bufando como um cavalo na lavoura.

E quando eu me arremeti contra ti, teu grito estridente crepitou através de meu crânio.

Agora caminhamos ao léu um do outro, caçadores hipnotizados pela recompensa da caça.

A paixão é nossa visão pós-fato, a dor nossa expectativa.

Tu vieste um dia, silenciosa, sozinha ...

DIA 13

Quando o nômade alcançar a fronteira de onde passa a ser impossível retornar, finalmente ganhará a vida *não tendo mais nada a perder*.

É nesse momento que entenderá a futilidade de seus esforços. E impelido, todo tão minúsculo, contra a terra fortificada, abolirá sua risada, desejando acima de tudo sumir assim como veio.

Então irá até mesmo soltar sua sombra para a noite que sangra de seus olhos. E no clarão nu de alguém que não espera pelo sol, um sol que bate nele ferozmente, ele provará o árido cadáver de sua liberdade.

Talvez aprenda que sua solidão não é nem um presente nem uma desgraça. E seguindo caminhando, alegrar-se-á da inutilidade final de sua busca.

E encontrará prazer no ritmo de seus passos, tendo retornado completamente para sua carne.

Ele assina seu nome no vento de uma página arrancada de um sonho de silêncio.

1953 / Gales / JOHN WELSON



Poemas traduzidos por Allan Vidigal. Obra consultada:
inéditos enviados pelo autor.

PENSAMENTO SATURADO

Sono amuado
entre
gumes de ânimo,
sede de sussurros frágeis
em galope atravessado.

Sobre o silêncio de ombros de inseto
o soluço esvoaçante ergue a mão,
nade de lugar-comum gelado.

Encaras o silêncio aparado,
ninguém se importa,
o beijo zarpa na canoa,
ecos de veludo,
as pontas de teus dedos,
inócuas,
ausente o tato.

Isso tudo,
Tão distante,
Roupas encharcadas de memória,
excesso de "quem sabe, poderíamos".
Mas isso foi antes.

Reflexo riscado
virada da maré
mudança de ideia
amarrar os sapatos
olhos fechados
rédea solta.

O riso oculta
lábios rançosos
leite talhado
e
alguém encontra

as esquinas que dobrou.
Não era para ser assim.

Distante,
mas tão distante,
o silêncio aparado
alto demais,
e o gume da faca
corta ao meio o pensamento.
ninguém quer saber,
lugar-comum gelado derrete
e se afoga.

MEU VALE

A cisma das colinas
história cobiça.

Campos pisados
esgueira-se bruma.

Arado metálico
senda silente.

Cruzado de ovelhas
rebanho dobrado.

Vale pé de corvo
riachos vagueiam.

Meu vale.

Árvores beijadas de vento
piscam frente ao sangue.

Dedos de muralha de pedra
terra agarrada.

Alerta do urubu
estômago rasgado.

Ressecado de chuva
respira o chão.

Ar silente
porteira aberta.

Este vale tem um cheiro
mas só eu o posso dar à luz.
Me foi dado,
de presente,
este vale tem um cheiro,
ressecado de chuva, beijado de vento,
cruzado por ovelhas,
nas minhas pálpebras
meu vale me olha por dentro.
Não ergo os olhos,
alvorece de novo.

ÓCIO DO VIDRO QUEBRADO

Acidentes de automóvel com textura de madeira
até os joelhos em mal-entendidos furtados
ela sorriu
voltou-se
seus lábios evadiram-se de um beijo.

Agora aqui temos o amanhã
fantasia de esperteza,
queda d'água dobrada
colher certa no deserto frio.
Certeza aleijada.

Isso mesmo

língua presa,
sem palavras,
ficas de pé,
papel amassado
de invertebrados.

Dobrando a esquina
pedra feita em manteiga,
hesitação amarga,
infanticídio alagado de latidos.

Tatuagens tontas na neve
dançam sobre chamas apagadas
enquanto equações lagartas laçam a ingratidão dos tornozelos
decididos a fugir
da avalanche de solda da conformidade.

O rosto oval da cobra.
A rachadura de uma inocente parede caiada.
A dor do suor.
O carisma com bolhas,
ora, se nos divertimos?

Ao fim e ao cabo
o vidro quebrado dorme bem,
consciência limpa,
sem dividas,
sem medos constantes,
flexível
a linha esticada
o caos em cacos
maleável
esta fonte de consciência,
irá passar
e
revestida de grãos de
falibilidade, estéril
tremer sozinha

entre promessas dedilhadas.

Fofoca imparcial
sorvida e atirada
cuspida e esvaziada,
embebida e encharcada
queda livre,
colhida da fuligem da calçada
volta-se e hesita,
um olhar machuca
ferido e corado,
pulsante e frenético,
vazio de fôlego,
pisoteia,
a olhadela final engasgada.

UM MAPA PERDIDO

Ora veja bem,
pareceu tão esquisito,
alguém deixou um poema para secar ao sol,
Como uma passa, bordas ressecadas.
Passou um cachorro
farejou o sangue do poema e o comeu.

Ninguém virou o rosto.
Nada deixou de se mover.
O cachorro mijou numa árvore
e o poema escorreu rua abaixo.

Gatas esgueiraram-se das sombras
cheiraram o poema
e o levaram embora
para alimentar as ninhadas.

Ninguém firmou os olhos para ver.
Nada fez barulho.

Brotaram gatinhos
cobertos de palavras.
Pelagem estrofe
versos mamados
voz de língua áspera da eloquência.

O corvo que espreita
dane-se a cautela
vê gatinhos vestidos de palavras manchadas de leite,
mergulha
e bica os olhos dos gatinhos.

O gato da musa cega
tropeça por ruas de trevas,
seus poemas roubados
sem sol
descarnado
desprovido de novas paisagens.

Ninguém virou o rosto.
Nada deixou de se mover.
Mapa infértil
sem rota.

O drama líquido
concentrado
sufixado,
horizonte confiscado.
Ofuscação pálida
bocejo de ingratidão.

DO ESTÚDIO

Para Heather Nixon

Tinta que dançou
Da paleta de louros,

canto de rio,
olhos de música,
cor-de-rosa derretida nos dedos
corre nas pontas dos pés,
do amarelo alegria riso saltou.

Dançarina loura
Pássaro cantor de fitas rosadas salta
E a música de olhos amarelos
Felicidade os dedos de filigrana.

O sol cantado em tinta
riso de olhos louros
pontas rosa/amarelo dos pés
luz do sol derretida
num estúdio de abraços beijados.

Estúdio louro
Rio de olhos de sol
Amarelos que beijam
Dançando com os lábios cor-de-rosa
Do pássaro
Da paleta da alegria nas pontas dos pés.

TEMPO INDÓCIL À ESPERA

Cada pedra sem revirar
permanece precisa, retida.
Reflexo manchado,
toque de recolher do espelho
lavado.
salivação libidinosa
perda do fôlego.

Fruta oca
sugar sementes de sebo
a sanção sorvida

sugestão forçada,
o punho fraco
da criança faminta
jaz livre do peito,
molhado de pó,
vestido de bandeira,
a fúria da guerra.

O punho do soldado hesitante
dedos desajeitados
amarrado ao gatilho,
olhos de sono,
missão de pranto

E o alvorecer
parido do sol
cheira a vômito.
Travesseiros de pedra sem revirar,
sono torturado
oferece descanso rasgado.
A paz em bolhas,
o formato da memória,
agora silhueta vermelha
adorna inclemente o dia.

1953-2003 / Estados Unidos /
LAURENCE WEISBERG



Poemas traduzidos por Márcio Simões. Obra consultada:
Poems (Canadá: Anon Edition [Obra póstuma], 2004).

OBSTÁCULOS DO SONO

O caracol com seu pé único rachado
incendeia minha língua com seu sino solar
Minha língua inchada pela vertigem faz tombar o céu
com um único e negro olhar
Meu pulso é infalível Os cães se arrastaram para fora do
papel de parede do sentido infinito
carregam nas costas o infinitesimal anfiteatro
do ar e de perto suas patas incendeiam a ferida
da noite
e é noite com o fim do sal

Pássaros puxam com bicos rosados as cordas
apoiando as fontes de vidro cujo esguicho
sexual derruba o espelho do sono
e é dia com o começo do chumbo

Em minha orelha uma presa de luz faz crescer ramos de carne
e toco o pranto forçado pela boca da chuva
que é mais alta e mais feroz que teu código de suor
Doce pedra minha és a antagonista o pentagrama
no interior do curto-circuito do peixe no interior
do sangue de nossos desejos residindo em todo lugar
ao nosso redor

Olhos de ladrilho cortam a haste de teu coração tão
cuidadosamente
Escondido na árvore onde espero pelo teu sonho
e o encanto de um precipício escuro
e dominante na terra

A NOITE EM QUE ENTRAMOS NA FLORESTA

Para Alice

O raio sopra suas veredas pelos galhos dos carvalhos
ancestrais
Tempo heroico
Noite, por meio da qual abraçaste heráldica a floresta à luz da
lua
Uma aranha veio pôr seus ovos no exato vácuo da tua gota de
lágrima
Uma aranha que teceu sua teia das Plêiades até tua face à luz
das estrelas

Entre o silvo e o sussurro tua estação perdura
Tua estação vive esta luz entre o cair da tarde e o vento
que rasga uma por uma
as máscaras adornadas das feras
Tua estação assombra ereta o limite de ilegível luz
que desaba com o soar de passos sobre o céu assustado
incendiando a floração de voz crepuscular e riso inaudível
Pois és adornada
Bela e mais solene estrela
Perdida
que se encontra elevada além da canção do sonho
nesta floresta

Meu amor
adorada e adornada
nesta panóplia de sombras

GRAAL

Centopeia de cabelos manchados de vento
sobre os corpos carbonizados de deuses químicos
solitária com o seu sangue

Para satisfazer sua sede virginal
a noite alça suas alavancas para contar a linfa
uma onda de estrelas
nos pronunciamentos encharcados de lama dos cães –
seus mares interiores destruídos pelo calor

Ela se estica para tocar
a mais alta agulha do licor ciclópico
onde vozes absortas há muito tempo retornam ao
estranhamento da torre
a sutileza do seu sabor chega sem rosto

Todas as noites os mergulhos dentro do ventre das dunas
E o beijo incerto de um cavaleiro seus lábios de vidro dourado
semeiam o ar com fogo onde ela dorme

RITUAL

Corujas conduzem-me até o mar
O Oriente virgem atinge o branco esmagado da palavra
Abril sorve seus fetos amarelos

Quando o mar alcançar teu corpo de fogo
ao adormeceres em tua concha de água
todas as mulheres na costa subitamente se levantarão

“Somos belas e dúbias
pois nossos olhos são nus”

“Somos as fontes das sílabas
devastadas pelo sol”

Com este bastão de elementos continuamente circulares
pretendo extrair de todas as estrelas confusas
os mais perfumados lábios jamais beijados
mas as pétalas de meu coração flutuam
na água lenta de suas exalações

e agora o germe das imagens começa a revolver
entre as multidões obscuras do crime

À distância
um falcão choca um estonteante ovo de fogo verde
e a fortaleza da vertigem
lentamente desce sua ponte
de chagas telepáticas

PARA JEAN-PIERRE DUPREY

E assim uma linguagem
Pronta para desaparecer
Naquilo que respira o cadáver do fantasma da sombra
Por vezes é certo reescrever-se com fogo hipersensível
Entesourar o beijo perceptível que ilumina os eventos que lhe
precederam
Foco automático – Um cardo de vidro
Assassino incandescente na insônia dos precipícios
O fruto enigmático no ventre da sombra
no espelho da fala
Vazio estranhamento ancestral e alucinatório –
sombras para o balbucio
de contínuos nascimentos e mortes
Teus espasmos de berros
soltos sob o solo

1954 | Brasil | CONTADOR BORGES



Obra consultada: *Angelolatria* (1997) e *O reino da pele* (2003).

PASSANTE

Além dos ninhos secos dos telhados
e das arestas limpas
com esmero felino
a memória traz as amarras soltas
como os sonhos e caminhos

O homem de olhar esquizo
e ã nos passos
acalentando pássaros
nas mangas do terno
pensa horizontes com mãos de aranha

Íris perdidos correndo
no rosto de vidro
gira o crânio no chapéu de feltro
e afasta névoas
como dilúvios de cachimbo

FALANGES

Nuas se estiram
em direção ao mar
de palavras. Trevas
bordam as margens

da luz que se esvai
entre os dedos
anéis rarefeitos
em formas de não

nada subtrai o tato
que consome noites
e afrouxa os olhos
que o perdem são

o sonho das falanges
é jamais voltar:
novelos partidos
minotauro sem ar

PÁLPEBRAS

Quando à vista plena
salta o supremo
não há como detê-lo
interceptando o alvo
numa rede de minúcias
o imenso gira entre os dedos
em movimento
indecifrável pelas pálpebras
pois ele vem sinuoso
com as luzes nuas
e mortalmente armadas
com quem se insinua
ao fim da trajetória
jamais tão desperto
já tendo vencido
a todo embaraço
para enfim afrouxar-se
na forma que o redime
das mortas claridades noturnas.

FÁBULA

Não entende a aranha que a abelha é arredia
às aderências da teia. Sequer lhe dá ouvidos
sobre a fiança paga em mel granado (ela
garante!): renderia um gozo edulcorado que
jamais provou a carcereira em seu castelo
de asas. Propõe em súplicas (o artifício cria
inesperadas saídas) trocar o reino da prisão

de fios pelo paraíso quadriculado dos favos
onde quem sabe ganharia o bônus de um par
diáfano de seu análogo e trêmulo instrumento
que vibrando o corpo lhe transfere a ilusão
eterna do céu que nunca viu em outras eras.

ESTAÇÃO DE ESQUI

Ar puro os alvéolos aplaudem. Mas a malha era fina. O frio
tomou para si a carne qual bandeira desfraldada sem dó
nem piedade. A chuva e o vento aderiam à contenda
dedilhando a lira torácica. Corremos da varanda para junto
da lareira. Você queria ver a neve e olhou pela janela. As
horas passavam de esqui. Quem mais corria na imagem
verde-musgo do espelho frio de Lake Tahoe?

O CAVALO-MARINHO

Passa com medo de não decifrar o caminho
e a pergunta perfeita
perdida no tempo não chegar aos ouvidos.

Desliza no espelho de signos
sem romper os limites
armados com arames brancos.

Quem sabe o sentido tramado com feno
lhe serve de alimento
e de vinho
a espuma manchada com sangue de Vênus.

Quem sabe o casco mergulhado em turquesa
encontre seu paradeiro
e o mar arraste para a praia
a beleza trêmula que lhe tirou a vida.

*1955 / Argentina / CARLOS
BARBARITO*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Poemas enviados pelo autor ao tradutor. O verso citado em
inglês é de Wallace Stevens, *The Snow Man*.

SECO INSTRUMENTO AO FINAL DE TODA MAGIA

Acontece na hora precisa, entre chamas frias. Não é a morte de alguém, embora pareça. Um desmaio, a suspensão de toda atividade, a respiração interrompida por instante que dura séculos. O momentâneo final de todo amor e toda poesia.

Então não há ninguém. Porque ninguém puxa ou admira ou esmalta. Não existe interior para que a música o ocupe, ou exterior dominado por lástima ou fortuna. Não há perda ou ganho, porque não há nada para ser ganho ou perdido, tampouco absolvição, lâmpada acesa, aroma, encaixe.

Aquele que acaso seja testemunha disto não vê senão branco sobre branco, negro sobre negro, negação cem vezes mais pura em cujo fundo o silêncio se curva sobre si mesmo e esmaga uma ausência de desejo, pássaro.

MATÉRIA DESNUDA

A Juan Andralis

O que é esbanjado quando nada parece preencher a medida – a pergunta se abre e a porta, a única porta, se fecha. Nada, talvez, uma taça vazia, um verbo nascido oco e que não galopa. Parece que é tudo. Apenas isto e ao pé nenhuma rubrica. Mas então por que se apressa o ar em si mesmo e ascende? Por que as abelhas procuram ganhar espaços até as lavandas, as barragens, as manjeronas, as dalias? E a cabeça que, embora separada do tronco, se empenha em conter notícias de irradiações, chuvas inteiras e filtradas, sons de ave e acordeão, cintilações, essências, feitiços, carnavais e quaresmas?

MATÉRIA NEGRA

Chão seco, certamente consolidado. Os pés, segundo aparentam, seguros. Porém a trama não é tão confiável, o argumento não foi concluído, com assinatura abaixo e registro

em arquivo. A qualquer momento o chão pode ceder e com ir por terra o que se acredita afirmado, a salvo. Porque nada ou ninguém dura, ninguém ou nada sobrevive além de seu último dia, em uma hora que, embora desconhecida, acaba por chegar. Nem a pedra, nem a relva branda ou dura, nem o animal com crina ou o animal com cornos, nem aquela que agora abre a porta e se dispõe a varrer o piso, ou mesmo meus olhos que alguma vez viram um relâmpago em plena noite, breve e potente luz que atravessou o vidro da janela e refletiu em um copo, em um espelho.

[NÃO É A CADEIRA...]

Não é a cadeira em que me sento a cada dia. Nem o corpo em que bebo ao acordar. Nem o que me abriga. Nem o ar frio ou cálido que me aguarda ao sair. Nem as folhas nas árvores. Nem as folhas esparramadas pelo chão. Nem a iminência da chuva. Nem o grito daquele que oferta suas mercadorias em uma esquina. Nem o ruído do trem ao parar na estação. Nem a carta que escrevi alguma tarde. Nem a carta que nunca escrevi por temor, por covardia. Nem a primeira vez em que vi a vida na água estancada através do microscópio. Nem aquela ave caído no jardim à qual dediquei meu primeiro poema e à qual talvez dedique o último. Nem a água que, pouco a pouco, perfura a pedra. Nem o verso: *Which is the sound of te land...* Não é nada do que conheci, vi, toquei, fiz ou deixei de fazer, li, ouvi. É outra coisa, que talvez exploda, alguma vez, diante de meus olhos, ou permaneça para sempre intacta, com seu segredo.

GABINETE

A Breton

Uma Caixa de madeira de faia, vazia. Outra caixa, de madeira de olmo, em seu interior quatro pincéis de pelo de marta, um pedaço de estopa, tubos de óleo azul de ultramar, amarelo

cromo, carmim e verde gris. Uma ave rubra do paraíso, dissecada. Lentes, uma acromática, uma dicromática, uma lenticular. Uma aceitável reprodução da *Igreja de Tillington*, de Constable. Um volume de relatos de viagem de Ali Bey. Um volume com gravuras de Dürer. Várias frutas, de gesso e pintadas, em um prato igualmente pintado e de gesso. Um planisfério, com cheiro de umidade e acabado, enrolado e atado com uma fita de seda púrpura. Um barômetro de mercúrio. Uma bússola de geólogo. Uma bobina de fio de seda. Um vaso de vidro, com uma flor artificial. Anzóis de aço. Um manequim de costura, com um pequeno furo do lado do coração. Uma flor ressecada, de magnólia, em um envelope com uma anotação a tinta no dorso, que o tempo tornou ilegível. Uma caneta-tinteiro e sua ponta. Um pequeno cofre metálico fechado e sem chave à vista. Um copo de porcelana decorada com uma cena de festa galante. Uma fotografia emoldurada de um homem e uma criança, de costas, contemplando o mar.

*1956 / Colômbia / LUIS FERNANDO
CUARTAS*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
poemas inéditos enviados pelo autor ao tradutor, 2013.

FAZENDO UM PEIXE POÉTICO

O peixe não está na água. O peixe é de fumaça. Sai de minha boca. Eu o imagino. O degusto. Sinto que respira e anda. Este peixe que invento é meu jogo e minha palavra. No momento em que é feito é um peixe de ninguém. Sai, existe e se transforma. Pode ser tocado por ti se assistes a seu encanto. Dá pena que outros não o vejam, derrotam-no arrancando sua boca os seres taciturnos de calculada pontaria, exatos de razão e cegos para o mar da invenção. Não o veem. Não querem vê-lo. Descamam sua pele sem nascimento. Combatem-no com suas fórmulas pragmáticas. Talvez o menino e o poeta sejam amigos desse peixe: fazem com que ele viva no aquário de suas mentes. Levam-no a passear. Falam com ele. Guardam-no em sua caixa de mentiras. E o presenteiam para fabricar talismãs com a água do mistério.

ENTORSE

Falta cometer o equívoco para saber que somos da terra. A lua nos jogou ao chão. O próprio Li-Po conheceu a água fria em meio a sua entorse buscando a luz noturna em um arroio. Pálpebras inundadas de orvalho são pequenas lágrimas que saem quando alguém cai, porém o ser se ergue, manca por um momento, o tornozelo aumenta e a água dos olhos já se foi. A bicicleta, esses óculos a cavalo, que leem ruas e se espatifam contra o poema convertido em muro. Tudo é veloz, uma piscada, uma rua, é o caso de descer da máquina e em seguida dobrar o pé, certo desequilíbrio que é a dúvida, uma dor que é certeza e um esquecimento que é a única coisa que cura. Todos nós temos nossa entorse, a torcedura da vida, o pé mal apoiado no piso já movido, a arte de um desamor que nos move para o lado débil por onde se gasta o corpo. Todos somos uma entorse, trema o corpo após amar imensamente, cambaleie as pernas após subir milhares de ladeiras, cai o mais sólido, o perene se derrete. Mas depois de tudo seguiremos a rota que nos outorga o grande desejo, a leveza e a sensação de

estar vivos com a bicicleta do poema como uma mascote urbana que nos ajuda a ler a sorte em cada esquina.

RETRATO DOS ESTULTOS

Sermões vão e vêm sobre a precariedade da ordem cósmica
Tufo de bufões que fazem alarde de uma flecha invisível que
nos conduz até o inferno
Clara impostura de uma rêmora de peixes parasitas e de
estorvos sobre o montão de puas
Algo impede que o mescal esteja fluindo
Algo debilita a sabedoria das salamandras
São os estultos de extensas veias fervidas, gozadores que ficam
estáticos decorando uma pílula de potássio
E uma canção de ninar para sedar os babosos agônicos de
arsênico
Costumam escavar sobre chapas de ferro, leem ao contrário o
alfabeto, com uma dislexia presidencial hereditária,
Observam pela ponta do revólver com o dedo no gatilho e
bocejam entediados com a leitura de um poema.
Estultos existem em exercício sacerdotal e dão conselhos
sobre a hecatombe brutal dos acentos enquanto absolvem
um capanga de ofício com crachá de santidade
Estultos nos bancos e se tornam os que não olham o envelope
de cobrança de uma angústia, porém fervem de ira quando
as pirâmides da riqueza são de uma maquinaria
matemática que jamais poderiam compreender.
Estultos de roupas de etiqueta, bramem, interrogam, são a
inteligência investigativa, os sábios conselheiros de
mandatários desmiolados. A estupidez com cara de anjo
Ou a soberba em pele de cordeiro convertido em estanho,
níquel, mesquinhez comercial e um diploma vendido em
leilão de uma universidade sem nome.
Estultos bocejantes,
Rimbaud os viu nas poltronas das bibliotecas, paquidérmicos
serenos, apenas abulia...
Artaud os conhecia nas overdoses das drogas psiquiátricas.

Edith Piaf vomitava ouro nas janelas e lhes fazia sentir que sua voz melancólica e profana era para não deixá-los dormir.
Nero foi um estulto poeta bufo com coroa de imperador sanguinolento, enquanto os Bush são granjeiros bêbados, veem petróleo até na sopa
E são estultos nas coordenadas entre a política e a mística.
O retrato dos estultos não é uma afronta contra a idiotice, Glucksmann sabia que por trás desse estado existe uma dúvida arbitrária.
Um pós-modernismo enrugado e um estado de alerta camuflado, são os estultos os que nem fermentam nem fazem ciência.
Simples lagartas cansadas que bendizem, predicam e espirram.
Silvia Plath cruzava a água e inalava o gás doméstico para não cruzar com a própria sombra, em cada letra sua havia um combate contra a segura espiritual que a tudo dessangra.
Virginia Wolf preferiu um abrigo repleto de pedras e as águas de um rio do que ficar estática contemplando o passo do tempo da mísera sacada da bobagem vitoriana.
Oscar Dominguez busca a petrificação do tempo ao lado do poema e se suicida cortando as veias na festa de uma amiga, certamente nada estulto, é O Touro moribundo, nada abrupto, é o cristal anguloso da liberdade contra o sedentarismo estéril.
Estultos, escondam a cabeça...

Outros olhos fitam agora o sonho sem piscar...

SERRANIAS

Os montículos da terra uma vez são pirâmides vegetais, apontam com seus dedos de granito vestidos de musgo, como se quisessem debruçar seus vértices na nuvem mais próxima.

Outras vezes são montanhas chatas, planaltos nivelados onde
são postas casas e instaurados vilarejos tão próximos das
estrelas.

Eu as vi também como desfiladeiros, fundos, iguais às penas de
cada ser quando se sente só e olha e olha
o vazio que nasce do ventre da terra.

Há serranias com fumarolas colossais, votam cinza do mesmo
modo que alguém tira vapores pela boca
quando é sonho não é muito grato e os dragões do fogo saem
para queimar as horas tristes.

Outras colinas são aquosas e manam chuvas permanentes
entre imensas samambaias quase do tempo da pré-história.

Montículos de cobre, de ouro e de cristal de rocha,
porém as grandes montanhas estão na memória,
a neblina que vinha nos buscar quando bebíamos descalços o
leite recém ordenhado das vacas,
essas montanhas que nos vestem de árvore e nos deixam
semeados entre os caminhos que ainda não cruzamos,
elas também existem feitas de puro amor e desamores,
as que se mostram nos sonhos e nos deixam sinais para seguir
vivendo,
as serranias de grutas e mistérios ainda insondáveis
mas que nos prometem ir buscar o coração túbio da Terra.

Nesses lugares talvez tenhamos desejado nosso estigma,
os signos com que nos marcaram a vida, a cifra da persistência
e ao mesmo tempo de uma desolada sensação que se cobra de
fantasmas e beijos camuflados sobre a relva.

A essas retornaremos sempre,
cobertos de geada, chovidos por dentro e por fora,
aguardando uma pradaria em meio à ladeira, um descanso no
mesmo lugar onde se inicia a subida
nesse lugar onde algum dia repousaremos
e onde encontraremos um gesto de liberdade tão parecido
com um beijo.

TREVO

Muita força invisível é necessária para ver o trevo do
alquimista.
Em primeiro lugar o olho atento.
Depois uma paciência que encha o tanque da intranquilidade.
Mais à frente há que saber o lugar onde essas flores podem se
dar,
por exemplo, em um olhar pode haver uma,
em um livro se encontram, porém podem se perder facilmente.
Não são flores comuns e correntes,
são transparentes,
como um pensamento diáfano
e uma metáfora bem feita no momento da desolação,
dessas que caem sobre o vidro do cotidiano
e resvalam até chegar em um lugar recôndito de nossas
desventuras,
e saem logo vestidas de pétalas onde se triplicam
como a dúvida, a certeza e a negação.
Esses trevos são a nossa capacidade de voltar a semear
perguntas,
cada uma dessas flores são um estigma em nossas vidas,
uma nota deixada ao acaso, a proposta silvestre de um deus
escondido entre a relva.
Elas nos favorecem sem sabermos tomar delas
o doce bálsamo de um medicamento fermentado em nossas
mãos,
quando escrevem, quando acariciam, quando pintam,
quando fazem a necessária tarefa de tornar-se mais humanas.
Queira o destino
poder voltar a vê-las
cada vez que possamos nos encontrar.

*1956 | Portugal | ANTÓNIO
CÁNDIDO FRANCO*



Obra consultada: poemas avulsos enviados pelo Autor.

O RENQUE TÃO DECISIVO DO MAR E DO CÉU
*MARINHO*¹³

De ar nem meus hinos são cortáveis sons
Bornéu de prata, bípedes e bólides de passa giz
Bisontes da granja ao tear a examinar o corte.

Dos idos hei-de dar ao Xá da China flocos,
Harpa e cravo eslavos, notas de paleontologia –
Veste nos triques ó farol a flutuar nas tílias

Etelvina só de arames no eixo e na ave
O Luís do Grão: símio de cama e nota alfa/beta
Douto e indutivo Tobias – prancha de pérola doida.

Não sei de acetona vazada em opacidades
De chás que devolvi a leões, avós do desaire,
Bitates de nulas ordens ó violetas acesas.

O centro directo, moldando ainda o leite.
Holística do medo e do pó em que não me tornei
Ó misérias do bingo morno nos índices dos mais.

CAIXA DE VESTIR PARA DRAGÃO DE CRUZEIRO
*SEIXAS*¹⁴

E tardou de mais ao nardo
na exigente nave fora e fartou-se

Tudo deu até margaça do Norte
foi sina possante nas Astúrias

¹³ Tradução por meio da *cabala fonética* de poema de Laurens Vancrevel.

¹⁴ Tradução na linguagem dos pássaros de poema de Franklin Rosemont.

Domara ao longo da sala um único verso
baliu raposa num revólver por púlpito na praça

Faro, faroleiro, o que está lá onde o mapa salga

De laço na aorta ia adiante
poço de ar com que fui ao Bei

Adonai dei e desandei
ardem-me tarte e boi-touro em meia hora

Tâmara de Ninive ó lãs ardentes

Ele dá-se ao desquite do idílio que se abana
na erva que passa

Cal será e não destapará para já o cabeção

ARTEAR

I

A arte é o ar mais o pronome pessoal na segunda pessoa do singular na forma do acusativo (complemento directo). O ar por sua vez é o fluido transparente, inodoro, insípido que constitui a atmosfera terrestre (*Dicionário Prático Ilustrado*, Lello & Irmão, 1972, p. 90). Quer isto dizer que a arte pode ser pura ou impura, sendo sempre reflexa. Se pura é constituída por muitos gases, sendo o oxigénio e o azoto os principais, na proporção de 21 partes de oxigénio por 79 de azoto. Há ainda vestígios residuais de outros gases como o néon, o cripton, o xénon e o hélio. Se corrompida, a arte é o meio propício para o desenvolvimento em galerias, agências, ministérios, centros de investigação, esquadras, quartéis, escolas e hospitais (v. Hospital das Letras) das partículas microbianas em suspensão, originando fermentações putrefactas, que, ao serem reflexas,

penetram no pulmão e dão azo a doenças gravíssimas, que podem levar à morte.

II

A caixa poligonal estabeleceu há muito a lei da comutação das partes. Assim, o pronome pessoal reflexo da segunda pessoa do singular pode anteceder o fluido transparente que constitui a essência estruturante da arte e a partir do qual se detecta o seu grau de pureza ou impureza. Pela permutação, já conhecida na exegese bíblica, obtém-se a máquina para fazer tecidos entretida pelo tecelão. O tear começou por ser manual. Numa caixa vertical de madeira onde se dispunha a teia atravessava-se um fio que dava origem à trama. À imagem da aranha, Penélope fez e desfez desta forma o seu destino. Mais tarde chegou o tear mecânico, que dispensou o trabalho humano e recorreu à força motriz da pressão do ar comprimido. Hoje o tear é uma máquina eléctrica altamente aperfeiçoada pela técnica do vácuo. Os projecteis que atravessam a teia atingem tal velocidade no vazio do ar rarefeito que ficam perigosamente no limiar da explosão. O tear é assim a arte em vias de sufocar.

III

Da conjugação entre dois nomes nasce sempre um verbo. Temos assim neste caso o verbo artear que quer dizer colocar o artelho fora do curto-circuito das ondas hertzianas de modo a encontrar na próxima cabana o cão vermelho de Gauguin.

*1957 | Brasil | FLORIANO
MARTINS*



Obra consultada: *Alma em chamas* (Fortaleza: Letra & Música, 1998) e *A vida inesperada* (Fortaleza: ARC Edições, 2016).

*PEQUENOS DIABOS RIDÍCULOS BAILANDO NA
SOLEIRA DO ABISMO*

Oh presas efêmeras de minhas visões
Olho os teus olhos de planta
Olhos de peixe à deriva de tudo
Olhos de estrelas náuticas ancoradas no acaso
Olhos dos sete círculos que as mãos de Beatriz me trazem um
pouco antes do fim
Olhos de Heráclito
Olhos que me levam e já não tenho para onde voltar & o mar
com seu grande hímen que inflama o arco do desejo
Olhos de garotos que se enforcam em pirâmides imaginárias &
a esfinge submersa em galpões de espigas de ócio
Olhos de relâmpagos banidos das entranhas de mil virgens
com hóstias fincadas na garganta
Olhos de âncoras das prostitutas em fogo bebendo o licor que
acumularam nos joelhos os suicidas
Olhos de bêbados que esfaqueiam o vento & os meninos
artistas amordaçados pela secretíssima ordem das limitações
Olhos de totem atrás daquela montanha onde a nave mãe
deposita seus ovos

TV ATÔMICA

& nossa voz com seus decibéis esfaqueados
Olhos cúmplices dos garotos selvagens que degolam a noite de
nossos mitos largados no vagão da eternidade

Oh cicatriz sinistra

– pleno assalto das visões –

é a hora impreterível de mastigarmos a vida com tesão

Arranco de mim o meu sexo
e com ele
mato
a tua fome

O PRODÍGIO DAS TINTAS

Sopra-nos o vento a música de seu fulgor:
um elo de ecos, um verso de Gonzalo Rojas,
a espinha do universo no piano
de Thelonius Monk em *Memories of you*.
Lugar metafísico onde tudo combina
com seu diverso e outro latejo.
Em um desses momentos por onde cruzamos
as gélidas ruas de Kafka,
a alma esplende em metamorfoses.
Por ali nos indagamos do equívoco do enigma:
– por que tudo é sempre o mistério do vir a ser,
a almofada do maravilhoso, seu estalo de trevas.
Sons de palavras: letras que surgem
do obscuro ritmo entrelaçado de nossos nomes
– do entreato da sagrada miséria às minúcias de nossa queda,
a um só tempo dialética e mundana.
Livros de sons: a voz deixada no oco da tradição,
notas do prodígio que é seguir vivendo
lendo o misterioso nas páginas de Bataille Blake Benn.
Por ali nos indagamos e a tinta não cessa não cessa.

O CORPO

Teu corpo escondo entre chamas.
Em minucioso voo, rascunho de sombras.
Romanesco o deboche das formas.
Escondo teu corpo do hálito trivial de axiomas gastos.
Memória ilegível e suas dores sublimadas pela escrita
Teu corpo escondo de uma aborrecida
saga de excrementos da linguagem.
Carne e verbo estão sujeitos e se rebelam
Em diferentes lugares saturam, supuram...

O desejo é sempre vítima da retórica.
Compartilhas comigo o sabor que trazes

de outras bocas e te desfazes entre páginas.
Monótono é o esquecimento deliberado.
Escondo teu corpo da letra eleita.
Por trás de toda transgressão a angústia
um vagido de espelhos, reflexos contíguos,
uma fábula castanha de pelos,
poltronas, gemidos, imagens líquidas do efêmero.
Por trás do corpo não há quase nada.
Rascunhos do céu e do inferno,
chagas impressas em nome do pai, do filho, do espírito santo.

Por trás do corpo apenas a memória sangra e se esvai.
Uma rapsódia de fugas, retalhos, sofismas.
A contínua viagem barroca do destino.
Teu corpo torna toda lógica imprópria.
Acaba ou não acaba em si?
O que rouba de mim em seu desvario e esgotamento?
Argumento episódico da mobília do ser,
narrativa libidinosa da morte, um belisco,
o feitiço sonoro do orgasmo.
Tuas frases banhando-me o rosto de espanto.
Por onde me chegas, supliciada suplicante?
Tudo no amor se converte em súplica?
De que sangra o espírito?

Carnes mobiliando a memória,
assídua mão que desfere gemidos
(fendas abusos nichos luxúria teatro sagaz),
fábula de degraus propiciados ao pastiche.
A viagem do corpo concentra-se em uma ironia,
convergente paradoxo do lírico e do trágico
– a luz a venda o quadro vivo a orgia
o cinema mecânico do desvario
eterno talhado instante...
Teu corpo como um crime esporádico,
falha ordinária, intruso episódio, hóstia consagrada
– o verbo complacente, o paradigma da troca,
a luxúria certa da sintaxe, o lance promíscuo dos dados,

os sinais ditados pela ascese, a perversão do prazer.

Teu corpo não faz mais sentido. Cai de sua própria ânsia.
Dirige-se a sombras, variedades ficcionais, vitrines.
Não o decifra ou insufla mais carne ou espírito.
Não há mais letra encarnada ou sentido ambíguo.
Tento escondê-lo de previsível gramática.
De um rosário de carnes pende o silêncio.
Resíduos de sua colheita ritual discursiva enunciada,
em ti o roubo perde seu nome próprio,
o sexo decaído na mão, a cesura do desejo,
a fraude das mil vidas do espírito.
Teu corpo é apenas truque: o que nos falta
e a memória inventa a passar melhores dias.
Terás mesmo um princípio? De que te guardo?
Obscena a linguagem retoma a cena da angústia
esboçada entre esgotos, rimas, fastios.

Não és nada (só agora entendo),
e és toda a metáfora de que me ocupo.

*O DIABO NO SORRISO*¹⁵

A Mariana Vieira Contador

Às vésperas do
acaso indaguei a teu sorriso
sobre as
chuvas que esculpiram
um inesperado
perfil em nosso desejo.
E agora me
pergunto se o perfil era a forma
que a ausência
adquire

¹⁵ Poema escrito a quatro mãos com Contador Borges.

quando o acaso
se instala como uma casa sem janelas
e só posso
sair vivo pelo atalho de teus olhos.
No alvo certo
a dor se liberta.
E o modo como
se descumpre a solidão
é um rio
perene espinhaço abaixo
sempre que me
alcanças com o diabo que mora em teu sorriso.
É com isso que
eu lido debaixo das feridas
que disfarço
com veludo
quando a dor
se liberta,
pois ela é o
cão e a sombra do cão
puxando para
fora o fundo do abismo
e é isso que
vejo no diabo do teu sorriso.
Um estranho
ninho de desapegos
onde me faço
teu e te alimentas do que somos.
Uma carícia de
cascatas e o rochedo flutuante do orgasmo.
A pele dizendo
que sim ao teu sorriso adiado.
O diabo
dizendo que não ao paradeiro do acaso.

*ANTES QUE AS NOITES SE FOSSEM E A ALMA
CEGASSE AO MERGULHAR NO SILÊNCIO DE SEUS
OSSOS*

As noites reclamam longe de casa, quase sempre sem ajuda de
nenhum amigo.

Elas não sabem como amparar as tempestades e trepidam
como se fossem a última temperatura do planeta.

As noites estão cobertas por uma displicência que não raro se
disfarça em dores amenas e repetidas.

Eu vejo os restos de tua sombra ajustando as luzes para que
não se percam de todo.

O mundo se desfez em um vagão irreconhecível.

Nem era tão distante assim o caminho de volta ao milharal dos
sonhos.

As noites passaram a noite acreditando em uma quinta
estação.

Muitos de nós simplesmente vegetaram, protegidos por uma
cortina de fumaça.

Outros não souberam afinar a esperança.

As noites se multiplicaram à toa, em dissonância com seus
espectros,

Todos encontramos a casa repleta de fantasmas e o coração
vazio.

Nenhum de nós soube ser Joe Cocker.

*1957-1995 | Portugal | LUÍS
MIGUEL NAVA*



Obra consultada: *Poesia completa 1979-1994* (Lisboa:
Publicações Dom Quixote, 2002).

NA PELE

O mar, venho ver-lhe a pele a rebentar
ao longo das falésias, o que sempre
me traz a exaltação desses rapazes que circulam
por Lisboa no verão.
O mar está-lhes na pele. Partilho
com eles os quartos das pensões, sentindo as ondas
a avançar entre os lençóis. Perco-me à vista
da pedra onde o mar vem largar a pele.

A SOMBRA

Se o homem fosse uma árvore, seria diferente de todas as restantes, dado que é no centro do seu corpo, e não na extremidade, que se encontram as raízes. Refiro-me, evidentemente, ao coração, esse órgão a partir do qual ganham sentido as outras partes, sendo indubitavelmente a pele o que no corpo corresponde às folhas.

Talvez pareça insólito trazer dentro de si, escondidas no âmago, as raízes, em lugar de as espetar na terra. De tal modo a esta se associa a ideia de tais que quase somos compelidos a pensar que o coração é subterrâneo, que entre ele e o que do nosso corpo vemos há uma linha divisória, uma demarcação correspondente àquela outra, horizontal, que habitualmente representa o solo.

Importa, na verdade, salientar que, se entre a pele e o coração, como entre as folhas e a raiz, parece ao mesmo tempo haver um traço de união que o tronco, por seu turno, configura, tal união, que além do mais esconde o intransponível hiato que os separa, é menos real do que aparente. Pense-se no fosso que nos jardins zoológicos há entre as feras e as pessoas e ter-se-á uma ideia desse abismo.

O que é que neste caso são as feras – a pele ou o coração – é que é talvez difícil de dizer. De tal modo às vezes é frondoso o coração que toda a pele se acolhe à sua sombra.

OS OSSOS

Um dia, ao acordar, deu por ter deixado todos os seus ossos num dos sonhos, do qual, como dum espelho, a carne e a roupas juntas irrompiam. Nunca mais desde então os pôde espetar na realidade, coisa que antes tanto se orgulhava de fazer.

Talvez num cão fosse possível encontrar a necessária obstinação para os trazer de novo à superfície. Contudo, a tal profundidade os ossos estariam que, por muito que o animal escavasse, sob as suas patas haveriam de romper as águas de mil rios, pedras, folhas, a enxurrada do universo e, embravecido, o próprio mar, mais tudo aquilo ainda de que habitualmente os sonhos se compõem, antes que deles se deixasse adivinhar o mais breve vestígio.

MATADOURO

Dancei num matadouro, como se o sangue de todos os animais que à minha volta pendiam degolados fosse o meu. Dancei até que em mim houvesse espaço para um poema de que todas as imagens depois fossem desertando.

A luz que desse sangue irradiava, como se nele o sol tivesse mergulhado e os raios nele se houvessem diluído, atravessava-me os poros e fazia-me cantar o coração. Tratava-se de uma luz que nada tinha a ver com a piedade ou a esperança, mas cuja música, sem me passar pelos ouvidos, ia direita ao coração, que no dos animais acabados de abater por momentos encontrava um espelho ainda quente, tão diverso da algidez que habitualmente neles impera.

Só num espelho assim saído há poucos das entranhas dum ser vivo se desenha a bossa verdadeira imagem, ao invés da frigorífica mentira onde é comum a vermos esboçar-se. Só esse espelho capta a espessa luz em que parecem ter-se consumido os próprios astros, essa luz que com os objetos que ilumina se

confunde numa única substância capaz de arrancar-nos à treva e de dar cor à santidade.

A luz do neon, ante aquela de que se esvazia o coração dum porco, é uma metáfora de impacto reduzido. A luz que das vísceras emana é a de deus, aquela que, por uma excessiva dose de trevas misturada, mais que qualquer outra se aproxima da de deus, que resplandece nas carcaças em costelas onde é fácil pressentir as incipientes asas de algum anjo.

O berro do animal que qualquer faca anônima remete à condição daqueles cujo sangue se escoe ao nosso lado é o único som a que dançar merece a pena. O dia declinou-lhe nas entranhas, quantas manhãs as percorreram absorvidas pelas aberturas dos seus olhos mais não são agora do que um rastro de luma obre a lâmina e nos baldes onde pinga, reduzidas a um furtivo clarão de dignidade, de que todos os de repente nos sentimos órfãos.

MARCAS

A pele que o tempo trouxe nas entranhas
desembaraça-se
da treva agora com mais custo, comparável
apenas à de quem,
tentando a todo o transe erguer o écran

de pedra onde o cinema se desfaz, ousasse
fazer da pele a partitura
que os ossos interpretam
n meio de metáforas atadas
por dentro ao próprio corpo que nomeiam.

A pele era uma chave, outras o mundo
decerto encontraria, mas agora
das portas que, depois
de arrancadas às casas e atiradas
ao mar, foram fechadas para sempre

nem uma só subsiste atrás da qual
possamos esconder as cicatrizes.
O mar rebenta-me
de novo na memória, onde os meus ossos
parecem ancorados.

Sustento, erguendo as mãos, todos os astros.
Do sangue a que a distância se mistura
nas casas através de cujas frinchas
a custo conseguimos
fazer entrar o céu, pondo o silêncio à mostra,

há marcas no destino a que se prendem,
urdidos nas entranhas, os tecidos
que vêm coroar-nos
e sobre o corpo se assemelham ao que dentro
de cada coisa é essa coisa abstratamente.

EM FUNDO

Um prego na gengiva,
bem fundo, até onde seria
de crer que só chegasse a alma, assim

as árvores nos crescem
por dentro da memória, onde as raízes
a fazem rebentar, assim

as folhas que nos servem
por momentos de pele
se nos agitam no espírito, onde a pele

se afunda como num écran,
a pele, um jeito de árvore que tivesse
um espelho entre as raízes,

a pele que nos vendou, que nos serviu
de venda e de memória,
brancura que o lençol disputa às trevas,

irmã dessa raiz
agarrada ao écran, dessa gengiva
esquecida já de ter estado na boca

e agora apenas presa
à alma, sobre a qual
parece debruçada.

UM PREGO

Cravava cuidadosamente um prego na parede, quando pressentiu que, como água dum cano que se rompesse, o futuro poderia jorrar de súbito na cal, uma substância na aparência cristalina mas em cujo seio as formas do presente se diluiriam todas, como se, com os seus contornos, igualmente se perdesse o seu sentido, e um sol que por um impressionante acidente cronológico se deslocasse, por pouco que fosse, do presente para o futuro, se esvaziasse então no céu, deixando atrás de si uma cicatriz imensa.

1958 | Chile | BEATRIZ HAUSNER



Poemas traducidos por Márcio Simões. Obra consultada: *Sew Him Up* (Toronto: Quattro Books, 2010) e *La costurera y El muñeco viviente* (México: Mantis Editores, 2012).

ROMPER DO DIA

No momento menos esperado você
chega com loas na língua
ressurgido dos reis antes dos reis
sol originário aninhado nas montanhas
onde sua mãe viveu com

os animais de meu país e
com as vozes dela agora nossas pronunciadas
por estranhas máquinas
onde vivemos juntos com
nossos sexos *preferivelmente ricos de alegria.*

Apresente-se para que eu possa vê-lo
algemado à mobília estranha onde
o amor permanece escondido com as roupas
do desejo: viajarei a extensão do seu
corpo com meus lábios toco seus marcos

geográficos de leste a oeste
movimento e êxtase sempre
com o coração e suas câmaras
onde depositamos o itinerário de
prazer perdido de suas canções secretas

pois ultimamente *tenho estado em grande*
sufrimento devido a um cavaleiro que eu acreditava
ser meu eternidades que uma vez duraram trinta anos
de escuridão acesa apagada com Eurídice em
nossos lábios a melhor coisa para enterrar

o coração sofrido e colocar a laje
em cima escurecer o mundo demasiado intenso
para que possamos viver com absolvição no sonho.
A vigília colocou o anel ao redor
do seu pulso que você poliu com

cinzas no templo onde eu
sua reverência louvo a transitoriedade
do seu sexo certa vez carregado com
a pedra preta que o insólito
imperador homem-mulher dos tempos antigos anunciou

como centro do mundo. Você é
meu para segurar dentro da bainha feita
de ouro que alguém costurou para nós
para que eu o possa carregar e o seu sol no interior
de uma bolsa em chamas ardendo com *o fogo e*

a poesia na consequência das coisas
que nomeio para conjurar você e todas as suas
imagens quando o tempo está maduro para dizer: *fique*
aquí um pouco e vamos estar diante da potência
de três vezes dez novamente e ao menos

ou ainda mais pois *todos os meus pensamentos falam comigo*
sobre o amor ao longo dos tempos.
Uma estrela subindo sempre subindo
com seu cabelo feito de filamentos de ouro
e fumaça fabulosa com Moro

ancorando esta voz quando você entra
no quarto e toca de leve nos nervos
que crescem dentro do meu coração agora
pego nas garras de um leão *que*
ainda tem que pisar essa fronteira

de vida além da qual nos encontramos diariamente
e na hora proscrita pelos relógios solares
mais exatos em seu prazer que
a rendição aconselhada pela razão. O amor
ao excesso tem sido adiado devido

ao tremor. *As pedras na parede*
onde me apoio gritam mas seus sons

permanecem inaudíveis agora devido
à imagem premonitória dos seus olhos
olhando para os meus: Alguém invisível

muda o matiz da minha pele para *anil*
põe uma vasilha de sangue em uma mão flor
de lótus na segunda cobra na terceira
armas na mão quarta *e não estou pronto*
você diz quando coloco os pé no seu coração

no seu sexo e sonho que você desperta você
que deve ser eternamente meu se tenho que vencer
os exércitos de ocupação que prosseguem com suas guerras
nos sistemas capilares das mulheres
e homens que somos apesar de nós mesmos.

GÊMEO POÉTICO

*Dispersa-me na chuva na fumaça de torrentes passando
além da noite onde nos encontramos*

César Moro

O filho adotivo de rainhas mouriscas
do homem dissidente escreveu mantras
de amor com sal na língua
mares de saliva quebrando ao pé
de sua última casa arremessando
as pedras de uma costa cruel.

Homem de angústia de sexo duro
dando-me sua canção
diamantes chocando-se
contra minha orelha onde
o país do norte geme.

Amor às sextas mas não

às terças os desunidos
estados das Américas
crescendo asas para o amante
dos homens ideais sempre a caminho
tecelões à serviço da
elegância francesa adentrando
sua Lima umbilical
de névoa e tristeza.

Ele abre a porta
derrama sua fronte na minha
e então podemos tomar porções
da vida escandalosa
conjurada em quartos onde
seus homens e os meus podem
balançar nos lustres
como estranhos animais marinhos
que uivam de prazer.

Meu gêmeo feito
de carne feito de luxúria
feito de língua.

HOMEM ENGOLINDO SUA LÍNGUA

Em memória de Laurence Weisberg

Quando nos encontrava na praça
a fumaça subia dos seus sapatos lançada
ao ar como uma canção suspensa
pisava o forro de contas
do chão. Alegava que vinha sozinho

mas sabíamos que caminhara acompanhado
da enfermeira do espaço aparente apenas
quando abria seu peito imenso de
tesouros. Carregava fogo dentro de si queimando

profundamente e seguro como um punho socando
o silêncio crescente do tempo.

Puxava sua língua pra dentro alongando
os limites da tolerância sofrendo a canção
que implodia seu coração.

Havia aqui um
leão cuja pele era forrada com penas do
pássaro solar gato imenso habituado a pendurar-se
nas lâmpadas da primeira casa onde
morou com sua irmã sacerdotisa da dança
e dos animais mágicos que brilham na noite.

ÚLTIMO MARTINI

amo o amor às terças
com você cavalgando
pelas fortalezas de
vidro erguendo-se das vastas
extensões de cimento para vagar
com meu coração ao entardecer

amo a fúria de não ter você
Silencioso Apóstolo de elixires
agora no bar me oferece
frutas batidas no álcool
cortando fundo o prazer entre
tuas pernas o mundo começa.

amo um amor de galhos grossos
quando capilariza meu sangue
até seu coração com
toda espécie de gomos como
lágrimas de prazer longos goles
conforme conjuro sua cabeça
com crina de cabelos como

estrelas subindo as paredes

Arrancando seus cabelos
subo lentamente até os lábios
minha língua fantasma roça
seus dentes quando você
sorri puxo sua cabeça
pra trás enquanto monto nossos ossos
que reluzem contra a escuridão
correndo decorada com
calçados suspensos e
toda sorte de motivos de
aventureiros que andam sem
outro objetivo senão o amor dos campos
de constelações de relva seu peito
e a chuva lentamente caindo devolvendo
para mim seu reino de chamas.

BRINQUEDOS DE RAMUNTCHO MATTA

Das obras de arte que Ramuntcho Matta expôs em maio de 2008, aquelas que se destacam para mim são jogos, por meio dos quais podemos brincar uns com os outros. Tal como acontece com outras peças do artista francês, “com, com, com” é acompanhada de instruções, como esta:

“O jogo do casal é aquele que permite a comunicação sem palavras... para mandar sinais:
Eu te amo
Preciso ficar sozinho, mas eu te amo
Tenho que ficar abusado agora
Posso sair e encontrar alguém
Vamos fazer as pazes.”

Simple. Essencial. Poderia ser um novo conjunto de regras pelas quais jogamos? Inútil dizer que, em comparação, os jogos e maneiras que encontramos para brincar com nós mesmos,

ou com os outros, parecem incrivelmente complicados. Os jogos de hoje em dia exigem um grande aparato para funcionar. Mal alguém se envolve no jogo, é confrontado com a complexidade do processo. É como um ataque à leveza, à beleza normalmente associada à brincadeira. É como se a escuridão fosse uma exigência e não apenas um componente da parte daqueles que estão envolvidos no jogo.

O Guaxinim se levanta da cadeira e começa a vagar entre os vários objetos que eu guardo cuidadosamente espanados e expostos. Ele os reposiciona cautelosamente. Parece ciente do fato que estou vendo suas mãos hábeis, à medida que move minhas coisas na dura superfície em que repousam, de modo a estabelecer a máxima harmonia com os seres que o habitam. Adverti-o a deixar tudo que toca exatamente como estava. "Isto", ele disse, "só é possível se eu colocar meus sentimentos na mesa com seus brinquedos". Ele abre a caixa feita de pau-rosa onde guardo minha herança. Extrai o próprio coração da caixa. Ele palpita, arfa sob o peso do sangue fluindo por ele e, dele, às extremidades do Guaxinim. Estas, como já disse, são ágeis, ainda que pelo menos uma delas seja feita de peças de metal que outra mão invisível move por intermédio da vontade. Por um momento duvido que o Guaxinim esteja comandando meus brinquedos, mesmo cantando a canção do amor para fazê-los mais felizes.

"É este o anel que você herdou das mães que costuraram o coração?", ele perguntou, seu tom agora grave, como se preparando para dizer algo mais oneroso. "De certo modo, sim," respondi, não bem certa se as palavras que saíam da minha boca eram minhas ou faladas através de mim por outro alguém.

Nossos olhos se encontraram e imediatamente desabamos um nos braços do outro. O piso do quarto se abre em uma larga cama perfeita com lençóis brancos passados. Quando nossos lábios se tocam sinto-o delicadamente encontrando seu caminho até mim: É quando percebo que o anel que ele tão sagazmente assumiu como sendo parte da minha herança está posto firmemente ao redor de seu pênis, perfeito para brincar comigo.

*1959 / Espanha / EUGENIO
CASTRO*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada: *H* (La Rioja: Pepitas de Calabaza Ed., 2006) e *La flor más azul del mundo* (La Rioja: Pepitas de Calabaza Ed., 2011).

ALLUCINATIO INSULAE

O vento é uma grande cachoeira, uma queda pela qual o ar escorreu. O que é que se abre no espaço para que o ar precipite? Qual é a natureza da acumulação que vem desencadear esse chicote frenético?

A violência do ar sempre parece ser desencadeada sob o signo de uma forte descompensação. Todo o seu poder devastador, toda a turbulência material e a deslocação de elementos que produzem tem como objetivo final a restauração de algo que havia sido removido do local.

Os cadáveres do vento são os mesmos do fogo.

O calor absorve tudo. Os suores leves. A sombra suada. A palma suada. Todos os corpos suam. A umidade invade tudo: unhas, limão, tijolos, sexos, ferro. A umidade leva a dormir. E as pessoas se deitam nas calçadas e dormem. Um homem e uma mulher naquele canto. Quatro pés sobressaem de outro, mas são oito deles. Tudo se repete em outra rua. Quinze para as quatro, então às cinco, e em outra hora sem nome, Fourier tem uma sesta nas ruas de Tabarca. Aqui, a paixão do abandono e a paixão do sono estão sendo consumadas. Homens livres: quando o lagarto acorda de seu cérebro e sai ao sol...

*

Quando a água quebrar é branca. Este é o fruto do casamento da água e do ar. O rosto molhado com sal.

Ao desembarcar algumas gotas caem. O peso da chuva de uma maneira estranha, e não há uma asa capaz de atravessar esse vento.

Um caminho para dentro. O chão está cheio de conchas de caracol brancas – os ossos da calcinação, a espiral vazia da

cegueira. O caracol branco é um amuleto do fim. No chão, entre as pedras esverdeadas e especialmente nas hastes de espinhos e arbustos secos baixos, esses caracóis enterram o lugar. O redemoinho leve e invisível tirou toda a sua água, devorou toda a sua cor.

Um pouco mais um campo de cactos. Alguns casais de amantes marcaram o nome deles. O néctar das peras espinhosas protegidas por espinhos cada vez mais afiados em seu duelo contra a *secura*.

Cicatrização da declaração. Uma flor encarnada – ou é azul? – coroa isso (ainda a cor, aqui). Os nomes, como uma crosta para os lábios, para os dedos.

No final, uma casa em ruínas. Abandono materializado. Dentro, em uma parede descascada, uma inscrição: "Sinto sua falta". Comunicação dos oceanos. Você estava lá, A.

Os escombros são uma pedra atravessada pela desolação. Um nome sustenta.

*

O vento aumenta em intensidade até o limite do suportável. Grandes nuvens de poeira e seixos se elevam. Ah, portas de visão derrubadas pelo vento, transparências gemadas do ar e dos olhos – o pó nos cega. O vento produz lágrimas. Mas a luz abre a pupila e por ali entra. O calor o espelha. A fera solar faz a ala das sombras sobre. A sombra é o verdadeiro espectro da luz. Então, vai ao olho, cheio e completo. Aqui você vê em *preto e branco*.

Vazias são as ruas. Há casas com portas abertas que deixam entrar o vento vorazmente batendo as varas de cortina com violência. Ninguém aparece. Em qualquer lugar, edifícios abandonados. A aldeia está em estado de ruína. Há alguns

poços, mas todos parecem estar secos. Não, selados, são selados! O que os hóspedes habitam ali?

Uma longa fita branca voa através do ar com uma extremidade amarrada a tábuas de madeira. Véu semitransparente, seu peso é o das pálpebras durante o sono. Cordão de fumaça, sombra branca do vento: dança de alucinação.

Colocar o corpo entre a linha de sombra e a linha de luz solar. Aqui reúne o encardido. Nenhuma medida possível para saber por que as dimensões se voltaram para uma delas.

No início de um beco deserto, uma mesa para quatro. Acima disso, um vaso de flores secas e uma toalha de mesa velha. Há uma cerimônia que ainda deve ser realizada.

Além disso, em outra rua, de barriga para cima um carrinho de mão, vertical. E antes, sem fogo, no calor, uma grelha. Bela de excrementos e de lama e sal, para a outra extremidade da ilha, uma luz de rua já não ilumina o caminho que leva à prisão. Ociosos objetos, eles também dormem. Um homem livre já não os usa.

Ao pé de uma parede, duas figuras impregnam o lugar com a sua vagabundagem. Coroando uma porta longa, protegida por alguns azulejos, uma única palavra: amanhecer. E o outro? Carpe diem.

[SAÚDA-ME LUGAR]

Saúda-me lugar
Cruzo teu sorriso
E a pelagem rubra

Um campo de claridade
Uma morte a menos

Ali se vê
Ali se ergue

Tal estrondo
Advém na hora
Como dorme
A umidade o corvo

A mica quente
No negrume
Quente

E ao mar meu sêmen
Sobre a relva meu sêmen

Que anjo em campo aberto
Roto de brancura

Sangue rápido
Esta sombra
Amplia

Algo se entrega
Cresce:

Ao rosto
Ao rosto
Ao rosto

Uma fidelidade sem gesto

Batismo de noite
De quatro isentos
E um golpe Atlântico
Nos olhos

Todo alívio a chuva
De canto o vento

Ri como alvorada

Ah sua rachadura!
Sua água!
O cabo!

A escuridão ensaia um ramo
O céu expulsa
Seus náufragos

[NA SEGUNDA NOITE]

Na segunda noite
os sóis nasceram dos olhos dos lobos,
entre as falhas do bosque
onde habitam homens virados pelo revés
porque nasceram com os pés
orientados pelas noites de plenilúnio,
na solidão essencial
e na hora em que o coração incorporou
sua respiração às tormentas,
durante a lua cinco,
quando os sortilégios da noite
deixaram viúvo o dia.

Viste no mais fundo de teus olhos
a coruja-estrela
carteiro de minha noite.

E o bosque-olho
para os que dormem o sono-lobo.

À uma-lua
falará o que vê pela íris do trovão
para dizer a noite nova,
a noite das transparências,
sempre por inventar.

[SOMENTE SE OU OUVES O AUXÍLIO DO SILÊNCIO]

Somente se ouve o auxílio do silêncio,
exangue nas dependências da vida lateral.
Porém o grito do sangue se dá lá fora
e oferta sua luz ao dia.

Malferido, o silêncio se manifesta
nas costelas que rangem,
rotas como o ar por uma violência técnica.

Denso redobrado de uma mesma vastidão,
o silêncio se propaga na corrente do tremor,
remontando à velocidade que rasga a escura
membrana do aturdimento,
sonolência sem tempo que ascende
e solta suas miragens.

O que profere sua voz abundante,
como uma amplitude de céu,
amplifica o silêncio.
Porém, o que comove o corpo do silêncio
e o aproxima de sua queda?
Olhando para baixo,
na parte alta da luz,
é possível ver sua costela como um oceano sedimentado
em que relampeja. Por sua parede sobe um lagarto
que lança sua língua ao ar e o parte em dois.
O homem se aproxima dessa sombra dupla
e lhe cede seu corpo, que o acolhe e semeia em seu espinhaço
uma semente de relva fresca.
Aviso de emboscada,
esta cresta ritualiza a vegetalização do silêncio
e vertebra um andar aborígene.

O silêncio não é inofensivo,
sua violência é um derrame de confim.

Remonta e erode. Modela um sonho
à imagem do repouso. *Ali* também discorre,
embrulhado no paroxismo da luz meridional,
quando a terra estoura de lustre
e destina sua vapor cristalizado
para os olhos anteriores aos seus.

O que assim emana é um humor
que dilata as veias da própria mudez,
adere a seu caudal e aclara sua garganta
para tornar mais perfeito seu grito,
um hálito bestial que expulsa sua salina substância
e que o homem aloja em suas pupilas
para uma mais serena degustação do medo.

A baba do assombro encharca as terras do silêncio e o
enlameia.

Daí se extrai o pigmento do próprio embelezamento,
que ilumina o rosto com as cores de uma queimadura
de vento, de água, de areia.

Tomo a saliva do silêncio e a enegreço.
Em mim ela possuiu sua origem,
de quando dormia nas pedras
e o sonho remontava até o físico.
Por essa pendente sobe, como asfixia e voluptuoso,
ocupando.

Enquanto isto a claridade persiste e se derrama.
Emana desde o lugar não falado.
Lá fora a luz tem gosto de sal.
A serpente ondula os baixios do vento.
A jaraiúva cuida de sua luz amarela.
Nada rompe o diálogo do seixo com a mão sonhada.
O silêncio não oculta nem sua graça nem sua gravidade,
espiralado no redemoinho que sobe
e edifica sua violência.

*1961 | Chile | ENRIQUE DE
SANTIAGO*



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
“Anima Mundi” pertence ao livro *Elegía a las magas* (Santiago:
Editorial Varonas, 2014). Os demais são inéditos e foram
enviados pelo Autor.

O IMINENTE FULGOR NA JANELA

Falo contigo do centro de minha existência,
de onde é possível ver a paisagem antiga de minha alma,
essa que mostra que as aves visitaram suas zonas
deixando profusos rastros de plumas.

Sou o homem que armazena e resgata as fragrâncias do
princípio,
para assim recordar-lhe os cheiros extraviados tanto no
presente quanto naquele tempo esquecido do éter.

Tantos anos se passaram desde aquela época,
que cheguei a ser a soma de todas essas cargas ósseas.

Um dia, sobre nossos suores, fomos silenciosa multidão astral,
dirigindo-nos ao centro de duas causas comuns,
para então conhecer a essência das áreas insignes do desejo,
aquelas que se estenderam generosas, em tua geografia
desnuda daquele ano quando caí em ti por surpresa.

Hoje tudo ascende com pavor alterando o signo,
é aí onde aprendi sobre as horas verticais e áridas que se
oferecem sem clausura,
sem névoa debandada que as mortifique,
sem alturas ou precipícios,
apenas com a suave superfície de teus riscos florais,
fazendo-me chamar por teu nome;
acaso albergado pela noite e a pressa oculta que blasfema,
selvagem condição que após bambolinas,
aguarda com suas enormes ofertas celestes e extensos
pandemônios que martelam com persistência o lábio
insone,
assim estendes a permanência,
a qual alentas com teus halos urbanos,
imprevistos e tíbios nas ondas transcendentais e sonoras,
como a estridência de teu beijo.

ANIMA MUNDI

A mãe terra exalava o perfume da redenção
enquanto o homem inútil e em seu curso desmembrado
auscultava a noite sem sombra ou nome,
quem sabe para ganhar objetos enferrujados,
no ponto médio de seu abismo fecal,
com o vazio que deixa o temor
e assim nomeia a si mesmo por entre os rostos sem fala
esse dia em que as bodas químicas ficaram preparadas
sem o achado para tuas células óticas
quando as folhas do bosque se precipitam lentas
e em meus ouvidos chega o estrondo do beijo terráqueo
que é um som para ser poeira ocre na memória solar
no final dos tempos
com seu princípio circular no mistério designado,
enquanto são assassinadas crianças do terceiro mundo
para fabricar brinquedos que não eram para elas.

Antes de saber do céu e dos deuses
ela aparece desde um princípio domando os acordes do
silêncio
pois conhece a chave para amar em uma paragem adormecida
e lambe as vozes perpendiculares das águas
como rios que surgem dos carbonífero
pois sabe como ofertar o ventre
para engendrar o mundo.

A VERTICALIDADE SURPREENDIDA

O alento criador do bosque
submerso sob teu nome
com seus descendentes etéreos
de plumagem embalada pelo vento
em suas esquecidas vozes setentrionais
mãe do desejo
e da rebeldia

maré curadora da argila
em esporádicas notas aladas
com lágrimas das cavernas
que dão esquecimento à ferida no sonho.

DESASSISTÊNCIA DO DESEJO NEGADO

Desde a oceânica densidade do beijo de Urano
ela trouxe essa umidade que se precipita por suas pernas
que são alvas e compridas,
como pilares que refugiam a metáfora furtiva, que aparece
na noite do mistério,
lubrificada e invisível nomenclatura que em princípio desafia
até mesmo
o gemido breve...
desde onde se curva a diretriz do raio,
para posteriormente imitar a serpente antiga
com extensas vogais
e assim abrir sua luz profunda de obscuro aspecto,
segundo o desígnio da máscara imersa no solstício
por isto dá-me a noite neste tempo, eu te digo em voz baixa
ou melhor dá-me o tempo neste noite, já que parece mais
insensato
e assim atrasar toda a presença de asas mecânicas
pois cada perigo amanhece com o dia
podendo negar o prazer que me abraça em chamas
quando afundo nas gargantas do delírio
sem repouso
insistente porém arrítmico
como se a vida se extinguisse
e então eu me imagino simultâneo
sobre a tua superfície envernizada pelo desejo
quando a tua pele em uma espécie de bioluminescência
brilha sob a influxo de um feitiço calcário.

SENTENÇA EM SUA HORA

A leveza de tua pupila me ensinou a olhar mais à frente
esse lugar onde nos compreendemos
uma estância de vazio e plenitude
onde há espaço suficiente para roçar teu pelo.

Nada se acaba, apenas um seguir dando voltas em uma espiral,
a mando dos sonhos vetoriais,
que descansam na lua que empina os estames,
como os nomes que esqueci,
o meu próprio,
e o nome de meu destino,
meus números anotados em um dorso de meu cérebro,
e minha respiração.

Um conjuro sobre um sepulcro,
e uma incipiente litania
como uma hora murcha,
música adequada para estas horas,
que abrem caminho para danças debaixo das notas do cosmos,
uma vez mais,
como sempre,
sobrevivendo
à espera da planetária volta seguinte.

Para lá do Xibalba,
o sonho,
uma viagem até as entranhas de teu nome
com a tua pele arcaica
exsudando o mistério
e a luz do abissal
aquele oculto às marés cotidianas
sob o segredo das plêiades.
A antiga voz surgida da separação das águas,
o de cima e o de baixo,
como pálido amanhecer do homem,
sem a exalação primordial

vaga pela superfície
buscando uma alta morada,
para descolar da matéria.

CENTRÍFUGA MEMÓRIA

O ciclo eterno que move as almas
sob as montanhas
e as raízes do fogo
o resplendor do olho insone
que abre o magma do segredo
a varre as dores do sol que arde,
pois se soubesses quando assovia a ave invisível
verias o que esconde a minha palavra
impronunciável desde o abismo lunar
pois é filha da folhagem etérea que a oculta.
razão certa do oceano astral
e sua barca
que às vezes é meu navio
abraçado pela tormenta
e pela brisa
ambas provêm do mesmo princípio
dos contrários
como eu e vocês
como tu
antes de tua estrela
vapor de sílex
sob o negro desígnio
com sua hora subterrânea.

*1966 / Brasil / VIVIANE DE
SANTANA PAULO*



Obra consultada: *Depois do canto do gurinhatã* (Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011) e *Abismanto* ([com Floriano Martins]. Natal: Sol Negro Edições, 2012).

[UM PRATO VAZIO]

um prato vazio em cima de uma mesa
ainda solitária com a fome das coisas que precisam das outras
as horas caem no tapete estampado de contornos
mapa-múndi estendido sob passos ainda ausentes
e os passados somos nós que atribuímos significado àquilo
que possui significado e ao que não possui o significado
adequado e o equivocados
o resto permanece um prato em branco quadro vazio
traços ininteligíveis mudos e cegos no meio do trajeto
esperar constantemente esperamos algo que mostre saídas e
entradas
digressões e não o cubo de arame farpado o grande cubo
encaixado
na geometria dos desafios invencíveis exposto no meio do
espaço
desocupado de pequenos progressos a instalação da angústia
subjacente
montada dentro de nossa mente os gumes de ferro
entrelaçados no ferro
apontando para o nada ameaçando qualquer tentativa
de compreensão há um longo fio de cabelo branco
desenhando
sinuosa estética sobre o negro do papel finas curvas círculos
e um tanto de reta num reticente brilho prateado daquilo
que os anos acumulam dentro do copo quase cheio o
significado
somos nós que atribuímos dependendo da idade
da cidade em que nascemos
há cidades que saltam do mapa fogem do plano
somos muito aquilo que as cidades constroem em nós
e o papilho migra cada vez que uma lufada desperta e se
precipita
nas dimensões das rotas a distância é guia
tão perfeita em sua natureza longínqua
dentro do prato a boca sem palavras cala
provisória a fome de vozes

de idiomas a comunicação não é nenhum mecanismo é
nutrição
e também o não dito e cada um vive o seu próprio território
dentro e fora de si
onde em cada morada habita o redundante desvario na longa
mesa
à qual juntos ceamos

[ALGUÉM AO MEU LADO]

alguém ao meu lado com o seu livro fechado
e tentando ler o que escrevo
rabiscos minúsculos no músculo do papel
olhar de soslaio enquanto espera e da janela
despontam as sombras no vultear das horas
cada coisa com o seu escudo defesa de si mesmo
e eu querendo manter segredo
e tudo dentro de mim à mostra
corpo transparente de lagartixa
não sonha quem não tem sangue quente
as baratas não sonham nem os pernilongos
alguém tenta
lança o olhar disfarçado
quer descobrir o quê? que a espera é embrulhada na espera
cebola de espera que arde os olhos
não são nada demais estas palavras
ainda não estão preparadas para denunciar
tua micose de medo dor de desamparo
nem este estar bem de vez em quando
que escondeste aí
no meio deste livro fechado

[NO MOLHADO DA POÇA]

no molhado da poça imitando o mar
despedaço de vento que vem passar

no cimento pele da calçada
debaixo das pernas da chuva

cai a flor d'água brotando a cada fração de segundos
tantas em tantas na boca das poças mar despedaçado
arruaceiro de gotas que a tarde cospe
depois este toco de quietude invadida
pelos primeiros ruídos daqueles que já se apressaram
no término do aguaceiro

algumas vezes a gente quer algumas coisas
muito breves
o de repente que vem e que vai
nos interrompendo tão no meio da azáfama
cortando a sua carne mole com cheiro de suor

aonde a gente vai com este espaço indefinido
entre um passo e outro? onde os trevos nascem
impiedosos na margem do que se perde

são os despedaços das coisas espalhados por aí
e que precisamos juntar ou não
o nosso faltar algumas partes também faz parte
da natureza da gente e vamos indo assim se desfazendo
e fazendo sendo metade

a continuação é no outro
e na imagem construída

[O VENTILADOR LIGADO]

o ventilador ligado no quarto de um hotel barato
alguém deitado na cama como em um filme de sábado
inerte fitando o girar fraco das hélices
uma baga de pensamento escorrendo pela testa
caminhando lenta na margem de um olho
feito um fugitivo esperando a hora de continuar

atingido pela perda de raspão no tórax nu
a fuga da mosca buscando pouso improvisado
e o mais ninguém ali faz dele solitário
indefeso no útero da cama mole

a culpa da mão que se arrasta
por dentro da braguilha da calça
lembrar aquele corpo encasulando o seu
que não se pode ter mais e se quer fugir
vem o medo de ser pego desapropriado da força
tenta-se agora refazer neste gesto os momentos juntos

estar aqui consigo mesmo
entregue ao instinto da noite quieta
tecendo sonhos de verão no ruído circulatório
do ventilador que não funciona direito
friccionando a mão na carne viril
do inexorável

*LAMPADARIUM*¹⁶

selva ateada por todo o corpo sibilante selva com seu lamento
disfarçado de ardis
visões deixadas para trás como vitrais esquecidos profetas
com seus verbos esculpido em sombras
para onde vamos com tantas dores inquietas? quantas
lâmpadas escutamos gemendo enquanto a escuridão se refaz?
teus passos acendem as pegadas no jardim de cheiros úmidos
de pele
a que distância estás de mim? o candeeiro da madrugada
acende o branco da lua
um chumaço de seda cai da haste das horas maduras movem-
se as pequenas labaredas no dorso dos cavalos de papel
trazem boas mensagens de ti? o fumo esverdeado das
promessas sobe os outubros e alumia o pó da noite

¹⁶ Poema escrito a quatro mãos, com Floriano Martins.

nos estâbulos dos sonhos desembesta o delirante cavalgar da
ansiedade
quantas vezes minhas asas não de derreter? quantas vezes
ainda terei de ser Ícaro ou a mariposa errante até pousar meu
corpo na terra macia da tua vigília?
a percussão dos gemidos em nossas vértebras celebra a
paisagem que começa a tomar forma
mundo visível do desejo corpos escrevendo-se no calor das
luzes fábula recostada em tua silhueta
lâminas que avançam no preparo das delícias quantas noites
consumidas no despenhadeiro de tuas ancas? quantos
estâbulos construídos para o repouso de tua cavalgada?
agita-se a selva dilatando o enigma das tempestades juntos
tateamos a idade do fogo e a rota da seda impressa em teu
ventre
deixemos apagadas as lamparinas azuis da aurora que vem
cobrar a rapidez do ir-se
deixemos apenas sussurrando os relâmpagos e as viagens por
eles traçadas em nosso olhar
deixemos os ovos Tateando a antiguidade do voo um povoado
de casebres vislumbrados no íntimo das brasas uma
orquestra de labirinto
por onde passas com tuas mãos por onde passo com as
minhas

*1974 | Chile | RODRIGO
HERNÁNDEZ PICEROS*



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada: *La Perseverancia del Sueño* (Chile: Ediciones Derrame, 2006).

[OS OLHOS CULTIVAM A SI MESMOS]

Os olhos cultivam a si mesmos como trepadeiras que crescem do hábito de uma freira

A espera da mão da sensatez rompe o equilíbrio na cidade de Deus

O tráfico da água põe em perigo os planos do planeta

O pensamento do tigre é tão irreal como uma mordida gigante

Os prazeres de Édipo são engarrafados um a um

A relação entre dois principiantes se dá nas sanfonas do sonho

Um lago traga relâmpagos ao final do tempo

Há tantos transeuntes quanto podemos imaginar

Em um canto, uma antiga igreja evoca partituras de Bach

Os lábios se dirigem ao espelho em busca do olhar interior

Caem todos os sonhos como um diaporama aceso

Caem os sinais nobres dos aprendizes e dos mestres

Caem as lembranças atônitas da primeira idade

Caem os morcegos e suas reputações adormecidas em prantos

Caem os misantropos e os vestidos de noiva

Uma palpitação se enriquece com o olhar de Deus

Uma lula se mete entre as fraldas de uma criança

Um boxeador recolhe suas cinzas no ringue

Um avião enlouquece de tanto ignorar o mar

Havia tanto ruído nos estilhaços do coração

E tantas palavras repetidas no divã do mundo

Que não encontrava as diretrizes que me levariam ao mapa da inocência

Sob o signo de Mercúrio escondido entre os braços

Pensei em escrever com as quatro plumas do firmamento

Pensei na agonia que há entre tanta guerra

Pensei em dormir em uma manhã sem fim

Pensei na oportunidade de sair do desterro

Pensei em todos os filhos do mundo

E aí estava, vazio

Adormecido entre tanto pranto

Talvez haja outra vida

Talvez haja outra vida para os despojados.

[OS PASSOS FURIOSOS]

Os passos furiosos do condenado ao inferno
O sangue envolto em uma garrafa de nácar
Imperatrizes assassinadas por seu próprio prazer
A água que cai pelos conflitos da cidade irreal
Transtornando seus passageiros com baforadas de rum
As bochechas acabadas pelo frio
Um frio que não é deste século
E como podes ver aqui estão as armas e o conjuro
Um conjuro escondido na boca de uma mulher muda
Muda cujo delírio é semear o mar de folhas soltas
Até que a noite se grude em suas costas
E os rastros se percam como sua cabeleira
Os sinos encontram um motivo para o suicídio
Os olhos destroçados após tanta pedra
E um cão que late para a sombra de uma árvore
Para romper as vértebras da paz.

[SENTADAS MURMURANDO SEUS PENSAMENTOS]

Sentadas murmurando seus pensamentos em plena festa
As cidades passam envoltas em fogo
Em seus trajes de indiferença sob o sonho da papoula
Enquanto cravos espetados na ponta dos dormentes
Dobram a esquina conjugada a caminho do passado interior
Para extrair os caminhos opostos do aeroporto mais próximo
Certos suplentes vigiam a porta de entrada
Convertendo-se em peixes que alimentam os delírios
De um pintor decapitado no século XIX
Cujas raízes e cores se deixam entrever nos trigos da velha
Irlanda
As câmaras nos palácios imitam a dormida dos mortos
Uma nuvem desce para ensinar o sopro de Deus
As almofadas giram fazendo ruído com as vogais
No subterrâneo se oculta a palpitação de uma mulher

Que desencadeia jogos proibidos pela sociedade deserta
A festa e seus pensamentos passam nesta noite branca
E os pensamentos da festa são três:
Dormir até o próximo equinócio.

[PERECE O TEMPO SUBMERSO]

Perece o tempo submerso entre tanto espaço
Perecem as carícias deixando marcas na eternidade
Perece o ouvido do notívago diante de todas essas ilusões
Em um simulacro semelhante à extinção das espécies
Infartos criados pelo olho de uma colagem
Descobrem mansões recuperadas da luz
Enquanto o eco do sol é uma peça-chave no xadrez
Uma rosa cravada no coração do infinito proclama sua arte
poética
Poética que não é mais do que sacar um verso após outro
Como um zumbido de anjos levando às costas o último dilúvio
Perecem as gôndolas e os hipopótamos sob o rosto de Cristo
Perece toda classe de ideologias sem fim
Perece a rota dos navegantes do pólo sul
Há toda uma fauna repleta de eletricidade
Motivos encobertos no absoluto da história
Por onde descem camelos sem seus desertos
E a fisionomia da paisagem é cada dia mais estéril
Nesse agônico porvir se entrecruzam os corpos
Para galopar as naves de fogo na intimidade de uma onda.

[UMA PONTE]

Uma ponte, não necessitamos mais do que uma ponte
Que atravesse os mares do inconsciente
Que golpeie as ruínas deixadas pela loucura
Naufrágios íntimos soprados na distância
De dois corpos à queima-roupa
Nada mais que um refrão que contenha o firmamento

Como os passos do violador de espécies
Nada mais que um grito que retivesse o eco da noite
A espuma surgida de tanta combustão
Em um acerto de pedras manchadas pelo horizonte
Como uma geometria que se desprende da alma
Na aproximação da verdade dos túmulos
(Corredor fechado para os renegados)
Nada mais que um jogo de cartas pelo qual morrer
Nada mais que um sistema arcaico que reflita a realidade da
vida
Em um continente submerso por águas túbias
Por onde navegavam fantasmas do ocaso
Nesta noite tão delirante como o sonho de Deus.

1974 | Venezuela | ANA MENDOZA



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
inéditos enviados pela Autora.

DO ESPAÇO DO ESPELHO

Meu nariz no meio do rosto, meus olhos de cílios queimados pelos risos despertam outra vez à mesma hora da sede, da luz, do esquecimento, dos dias que não transcendem. Uma pequena pedra branca envolta em minha mão desliza entre meus dedos sendo a capital da lua e outros planetas que gira pela órbita de todos seus olhos abertos e fechados. Teu riso que vem com o eco se repete por todo o espaço saltando nas paredes.

A memória, valha-me Deus, quer me engomar a roupa com os ganchos sobre o roupeiro, e uma pequena estrela dessas pintadas na parece muda de um lugar para outro e se esconde quando as conto, brincando com teu riso e minha paciência seca de carícias. Aos meus oitenta anos caminho, penso e tenho as lembranças intactas, meus pincéis são vítimas de velhas manias de meus primeiros anos de infância quando abro a mão escondo a pedra e a pequena árvore do jardim não é pequena, os cães seguem dormindo atrás das portas.

DAS PRAIAS SURDAS

*A beleza convulsiva terá de ser erótico-velada,
explodente-fixa, mágico-circunstancial,
ou não será beleza.*

André Breton

...no lugar onde as horas marcam
com agulhas sobre a pele
Acupuntura o tempo surdo de olhos
docilmente por instinto sopra ao ouvido
tambor de água vaivém de seus latejos
respira de todos os meus eus como uma lenda
que ressoa sobre pedras de proa

Às vezes me sinto triste

e outras vezes também.

Como um riso fragmentado
sou toda a tristeza morta vivendo em mim
uma e mil formas mais
dobram a ternura do espelho
quase obscuro em redondeza
reconhece meu corpo de órbitas e círculos
rochas e quedas que seduzem vulcões
áridos de tanta luz
eu me torno fogo e magma contra a morte
mulher de todos os dias minhas mãos se alargam
para lhe alcançar na distância da manhã
me apego e resisto
as árvores de ramos conscientes
me sujeitam com aroma do sexo perfurando
descendente, sobrevoa a imensidão
canto de boca por onde fecham seus lábios.

No ar sem nenhum final
calada como se flutuasse
não há ilhas, não há vida, não há terra
apenas espaço das esperanças
viciado de clara luz
de estrelas.

UMA MULHER E UM HOMEM 100 ANOS ANTES DE SER

Uma mulher e um homem nasceram de um imaculado
luminoso branco
uma mulher e um homem contemplando seus rostos sem
memória
cobiçam suas almas de um leve fulgor de sorrisos e trevas
uma mulher nua de pé e alada pousa nas cavernas
do sonho do amante desperto
um homem que dorme abre os olhos e vê todos os astros

nos olhos desertos daquela mulher que dorme com ele
escuta o eco fatigado de sua respiração pulsando
suas mãos se alcançam à distância dos quilômetros
uma mulher e um homem se beijam torpes pausados
desesperados
correm sobre a paixão dos lábios e os poros preenchidos de
fogo
as chamas e as velas com uma intensidade de centenas de
cavalos selvagens
uma mulher de seda e asas desliza no ar e voa
um homem mais belo que a noite do milagre nasce
e se ilumina uma e outra vez perpetuando o sonho,
penetrando o sangue
uma mulher e um homem que rebentam e ardem caminham
de mãos dadas
sobre os corpos calcinando tudo a seu passo sem tempo
...Fecha os olhos e respira seu cheiro de madeira e flor.

O GRANDE GOLPE

*Devia dizer te amo.
Porém o outono acenava,
cravando-me suas portas na alma.*

Juan Gelman

Cada golpe de amor é um amante livre
que gira pela noite escura cobrindo-me de céu
nasce e morre o mundo e eu vendo teus olhos que se deitam
sobre meu peito de constelações tardias
cravadas no espaço da recordação.

Cada amor é um amante que libera
a roda escura pelo centro da alma
nasce e morre o mundo e eu desterrada em uma velha caixa de
papelão
como a umidade da chuva e mofo distante

que já bem gasto vive no recanto do lixo

Cada amor, que é lembrança
vive pelas ruas da clara luz e das sombras
nasce e morre o mundo um dia qualquer conspira a culpa
revela aparentemente uma queixa rançosa
que não gasta o amor tanto quanto pagar uma penitência.

A HISTÓRIA DE UMA LEVE MORTE

Em um confuso buraco
dentro de uma parede que vibra
vive uma morte triste.
Sua exasperada pergunta
é uma travessia agonizante
ela é apenas uma morte qualquer.
Cansa de ser vertente de olhos
úmida lambe as botas das bailarinas
de um café secreto sob suas camas.
Quer a todo custo viver
vive às escondidas com medo
tem por proibição
jamais aproximar-se da margem.
O suicídio não é uma porta
floresce no amanhecer muda
com um silêncio e um riso de penumbra
vai fazendo um sulco pelo caminho
iludindo o abismo
aproxima-se por uma das janelas
de memória mais recôndita
que sempre assedia os homens
para que creiam na palavra paz.

1977 | Chile | RODRIGO VERDUGO



Poemas traducidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Nudos Velados (Santiago: Ediciones Derrame, 2002) e
Ventanas Quebradas (Santiago: Olga Cartonera, 2014).

LOGO

Três vezes fui o espírito frisado
Levado nos lábios por furiosas bailarinas
quando jogavam vidraças no mar
ou mais recente quando se formava a matriz do vento,
corrompida de estrelas.

Eu amava essas bailarinas furiosas
amava o cheiro de sal de seus átomos
E as possuía cada vez que a górgona me afundava os olhos
Sempre apenas três vezes.

Depois vieram outros para tomar meu lugar
foi inútil, não puderam possuí-las.
Não há lâmpada que resista ao cheiro de sal desses átomos
Todas elas se destroem.

Falo a vocês desde uma besta nublada, perseguindo um
estrondo de vidraças
Virão outros que serão como eu, filos enfebrecidos cumprirão
meu lado oculto.
Em minha última noite rebentarei a ampola
para que escapam seis vezes as górgonas.

Amanhã como um herói cego ocuparei meu lugar ente o sal e a
névoa.

ESTE

A Jorge Cáceres

Sob o onomástico dos machados
Somente os irmãos de sangue podem tocar as emancipações
do sol
Estamos amarrados às manchas
Já cruzamos o umbral onde nos pedem em troca

O fio que libera das almas picotadas.
Estamos amarrados às manchas
Entre eco e alento urdimos a altura animal
Nostalgia dos arames que destroem as estrelas
Enterramos a faca até a metade no cavalo marinho
O líquido salto aos olhos nos cega
Soltaram nos pedregais uma correccional de sopros
Os moinhos tropeçam com tua voz, ah eles se eriçam
Os músculos emigram até os corais
São tempos de amálgamas enrijecidos,
De dizer às minhas mãos florescidas aterrissagens
As voltas da terra cruzem cheias de relampados
A alma as sublinha com sangue de seios
São ciclos onde as larvas colam nos talismãs o desmaio
Dos animais etéreos.
Estamos costurados nas manchas
Esperando a chuva como canibais inflamados
Somente a luz leva as ordens das entranhas na testa
Já nada suporta a queimadura da véspera nesta sombra
Assim as gemais confiam e transmitem a cera de seus leitos
Ao túnel que sempre costura o mesmo pranto do peixe
Ali onde dormimos, onde exaltados banhamos o corpo no
 âmbar
O amanhecer vocifera o larvário
No cárcere de linhas que há debaixo dos lençóis
Há um murmúrio posto para secar
A água talhada nos trapézios
Sem motivo o sol tapa o oco da morte com nossa nudez
Ah a única mancha, novamente recordarei todas as etapas
Tua alma me mostrava as raças da água ao final dos
 rolamentos
Eu voava com os chicotes sobre os vasos invertidos
Que haviam sobre teu coração
Deixava cair no dia o relâmpago onde se oculta o homem
Quando já não pode dizer nada mais da pedra
A aurora descarregava gargantas de lobos
O penitente telescópico se despia diante de um anel
Escolho o torvelinho como rede e não para me decifrar

Mas para essa eternidade anterior que despenca na noite
Ah a única mancha, ah as essências expulsas
Valho-me do fio sagrado até essa ventilação que desafina deus
Ermitões, somos ermitões desde que o orgasmo aperfeiçoou as
raízes
Desde que os coágulos nos disseram que o inferno
Está em posição invertida, caem fechaduras litorais,
purificações,
Astros de madeira atados aos tigres em pelo
Tropeçamos e tropeçamos
Apesar das chovediças idades no reflexo.

DOMINGO

A Miguel Arteche

Uma gaivota se joga contra o galo, para extinguir seu canto
Corta seu pescoço qualquer manhã de chuva e de neblina
Onde avançamos transtornando um vínculo empavonado
O sangue goteja daquele pescoço ontem uma armação pagã
Agora esse declive excitado
Ou tão somente a urgência de alcançar o último barco após
toda essa chuva e neblina
O óxido conquista tremores de sangue
O que faremos se de imediato se revive esse canto?
O que seria de nossa usurpação sobre as travas?
Corta-me do céu, me disseste, e verás tua cinza inferior
Não é a nós que corresponde xeretar nesse pescoço, sob voos
vitoriosos
Mas sim àqueles que deitarão o próprio sangue sobre as
magnólias venéreas
E estamparão o raio combinatório sobre o lenço
Ontem sangue, óxido, hoje esse grande espelho laranja onde te
penteias com dentes de hiena, avançando até o último
barco
Com o desbocamento de rodear com arames essa cópula de
labirintos

Como quem vê o mar pela primeira vez
O que faremos se alguém puser para brigar a gaivota e o galo
sobre as travas?
Corta-me do céu, me disseste, porém nessa manhã de muita
chuva e neblina
Após conquistar meu tremor de sangue.

CONTINUIDADE

Nasceu de um retrato de névoa
Ondas inconfessáveis iluminaram essa voracidade
Os fundamentos do dia passaram ao sangue
As cidades ficaram brancas
Velaram as metades de um mesmo corpo em distintos ataúdes.

FEVEREIRO

Partem-se os vidros da casa
E o teto se cobre de pombas.
Depois: apenas pálidos poderes.

ELES VOLTARAM

A Heriberto Rocuant

Eles voltaram e sem princípio algum que disfarce o sangue
Sem o mineral exorcizado
A chuva filma quando eles entram na casa sustentada por
entranhas
A chuva segue filmando quando entram o zodíaco negro e as
lontras
Terão seu enterro em minha palavra
Sua faca incestuosa
Sua carta escondida
A casa sustentada por entranhas já foi um dia habitada

Basta passar bem perto e ver
Como jogam dominó apostando pássaros pré-históricos e
lágrimas de sangue
Terão que dismantelar os mandamentos das ondas
Se não quiserem ficar presos como minerais na atormentada
exatidão
Terão uma sombra equivalente a um tempo morto
Terão que dispor de um tempo morto equivalente
Para convocar a todos os túneis em uma só boca
Para que ter dias desfundados?
Para que esperar que o azul se torne assistencial?
Bem o sabe o mediador do espaço
E cai sobre o mar
E não demora a ter álibis
Para com os lutos
Para com as heranças não consumidas
Para com as sequelas que dançam nos ouvidos da água
Quem sabe o mediador do espaço caia também
Sobre a casa sustentada por entranhas
E apesar de tanto raio e casca
Que nos cifram e cifram e cifram
Reconheçamos em um mesmo ponto ávido
Aqueles que vão
E aqueles que voltam
Apenas com a aderência esperada
E o céu necessário.

1980 / Colômbia / ANGYE GAONA



Poemas traduzidos por Floriano Martins. Obra consultada:
Nacimiento volátil (2009), *Comentario sobre el carácter radical*
(2015) e *Sistema binario* (inédito enviado pela autora).

PEQUEÑO ARDIL

Não te esqueças de teu guardião.

René Daumal

Protege-me de ti,
grande silêncio leve que habitas muito além da sombra,
entre os tumultos do zimbro e as mentiras sábias.

Protege-me de meu vento contrário
pois a brisa deixo de ser tua mensageira de pureza.

O que trarás, o que oferecerás,
aquém das sombras,
em um tempo de desaparecimentos,
quando as cabeças retornam separadas
indagando descrentes
se não deixaram algum segredo sob a língua.

Eu te escuto, oh Guardiã,
porém não alcanço teu claro diadema de espiões sortilégios,
pois não pertences a este lado da sombra,
onde acaso eu possa te confundir com um bêbado no meio da
rua.

NINHO DE FALHAS

*Aqui estou acampado no centro do fogo, mão imensa remexe a
donzela que amassa dons sobre meu destino, comovendo-o de
imagens eternas.*

Humberto Díaz-Casanueva

Haverá um motim ao norte e no centro temem a fratura
anunciada pelos oráculos.

A zona radical ocupa prestidigitadores de todas as profissões.
A tradição fala com terror das revoluções futuras. A região
exige ser apaziguada antes que surjam as fumaças
vulcânicas.

A profecia anuncia a fragmentação do país. Por este lado se
abrirá a terra. Alguns a tomam literalmente; outros pensam
que é uma questão política. O certo é que a força já não
servirá para centralizar o território porque será
desintegrada à força.

É natural então que todo movimento no norte alerte a
diretoria central. Os filhos de Rionegro, os filhos do Playón
e os filhos de Mogotes, os do Socorro, nascem com um
rugido ao invés de canto. Um bramido os antecipa a voz em
sua natureza.

Os do centro presumem que conhecem a ferida que parte em
duas a nação e o lamentam em segredo por centenas de
anos. Contra eles se armam e socorrem as vítimas em
público. Porém, até agora, ninguém sabe com certeza o que
se passa a 150 quilômetros da superfície radical.

Especula-se que tudo esteja relacionado com a energia sísmica
e que em um ninho de falhas nascem exércitos rebeldes
engendrados por vulcões adormecidos.

JORDÃO SOBE

Um ser que aos demais parece louco é um ser que abre
caminhos na pedra
Quem veio fundar este povoado no fundo do canhão pode
parecer um louco
Há povoações repletas de dementes e mesmo assim ali se
instalam hotéis
Há constância de que a gente sobe e desce pelo caminho até
enlouquecer

Loucos os que descem e sobem os riscos com o sol
perpendicular ao rosto, sim
A capa passo eles herdaram o verão
Loucos os que afogam vestidos novos na piscina quando
passam turistas, sim
A liberdade alista sua aspereza

NA LOJA

A Jesús Roberto

*Porque não apenas sobre pedras se ergueram
os reinos deste mundo,
mas também, e ainda mais, sobre as mordidas
da fome e da ausência.*

Olga Orozco

Somo o que falta
para extrair do destino como resultado

Despejo a variável daquilo que não foi
encontro o que é
como evidência do enigma
e eu sei tudo

Tomo minhas ausências
com reprovação
até o esgotamento
em que se tornam positivas
e se deixam somar na subtração
como uma gema que ser cortada
cobra vida graças ao corte
e a incisão do esmeril
em sua única luz
que é sua ferida e sua valia

Somo minhas ausências
para me ver rodeada de nada
frente ao esmeril
como um x
ajustado à ganância

GUARITA

Esta tarde eu sou testemunho das premonições da água
Açoites de desejo nas costas eu percebo
como madrepérolas me deram por ancas

não é de crer que justo esta noite se pusesse a resgatar nomes
de moluscos
e trouxesse a guarita com todas as suas letras envolta em um
estremecimento

A mim que sempre quis antecipar marés e apagar margens
me sucede que esta tarde chega com uma guarita ao peito
disposto como o tempo à criação do nácar

O que descubro é que a profundidade se acumula no balançado
de seu sangue

Esta tarde eu sou testemunho da harmonia com que crescem
os palácios do cálcio

É de não acabar esta fusão com a matéria astral nascida à
primeira vista de seu pescoço

• ÍNDICE

1846-1870 | Uruguai | CONDE DE LAUTRÉAMONT
1873-1907 | França | ALFRED JARRY
1886-1966 | Alemanha | HANS ARP
1890-1960 | França | MAURICE BLANCHARD
1891-1950 | França | YVAN GOLL
1894-1964 | Brasil | ANÍBAL MACHADO
1894-1982 | Japão | NISHIWAKI JUNZABURO
1894-1987 | Espanha | JOSEP VICENÇ FOIX
1895-1952 | França | PAUL ÉLUARD
1895-1967 | Bélgica | PAUL NOUGÉ
1895-1980 | Espanha | JUAN LARREA
1896-1948 | França | ANTONIN ARTAUD
1896-1963 | Romênia | TRISTAN TZARA
1896-1966 | França | ANDRÉ BRETON
1897-1917 | França | GUILLAUME APOLLINAIRE
1897-1939 | Espanha | AGUSTÍN ESPINOZA
1897-1962 | França | GEORGES BATAILLE
1897-1982 | França | LOUIS ARAGON
1897-1990 | França | PHILIPPE SOUPAULT
1898-1957 | Bélgica | PAUL COLINET
1898-1978 | França | VALENTINE PENROSE
1898-1980 | França | LISE DEHARME
1898-1984 | Brasil | RAUL BOPP
1899-1959 | França | BENJAMIN PÉRET
1899-1984 | Bélgica | HENRI MICHAUX
1900-1945 | França | ROBERT DESNOS
1900-1966 | Bélgica | MARCEL LECOMTE
1900-1977 | França | JACQUES PRÉVERT
1900-1983 | Espanha | LUIS BUÑUEL
1901-1965 | Chile | ROSAMEL DEL VALLE
1901-1975 | Brasil | MURILO MENDES
1901-1975 | Grécia | ANDREAS EMBIRIKOS
1901-1992 | Guatemala | LUIS CARDOZA Y ARAGÓN
1902-1970 | Brasil | AUGUSTO MEYER
1902-1978 | Japão | KITASONO KATUE
1902-1981 | Ilhas Maurício | MALCOLM DE CHAZAL

1903-1956 | Peru | CÉSAR MORO
1903-1973 | Argentina | ALDO PELLEGRINI
1903-1979 | Japão | SHUZO TAKIGUCHI
1904-1936 | Espanha | JOSÉ MARÍA HINOJOSA
1904-1987 | França | ALICE RAHON
1904-1989 | Espanha | SALVADOR DALÍ
1905-1980 | República Checa | VLADIMIR HOLAN
1905-1989 | Egito | GEORGES SCHEHADÉ
1906-1999 | Reino Unido | EMMY BRIDGWATER
1907-1968 | Suécia | GUNNAR EKELÖF
1907-1988 | França | RENE CHAR
1907-1988 | Grécia | NICOLAS CALAS
1908-1944 | França | RENE DAUMAL
1909-1945 | França | PIERRE UNIK
1909-1982 | Argentina | JUAN JOSÉ CESELLI
1910-1985 | Grécia | NIKOS ENGONOPOULOS
1910-1997 | Argentina | ENRIQUE MOLINA
1911-1992 | Grécia | NIKOS GATSOS
1911-1996 | Grécia | ODISEO ELYTIS
1911-2001 | Peru | EMILIO ADOLFO WESTPHALEN
1912-1971 | Haiti | MAGLOIRE SAINT-AUDE
1912-1978 | Guiana Francesa | LEÓN-GONTRAN DAMAS
1913-1988 | Chile | BRAULIO ARENAS
1913-1994 | Romênia | GHERASIM LUCA
1913-2008 | Martinica | AIMÉ CÉSAIRE
1914-1964 | Chile | TEÓFILO CID
1914-1973 | Egito | GEORGES HENEIN
1914-1987 | Grécia | MATSI CHATZILAZAROU
1914-1987 | Japão | KANSUKE YAMAMOTO
1915-1976 | França | JEAN-PAUL MALRIEU
1915-1995 | Chile | ENRIQUE GÓMEZ-CORREA
1915-2001 | Romênia | GELLU NAUM
1916-1973 | Espanha | JUAN EDUARDO CIRLOT
1916-1980 Argentina CARLOS LATORRE
1916-2001 | Inglaterra | DAVID GASCOYNE
1917-1961 | Ucrânia | MAYA DEREN
1920 | Portugal | ARTUR DO CRUZEIRO SEIXAS
1920-1970 | Romênia | PAUL CELAN

1920-1994 | República Dominicana | FREDDY GATÓN ARCE
1920-1999 | Argentina | OLGA OROZCO
1920-2015 | França | GISÈLE PRASSINOS
1921-1995 | Austràlia | MAX HARRIS
1921-2009 | Croàcia | RADOVAN IVSIC
1921-2010 | Argentina | MARÍA MELECK VIVANCO
1922-2003 | Moçambique | JOSÉ CRAVEIRINHA
1922-2003 | Venezuela | JUAN SÁNCHEZ PELÁEZ
1922-2009 | Chile | ENRIQUE ROSENBLATT
1923-1949 | Chile | JORGE CÁCERES
1923-1980 | Portugal | MÁRIO HENRIQUE LEIRIA
1923-2006 | Portugal | MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS
1924 | Itàlia | ARTURO SCHWARZ
1924-1962 | Colômbia | JORGE GAITÁN DURÁN
1924-1984 | Argentina | JUAN ANTONIO VASCO
1924-1994 | Holanda | LUCEBERT
1925-1971 | Canadà | CLAUDE GAUVREAU
1925-1988 | Bèlgica | MARIANNE VAN HIRTUM
1926 | França | GUY CABANEL
1926-1966 | Estados Unidos | FRANK O'HARA
1926-1974 | Portugal | PEDRO OOM
1926-2009 | Peru | BLANCA VARELA
1927 | Chile | LUDWIG ZELLER
1927-2001 | Argentina | FRANCISCO MADARIAGA
1927-2005 | Canadà | THÉRÈSE RENAUD
1927-2005 | Estados Unidos | PHILIP LAMANTIA
1928 | Argentina | CARMEN BRUNA
1928-1953 | Portugal | ANTÓNIO MARIA LISBOA
1928-1983 | Peru | MANUEL SCORZA
1928-1986 | Inglaterra | JOYCE MANSOUR
1928-1998 | Portugal | CARLOS EURICO DA COSTA
1928-2003 | Estados Unidos | TED JOANS
1929 | Argentina | JULIO LLINÁS
1929 | Portugal | ISABEL MEYRELLES
1929-2003 | Canadà | ROLAND GIGUÈRE
1929-2011 | Canadà | PAUL-MARIE LAPOINTE
1930-1959 | França | JEAN-PIERRE DUPREY
1930-1985 | Porto Rico | ROBERTO ALBERTY TORRES

1930-1996 | Venezuela | JOSÉ LIRA SOSA
1930-2003 | Portugal | HENRIQUE RISQUES PEREIRA
1930-2004 | Brasil | HILDA HILST
1931 | Venezuela | JUAN CALZADILLA
1932 | Espanha | FERNANDO ARRABAL
1932-1976 | Argentina | MIGUEL ÁNGEL BUSTOS
1932-2013 | Cuba | CARLOS M. LUIS
1933 | Brasil | ZUCA SARDAN
1934-1971 | Portugal | MANUEL DE CASTRO
1934-2009 | Porto Rico | JOSÉ MARÍA LIMA
1934-2011 | Cuba | JORGE CAMACHO
1934-2016 | Canadá | LEONARD COHEN
1936 | República Checa | ARNOST BUDIK
1936-1972 | Argentina | ALEJANDRA PIZARNIK
1936-2001 | Venezuela | CAUPOLICÁN OVALLES
1937 | Uruguai | APARICIO VIGNOLI
1937-2010 | Brasil | ROBERTO PIVA
1940 | Brasil | CLAUDIO WILLER
1940-2006 | Portugal | ANTÓNIO GANCHO
1941 | Holanda | LAURENS VANCREVEL
1942 | Nicarágua | FRANCISCO VALLE
1944 | Brasil | AFONSO HENRIQUES NETO
1944 | Brasil | LEILA FERRAZ
1944 | Brasil | MARIA LÚCIA DAL FARRA
1944 | Colômbia | ARMANDO ROMERO
1946 | Portugal | NICOLAU SAIÃO
1947 | Estados Unidos | YUSEF KOMUNYAKAA
1948 | Estados Unidos | WILL ALEXANDER
1948-1990 | Porto Rico | MANUEL RAMOS OTERO
1949 | Estados Unidos | TOM WAITS
1950 | Brasil | NELSON DE PAULA
1952-2006 | Estados Unidos | KEN WAINIO
1953 | Estados Unidos | ALLAN GRAUBARD
1953 | Gales | JOHN WELSON
1953-2003 | Estados Unidos | LAURENCE WEISBERG
1954 | Brasil | CONTADOR BORGES
1955 | Argentina | CARLOS BARBARITO
1956 | Colômbia | LUIS FERNANDO CUARTAS

1956 | Portugal | ANTÓNIO CÁNDIDO FRANCO
1957 | Brasil | FLORIANO MARTINS
1957-1995 | Portugal | LUÍS MIGUEL NAVA
1958 | Chile | BEATRIZ HAUSNER
1959 | Espanha | EUGENIO CASTRO
1961 | Chile | ENRIQUE DE SANTIAGO
1966 | Brasil | VIVIANE DE SANTANA PAULO
1974 | Chile | RODRIGO HERNÁNDEZ PICEROS
1974 | Venezuela | ANA MENDOZA
1977 | Chile | RODRIGO VERDUGO
1980 | Colômbia | ANGYE GAONA



ARC Edições
Este livro foi finalizado em janeiro de 2024.
BRASIL